

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

Em cotutela com

**PROGRAMA DE DOUTORAMENTO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
ISCTE - INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA**

LILIAN SABACK

Parceiro do RJ / TV Globo: comunidade e narrativas inclusivas pelo audiovisual

Rio de Janeiro

Março/2015

Lilian Saback

Parceiro do RJ / TV Globo: comunidade e narrativas inclusivas pelo audiovisual

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Comunicação em regime de cotutela com o Programa de Doutorado em Ciências da comunicação do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa.

Orientadores:

Professora Doutora Raquel Paiva de Araújo Soares (ECO/UFRJ)

Professor Doutor José Manuel Rebelo Guinote (ISCTE-IUL)

Rio de Janeiro,

Março/2015

S113 Saback, Lilian.
Parceiro do RJ/TV Globo: comunidade e narrativas inclusivas pelo audiovisual / Lilian Saback. Rio de Janeiro, 2015.
388 f.

Orientadores: Raquel Paiva de Araújo Soares (ECO/UFRJ).
José Manuel Rebelo Guinote (ISCTE-IUL).

Tese em cotutela (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura; Instituto Universitário de Lisboa, Programa de Doutoramento em Ciências da Comunicação, 2015.

1. Telejornalismo. 2. RJ/TV (Programa de televisão). 3. Rede Globo de Televisão. 4. Favelas – Aspectos sociais. I. Soares, Raquel Paiva de Araújo. II. Guinote, José Manoel Rebelo. III. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação. IV. Instituto Universitário de Lisboa.

CDD: 070.195

Lilian Saback de Sá Moraes (Lilian Saback)

Parceiro do RJ / TV Globo: comunidade e narrativas inclusivas pelo audiovisual

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Comunicação em regime de cotutela com o Programa de Doutoramento em Ciências da comunicação do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa.

Defendida em 25 de março de 2015.

Raquel Paiva de Araújo Soares (orientadora – Brasil)
Professora Doutora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

José Manuel Rebelo Guinote (orientador – Portugal)
Professor Doutor do Instituto Universitário de Lisboa (IUL)

Muniz Sodré de Araújo Cabral
Professor Doutor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Angeluccia Bernardes Habert
Professora Doutora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Iluska Coutinho
Professor Doutora da Universidade Federal de Juíz de Fora (UFJF)

António Firmino da Costa
Professor Doutor do Instituto Universitário de Lisboa (IUL)

José Jorge Barreiros
Professor Doutor do Instituto Universitário de Lisboa (IUL)

Dedico este trabalho
ao meu marido Sérgio Moraes
e aos meus filhos Pedro e Luiza.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, professora Raquel Paiva, pelo brilhantismo de sua orientação sempre afetuosa e firme. Sem seus conselhos e conceitos esta tese não existiria.

Agradeço ao meu orientador português, professor José Rebelo, pela atenção concedida durante minha estadia em Lisboa, Portugal. Suas aulas foram determinantes para o desenvolvimento da metodologia adotada na análise do objeto de estudo desta tese.

Agradeço aos colegas do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC/UFRJ) pela partilha de saberes e angústias que tanto me ajudaram a superar as dificuldades do doutorado.

Agradeço aos colegas do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES/ISCTE-IUL), em especial a amiga Liliana Pacheco que me acolheu durante minha estadia como pesquisadora visitante do Centro, em Lisboa.

Agradeço ao Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, pelo constante incentivo para que meu doutorado fosse realizado da melhor forma possível.

Agradeço ao coordenador do Projeto Comunicar, professor Miguel Pereira, ao diretor do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, César Romero Jacob, e a todos os demais colegas de trabalho, pela compreensão, incentivo e apoio.

Agradeço, em especial, aos professores Gustavo Chataignier e Luciana Pereira, parceiros no Núcleo de Assessoria de Comunicação e Rádio do Projeto Comunicar/PUC-Rio e meus estagiários que conviveram nestes últimos quatro anos com uma coordenadora sempre atolada em leituras e afazeres acadêmicos.

Agradeço às amigas Patrícia Maurício e Anna Nyström pelas leituras incansáveis e revisões preciosas. Sem elas, não teria sido possível cumprir prazos e metas.

Agradeço à professora Carmem Petit pela revisão final, que passou um pente fino criterioso no texto. Sua leitura atenciosa me deixou mais segura com o resultado final.

Agradeço, ainda, à colega do Projeto Comunicar Rita Luquini e sua equipe pelo suporte técnico imprescindível para a finalização do projeto. O apoio tão competente e afetuoso foi fundamental nos momentos mais difíceis.

Agradeço aos jovens Flávio Carvalho, Michel Silva e todos os demais moradores da Rocinha que estiveram sempre disponíveis para me ajudar a encontrar um dado ou uma fonte na favela.

Agradeço a Cecília Vasconcelos, Marcos Bráz, Leandro Lima, Aline Marinho e todos os jovens que participaram das duas primeiras turmas do Parceiro do RJ pela oportunidade de compartilhar de seus trabalhos, suas dificuldades, suas dúvidas e suas conquistas.

Agradeço a Erick Brêtas, Vera Íris Paternostro, Gisela Pereira, Mônica Bernardes e Jaqueline Ferri por abrirem as portas da TV Globo para que a pesquisa fosse feita.

Agradeço à CAPES pela bolsa de doutorado sanduíche que permitiu que esta tese fosse desenvolvida em regime de cotutela.

Por fim, agradeço ao meu marido Sérgio Moraes pela paciência e carinho que teve aos longos dos últimos seis anos, período em que me dediquei ao mestrado e ao doutorado. Suas palavras de incentivo e orgulho declarado ao meu trabalho me deram força para chegar até aqui.

Resumo

SABACK, Lilian. Parceiro do RJ / TV Globo: comunidade e narrativas inclusivas pelo audiovisual. Rio de Janeiro, 2015. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro em cotutela com Programa de Doutorado em Ciências da comunicação do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Rio de Janeiro, 2015, 388p.

O objetivo deste trabalho é discutir os três pilares que sustentam as reportagens produzidas por moradores de comunidades do Rio de Janeiro para o quadro Parceiro do RJ, veiculado no telejornal RJTV – 1ª Edição, da TV Globo, como uma narrativa comunitária que mexe com o padrão Globo de jornalismo. À luz de teóricos como Giorgio Agamben, Kenneth Schmitz, Michel de Certeau (1925 – 1986), Muniz Sodré e Raquel Paiva, a proposta é analisar a estratégia e as táticas que envolvem os vídeos produzidos por jovens com idades entre 18 e 30 anos, que vivenciam o cotidiano das comunidades cariocas, e finalizados por jornalistas profissionais detentores da técnica jornalística. A partir da concepção de uma nova metodologia de análise, a tese traz concepções de terminologias próprias do jornalismo produzido para televisão.

Palavras-chaves

Audiovisual comunitário, telejornalismo, Parceiro do RJ, TV Globo, favela

Abstract

SABACK, Lilian. **Partner RJ / TV Globo** : community and inclusive narratives the audio-visual. Rio de Janeiro, 2015. Thesis (PhD in Communication Studies) – School of Communication, Federal University of Rio de Janeiro cotutela with the PhD Program in Communication Sciences ISCTE - Lisbon University Institute. Rio de Janeiro, 2015, 388p.

The objective of this paper is to introduce the 3 principle factors behind the TV stories produced by community residents in Rio de Janeiro for “Parceiro do RJ Program”, for RJTV – 1st Edition local news, broadcasted by TV Globo network as a community narrative that shook Globo’s journalistic norms.

The author analyzes the strategy and tactics involving the videos produced by these young residents ages 18 to 30, who live the daily routine of their communities in Rio de Janeiro, based on the theories of scholars such as Giorgio Agamben, Kenneth Schmitz, Michel de Certeau (1925 – 1986), Muniz Sodré and Raquel Paiva. In addition, the videos were edited by professional journalists that master journalism techniques. The thesis introduces new insights for specific terms of TV journalism according to the author’s own method of analysis.

Keywords

Community audiovisual, telejournalism, Parceiro do RJ, TV Globo, slum

Lista de Figuras:

- Figura 1: *Post Facebook* (1) – Michel Filho
- Figura 2: *Post Facebook* (1) – Flávio Carvalho
- Figura 3: *Post Facebook* – Parceiro do RJ
- Figura 4: 1ª Turma Parceiro do RJ – Foto arquivo Cecília Vasconcelos
- Figura 5: 1ª Turma Parceiro do DF – Foto Hélio Marinho/TV Globo
- Figura 6: 1ª Turma Parceiro do SP – Foto José Paulo Cardeal/TV Globo
- Figura 7: 1ª Turma Parceiro do MG – Foto Alex Araújo/TV Globo
- Figura 8: 1ª Turma Parceiro do RJ – Foto arquivo Leandro Lima
- Figura 9: *Post Facebook* (1) – Aline Marinho
- Figura 10: Manual de Telejornalismo TV Globo – Foto arquivo Lilian Saback
- Figura 11: Dupla Rocinha & Vidigal / 1ª temporada – Foto arquivo Lilian Saback
- Figura 12: Dupla Rocinha & Vidigal / 2ª temporada – Fotos arquivo Lilian Saback
- Figura 13: Dupla Rocinha & Vidigal / 2ª temporada – Fotos arquivo Lilian Saback
- Figura 14: *Post Facebook* (2) – Aline Marinho
- Figura 15: Reprodução TV – Reportagem Trilha
- Figura 16: *Post Facebook* – Leandro Lima
- Figura 17: *Post Facebook* (2) – Michel Silva
- Figura 18: *Post Facebook* (3) – Michel Silva
- Figura 19: Grupo Rocinha – Foto arquivo Lilian Saback
- Figura 20: *Post Facebook* – Fernando Ermiro

Lista de Tabelas:

Tabela 1: As 10 maiores favelas do Brasil – IBGE

Tabela 2: Tabela Mídia e favela – Observatório de Favelas (2012)

Tabela 3: Top 10

Tabela 4: Top 5 – Ibope

Tabela 5: Reportagens produzidas (2012)

Tabela 6: Pauta – Agenda (2012)

Tabela 7: Reportagens produzidas (2013/2014)

Tabela 8: Pauta – Agenda 1 (2013/2014)

Tabela 9: Quadro decupagem passagens da reportagem

Tabela 10: Quadro decupagem sonoras da reportagem

Tabela 11: Quadro decupagem edição da reportagem

Tabela 12: Pauta – Agenda 2 (2013/2014)

Tabela 13: Pauta – Assunto (2013/2014)

Tabela 14: Sonora parceira (2013/2014)

Tabela 15: Passagem parceira (2013/2014)

Tabela 16: *Off* parceiro (2013/2014)

SUMÁRIO

1. Introdução.....	14
1.1. Objetivos.....	15
1.2. Justificativas e hipóteses.....	17
1.3. Fundamentação teórica.....	19
1.4. Metodologia.....	20
1.5. Estrutura da tese.....	23
2. Comunidade, favela e jornalismo.....	34
2.1. Comunidade, um conceito em processo de atualização.....	35
2.2. A linguagem da comunidade.....	48
2.3. O Jornalismo comunitário.....	57
3. Padrão Globo de jornalismo e o telejornalismo local.....	70
3.1. O foco no local.....	74
3.2. <i>RJTV – 1ª Edição</i>	84
3.3 O audiovisual comunitário brasileiro e o telejornalismo da <i>TV Globo</i>	89
3.4. Audiovisual comunitário brasileiro, um breve histórico.....	93
3.5. O audiovisual na Rocinha e no Vidigal.....	101
4. Parceiro do RJ – O projeto.....	104
4.1. Temporada 2011.....	106
4.2. Parceiro do DF.....	114
4.3. Parceiro do SP.....	116
4.4. Parceiro do MG.....	118
4.5. Parceiro do RJ 2013.....	120
4.5.1. Parceiros Rocinha e Vidigal.....	127

4.5.2. Segunda Temporada Parceiros da Rocinha & Vidigal.....	132
5. Metodologia de análise do modo parceiro de fazer telejornalismo.....	139
5.1. Questões obtidas com o método de análise x a análise de quem produz.....	149
5.2. Análise I: Visibilidade na busca por melhorias.....	154
5.2.1. A escolha da pauta de acordo com a agenda.....	158
5.2.2. A escolha da pauta de acordo com o assunto.....	165
5.3. Análise II: Os três pilares do telejornalismo parceiro.....	171
5.3.1. A fonte amiga como base da narrativa parceira.....	172
5.3.2. O repórter incluído no contexto da reportagem parceira.....	181
5.3.3. O <i>off</i> parceiro a serviço da informação.....	186
5.3.4. Outras análises.....	195
6. Considerações Finais.....	203
7. Bibliografia.....	215
8. Anexos.....	223

1. Introdução

A pesquisa investiga as reportagens produzidas para o quadro Parceiro do RJ/Rocinha & Vidigal, veiculadas no telejornal *RJTV – 1ª Edição*, da TV Globo do Rio de Janeiro, com o objetivo de identificar a narrativa construída pelos jovens moradores de duas favelas da Zona Sul do Rio de Janeiro como uma linguagem audiovisual comunitária, que mexe com o padrão Globo de jornalismo.

Chama-se esta narrativa de inclusiva, com base na concepção de Raquel Paiva para as narrativas que incluem grupos minoritários (PAIVA, 2006). A partir de uma metodologia própria de análise das reportagens produzidas por jovens moradores de favelas sobre suas comunidades apresenta-se o modo parceiro de fazer telejornalismo e seus pilares estruturais.

O quadro Parceiro do RJ/TV Globo, começou a ser desenhado em 2008, com a instalação da primeira Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) na Favela Santa Marta, em Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro. Desde 2011, a iniciativa funciona da seguinte forma: 16 jovens com idades que variam de 18 a 30 anos, com formações e experiências em diversas áreas, que vivem em comunidades, são selecionados para integrar a equipe de jornalistas do informativo *RJTV – 1ª Edição*.

A seleção é feita por jornalistas profissionais da Rede Globo, a emissora de maior audiência no Brasil. Depois de passarem por um intensivo treinamento de apenas um mês, onde aprendem questões técnicas e teóricas sobre telejornalismo, os jovens trabalham como repórteres na comunidade onde vivem. Para isso, recebem uma mochila com uma câmera de vídeo, microfone e *sungun* (equipamento portátil de iluminação). Essa iniciativa trouxe para a TV aberta reportagens produzidas por moradores de comunidades do Rio de Janeiro, ou seja, pelos próprios sujeitos da experiência.

A primeira turma atuou em 2011/2012 e cobriu 9 regiões e, portanto, contou com a participação de 18 jovens, 9 duplas. Isso aconteceu porque a favela da Rocinha foi pacificada mais tarde, no final de 2011, e logo foi absorvida pelo projeto. A segunda turma atuou em 8 regiões, sendo que algumas já estavam na primeira turma, como é o caso da Rocinha, do Vidigal, do Complexo do Alemão e de Duque de Caxias.

1.1 – *Objetivos*

O objetivo principal desta tese é decifrar o modo parceiro de fazer telejornalismo a partir do padrão Globo de qualidade e, em seguida, certificar se a proposta elaborada pelo jornalismo da Rede Globo, o quadro Parceiro do RJ, promove um cruzamento positivo de olhares e técnicas distintos.

Existe uma estrutura padrão adotada pela emissora que é a montagem da reportagem com texto lido em *off* pelo repórter e coberto com imagens + a participação do repórter no vídeo (chamada de passagem) + entrevista. Essa estrutura pode variar com a participação do repórter abrindo a reportagem ou encerrando-a, mas o que importa mesmo é que sua principal característica é a neutralidade do repórter diante do assunto abordado.

Já o “Padrão parceiro de reportagem” nos apresenta a seguinte estrutura: *Off* parceiro + passagem parceira + sonora parceira. Uma estrutura que pode ser duplicada ou até triplicada em uma mesma matéria e que tem como principal característica a personalização.

Chama-se de “*off* parceiro” a construção elaborada pelo jornalista responsável pela edição final da reportagem, um jornalista profissional integrante da equipe de jornalismo da TV Globo. Este “*off* parceiro” é construído a partir do uso de recursos de edição como a inserção de informações em *lettering*/caracteres, cartelas, artes e, ainda, com a cobertura com imagens de entrevistas e participações do repórter no vídeo, as chamadas passagens. Interessa na observação do “*off* parceiro” compreender de que forma a emissora se posiciona diante das questões pautadas pelo jovem que participa do projeto, que nesta tese é chamado de repórter parceiro.

A “passagem parceira” se caracteriza prioritariamente pela forma como o repórter parceiro se inclui na reportagem com uso do pronome pessoal da primeira pessoa, com a indicação em seu texto de que está falando da sua comunidade, de problemas ou alegrias que dizem respeito ao seu cotidiano. Ao contrário do repórter profissional, o repórter parceiro personaliza a reportagem. Objetiva-se verificar em quais assuntos esse tipo de passagem aparece: aquele que só sensibiliza o repórter parceiro ou, também, aqueles que despertam o interesse da grande imprensa?

As entrevistas, as sonoras como são chamadas no jargão do jornalismo de TV e rádio, recebem a denominação “sonora parceira” devido às fontes, os entrevistados, escolhidos para falar na reportagem. São muitas vezes parentes e amigos muito próximos,

peças que os cursos de jornalismo ensinam que devem ser evitados como fonte. A forma como o repórter parceiro conduz as entrevistas também caracteriza a “sonora parceira”. Ele geralmente trata o seu entrevistado com muita intimidade, o que leva o telespectador a acreditar que ele conhece, e bem, quem está falando na reportagem.

1.2 – *Justificativas e Hipóteses*

Esta tese se justifica pelo fato do projeto Parceiro do RJ ser uma proposta inovadora no campo do jornalismo veiculado em uma emissora brasileira de TV aberta. Até o momento de produção deste texto haviam sido encontrados artigos acadêmicos e dissertações de mestrado sobre o tema, mas nenhuma tese de doutorado. Acredita-se que a iniciativa é cercada de questões que a transformam em um importante objeto de pesquisa.

O estudo em questão parte de três hipóteses:

1. A primeira é que as reportagens produzidas pelos parceiros constituem uma narrativa inclusiva, já que o próprio sujeito da experiência reporta a sua realidade. O seu modo de fazer telejornalismo, portanto, tem características singulares que mexem com o padrão Globo de jornalismo.
2. Segundo que, por elas serem veiculadas na emissora de maior audiência do Brasil, acabam por constituir um novo modelo de inclusão por meio do audiovisual, promovendo visibilidade comunitária, formação profissional e acesso ao mercado de trabalho.
3. E por último, acredita-se que se está diante de um novo modelo de telejornalismo comunitário, mesmo as reportagens sendo finalizadas por jornalistas profissionais da TV Globo.

Diante de tais hipóteses esta tese faz um esforço para compreender como ocorre esta “parceria” entre o jornalista profissional, representante da instituição Rede Globo, e o morador de favela, representante da comunidade.

Para atingir seu objetivo, esta tese tenta responder a questões como: por que a Rede Globo decidiu fazer este projeto? Por que é importante para a emissora dar voz aos moradores de comunidades? O que existe por trás desta iniciativa? Existe o anseio por mão de obra barata ou pretende-se capacitar um novo agente de comunicação comunitária? E ainda, o que esta produção traz de diferente da cobertura local feita pelos jornalistas profissionais da emissora? Qual o modo parceiro de fazer telejornalismo? A comunidade é beneficiada com o projeto? Quais os efeitos e consequências das reportagens veiculadas na Globo?

Por outro lado, é preciso ainda responder a questões mais sensíveis que, mesmo não sendo a prioridade desta tese, anseia-se em verificar uma hipótese latente: de que o

jovem morador de favela, aquele que participa do projeto Parceiro do RJ, é um ser munido do afeto que sente por sua história e pela favela onde nasceu e, até hoje vive, que está atento às transformações tecnológicas e às brechas que elas promovem no mercado da comunicação, infiltram no discurso do jornalismo dominante um novo olhar. Não um olhar submisso, mas um olhar genuinamente consciente de que é preciso mudar, é preciso se apoderar do conhecimento técnico sem perder sua essência.

Esta última hipótese colocada precisa responder a uma questão específica: o repórter parceiro trouxe o que (e como) do projeto Parceiro do RJ para o seu cotidiano e, também, para o dia a dia dos moradores da favela em que vive?

É preciso dizer que, quando se elabora uma reflexão da inclusão pelo audiovisual a partir das vivências de olhares e técnicas promovidas pelo projeto Parceiro do RJ/TV Globo, é impossível ignorar a vivência de olhares e técnicas da pesquisadora. Como ensina Bakhtin, “a contemplação estética e o ato ético não podem abstrair a singularidade concreta do lugar que o sujeito desse ato e da contemplação artística ocupa na existência”. (BAKHTIN, 2010, p. 22)

Depois de vinte anos trabalhando como repórter e editora de televisão, e outros dez como professora da graduação em jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), algumas concepções em torno do telejornalismo precisaram ser colocadas de lado, para que um outro olhar pudesse visitar as reportagens produzidas pelos jovens que participaram das primeiras temporadas do projeto. Procurou-se estabelecer um olhar que mesclasse o conhecimento técnico e a vivência como repórter convencional, com os seis anos dedicados a pesquisas na comunicação comunitária e, ainda, a participação como professora em oficinas de capacitação em jornalismo impresso, rádio e televisão para comunidades do Rio de Janeiro.

1.3 – *Fundamentação Teórica*

Parte-se prioritariamente de dois conceitos teóricos: comunidade que vem (1993), de Giorgio Agamben, e agente externo, do filósofo canadense Kenneth Schmitz, na leitura de Raquel Paiva (2003). A comunidade que vem, de Agabem, é vivida por um ser qualquer, que se sustenta a partir da potência do não ser, do não fazer parte, de ter sua singularidade desgarrada da comunidade em que vive. Os jovens que vivem em comunidades, nas favelas do Rio, apesar de experimentarem diariamente o viver em comum de uma comunidade, estão abertos para o novo, o imprevisível. Já o conceito de agente externo contribui no olhar para a Rede Globo como o agente externo institucional que possibilita a visibilidade da comunidade.

Para entender a construção da narrativa audiovisual como narrativa incluída, como uma narrativa comunitária, foi preciso revisitar o trabalho de Raquel Paiva sobre os conceitos de comunidade e comunicação comunitária. O conceito de comunidade do afeto, de Raquel Paiva, indica que a contemporaneidade, e seus avanços tecnológicos, exige um novo modelo de produção midiática.

Em outras palavras, as empresas de comunicação não podem mais ficar à parte da comunidade, ou seja, a Rede Globo não pode mais ficar de fora da favela. Ela precisa falar para e com esse espectador, o morador de favela. Em contrapartida, os veículos de comunicação comunitária não podem ignorar as técnicas de fazer jornalismo, se efetivamente querem informar e apoderar de conhecimento crítico seus moradores.

Neste processo de cruzamento e partilha dos olhares de quem vivencia a comunidade com os de quem pratica a lógica da notícia como mercadoria e, ainda, o cruzamento e partilha da técnica de afetividade de quem conhece a sua comunidade, com a técnica de quem detém os equipamentos de produção, nasce uma parceria forte. Uma troca de saberes capaz de multiplicar os olhares para as questões das favelas, promover ações de intervenção pela melhoria das condições de vida nelas e, ainda, capacitar os repórteres populares.

O conceito de agente externo fortalece esta tese, na medida em que diz que uma das formas da promoção do bem comum é a legitimação da instituição, no caso a Rede Globo, a maior emissora de televisão do Brasil. Os trabalhos de Pierre Bourdieu, José Rebelo, Muniz Sodré, Paul Ricoeur e Arlindo Machado também fundamentam a pesquisa no que se refere à metodologia, como será descrito no subitem a seguir.

1.4 – Metodologia:

A tese “Parceiro do RJ / TV Globo: comunidade e narrativas inclusivas pelo audiovisual” foi desenvolvida sob o regime de cotutela entre o Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ECO/UFRJ e o Curso de Doutorado em Comunicação do Centro de Investigação e Pesquisa de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa, CIES/IUL.

A proposta metodológica para esta pesquisa foi desde o início inclinada para a Análise do Discurso com base na Teoria Social do Discurso de Fairclough, que sugere que é possível investigar a mudança discursiva em relação à mudança social e cultural a partir da combinação dos conceitos de intertextualidade e hegemonia.

A teoria de Foucault, apresentada em *A ordem do discurso* (1970), também estava latente na base metodológica, entretanto, e cotutela no ISCTE mudou os rumos do método de análise. A partir das aulas de práticas discursivas com o professor José Rebelo foram definidas três obras balizadoras: *O que falar quer dizer*, de Pierre Bourdieu, *O Discurso do Jornal*, do professor Rebelo, e *Análise de programa de televisão*, de Arlindo Machado.

O pressuposto do sociólogo português José Rebelo é pensar os veículos de comunicação como lugar de cruzamento de poder, que alimenta o discurso que circula pelo espaço público. Para o autor, a grande mídia adota métodos para a naturalização da construção desse discurso. No texto “Questionária a evidência”, uma comunicação apresentada em um colóquio sobre “Comunicação Social e Democracia realizado em Lisboa, em fevereiro de 2000, e publicado em *A Comunicação: temas e argumentos* (2003), o sociólogo possibilita uma reflexão sobre a importância deste novo modelo de narrativa, onde a hierarquização do assunto em pauta vem do olhar do morador da favela.

A palavra é poder. Conquistando a palavra controla-se o ‘discurso circulante’ (CHARAUDEAU, 1997:112) que alimenta o espaço público. Que determina os limites do politicamente correto. Que define os contornos do politicamente pensável. “As narrativas”, considera Michel de Certeau, ‘precedem a práticas abrindo-lhes um campo’ (1980). (REBELO, 2003, p. 85)

Em *Análise do programa de televisão*¹, Machado defende que o embrião da metodologia adotada para observação de um programa de TV é sempre o próprio programa: seu conteúdo, formato e público alvo. Como na alta costura, onde cada modelo

¹ A autora teve acesso ao texto apresentado na defesa de pós-doutorado de Arlindo Machado e não dispõe da versão final deste trabalho.

é confeccionado para um único cliente, no campo da comunicação devemos valorizar o conteúdo de cada programa e a partir dele estabelecer sua rota de análise.

Não existem métodos genéricos, que possam servir como modelos universais de análise para quaisquer produtos audiovisuais. O método de abordagem para cada programa não pode ser tomado como algo predeterminado por um modelo ou teoria, mas deve derivar do próprio trabalho examinado. Há sempre um (ou vários) método(s) de abordagem implícito(s) em cada programa. É preciso deixar que o produto audiovisual se revele para o analista com a força de seus próprios enunciados. É preciso ter humildade suficiente para experimentar esse produto em sua singularidade e diferença, em vez de descaracterizá-lo, enquadrando-o em categorias genéricas que apenas servem para atestar a teoria, mas não para explicar o objeto. Por essa razão, os métodos de análise aqui utilizados se aplicam apenas aos trabalhos aqui examinados. Outros programas irão requerer métodos diferenciados de abordagem. (MACHADO, 2012, p.10)

Nas entrelinhas, o que Machado chama a atenção é para a pluralidade de formatos de programas, que impossibilitam a simples aplicação de um método genérico. É preciso captar muitas vezes o que não é dito, como o professor e jornalista português José Rebelo repetiu por vezes em suas aulas de práticas discursivas no Instituto Universitário de Lisboa (setembro/outubro/novembro, 2013). É necessário ir na essência de cada produção para, a partir dela, pensar um método. Portanto, para esta pesquisa foi elaborada um forma de analisar o ‘modo parceiro de fazer telejornalismo’, um modo singular de reportar dentro um padrão Globo de jornalismo.

Para fazer esta análise foi preciso estabelecer um recorte que permitisse investigar profundamente o material produzido. Como só a primeira turma veiculou 348 reportagens, acreditou-se que era pertinente fazer uma análise a partir das reportagens feitas pelo grupo que representa as favelas da Rocinha, Chácara do Céu e o Morro do Vidigal. A Rocinha e Vidigal, apesar de terem *status* de bairro, sofrem com a falta de infraestrutura e saneamento. Além disso, por ser a maior favela do Brasil, a Rocinha é a que tem maior visibilidade dentro e fora do país. É, ainda, também e principalmente, uma das regiões onde a Rede Globo não transitava antes da instalação da Unidade de Polícia Pacificadora. Sendo assim, entende-se que as reportagens produzidas pelas duplas da Rocinha & Vidigal são representativas para a análise desta pesquisa.

Como complemento ao método de análise foram feitas entrevistas individuais e profundas, “uma conversação que dura normalmente entre uma hora e uma hora e meia. Antes da entrevista, o pesquisador terá preparado um tópico guia, cobrindo os temas centrais e os problemas da pesquisa.” (BAUER e GASKELL, 2002, pp. 82-83).

As entrevistas semiestruturadas, ou seja, sem um roteiro de perguntas pré-determinadas, foram realizadas, sempre que possível, no local de moradia ou trabalho do entrevistado. Quando não foi possível ir até o entrevistado, a conversa foi feita pelo telefone. Esse modelo de conversa foi aplicado também em duplas, quando a entrevistadora teve a oportunidade de reunir algumas duplas do projeto Parceiro do RJ e, em um caso apenas, foram ouvidas três pessoas juntas, as duas editoras e a coordenadora do Parceiro do RJ. No total foram realizadas 26 entrevistas individuais e uma em grupo, para esta tese, no período de janeiro de 2013 a outubro de 2014.

A entrevista em grupo no dia 30 de julho de 2013, na C4 – Biblioteca Parque da Rocinha, reuniu ativistas culturais para conversar sobre o quadro Parceiro do RJ e as mídias comunitárias da Rocinha. O grupo foi composto por Antônio Carlos Firmino, coordenador do Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha; Flávio Mendes “Pé”, produtor cultural e *rapper*; o produtor cultural e escritor Fernando Ermiro; e Michel Silva, estudante de jornalismo e idealizador e editor do jornal comunitário Fala Roça.

A autora da tese acompanhou, ainda, duas reuniões de pauta, encontros onde são definidas as reportagens a serem feitas, e uma manhã de gravação da dupla Rocinha e Vidigal da segunda temporada. Nesses dois momentos a pesquisadora apenas observou e fez anotações. O objetivo de presenciar uma reunião de pauta foi perceber como as relações se estabeleciam e como as ideias eram compartilhadas entre os repórteres parceiros e a equipe de jornalistas profissionais do projeto.

Por fim, ao longo dos dois anos de pesquisa de campo, a pesquisadora manteve contato constante com os parceiros da Rocinha e Vidigal e, também, com jovens moradores das duas comunidades, que atuam na área da comunicação comunitária, pela rede social *Facebook*. Como “amiga virtual” houve a oportunidade de compartilhar de pensamentos e ideias publicados (postados) por eles que atravessam as questões levantadas neste trabalho. Por esse motivo, alguns *posts* foram escolhidos para abrirem os capítulos e alguns subtítulos desta tese.

1.5 – *Estrutura da tese:*

A tese “Parceiro do RJ / TV Globo: comunidade e narrativas inclusivas pelo audiovisual” está dividida em seis capítulos, incluindo suas considerações finais. O primeiro capítulo, “Comunidade, favela e jornalismo” inicia a reflexão em torno da necessidade da ressignificação de dois conceitos importantes para a tese: comunidade e jornalismo comunitário.

O subitem 2.1, “Comunidade, um conceito em processo de atualização” retoma a questão sobre o uso do conceito de comunidade nos séculos XIX, XX e XXI. Parte-se da noção de *Gemeinschaft* (comunidade) elaborada por Ferdinand Tönnies (1855-1936) na obra *Gemeinschaft und Gesellschaft* (1887). Do romantismo de Tönnies de uma comunidade baseada em vínculos familiares, religiosos e crenças comuns, são apresentados alguns pensamentos em torno do conceito que chega ao século XXI colecionando uma extensa lista de concepções. O caminho teórico percorrido apodera-se de apenas alguns trabalhos sobre comunidade, porque o objetivo é compreender onde se apoia o pensamento generalizado da favela brasileira, em especial as cariocas, como comunidade.

Neste breve levantamento de trabalhos que giram em torno do conceito de comunidade, a tese se apoia no trabalho da pesquisadora Raquel Paiva e seus discípulos do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária da UFRJ. Entre as concepções elencadas estão a “comunidade orgânica” (DURKHEIM, 1893), “comunidade imaginada” (ANDERSON, 1893), “comunidade inoperante” (NANCY, 2000), a “comunidade que vem” (AGAMBEN, 1993) e as “comunidades gerativas e do afeto” (PAIVA, 2004).

Neste percurso, refuta-se a favela como uma comunidade imaginada, homogênea, onde todos os seus moradores têm os mesmos valores e credos. Pactua-se com todo o contorno de solidariedade existente na favela com uma comunidade orgânica, mas sinaliza para a concepção das favelas da Rocinha e Vidigal, ambas na Zona Sul do Rio de Janeiro, com ingredientes encontrados nas ideias de comunidade inoperante, gerativa, do afeto e, principalmente, da comunidade que vem. Esta concepção, entretanto, é válida quando se atrela as favelas ao objeto de pesquisa desta tese, as reportagens produzidas pelos parceiros da Rocinha & Vidigal para o quadro Parceiro do RJ/TV Globo.

A “comunidade que vem” de Agamben apresenta o ser qualquer, aquele que rompe com a simetria entre a origem e o destino, que se estabelece no imaginário coletivo

quando se pensa em favela. No senso comum, principalmente para as elites brasileiras, o morador de favela já tem seu destino traçado com as marcas da pobreza e da violência.

A pesquisa encontra no jovem repórter parceiro as características do ser qualquer, aquele que é singular, que vive na favela, tem suas raízes lá, é solidário com o vizinho, mas tem suas posições e está disponível para o imprevisível, o novo. A parceria com o jornalismo da TV Globo do Rio de Janeiro surge como este novo desafio para o jovem que descarta a luta de classes e integra a equipe da maior emissora brasileira de televisão.

A TV Globo é recebida como um agente externo (SCHMITZ), que possibilita a visibilidade dos problemas e, também, dos sucessos que constituem o cotidiano daquela favela, chamada de comunidade.

No subitem 2.2, “A linguagem da comunidade”, recorre-se a teóricos como Boaventura Santos, Michel Foucault (1926 - 1984), Gianni Vattimo e Home K. Bhabha para pensar a construção de um discurso próprio nos moldes de uma narrativa inclusiva vista como estratégica para o rompimento do silêncio dos moradores de favela na TV aberta brasileira. Isso, tendo ao fundo a pluralidade estética a qual os meios de comunicação exibem na contemporaneidade.

O subitem 2.3, “O Jornalismo comunitário”, inicia com uma reflexão do novo gênero de jornalismo, aquele confeccionado por jornalistas profissionais a partir do material captado por cidadãos comuns com suas câmeras portáteis e/ou celulares e *smartphones*. Um modelo chamado de jornalismo cidadão, democrático, participativo ou colaborativo ganha a cada dia mais espaço na grande mídia e começa a ser estudado pela academia.

O jornalista Dan Gillmor, autor do livro *We the Media* (2004), foi um dos primeiros a trabalhar o tema, que entende o novo formato como uma conversa entre produtores da notícia e a audiência. Acredita-se que a nova forma de estar no mundo, identificada por Sodré (2002) como *bios midiático*, seja um dos fatores que contribui para esta relação excessiva do indivíduo com a informação e a mídia.

Para compreender como os veículos de comunicação se apropriam desta participação do cidadão comum levantam-se algumas experiências internacionais de sucesso como o *iReport* da emissora norte-americana CNN, que chega a receber por 15 mil histórias por mês de seus colaboradores voluntários. Teóricos como Traquinas ajudam a iniciar o debate em torno dos valores da notícia.

A obra de Raquel Paiva traz para o debate as questões em torno dos autores que defendem que a produção só é válida quando feita única e exclusivamente por moradores

da comunidade. Esta tese defende a possibilidade do diálogo com um profissional de comunicação para a produção de um veículo comunitário. A pesquisa parte da hipótese que a parceria promove desenvolvimento técnico para o jornalista comunitário e permite ao profissional de comunicação atuar como agente social.

Por fim, à luz do conceito de arquivo audiovisual de Gilles Deleuze (1925 - 1995) chama-se a atenção para o saber dos jovens moradores de favela, produtores e gestores dos veículos comunitários, é constituído de valores, conceitos e experiências absorvidos ao longo da vida. Neste sentido, as produções televisivas servem como principal referência para os moradores de comunidades.

O segundo capítulo “Padrão Globo de jornalismo e o telejornalismo local” descortina o jornalismo do agente externo dos repórteres parceiros da Rocinha & Vidigal, a TV Globo. A trajetória de sucesso da emissora começa com o acordo financeiro assinado com o Grupo *Time Life* e se desenvolve com incentivo do governo militar. Em meio a críticas, a Rede Globo cria o padrão Globo de qualidade, baseado no modelo empresarial de fazer televisão que tinha a qualidade técnica como prioridade. Em seguida, inspirado no modelo norte-americano de telejornalismo, a emissora implanta o padrão Globo de jornalismo, que servirá de modelo para as demais emissoras de televisão do país.

Esta tese trabalha com a ideia de capitalismo como modo de produção de mundos com fronteiras flexíveis (HARTZ & NEGRI, 2006), o que possibilita um outro mundo possível (LAZZARATO, 2006). Em outras palavras, existe uma atenção à criação de uma narrativa inclusiva a partir da parceria entre os profissionais da TV Globo e os repórteres parceiros, com base em uma negociação e não uma exploração.

No subitem 3.1, “O foco no local”, é feito um levantamento de toda a produção local da emissora desde sua fundação, em 1965, até a criação do *RJTV*, em 1983. A pesquisa registra a baixa audiência dos telejornais locais e a concorrência dos telejornais popularescos, como o pioneiro *Aqui e Agora*, do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), enfrentada pela emissora nos anos 1990. As reformulações na linha editorial do telejornal com o objetivo de aproximá-lo cada vez mais da comunidade, ajudaram a emissora a reerguer a audiência local. Mesmo assim, o *RJTV – 1ª Edição* não figura entre os cinco programas mais assistidos da emissora no Rio de Janeiro.

O subitem 3.2, “*RJTV 1ª Edição*” concentra as atenções nas últimas mudanças realizadas na estrutura do telejornal, como a retirada do *teleprompter*, a inclusão de comentaristas na área da saúde, Dr. Luis Fernando Correia, e na de segurança, o ex-

policial do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), Rodrigo Pimentel, e a valorização do quadro *RJMóvel*, que percorre os bairros da cidade para denunciar problemas e cobrar soluções.

O subitem 3.3, “Audiovisual comunitário, um breve histórico” tem o objetivo de resgatar o caminho percorrido desde as TVs Livres, também conhecidas como TVs de rua, que exibiam vídeos produzidos por moradores de comunidades, até a inserção da produção audiovisual comunitária nas emissoras de TV de canal aberto. Pesquisadores como Cicilia Peruzzo, Luiz Fernando Santoro e Raquel Paiva dão suporte a este levantamento. Procura-se iniciar uma reflexão sobre a pequena inserção do audiovisual comunitário na TV aberta.

E, por fim, o subitem 3.4, “O audiovisual comunitário brasileiro e o telejornalismo local da *TV Globo*”, traz para a análise o documentário *Falcão – Meninos do Tráfico* (2006), produzido e dirigido pelo *rapper* MV Bill e o ativista social Celso Athayde como estratégia de comunicação comunitária. Uma versão da produção foi lançada durante o programa do Fantástico, da TV Globo, antes do DVD chegar às lojas. A versão exibida ocupou três blocos do programa e foi editada por jornalistas profissionais da emissora, com a supervisão dos diretores do documentário.

A relação entre agentes comunitários e grandes empresas, por vezes, recebe críticas. Este trabalho apresenta a questão como objetivo de apontar o início da intensificação dessa relação que, dependendo dos acordos estabelecidos, pode ser positiva para as duas partes envolvidas.

O último subitem do capítulo, 3.5, “O audiovisual na Rocinha e no Vidigal”, volta o olhar da tese para a comunicação comunitária presente na região onde vivem os repórteres parceiros produtores do objeto de pesquisa desta tese. A partir de levantamentos feitos, busca-se identificar as mídias comunitárias existentes em 2014 nas duas favelas.

O capítulo “Parceiro do RJ – O Projeto” apresenta o objeto de estudo desta tese. O projeto foi idealizado pelo jornalista Erick Brêtas, então editor regional da TV Globo, logo após a implantação da primeira Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) na favela Santa Marta, em Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro. Foram selecionadas 16 duplas de jovens com idades entre 18 e 30 anos, com ensino médio completo e moradores de oito regiões do Rio de Janeiro (Copacabana, Tijuca, Campo Grande, Complexo do Alemão, Cidade de Deus, Nova Iguaçu, Duque de Caxias e São Gonçalo). A dupla da Rocinha só ingressou em setembro de 2011, quando a favela recebeu sua UPP.

Todos os participantes do projeto participaram de treinamento práticos e teóricos sobre jornalismo para TV durante um mês. Depois disso, cada dupla recebeu uma mochila com uma câmera mini-DV, microfone e equipamento de iluminação portátil. Cada parceiro assinou um contrato temporário com a Rede Globo até o dia 31 de dezembro de 2011, que garantia um salário mensal, vales para transporte e alimentação e ainda uma ajuda de custo para a produção. A missão de cada dupla era trazer histórias de suas comunidades para serem veiculadas no quadro Parceiro do RJ, no ar de segunda a sábado no *RJTV – 1ª Edição*, às 12h. Todo o material era produzido pelos jovens e finalizados por jornalistas profissionais da emissora.

O subitem 4.1, “Temporada 2011” resgata a produção de VTs da primeira temporada do projeto no Rio de Janeiro, a partir de entrevistas feitas com o idealizador do projeto, a equipe de jornalistas da TV Globo responsáveis pela coordenação do quadro, e jovens que participaram da primeira turma do Parceiro do RJ. O trabalho conta a história da iniciativa e indica as suas primeiras consequências: a contratação de alguns participantes pela emissora e a criação do projeto em outras três capitais brasileiras.

Os subitens 4.2, 4.3. e 4.4 apresentam os parceiros do Distrito Federal, São Paulo e Minas Gerais. O levantamento feito a partir de entrevistas realizadas por telefone com os coordenadores do projeto em cada cidade, permite perceber as diferenças regionais tanto quanto à realidade das comunidades, quanto à condução pedagógica do projeto. Se no Rio de Janeiro, por exemplo, os jovens são orientados a não escrever texto off, em Minas Gerais, a jornalista Diulara Ribeiro, responsável pelas reportagens do quadro Parceiro do MG, admite que muitas vezes era necessário fazer um texto para *costurar* a reportagem. Em São Paulo, o quadro divide as atenções com outro quadro do telejornal SPTV – 1ª Edição que percorre os bairros mais distantes: o *Comunidade*, comandado pelo jornalista Márcio Canuto, conhecido como “Fiscal do Povo”. No Distrito Federal, os parceiros tinham dia certo na semana para entrar no ar, ao contrário do Rio de Janeiro que, segundo a coordenadora Gisela Pereira, colocava no ar a reportagem que estivesse “pronta e boa”.

O subitem 4.5, “Parceiro do RJ 2013”, volta os olhos de vez para o Rio de Janeiro. O motivo é simples, deste grupo saiu o corpus da pesquisa: os VTs produzidos pelos parceiros da Rocinha & Vidigal. Neste momento este texto traz teóricos como Michel de Certeau (1925 – 1986) e seus conceitos de estratégia e tática para iniciar a base da análise que será feita nos capítulos seguintes.

Apresenta-se a TV Globo como agente externo e coautora das reportagens, a partir da concepção de que, se para a emissora foi uma estratégia editorial a criação do quadro Parceiro do RJ, como sustenta esta e outras pesquisas, para os jovens moradores de comunidades cariocas, a participação no projeto foi usada como tática para promover uma narrativa inclusiva, dar visibilidade à comunidade em que vive e, ainda, capacitar-se.

O subitem 4.5.1, “Parceiros Rocinha & Vidigal” apresenta as duplas da primeira e da segunda temporadas. A primeira, formada por dois moradores da Rocinha, a cabeleireira e, atualmente, estudante de jornalismo, Cecília Vasconcelos, e o *webmaster/webdesigner*, Marcos Braz, participou do projeto apenas por seis meses, de dezembro de 2011 a junho de 2012. No total 18 VTs produzidos por Cecília e Marcos foram ao ar.

O contato com a primeira dupla da Rocinha & Vidigal e o material produzido por ela possibilitou a reflexão em torno das primeiras dificuldades enfrentadas. Segundo Cecília Vasconcelos, foi preciso trazer uma amiga, parceira da Cidade de Deus, para que ela percebesse o que era assunto de interesse para uma pauta. Para ela, problemas como as irregularidades da fiação elétrica e o crescimento desordenado das moradias eram normais, faziam parte do seu dia a dia.

A partir da análise feita da primeira temporada foram identificados três tipos agenda para as reportagens: valorização, denúncia e factual. Esta tese entende como agenda a valorização todas as reportagens que contam a história de um personagem da favela, um morador de destaque, ou uma ação positiva realizada na região. O tipo denúncia compreende as que apresentam problemas que atingem a comunidade e seus moradores. Por último, as factuais, são as reportagens feitas e veiculadas no mesmo dia, geralmente assuntos que interessam ao grande público e que poderiam ser cobertos por um jornalista profissional da emissora.

O levantamento feito concluiu que a primeira dupla produziu sete reportagens que valorizavam a comunidade, sete que denunciavam algum problema e, apenas, três coberturas foram factuais.

O subitem 4.5.2, “Segunda temporada Parceiros da Rocinha & Vidigal”, apresenta a dupla da Rocinha & Vidigal de 2012/2013. A pedagoga Aline Marinho, na época com 26 anos, e o fundador do site *faveladarocinha.com* e estudante de jornalismo, Leandro Lima, que tinha 30 anos. O trabalho da segunda dupla partiu da experiência adquirida com a observação do trabalho de Cecília, Marcos e os demais parceiros que participaram da primeira turma. Desta forma pode-se perceber algumas mudanças no resultado obtido

pela dupla. A principal delas está no tipo de agenda factual/denúncia, aquelas reportagens que são vistas por eles como “problemas que não podem esperar” e, sendo assim são sugeridas mesmo fora da reunião de pauta e produzidas de imediato.

Aline e Leandro colocaram no ar 32 VTs produzidos por eles entre os dias 25 de março de 2013 e 20 de agosto de 2014. No total foram registradas dez da agenda valorização, cinco de denúncia, nove factuais e oito do novo tipo denúncia/factual. Em relação à primeira turma percebe-se quantitativamente que o desejo de denunciar é maior do que valorizar a comunidade, entretanto, observa-se, também, que o número de factuais é superior ao da primeira temporada.

Por mais que a segunda dupla tenha ficado mais tempo no ar, um ano e meio contra seis meses da primeira, o fato do Rio de Janeiro sediar a Copa das Confederações, em junho de 2013, a Jornada Mundial da Juventude, em julho do mesmo ano, e a Copa do Mundo de Futebol, em 2014, influenciou, e muito, este aumento de factuais. O olhar dos moradores tanto da Rocinha como do Vidigal nos três grandes eventos de certa forma dialogava bem com o restante da cobertura local da TV Globo Rio, como registra esta tese.

O capítulo quatro, “Metodologia de análise do modo parceiro de fazer telejornalismo”, exhibe cuidadosamente o passo a passo do método criado para analisar as reportagens. A metodologia parte do formato convencional das reportagens de TV serem compostas de um texto lido em *off* pelo repórter, intercalado por passagens (presença do repórter no vídeo) e sonoras (entrevistas), seguindo, ainda, algumas orientações dadas em manuais de telejornalismo como os de Vera Paternostro (1999), Olga Curado (2002) e Heródoto Barbeiro (2002).

Leva-se em conta, também, os 20 anos que a pesquisadora trabalhou em televisão como repórter e editora de jornalismo. O olhar de fora quer descobrir o que há de novo na narrativa construída pelos parceiros da Rocinha & Vidigal. Neste capítulo são apresentados os três pontos observados ao decupar os VTs: *off* parceiro, passagem parceira e sonora parceira.

O “*off* parceiro” é compreendido como a interferência da edição na reportagem, ou seja, o que e como o jornalista responsável acrescenta ao roteiro do repórter parceiro. Investiga-se se há: cabeça de locutor com informações complementares; passagens e sonoras cobertas com imagens; inserção de informações em *lettering* ou arte; e o uso de nota pé.

A “passagem parceira” pretende identificar como o repórter se coloca diante da questão tratada na reportagem. Observa-se se quanto ao contexto ele é: incluído; observador; crítico; ou admirador.

Por último, com a “sonora parceira” verifica-se que tipo fonte (entrevistado) fala na reportagem. Registra-se se a fonte do repórter parceiro é: da família dele; um amigo; um entrevista convencional; ou uma pessoa como ele, ou seja, ele próprio poderia ser essa fonte.

Para os três quadros de decupagem é usada uma pontuação (0 = não tem e 1 = tem) que visa quantificar quais os tipos mais usados. Para exemplificar é feita a decupagem da reportagem de estreia da primeira dupla Rocinha & Vidigal, que foi ao ar no dia 20 de janeiro de 2012. A reportagem feita por Marcos Braz como repórter e Cecília Vasconcelos como cinegrafista, trouxe para o *RJTV* o artista Wark, seus trabalhos e alunos na Rocinha. Foram decupados tanto a página lida pelo locutor, quanto o roteiro do repórter parceiro.

Com relação ao *off*, o resultado desta análise é que, na edição, a reportagem é conduzida pelas sonoras, que são são mais longas que as convencionais e cobertas por imagens,. Além disso, a cabeça lida pelo locutor traz informações que poderiam estar no corpo da reportagem se os repórteres parceiros fizessem texto *off*.

Em outras palavras, a edição transforma a sonora em *off*. Quanto às passagens, duas, colocam Braz como um repórter incluído no cenário descrito e, também, repórter admirador desta mesma cena. Pelo tratamento dado aos entrevistados reconhece-se as sonoras como amigas, mas como são pessoas especializadas no graffiti, são também sonoras convencionais.

No subitem, 5.1, “Questões obtidas com o método de análise x a análise de quem produz”, é exposta a etapa complementar à decupagem feita pela pesquisadora, quando o material analisado é visto novamente com o repórter. No caso, Marcos Braz e Cecília Vasconcelos assistiram à reportagem no dia 10 de janeiro de 2014, ou seja, quase dois anos depois que ela foi ao ar. A partir de uma conversa informal com a pesquisadora confirma-se que:

1 – a edição realmente acrescentou informação, sem interferir na estrutura montada pelo repórter parceiro;

2 – A inclusão do repórter e sua admiração do contexto foram instintivas e não intencionais;

3 – o repórter parceiro não entrevistou apenas amigos, mas sim fez uso de uma linguagem que o colocasse o mais próximo possível de seus entrevistados.

As conclusões obtidas confirmam a necessidade do pesquisador dialogar com o produtor do objeto de pesquisa, já que, por vezes, uma preconceção pode promover uma análise equivocada.

Neste subitem é exposta, também, a segunda etapa do método que consiste em relacionar as pautas produzidas pelos repórteres parceiros com questões consideradas importantes para a comunidade. Para fazer esse cruzamento foi elaborada a tabela Pauta – Assunto a partir de questões levantadas em conversas e entrevistas com moradores da Rocinha e do Vidigal, onde foram identificados como prioritários os seguintes assuntos: saúde, saneamento e transporte; educação e trabalho; cultura, esporte e lazer; e segurança. O cruzamento faz uma análise com relação ao diálogo entre o padrão Globo de jornalismo, o padrão parceiro de jornalismo e as prioridades da comunidade.

O subitem 5.2, “Análise I – A luta pela valorização do território, visibilidade na busca por melhorias” aplica-se um olhar atento sobre as duas reuniões de pauta acompanhadas pela pesquisadora e, também, nas tabelas pauta – agenda e pauta – assunto produzidas a partir da decupagem dos VTs. A pesquisa reflete sobre a troca afetuosa que se estabelece entre os jornalistas profissionais e os repórteres parceiros durante os encontros semanais e constata que existe um tom pedagógico neste momento do projeto.

No subitem 5.2.1, “A escolha da pauta de acordo com a agenda”, constata-se que a produção da dupla da Rocinha & Vidigal agendou mais o que valoriza a comunidade, mas também acompanha a tendência de hierarquização das notícias, valorizando aquela que é factual, inesperada. Aline e Leandro se encarregaram da realização de nove factuais, algumas integrando o time de jornalismo da Globo nas grandes coberturas do ano. Entretanto, identificou-se, também, que além muitas pautas factuais, houve o agendamento inovador da pauta Denúncia/Factual, aquela que ao ser apresentada, recebe o status de “passa à frente na produção e edição”, porque o assunto demanda urgência. Foram 12 VTs deste tipo de agenda.

Já no subitem 5.2.2, “A escolha da pauta de acordo com o assunto”, apesar de indicar que 19 entre 32 reportagens, falam de cultura, esporte e lazer e, ainda, que 18 têm como tema saúde, saneamento e transporte, chama a atenção para 11 que tratam da questão de segurança. São questões que não falam de violência ou tráfico de drogas, mas que geram risco de vida para os moradores, ou seja, se encaixam no tema segurança.

O subitem 5.3, “Análise II – os três pilares do telejornalismo parceiro”, é talvez o subitem mais importante da tese porque detalha as principais características da narrativa inclusiva produzida pela dupla da Rocinha & Vidigal. O tratamento dado aos entrevistados, a postura incluída do repórter parceiro e a colaboração dos jornalistas da Globo no complemento da informação.

No subitem 5.3.1, “A fonte amiga como base da narrativa parceira”, traça uma análise comparativa entre o comportamento do repórter parceiro diante de sua fonte e a postura de um repórter tradicional na mesma situação. A conclusão que se chega é que o repórter parceiro impedido de fazer texto *off*, sabe da importância da entrevista para a construção do seu VT e a explora mais do que o normal. A conversa prolongada na maioria das vezes é conduzida com intimidade.

Foram identificadas 31 sonoras do tipo amiga, 21 tradicionais, 17 espelho e quatro familiares. É importante lembrar que uma mesma sonora pode se encaixar em mais de um tipo de fonte. Uma sonora amiga, por exemplo, pode ser também tradicional. Explicando melhor, muitas vezes o repórter parceiro entrevista a mesma pessoa que um repórter tradicional entrevistaria, porque aquela pessoa é a pessoa certa para falar sobre o assunto em pauta. Entretanto, a forma como ele conduz a entrevista não é tradicional, é intimista e transforma qualquer entrevistado, aos olhos do telespectador, como amigo.

No tópico 5.3.2, “O repórter incluído no contexto da reportagem parceira”, revela que o repórter parceiro faz questão de dizer que vive na comunidade. Em 21 reportagens, esse tipo de passagem está presente. Assim como a sonora, é possível encontrar em uma mesma reportagem mais de um tipo de passagem. Sendo assim, ele pode em um mesmo VT ter uma passagem como admirador do contexto e incluído, crítico e incluído ou até mesmo ter uma postura de observador, típica do repórter convencional, em uma intervenção no vídeo e logo em seguida aparecer totalmente incluído.

Todas essas posturas são percebidas, principalmente, no texto do repórter. Na observação da postura do repórter parceiro no vídeo outra constatação se faz: o repórter parceiro é um ser qualquer (AGAMBEN, 1993), aquele que sinaliza sua pertença ao território em que vive, mas ao atuar como repórter da Globo, imprime sua pertença à emissora. Ele é aberto ao improvável e, sendo assim, circula na comunidade e na emissora imprimindo suas singularidades.

O subitem 5.3.3, “O *off* parceiro a serviço da informação”, apresenta as maneiras que o jornalista responsável pela finalização do VT parceiro fabrica o *off*, que este texto não é feito pelo repórter parceiro. Dentre todos os recursos listados na decupagem, o

editor faz, em 31 das 32 reportagens, o que já era esperado: cobre com imagens longas sonoras e as passagens que a informação fica mais clara quando mostrada com imagens do que narrada pelo repórter. Esse recurso não é inovador, mas confirma o que este capítulo trouxe logo no início: a narrativa parceira é costurada por sonoras. O morador da favela, o entrevistado é quem rege a história contada.

No entanto, também é identificado o uso dos demais recursos: em 24 reportagens há arte ou *lettering*, em 21 a informação foi complementada com nota pé e, em 17, a cabeça de locutor é mais extensa. O agente externo, a TV Globo, transparece uma preocupação com a informação. Interfere sempre ajustando, clareando o fato narrado. Sua parceria é com a notícia, sempre!

O subitem 5.3.4, o último deste capítulo, “Outras análises”, traz outras percepções sobre a produção audiovisual do quadro Parceiro do RJ. Esta tese reúne as avaliações feitas tanto por moradores da Rocinha e do Vidigal, como de acadêmicos que se debruçaram sobre o tema. O objetivo é apresentar outros olhares sobre o mesmo objeto de estudo.

Os relatos dos moradores foram obtidos em entrevistas realizadas ao longo da pesquisa. Sempre entrevistas informais, conversas longas individuais ou em grupo. Em todas foi incluída a pergunta: o que você acha do quadro Parceiro do RJ?

As análises retiradas de produções acadêmicas sobre o projeto Parceiro do RJ é fruto da seleção de trabalhos que haviam sido defendidos e apresentados em congressos até o início da escrita desta tese, em 2014. São dissertações de mestrado e artigos assinados por mestrandos, doutorandos e doutores em comunicação: (SOARES & BECKER, 2011); (BECKER, 2012); (GUIMARÃES, 2012); (FRAZÃO, 2013); (GOMES, 2011); e (FREITAS, 2014).

A revisão bibliográfica feita logo no início da pesquisa, em 2012, é fornecida intencionalmente no final do texto, porque apesar de dialogarem diretamente com este trabalho não reproduzem o pensamento da pesquisadora. Entretanto, foram fundamentais para o fortalecimento das conclusões obtidas nesta tese.

2. Comunidade, favela e jornalismo

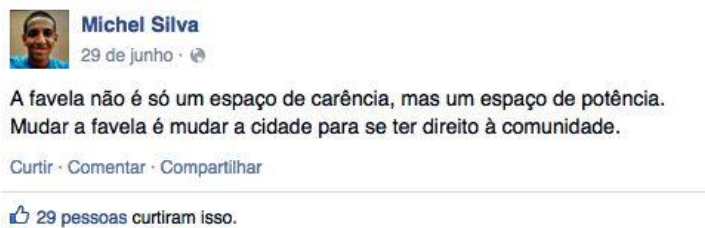


Figura 1: Michel Filho é estudante de jornalismo, fundador do site Viva Rocinha e do jornal *Fala Roça*. (Foto: Reprodução Facebook)

O *post* do estudante de jornalismo e morador da Favela da Rocinha, na Zona Sul do Rio de Janeiro, Michel Filho, no *Facebook*, reproduz a fala da socióloga Marília Pastuk, na abertura do debates do último dia do XXVI Fórum Nacional com o tema “Favela é Cidade”, realizado em maio de 2014, no Rio. A reflexão em torno do potencial humano existente nas favelas brasileiras, o estigma de carência que as cercam e a concepção do território como comunidade, sintetiza a proposta deste capítulo, que abre a tese “Parceiro do RJ: comunidade e narrativas inclusivas pelo audiovisual”.

A proposta inicial é sinalizar de que comunidade se está falando e que jornalismo comunitário é esse. Um debate que está no cerne das ações sociais desenvolvidas dentro das favelas por seus moradores e, também, no jornalismo contemporâneo que convive com a ampliação do olhar local em um universo digital da informação compartilhada sem fronteiras, globalmente.

As amarras ideológicas estão latentes neste triângulo (comunidade, favela e jornalismo) que se expõe nas redes sociais disponíveis na internet. Descortina-se a necessidade de ressignificar conceitos que há mais de dois séculos rodam a academia. Acredita-se que para esta tese dois deles precisam ser apreciados para que seja possível estabelecer o norte do pensamento proposto.

Tanto comunidade, como jornalismo comunitário experimentam a sensação de uma *esponja*, aquela que tudo absorve, mas também, quando espremida com força e lavada está pronta para receber novos ingredientes. A metáfora da *esponja* parece agressiva, mas pode também ser recebida como saudável e produtiva. Basta ter atenção ao líquido que põe na *esponja* e, principalmente, o uso que será feito dela.

2.1. *Comunidade, um conceito em processo de atualização*

Existe uma tendência muito grande entre os estudos acadêmicos sobre favelas brasileiras em tratar esse tipo de espaço físico como comunidade. Até mesmo favelas, que hoje têm status de bairro, como é o caso da Rocinha, na Zona Sul do Rio de Janeiro, vez por outra são chamadas de comunidade. Mas o que faz da Rocinha, por exemplo, uma comunidade? Desde o início do século XIX, pensadores de diversas áreas como, a psicologia e a sociologia, se apoderaram do conceito para compreender o cotidiano dos indivíduos.

A origem da palavra comunidade vem do termo *latin communitas*, que significa comunhão, a união de valores e afetos com o objetivo de obter o bem para todos. Um dos primeiros pensadores a levantar a questão foi Ferdinand Tönnies (1855-1936) quando apresentou o conceito de comunidade em *Gemeinschaft und Gesellschaft* (Comunidade e Sociedade), obra escrita em 1887.

O que o autor definiu como *gemeinschaft* (comunidade) resultava de vínculos familiares, religiosos, laços de amizade, de lugar, ou de crenças comuns (MIRANDA, 1995). Para Tönnies, *Gesellschaft* (sociedade) é “um círculo de homens que, como na *Gemeinschaft*, vivem e moram em paz, uns ao lado dos outros, mas em vez de estarem essencialmente ligados estão, pelo contrário, essencialmente separados. Enquanto na *Gemeinschaft* eles permanecem ligados apesar das distinções, aqui eles permanecem distintos apesar de todos os laços” (apud Aldous, idem, p. 115).

Para pensar o conceito, outra obra importante é a de Émile Durkheim (1858-1917), um dos pais da sociologia moderna. Ele sinalizava para a necessidade de se reescrever as moralidades institucionais para resgatar a solidariedade entre os indivíduos. Durkheim estava pensando o coletivismo na sociedade moderna e, para ele, a vida urbana, a constituição das cidades promovia a desmoralização das instituições, uma morfologia urbana, o fim da vida comum.

Em *Da Divisão do Trabalho Social* (1893), o filósofo francês propõe a profusão de uma solidariedade orgânica, onde, como em um corpo humano, um depende do outro para sobreviver, para restabelecer a ordem social e bem-estar de todos. Na sua concepção era necessária a substituição de uma sociedade “mecânica”, aquela onde a coletividade se sobrepõe à individualidade, para uma sociedade “orgânica”, onde, na especialização do trabalho, os indivíduos são legitimados pelo grupo. O indivíduo faz parte do contexto.

Ao longo de dois séculos o termo ganhou novas análises em áreas de estudo como a psicologia, a filosofia, a sociologia, a antropologia e a comunicação. Como diagnosticou Raquel Paiva, “há um misto de polêmica, equívocos e descaso quanto à propriedade do conceito de comunidade.” (PAIVA, 2003, p. 68).

Dentre os estudos destacam-se, principalmente, as correntes americana e europeia. Depois de a Escola de Chicago identificar, no fim do século XIX, “na luta pela existência e a competição pelo espaço a força da união entre os membros da comunidade” (idem, p. 74), Benedict Andersen se apoderou do conceito para pensar o nacionalismo norte-americano e elaborou a concepção de nação como uma “comunidade imaginada” (1983).

Ao pensar o movimento político provocado pelo capitalismo, Anderson trata de questões que atravessam o cotidiano da vida em comum. Para o cientista político estadunidense, o romance e o jornal, por exemplo, funcionam como “meios técnicos para “re-presentar” o tipo de comunidade imaginada correspondente à nação.” (ANDERSON, 2008, p. 55).

Esta é uma concepção que não pode ser deixada de lado quando o objeto de estudo desta tese é um produto da indústria jornalística, que pode estar atendendo a um projeto romântico de transpor para o grande público as favelas como um organismo homogêneo. Há quem imagine que todos os moradores de uma favela se conhecem, que todos têm o mesmo poder aquisitivo, que todos gostam dos mesmos gêneros musicais e por aí vai. Há ainda aqueles que blasfemam que “na favela só tem bandido”.

Na verdade, qualquer comunidade maior que uma aldeia primordial do contato face a face (e talvez mesmo ela) é imaginada. As comunidades se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas.” (ANDERSON, 2008, p. 33).

Em sua obra *Comunidade – a busca por segurança no mundo atual*, o sociólogo polonês, Zygmunt Bauman, diz que essa “comunidade imaginada” não é real. Assim como essa favela na versão romântica, onde todos se conhecem e se protegem de forma solidária, também não pode ser real. A favela como uma junção de indivíduos que têm o mesmos credos, as mesmas ambições é irreal.

Bauman trabalha com a ideia desse tipo de comunidade perfeita como um “outro nome para paraíso perdido” (2003, p. 9), e que está muito distante do alcance dos homens e mulheres da contemporaneidade. Alguns anos depois, em “*Vida Líquida*”, o teórico atrela o individualismo ao fim da função reguladora da comunidade.

O emergir da individualidade assinalou um progressivo enfraquecimento, a desintegração ou destruição da densa rede de vínculos sociais que amarrava com força a totalidade das atividades da vida. Assinalou também que a comunidade estava perdendo o poder – e/ou interesse – de regular normativamente a vida de seus membros. Mais precisamente, assinalou que, não mais sendo *an sich* (nos termos de Hegel) nem *zuhanden* (como diria Heidegger), a comunidade havia perdido a antiga capacidade de fazer rotineiramente o trabalho de regulação de modo trivial e sem embaraço. Tendo perdido essa habilidade, veio à tona, como um problema, a questão de moldar e coordenar as ações humanas, considerando-a um tema de ponderação, e um objeto de escolha, decisão e esforço direcionado. Progressivamente, os padrões da rotina diária foram deixando de ser vistos como incontestáveis e auto-evidentes. O mundo da vida cotidiana estava perdendo sua auto-evidência e a “transparência” de que havia usufruído no passado, quando os itinerários existenciais eram livres de encruzilhadas e de obstáculos a serem evitados, negociados ou forçados a abrir caminho. (BAUMAN, 2007, p. 31)

Apesar de sinalizar para um liberdade de escolha promovida pelo individualismo desapegado de um espírito comunitário, o sociólogo polonês alerta que a individualidade de fato e de direito “não significa que a sorte dos excluídos nada tenha a ver com a condição dos sortudos que conseguiram evitar esse destinos.” (idem, p. 35). Esta posição de Bauman remete ao que ele chama de um “comunidade realmente existente”, que seria calcada na obediência e na automática ruptura com a liberdade.

A partir do anos 1980, uma corrente europeia de pensadores deslocou o vínculo do debate, até então ancorado na substância comum, para o nada em comum da existência humana. O indivíduo deixa de ser o sujeito da comunidade e a comunidade passa a ser o sujeito.

No prefácio de *O retorno da comunidade*, Muniz Sodré crê que a palavra comunidade foi vinculada a ideologias radicais: “a modernidade liberal mais recente colocou rótulos muito negativos, que variam da passada *Volksgemeinschaft* nazista até a atual *djamaa* dos fundamentalistas islâmicos.” (SODRÉ, in PAIVA, 2007, p. 7). A observação é pertinente. Para um dos maiores cientistas sociais da contemporaneidade, o filósofo e teórico crítico esloveno, Slavoj Žižek, o fascismo distorce e incorpora a aspiração à comunidade e solidariedade como forma de manter a exploração.

É claro que a ideologia fascista “manipula” a aspiração popular à verdadeira comunidade e solidariedade social contra a concorrência feroz e a exploração; é claro que “distorce” a expressão dessa aspiração no intuito de legitimar a manutenção de relações de dominação e exploração sociais. Entretanto, para conseguir realizar a distorção dessa aspiração autêntica, precisa primeiro incorporá-la... (ŽIŽEK, 2005, p. 13)

Žižek recorre ao exemplo do fascismo para elaborar sua tese. Para o filósofo, a concepção da inclusão da aspiração à comunidade autêntica é uma forma de legitimar a dinâmica da exploração capitalista. Seu pensamento está atrelado “à distinção freudiana entre o pensamento-sonho latente e o desejo inconsciente expresso em sonho” (idem).

O interessante é que no momento em que ecoam percepções como esta de Žižek, Sodré chama a atenção para a importância de reinterpretações do conceito de comunidade onde as questões se voltam para as singularidades dos sujeitos e suas posições. O escritor, jornalista e professor emérito da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ) destaca, entre outras, as concepções do francês Jean-Luc Nancy e dos italianos Roberto Esposito e Giorgio Agamben.

Nancy faz parte de um grupo de pensadores franceses que desejam trazer de volta ao debate o ideal político da comunidade. O filósofo problematiza a ontologia do ser, não mais constituído pela lógica da psique, mas pela lógica do corpo, da liberdade. Para Nancy, estar em comunidade não é sinônimo de divisão, partilha, assim como o ser-com de Heidegger (1889 – 1976). “O nada não é oposto indeterminado do existente, mas se revela como componente do ser existente.” (HEIDEGGER, *in* JAPIASSÚ e MARCONDES, 1996, p. 191).

O ser de Nancy é constituído da singularidade-e-pluralidade da existência. Para ele, o nada em comum, que está como pano de fundo nas relações, é que possibilita a existência dos homens.

«Ser» es cada vez en la relación de su reparto. «Ser» es cada vez el parto de su singularidad — su don, su libertad. «Ser» es el don que compartimos al estar. Estar en común revela, pues, lo siguiente: que el ser «es» la singularidad que el estar pluraliza (y/o viceversa: la pluralidad que el estar singulariza). El ser mismo es estar singular plural (comunidad). (...) Que el sentido del ser = estar, significa que la estancia del estar (y de su ontología) es la comunidad. Estar consigo mismo es ya estar con otro, no porque yo sea otro que el que está, no. (NANCY, 2000, p. 5)²

O termo *désouvrée*, adotado por Nancy indica uma “comunidade inoperante”, desorientada, desmobilizada, que não pode mais ser constituída por identidades fixas.

² "Ser" é cada vez mais sobre a relação de sua distribuição . "Ser" é cada vez mais, após o seu nascimento – seu dom original, a sua liberdade. "Ser" é o presente que compartilhamos estar. Estar em comum , portanto, revela: que ser "é" singularidade que ser plural (e / ou vice-versa : a pluralidade sendo que solteiros). Ser você mesmo é ser plural singular (comunidade). (...) Essa sensação de ser = estar , significa que a estadia do estar (e sua ontologia) é a comunidade . Ser você mesmo é já estar com o outro , não porque eu sou um que não é. (Tradução livre, NANCY, 2000, p. 5)

Essa comunidade, no entanto, comporta a vida em comum daquelas tidas como diferenças, seja de raça, religião, gênero, etc.

O pensamento de Nancy se alastra e, no mesmo ano, na França, o escritor Maurice Blanchot (1907 – 2003) apresenta a sua *Communauté inavouable*, que “implica em uma incomunicabilidade no seu devir da comunidade, o que a caracteriza como inacabamento e insuficiência.” (RAMOS, p. 2).

Nos anos 1990 o pensamento de Nancy chega à Itália e inspira os filósofos Roberto Esposito e Giorgio Agamben. Esposito faz uma reflexão sobre o impolítico, e em seguida sobre o destino da comunidade como conceito escatológico de que “a comunidade é uma origem e é um destino, no sentido de que constitui um ponto desalinhado, um ponto além do horizonte, que nos ajuda a definir os limites de cada representação política.” (TARIZZO, *in* PAIVA, 2007, p. 52).

Em outras palavras, com ela, tudo se torna impolítico. A comunidade não se enquadra, portanto, nas categorias de política praticadas na atualidade, como Nação, Estados, partidos políticos etc.

A comunidade é apenas um confim e um trânsito entre esta imensa devastação de sentido e a necessidade de cada singularidade, cada evento, cada fragmento de existência seja em si mesmo sensato. Ela se reporta ao caráter singular e plural, de uma existência livre de todo sentido pressuposto, ou imposto ou pós-posto. De um mundo reduzido a si mesmo – capaz de ser simplesmente aquilo que é: um mundo planetário, sem direções nem pontos cardeais. Um nada-além-do-mundo. É este nada em comum que é o mundo prestes a nos comunalizar na condição de expostos à mais dura ausência de sentido e, contemporaneamente, à abertura de um sentido ainda impensado. (ESPOSITO, 2003, p. 30)

Esposito traz, com seu pensamento, a compreensão de comunidade como o fim da identidade subjetiva, posto pelo limite das representações individuais frente ao grupo. Uma condição escatológica herdada de Kant³ por Esposito, que influenciará Agamben a pensar em uma “comunidade que vem”, uma comunidade que não dispõe de identidade própria, mas de diversas singularidades. Agamben fala de um ser qualquer, que está ligado à potência do não-ser.

A singularidade qualquer, que quer apropriar-se da própria pertença, do seu próprio ser-na-linguagem, e declina, por isso, toda identidade e toda condição de pertença, é o principal inimigo do Estado. Onde quer que estas singularidades

³ Kant, assim como Pacal, reduz a noção de escatologia, que implica fim da humanidade – crença em uma vida futura, para a questão: “para onde vamos?”(JAPIASSÚ e MARCONDES, 1996, p. 86).

manifestem pacificamente o seu ser comum, haverá um Tienanmen e, tarde ou cedo, surgirão tanques armados. (AGAMBEN, 1993, p. 68)

A pertença sugerida por Agamben é cunhada na “potência de não ser” (*dynamis me einai*)” do “ser qualquer”. Para ele, o ser qualquer não é nem individual, nem universal.

O termo usado é *qualunque*, tradução do latim *quolibet* que, segundo Agamben, permanece impensado na enumeração escolástica dos transcendentais: “*quolibet ens est unum, verum, bonum seu perfectum*”. Antes que propriedades universais, o *quolibet* condiciona o significado dos demais termos. Este *quolibet* não significa, como diz sua tradução habitual, o “não importa qual”, o “indiferente”, mas exatamente o contrário, a saber, “o ser, tal que, seja qual seja, importa”. Assim, o qualquer deve ser entendido como o ser qualquer que seja, a singularidade em seu ser tal qual é, a saber, nem individual tampouco universal. (RAMOS, p. 4)

Para Giorgio Agamben “o ser que vem é um ser qualquer” e não tem sua história predeterminada de acordo com as substâncias comuns que o colocam como pertencente à comunidade em que vive. Essa comunidade que vem rompe com esta simetria essencial entre *arché* e *télos*, entre origem e destino. A não-potência está na passagem do ato e não no ato em si.

Este pensamento de Agamben é próximo à hipótese desta tese de que os jovens moradores de favelas, ao produzirem reportagens para um canal de TV aberta com o suporte técnico de jornalistas profissionais, contribuem para esta “comunidade que vem” como um “ser qualquer”, que absorve e entrega suas singularidades tanto para aqueles que estão com eles vivendo na favela como, também, para os que moram no asfalto (tanto os profissionais que integram a equipe de jornalismo da Rede Globo, como o público que assiste ao *RJTV – 1ª Edição*).

Sugere-se que a não-potência do repórter parceiro, seu conformismo em querer ser singular, não o transforma em um repórter global, mas também não o reproduz como um repórter comunitário indiferente às técnicas e à visibilidade alcançada pelas TVs comerciais. Neste sentido, o repórter parceiro se torna um ser qualquer que pode gerar, criar novas possibilidades para esta comunidade que vem.

Dando seguimento a esta corrente de pensamento, em *As Estratégias dos Sensíveis – Afeto, Mídia e Política* (2006), Muniz Sodré propõe um outro olhar sobre a singularidade que, segundo ele, está inserido na comunidade como comunhão, vínculo. “O singular não é o individual, nem o grupal, mas o sentido em potência – portanto, é um afeto, isento de representação e sem atribuição de predicados a sujeitos – que irrompe

num aqui e agora, fora da medida (*ratio*) limitativa”. (SODRÉ, 2006, p. 11). Sodré está atento às estratégias comunicacionais e aposta na vinculação não apenas como interação, mas como inserção social do sujeito.

A vinculação é propriamente simbólica, no sentido de uma exigência radical de partilha da existência com o Outro, portanto dentro de uma lógica profunda de deveres para com o socius, para além de qualquer racionalismo instrumental ou de qualquer funcionalidade societária.

Se, em termos puramente lógicos, a comunidade é, segundo Kant, “a casualidade de uma substância na determinação das outras, em toda reciprocidade”, nos termos da habitação humana num território, essa noção é aplicável à possibilidade que tem o indivíduo de pôr-se em disponibilidade para algo em comum – concretamente, para o valor ou a troca numa relação geral de cada um com todos os outros. Assim como no caso da comunicação linguística, a comunidade, enquanto ideia originária da diferenciação e da aproximação, é a questão subsumida no conceito de comunicação coletiva. (idem, p. 93).

Ao pinçar, ainda, alguns estudos mais recentes sobre a vida em comum na contemporaneidade, detectam-se aspectos que ajudam a pensar o viver em comunidade da Rocinha e do Vidigal. É possível, também, compreender como as reportagens produzidas por seus moradores para o quadro Parceiro do RJ dão pistas deste viver em comum de um ser qualquer em uma favela. Para isso, esta pesquisa norteia o viver em comum a partir de conceitos como o dialogismo e moralidades clássicas da filosofia como a virtude, o bem e o mal.

Segundo Bakhtin (1895 – 1975), o ser é constituído de falta e excesso, precisa do olhar do outro para se ver como um todo e a estética resulta deste acabamento que é dado a partir da relação com o outro, do diálogo (2010, p. 11). O filósofo se apropria da questão estética, a partir da literatura, para abordar a ética: em uma relação de responsabilidade (resposta somada a responsabilidade), o ser, ao mesmo tempo em que pratica uma ação, tem uma responsabilidade perante essa ação. “A minha existência é única e eu não tenho alibi.”⁴ É preciso, enfim, que haja troca de olhares e saberes para que o produtor das reportagens parceiras consigam exibir e dar voz às questões próprias da comunidade em que vive.

Em *Trans la virtud*, MacIntyre apresenta mais elementos interessantes quando afirma que “vivemos em uma cultura emotivista (...) que amplia a variedade de nossos

⁴ Este pensamento de Bakhtin sobre a filosofia do ato é expresso em diversas obras com variações na ordem da construção da frase. Reproduz-se nesta tese a elaboração apresentada pela pesquisadora Ana Paula Goulart durante um curso sobre a obra do filósofo, ministrado em 2011, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

conceitos e modos de conduta” (2001, p. 37). O pensador retoma Aristóteles, Platão e Homero para refletir sobre o conceito de virtude. Para o autor, existe mais de uma forma de conceituar a virtude. Segundo ele, para Homero, virtude é uma qualidade que permite a um indivíduo desempenhar um papel social; para o Novo Testamento, Aristóteles, e Tomas de Aquino, virtude é uma qualidade que permite um indivíduo progredir especificamente no telos humano, natural e sobrenatural; para Benjamin Franklin virtude é uma qualidade útil para conseguir êxito nos casos individuais (p. 245).

Em outras palavras, a virtude está presente no cotidiano das pessoas, na vida em comum, seja para guiar o sujeito pensando pela comunidade ou apenas para si próprio.

Já para Charles Taylor (2005) a questão da identidade, do posicionamento do sujeito é fundamental na contemporaneidade. O bem e o mal são alguns dos valores que o cercam, que corroboram para a compreensão de quem ele é.

Minha identidade é definida pelos compromissos e identificações que proporcionam a estrutura ou o horizonte em cujo âmbito posso tentar determinar caso a caso o que é bom, ou valioso, ou o que se deveria fazer ou aquilo que endosso ou a que me oponho. Em outros termos, trata-se do horizonte dentro do qual sou capaz de tomar uma posição. (2005, p. 44)

A questão da identidade é cara para Taylor que apresenta o conceito de “*self* pontual”, aquele que “nunca pode ser descrito sem referência aos que o cercam” (idem, p. 53). Para o filósofo canadense, o *self* estará sempre ligado a questões morais que têm a ver com a identidade daquilo e com aquilo que devemos ser. Taylor crê que a elaboração deste *self* acontecerá a partir da união de valores internos a questões externas.

Taylor ratifica o que Goffman apresentou em *A representação do Eu na Vida Cotidiana* (1959): “O *eu* é um produto de todos esses arranjos e em todas as suas partes traz as marcas dessa gênese.” (GOFFMAN, 2007, p. 232, apud SABACK, 2010, p. 55). O que o antropólogo chama de arranjos, são interpretações, as representações, improvisadas no dia a dia de cada indivíduo, dependendo da situação em ele se encontra.

Esse parêntese para o debate em torno do conceito de identidade que se apresenta no pensamento de Taylor sobre a vida em comum poderia se estender, mas de volta ao conceito de comunidade nos trabalhos científicos, percebe-se que a singularidade é uma peça importante neste debate.

É possível encontrar alguma resistência no uso do conceito de comunidade em estudos acadêmicos brasileiros que se aproximam mais do corpus desta tese. Em *Utopia*

da Comunidade – Rio das Pedras, uma favela carioca, Marcelo Burgos se apoia no trabalho de Anthony Leeds e Elizabeth Leeds para afirmar que a noção de comunidade é descartada como conceito analítico para se estudar as favelas e seus moradores (BURGOS, 2002, p. 24).

Entretanto, no senso comum do Brasil, o termo comunidade estabeleceu-se, muitas vezes, como sinônimo para favela ou todo território sem condições básicas para a moradia, que é habitado por pessoas de pouco poder aquisitivo. Algumas explicações para o uso do termo podem estar no próprio desenrolar dos processos de organização das favelas e suas relações com instituições da sociedade civil, principalmente, com a Igreja Católica, como recordou a antropóloga Alba Zaluar em uma entrevista para a Ponto Urbe, Revista Digital do Núcleo de Pesquisa Urbana (NAU) da Universidade de São Paulo (USP). Alba Zaluar foi uma das primeiras pesquisadoras brasileiras a descortinar o dia a dia em um favela, a Cidade de Deus:

Nos anos 80, vimos uma explosão de estudos que acabaram por se tornar muito próximos dos estudos de comunidade, só que tomando “comunidade” como vizinhança, favela, bairro. Ao mesmo tempo, a esquerda mais romântica tendia a idealizar a vizinhança como “comunidade de pessoas que se uniam para trabalhar pelo bem comum”. Esta perspectiva aparecia muito na pesquisa participante: as “comunidades” levariam adiante um projeto político do povo, idealizado na sua solidariedade, de oferecer saídas para a situação de desigualdade. Nenhum dos alunos da Eunice Durham adotou esta visão. Teresa Caldeira e José Guilherme Cantor Magnani mostraram todos os conflitos internos destas vizinhanças, destes bairros que estudávamos. Segundo nosso ponto de vista, era preciso estar atento e não ficar imaginando um povo que, na realidade, não existia.

Outra questão dizia respeito às Comunidades Eclesiais de Base, uma igreja católica muito presente. Porém, as CEB's acabam repentinamente com as mudanças na direção da igreja e a expulsão dos ideólogos da Teologia da Libertação. Este vácuo só ajuda a organização do tráfico a tomar conta da situação. Antes ela era bastante limitada. As associações de moradores mantinham atividades políticas e ligações com as Comunidades Eclesiais de Base, instituindo limites claros. Os adultos chegavam para os jovens que atuavam no tráfico e diziam: “Não venha para cá barbarizar; esconda esta arma”. (TORRES, 2007, p. 7)

Em tempos de constantes avanços tecnológicos, os interesses em compreender a dinâmica econômica/social que se estabelece no viver em favelas aumentaram. Como descreveu Gary A. Dymksy em *Ten ways to see a favela: Notes on the political economy of the new city*⁵, muitas partes interessadas estão olhando para as favelas. Neste artigo o professor do Departamento de Economia da Universidade da Califórnia propõe um debate

⁵ Dez maneiras de se ver a favela: notas sobre a Economia política da nova cidade.

sobre como a economia da favela deve ser vista e sobre como favelas se encaixam na dinâmica econômica mais ampla das cidades e regiões em que elas existem.

Segundo o autor, entre os que estão de olho nelas se encontram “aqueles para quem a favela oferece uma tela, um pano-de-fundo, um cenário: os jornalistas locais e estrangeiros, escritores, cineastas, blogueiros, estudantes de pós-graduação, professores, pesquisadores.”⁶

O Censo Demográfico, um estudo que levanta dados estatísticos de característica da população do país, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ajuda a compreender esses múltiplos olhares para as favelas no Brasil. O Censo 2010, divulgado em 2011, registrou que 11,4 milhões de brasileiros, o equivalente a 6% da população do país, vivem em “aglomerados subnormais”, um termo nem sempre visto com bons olhos que acaba por designar as favelas e as comunidades com poucas condições de saneamento e infraestrutura.

O setor especial de aglomerado subnormal é um conjunto constituído de, no mínimo 51 (cinquenta e uma) unidades habitacionais (barracos, casas...) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e densa. A identificação dos Aglomerados Subnormais deve ser feita com base nos seguintes critérios: a) Ocupação ilegal da terra, ou seja, construção em terrenos de propriedade alheia (pública ou particular) no momento atual ou em período recente (obtenção do título de propriedade do terreno há dez anos ou menos); e b) Reunirem pelo menos uma das seguintes características: urbanização fora dos padrões vigentes – refletido por vias de circulação estreitas e de alinhamento irregular, lotes de tamanhos e formas desiguais e construções não regularizadas por órgãos públicos; e precariedade de serviços públicos essenciais.

Os Aglomerados Subnormais podem se enquadrar, observados os critérios de padrões de urbanização e/ou de precariedade de serviços públicos essenciais, nas seguintes categorias: a) invasão; b) loteamento irregular ou clandestino; e c) áreas invadidas e loteamentos irregulares e clandestinos regularizados em período recente. (Censo Demográfico 2010, p. 27)

De acordo com o levantamento realizado, 49,8% dos 3,2 milhões de domicílios particulares existentes nesses locais estavam na região Sudeste: 23,2%, em São Paulo, e 19,1%, no Rio de Janeiro. O Nordeste concentrava 28,7% desse total, o Norte, 14,4%, e os Estados do Sul e do Centro-Oeste bem menos, 5,3% e 1,8%, respectivamente.^{[1][2][3][4][5][6][7][8][9][10][11][12][13][14][15][16][17][18][19][20][21][22][23][24][25][26][27][28][29][30][31][32][33][34][35][36][37][38][39][40][41][42][43][44][45][46][47][48][49][50][51][52][53][54][55][56][57][58][59][60][61][62][63][64][65][66][67][68][69][70][71][72][73][74][75][76][77][78][79][80][81][82][83][84][85][86][87][88][89][90][91][92][93][94][95][96][97][98][99][100]}

⁶ Tradução do texto disponível no site Cidadania & Cultura em: <http://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2011/09/15/dez-maneiras-de-ver-uma-favela-notas-sobre-a-economia-politica-da-nova-cidade-por-gary-a-dymski/>.

O censo 2010 destacou, ainda, que a Rocinha, na Zona Sul do Rio de Janeiro, era a mais populosa do país, com 69.161 moradores. Um número questionado pela associação de moradores e por organizações não-governamentais, como descrito no capítulo três.

Por ora, o que interessa é frisar que o crescimento da população nas favelas do Rio e, principalmente, a falta de infraestrutura e a presença do tráfico de drogas nelas, serviram de elementos para a implantação do projeto da Secretaria Estadual de Segurança Pública do Rio de Janeiro que alimentou a criação do quadro Parceiro do RJ: a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP)⁷.

O objetivo principal das autoridades governamentais é, com a presença de polícias comunitárias em favelas, desarticular quadrilhas que antes controlavam estes territórios como estados paralelos.

A primeira UPP foi instalada na Favela Santa Marta em 20 de novembro de 2008. Nos anos seguintes, outras unidades foram inauguradas na Cidade de Deus, no Batan, Pavão-Pavãozinho, Morro dos Macacos e Rocinha, entre outras favelas. No início de 2015, 38 UPPs já estão implantadas e atualmente a Polícia Pacificadora conta com um efetivo de 9.543 policiais.⁸

⁷ A Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) é uma pequena força da Polícia Militar com atuação exclusiva em uma ou mais comunidades, numa região urbana que tem sua área definida por lei. Cada UPP tem sua própria sede, que pode contar com uma ou mais bases. Tem também um oficial comandante e um corpo de oficiais, sargentos, cabos e soldados, além de equipamentos próprios, como carros e motos. (http://www.upprj.com/index.php/o_que_e_upp)

⁸ <http://www.upprj.com/index.php/historico>

Tabela 1: As 10 maiores favelas do Brasil

1º Rocinha (RJ): 69.161 habitantes
2º Sol Nascente (DF): 56.483
3º Rio das Pedras (RJ): 54.793
4º Coroadinho (MA): 53.945
5º Baixadas da Estrada Nova Jurunas (PA): 53.129
6º Casa Amarela (PE): 53.030
7º Pirambú (CE): 42.878
8º Paraisópolis (SP): 42.826
9º Cidade de Deus (AM): 42.476
10º Heliópolis (SP): 41.118

Fonte: O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Dados do Censo Demográfico 2010.

As UPPs configuram uma tentativa de impor a ordem, como bem definiu Jailson dos Santos em artigo sobre as Unidades de Polícia Pacificadora:

A UPP é a expressão da ordem do poder estatal, do poder policial, o sentimento de que a paz se faz presente, tendo em vista a eliminação da lógica do confronto que a própria polícia alimentava e da disputa territorial por grupos inimigos. A eliminação do armamento ostensivo é outro fator que auxilia no sentimento de pacificação, do mesmo modo que a ampliação do direito de ir e vir dos moradores. (SANTOS, 2010)⁹

Este sentimento de paz, entretanto, nem sempre esteve presente nas favelas do Rio de Janeiro, mas o fato é que com a instalação da primeira Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) na Favela Santa Marta, nasceu o projeto Parceiro do RJ, da Rede Globo de Televisão, objeto do estudo de caso desta tese. Essa iniciativa trouxe para a TV aberta reportagens produzidas por moradores de comunidades do Rio de Janeiro, ou seja, pelos próprios sujeitos da experiência.

⁹ Artigo de Jailson dos Santos, “As Unidades Policiais Pacificadoras e os novos desafios para as favelas cariocas.” Este texto tem como referência o seminário Aspectos Humanos da Favela Carioca: ontem e hoje, realizado de 19 a 21 de maio de 2010 pelo Laboratório de Etnografia Metropolitana - LeMetro/ IFCS-UFRJ e está disponível em <http://www.observatoriodefavelas.org.br/userfiles/file/Aspectos%20humanos%20das%20favelas%20cariocas.pdf>.

A Rede Globo aparece neste contexto como agente externo, como propõe Kenneth Schmitz, de acordo com a análise de Raquel Paiva em “Propostas de viabilização comunitária”. Segundo a autora, Schmitz esclarece que há algumas maneiras de concretizar a estrutura comunitária, “na medida em que se legitima como recurso a instituição” (PAIVA, 2003, pg. 120).

Voltando ao texto “Comunidade: uma unidade ilusória”, do filósofo canadense Kenneth Schmitz, é possível fazer uma reflexão com relação à compreensão do autor da comunidade como sujeito e não como resultado das relações interpessoais. Para Schmitz, não existe um “nós”, mas sim um potencial pelo bem coletivo em cada sujeito. Em seu estudo, o autor está atento às instituições sociais legitimadas, como sindicatos e associações de moradores, como promotoras do bem comum.

Seguindo essa linha de pensamento, nos cabe olhar para a Rede Globo como um “agente externo” que possibilita que este potencial promova o bem comum existente em cada morador de favela se materialize. Em outras palavras, que a “voz da comunidade” seja ouvida em cadeia regional, a partir do trabalho da apuração e produção do próprio morador da favela.

A emissora, travestida de parceira, financia a veiculação de uma abordagem que se supõe mais autoral, na medida em que é apurada por jovens que vivenciam o dia a dia das favelas.

2.2 – A linguagem da comunidade

Em 2010, Boaventura Santos apresentou em uma palestra no Rio de Janeiro seu trabalho como *rapper*. O sociólogo criou o fictício Queni N.S.L. Oeste, um jovem *rapper* português nascido no Barreiro, bairro da periferia de Lisboa, para explorar o *rap* como linguagem alternativa. “Uma coisa é certa: o rap, tal como o blues, não podia ter sido inventado pela classe dominante”.¹⁰

Assim como Santos, acredita-se que, no momento em que jovens da periferia se inserem na produção audiovisual, constrói-se uma nova linguagem alternativa, uma narrativa *inclusiva*. Um discurso que tem em sua essência questões referentes ao universo narrado pelos próprios sujeitos da experiência. Promove, ainda, o que Boaventura Santos denominou de ecologia de saberes:

A ecologia de saberes expande o caráter testemunhal dos conhecimentos de forma a abarcar igualmente as relações entre o conhecimento científico e não-científico, alargando deste modo o alcance da intersubjetividade e interconhecimento e vice-versa (SANTOS, 2007, p. 89, apud SABACK, 2013, pp. 133-134).

E é, ainda na teoria de Boaventura Santos, com esta ecologia de saberes que se pode articular ações pós-abissais. É preciso lembrar que o autor chama de pensamento abissal um sistema de “distinções visíveis e invisíveis” que dividem a realidade social.

Ao analisar o discurso do objeto de estudo desta tese, como se verá adiante, averigua-se o nascimento desta narrativa *inclusiva* e suas consequências como, por exemplo, o surgimento de novos modelos de jornalistas comunitários. Acredita-se que o discurso produzido por essa camada da população com o amparo tecnológico, financeiro e de maior exposição, é de suma importância e não pode ser descartado do que se compreende como comunicação comunitária.

A teoria de Michel Foucault (1926 - 1984), apresentada em *A ordem do discurso* (1970), também serve de base para o pensamento desenvolvido: “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (2007, p. 10).

¹⁰ Boaventura Santos, em entrevista publicada no blog do suplemento Prosa e Verso do jornal O Globo, em 24/07/2010. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2010/07/23/boaventura-de-souza-santos-fala-sobre-rap-global-310530.asp>

O pensamento de Foucault também norteia esta pesquisa com relação à compreensão dos jovens moradores atuando como repórteres, como sujeitos que têm as novas tecnologias como aliadas na construção de novas relações sociais e oportunidades de trabalho. Esta concepção parte do conceito de heterotopia formulado por Foucault no prefácio do livro *As palavras e as coisas* (1967). Ao escrever sobre um texto do escritor Jorge Luiz Borges, que fala sobre uma enciclopédia chinesa, Foucault apresenta a possibilidade de refletir sobre os fragmentos de outras ordens possíveis, que estão além da classificação estabelecida pelo Ocidente, estão além das utopias que impregnam as palavras.

As heterotopias inquietam, sem dúvida, porque minam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque quebram os nomes comuns ou os emaranham, porque de antemão arruínam a «sintaxe», e não apenas a que constrói as frases mas também a que, embora menos manifesta, faz «manter em conjunto» (ao lado e em frente umas das outras) as palavras e as coisas. É por isso que as utopias permitem as fábulas e os discursos: elas situam-se na própria linha da linguagem, na dimensão fundamental da fábula: as heterotopias (como as que as encontram tão frequentemente em Borges) dessecam o assunto, detêm as palavras sobre si mesmas, contestam, desde a sua raiz, toda a possibilidade de gramática; desfazem os mitos e tornam estéril o lirismo das frases. (FOUCAULT, 1966, p. 6) ¹¹

Foucault voltou ao conceito de heterotopia em *Outros Espaços* (1967). No texto, ele relaciona heterotopia ao acontecimento simultâneo, à justaposição, ao lado a lado, à criação de espaços múltiplos. O autor acredita que existam lugares que, mesmo sendo diferentes daqueles em que o indivíduo se reflete, dos quais se fala, fornecem uma espécie de “experiência mista” (2006, p. 415)¹². Esta mistura permite um diálogo que apodera o ser qualquer no permanente questionamento da comunidade que ele quer que venha e, conseqüentemente, não se fixe naquela que lhe foi dada e apresentada como definitiva.

A tese de Gianni Vattimo de que os meios de comunicação de massa, os *mass media*, tornam a sociedade mais transparente, traz uma reflexão do resgate estético da existência. Para o filósofo italiano, a grande transformação ocorre devido à uma passagem da utopia à heterotopia, onde é impossível compreender a história como curso único na medida que tomaram a palavra de muitos excluídos.

¹¹ Apud SABACK, Lilian, 2010. *A autorrepresentação das favelas do Rio de Janeiro: a criação de mundos possíveis por sujeitos heterotópicos*.

¹² Idem

O que aconteceu, quanto à experiência estética e ao seu modo de referir-se à vida cotidiana, não é apenas o “regresso” da arte às suas sedes canônicas modernas; mas também, e sobretudo, o esboço da experiência estética de massa como tomada de palavra por parte de muitos sistemas de reconhecimento comunitário, de múltiplas comunidades que se manifestam, exprimem, reconhecem em modelos formais e em mitos diferentes. (VATTIMO, 1992, p. 72).

O olhar da estética do belo feito por Vattimo é valioso no sentido que aponta para a necessidade de se perceber a pluralidade como condição *si ne qua non* da vida em comum na contemporaneidade. Só assim compreende-se, por exemplo, a vivência do funk de favela nas festas do asfalto, quase como protagonista da programação musical da noite. A concepção de hibridismo cultural trabalhada pelo teórico crítico indo-britânico Home K. Bhabha também fortalece a ideia de se pensar essa mistura, essa parceria entre os detentores da técnica e os que vivenciam a vida em comunidade. Bhabha pensa as fronteiras e as pontes do pós-colonialismo que colocam em xeque as distâncias e as diferenças culturais e propõe uma construção de nacionalidade “como forma de afiliação social e textual” (BHABHA, 2010, p. 1999).

Essa *localidade* está mais *em torno* da temporalidade do que *sobre* a historicidade: uma forma de vida que é mais complexa que “comunidade”, mais simbólica que “sociedade”, mais conotativa que “país”, menos patriótica que *patrie*, mas retórica que a razão de Estado, mais mitológica que a ideologia, menos homogênea que a hegemonia, menos centrada que o cidadão, mais coletiva que “o sujeito”, mais psíquica do que a civilidade, mais híbrida na articulação de diferenças e identificações culturais do que pode ser representado em qualquer estruturação hierárquica ou binária do antagonismo social. (Idem)¹³

O pensamento de Bhabha pode parecer distante do que é proposto nesta tese, entretanto, torna-se próximo quando percebe-se que o teórico está tentando formular “estratégias complexas de identificação cultural e de interpelação discursiva que funcionam em nome “do povo” ou “da nação” e os tornam sujeitos imanentes e objetos de uma série de narrativas sociais e literárias” (Ibidem).

Sua reflexão ajuda na percepção da importância de se tentar detalhar e compreender a construção da narrativa inclusiva por meio do quadro Parceiro do RJ da TV Globo, a partir da produção dos jovens participantes do projeto como representantes das favelas da Rocinha & Vidigal, na Zona Sul do Rio de Janeiro.

Rocinha e Vidigal têm *status* de bairro desde 18 de junho de 1993, quando foi promulgada a Lei nº 1995, que estabelece as alterações nos limites dos bairros da Gávea,

¹³ Todos os grifos são do próprio autor.

Vidigal e São Conrado. A Rocinha é a 27ª Região Administrativa do município do Rio de Janeiro, com 69.161 moradores, segundo o Censo 2010. Já o Vidigal faz parte da VI Região Administrativa da cidade, a Lagoa, e tem 12.797¹⁴.

Assim como a Rocinha, o Vidigal faz parte da área de abrangência da Subprefeitura da Zona Sul da cidade, ao lado de bairros como Gávea, Leblon e Ipanema. Entretanto, no cotidiano da cidade e, principalmente no imaginário do carioca a Rocinha é a “Favela da Rocinha”, a maior do Brasil, e o Vidigal, o “Morro do Vidigal”.

Não é muito complicado entender o porquê da manutenção das nomenclaturas “favela” e “morro” quando fala-se ou pensa-se nos bairros Rocinha e Vidigal. Mudou o nome, mas não mudaram as condições de vida nas duas regiões.

Em *Favelas do Rio de Janeiro – História e direito*, o doutor em História Rafael Soares Gonçalves faz uma análise histórica da legislação e da política urbana com relação às favelas cariocas e, a partir de sua análise, pode-se começar a compreender o que ocorre. Logo após a Proclamação da República, em 1889, e durante toda a primeira metade do século XX, as diferentes reformas urbanas ocorridas no Rio de Janeiro tinham como meta erradicar as habitações insalubres (Gonçalves, 2013, p. 28). Com base em um discurso higienista legislava-se pelo fim das habitações coletivas, conhecidas como cortiços, o que obrigava a quem vivia neles a procurar moradia nos morros da cidade.

Os morros ocupados com barracos passaram a ser chamados de favelas depois que os soldados brasileiros que retornavam da Guerra dos Canudos (1896 – 1897) se instalaram no Morro da Providência. Como no local do conflito, o sertão da Bahia, havia um morro chamado *favella*, porque era coberto por uma espécie de planta chamada *favella*, apelidou-se o morro de favela¹⁵.

Uma vez nomeadas, erradicar as favelas cariocas passou a ser objeto de desejo de vários governos municipais que assistiam ao crescimento descontrolado de habitações precárias nos morros da cidade. Depois de anos e várias tentativas frustradas, na década de 1990, iniciou-se um processo de criação de políticas públicas que as integrassem à cidade.

A primeira iniciativa foi o Projeto Favela-Bairro, lançado em 1994, no primeiro governo do prefeito César Maia. O programa tinha como objetivo urbanizar as favelas, transformando-as em bairros, mas “muitos dos seus resultados acabaram aparentando

¹⁴ Dados obtidos no site do Instituto Pereira Passos (IPP) - <http://www.rio.rj.gov.br/web/ipp>.

¹⁵ Gonçalves chama a atenção para os trabalhos de Lícia Valladares e Lilian F. Vaz, que indicam que as primeiras favelas do Rio de Janeiro surgiram antes mesmo da ocupação do Morro da Providência.

mais a uma maquiagem urbanística desprovida da envergadura social que se esperava dele” (GONÇALVES, 2013, p. 334).

A atenção das autoridades para a fragilidade da infraestrutura das favelas beneficiadas pelo Favela-Bairro voltou, anos mais tarde, em 2011, quando elas foram inseridas no projeto de urbanização da gestão Eduardo Paes, o projeto Morar Carioca. Algumas, como Rocinha e Vidigal, receberam o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), promovido pelo Governo Federal com o objetivo de estimular a economia brasileira com obras de infraestrutura. Sinal de que mesmo como bairros, a Favela da Rocinha e Morro do Vidigal continuavam necessitando de obras.

Na área da educação, o investimento municipal é bem maior do que estadual tanto na Rocinha quanto no Vidigal. Em 2014, o Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) Ayrton Senna da Silva atendia em três turnos 1.612 alunos na Rocinha e, apenas no turno da noite, a Escola Estadual Almirante Tamandaré, recebia 244 alunos no Vidigal.

De acordo com dados do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP), 3.252 alunos eram atendidos pelo município em oito escolas da região, sendo sete das unidades escolares municipais dentro da Favela da Rocinha e uma no entorno. A disparidade dos números se deve, principalmente, porque o Município atende ao Ensino Fundamental, enquanto o Estado ao Ensino Médio, que reúne uma parcela menor de alunos nesta região.

Dentre as iniciativas educacionais duas ganham destaque: o Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) Professora Edir Caseiro Ribeiro, montado para receber 150 crianças de seis meses a cinco anos e 11 meses de idade; e o Ginásio Experimental de Novas Tecnologias Educacionais (Gente), na Escola Municipal André Urani, com capacidade para atender 180 alunos, do 7º ao 9º ano, com um método de ensino inovador, sem separação de salas de aula ou idade e com o uso de *tablets* e *smartphones* no material escolar.

No que diz respeito à saúde, a prefeitura da cidade, entre 2009 a 2014, havia investido R\$10 milhões na construção de duas Clínicas da Família (CF), uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) e na reforma de um Centro Municipal de Saúde (CMS). Os moradores têm à disposição também outros três CMS e um Centro de Atenção Psicossocial (Caps).

Com o trabalho da GeoRio, a prefeitura se orgulha de ter investido R\$ 31 milhões para retirar 1.757 domicílios de área de risco, repassado para a Rocinha R\$ 2 milhões da

Rio Águas, R\$ 16,7 milhões da Secretaria Municipal de Conservação (Seconserva) e R\$ 3,48 milhões da RioLuz, com a implantação e reforma de mais de 2,5 mil pontos de luz.

As condições de vida dos moradores tanto da Rocinha como do Vidigal continuam na pauta dos governos federal, estadual e municipal, entretanto, ainda há muitas contradições de dados.

Quando o Censo realizado pelo IBGE foi divulgado, em 2011, os números oficiais sobre a favela da Rocinha, por exemplo, foram contestados pela associação de moradores da favela, em reportagens publicadas na grande imprensa. Segundo depoimento do presidente da União Pró-Melhoramentos dos Moradores da Rocinha (UPMMR), Leonardo Rodrigues Lima, ao *site* G1 em 21 de dezembro de 2011, este número é bem maior. “A Rocinha tem entre 180 mil e 220 mil habitantes”, afirmou à reportagem o presidente da associação, que está na favela há mais de 30 anos.

As reclamações de Leonardo podem ter algum fundamento. Em 2010, a Secretaria de Estado da Casa Civil, por meio do EGP-Rio, mapeou e identificou o perfil de três comunidades do município do Rio de Janeiro: Rocinha, Complexo do Alemão e Manguinhos. O Censo Favelas, como foi denominado o levantamento, visou ainda uma análise das obras de urbanização e melhorias na infraestrutura promovidas pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), realizadas a partir do PAC Social. Todos os dados foram coletados, entre maio de 2008 e julho de 2009, por 1.450 moradores das comunidades, que foram treinados e supervisionados para fazer as entrevistas. O Relatório Domiciliar do EGP-Rio informa que “a população efetivamente recenseada pelo trabalho chega a 73.410 indivíduos”. Ainda segundo este relatório, uma “estimativa populacional, considerando os recenseados na Rocinha, as recusas e as residências com moradores ausentes, chega a 98.319 pessoas”.

O fato é, entretanto, que com 70 mil ou 100 mil moradores, a Rocinha é a maior favela do Brasil. De acordo com uma pesquisa realizada em 2014 pelo Instituto Data Favela, ao lado do Vidigal, a Rocinha tinha uma das maiores rendas domiciliares entre as favelas do Rio de Janeiro: No Vidigal a média era de R\$ 1.744,00 e na Rocinha R\$ 1.291,00. (MEIRELLES & ATHAYDE, 2014, p. 39).

Nos últimos anos, depois de 2012, com a pacificação, “a comunidade se valorizou e encareceu”, e fez com que registrasse o maior índice acumulado da inflação entre as favelas cariocas, (*idem*, p. 75). Gonçalves chama a atenção para o fato de a Rocinha ser uma espécie de difusor de ideias sobre as comunidades cariocas.

A Favela da Rocinha tornou-se, notadamente a partir de 2004, um campo de batalha entre as quadrilhas e a polícia. É preciso salientar que a Rocinha não é apenas uma das maiores e mais célebres favelas da cidade, mas também está situada em uma zona estratégica, às margens da autoestrada que liga a Zona Sul à Barra da Tijuca. O resultado é que tudo que se passa na Rocinha ganha uma visibilidade ímpar e é rapidamente generalizado para o conjunto de favelas da cidade. (GONÇALVES, 2013, p. 342)

A visibilidade a que Gonçalves se refere diz respeito à imprensa nacional e, principalmente, à internacional, aquela que acaba por cristalizar e estigmatizar a ideia que se faz de quem vive em uma favela. Com a necessidade de romper com este paradigma, as mídias comunitárias passam a ser fundamentais na desconstrução de um discurso que surge como totalizante, incapaz de reproduzir as particularidades de cada favela da cidade.

Na comunidade acadêmica brasileira dois nomes servem como referência na pesquisa em torno da comunicação comunitária: Cicilia Peruzzo e Raquel Paiva. Para ambas, esta comunicação trabalha intencionalmente pelo bem comum. Entretanto, observa-se na obra das duas uma diferença que se fará fundamental para este trabalho: Peruzzo investiga os processos de comunicação comunitária, enquanto Paiva debruça-se sobre os modos.

Se para uma interessa o acesso à cidadania a partir da elaboração de uma mídia comunitária, para outra torna-se fundamental a compreensão do compartilhamento, do vínculo, do afeto promovido a partir desta ação tida como comunitária. Raquel Paiva nos apresenta o conceito de comunidade gerativa como “o conjunto de ações (norteadas pelo propósito do bem comum) passíveis de serem executadas por um grupo e/ou conjunto de cidadãos” (PAIVA, In Peruzzo, 2004, pp. 57-74).

No esforço de construção da ideia de comunidade do afeto, a pesquisadora nos atualiza quanto à necessidade de pensar esta nova forma de estar junto que se apresenta na contemporaneidade, onde os novos mecanismos de conexão e troca de informação deflagram a necessidade de um novo modelo de produção midiática.

Esta pesquisa, portanto, está vinculada teoricamente aos estudos que vêm sendo desenvolvidos por Raquel Paiva e pelos pesquisadores do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (Lecc), da ECO/UFRJ no que se refere aos conceitos de comunidade e comunicação comunitária.

A pesquisadora investiga o conceito de comunidade e toda a reflexão feita por ela permite pensar o esgotamento da necessidade da ocupação de um mesmo espaço para

uma ação comunitária. Ao avaliar o perfil do veículo comunitário, Raquel Paiva destaca que uma das razões para a criação deste tipo de meio de comunicação é “a vontade de ‘produção de discurso’ próprio, sem filtros e intermediários” (2003, p. 139).

No artigo “*Para reinterpretar a comunicação comunitária*”¹⁶, a autora vai além e identifica sete pilares que mantêm a perspectiva comunitária no campo comunicacional. Entre eles está a comunicação comunitária como produtora de novas formas de linguagem.

No que se refere às questões do telejornalismo produzido por jovens nascidos e criados em favelas, estima-se que funcione como uma nova linguagem audiovisual e, desta forma, apresente novas mensagens e seja um novo dispositivo de saber e poder.

No projeto “Comunicação, Comunidade e Humanismo Prático”, desenvolvido pelo LECC/UFRJ, entre 2004 e 2006, foi constatada a apresentação das populações socialmente periféricas por meio de conteúdos jornalísticos pautados por temas casados: tráfico de drogas-violência. Durante seis meses, entre agosto de 2005 e fevereiro de 2006, foi feita uma análise qualitativa e quantitativa diária de três jornais impressos: *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *O Dia*. De *O Globo* foram selecionadas 645 matérias com referência às comunidades pobres do Rio de Janeiro, sendo 462 (71,6% do total) publicadas na editoria Rio do jornal. Neste recorte, 314 reportagens, ou seja, 68%, tratavam de questões relacionadas ao tráfico de drogas e/ou violência. (PAIVA & NÓRA, 2008, p. 21).

O “humanismo prático”, defendido por Raquel Paiva e Gabriela Nóra, se sustenta pelas relações de comunicação que “não se pautam pela esfera do discurso, e sim pela dimensão do sensível (emoções, sentimentos, visibilidade, estesia).” Com esta concepção, as autoras concluem que a alternativa para mudar este quadro é uma mídia comunitária em que “a agregação se dê pela valorização da sua identidade, enfoque na aglutinação de sua população em busca da solução de seus problemas.” (idem, pp. 13 - 27).

Outro levantamento, *Mídia e favela: comunicação e democracia nas favelas e espaços populares* (2012)¹⁷, uma pesquisa feita pelo Observatório de Favelas¹⁸, também traz uma análise de reportagens, cujos temas centrais ou transversais são questões

¹⁶ In *O retorno da comunidade - os novos caminhos do social*, org. Raquel Paiva, Editora Mauad, 2007.

¹⁷ Disponível em:

http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/06/Midia-e-favela_publicacao.pdf

¹⁸ O Observatório de Favelas foi criado em 2001, na Favela da Maré, no Rio de Janeiro, e desde 2003 é uma organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP). Foi fundado por pesquisadores e profissionais de espaços populares, com o objetivo de elaborar conceitos, metodologias, projetos, programas e práticas que contribuam na formulação e avaliação de políticas públicas voltadas para a superação das desigualdades sociais.

relacionadas às favelas e espaços populares. Ao todo, o estudo analisou, durante seis meses de 2011, 640 matérias dos Jornais cariocas *O Globo*, *Extra* e *Meia-Hora* e identificou que, em 70% delas, os temas “violência, criminalidade e drogas” estavam presentes (SOUZA E SILVA & ANSEL, 2012, p. 33).

Temas como saúde, saneamento e transporte, assim, como cultura, esporte e lazer, praticamente inexistiam como assunto de pauta para os jornais investigados¹⁹. As constatações obtidas com pesquisas como as citadas tornam, ainda, mais contundente a importância da comunicação comunitária, aquela em que é produzida de dentro de uma favela por seus moradores. É, ainda, um sinal de que é necessário identificar que assuntos estão em evidência nesta narrativa produzida pelo quadro Parceiro do RJ a partir da troca de saberes de jovens de favelas com jornalistas profissionais da TV Globo.

¹⁹ O resultado da análise feita pelo “Observatório de Mídia” detalha mês a mês as reportagens observadas. Os percentuais por assunto estão nas páginas 33-36.

2.3 – O jornalismo comunitário

O jornalismo cidadão, chamado também de jornalismo democrático, jornalismo participativo ou jornalismo colaborativo é uma referência significativa para a narrativa inclusiva, na medida em que tem, em seus produtores, jornalistas não-profissionais. Trata-se de um gênero de jornalismo que ainda tem seu conceito pouco trabalhado, mas que pode ser compreendido como consequência desta nova forma de estar no mundo, denominada por Sodré (2002) como *bios midiático*.

O bios formulado por Sodré dialoga com a teoria de Aristóteles dos três bios: *bios apolaustikos*, a esfera dos sentidos, dos prazeres; *bios theoretikos*, a esfera do conhecimento; e *bios politikos*, a esfera da política, das relações sociais. No *bios midiático* a mídia, regida por uma lógica mercadológica, é a esfera existencial, que faz com que o ser humano viva uma intensa relação com a informação midiaticizada.

É nesta ambiência da mídia que as pessoas estabelecem seus valores, condutas e escolhas. Uma condição de vida que encontra na *sociedade em rede* (CASTELLS, 2006), em que vivemos desde o fim do século XX, o espaço ideal para ser exercida. A *sociedade em rede* prima pela convergência de mídias em um espaço virtual onde muitas pessoas falam com milhares de outras. Ela fornece a todo e qualquer cidadão conectado à internet ferramentas que magnanimamente autorizam a o registro de fatos com valores-notícia (TRAQUINA, 2002), até então exclusividade dos jornalistas profissionais. O que faz da internet a plataforma ideal para a criação deste gênero de jornalismo cidadão/participativo/democrático/colaborativo.

No artigo “Jornalismo Cidadão assume o lead”, publicado no site do Observatório da Imprensa (www.observatoriodaimprensa.com.br), Leandro Marshall, analista em Ciência e Tecnologia no Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação e doutor em Ciências da Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, confirma esta perspectiva.

Os mais inovadores caminhos abertos pelas tecnologias digitais viraram o centro do picadeiro do jornalismo-cidadão. Produzida a partir de uma infinidade de técnicas, a informação pode ser retransmitida pelos canais eletrônicos a partir de *weblogs* (páginas de textos, imagens ou vídeos), e-mails (mensagens de textos), *flogs* (blogs feitos com fotos), *vlogs* (blogs feitos com vídeos), *podcasts* (arquivos de som, vídeo e imagens), *wiki* (sites que permitem adicionar conteúdos), *tweets* (mensagens curtas com até 140 caracteres), além da infinidade de ferramentas criadas pelas redes sociais, como o *Facebook*, o *Orkut*, o *Tumblr* e o *LinkedIn*, assim como as tecnologias de armazenamento e exibição de vídeos, como o

YouTube, comunicação online, como o *Skype*, e fotografias, como o *Instagram*. (MARSHALL, 2013)²⁰

Marshal é otimista com o novo cenário. Para o pesquisador, neste circo digital o “cidadão-show, o cidadão-espetáculo, o cidadão-obra-de-arte, descobriu que ele mesmo pode instituir, “induzindo” e “conduzindo”, os fatos e os fenômenos sociais”²¹.

Os jornalistas Ana Carmen Foschini e Roberto Romano Taddei, autores de *Jornalismo cidadão – Você faz a notícia*, vão além e disponibilizam na internet a “Coleção conquiste a Rede”, que convida o cidadão a fazer parte “da plataforma onde vozes de todo o mundo interagem.” Os autores afirmam que “com um pouco de conhecimento, cada um de nós pode tornar-se dono de um veículo de comunicação.”²²

Foschini e Taddei se apoiam principalmente no trabalho do jornalista norte-americano Dan Gillmor, autor do livro *We the Media* (2004), um dos primeiros a fazer um análise do jornalismo cidadão. Eles se apropriam da metáfora criada por Gillmor que apresenta o novo gênero de jornalismo como uma conversa entre quem faz e quem recebe a notícia, que substitui a palestra até então imposta pelos veículos de comunicação, onde um fala e a audiência escuta. Essa mudança de postura do até então apenas leitor/ouvinte/espectador/usuário faz com que os veículos de comunicação de todo o mundo criem estratégias para se inserir no novo modelo de jornalismo, sem descaracterizar o “seu” modo de fazer jornalismo.

Uma das experiências mais representativas deste novo cenário foi lançada no dia 2 de agosto de 2006 pela emissora norte-americana CNN: o *iReport*. De acordo com depoimento dado pela diretora sênior da CNN e criadora do *iReport*, Lila King, ao site *IDGNow!*, publicado em 21 de outubro de 2008, o projeto foi elaborado aos poucos e tomou forma em dezembro de 2005, durante o tsunami na Ásia, quando a emissora percebeu que o repórter não poderia estar sempre onde houvesse notícia naquele momento.

Foi desta maneira (pelas lentes cidadãs) que vimos a tragédia (do tsunami) - não era de repórteres caminhando pela praia, mas de pessoas da região que tinham câmeras e estavam documentando os locais. Foi uma história enorme e totalmente impactante que teve como fonte principal os registros dos "leitores".²³

²⁰ http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed744_jornalismo_cidadao_assume_controle_do_lead, acessado em 13 de julho de 2014.

²¹ Idem.

²² O Pdf do texto está disponível para *download* no Portal Biblioteca de Domínio Público: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=33104

²³ A entrevista está disponível no site:

A partir de então, o *iReport* virou um fenômeno de jornalismo participativo. Na mesma entrevista, Lila King, se orgulhava que naquele ano, 2008, recebiam em média 15 mil histórias por mês. Em reportagens publicadas em sites especializados, como o Poynter.org, há a informação de que depois de ser reformulado, em 2011, o projeto cresceu ainda mais e atingiu a marca de 955 mil contribuidores e, ainda, que a *CNN* usa cerca de 7% do conteúdo cidadão do *iReport*.

Na Europa, a emissora pública BBC de Londres também aderiu à parceria com o cidadão com o objetivo de informar mais e melhor. No site da emissora há um espaço destinado para o envio de fotos e vídeos. “*So if you think you have a news photograph or video we may be interested in, send it to the BBC News website. Click here to upload your video and images. If you want to e-mail it to us, send it to yourpics@bbc.co.uk.*”²⁴ ²⁵

Na década de 1970, o jornalista Alberdo Dines escreveu: “quando um movimento carece de ideias, cuida-se logo de batizá-lo. (...) O que não existe passa a existir ao receber um nome.” (DINES, 1986, p. 89). O jornalista se referia ao gênero de jornalismo classificado, segundo ele, pelos “intelectuais norte-americanos como “novo jornalismo” ou “*new journalism*”. Dines explica que o “movimento literário” tinha como um dos expoentes o repórter Tom Wolfe, autor do *best-seller A Fogueira das Vaidades* (1987), e na verdade era “um velho estilo de escrever, adaptando ao que produzem aqueles intelectuais e seus companheiros, entre a crônica, a reportagem e o depoimento” (idem). Dines está dizendo que isso já era feito no jornalismo por aqueles que tinham “potencial” e “nome” para isto.

Ao que parece algo semelhante está acontecendo: o século XXI e os constantes avanços tecnológicos estão promovendo mais um gênero para o jornalismo. O novo modelo de jornalismo que recebe a assinatura do cidadão comum, na verdade é uma adaptação do que produzem os donos de empresas de comunicação com o material que os cidadãos comuns estão colhendo de flagrantes com seus potentes telefones celulares capazes de gravar e fotografar qualquer situação.

Esse tipo de fórmula já era usado pelas empresas de comunicação sempre que havia este movimento por parte do cidadão comum e passou a ser mais intenso com as

<http://www.eventosnowdigital.com.br/idgnow/internet/ideia20/archive/2008/09/11/entrevista-lila-king-detalha-impacto-da-web-no-jornalismo-da-cnn>.

²⁴ “Se você acha que tem qualquer fotografia ou vídeo disponível notícia que possamos estar interessado, envie para o site da BBC News. Clique aqui para enviar o seu vídeo e imagens. Se você quer enviar um e-mail para nós, escreva para yourpics@bbc.co.uk. (Tradução livre feita pela autora da tese).

²⁵ <http://www.bbc.com/news/world-10776546>.

novas tecnologias. Criou-se uma concorrência na disputa pelo que “o povo” está gravando e fotografando, e isso exigiu que fosse criado um gênero jornalístico para justificar o uso mais frequente desse tipo de material pela grande mídia.

O jornalismo cidadão, entretanto, apesar de trazer o olhar do cidadão comum, aquele que não tem a formação profissional de jornalismo, não substitui, ou se equivale, ao gênero jornalismo comunitário. Em *O espírito comum* (2003), Raquel Paiva destaca o pensamento de outro teórico da comunicação, Ciro Marcondes Filho, para registrar uma das características do jornalismo comunitário que, definitivamente, o difere do novo jornalismo cidadão: sua proposta política. Paiva explica que, para Marcondes Filho, na comunicação comunitária o “comprometimento político” é um fator determinante e se apresenta da seguinte forma:

o jornalismo comunitário é o meio de comunicação que interliga, atualiza e organiza a comunidade, e realiza os fins a que ela se propõe. (...) Um jornal comunitário (...) é elaborado por membros de uma comunidade que procuram através dele obter mais força política, melhor poder de barganha, mais impacto social, não para alguns interesses particularizados (anunciantes, figuras proeminentes), mas para toda a comunidade que esteja operando o veículo. (MARCONDES FILHO, apud PAIVA, 2003, p. 136)

Na análise feita por Paiva estão em questão a criação e a gestão do veículo comunitário. A pesquisadora questiona a incoerência de Marcondes Filho em afirmar que o jornal comunitário deve ser feito por integrantes da comunidade, na medida em que, segundo Paiva, um dos objetivos do texto de Marcondes Filho é justamente

apontar essa atuação como uma possibilidade de atividade para o profissional de Comunicação Social, mas também demonstrar a viabilidade de resgate do compromisso ético que norteia o exercício da profissão como agente social. (PAIVA, 2003, p. 137)

A pesquisadora segue no desenvolvimento do seu pensamento sobre o perfil do veículo comunitário destacando as recomendações que constam nos manuais produzidos pelo *Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina* (Ciespal), organização internacional disposta a formar repórteres populares a partir dos integrantes da comunidade.

No que se refere à concepção de notícia, as orientações são similares a todas aquelas previstas nos manuais de redação da imprensa convencional, entretanto, uma questão é contrária à ministrada na prática diária de um veículo de imprensa: é

recomendado que “não sejam dadas muitas notícias, evitando assim a montagem de mosaico informativo, ao cabo do qual não se retém qualquer dado.” (idem, p.139).

Em outras palavras, a intenção é informar a comunidade com o objetivo de promover mobilização em prol do exercício da cidadania de seus moradores e não copiar o modelo tradicional calcado no padrão norte-americano dos anos de 1960, que desenhou a essência da notícia como espetáculo. Contudo, Paiva retorna à questão da gestão do veículo de comunicação comunitária para apontar positivamente a presença de um *agente externo*.

Apesar do entendimento quase generalizado de que um veículo de comunicação comunitária deva ser elaborado pelos membros da própria comunidade, é possível considerar que, com as novas luzes sobre a viabilidade da estrutura comunitária na atualidade, descortina-se a função do comunicador social, como o profissional que pode estar habilitado a trabalhar com esse novo desenho social. Muito mais que um publicitário, jornalista ou radialista, esse profissional deve ser alertado para o seu papel de agente social, aquele que primeiramente é capaz de promover e potencializar a articulação comunitária, seja via instituições (desde prefeituras, órgãos municipais e organismos não-governamentais) ou por meio da evocação duma comunidade determinada. (PAIVA, 2003, p. 143)

Esta tese acompanha o pensamento de Paiva e considera que a participação ou apoio de um jornalista profissional na produção de jornalismo comunitário, seja ele impresso, audiovisual ou digital, não invalida a proposta. Indo além, acredita-se que esta participação de um jornalista profissional promove um diálogo onde as duas partes saem ganhando. Enquanto os jornalistas profissionais descortinam um universo que lhes é, na maioria das vezes, desconhecido e atuam como agentes sociais, os jornalistas populares adquirem ou aprimoram as técnicas necessárias para a produção de um veículo de comunicação que efetivamente informe.

A dinâmica proposta pela Ciespal com cursos de capacitação, ao longo das últimas décadas, foi multiplicada por agentes externos. Em 2005, por exemplo, a organização da sociedade civil Observatório de Favelas criou a Escola Popular de Comunicação Crítica (ESPOCC), no complexo da Maré, no Rio de Janeiro.

A iniciativa conta com o apoio acadêmico de instituições de ensino superior como a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Federal Fluminense (UFF) e com o suporte técnico de empresas de comunicação como o Canal Futura, uma emissora a cabo da Fundação Roberto Marinho. A ESPOCC já formou comunicadores

populares nas áreas de audiovisual, jornalismo e fotografia que, em seguida, passaram a atuar em experiências de comunicação vinculadas ao Observatório.

A CUFA (Central Única das Favelas) é outra organização que corrobora a formação de comunicadores populares. A CUFA nasceu no Rio de Janeiro em 1998, inspirada no movimento social de denúncia iniciado pelos *rappers* das comunidades da periferia carioca. Em quase duas décadas de existência, tornou-se um referencial para os moradores de comunidades e, atualmente, tem bases em vários estados do Brasil, como São Paulo, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Ceará, Distrito Federal, Mato Grosso e Bahia.

No Rio de Janeiro, há núcleos de trabalho na Cidade de Deus (Jacarepaguá), Complexo Acari, Jardim Nova Era (Nova Iguaçu), Jacarezinho e Pedra do Sapo. São ações nas áreas de cultura, esporte e lazer, ou seja, espaços para experiências culturais. O primeiro Núcleo de Audiovisual da CUFA foi criado em 2002, na Cidade de Deus, Zona Oeste da cidade, com o objetivo principal de capacitar jovens da comunidade para o mercado de trabalho e, por conseguinte, apresentá-los como cidadãos que são, e não como a grande mídia acostumou a apresentá-los.

Para formar novos profissionais do audiovisual, a organização não governamental (ONG) escala diretores, produtores e roteiristas da própria comunidade e convida profissionais do mercado cinematográfico e acadêmicos para ministrar palestras. Cursos como os da ESPOCC e da CUFA contribuem para o aumento crescente do número de veículos comunitários nas favelas do Rio de Janeiro.

A tabela a seguir é fruto da já citada pesquisa *Mídia e favela: comunicação e democracia nas favelas e espaços populares*. O estudo revela que, em 2011, havia 104 veículos de comunicação em favelas e espaços populares da região metropolitana do Rio de Janeiro. Deste total, 73 responderam a um formulário que permitiu aos pesquisadores traçar um panorama quanto aos aspectos comuns identificados.

Entre os dados destacados estão os tipos de veículos de comunicação mais comuns: blogs (23), jornais impressos (18) e rádios (12). “Dos 73 que responderam ao questionário, 39 são veículos de Internet (blogs, sites, web-TVs, web-rádios etc.). Apenas um veículo figura na categoria “Outro”. Trata-se do Boletim Notícias & Análises do Observatório de Favelas, enviado aos leitores via e-mail.” (2012, p. 25).

5. Comunidades dos veículos			
Baixada	Conjunto Habitacional de Nova Campinas	Blog Esperança de Nova Campinas	
	BNH	Itinerante	
	Morro Agudo	Enraizados	
Centro	Morro da Providência	Entre o Céu e a Favela Site Comunidade da Providência Blog pela Moradia	
	Rio das Pedras	RP Notícias Portal da Cidade de Deus	
Zona Oeste	Cidade de Deus	A Notícia por Quem Vive	
	Vila Kennedy	Portal da Vila Kennedy	
	Vila Aliança	BEG TV	
	Senador Camará	Rádio Clube 103,3 FM	
	Santa Marta	Rádio Santa Marta	
	Chapéu Mangueira	Alto Leme	
Zona Sul	Pavão/ Pavãozinho/ Cantagalo	Rádio Zona Sul FM Museu de Favela O Canto do Galo	
	Vidigal	Rádio Novas Ondas Jornal Novas Ondas VDGTV Vidigal Rádio Estilo Livre	
		Rocinha	Barraco@dentro FavelaDaRocinha.com Rádio Roc FavelaDaRocinha Portal Rocinha.org Rádio Brisa TV Tagarela
			Parque Columbia
	Borel		Notícias do Borel
	Parada de Lucas		Rádio do Valle
	Jacarezinho	Agência de Notícias das Favelas A Voz da Favela	
		Complexo do Alemão	Descolando Ideias Raízes em Movimento
	Manguinhos		Atrever Jornal Manguinação Participação Cidadã Comunidade na Saúde
		Maré	Rádio Maré Blog O Cotidiano Blog O Cidadão O Cidadão Maré de Notícias Notícias & Análises

Tabela2: Tabela publicada em *Mídia e favela: comunicação e democracia nas favelas e espaços populares* (2012).

Para esta tese, o dado mais relevante está no mapeamento feito da região metropolitana do Rio de Janeiro: dos 104 veículos de comunicação comunitária identificados, 16 estavam na Zona Sul do Rio de Janeiro, sendo sete na Favela da Rocinha e quatro no Morro do Vidigal.

Apesar do conceito de jornalismo cidadão ainda estar em processo de consolidação e o jornalismo comunitário viver o processo de crescimento técnico e profissional, de certa forma eles contribuem para o fortalecimento de concepções teóricas que cercam os estudos que mergulham nos produtos jornalísticos.

Teóricos como Nelson Traquina e Pierre Bourdieu ensinam que as notícias têm valores estabelecidos a partir de uma seleção e uma construção, ambas feitas por profissionais de imprensa. “Os jornalistas têm óculos especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado” (BOURDIEU, 1997, p. 25). Para o teórico, a decisão do que é notícia está nos critérios estabelecidos por esses profissionais.

Ao detalhar os valores-notícias de seleção, Traquina apresenta critérios substantivos, aqueles que estão ligados à importância ou interesse do acontecimento, e contextuais, relacionados diretamente com a produção da notícia. Entre os valores substantivos estão, por exemplo, a novidade e a notoriedade do fato; entre os contextuais a facilidade para fazer a cobertura e os elementos visuais que endossam a informação. Os valores-notícia de construção reúnem a simplificação, a amplificação, a relevância, a personalização, a dramatização e a consonância. (TRAQUINA, 2008, pp. 77-93).

O jornalista e professor doutor em comunicação Alfredo Eurico Vizeu Pereira Jr, acredita que os valores-notícia não são sempre os mesmos, eles mudam. Sua tese é de que se há mudanças na esfera informativa, como a digitalização dos veículos de comunicação, há uma redefinição dos valores-notícia. Vizeu escreve no final do século XX e está atento ao telejornalismo da *TV Globo* e, sendo assim usa como exemplo a passagem, nas emissoras de televisão, das ilhas analógicas de edição para as digitais.

Os valores-notícia contribuem para tornar possível a rotinização do trabalho jornalístico. São contextualizados no processo produtivo onde adquirem o seu significado, desempenham a sua função e se revestem daquela aparência que os torna elementos dados como certo. É o chamado senso comum das redações. (VIZEU, 2001, p. 81)

No momento em que as tecnologias colocam o cidadão comum de posse de lupas capazes de captar a notícia, é necessário que os jornalistas profissionais apreendam o que, de acordo com a seleção deles, deva se transformar em discurso na mídia. Além disso, estar alerta quanto ao momento em que é preciso mudar é uma atitude recorrente para aqueles que estão à frente dos meios de comunicação.

De acordo com o doutor em comunicação e jornalista português, José Rebelo, a mudança, seja ela em sua linha editorial ou, simplesmente, no design gráfico, muitas vezes funciona como estratégia para manutenção do público e propagação de seu discurso. Em *O Discurso do Jornal*, Rebelo deflagra esta e outras estratégias usadas pelo jornalismo impresso para fidelizar seu público e garantir sua receita. Citando Eric Landovski, o autor revela o jornal como sujeito semiótico, tendo suas funções narrativa e informativa.

O fazer jornalístico desenvolve-se em dois planos. No primeiro, o jornal procura narrar as notícias do dia. Cumpre a sua função referencial ou, para utilizar uma expressão corrente, a sua função informativa. Simultaneamente, porém, e num segundo plano, gera sistemas de valores - associados à posição do jornal como

sujeito da enunciação – que configuram a narrativa produzida. Esta, já não é uma narrativa qualquer. É a narrativa do jornal. Se no primeiro plano, o plano do récit, prevalece o saber sobre "aquilo de que se fala", no segundo, o plano do discurso, prevalece o saber sobre "de que modo é que se fala" e "porque é que se fala". Na justaposição destes dois planos enraíza-se a capacidade do jornal de, por um lado, representar o real, construindo assim uma história do presente, e, por outro, despertar e alimentar um hábito junto da clientela cuja expectativa satisfaz quotidianamente. (REBELO, 2000, p. 33)

Rebello desenvolve seu pensamento exibindo a existência de títulos informativos, que noticiam o que está na ordem do dia, e títulos referenciais que sustentam o discurso do jornal. Pensando o título referencial como a manchete referencial de um telejornal e a sua correlativa chamada informacional. Com a necessidade de informar o que ocorre nas comunidades do Rio de Janeiro unida ao esforço de *falar* com o morador de comunidades do Rio, a TV Globo cria o quadro Parceiro do RJ.

O quadro gera uma diferença no telejornalismo da emissora e, de certa forma, reproduz o paradigma do porta-voz que neutraliza a opinião pública. A emissora fala como a “concorrente” por meio de jovens moradores de favela e não altera, contudo, o seu estilo jornalístico como um todo. Ela cria dentro do seu jornalismo um espaço autorizado para mexer no padrão Globo de qualidade. Entretanto, ela mesma, ou seja, seus repórteres não invadem esse espaço. Ele é comandado pelos repórteres parceiros, os moradores de comunidades.

Ao legitimar os moradores de comunidades a falarem dentro do seu telejornal regional, a Rede Globo cria uma ponte de troca simbólica entre duas competências, para usar uma expressão de Bourdieu, no que se refere à comunicação estabelecida entre os jornalistas da emissora e os repórteres comunitários. Para Bourdieu, no ato da comunicação existe, além de uma troca linguística, uma troca simbólica.

Em outras palavras, escolhe-se como falar de acordo de onde, para e com quem se fala. Em *O Que Falar Quer Dizer: a economia das trocas simbólicas* (1998), o filósofo francês nos apresenta sua tese. Entretanto, durante uma Intervenção dele no Congresso da Associação Francesa dos Docentes de Francês (AFEF), em Limoges, uma década antes, em 1977, o filósofo já falava da questão da competência como norteadora de um valor de troca que acaba por transformar a comunicação em um mercado. Já naquela época, Bourdieu defendia a possibilidade de pensar o mercado linguístico, fosse em uma conversa entre duas donas de casa, em uma sala de aula ou durante uma entrevista de trabalho.

O que está em questão, quando dois locutores se falam, é a relação objetiva entre suas competências, não apenas sua competência lingüística (seu domínio mais ou menos completo da linguagem legítima), mas também o conjunto de sua competência social, seu direito a falar, que depende objetivamente de seu sexo, sua idade, sua religião, seu estatuto econômico, e seu estatuto social, assim como das informações que poderiam ser conhecidas antes ou ser antecipadas através de indícios imperceptíveis (ele é cortês, ele tem uma medalha, etc.). Esta relação passa sua estrutura para o mercado e define um certo tipo de lei da formação de preços. Há uma microeconomia e uma macroeconomia de produtos lingüísticos, estando claro que a microeconomia nunca é autônoma em relação às leis macroeconômicas. (BOURDIEU, 1978, p. 11)

Transpondo a análise de Bourdieu para a produção de um telejornal, pode-se supor essa troca de competências entre a Rede Globo e a comunidade com seus repórteres parceiros. Mais especificamente por meio do modo de fazer telejornalismo parceiro, que será explorado no quinto capítulo desta tese. Um modo que concilia duas competências distintas: o conhecimento do cotidiano das comunidades e o domínio das técnicas que cercam o telejornalismo. Uma que possui os detalhes da microeconomia e outra detentora da macroeconomia.

Em outras palavras, os moradores das comunidades possuem as informações, mas veiculá-las na emissora de maior audiência do país faz parte do desejo de tornar pública sua realidade. Um desejo que se alimenta da aspiração de falar para além da favela, de atingir o grande público.

Como em uma via de mão dupla, da mesma forma que os grandes meios de comunicação precisam do jornalismo comunitário para falar de um cotidiano que é deles, os veículos de comunicação comunitária entendem que precisam dos meios tradicionais para obterem repostas às suas demandas.

A ação recíproca pode ser consequência do fortalecimento do universo digital, que alterou definitivamente a emissão e a propagação da informação. É fato que, por meio de *blogs*, *sites* e, por que não, pelas redes sociais como *Facebook* e o *Twitter*, a comunidade está falando para um número maior de pessoas. Entretanto, se não são seus pares, são pessoas interessadas em suas causas. Desta forma, ingressar em um canal aberto de televisão, ainda é sem dúvida uma maneira de ampliar sua voz.

É preciso, ainda, acrescentar a esta troca de competências no que ensinou sobre o conceito de narrativa outro filósofo da escola francesa, Paul Ricoeur. Para o autor da consagrada trilogia *Tempo e Narrativa* (2010), a narrativa histórica é construída a partir da relação entre a experiência e a consciência de cada um. Ricoeur está pensando o trabalho do historiador, a produção da narrativa e o tempo narrado.

Pensando o jornalismo como o registro de episódios históricos, pode-se supor o texto jornalístico como uma narrativa histórica (claro que respeitando as diferenças dos estilos). De qualquer forma, a narrativa do jornalista é alimentada por toda a sua vivência. No caso das reportagens do quadro *Parceiro do RJ*, observa-se que, por meio da consciência da vida em comunidade do repórter parceiro e a experiência técnica e mercadológica dos profissionais de jornalismo da TV Globo, a construção de uma narrativa histórica do cotidiano de uma parcela da população do Rio de Janeiro. Uma narrativa que combina experiências e traz com ela uma série de arquivos da memória.

Seria muito ingênuo pensar que a narrativa do jornalismo comunitário é genuína, totalmente autêntica, entretanto, parece correto dizer que as produções promovem um movimento pouco comum à história do jornalismo brasileiro: um olhar de dentro para dentro. Uma autorrepresentação construída a partir das concepções e valores dos próprios sujeitos da experiência.

Os “jornalistas comunitários” são produtores de um saber nos moldes desenhado por Michel Foucault no final da década de 60, observado por Gilles Deleuze (1925 - 1995) no texto “Os estratos ou formações históricas: o visível e o enunciável (saber).”

Deleuze destaca que o saber *foucaultiano* é “a unidade de estrato que se distribui nos diferentes liminares, não existindo o próprio extrato senão como empilhamento desses limiares sob orientações diversas, de que a ciência é apenas uma.” (DELEUZE, 1995, p. 78). Esta análise possibilita pensar que a formação do saber dos “jornalistas comunitários”, principalmente aqueles que lançam mão da linguagem audiovisual para reportar a história da comunidade, é constituído, principalmente, por seus *arquivos audiovisuais* segundo a concepção de Deleuze. Para o filósofo francês, os arquivos audiovisuais reúnem todo o arquivo sensorial apreendido pelos indivíduos ao longo da vida.

Um bom exemplo de saber construído a partir do acervo imagético absorvido pela televisão é o documentário *Entre muros e favelas: violência policial no Rio de Janeiro* (2005). Uma coprodução Brasil-Alemanha, que contou com o trabalho de veículos de comunicação comunitária: Trever de Manguinhos, TV Tagarela da Rocinha e da AK Kraak de Berlin (produtora de vídeo coletivo independente).

O documentário, de 56 minutos de duração, apresenta depoimentos de mães que tiveram os filhos assassinados e, também, de algumas lideranças dos movimentos populares mortos em incursões policiais nas favelas. A análise da produção feita por Angeluccia Habert desvenda essa influência da televisão.

Relata-se que um jovem morreu antes de tal programa de televisão e enfatiza-se a sua presença habitual na vida das pessoas que pode ser somada ao descrédito das outras instituições. Parece verdade, a edição da realidade pela televisão não impede (ao contrário, talvez, só impulse) que as lideranças e os relatos das mães denunciem as instituições policiais, o judiciário e o executivo e acompanhem a expressão de TrinhTMinh-há: “A verdade é produzida, induzida e dilatada de acordo com o regime que está no poder”. Do meu ponto de vista, não tenho muitas dúvidas de que esta penetração que a televisão exerce – somada às outras mídias – seja a força mais hegemônica na produção do imaginário coletivo, como escreve Marc Augé (1997:3): “... o novo regime de ficção que afeta hoje a vida social, a contamina, a penetra, a ponto de nos fazer duvidar dela, da sua realidade, do seu sentido e das categorias (a identidade, a alteridade) que constituem e a definem”. Assim observo a importância deste filme e as imagens que suscita, ao rever as ficções mais costumeiras sobre a violência urbana. (HABERT, 2009, p. 42)

A televisão invade o imaginário do telespectador, que absorve o seu conteúdo, sua estética à sua maneira. Cada telespectador recebe informações e as acumula no seu arquivo pessoal, a memória. Ao pensar a produção do quadro Parceiro do RJ, assim como as demais produções audiovisuais dos moradores de favelas do Rio de Janeiro à luz do conceito de Deleuze, acredita-se que os “arquivos”, “as referências” dos “jornalistas comunitários” passam necessariamente pela produção da televisão brasileira, em especial as emissoras de canal aberto, que chegam gratuitamente a todas as casas do país. A estética²⁶ proposta pela produções jornalísticas das emissoras de TV de canal aberto é absorvida mesmo sem querer e misturada a valores, conceitos e experiências.

Neste momento, pensa-se estética como específica da televisão que se define em geral como “a ênfase no primeiro plano, a imagem “chapada” e sem profundidade, o quadro híbrido e repleto de efeitos de superposição, a cor quente e pop...” (MACHADO, 2012, p. 132). Acrescente-se a este olhar questões referentes à forma específica do telejornalismo (jornalismo na TV): a linguagem coloquial; o texto curto e conciso; a presença do repórter no vídeo, sua postura detentora da verdade; os enquadramentos e a edição das imagens. Um formato que fragmenta a informação e, geralmente, espetaculariza a notícia.

²⁶ O conceito de estética foi criado pelo filósofo alemão Alexander Gottlieb Baumgarten (1714 – 1762) “para designar o estudo da sensação, a “ciência do belo” (...) Para Kant, estética não pode ser a ciência do belo, “apenas uma crítica do gosto”(...) Hegel entra no debate para dizer que a arte é “o mais subjetivo desenvolvimento do real” (...) Contemporaneamente, a estética “é caracterizada por uma abundância de correntes, cada uma constituindo suas teorias particulares.” (JAPIASSÚ & MARCONDES, 1996, p. 91)

Esta breve reflexão contribuirá para o debate proposto no próximo capítulo sobre o audiovisual comunitário brasileiro e o telejornalismo local/comunitário da Rede Globo de Televisão.

3 – Padrão Globo de jornalismo e o telejornalismo local



Figura 2: Flávio Carvalho é jornalista e auxiliar de programação da Biblioteca Parque da Rocinha. Leandro Lima foi Parceiro da Rocinha & Vidigal na segunda temporada do projeto Parceiro do RJ. (Foto: Reprodução Facebook)

No *post* que abre este capítulo, o jornalista Flávio Carvalho comenta a postura da equipe de jornalismo da Rede Globo de Televisão durante a transmissão do debate entre os candidatos à presidência do Brasil Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), e Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), nas eleições de 2014. Seu questionamento e a ponderação nos comentários de Leandro Lima, parceiro da Rocinha & Vidigal (2013/2014) sugerem a inquietação que a emissora promove entre os moradores da mesma favela, a Rocinha.

Na tentativa de compreender a dialógica existente na recepção de produtos de jornalismo da emissora, torna-se fundamental investigar o agente externo, o parceiro institucional do morador de favela no quadro Parceiro do RJ. Entretanto, deve-se ressaltar que esta tese não é um estudo de recepção do quadro e sim de observação do método de produção do telejornalismo parceiro.

A Rede Globo de Televisão exibe sua programação em quase todo o país por meio de cinco emissoras próprias e 117 afiliadas e, com a Globo Internacional, chega a 116 países.²⁷ De acordo com levantamento feito a partir do faturamento e da audiência das maiores emissoras de TV em 2012/2013, a emissora figura desde 2013 como a segunda

²⁷ Os dados são de 22 de novembro de 2014 e foram retirados do site sobre o Grupo Globo: (http://grupoglobo.globo.com/tv_globo.php)

maior emissora do mundo²⁸. O ranking traz 30 emissoras e aponta, ainda, outras duas emissoras brasileiras: o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) em 25ª colocação e a Record em 28º lugar.

Uma posição que a sustenta como a emissora mais poderosa no Brasil, principalmente, quando o assunto é jornalismo. Neste capítulo, entretanto, pretende-se pensar o jornalismo local da emissora, seu conteúdo e sua audiência.

- | |
|----------------------------------|
| 1 – ABC (EUA) |
| 2 – Rede Globo (Brasil) |
| 3 – CBS (EUA) |
| 4 – NBC (EUA) |
| 5 – Televisa (México) |
| 6 – CNN (EUA) |
| 7 – BBC (Reino Unido) |
| 8 – CCTV (China) |
| 9 – ESPN (EUA) |
| 10 – FOX (EUA) |
| 11 – TF1 (França) |
| 12 – Disney Channel (EUA) |
| 13 – SIC (Portugal) |
| 14 – CTV (Canadá) |
| 15 – Telefe (Argentina) |
| 16 – Deutsche Welle (Alemanha) |
| 17 – TVI (Portugal) |
| 18 – SKY News (Reino Unido) |
| 19 – Rai Uno (Itália) |
| 20 – Aljazeera TV (Qatar) |
| 21 – TVE (Espanha) |
| 22 – Ten Network (Austrália) |
| 23 – France Télévisions (França) |
| 24 – RTP (Portugal) |
| 25 – SBT (Brasil) |
| 26 – AXN (TV por assinatura) |
| 27 – NHK (Japão) |
| 28 – Record TV (Brasil) |
| 29 – Nine Network (Austrália) |
| 30 – Nederland 1 (Holanda) |

Tabela 3: Top 10 (<http://top10mais.org/top-10-maiores-emissoras-tv-mundo/>)

²⁸ A informação foi divulgada na coluna da jornalista Heloisa Tolipan no Jornal do Brasil, no dia 9 de maio de 2012, e rapidamente foi replicada por diversos sites especializados em TV. Disponível em: <http://www.jb.com.br/heloisa-tolipan/noticias/2012/05/09/globo-sobe-em-ranking-e-torna-se-segunda-maior-emissora-do-mundo/>.

O dito ‘padrão Globo de jornalismo’ é fruto do padrão Globo de qualidade, que nasceu em 1962, quando a emissora assinou um acordo com o grupo *Time-Life*. Um padrão calcado no modelo empresarial de fazer televisão, que primava pela qualidade técnica. Inspirado no modelo de telejornalismo norte-americano, nascia o modo de fazer telejornalismo que formaria gerações de profissionais e influenciaria diversas emissoras.

O modelo Globo descartava o jornalismo popularesco e investia nos avanços tecnológicos para levar ao espectador um noticiário sintético e com uma estética sóbria. As mulheres usavam cabelos curtos, os homens ternos e o tom do discurso era sóbrio e objetivo. Um discurso que se aproxima do que Bourdieu (1998) detectou ao fazer a análise do discurso jurídico – um discurso naturalizante e universalizante, dito sempre na terceira pessoa. Uma linguagem que pretendia dar autoridade para falar sobre qualquer assunto, assim como juízes e advogados.

A trajetória de sucesso da Rede Globo de Televisão é cercada de polêmicas. A literatura existente sobre a emissora é extensa e oscila, principalmente, entre a crítica ao suporte financeiro obtido por meio de um convênio com o Grupo *Time Life* e a sua adequação ao projeto de expansão do governo militar. A Rede Globo foi inaugurada em 1965 e, como descreveu Bolaño, “encontrou o mercado brasileiro na sua adolescência e, ao ingressar nele, deu-lhe novo rumo” (BOLAÑO, 2005, p. 19).

Realmente, o momento era propício para implantação de um canal de TV aberta que falasse em rede, levasse a mensagem do governo aos pontos mais distantes do país via satélite. A questão é que, ao longo de quase meio século, a emissora e sua função direta com a produção e manutenção do capital, fizeram com que os estudos acadêmicos olhassem para sua produção tendo como pano de fundo o seu poder hegemônico. Mas como lembra Sodré, “o termo “hegemonia” chega à modernidade como dominação por consentimento e aceitação do dominado” (2014, p. 4)²⁹.

Nesse sentido, entende-se que melhor seria estudar a produção e os produtores da Rede Globo e, suas relações, sob uma ótica centrada na “negociação” permanente que se faz, na medida em que dominantes e dominados no campo da comunicação experimentam com os dispositivos tecnológicos a necessidade de fazer ajustes que os mantenham em sintonia com a sua audiência.

²⁹ No artigo “Sobre os avatares da hegemonia”, apresentado no XII Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC 2014), realizado em Lima, no Peru, Muniz Sodré faz uma bela reflexão em torno dos termos hegemonia e contra-hegemonia. Disponível em: <http://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2014/11/GT8-Muniz-Sodre%C3%A9.pdf>

Partindo desta ideia é possível também pensar que a parceria entre o jornalismo da poderosa Rede Globo e os moradores de favelas dialoga com Lazzarato (2006) quando ele aponta que “um outro mundo é possível” no viés do capitalismo. Para o autor, esse outro mundo possível de alguma forma não está ligado à luta de classes e à tomada de poder, mas sim à experimentação e realização de possíveis.

O pensamento de Lazzarato tem como base o conceito de Império de Hartz e Negri (2006), que entendem o capitalismo não mais como um modo de produção, mas como produção de mundos. As “fronteiras flexíveis” apontadas pelos autores acima, criam pontes que possibilitam trocas, partilhas negociáveis. Admitindo esta nova realidade, compreende-se que o quadro Parceiro do RJ abre uma brecha no mercado de trabalho, um espaço sustentado pelo fato do jovem selecionado para atuar como repórter ser de comunidade.

Entretanto, esta pesquisa não prioriza os debates político e econômico, mas sim a produção jornalística diária que tem como foco o cidadão, ou seja, o telejornal local como um importante instrumento de prestação de serviços (SABACK, *in* 2005, p. 160). Mesmo ciente de que o poderio econômico atravessa, sustenta e modula a produção jornalística da contemporaneidade, investiga-se o conteúdo pautado na cidade que promove a visibilidade e soluções para questões que afetem diretamente a vida em comum nas favelas e comunidades de baixo poder aquisitivo.

3.1 – O foco no local

Com o objetivo de levantar o histórico do telejornalismo local da emissora, investigou-se o site Memória Globo³⁰, onde estão disponíveis informações institucionais da emissora. Entre os dados fornecidos está uma linha do tempo da programação da emissora, inaugurada em 1965. A partir dela é possível fazer um levantamento dos telejornais produzidos e identificar aqueles que tinham e têm um enfoque comunitário, ou seja, uma pauta do local, da cidade.

O primeiro, que realmente pensava não só a cidade do Rio de Janeiro, mas o Estado do Rio de Janeiro e seus moradores, foi o *Telejornal Fluminense*, veiculado entre o dia 1º de abril de 1967 e 27 de abril de 1968, somente aos sábados, às 14h. Apenas em 1970, cinco anos após a inauguração da emissora, foi criado um programa jornalístico só com assuntos da cidade. O *Globo em dois minutos* era um telejornal de serviço, com reportagens sobre os problemas, as preocupações e as reclamações da população, principalmente, sobre buracos nas ruas, falta d'água e de luz, entre outras questões urbanas. O telejornal ficou no ar do dia 1º de dezembro de 1970 a 31 de dezembro de 1971, de segunda a sexta-feira, em duas edições: a primeira às 17h30 e a segunda às 21h55.

A cidade do Rio de Janeiro só voltou a ser destaque na programação jornalística em 1974, com a estreia do *Plantão Rio*, que começou sendo exibido em uma única edição de segunda a sexta-feira, às 22h40 e a partir de 6 de janeiro de 1975 migrou para o horário de 21h55. O telejornal de serviços também teve vida curta: ficou no ar do dia 30 de dezembro de 1974 a 31 de janeiro de 1975.

No ano seguinte, em 1976, foi criado o *Jornalismo Eletrônico*, que apresentava, em cinco minutos, um resumo das principais notícias locais do dia. O telejornal era produzido em preto e branco, no Rio de Janeiro, em São Paulo, Belo Horizonte, Brasília e Recife e foi ao ar até o dia 16 de dezembro de 1978, de segunda a sábado, sempre às 21h50.

O primeiro estado a ganhar um telejornal local de grande expressão foi São Paulo. O *Bom Dia São Paulo* estreou no dia 18 de abril de 1977 e, todos os dias, às 6h14, trazia as primeiras notícias do dia da região metropolitana e outros municípios do estado. O foco do programa era prestar serviços à população por meio de reportagens, quadros e

³⁰ <http://memoriaglobo.globo.com/institucional/cronologia/1957.htm>

campanhas comunitárias. Em 1979, a emissora criou o *Jornal das Sete*. O intuito era tirar do *Jornal Nacional* a “obrigação” de divulgar notícias locais.

Antes do seu surgimento, as notícias de cada capital eram apresentadas no início ou no fim do JN. Em determinado ponto do noticiário, sem que o telespectador percebesse, desfazia-se a rede e cada estado entrava com o seu noticiário local. O tempo para desenvolver as matérias, porém, era escasso, o que implicava em um rigor excessivo em relação ao noticiário. A cobertura acabava se restringindo a notícias curtas de 30 segundos sobre problemas de água, esgoto e calçamento. Um novo telejornal, com 15 minutos de duração, era editado por equipes de diferentes estados e permitiu ao jornalismo da TV Globo desenvolver melhor e com mais propriedade o noticiário local. O *Jornal Nacional*, por sua vez, passou a se dedicar às grandes reportagens e aos assuntos de espectro nacional e internacional.³¹

O *Jornal das Sete* ficou no ar entre 2 de abril de 1979 e 1º de janeiro de 1983. Era veiculado de segunda a sábado, às 18h50. No início da década de 1980 a Rede Globo percebeu que precisava criar uma estrutura mais voltada para o local.

Em março de 1982 estreou o *Globo Cidade*, que tinha como objetivo “reforçar a identificação das comunidades com a TV Globo”.³² O noticiário era composto por flashes, entradas do repórter, ao vivo ou gravadas, que não passavam pela edição, o que acabou fazendo dele um bom espaço para os repórteres aprenderem a lidar com a pressão de produzir boletins curtos, concisos e, em algumas vezes, em pouquíssimo tempo.

O *Globo Cidade* era veiculado, inicialmente, “de segunda a sexta, para Rio de Janeiro e São Paulo, e, aos sábados, em rede nacional, com até cinco entradas diárias na programação, entre os telejornais *Hoje* e o *Jornal das Sete* (mais tarde substituído pelo *RJTV* e *SPTV*).”³³

O programa foi premiado pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro e também pela Câmara dos Vereadores do município pelo trabalho feito junto à população carioca. O jornalista Ricardo Calil coordenou o *Globo Cidade* durante quatro anos e, segundo ele, o programa ficou tão identificado com as comunidades que acabaram criando o *Globo Cidade Carnaval*, que mostrava um pouco da preparação das escolas de samba do Rio de Janeiro para o desfile na Marques de Sapucaí.

³¹ <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-das-sete.htm>

³² <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/globo-cidade/evolucao.htm>

³³ *Idem*.

O programa foi uma forma de melhorar a imagem eletista que a TV estava tendo junto a essas comunidades. O programa passou a ser visto pela população como o porta-voz dessas comunidades. Uma equipe de reportagem com equipamento capaz de fazer entradas ao vivo na programação era enviada para os bairros. Os moradores ligavam para o CAT da TV Globo e faziam uma ficha com o problema. A cada dia a equipe de reportagem se deslocava para bairros diferentes. Normalmente as autoridades respondiam às queixas dos moradores e muitas vezes mandavam resolver o problema. Era este o nosso retorno, saber que o problema estava resolvido e que a comunidade tinha sido atendida. Muitas vezes voltamos ao bairro para agradecer a este ou aquele órgão público pelas providências. Mas, o programa não abordava só problemas, a equipe era deslocada sempre que acontecia um fato relevante para a cidade. Por exemplo, o incêndio do edifício Andorinhas, no centro da cidade, onde morreram dezenas de aposentados. O Globo Cidade cobriu ao vivo de lá. As enchentes na cidade do Rio de Janeiro, o programa estava sempre ligado em tudo que acontecia. A programação local abria espaço para a produção de 7 flashes de um minuto e se o fato era relevante esses flashes poderiam ir se multiplicando ao longo da programação. O jornalismo local é muito importante e a base de tudo, pois aí é que nasce as fontes, das fontes chegam as pautas e as pautas viram as grandes matérias.³⁴

Em 1983 a Rede Globo rendeu-se de vez à importância do telejornalismo local. Neste ano, foram criados sete programas voltados para notícias locais: *Bom Dia Minas*, *Bom dia Rio*, *DFTV*, *MGTV*, *NETV*, *RJTV* e *SPTV*. Tanto o *Bom Dia Rio* (no ar desde 3 de janeiro de 1983), quanto o *Bom Dia Minas* (estreia em 22 de maio de 1983) abrem a programação jornalística em seus estados, de segunda a sexta, às 6h30.

O telejornal mineiro dá destaque à economia agrária, à política e ao futebol. Já o carioca privilegia a prestação de serviços, a cobertura do trânsito, e conta também com a participação de comentaristas sobre temas como educação, economia e saúde. Em 2014 o *Bom Dia Rio* era apresentado pelo jornalista Flávio Fachel, que ficou conhecido pelo bordão “olha a hora”.

Os demais telejornais citados anteriormente nasceram no mesmo dia 3 de janeiro de 1983. No início, os cinco tinham o mesmo formato e horário: duas edições diárias, a primeira com 45 minutos e a segunda com 15 minutos de duração, de segunda a sábado.

O *DFTV*, telejornal local do Distrito Federal, vai ao ar em duas edições: às 12h e 19h15, tendo a primeira um perfil de prestação de serviços, e a segunda o objetivo de apresentar um resumo do noticiário do dia.

O *MGTV* vai ao ar às 12h e às 19h10. A primeira conta com entrevistas no estúdio e quadros especiais, e a segunda fornece a cobertura dos principais fatos do dia na região.

³⁴ Depoimento concedido por e-mail à autora, no dia 27 de janeiro de 2015.

O *NETV* representa o jornalismo local na programação da Globo Nordeste, exibindo reportagens de serviço e comentários sobre os fatos mais importantes do dia. O telejornal chegou a ter três edições diárias, mas atualmente vai ao ar às 12h e 19h.

O *RJTV* também chegou a ter três edições diárias, mas como o *NETV*, há alguns anos, vai ao ar às 12h e 19h15. O noticiário atende a toda a região metropolitana do Rio de Janeiro e, também, aos municípios de São Gonçalo e Niterói. O *RJTV – 1ª Edição*, tem um perfil de prestação de serviços, com a participação de comentaristas e entrevistas no estúdio. O *RJTV – 2ª Edição* apresenta o que foi notícia na cidade ao longo do dia.

O *SPTV* saiu do ar em 1990, quando nasceu o *São Paulo Já*, um telejornal que era veiculado para cerca de 500 municípios paulistas e contava com a colaboração das emissoras afiliadas do interior do estado. O programa ficou no ar de 9 de julho de 1990 a 11 de maio de 1996, ia ao ar de segunda a sábado, às 13h e 19h45. Seu diferencial era tentar dar o mesmo peso às notícias do interior do estado e da capital e, além disso, impor um ar descontraído em sua apresentação.

O formato, entretanto, teve vida curta e, em 1996, o *SPTV* voltou e, desde então, vai ao ar às 12h e às 19h10, com a mesma filosofia dos demais. Na primeira edição tem um enfoque de prestação de serviço e na segunda faz uma geral do noticiário do dia. O diferencial do *SPTV* é que, desde fevereiro de 2013, a primeira edição do *SPTV* é exibida, ao vivo, pela internet.

Depois da estreia dos principais locais da emissora, em 1989 foi a vez do Distrito Federal e de Pernambuco ganharem os seus *Bom Dia DF* e *Bom Dia Pernambuco*. Ambos estrearam no dia 22 de maio de 1989, seguindo formato, horário e objetivos editoriais dos demais *Bom Dia*.

Como já foi dito, a Rede Globo de Televisão figura como líder de audiência entre as emissoras de TV aberta brasileiras. A conquista deste espaço deve-se prioritariamente ao que denominou-se padrão Globo de qualidade: “uma articulação entre padrão de produção, tecnologia, e uma proposta específica, capaz de criar uma personalidade na programação aceita, em um determinado momento, como a melhor entre produtores e receptores” (BORELLI e PRIOLLI, 2000, p. 79).

Com esta estratégia consolidada no início dos anos 70 do século XX, estabeleceu-se também uma programação que tinha como base a horizontalidade e a verticalidade, o que gerou no espectador o hábito de ver TV. A verticalidade trazia diariamente uma sequência de programas fixos, já a horizontalidade estabelecia a exibição de um programa por semana ou por mês, religiosamente no mesmo horário.

Esse tipo de programação já era feita pela extinta TV Excelsior (1960 – 1969), mas a novidade da Globo estava ligada às qualidades técnica e profissional dos programas. Décadas se passaram e o padrão Globo de jornalismo se firmou com base na qualidade técnica e tornou-se um importante contribuidor para os altos índices de audiência da emissora.

Entretanto, nos anos 1990, com o crescimento da TV Record, o sinal de alerta foi ligado: era preciso reformular, era preciso popularizar. A Rede Globo deixou de ser a líder isolada de audiência. O monitoramento permanente feito pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), a maior empresa privada de pesquisa da América Latina e 13^a do mundo³⁵, confirma a fragilidade da líder de audiência no que diz respeito ao seu telejornalismo local.

No Media Book 2013 divulgado IBOPE, o *RJTV – 1^a Edição* não figura entre os cinco programas mais assistidos da emissora, enquanto o *Cidade Alerta Rio*, da TV Record, aparece, por vezes, em segundo lugar dentre os programas mais vistos³⁶, mesmo registrando menor audiência menor que os programas mais assistidos da TV Globo Rio.

A audiência do *RJTV – 1^a Edição* é assunto de reportagens publicadas em sites especializados em televisão. Em novembro de 2010, por exemplo, o site TV Foco (www.tvfoco.pop.com.br) publicou: “Exibido das 11h43 às 12h09, o *RJTV* ficou em segundo lugar [7 pontos], contra 6 pontos da Record e 11 do SBT. Neste período, o telejornal da Globo disputou com o *Balanço Geral*, da Record, e o *Bom Dia & Cia*, do SBT.”

Com esse resultado, concorrer principalmente com a Rede Record de Televisão, uma emissora que prima pelo telejornalismo de tom popular, passou a ser uma questão para os responsáveis pela manutenção da “Vênus Platinada” no topo do império televisivo.

No jornalismo da Rede Globo a estrela da campeã de audiência ainda é o *Jornal Nacional*, veiculado entre duas telenovelas, a “das sete” e “das oito”, exibidas às 20h e 21h, respectivamente. O telejornal garante a fidelidade do público à emissora, mesmo sendo alvo de críticas e desconfianças com relação à imparcialidade de sua linha editorial³⁷. Sua influência na formação de opinião dos brasileiros pode ser medida no senso comum pela máxima “se não deu no *Jornal Nacional*, não aconteceu”.

³⁵ Informação disponível na página da empresa: www.ibope.com.br, em 7 de novembro de 2013.

³⁶ As tabelas Top 5 – Audiência TV Rio de Janeiro estão no site do IBOPE.

³⁷ Idem.

Segundo IBOPE , o JN figura sempre entre os cinco programas mais assistidos da TV aberta brasileira, com índice de audiência que gira em torno de 30%.³⁸

Apesar de ser o mais assistido, desde os anos 1990, o noticiário perde audiência. “Entre 1989 (60 pontos) e 1994 (45 pontos), o informativo registra uma queda de 25% em sua audiência, com a perda de quase 1,5 milhão de espectadores. (BORELLI e PRIOLLI, 2000, p. 67).

No século XXI, os problemas com a queda dos índices de audiência aumentaram devido ao fortalecimento dos canais por assinatura e, principalmente, por causa da internet. Mesmo a chegada do padrão digital não afastou o “fantasma” da concorrência implantada com a Web. A programação da emissora como um todo perde telespectadores todos os dias. Uma crise que atinge a todas as TVs de canal aberto. A produtoras de conteúdo já não produzem mais para elas e sim para a internet e, também, para o celular. Isso porque os jovens, e até mesmo os adultos, estão migrando da TV para o computador. (MAURÍCIO, 2012, p. 145)

Com o objetivo de aumentar a audiência de seus telejornais matinais, no dia 1º de dezembro de 2014 a Rede Globo lançou o telejornal *Hora 1* comandado pela jornalista Monalisa Perrone, produzido em São Paulo e veiculado em cadeia nacional das 5h às 6h. A ideia é atingir aqueles que, devido ao trânsito nas grandes capitais do país, saem cada dia mais cedo de casa para trabalhar. O resultado foi imediato: elevou em 85% a audiência no horário³⁹. Além da estreia do novo informativo, a Rede Globo ainda aumentou o tempo de duração do telejornal local, no caso do Rio de Janeiro do *Bom Dia Rio*, e do telejornal nacional *Bom Dia Brasil*. Os dois passaram a ter uma hora e meia de produção.

Os telejornais locais, em especial no Rio de Janeiro, ganham pouco destaque entre os programas de maior audiência da TV Globo. Entretanto, entre as emissoras concorrentes, os locais estão presentes entre os programas de maior audiência, mesmo que amargando baixos índices. Ou seja, mesmo que o *RJTV* obtenha mais audiência que um telejornal local de uma outra emissora, ele não é cotado como um sucesso de audiência dentro da TV Globo, já o da concorrente é. Esse é o caso dos telejornais *Cidade Alerta Rio* (TV Record Rio), *RJ Notícias* (Rede TV) e *Jornal do Rio* (TV Bandeirantes).

³⁸ Durante a produção desta tese, de acordo com os dados do Ibope, o JN obteve uma média de 29% de audiência.

³⁹ <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/novo-jornal-matinal-hora-1-aumenta-audiencia-da-globo-em-85-5721>

O *Cidade Alerta Rio*, apresentado por Gustavo Marques, na TV Record Rio, de segunda a sexta-feira, às 19h55, por exemplo, chega a ser líder de audiência na emissora cariocRecord Rio. Durante a produção desta tese, segundo o Ibope, o noticiário detinha 9% da audiência do horário. O programa começa logo após o *Cidade Alerta* edição nacional, que entra no às 17h30. Segundo o site da emissora, “O *Cidade Alerta Rio* leva até você um olhar diferente da notícia habitual.”⁴⁰ A análise do programa *Cidade Alerta* feita por Dannilo Duarte Oliveira no artigo “*Cidade Alerta*: jornalismo policial, vigilância e violência”, entretanto, revela o programa jornalístico sob uma ótica sensacionalista.

O programa temático *Cidade Alerta* pauta-se nas principais ocorrências do mundo do crime – acontecimentos violentos, grotescos ou esdrúxulos são mostrados diariamente no telejornal. Uma das principais estratégias de endereçamento do programa está no enquadramento dado às matérias, que procura mostrar os acontecimentos por um viés sensacionalista, por meio de cenas chocantes e com alto grau de apelo emocional. Seja por meio de imagens factuais ou por meio de reconstituição, o *Cidade Alerta* não hesita em mostrar corpos dilacerados por acidentes, perfurados por tiros, esfaqueados, ou entrevistas sensacionalistas com “criminosos”. (...) A performance cênica do mediador é outro elemento central de endereçamento do *Cidade Alerta*, juntamente com a articulação do texto verbal por meio do seu poder de retórica. Marcelo Rezende posiciona-se como um juiz que, ali mesmo, no tribunal midiático do *Cidade Alerta*, dá a sentença aos “criminosos”. Como vimos, seus argumentos estão sempre atrelados a posições moralistas e conservadoras, como a defesa da pena de morte ou prisão perpétua para os transgressores da lei. Desta forma, o apresentador “juiz” deixa de ser um mero mediador para se tornar contraventor, pois, no momento em que defende e sugere punições que não estão previstas no Código Penal Brasileiro, ele também está sendo arbitrário e contraditório.

A análise de Oliveira é de 2004, mas mesmo uma década depois e na observação da edição do Rio de Janeiro, percebe-se que a proposta ainda é a mesma e os recursos técnicos usados também. O *Cidade Alerta Rio* está entre os noticiários chamados jornais sensacionalistas que, ao lado dos programas de variedades e humorísticos, integram a categoria dos *popularescos*.

⁴⁰ http://www.recordrio.com.br/programas_cidadealertario.php. Acessado em 25 de junho de 2014.

Tabela 4: Top 5 – Ibope

TOP 5: RIO DE JANEIRO - SEMANA 23-02 A 08/06/2014 – Data Publicação: 18/06/2014

Fonte: Media Workstation. Programas de maior audiência na Região GRJ. Todos os dias das 06:00 às 05:59h. Universos: 3.966.024 domicílios e 10.998.205 indivíduos. Um ponto de audiência corresponde a 1% destes respectivos universos.

	Total Domicílios		Total Indivíduos	
	Audiência %	Audiência (000)	Audiência %	Audiência (000)
CNT				
Lei ord un vit not	1	46	1	61
Cnt jornal	1	25	0	35
Noticias e mais	1	20	0	19
Jogo do poder	0	19	0	16
Radar television not	0	17	0	17
SBT				
Prog Silvio Santos	10	393	5	530
Novela noite I-chiquititas	8	308	5	513
Roda a roda jequiti	8	301	3	368
A praça é nossa not	8	300	4	403
Tele sena	8	300	3	350
Record				
Cidade Alerta Rio	9	339	4	400
Domingo Espetacular	8	323	4	421
Cidade Alerta	8	311	3	381
Jornal da Record	7	273	3	319
Hora do Faro	6	257	3	352
Rede Tv!				
Teste de fidelidade	3	113	2	208
Te peguei na TV	2	95	2	175
RJ Notícias	2	92	1	117
Luciana <i>by night</i>	2	90	1	112
Sob medida reprise	2	74	1	84
Globo				
Novela III - Em Família	33	1.321	16	1.782
A Grande família	29	1.166	14	1.561
Jornal Nacional	29	1.138	14	1.501
Show/ - Tapas e beijos	28	1.112	14	1.522
Futebol- amist sele bras	24	946	12	1.274
TV Brasil				
Estúdio 24	1	50	1	58
Cocorico ves	1	47	1	75
Caminhos da reportagem	1	44	0	45
Espaço dividido	1	37	0	38
Conexão Brasil	1	37	0	45
TV BAND				
Pânico na band	5	199	2	263
Jornal do Rio	4	151	2	167
Jornal da BAND	4	141	1	153
A quinta estrela	4	141	1	146
Bol min copa mundo not	3	115	1	131

No livro *Circo Eletrônico – Silvio Santos e o SBT*, Maria Celeste Mira sustenta que o termo *popularesco*, em geral, é “utilizado pela crítica de espetáculos para definir o que é vulgar, grosseiro, malicioso, pouco elaborado.” (Mira, 1995, p. 127). É importante ressaltar que a autora faz a análise dos programas de auditório a partir da noção bakhtiniana de grotesco, que inspira o conceito de grotesto chocante elaborado por Muniz Sodré e Raquel Paiva em *O Império do Grotesco*. A apropriação do termo por Borelli e Priolli, em *Deusa Ferida*, remonta uma percepção da audiência a partir da estética grotesca refinada para o telejornal.

Em outras palavras, nos anos 70 e 80, o telespectador se encantou com a estética grotesca dos programas de auditório, que se explica segundo Sodré e Paiva (2002) por suscitar o riso cruel, compensar a impotência humana, política e social com prêmios e sorteios e, por fim, permitir encenar o povo e, simultaneamente, mantê-lo à distância. Já nos anos 90, as reportagens policiais e, ainda, a exibição dos problemas sociais dos grandes centros urbanos, moldadas por uma narrativa sensacionalista, teceram no imaginário popular a visibilidade de um realismo até então ausente dos telejornais brasileiros, principalmente aqueles norteados pelo padrão Globo de qualidade.

As concorrentes apostaram em problemas sociais narrados com realismo grotesco – acompanhando aqui o olhar de Bakhtin “ao gênero como rompimento de padrões que desestabiliza e promove o deslocamento de classes, o corpo inacabado, a contraposição ao oficial, ao fechado, ao que oprime” (SABACK, 2014, p. 134) – seria possível desestabilizar a liderança absoluta do telejornalismo da Rede Globo de Televisão.

O pioneiro entre os telejornais ditos sensacionalistas é o *Aqui e Agora*, do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). O noticiário criado em 1991 trouxe para o telejornalismo nacional a “lógica da realidade”, uma receita de sucesso do argentino *Nueve Diario* e de outros sensacionalistas do final do século XX.

“*Aqui e Agora* teceu a realidade a partir de ângulos de câmera característicos do gênero *cinéma vérité*, narrativas melodramáticas e excesso estético – todos empacotados dentro de um série rápida de clipes de revista” (Mayer, 2006). Entre os principais ingredientes estavam o caráter local, popular e uma postura assistencialista. O que garantia, só em São Paulo, uma média de audiência de 21 pontos no Ibope. (BORELLI e PRIOLLI, 2000, p. 119).

A primeira edição do *Aqui e Agora* ficou no ar entre 1991 e 1997 e tinha na equipe repórteres como Gil Gomes, que se destacava pelo tom de submundo que dava às

reportagens policiais. “O programa chegou a mostrar ao vivo, em 1993, um caso de suicídio. Alguns comentaristas deixaram suas marcas, como o pugilista Adilson Maguila ao comentar economia” (AMARAL, 2006, p. 45). Já a segunda edição do telejornal não fez tanto sucesso, registrou baixos índices de audiência e ficou no ar por menos de dois meses: de 26 de fevereiro a 11 de abril de 2008.

Apesar da morte súbita, o *Aqui e Agora* deixou alguns ecos na programação da TV aberta como o já citado *Cidade Alerta*, da Rede Record de Televisão (1995 – 2005, junho a setembro de 2011 e junho de 2012 até o momento), *Brasil Urgente*, da TV Band (exibido desde 2001), *Repórter Cidadão*, da Rede TV (2002 – 2005), e *190 Urgente*, da Rede CNT (1996 – 1997).

Adaptando-se, mas sempre procurando manter o seu padrão Globo qualidade, a Globo encontra nas denúncias de corrupção, reclamação dos órgãos públicos, principalmente os municipais, a fórmula para enfrentar os jornais popularescos, uma vez que essa postura pode ser apresentada como uma espécie de defesa de interesses populares. A diferença é que enquanto os programas popularescos procuram resolver os problemas de uma pessoa, os jornais locais da Globo intermedeiam os problemas de uma comunidade, considerada um conjunto de moradores de um bairro ou da sociedade em geral, do cidadão, do consumidor, do contribuinte. (BORELLI e PRIOLLI, 2000, p. 120)

As primeiras mudanças realizadas no telejornalismo local da Rede Globo ocorreram em São Paulo, com a criação do já citado *São Paulo Já* (1990 – 1996), que trazia o jornalista Carlos Nascimento como âncora e “buscava uma linguagem mais acessível e regional, com espaço para a descontração, diferente do padrão adotado, por exemplo, pelo *Jornal Nacional* e pelo *Jornal da Globo*.”⁴¹

⁴¹ <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/sao-paulo-ja.htm> acessado em 25 de junho de 2014.

3.2 – RJTV – 1ª Edição

O *RJTV – 1ª Edição* estreou seis meses após a edição da noite, em julho de 1983, com a apresentação de Berto Filho. O noticiário era veiculado às 12h40 e contava com entrevistas de estúdio e uma agenda cultural. Ao comemorar os 30 anos do telejornal em 2013, Berto Filho disse em entrevista ao vivo na edição do dia 3 de janeiro, que o foco do telejornal sempre foi a prestação de serviços.

A grande intermediação ou mediação que um jornal da categoria do RJTV faz, e faz muito bem, é mostrar as coisas erradas que estão acontecendo, chamar a atenção das autoridades e conseguir que elas se mobilizem e resolvam o problema. Esse é um grande serviço de utilidade pública que um telejornal local deve fazer. (FILHO, *RJTV – 1ª Edição*, 03/01/2013)

Em 1989, a primeira edição do RJTV saiu do ar e só voltou à grade de telejornais da emissora em 1992, com a apresentação de Marcos Hummel. Dois anos depois, em 1994, foram realizadas as primeiras mudanças na tentativa de fidelizar a audiência. O *RJTV – 1ª Edição* passou a ter 25 minutos de duração, o telejornal passou a ter mais entradas ao vivo e o apresentador passou a dialogar mais com as reportagens e as entrevistas.

Em 1996, Renata Cappuci assumiu a bancada no lugar de Hummel. Em 1999, o telejornal sofreu reformulação no formato e na sua linha editorial. No dia 18 de outubro, a primeira edição passou a ter 50 minutos de duração e ganhou um perfil mais comunitário. Com o objetivo de ficar mais perto da população do Rio de Janeiro, o jornal passou a ter mais entradas ao vivo dos repórteres e criou colunas e quadros para debater questões da cidade.

As mudanças no RJTV fortaleceram o debate entre os moradores e os órgãos públicos em prol da comunidade. O telejornal investiu em campanhas e discussões, cobrando soluções para a melhoria das condições e vida na cidade. A primeira edição do telejornal passou a ter duração média de 50 minutos, com apresentação de Márcio Gomes e Ana Paula Araújo, um aproveitamento massivo de entradas ao vivo e a participação de colaboradores, como a procuradora de Defesa do Consumidor Léia Freire.⁴²

⁴² Idem.

Outro passo importante dado pelo o *RJTV – 1ª Edição* para entreter o público da hora do almoço foi dado em 2000, com o estabelecimento de parcerias com a Central de Atendimento ao Trabalhador, da Social Democracia Sindical e com o CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola).

Na primeira década do século XXI, a busca pela transformação do noticiário em porta-voz da população se intensificou. Em abril de 2005 foi implantada uma base de jornalismo na Baixada Fluminense com dez funcionários, quase todos moradores da região. De acordo com o site Memória Globo, a iniciativa “fortaleceu a qualidade das informações e passou a ocupar um espaço vazio do noticiário, cobrindo diariamente os fatos mais importantes dos 13 municípios da Baixada, e falando para a população da região, cerca de quatro milhões de pessoas.”⁴³

Ao que parece, a criação da “Editoria Baixada Fluminense” foi um sinal de que a emissora partia em busca de uma narrativa inclusiva, que a aproximasse ainda mais do cidadão carioca. Com ela iniciou-se uma série de reportagens sobre os problemas e conquistas da Baixada. O primeiro tema explorado foi a violência, problema gravíssimo enfrentado pelos moradores da região.

Um mês antes, no final de março, uma chacina em Nova Iguaçu e Queimados, terminou com o extermínio de 29 pessoas. O *RJTV - 1ª Edição* entrava no dia a dia da periferia do estado, tirando o foco da Zona Sul do Rio. No ano seguinte, em 2006, para agilizar as coberturas jornalísticas, foi lançada uma nova tecnologia, a unidade móvel em motocicleta, o moto-link. Com tantas inovações, os locais da Globo mantiveram os maiores índices entre os telejornais fornecidos diariamente à população do Rio de Janeiro.

De acordo com dados publicados em fevereiro de 2007 no BIP (Boletim de Informação para Publicitários), uma publicação da Direção Geral de Comercialização da Rede Globo, o telejornal local da emissora, veiculado entre as novelas das “seis” e das “sete” horas, liderava o horário. “Destaque no Rio também para RJTV 2ª Edição, que atingiu 39 pontos de audiência média em 2006 ante 7 pontos do concorrente mais bem colocado na faixa horária.” (REDE GLOBO, 2007, p. 8)⁴⁴

Em 2009, o jornalista Erick Brêtas, ao assumir a direção do jornalismo do Rio de Janeiro da Rede Globo de Televisão, decidiu fazer mudanças editoriais no telejornal

⁴³ Ibidem.

⁴⁴ BIP disponível para *download* em <http://comercial2.redeglobo.com.br/biponline/BIP/bip536.pdf>. Acessado em 30/09/2014.

regional da emissora. Segundo Brêtas, o *RJTV – 1ª Edição* estava um pouco envelhecido e precisava ser reformulado.

Porque era aquele jornal muito no *teleprompter*, e as nossas pesquisas mostravam que o público reagia àquilo. O público sentia uma distância dos apresentadores, dos repórteres, e a primeira coisa que a gente fez foi fazer uma reformulação completa no formato do jornal. A gente sentia do público, das pesquisas que a gente tinha, uma vontade que o jornal fosse mais falado, mais conversado. Nas pesquisas qualitativas chegou a aparecer em um determinado momento uma pessoa que dizia “ ah, no concorrente eles falam a notícia e no RJ eles leem a notícia”.⁴⁵

A primeira ação foi retirar o *teleprompter* do apresentador, que assumiu definitivamente uma postura de âncora. Na época, Ana Paula Araújo, que já havia apresentado a primeira edição do *RJTV* ao lado do jornalista Márcio Gomes, entre 2000 e 2006, voltou a assumir a bancada do telejornal.

Ana Paula substituiu Márcio Gomes como âncora e editora-executiva *RJTV 1 e* comandou a primeira edição do *RJTV* até o dia 30 de setembro de 2013, quando passou para a bancada do *Bom Dia Brasil* e Mariana Gross assumiu a apresentação do noticiário. Márcio Gomes passou a comandar a edição da noite do telejornal e, em junho de 2013, foi transferido para Tóquio como correspondente. A segunda edição do *RJTV* passou a ser apresentada pela jornalista Ana Luiza Guimarães.

A segunda mudança foi a inserção de comentaristas no telejornal. Dois temas ganharam especialistas: a segurança, com o ex-policial do Batalhão de Operações de Policiais Especiais do Rio de Janeiro (BOPE), Rodrigo Pimentel, e a saúde, com o médico Luis Fernando Correia.

Um outro quadro, que já estava no ar desde 2008, também ganhou destaque, o *RJ Móvel*. A partir de denúncias feitas por moradores da cidade, uma unidade móvel vai até o local registra o problema e convoca a autoridade responsável para resolver a questão e dar uma satisfação aos moradores. De posse de um calendário, a/o repórter atua como um “fiscal do Sarney”⁴⁶ e estabelece uma data para o retorno da equipe de reportagem, que irá conferir se o problema foi solucionado. Um modelo de jornalismo que quer falar com a comunidade, quer falar pela comunidade ou, ainda, quer falar como a comunidade.

⁴⁵ Entrevista concedida à autora no dia 30 de julho de 2013, na TV Globo.

⁴⁶ No Governo Sarney, em 1986, quando foi implantado o Plano Cruzado, criou-se esse título popular que era dado a todos os cidadãos que estivessem atentos aos preços dos alimentos, com o objetivo de denunciar aumentos abusivos.

Em 2014, a euforia da repórter titular do quadro, Susana Naspolini, em ser participativa e demonstrar sua insatisfação, acabou por fazer da notícia um espetáculo permanente. Baseia-se aqui nas considerações de Debord (1931 – 1994) em torno da Sociedade do Espetáculo. “O espetáculo nada mais seria que o exagero da mídia, cuja natureza, indiscutivelmente boa, visto que serve para comunicar, pode às vezes chegar a excessos.” (DEBORD, 1997, p. 171). Não foram poucas as vezes que a reportagem terminou com uma festa, onde a equipe de jornalismo da TV Globo era apontada como a grande responsável pelas conquistas obtidas.

Com o tom adotado pela equipe de reportagem do quadro *RJ Móvel*, a iniciativa acaba por repetir algumas questões levantadas por Márcia Vital Nunes e Caio César Mota Magalhães ao analisarem o quadro *Meu Bairro na TV* (2009-2011), do *CETVI – 1ª Edição*. Uma produção veiculada pela TV Verdes Mares, emissora afiliada da TV Globo, no Ceará. Como o *RJ Móvel*, o quadro apresentado por repórteres da emissora se apropria de características da comunicação comunitária, se aproxima do público, e acaba como mediador dos problemas das comunidades visitadas.

O CETV, através do quadro *Meu Bairro na TV*, coloca-se como um defensor dos direitos dos cidadãos. É uma prática vigilante, um jornalismo “cão de guarda”, que expõe os problemas e cobra soluções, sempre num tom de denúncia e desaprovação do poder público.

No entanto, ao mesmo tempo em que potencializa a voz dos espectadores, colocando-os em púlpitos para, ao vivo, apresentarem suas reivindicações, ou entrevistando-os e destinando um espaço apenas para os problemas de determinado local, essa prática pode acarretar duas consequências diretas para a sociedade: 1) a construção de uma imagem negativa do poder público e das instituições sociais; 2) e a legitimação do jornal como única ou uma das poucas instâncias eficazes na solução dos problemas cotidianos. (NUNES & MAGALHÃES, 2014, pgs. 9-10)

Ao tentar praticar o comunitarismo e fazer uso do poder da mídia, o quadro *RJ Móvel* também fortalece a imagem negativa do poder público e coloca a TV Globo como a *salvadora da pátria*. O papel de “cão de guarda” da imprensa é desempenhado com tanto fervor que causa um estranhamento no que se refere ao padrão Globo de jornalismo. A repórter Suzana Naspolini faz questão de participar ativamente da reportagem e transparecer uma ligação com o morador do local onde o problema ocorre. Em janeiro de 2015, quando o quadro foi assumido temporariamente pela repórter Larissa Schmidt o tom foi mantido.

Eu acho que o *Globo Cidade* foi o embrião de todo o jornalismo comunitário que existe hoje, não importa o nome do programa, mas o objetivo e o mesmo, dar voz às comunidades para que as autoridades possam resolver os problemas, afinal eles estão ali pra isso. (CALIL, 2015)⁴⁷

Apesar do evidente compromisso social da iniciativa, assim como a do pioneiro *Globo Cidade*, acredita-se que o que está em questão acima de tudo é a audiência. A postura adotada pela equipe do *RJ Móvel* parece ser mais um sinal de que o telejornalismo local da TV Globo Rio está sendo influenciado pela mesma necessidade que houve de se criar o quadro *Parceiro do RJ*, ou seja, a necessidade de ficar mais próximo da comunidade para ganhar mais audiência. É a “mentalidade-índice-de-audiência” (BOURDIEU, 1997, p.75) sempre falando mais alto.

⁴⁷ Depoimento concedido por e-mail à autora, no dia 27 de janeiro de 2015.

3.3 – O audiovisual comunitário brasileiro e o telejornalismo da TV Globo

Na noite do dia 19 de março de 2006, o filme *Falcão – Meninos do Tráfico*, dirigido pelo ativista social, rapper e escritor, MV Bill (nome de trabalho de Alex Pereira Barbosa – MV são as siglas de Mensageiro da Verdade e Bill é uma homenagem à figurinha de chiclete “Rato Bill”), e o produtor de eventos e ativista social, Celso Athayde, foi lançado em cadeia na nacional, no programa *Fantástico*, da Rede Globo de Televisão.

A primeira versão do filme, uma edição de 58 minutos, que ocupou três blocos do programa e obteve uma audiência de 54% dos televisores ligados⁴⁸, foi finalizada por uma equipe da Rede Globo, mas com orientação e concordância dos produtores do filme. O DVD contendo o documentário completo, que também tem 58 minutos, só chegou às locadoras do país dois meses depois, em maio.

O documentário é fruto da edição de 90 horas de gravações da rotina de jovens, com idades que variam de 14 a 18 anos, com algum tipo de envolvimento com o tráfico. A captação das imagens e dos depoimentos foi feita por um morador da Cidade de Deus, uma comunidade situada na Zona Oeste do Rio de Janeiro, em 2003.

Quando o documentário foi exibido o que mais chamava a atenção de todos era a realidade do tráfico de drogas contada pelos próprios jovens traficantes. Um registro natural perseguido pelo telejornalismo diariamente, mas dificilmente obtido. A câmera taticamente colocada na mão de Rodrigo Felha, um cinegrafista nascido e criado na Cidade de Deus, não intimidou os menores entrevistados. Ao contrário, eles queriam contar suas histórias porque sabiam que quem as gravava as conhecia de perto, convivia com elas. (SABACK, 2010, p. 48)

Como os diretores do documentários são duas lideranças comunitárias que mantêm um contato permanente tanto com os governos, municipal, estadual e federal, como com as empresas de comunicação, a exibição do DVD na Rede Globo já estava sendo negociada desde o início das gravações. O lançamento em cadeia nacional foi, portanto, uma estratégia de seus produtores no sentido de dar visibilidade em uma emissora de TV aberta a uma realidade da comunidade, que só os próprios moradores conheciam de perto.

Esta iniciativa, não tão bem recebida por pesquisadores da área, “sinaliza para um pensamento menos utópico e mais heterotópico, ou seja, como a periferia queria se tornar

⁴⁸ De acordo com a reportagem da Revista Época “A cidade do diabo – A realidade dos meninos do tráfico – narrada pelo rapper MV Bill – supera qualquer ficção”, assinada por Martha Mendonça. Acessada no dia 15 de janeiro de 2014. <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR73596-6014>

visível escolheu e, por que não dizer, usou o alcance midiático da maior rede de televisão do país” (idem).

O coordenador da Central Única de Favelas (CUFA) do Ceará, Preto Zezé, durante o debate no Festival Internacional de Cinema de Periferia, o Cine CUFA 2008, defendeu a veiculação do documentário na Rede Globo. Preto Zezé dizia, na época, que era “necessário superar a invisibilidade, transitar em vários espaços, mas não perdendo a referência de que o ponto de partida é lá [periferia]”. Na percepção do então coordenador da CUFA, os 36 pontos de audiência registrados ao longo da exibição do documentário no *Fantástico*, apresentou o cotidiano da Cidade de Deus a um público diversificado e ratificou a importância do audiovisual comunitário.

Nas palavras de Preto Zezé, “sem a Globo não estaria havendo este debate”. Foi como se a CUFA estivesse admitindo que a televisão aberta ainda é um espaço poderoso e deveria ser usado como um trampolim para dar visibilidade a este tipo de produção.

Em *País chamado favela* (2014), Meirelles e Athayde, citam o projeto *Falcão – Menino do Tráfico* e lembram que mesmo premiados dentro e fora do país, o produtores foram processados sob a acusação de associação ao tráfico e apologia ao crime. Para os autores, o projeto é emblemático no sentido de exemplo de resistência.

Eles explicam que devido a movimentos como este, foi possível desenvolver conhecimento para mediação de conflitos. Como fruto de uma parceria entre a CUFA e o Ministério da Justiça, guardas municipais foram treinados para dialogar com os jovens da favela.

Esses processos de vivência e comunicação ativa são fundamentais à construção de conciliações nos centros urbanos. Por meio desse resgate do respeito, a favela pode dialogar com o asfalto em pé de igualdade. O grande equívoco de muitos projetos e empreendimentos dirigidos às comunidade tem sido desconsiderar os inúmeros acordos que obrigatoriamente precedem a assinatura de um contrato de negócios. (MEIRELLES & ATHAYDE, 2014, p. 83)

O projeto *Falcão – Meninos do Tráfico* teve como desdobramento desse trabalho foi o lançamento, em 2007, do livro *Falcão – Mulheres do Tráfico*. E, depois da estreia de MV Bill como diretor de documentário, o rapper prestigiou campanhas institucionais da TV Globo e, ainda, atuou como o professor de física do colégio Primeira Opção, Antônio, viúvo e pai de uma adolescente, na 18ª temporada da telenovela *Malhação*. Na

época, o ativista foi questionado pela imprensa por esta participação e em uma entrevista *Megazine* (@revistamegazine), por meio do *Twitter*, ele explicou:

"Sempre fui muito crítico a novelas e sempre questioneei a presença dos favelados e dos pretos. Na própria novela em que vou participar, também nunca consegui me ver. Mas há uma mudança no comportamento da direção do programa, entendendo a importância de ter uma novela condizente com a diversidade e os conflitos do povo brasileiro. Seria uma contradição minha não participar, já que propus mudanças em vários setores. E penso que, quando jovens de favela me assistirem participar, pensarão que esses lugares também podem ser ocupados por eles", disse Bill a @labdamente.⁴⁹

As relações da Rede Globo com os moradores de favelas do Rio no mundo do entretenimento só cresceram a partir de 2011. Em janeiro, estreou a primeira temporada do programa dominical *Esquenta!*, apresentado pela atriz Regina Casé. Com o formato dos tradicionais programas de auditório, a atração pretende trazer para a telinha o clima de uma festa de periferia. Para isso, mantém, entre seus produtores e pesquisadores, vários jovens nascidos e criados em favelas do Rio.

Em 2013, para atuar na pesquisa de personagens e histórias inusitadas, com a cara do povo brasileiro, foram contratados os ex-parceiros do RJ Ana Muza e Petter Mc, além de um dos diretores de “5x favela – agora por nós mesmos” (2010) e 5x UPP (2011), Luciano Vidigal. Entre os roteiristas, a emissora escalou o jovem Renê Silva, que atuou na novela *Salve Jorge* e ficou conhecido em 2010 durante a ocupação militar do Complexo de favelas do Alemão, que reúne 14 comunidades no subúrbio do Rio de Janeiro, ao tuitar informações sobre o conflito em tempo real, de dentro do Morro do Adeus onde mora com a família.

Renê é um jornalista comunitário que, aos 11 anos criou o jornal Voz das comunidades e, em 2014, além de manter o jornal, com uma tiragem mensal de 3.000 exemplares com distribuição gratuita, administra um portal com notícias de todos os morros que compõem o Complexo do Alemão, chamado Voz das Comunidades (<http://vozascomunidades.com.br>). Seu *feeling* jornalístico foi logo percebido pela TV Globo que, ao invés de absorvê-lo como um bom repórter, um bom contador de histórias,

⁴⁹ Entrevista concedida por MV Bill à repórter Christina Fuscaldo da *Megazine*, publicada no dia 19/08/2010 no site do jornal *O Globo*. Acessada em 11 de janeiro de 2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/megazine/mv-bill-explica-porque-aceitou-entrar-em-malhacao-ha-uma-mudanca-no-comportamento-da-2963206>

preferiu explorar seu conhecimento de vida para alimentar o mundo do entretenimento comandando por ela.

Mas se para a emissora Renê é um consultor sobre favelas, para o Complexo do Alemão e todos os jovens produtores de comunicação comunitária ele é uma referência. Em 2011 ele foi eleito melhor produtor de conteúdo no quesito Inovação, pela *Shorty Awards*, tratado como o "Oscar" do *Twitter* pelo jornal *New York Times*.

Em março de 2014, foi um dos três jovens comunicadores de favela a participar de um intercâmbio promovido pelo Consulado Americano do Rio de Janeiro em Nova Iorque. Em abril do mesmo ano Renê foi à Universidade Harvard, em Cambridge, nos Estados Unidos, como palestrante do Simpósio Internacional sobre Conexão Digital. Renê viajou ao lado de Michel Silva, da Rocinha, e a parceira do RJ Daiane Beatriz, do Complexo do Alemão.

3.4 – *Audiovisual comunitário brasileiro, um breve histórico*

Para pensar na constituição de uma nova narrativa com viés comunitário a partir do quadro *Parceiro do RJ/TV Globo*, uma produção audiovisual cunhada pelo conhecimento de quem vive nas favelas do Rio de Janeiro, é fundamental refazer o caminho do audiovisual comunitário no Brasil e, principalmente, descortinar o histórico da Rede Globo de Televisão com o telejornalismo local. Considera-se pertinente compreender os espaços ocupados pelo audiovisual comunitário até ele chegar à um emissora de canal aberto.

A trajetória do audiovisual comunitário brasileiro começou há pelo menos três décadas, em 1980, quando surgiram as primeiras TVs Livres, também conhecidas como TVs de Rua. Nesta época, programas produzidos por moradores de comunidades de baixo poder aquisitivo eram exibidos em enormes telões montados em ruas e praças públicas. As TVs de Rua faziam parte de movimentos organizados pela própria população a partir da chegada do videocassete e das câmeras portáteis, no final da década de 1970. Eram experiências televisivas móveis, sem qualquer enlace legal ou vínculo com emissoras de televisão aberta.

Em “Imagens nas mãos” (1989), Luiz Fernando Santoro destaca que as produções feitas pela TV Viva, de Olinda, e o Centro de Criação da Imagem Popular (CECIP), no Rio de Janeiro, foram pioneiras na produção do vídeo popular. O autor afirma que o CECIP, por exemplo, “procurava aproveitar os integrantes da comunidade de suas produções como apresentadores, em reportagens, enfim, falando de seus problemas e de sua vida” (SANTORO, 1989, p. 80).

A primeira experiência de TV Comunitária do Rio de Janeiro nasceu com o CECIP, com o projeto de vídeo popular TV Maxambomba (1986-2002). A iniciativa reunia profissionais de diversas áreas, entre eles o cineasta Eduardo Coutinho (1933 – 2014), diretor do documentário *Cabra marcado para morrer* (1984), obra inspiradora do projeto. Assim como Coutinho abriu o microfone para camponeses e a viúva de João Pedro, para reconstruir a sua história e das Ligas Camponesas⁵⁰ de Galiléia e de Sapé, pretendia-se deixar que o povo falasse. A iniciativa contou com uma parceria do CECIP com a Associação de Moradores de Nova Iguaçu.

⁵⁰ As primeiras Ligas Camponesas, movimento que reunia trabalhadores rurais entre 1955 e 1964, foram criadas no estado de Pernambuco, depois na Paraíba, no estado do Rio de Janeiro, Goiás e em outras regiões do país.

A identificação dos moradores com os programas exibidos, que mostravam as dificuldades existentes, as soluções criativas encontradas, os seus valores artísticos e culturais, fizeram com que eles adotassem a TV Maxambomba como “a TV de Nova Iguaçu”, como era anunciada antes de cada exibição.⁵¹

As exibições da TV Maxambomba em telões instalados em locais públicos eram extremamente significativas: faziam o espectador sair da passividade e desejar contribuir para elaboração e crítica de produtos de informação. Com esta mesma proposta, ou seja, de promover comunicação e educação a serviço do fortalecimento da cidadania, a atuação do CECIP, em 2014, ainda era intensa.

O Centro produz materiais audiovisuais e impressos; desenvolve e realiza campanhas públicas; é formador de agentes sociais; ministra cursos de formação para jovens; além de atuar na gestão de espaços educativos e culturais e articular parcerias comunitárias. Entre os projetos em andamento está o “Memória Maxambomba”, uma parceria entre o CECIP e o Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ), com financiamento da Secretaria Estadual de Cultura. O projeto pretende recuperar e digitalizar programas da TV Maxambomba para em seguida serem disponibilizados, em alta definição, na internet.

Em 2014, no Canal do YouTube, era possível encontrar poucas produções da TV Maxambomba. O vídeo *Praça do Pacificador* (1993)⁵², por exemplo, resgata a história de um importante espaço público do município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. A produção tem um 13 minutos e 30 segundos e apresenta o local, que ficou marcado na história do país, pelos saques que ocorreram no local no dia 5 de julho de 1962, em meio a uma greve geral no país, que resultou na renúncia do então presidente Jânio Quadros, a partir de seus frequentadores. A partir de depoimentos de meninos em situação de rua, prostitutas, vendedores ambulantes, aposentados e moradores do bairro, são mostradas a decadência do lugar e as dificuldades de quem as frequenta diariamente. Um choque de realidade em que o fio condutor é a fala do morador que clama por direitos de cidadão.

⁵¹ <http://www.visoesperifericas.org.br/2012/cecip-maxambomba.html> Acessado em 30 de junho de 2014.

⁵² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N9Kvjy5HrAs&list=PLSqkY3Jk9PF5LSWUPTqwSdwd3KBi3d_b8. Acessado em 15 de dezembro de 2014.

No levantamento feito por Santoro na década de 1980, a produção em vídeo feita por grupos populares trabalhava em seis linhas⁵³:

1. *autoscopia* – “gravação de reuniões, de atuações individuais para exibição interna nos próprios grupos”;
2. *registro* – “gravação de eventos ou fatos de interesse do grupo sem preocupação específica com uma edição”;
3. *edição simples* – “concepção de um documentário tendo como origem um material já gravado”;
4. *documentário* – a equipe quando sai para uma gravação já tem definido qual o objetivo do trabalho e sabe, portanto, o que vai fazer”;
5. *roteiro original* – requer uma certa experiência do grupo em lidar com os elementos da linguagem audiovisual”;
6. e, por último, *o uso do equipamento técnico como suporte* – “dedicam-se à discussão a partir de programas, ou filmes exibidos aos seus participantes”.

Além da TV Maxambomba, outras TVs Livres fizeram história, principalmente, quando saíram das ruas e passaram a ocupar espaços fechados, como associações de bairros, postos de saúde e escolas. As TVs móveis, compostas por um videocassete, um telão ou monitor de TV, um amplificador de som e um microfone, passaram a percorrer locais previamente escolhidos para apresentar e debater a produção audiovisual feita por moradores de uma determinada comunidade, mesmo que com o suporte técnico de um organização não governamental ou de um sindicato.

Um exemplo de sucesso até os dias atuais é a Bem TV, de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro⁵⁴. Criada em 1990 por dois estudantes de comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF), até o fim do século XX produziu e exibiu vídeos em sete comunidades de Niterói. Em uma delas, no Morro do Preventório, em Charitas, também implementou o projeto “Preventório 21”, responsável pela implantação da agenda 21 local⁵⁵ desta comunidade. Uma das ações do projeto foi o curso de produção audiovisual que deu origem ao “Grupo Nós na Fita”, projeto permanente da Bem TV.

⁵³ (SANTORO, 1989, p. 95-97).

⁵⁴ <http://www.bemtv.org.br/portal/index.php>

⁵⁵ Como resultado da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Cnumad), realizada no Rio de Janeiro, em 1992, conhecida como Rio-92 ou ECO-92, foi estabelecido um programa de ação objetivando um padrão de desenvolvimento ambientalmente racional. Esse documento foi denominado de Agenda 21 e todos os 156 países signatários passaram a trabalhar na constituição de agendas locais e nacionais como forma de cumprir as metas firmadas.

De uma forma geral o conceito de TV comunitária compreende experiências televisivas realizadas por moradores de uma determinada comunidade de bairro (LIMA, 1997). Após uma extensa pesquisa junto aos canais comunitários, Cicilia Peruzzo historicizou quatro tipos de TVs comunitárias: as em UHF (*Ultra High Frequency*)⁵⁶, que, mediante um convênio, retransmitem parte da programação de alguma Televisão Educativa; as clandestinas, com sistema de transmissão em baixa potência VHF (*Very High Frequency*)⁵⁷; as TVs de Rua, também chamadas de TVs Livres, descritas anteriormente e, ainda, as com transmissão a cabo, por assinatura. Segundo Peruzzo:

Em tempo de globalização, a mídia comunitária vai mostrando sua força e grande diversidade de estratégias e conteúdos, como mostra o caminho percorrido pelas TVs populares e comunitárias no Brasil. Pauta-se pela ousadia, criatividade, legalidade⁵⁸, valorização da cultura brasileira e privilegia a ação de organizações sociais, além de temas que afetam o cotidiano local e regional, tanto na questão jornalística como artística e cultural. (PERUZZO, 2007, p. 37)

A regulamentação governamental do conceito de Canal Comunitário surgiu com a Lei 8.977, de 6 de janeiro de 1995, que estabelece a obrigatoriedade das operadores de TV a cabo, beneficiárias da concessão de canais, de disponibilizar, na sua área de prestação de serviços, seis canais básicos de utilização gratuita. De acordo com o artigo 23, são três canais legislativos (Senado Federal, Câmara dos Deputados e Assembleias Legislativas/Câmaras de Vereadores), um canal universitário (para uso compartilhado das universidades sediadas na área de prestação do serviço), um educativo-cultural (reservado para uso dos órgãos que tratam de educação e cultura do Governo Federal, governos estaduais e municipais) e um comunitário (aberto para utilização livre por entidades não governamentais e sem fins lucrativos) (PERUZZO, 2000).

Em 2011, a então chamada “Lei do Cabo” foi substituída pela Lei 12.485, sancionada em 12 de setembro, que dispõe sobre a comunicação audiovisual de acesso condicionado. O artigo 32 do capítulo VII da lei que foi logo apelidada de “Lei da TV por Assinatura” ampliou de seis para 11 o número de canais sem qualquer ônus ou custos.

⁵⁶ UHF, *Frequência Ultra Alta*, indica a faixa de radiofrequências de 300 MHz até 3 GHz.

⁵⁷ VHF, *Frequência Muito Alta*, indica a faixa de radiofrequências de 30 a 300 MHz.

⁵⁸ Nota da autora: especificamente no que se refere ao vídeo popular e aos canais comunitários.

Entre eles foi mantido “um canal comunitário para utilização livre e compartilhada por entidades não governamentais e sem fins lucrativos.”⁵⁹

Na Favela da Rocinha, a experiência de um canal comunitário a cabo surgiu com a criação da TVROC, em 1997. O empresário argentino Dante Quintero trouxe a TV a cabo para a comunidade com o objetivo de unir o marketing às ações sociais, oferecendo aos moradores da favela informações que ela não poderia obter por meio da grande mídia (MEDRADO, 2005).

A TVROC obtia da NET Brasil um pacote que incluía canais como Cartoon Network, Discovery, Fox, e da NET Rio, a licença para transmiti-los. Por esse pacote, os moradores da Rocinha pagavam uma mensalidade bem mais baixa que a da tabela aplicada nos demais bairros da cidade. Com a renda obtida com as assinaturas, a TVROC sustentou até 2011 a produção e manutenção do Canal 21, com uma programação totalmente voltada para a comunidade.

Entre os programas então produzidos pela TVROC estão o *Expresso Rocinha*, um noticiário local com matérias que eram gravadas e editadas por estagiários do canal, todos estudantes de comunicação; *Conversa Fiada*, um programa de entretenimento e informação realizado ao vivo por estagiários; *Hardsoft*, um programa de informática; além de programas culturais, educacionais e informativos enviados por produtores externos e as transmissões ao vivo dos eventos importantes que aconteciam na Rocinha.

Em 2014, a Associação Brasileira de Canais Comunitários (ABCCOM), com sede em Brasília, mantém em seu quadro de associados 64 canais. A maioria deles está na Região Sudeste, 38; sendo 21 em São Paulo, 9 em Minas Gerais, 7 no Rio de Janeiro e 1 no Espírito Santo. Os demais associados estão distribuídos nas seguintes regiões: 16 no Sul, 4 no Nordeste, 3 no Norte e 3 no Centro-Oeste. Cicilia Peruzzo investigou durante cinco anos (de 1999 a 2001, 2004 e 2005) a participação da população local em três canais comunitários do sistema a cabo de televisão em três cidades: Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo. E, de acordo com a análise da autora:

Seja por esperteza de lideranças que se arvoram como representantes da sociedade civil, seja por falta de envolvimento e interesse das pessoas ou de organizações comunitárias sólidas, ou até por falta de oportunidade para uma participação ativa, o fato é que vem se formando

⁵⁹ Inciso VII do artigo 32 do capítulo VII da Lei 12.485, de 12 de setembro de 2011. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12485.htm. Acessada em 30 de junho de 2014.

canais comunitários não muito comunitários⁶⁰, no sentido da carência de um processo partilhado de ação, embora possam estar agindo em favor da “comunidade”. Uma TV comunitária, como canal de expressão do povo, que respeite a diversidade e esteja a serviço do interesse público, pressupõe uma direção assumida democraticamente por entidades representativas da sociedade civil, assegurados os direitos de participação de cidadão individualmente. (PERUZZO, 2007, p. 52)

Mesmo ciente de tantas contradições, Peruzzo é otimista e, para ela, a TV comunitária é “um processo que incentiva a organização popular, impulsiona a experimentação de modo de gestão coletiva de meios de comunicação e um novo modo de fazer televisão” (idem, p. 149). O debate em torno da participação dos cidadãos na criação, definição de grade e produção de conteúdo é recorrente e caminha para constituição de caminhos alternativos.

Com a estreia do Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD), em 2008, foi criada uma rede de TV Pública, a TV Brasil. O objetivo era estabelecer que conteúdo e forma fossem pensados a partir de um conselho formado com a participação de representantes da sociedade brasileira. Com a iniciativa, acendeu-se uma luz no fim do túnel para inserção de produções audiovisuais comunitárias em canais de TV aberta, o que de fato ainda não se realizou.

(...) as emissoras serão repetidoras da grade nacional da TV Brasil, reservando pelo menos quatro horas para a programação local, mas não em formato vertical, com uma cabeça de rede definindo a programação da rede. A previsão era de que um comitê de programação, com representantes de todas as emissoras associadas, definisse a programação, com produções de todas compondo a grade nacional. Havia previsão, ainda, de editais para a seleção de programas independentes a ser veiculados pela rede. (MAURÍCIO, 2012, p. 203)

A democratização dos veículos de comunicação e a consequente inserção de conteúdo voltado para as necessidades da periferia é, atualmente, uma das principais discussões entre os estudiosos de comunicação audiovisual. Em um seminário sobre comunicação alternativa realizado em 2008, no Rio de Janeiro, o presidente do Fórum Democracia na Comunicação, o professor da Universidade de São Paulo (USP) José Carlos Rocha, afirmou que “as mídias comunitárias podem substituir os modelos de

⁶⁰ Nota da autora: veja por exemplo o caso de Piracicaba, de Belo Horizonte e tantos outros.

mídias esgotados”. Segundo ele, vivemos um momento de “insurgência comunicativa”.

Detoni (2004) explica que a maioria das pessoas envolvidas em radiodifusão de baixa potência no Brasil tem o desejo de acesso à mídia. Segundo a autora, as pessoas querem passar suas mensagens, ser ouvidas e, conseqüentemente, existir.

Apesar da evidente conquista obtida com a criação de uma legislação que enlace as questões referentes aos canais comunitários a cabo, o audiovisual comunitário produzido para TV aberta ainda tem muito pouco respaldo político. Há 17 anos tramita no Congresso Nacional um projeto de lei, o PL 2701/1997, do deputado federal Fernando Ferro (PT-PE), que dispõe sobre o Serviço de Televisão Comunitária⁶¹. Se aprovado, as TVs comunitárias poderiam conquistar direitos até então exclusivos das emissoras detentoras de uma concessão pública regida dentro de critérios previstos na Lei nº 4.117, de 27 de agosto de 1962, que estabelece as normas para os serviços de telecomunicações em todo o território do País.

No momento em que se assiste aos avanços tecnológicos nos processos de comunicação (transmissão digital por banda larga etc.), torna-se cada vez mais distante o desenvolvimento de um projeto de implantação de emissoras de televisão que garantam, nos 5.564 municípios brasileiros, ao menos o que já determina a legislação para as rádios comunitárias no Artigo 3º da Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, a chamada “Lei da Rádio Comunitária”:

Art. 3º O Serviço de Radiodifusão Comunitária tem por finalidade o atendimento à comunidade beneficiada, com vistas a:

- I - dar oportunidade à difusão de ideias, elementos de cultura, tradições e hábitos sociais da comunidade;
- II - oferecer mecanismos à formação e integração da comunidade, estimulando o lazer, a cultura e o convívio social;
- III - prestar serviços de utilidade pública, integrando-se aos serviços de defesa civil, sempre que necessário;
- IV - contribuir para o aperfeiçoamento profissional nas áreas de atuação dos jornalistas e radialistas, de conformidade com a legislação profissional vigente;
- V - permitir a capacitação dos cidadãos no exercício do direito de expressão da forma mais acessível possível.⁶²

61

http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_imp.jsessionid=2327E90BE7D158BE746FF9CD05F75COF.node2?idProposicao=18506&ord=1&tp=completa Acessado em 30 de junho de 2014.

⁶² Legislação disponível na íntegra em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19612.htm

É dentro deste contexto que se analisa o quadro *Parceiro do RJ*, veiculado no telejornal *RJ TV – 1ª Edição*, da Rede Globo de Televisão. Entende-se que a iniciativa apresenta um formato de audiovisual comunitário, que acaba por promover uma reflexão em torno de um dos paradigmas que o cercam: seu papel fundamental em prol do desenvolvimento de uma determinada comunidade, quando é produzido e veiculado, única e exclusivamente, com o envolvimento de seus moradores.

3.5 – O audiovisual na Rocinha e no Vidigal

O estudo *Mídia e favela: comunicação e democracia nas favelas e espaços populares* (2012), realizado pelo Observatório de Favelas, não detalha cada veículo de comunicação existente na região de observação do corpus desta tese, mas a partir de reportagens de sites como o Viva Favela (www.vivafavela.com.br) é possível aprofundar uma reflexão sobre a produção audiovisual comunitária na primeira década do século XXI na Rocinha e no Vidigal.

De acordo com a reportagem “Um giro pelas mídias da Rocinha”, assinada por Cleber Araújo, publicada pelo Viva Favela no dia 1º de julho de 2011, há na favela um espaço próprio de comunicação comunitária, muitas vezes fruto do trabalho voluntário feito por moradores.

Entre as rádios comunitárias, o texto destaca a Rádio Brisa, irradiada a partir de caixas de som instaladas nos postes desde a parte baixa do morro, a Vila Ápia, até a parte mais alta, na Rua 1. A *Rádio Brisa* foi criada em 1999 por Elias Lira Guilherme. Na época havia três rádios comunitárias na Rocinha: na parte alta, a *Rádio Arte Astral*; no meio da favela, a *Rádio Katana*; e na parte baixa, a *Rádio Rocinha*. “Quando decidiram substituí-las por rádios FM, acabando com a rádio de poste, foi aí que eu entrei. Reativei a rádio de caixinha (poste), abrangendo toda a comunidade”, contou Elias à reportagem do site. A *Rádio Katana*, criada em 1995, pelos donos de uma academia de jiu-jítsu para divulgar suas aulas, inspirou Elias e também estimulou os comerciantes locais a usarem a rádio de caixinha para divulgar seus produtos. A *Rádio Katana* cresceu e passou a ocupar a faixa FM 91,3.

A *TV Tagarela*, a TV comunitária de rua, criada em 1998 depois de uma oficina de vídeo ministrada na favela, tem um formato peculiar. A equipe exhibe vídeos e filmes em locais públicos e, em seguida, abre o microfone para os moradores opinarem. A produção é exibida, ao vivo, em um telão montado no meio da rua. O vídeo *TV Comunitária de rua: uma boa alternativa*, publicado no site *Barraco@dentro*⁶³, faz um registro histórico da *TV Tagarela* e enuncia o desejo de seus participantes de romper com os estereótipos da favela e seus moradores, criados e veiculados pela grande mídia. É o que diz o depoimento de Augusto Pereira, um dos responsáveis pela criação da TV. Ele

⁶³ Disponível em: (<http://www.barraco dentro.com/tv-comunitaria-de-rua-uma-boa-alternativa/>)

é quem ministrava os cursos de vídeo pela Ação Social Padre Anchieta (ASPA) e foi um dos grandes responsáveis pela fundação da Tagarela.

O grande desafio não é fazer qualquer tipo de vídeo. Não é fazer um vídeo que reforce uma lógica que já está aí. É exatamente para desconstruir essa lógica. Fazer um tipo de produção que faça a comunidade se questionar, que faça ela crescer e, também, que valorize em termos de cultura. Acabar com essa história da cultura da violência. Não é. (PEREIRA, 2011)

Em tempos de convergência de mídias é importante destacar alguns veículos importantes que têm entre seus produtores jovens que também trabalham com o audiovisual. É o caso do jornal *Fala Roça*, criado e editado pelo estudante de jornalismo Michel Silva e a irmã. O jornal foi lançado em maio de 2013, e é fruto do trabalho desenvolvido pela Agência Redes para Juventude, realizado pela Avenida Brasil – Instituto de criatividade social, com jovens de 22 comunidades pacificadas.

Na web, onde todas as mídias se encontram, estão os maiores promotores de informação da Rocinha. São os sites *FavelaDaRocinha.com*, o *Viva Favela* e o *Rocinha.org*, e, ainda, os blogs *Rocinha/Blog/MTV Brasil* e o *Barraco@dentro*.^{[1][2][3][4][5][6][7][8][9][10][11][12][13][14][15][16][17][18][19][20][21][22][23][24][25][26][27][28][29][30][31][32][33][34][35][36][37][38][39][40][41][42][43][44][45][46][47][48][49][50][51][52][53][54][55][56][57][58][59][60][61][62][63][64][65][66][67][68][69][70][71][72][73][74][75][76][77][78][79][80][81][82][83][84][85][86][87][88][89][90][91][92][93][94][95][96][97][98][99][100]}À frente de cada um deles há sempre um morador empenhado em “mostrar o lado sadio da comunidade”, como disse Ocimar Santos, do *Rocinha.org*, ao repórter do *Viva Favela*. Um desejo que se explica pelo espaço que a Rocinha ocupou na grande mídia até setembro de 2012, quando foi implantada a UPP e a imprensa voltou a circular pela favela. Até então sua presença era sempre acompanhada da polícia, para a cobertura de confrontos entre policiais e bandidos.

No Vidigal existe apenas o Parceiros do Vidiga, uma página no Facebook que pretende dar voz aos moradores com *posts* que vão desde fotos informais deles na praia a denúncias de falta d’água, reprodução de reportagens sobre a favela, anúncios de documentos perdidos, animais desaparecidos ou convites para festas.

Um dos destaques no Vidigal no campo da comunicação comunitária, mais especificamente no audiovisual comunitário, é o Projeto Nós do Cinema, criado em 2009, a partir do pioneiro grupo de teatro Nós do Morro. A organização não governamental ministra cursos de capacitação em cinema e já formou cineastas como Luciano Vidigal e Luciana Bezerra, que dirigiu *Acende a luz*, um dos curtas que integram o inovador *5 Vezes Favela, agora por nós mesmos* (2010). O filme traz cinco histórias com roteiro e direção assinados por jovens moradores de comunidades. A produção é fruto de um projeto do

cineasta Cacá Diegues e da produtora executiva Tereza Gonzalez, sua sócia na Produtora Luz Mágica, com o financiamento da Globo Filmes.

4 – Parceiro do RJ – O projeto



Figura 3: Informações da página Parceiro do RJ no Facebook.
(Foto: Reprodução Facebook)

O quadro Parceiro do RJ nasceu a partir da criação das Unidades de Polícia Pacificadora nas favelas do Rio de Janeiro, em 2008. O criador do quadro, o jornalista Erick Brêtas⁶⁴, que na época comandava o jornalismo regional da TV Globo, afirma que com as UPPs surgiu a oportunidade da emissora voltar a fazer coberturas nas favelas do Rio de Janeiro, território que, de acordo com Brêtas, a emissora havia abandonado desde o assassinato do jornalista Tim Lopes⁶⁵.

De vez em quando, quando era preciso entrar a gente ia, fazia uma negociação com a associação de moradores. Era uma situação incômoda, porque você não tinha controle, não sabia se ele ia falar com o tráfico ou se não ia. A gente nunca negociou com o tráfico para entrar em favela, mas às vezes o nosso contato era um intermediário do tráfico. Era uma coisa que a gente não gostava. Ao mesmo tempo você não quer pedir autorização, é um absurdo a imprensa ter que pedir autorização para traficante para entrar, mas também não pode abandonar completamente. Então, a gente ia quando era muito importante, quando era um evento que se justificava, mas a gente percebia que estava indo menos que a gente

⁶⁴ Erick Brêtas ficou à frente da editoria regional de jornalismo de 2009 a 2012, quando foi nomeado diretor executivo de jornalismo da Globo. Na época em que a entrevista foi concedida para esta tese, em 30 de julho de 2013, o jornalista havia acabado de assumir a direção de mídias digitais da emissora. Quem respondia pela editoria regional de jornalismo era o jornalista Miguel Athayde.

⁶⁵ O jornalista Tim Lopes, produtor da TV Globo, foi torturado e morto por traficantes na favela da Vila Cruzeiro, no Rio de Janeiro, em junho de 2002, quando fazia uma reportagem investigativa sobre bailes funk financiados pelo tráfico no Complexo do Alemão, subúrbio carioca. O jornalista tinha 51 anos quando foi assassinado e sua morte foi orquestrada por lideranças da facção criminosa Comando Vermelho.

gostaria. A gente estava deixando de cobrir no dia a dia parcelas muito importantes da sociedade carioca. E a gente pensava como? A gente precisa ganhar esse público, dar espaço para esse público, a gente precisa falar para eles.⁶⁶

Para falar com “esse público”, Erick Brêtas começou a investigar iniciativas como a de jornalismo cidadão – também classificado de democrático ou colaborativo – praticado pela CNN, por exemplo, com o *iReport*⁶⁷. Entretanto, iniciativas como esta reproduziam o que já era feito pela *TV Globo* com o Quadro *Você RJ*, uma colaboração esporádica do telespectador que denuncia alguma irregularidade presenciada por ele por meio do envio de imagens, muitas captadas pelo telefone celular. “A gente queria uma coisa estruturada, em que realmente a gente pudesse não ter uma coisa esporádica, mas que a gente desse mesmo espaço para aquelas pessoas, para aquelas áreas”, explica o jornalista.

Da primeira ideia de criar “correspondentes de favelas pacificadas”, o projeto ganhou espaço no debate da grade da emissora e, com o aval e orientação do diretor geral Ali Kamel, foi ampliado para pensar além da pacificação. O objetivo passou a ser atender a região metropolitana como um todo. Não ficaria, portanto, restrito às favelas. “Vamos misturar mais, vamos deixar que a cidade inteira esteja representada, inclusive as favelas pacificadas”, disse Ali Kamel a Brêtas. Um pensamento de um jornalismo mais local que se inspirou em outra produção da própria Rede Globo, o *Profissão Repórter*, um quadro do Fantástico criado em 2006, que virou programa das noites de terça-feira, em 2008. Na atração dirigida pelo experiente jornalista Caco Barcellos, repórteres e cinegrafistas, todos estudantes recém-formados em jornalismo, rodam na função e fazem da reportagem um imenso laboratório prático. A ideia de Brêtas era um pouco parecida: selecionar moradores de diversas regiões, totalmente crus, sem necessariamente uma formação em jornalismo ou áreas afins, e treiná-los para reportar histórias retiradas da sua comunidade.

⁶⁶ Entrevista concedida à autora no dia 30 de julho de 2013, na TV Globo.

⁶⁷ Informações sobre o conceito de jornalismo cidadão e produtos como *iReport*, da CNN, são descritos na Parte I desta tese.

4.1. – Temporada 2011

O que é o Parceiro do RJ?

É um novo quadro do RJTV, que vai mostrar a realidade de diferentes regiões da região metropolitana do Rio sob o ponto de vista do próprio morador. É ele quem vai apresentar o lugar em que vive, com um olhar que só ele tem, produzindo conteúdo para o telejornal. Para isso, serão selecionadas 16 pessoas de oito áreas do Rio de Janeiro. Estas pessoas precisam ser curiosas, conhecer seus bairros e, principalmente, gostar de contar histórias. Cada selecionado será um “Parceiro do RJ”.⁶⁸

Uma vez formatado, o projeto Parceiro do RJ abriu inscrições para a primeira turma em 2010. A única exigência era que a pessoa tivesse entre 18 e 30 anos e que morasse em uma das oito regiões selecionadas para esta etapa: Copacabana, Tijuca, Campo Grande, Complexo do Alemão, Cidade de Deus, Nova Iguaçu, Duque de Caxias e São Gonçalo. Em pouco tempo 2.200 jovens se inscreveram para participar do projeto. Após uma rigorosa seleção feita com provas de conhecimentos gerais, redações, entrevistas e, ainda, a entrega de um vídeo, foram selecionados para a primeira turma do projeto 16 jovens, uma dupla para cada região.

Os jovens parceiros foram treinados por profissionais da TV Globo com aulas e palestras sobre técnica de gravação e produção de reportagem e texto para TV durante um único mês. No final, cada dupla recebeu uma mochila com o *kit reportagem*. Dentro dela eles tinham uma câmera de mini-DV, microfone e *sungun* (pequeno equipamento de iluminação portátil). Cada parceiro assinou um contrato temporário com a Rede Globo até o dia 31 de dezembro de 2011, e recebia por mês uma bolsa salário de R\$ 1.120,00, cartão de passagem e um Vale Refeição de R\$ 350,00. Além disso, as duplas tinham, a cada quinze dias, uma verba de produção de R\$250,00.

A dupla da Rocinha integrou-se ao grupo apenas em setembro de 2011, quando a favela recebeu uma Unidade de Polícia Pacificadora. A partir daí o projeto passou a contar com 9 duplas compostas por jovens moradores de uma mesma região, mas não necessariamente com histórias de vidas semelhantes. Dos dezoito parceiros, apenas cinco eram estudantes universitários, os demais tinham o ensino médio completo.

⁶⁸ <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/parceiro-rj/noticia/2011/01/inscreva-se-para-ser-parceiro-do-rj.html>

Foto: Arquivo Cecília Vasconcelos



Figura 4: Primeira Turma do quadro Parceiro do RJ com a apresentadora Ana Paula Araújo.

Em Copacabana, a moradora das proximidades da Praça Cardeal Arcoverde Luana Rodrigues, na época com 26 anos e cursando jornalismo, trabalhou ao lado de Ana Muza, que vivia no morro Pavão-Pavãozinho;

Na Tijuca, Yuri Henderson, então com 18 anos, ex-aluno do Colégio Militar, nascido e criado no Morro do Borel, foi parceiro de Rafael Caliari, ex-escoteiro, que na época tinha 20 anos e cursava geografia na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj);

São Gonçalo colocou lado a lado Felipe Saldanha, que tinha 25 anos, e Romário Régis, na época já casado e com um filho de seis meses;

Para a dupla do Complexo do Alemão foram escalados Thiago Ventura, de 28 anos e que havia acabado de fechar um bar que tinha na região durante a ocupação das Forças de Paz, e a agente de saúde Lana Souza, na época com 21 anos, que com um grupo de amigos, já percorria a região em busca de notícias e sugestões para serem publicadas na internet;

Na Cidade de Deus trabalharam Viviane Sales, 20 anos, aluna de Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e o ator Ricardo Fernandes, de 21 anos e estudante de teatro;

Em Nova Iguaçu Pedro Alan Lima, o Petter MC, paraibano, de Campina Grande, que vivia em Comendador Soares com a mulher, três enteados e a sogra, foi parceiro de

Mariane Del Rei, que tinha 27 anos, casada e mãe, e morava do outro lado da cidade, num dos bairros mais carentes do município;

Duque de Caxias: Felype Bastos, 22 anos, e Flavia Freitas que tocava violino e estudava em Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro;

Campo Grande contou com Felipe Mello, que já tinha sido gari do bairro, e Mariane Rodrigues, que acabou sendo contratada pela emissora como cinegrafista da Editoria Rio e foi substituída por Diego Dias;

E para representar a Rocinha foram escolhidos o técnico de informática Marcos Braz e a cabeleireira Cecília Vasconcelos.

A primeira reportagem do quadro foi ao ar no dia 18 de março de 2011, e era um VT⁶⁹ produzido pela dupla de parceiros da Cidade de Deus sobre os preparativos para a visita do presidente norte-americano Barack Obama à comunidade. Era o primeiro sinal que a investida havia dado resultado. Por serem moradores da comunidade, Viviane Sales e Ricardo Fernandes conseguiram o impossível, ficar na área reservada ao presidente e sua comitiva, e conseguiram imagens exclusivas.

Este VT é como um troféu tanto para os jovens realizadores da reportagem, como para os editores da emissora que cuidam da edição final que vai ao ar e assinam como jornalistas responsáveis. Na reportagem produzida para comemorar os 30 anos do telejornal *RJTV – 1ª Edição*, veiculada no dia 03 de janeiro de 2013, o quadro ganhou destaque. O texto off narrado por Ana Paula Araújo diz: “é sempre bom ter ajuda”, e um trecho da reportagem da dupla cidade de Deus entra em seguida com uma passagem de Viviane Sales afirmando: “Isso é parceiro do RJ aqui no lugar, que a imprensa não conseguiu tá.”

No primeiro ano do projeto (2011-2012) foram veiculados, ao todo, 348 VTs (ver tabela nos anexos), quase um por dia. A dupla que mais colocou no ar reportagens foi a de Campo Grande, que produziu 48 VTs e, ainda fez mais um em parceria com a dupla de Copacabana. Aliás, os VTs coletivos, onde mais de uma dupla participa, traduzem um dos resultados obtidos com o primeiro ano do quadro no ar: o trabalho em equipe.

O entrosamento entre os parceiros da primeira turma gerou a produção de uma série especial que foi veiculada no *RJTV – 2ª Edição*, que vai ao ar às 19h. A série *Cultura Underground*, sobre a produção cultural nas favelas e periferia carioca, reuniu três reportagens produzidas pelos parceiros Mariane Rodrigues, de Campo Grande, Petter

⁶⁹ VT no jargão do telejornalismo brasileiro é usado para se referir a reportagem produzida para veiculação.

MC, de Nova Iguaçu, e Thiago Ventura, do Complexo do Alemão. Cada um, por escolha própria, desenvolvendo a função que tinha mais aptidão. Uma iniciativa que rendeu frutos para todos, como orgulha-se Erick Brêtas.

Pra mim isso é evidência da qualidade do treinamento que a gente deu para eles. Eles são profissionais. Aqui três dos quatro estão contratados. O Peter é pesquisador do Esquenta, a Mariane é repórter cinematográfica da Editoria Rio e o Thiago Ventura editor de imagens. Não é uma coisa assistencialista, a gente acha que essas pessoas têm capacidade de virar profissionais, são hoje profissionais de televisão. A gente foi lá no morro, retirou essas pessoas da favela, da perifeira. Eu tenho muita certeza disso, que tem muita gente talentosa nesses lugares. Você tem que fazer a seleção na maneira correta.⁷⁰

O que Érick quer dizer com fazer a seleção da maneira certa, refere-se ao que se espera do “repórter parceiro”. O jovem não precisa ser da área de comunicação e muito menos ter participado de cursos preparatórios. De acordo com o idealizador do projeto a ideia é mesmo dar oportunidade a quem quer falar da sua comunidade e, para realizar este tipo de seleção, a emissora teve que ajustar seus métodos de análise de currículo.

Eu cheguei na primeira seleção tinha lá a pergunta do RH: que idiomas fala? Que cursos fez? Eu falei gente não é nada disso. Eu não quero ninguém que fale alemão no Parceiro do RJ. Eu não quero nada disso. Eu quero um cara que tenha carisma, eu quero o cara que tenha algum trabalho comunitário relevante, eu quero o cara que tenha liderança, seja reconhecido dentro da comunidade dele como ponto de referência para qualquer coisa. Tinha uma menina que era agente de saúde, que era a Alana, parceira do Thiago no Alemão. Eu não quero que fale línguas, nada disso. Então, tivemos que fazer esse ajuste, essa sintonia fina com o RH e o RH depois entendeu que o perfil era outro.⁷¹

Com este modelo de seleção, a equipe da Rede Globo aproxima-se da missão de uma instituição que financia o que chamamos de “vídeo participativo”. Uma ferramenta de empoderamento social a partir do audiovisual produzido pela própria comunidade. Esta metodologia é aplicada por grandes corporações internacionais, organizações não governamentais, com o objetivo, muitas vezes, de multiplicar práticas positivas para um planeta sustentável. É o que a diretora fundadora da *Proplaneta Participatory Video* (www.proplaneta.com), a jornalista Fernanda Baumhardt, define como “uma educação participativa e ferramenta de comunicação, onde o processo social por trás da tecnologia

⁷⁰ Entrevista concedida à autora em 30 de julho de 2013, na TV Globo.

⁷¹ Idem.

e a realização de vídeo é mais importante do que o produto final, e o que impulsiona a mudança.”⁷²

As reportagens do quadro Parceiro do RJ estão longe de ser produzidas como um vídeo-participativo mas, de certa forma, o projeto prega o que os cientistas sociais defendem para a aplicação da metodologia, ou seja, a figura do facilitador que fornece as condições para a realização do vídeo, mas pouco interfere em sua produção. Neste caso, a Rede Globo apareceria como o agente externo, a instituição financiadora e seus jornalistas seriam os facilitadores, aqueles que ensinam como fazer, permitindo um fazer do jeito “deles”.

Seria utópico pensar em isenção total do facilitador em questão, mas no que tange à questão da multiplicação de mensagens, uma vez veiculadas no canal de TV aberta de maior audiência do país, as reportagens tornam-se tão eficazes como os vídeos-participativos. Diz-se isso, na medida em que o resultado da primeira turma do projeto no Rio de Janeiro registrou que soluções de problemas, muitas vezes relatados anteriormente às autoridades competentes, depois de veiculados nas reportagens dos parceiros foram resolvidos pelo poder público. Além disso, observou-se que a participação no projeto de jornalismo despertou em alguns parceiros o desejo de ingressar na profissão e, ainda, resultou na contratação pela emissora de três jovens.

Thiago Ventura tinha 27 anos quando participou do projeto Parceiro do RJ. Morador do Complexo do Alemão, ele estava sem trabalhar porque, com a ocupação da comunidade resultante de uma megaoperação da polícia e das Forças Armadas, em 2010, foi obrigado a fechar o bar e restaurante que mantinha na favela onde nasceu. Para ele, participar da iniciativa, até então inédita, trouxe a oportunidade de agarrar uma nova profissão, a de editor de imagens do telejornal *Bom Dia Brasil*.

Já procurei emprego de tudo que foi jeito, de porta em porta, na rua, ralei pra caramba. Então, quando eu entrei ali pensei eu não tenho outra oportunidade igual a essa na minha vida e não vou ter. Então eu resolvi agarrar de tudo que foi jeito. Eu mirei na edição de imagens. Eu defini um objetivo, que não era com nível superior e fui. Se não desse certo, pelo menos eu tinha tentado de todas as formas. (...) O salário que eu tenho hoje, eu nunca ganhei. Comprei o meu carro novo, pela primeira vez na vida comprei um carro zero. Ajudo em casa. Eu moro com a minha mãe aqui, aí a gente tem uma casinha aqui embaixo que eu vou reformar e vou mudar para lá.⁷³

⁷² Durante a produção desta tese a autora participou de uma oficina de vídeo-participativo em Lisboa, ministrado por Fernanda Baumhardt.

⁷³ Thiago Ventura em entrevista concedida à autora no dia 4 de agosto de 2014, por telefone.

Thiago está convicto de que o projeto o ajudou e também foi fundamental para a comunidade onde vive. Apesar de não se considerar uma “pessoa muito ativista”, ou seja, um militante comunitário, reconhece que o alcance midiático da Rede Globo colaborou e colabora para obtenção de resultados positivos do projeto Parceiro do RJ. Segundo ele, de todos os problemas denunciados por sua dupla, apenas um ficou sem solução porque dependia da realização de uma licitação. “Tinha um poste que estava pra cair. (...) A Record fez matéria, a Tupi fez matéria, o Dia fez matéria e ninguém trocou o poste. Eu fiz a matéria num dia, no dia seguinte eles estavam mudando.”⁷⁴

Assim como Thiago, Mariane Rodrigues, ao final do projeto, foi contratada e passou a integrar a equipe de jornalismo da emissora como repórter cinematográfica. Já Pedro Alan Lima de Oliveira, mais conhecido pelo nome artístico Petter MC, ganhou espaço na Central Globo de Produção (CGP) como pesquisador do programa *Esquenta*, comandado pela atriz Regina Casé. Sua missão era descobrir personagens anônimos da cena cultural, uma tarefa que o *rapper* já fazia no seu dia a dia.

Petter MC é professor de literatura marginal para jovens adolescentes, apresentador de um programa em uma webrádio comunitária e editor do portal do Movimento Enraizados, no município de Nova Iguaçu, “uma organização de cultura de base que trabalha as questões locais e a mobilização de artistas, grupos culturais e indivíduos para a militância cultural e o ativismo cidadão.”⁷⁵ Sua participação no projeto despertou-lhe a necessidade de se profissionalizar.

Depois do parceiro eu fiz alguns cursos, me registrei como jornalista profissional e continuei estudando, fazendo alguns cursos, me especializando em algumas áreas e agora eu sou estudante de produção cultural, porque eu sempre quis juntar a comunicação com o cultural. Como também eu faço um pouco disso ao lado da minha esposa porque ela é produtora cultural, então a gente faz eventos juntos. Eu faço a parte da comunicação, ela faz a produção, então eu decidi me formar em produção cultural no IFRJ [Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro] para juntar com o jornalismo.⁷⁶

Petter MC acredita que o projeto incentivou, também, outros moradores de sua região a estudar comunicação. Segundo ele, o fato de ser um repórter da comunidade faz toda a diferença. “A partir do momento que o meu vizinho da rua de trás que não acredita

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ <https://www.facebook.com/movimentoenraizados/info>

⁷⁶ Petter MC em entrevista concedida à autora no dia 24 de janeiro de 2014, por telefone.

mais em nada na vida, não quer estudar, aí ele me vê aparecendo como repórter na TV Globo, a partir desse momento esse cara fala: caramba, é possível!”

Para o coordenador geral do Observatório de Favelas, o geógrafo Jaílson de Souza e Silva, que participou como palestrante do treinamento dos jovens, o projeto é positivo quando o jovem participante é enraizado com a comunidade, como Petter MC, que levou todo o aprendizado de volta para o trabalho de comunicação comunitária que já desenvolvia. Entretanto, Jaílson chama a atenção para o fato do projeto também servir apenas como capacitação profissional para o indivíduo que participa dele.

O limite desse indivíduo muitas vezes é o desenraizamento. Eles podem se sentir cada vez mais muito mais da Globo do que da comunidade. Estar muito mais preocupado em ser um profissional vinculado à Globo do que um profissional que trabalha pela democratização das informações na comunicação. E esse é o limite que a Vera [Íris Paternostro] tenta discutir isso, mas acho que o cara está muito mais preocupado em formação profissional dele às vezes do que eles compreendam esse papel. Quando eu fui lá ela enfatizou muito para eu destacar isso e tudo. O que vai favorecer esse processo de desenraizamento é a consciência política desse garoto. Se ele tiver algum tipo de ação comunitária, se ele tiver algum tipo de envolvimento com movimentos culturais. (...) Já é um garoto mais politizado. Então eu acho que esse tipo de experiência, que se sente legitimamente morador da favela e está querendo assumir uma posição profissional, só enriquece e favorece. E para a favela, na disputa simbólica da cidade é fundamental romper com o estigma. Tudo que puder ser feito...⁷⁷

Não se pode ignorar que este movimento no mercado jornalístico do Rio de Janeiro não foi visto com bons olhos por entidades representativas da categoria. Durante o trabalho desenvolvido pela primeira turma dos Parceiro do RJ, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro (SJPMRJ) e a Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Estado do Rio de Janeiro (Arfoc) enviaram uma carta à emissora cobrando o acordo feito com as entidades. Segundo reportagem publicada no Portal Imprensa, em 29 de abril de 2011, a emissora se comprometeu a veicular depoimentos de moradores de comunidades e não transformá-los em repórteres.

"Um exemplo gritante de que a TV Globo prometeu uma coisa e faz outra", critica a carta, "é a matéria que foi ao ar no dia 25 de abril último, segunda-feira, no RJTV 1ª Edição sobre o aniversário de 131 anos do Instituto de Educação, na Tijuca", diz trecho da carta enviada na tarde desta sexta-feira (29).
 "(...) percebemos que está acontecendo exatamente aquilo que o Sindicato e muitos jornalistas temiam: repórteres e repórteres cinematográficos estão sendo

⁷⁷ Em entrevista à autora no dia 15 de julho de 2013, no Observatório de Favelas, no Complexo da Maré.

substituídos por jovens inexperientes submetidos a um rápido treinamento, e a baixo custo, numa precarização inadmissível do mercado de trabalho", observa a carta. (Apud IMPRENSA, 29/04/2011, pp. 17 - 23)

O exercício profissional do jornalismo é regulamentado pelo Decreto-Lei 972/69, por sua vez regulamentado pelo Decreto 83.284/79. O debate em torno da obrigatoriedade do diploma de graduação em jornalismo para exercer a profissão, no entanto, se intensificou no fim da primeira década do século XXI. Em 2009, o Supremo Tribunal Federal derrubou a obrigatoriedade do diploma mas, em 2013, o Senado aprovou alterações na Constituição do país que estabelece a obrigatoriedade, com a PEC 33/2009 e 386/2009 passou a tramitar no Congresso Nacional. Em 2014, o Conselho de Comunicação da Câmara dos Deputados deu parecer favorável à obrigatoriedade do diploma.

Apesar das críticas, o projeto seguiu com os seus planos iniciais e se estabeleceu em outras capitais do país: Distrito Federal, São Paulo e Belo Horizonte.

4.2 – *Parceiro do DF*

A primeira turma do Parceiro do RJ serviu como “piloto”⁷⁸ para o desenvolvimento da iniciativa em outras capitais brasileiras onde a emissora está presente. Quatro meses depois da estreia no Rio, no dia 4 de julho de 2011, foi a vez do Distrito Federal colocar no ar o quadro Parceiro do DF. A versão do planalto central nasceu com a mesma didática fundamentada em aulas teóricas e práticas mas, segundo a coordenadora do projeto, a jornalista Aliene Coutinho, foram necessárias algumas adaptações porque Brasília é diferente do Rio de Janeiro. “A gente tem a periferia, mas a periferia não é como no Rio. Por mais que as pessoas aqui morem em periferia, elas têm esgoto, rua asfaltada, casa de alvenaria, acesso a teatro, cinema, escola, enfim a realidade é um pouco diferente.”⁷⁹

Até 2014 já haviam sido realizadas três temporadas do Parceiro DF, sempre com seis duplas, duas a menos que o Rio, mas que atendiam às mesmas exigências do projeto carioca: que a pessoa tivesse entre 18 e 30 anos, o ensino médio completo e fosse morador/a da região escolhida.

Das seis regiões, três foram mantidas nas três turmas: Plano Piloto, área nobre de Brasília; Taguatinga, a cidade mais autônoma do DF; e Ceilândia, a mais populosa. Entre os parceiros escolhidos no primeiro grupo, cinco tinham curso superior completo, quatro eram estudantes universitários e três tinham o ensino médio completo.

Em termos de planejamento, percebeu-se outra diferença, ao contrário dos Parceiro do RJ, cada região do projeto no Distrito Federal tinha dia certo para entrar no *DFTV – 1ª Edição*. O dia fixo para a entrada de cada dupla fez com que as comunidades criassem o hábito de assistir às reportagens do quadro Parceiro do DF.

Mesmo com os ajustes feitos e com as particularidades da periferia do Distrito Federal e do perfil dos parceiros selecionados, é possível identificar de imediato uma semelhança com o projeto desenvolvido no Rio. No DF, assim como no Rio, a visibilidade das regiões participantes obtida com o quadro no telejornal local da hora do almoço foi grande. Muitos problemas trazidos pelos repórteres-parceiros do DF eram pequenos, segundo a jornalista Aliene Coutinho, mas incomodavam a comunidade e foram resolvidos rapidamente.

⁷⁸ Em uma produção televisiva chama-se piloto o programa teste, de avaliação.

⁷⁹ Aliene Coutinho em entrevista à autora, por telefone, no dia 01/09/2014.

Na primeira temporada um menino morava em uma rua que, há vinte anos, toda vez que chovia, alagava. Em uma reunião de pauta ele comentou isso e eu disse: isso vale! Ele disse: não vale não, tem vinte anos que isso acontece. Eu disse: pôxa, já saiu na imprensa? Não, nunca saiu na imprensa. Então eu disse: quando começar a chover a gente vai fazer uma matéria sobre isso. (...) Enfim, quando começou a chover, a rua alagou e ele fez uma matéria que ele atravessava a rua dele em um caiaque e foi uma repercussão danada. No dia seguinte o administrador estava lá. O problema da rua é que ela é meio íngreme e só tinha uma boca de lobo que não comportava a água que descia. Então, no outro dia a administração, porque as cidades aqui têm administradores, como se fossem prefeitos, digamos assim, mas não é, o administrador colocou quatro bocas de lobo e já resolveu o problema.⁸⁰

No Distrito Federal as duas primeiras turmas ficaram um ano no ar e, durante todo esse período foi veiculada, por dia, de segunda a sábado, uma reportagem. Já a terceira, por causa das eleições de 2014, trabalhou por apenas por sete meses. A coordenadora do Parceiro DF não forneceu o total de VT produzidos pelos parceiros.

Foto: Hélio Marinho / TV Globo



Figura 5: Primeira Turma do quadro Parceiro do DF.

⁸⁰ Idem.

4.3 – *Parceiro do SP*

Em São Paulo o projeto estreou no dia 26 de setembro de 2011 com a exibição da reportagem produzida pelos parceiros de Diadema, no ABC paulista, uma das sete duplas do quadro *Parceiro do SP*. Assim como em Brasília, o perfil das comunidades/ periferias escolhidas para participar do projeto eram diferentes das comunidades do Rio de Janeiro. O coordenador dos *Parceiro do SP*, Cléber Cândido Machado, acredita que a geografia da cidade de São Paulo contribui para isso. Ele ressalta, ainda, que o perfil do morador dessas áreas é de quem não mantém um vínculo com a sua comunidade. “Os parceiros daqui têm uma ligação, mas não têm uma associação, uma ligação assim com a sua comunidade muito forte.”⁸¹

No período de produção desta tese, o projeto em São Paulo, assim como no Rio, havia realizado duas temporadas. Só da segunda turma (2013/2014), o *SPTV– 1ª Edição* exibiu em um ano e sete meses 280 VTs. A maioria trouxe à tona problemas que não eram pauta no dia a dia do telejornal, fosse por falta de estrutura para chegar às regiões⁸² ou por desinteresse pela questão apontada pelos parceiros.

São Paulo é a metrópole mais populosa do Brasil com 10.886.518 moradores, distribuídos em 1.530 quilômetros quadrados de área. Esse número de habitantes sobe para 19 milhões se for levada em conta a população dos 38 município que estão ao redor da cidade.⁸³

Uma das particularidades do *Parceiro do SP* é dividir espaço com outro quadro voltado para as comunidades veiculado no mesmo telejornal, o *Comunidade* que, desde 2011, vai ao ar duas vezes por semana sob o comando do jornalista Márcio Canuto, já conhecido como “Fiscal do Povo”.

Canuto é um jornalista alagoano, que fez fama por ser alegre e descontraído na frente das câmeras e, desta forma, desenvolve uma narrativa que se aproxima daquela que predomina nas reportagens produzidas por um repórter-parceiro. O que para Cléber Machado não invalida a proposta da emissora com a criação do *Parceiro do SP*: dar voz a moradores de bairros distantes.

É totalmente uma linguagem deles, embora eles não tenham muita referência. A gente tenta passar todo o conhecimento para ele de como operar um equipamento, mas eles precisam ter uma linguagem, não tratar a notícia como a gente trata aqui

⁸¹ Cléber Cândido Machado em entrevista à autora, por telefone, no dia 4 de agosto de 2014.

⁸² Idem.

⁸³ Dados do IBGE, disponíveis no site www.cidadedesao Paulo.com, acessado em 6 de outubro de 2014.

como jornalista com aquela isenção. O parceiro tem propriedade para falar, porque ele está falando de um problema que é dele, um problema que é da região onde ele mora, um problema que persiste há anos e tem ali a oportunidade de falar.

(...)

A gente tenta sempre dizer para eles que eles não são jornalistas e que têm a liberdade de falar do jeito que falam ali na comunidade. Então, assim esse perfil é bem diferente. A gente tinha um skatista que tinha uma barba gigantesca, andava com boné, tinha todo o estilo dele. Foge totalmente do padrão do jornalista que é todo “corretinho”, não que ele estivesse incorreto, mas foge totalmente do padrão convencional do jornalista aqui. Então, ele tinha a liberdade. Ele mesmo falou no final do projeto: “ninguém aqui nunca me olhou com um olhar estranho, me aceitaram do jeito que eu sou, do jeito que eu estive durante todo o projeto”. Então, isso foi bacana. A gente até gostava, porque era exatamente isso: ter no nosso telejornal pessoas diferentes.⁸⁴

Como no Rio de Janeiro, três participantes da primeira turma foram contratados pela emissora. Um é repórter cinematográfico, Tiago Guerreiro, um editor de imagens, Paulo Vieira, que é de Diadema, e para parte administrativa da emissora Daniela Fausto. “O Tiago Guerreiro, por sinal ele mandou muito bem nas imagens das manifestações [de julho de 2013], um cara que trouxe um diferencial. Foi muito bem elogiado pelo desempenho dele nas coberturas.”⁸⁵

Foto: José Paulo Cardeal / TV Globo



Figura 6: Primeira Turma do quadro Parceiro do SP.

⁸⁴ Cléber Cândido Machado em entrevista à autora, por telefone, no dia 4 de agosto de 2014.

⁸⁵ Idem

4.4 – *Parceiro do MG*

Em 2013 foi a vez do *MGTV – 1ª Edição* introduzir o quadro *Parceiro do MG* na sua grade. De acordo com a coordenadora do projeto na capital mineira, a jornalista Diulara Ribeiro, o objetivo era o mesmo das outras emissoras: “aproximar ainda mais o telespectador do jornalismo da Globo”. Mas para tentar obter o sucesso registrado no Rio de Janeiro, Distrito Federal e São Paulo foi preciso fazer ajustes para que fosse feita a cobertura de vilas e aglomerados que cercam a região metropolitana que, assim como as favelas, são resultado da ocupação desordenada de uma determinada área.

Na primeira e única turma dos parceiros mineiros até 2014 foram selecionadas inicialmente cinco duplas, mas no meio da temporada foi criada mais uma apenas com a missão de fazer reportagens culturais. Assim, como os demais repórteres-parceiros, eles tinham que falar da sua comunidade com a propriedade que só o morador tem. Segundo Diulara, mesmo sendo necessário algumas vezes fazer um texto *off* para costurar a reportagem, a ordem era fazer diferente.

Os parceiros precisam seguir um padrão de qualidade na captação das imagens e toda a edição é feita por profissionais da Emissora, mas aqui em BH, assim como no Rio de Janeiro, eles têm liberdade para contar as histórias – o que fica claro na linguagem utilizada por eles, nas roupas, na forma como abordam e conversam com os entrevistados. (...) Não devem seguir o modelo do repórter da emissora. Devem descobrir maneiras próprias e diferentes de contar a história e trabalhar a notícia. E foi assim que tivemos ótimas surpresas ao longo do trabalho, como a viagem de um grupo da Favela da Serra, chamada de “bate-volta”, à Copacabana no Rio de Janeiro. A turma sai de BH, de ônibus, numa sexta-feira à noite, passa o sábado na praia e volta à noite para BH chegando aqui no domingo de manhã. Foi uma das histórias mais divertidas que tivemos no quadro do *Parceiro do MGTV*.⁸⁶

Em um ano de trabalho, o quadro *Parceiro do MG* produziu 230 reportagens para o *MGTV*, sendo 114 delas (50%) sobre problemas que os moradores enfrentam nas suas comunidades. Para a coordenadora do projeto a vitória foi que “49 situações foram resolvidas ou, até o fim do projeto, tiveram ações iniciadas pelo poder público”. Ao término do trabalho, Diulara comemorava o número de pessoas que ligavam para a redação pedindo a continuidade do projeto e afirmava que “houve dias em que a audiência subiu durante a exibição do quadro.”

⁸⁶ Diulara Ribeiro em entrevista concedida à autora por e-mail no dia 14 de outubro de 2014.

Foi um trabalho desafiador! Coordenar a turma e procurar obter o mesmo sucesso dos Parceiros do Rio / SP / Brasília foi de tirar o sono. A gente não sabia como o telespectador iria receber esse novo formato. Sinceramente, acho que a ficha caiu quando foi anunciado o fim da primeira temporada e começamos a receber telefonemas e e-mails da população pedindo que o trabalho continuasse. E como não vibrar com as conquistas de cada dupla em prol da sua comunidade? Graças ao empenho das duplas muitas comunidades, hoje, têm ruas asfaltadas, esgoto, campos de futebol recuperados, iluminação pública (...): A audiência, de qualquer telejornal, oscila bastante. Mas houve dias em que a audiência subiu durante a exibição do quadro.⁸⁷

Foto: Alex Araújo/ TV Globo



Figura 7: Primeira Turma do quadro Parceiro do MG.

⁸⁷ Idem.

4.5 – *Parceiro do RJ 2013*

Diante do resultado do primeiro ano do projeto e sua proliferação por outras emissoras da rede, a proposta de compor uma nova turma no Rio de Janeiro foi automática, logo após o encerramento da primeira. Na composição da segunda etapa do *Parceiro do RJ 2013*, estabeleceu-se a cobertura de oito regiões (Complexo do Alemão, Vidigal e Rocinha, Niterói, Grande Maracanã, Duque de Caxias, Santa Cruz, Belford Roxo e São João de Meriti e Madureira). A seleção foi semelhante à primeira e, desta vez, atraiu mais de três mil jovens. As inscrições foram feitas pela internet entre 5 e 25 de novembro de 2012.

O anúncio das novas duplas mereceu destaque no telejornal, durou 16 minutos e 49 segundos, e foi feita não por um, mas por vários jornalistas da emissora. Segundo os registros do site G1, o apresentador Márcio Gomes anunciou a dupla de Santa Cruz: Alessandro Werneck e Leonardo “Mano” Brasil; Edimilson Ávila, a dupla de São João de Meriti: Denise de Moura Roque e David Soares; Vandrei Pereira apresentou os representantes de Duque de Caxias: Jorge Soares do Santos e Jéssica Araújo de Sá; Bette Luchese entregou os diplomas à dupla de Madureira: Luiz Fernando de Souza e Francis Ferreira Costa de Pinho; Silvana Ramiro anunciou Leonardo de Oliveira e Luís Gustavo, a dupla do Maracanã. Mariana Gross apresentou a dupla da Rocinha, Vidigal e Chácara do Céu: Leandro Lima e Aline Marinho. Fabio Júdice apresentou a dupla Jonathan Costa dos Anjos e Júlia Rodrigues, de Niterói; e por fim, Ana Paula Araújo anunciou a dupla do Complexo do Alemão: Daiene Beatriz e Michael Brum.

Neste dia, o clima de *reality show* tomou conta do RJTV – 1ª Edição, o que dava pistas de que o quadro tinha ganhado espaço dentro do telejornal. Uma suspeita que se confirma ao conversar com a equipe de jornalistas responsável pela produção e edição do *Parceiro do RJ 2013*. Segundo a coordenadora de produção do *Parceiro do RJ*, Gisela Pereira, a primeira turma foi uma experiência para a própria Rede Globo, “a gente sabia o que a gente queria, mas na prática nunca ninguém aqui da TV Globo tinha feito isso”⁸⁸, recorda a coordenadora.

A maior novidade, segundo Gisela Pereira, foi que o trabalho do grupo acabou por naturalmente promover um “casamento” entre os parceiros e outros quadros do telejornal

⁸⁸ Entrevista concedida à autora no dia 10 de junho de 2013, na TV Globo.

como, por exemplo, o *RJ Móvel*, um quadro criado em 2008 com o objetivo de percorrer a cidade registrando problemas e insatisfação da população e, em seguida, pressionar as autoridades competentes por uma solução do problema em questão⁸⁹. Segundo Gisela, a primeira experiência casada aconteceu por acaso. As duplas de Belford Roxo e São do Meriti fizeram uma reportagem sobre o acesso a uma rua que é feito sob um cano improvisado como ponte por moradores. A jornalista conta que a editora do *RJ TV – 1ª Edição*, Cecília Mendes, ao ver as imagens, ficou horrorizada e resolveu pautar também a equipe do *RJ Móvel* para o mesmo assunto.

A editora e jornalista responsável pelo VT, Mônica Bernardes, explica que juntar os dois quadros, apesar de ter acontecido sem planejamento prévio, serviu na verdade como uma estratégia editorial. Por fim, o objetivo era cobrar das autoridades uma solução para a falta de infraestrutura na comunidade.

Porque o parceiro a gente pode mostrar se resolveu ou não, mas não há o compromisso tão forte como o *RJ Móvel* que tem um calendário. Ela queria reforçar. Só que aí aconteceu algum factual, não pode ir, foi o incêndio. Aí o VT não foi ao ar e aí no dia seguinte, que era uma sexta-feira, ou vai ou racha, vamos fazer no mesmo dia. Aí foi até melhor. Ficou o VT parceiros com a cobrança do *RJ Móvel*. Porque a gente já sabia, apurando a nota pé, que a prefeitura não ia resolver. Então, a presença do secretário já era para isso. Já era para cobrar e marcar uma data. E isso também atende a uma ideia do Miguel [Athayde] que isso não aconteceu na primeira etapa, que é você aproveitar locais que são cobertos por parceiros para integrar o *RJ Móvel* ao invés de afastar. Porque na primeira temporada aconteceu algumas vezes do parceiro fazer uma matéria em um lugar e o *RJ Móvel* também. E aí um anulava o outro. Ou o *RJ Móvel* não vai mais a lugar de parceiro, ou você integra. Então, a opção foi por integrar. O que é muito legal. Então, isso fortalece. Mas tem que escolher bem.⁹⁰

O que para a TV Globo funcionou como “estratégia editorial” serviu para os jovens que integram o grupo de parceiros como o que Michel de Certeau (1925 – 1986) chamou de “trampolinagem”, uma referência à arte do saltimbanco em saltar do trampolim e conseguir modos de driblar os “contratos sociais” e criar novas oportunidades (Saback, 2010).

Como “tática”, um conceito que ao lado de “estratégia” é muito caro ao antropólogo, os parceiros, mesmo que de forma fragmentada – uma ou outra dupla – abraçaram a integração ao *RJ Móvel* com intuito de apreender mais esta oportunidade de projeção das mazelas existentes em suas comunidades. Já o telejornal *RJTV – 1ª edição*

⁸⁹ O trabalho do *RJ Móvel* será detalhado mais a frente nesa tese.

⁹⁰ Ibidem

usa desta “estratégia” para aprimorar ainda mais o resultado de seu produto final: a audiência diária.

Certeau, em seu livro “A invenção do cotidiano – Artes de fazer” (1996) define dois tipos de comportamentos, o *estratégico* e o *tático*. Para o autor, a *estratégia* é elaborada por uma instituição ou organização que visa obter o desenvolvimento de algo que já produz. Já a *tática* é realizada por pessoas comuns a partir de um momento oportuno, quando um recurso que não existe se faz presente. O antropólogo pensa esses dois tipos de comportamento ao se aprofundar na apropriação individualista da cultura popular, seja por meio de objetos, territórios, comportamentos ou linguagem.

Portanto, é seguindo esse instinto *tático*, ciente de fazer parte de uma *estratégia*, que o grupo do Parceiro do RJ 2013 dá desdobramento à criação de um modelo próprio de narrativa inclusiva. Uma narrativa que mantém o tom autoral que rotula a narrativa comunitária, mas insere um coautor *estratégico*: o agente externo, a instituição Rede Globo de Jornalismo, que a ampara e dá visibilidade. Diz-se desdobramento da criação de um modelo de narrativa inclusiva porque sabe-se que este grupo teve a primeira turma como referencial. De acordo com a coordenadora Gisela Pereira, o primeiro grupo serviu como exemplo.

As duplas mencionam parceiros anteriores com elogios. “Pô o parceiro tal era muito legal, quero fazer assim, assim, assado! Então, são referências mesmo. Não é imitar, ela toma o cara como exemplo para como eles acham que devem se portar na região deles. Eles se veem como uma voz que vai poder melhorar a comunidade mostrando um problema, uma situação, ou mesmo mostrando uma coisa boa. Eles se orgulham muito. Nas dinâmicas de grupo, a Jaque e a Mônica viram muito, eles diziam a gente não quer só mostrar problemas, a gente quer mostrar as histórias legais das nossas regiões, dos nossos bairros. Então, eles têm essa preocupação.”⁹¹

A preocupação de falar em nome da comunidade, ou seja, “ser a voz que pode melhorar a comunidade”, se assemelha à proposta genérica de um líder comunitário, aquele que tem como missão contribuir para a conquista de melhorias para a comunidade em questão e, para isto, se torna o interlocutor entre os moradores e as autoridades responsáveis pelas questões reivindicadas. Entretanto, segundo a editora Mônica Bernardes, uma das jornalistas responsáveis pela seleção dos jovens que integram o grupo de 2013, a emissora teve o cuidado para avaliar se existia um interesse político por trás do desejo de um candidato se tornar um parceiro.

⁹¹ Ibidem.

A gente, na seleção mesmo, a gente mergulha um pouco nisso porque a gente não quer nenhuma liderança. O do [parceiro de Niterói] é um bom exemplo, porque ele é um cara que é conselheiro tutelar, tem uma escola de samba do segundo ou terceiro grupo, ele sabe tudo de Niterói, ele é muito preocupado. A gente insistiu muito: Jhonatan você vai ser prefeito um dia e ele falou “tudo menos isso na minha vida”. Ele falou com sinceridade, porque ele percebe que pode fazer, ele pretende fazer pela comunidade dele por um outro lado, como cidadão. Ele acha que é um dever de todo cidadão e ele, nesse momento, acha... a gente até tinha dúvidas se ele ia conseguir conciliar tudo que ele faz para estar no projeto... e ele fala que é uma das prioridades da vida dele, é poder ajudar a cidade dele. Por isso, ele participava dessas sessões da Câmara de Vereadores. Ele está interessado se aumenta a passagem de ônibus, se o cara tal diz isso e não é coerente com aquilo. Então, não acho que sejam líderes que queiram falar em nome da comunidade para um político, mas sim querem trazer algum benefício para a comunidade deles. Todos nós queremos, né?⁹²

O parceiro citado pela editora Mônica Bernardes é Jhonatan Anjos, de 26 anos, um jovem que sempre desenvolveu atividades comunitárias na cidade onde nasceu, é conselheiro tutelar de Niterói e cursou dois períodos de jornalismo mas, por falta de recursos financeiros, abandonou a faculdade. Ele e a estudante de jornalismo Julia Rodrigues, de 19 anos, compõem a dupla de Niterói, uma cidade vizinha ao Rio de Janeiro com meio milhão de habitantes. Jhonatan vive no Fonseca, o maior bairro da Zona Norte da cidade, onde estão concentradas seis favelas: Bernardino, Boa Vista, Juca Branco, Santo Cristo, Palmeira e Vila Ipiranga. Por outro lado, Júlia é moradora de Santa Rosa, um bairro de classe média da cidade. São duas realidades que promovem um olhar plural sobre a mesma cidade, que acaba por construir uma narrativa que só é possível a partir da troca de afeto, solidariedade e, principalmente, respeito ao olhar do outro. “O parceiro do RJ por ser uma dupla é também uma troca. A gente acaba trocando muita ideia. E aprendi muito com ele”, confirma Júlia.

Até o dia 10 de junho de 2013, os parceiros de Niterói já tinham colocado no ar seis reportagens, sendo três denunciando problemas e três valorizando a cidade.

Uma das finalidades do projeto é potencializar as comunidades. Potencializar no sentido de melhorar a qualidade de vida e de divulgar ações que aconteçam na comunidade. Se gente trazer só problema você vai pensar que Niterói só tem coisa ruim, mas não, tem muita coisa boa. Tem ações na cidade que o próprio morador desconhece. Eu moro na cidade e não sei muita coisa que acontece no bairro vizinho ao meu. O objetivo da gente é potencializar as ações da cidade que

⁹² Em entrevista concedida à autora no dia 10 de junho de 2013.

não têm envolvimento com o poder, com empresas privada. São ações minúsculas que fazem o bem da população.⁹³

Ao acompanhar pela primeira vez uma reunião de pauta⁹⁴ da segunda turma do projeto, foi possível detectar que é recorrente a tentativa de equilíbrio entre reportar problemas e situações positivas sobre a região na qual vivem. Existe entre os jovens o desejo de fazer com que a população do Estado do Rio de Janeiro, como um todo, rompa com o estigma de que a comunidade é um lugar onde só existe violência e pobreza. Desde a década de 1980, quando os traficantes passaram a ter o poder dentro da favela, os jornalistas passaram a cobrir apenas a violência factual, resultante muitas vezes do confronto entre policiais e bandidos. Um comportamento comedido e técnico que se torna ineficaz, como observou Sodré ao pensar a cobertura da violência no Rio de Janeiro: “A imprensa teria um papel grande se fosse mais comunitária e menos societária e se, de algum modo, as matérias não fossem só um relato técnico: lead, sub-lead, sobre o fato que ocorreu” (AZIZ FILHO, 2003, p. 186).

No resgate dessa “comunitarização” da imprensa pleiteada por Sodré, os “repórteres parceiros”, além de buscarem soluções para os problemas existentes, estão preocupados em veicular os aspectos de suas comunidades, que na maioria das vezes não são explorados pela grande mídia. Segundo Jhonatan, há também o cuidado de tratar os assuntos de maneira mais humana, aproveitar a proximidade com a fonte, já que a dupla também faz parte daquela realidade.

Os caras [os repórteres em geral] são muito grossos quando vão fazer a entrevista. A gente tem um cuidado na hora de entrevistar. Eu falo: Julia mais pertinho, mais pertinho... Não é aquela história de jogar o microfone e dizer fala aí.. É uma linguagem mais simples, mas eu gosto mesmo de dar a oportunidade mesmo do povo falar. Eu lembro que teve uma reportagem que a gente foi e um amigo meu falou, caraca, você tocou no entrevistado. Repara que os repórteres não tocam no entrevistado.⁹⁵

⁹³ Entrevista concedida à autora no dia 10 de junho de 2013.

⁹⁴ A reunião de pauta no jornalismo é o primeiro passo para a realização de uma reportagem. Nela, os repórteres sugerem assuntos a serem transformados em pauta aos editores do noticiário para o qual trabalham. Uma vez aprovada a pauta, eles iniciam a produção de entrevistas, etc.

⁹⁵ Idem.

Foto: Arquivo Leandro Lima



Figura 8: segunda turma do quadro Parceiro do RJ com a equipe da Editoria Rio da TV Globo.

Na segunda temporada, foram tantos VTs veiculados que a equipe do projeto perdeu as contas e não pode fornecer uma lista completa para a pesquisadora, já que nem todos foram postados na página do *RJTV – 1ª Edição*, no site G1. Esta pesquisa, portanto, trabalhou com os 281 vídeos postados desde a estreia da segunda turma. Neste total, estão incluídos os VTs de apresentação e despedida das duplas e, ainda, a série *Papo Favela*, produzida por parceiros de cinco regiões diferentes: Alessandro Werneck e Leonardo Mano Brasil (Santa Cruz), Aline Marinho (Rocinha & Vidigal), Daiane Beatriz (Complexo do Alemão), Luís Gustavo (Maracanã).

A série, composta por cinco reportagens, encerrou a temporada. Na apresentação do *Papo Favela*, na edição do dia 4 de agosto de 2014, a apresentadora Mariana Gross anunciou:

Mariana: A segunda turma de parceiros do RJ está começando a se despedir, mas antes preparou um presente para todos nós. Temos aqui representantes dos parceiros no estúdio e vou começar perguntando para a Daiane, essa primeira reportagem vai falar sobre o quê?

Daiane: Então, essa primeira reportagem é mais histórica. Ela fala sobre a origem do nome favela e principalmente a dualidade entre favela e comunidade.

Mariana: Agora, Luís Gustavo, de onde surgiu a ideia de fazer uma série para encerrar com fechamento de ouro a participação de vocês?

Luís Gustavo: A ideia é mostrar um outro lado da favela, não o da violência. Mostrar o lado da cultura, da formação de identidade que precisa ser respeitado.

Mariana: E vocês, como sempre, foram superbem respeitados lá?

Luís Gustavo: Sem dúvida.

Mariana: O pessoal curtiu participar?

Luís Gustavo: Bastante. Era legal, porque precisava de um espaço desses para mostrar um outro lado desse território, que é tão discriminado.

O diálogo transcrito levanta algumas questões importantes, que devem ser colocadas antes desta tese seguir em frente. Em primeiro lugar questiona-se: por que foi necessário fazer uma série que falasse da favela sem estereótipos? Já não era esta a proposta do quadro? Segundo: para os parceiros, o quadro não é o espaço suficiente para isso?

Ao assistir às cinco reportagens produzidas para a série *Papo Favela*, observou-se que os jovens queriam falar juntos e misturados. Em todos os VTs os territórios se misturavam e todos os integrantes participavam não falando apenas da sua favela, mas também de outras.

É extremamente significativo que a primeira reportagem da série trate exatamente sobre a dualidade entre os termos favela e comunidade. Os parceiros abrem o microfone para os moradores de todas as favelas opinarem, inclusive o pesquisador sobre o tema Jaílson dos Santos, morador do Complexo da Maré e fundador do Observatório de Favelas.

O VT encerra, ainda, com um clipe da música produzida especialmente para a série: “(...) Esse é o Papo de Favela. Os parceiros do RJ vão mostrar o que é ela, um pouco da sua história. Tem cultura, correria e gente bonita a vera. Além do nosso orgulho de fazermos parte dela.” Ao contrário da música da vinheta do quadro, que tem como bordão “Parceiro do RJ no ar rapá”, que dá destaque para a participação dos jovens no jornal da TV Globo, a música tema, de autoria do parceiro Mano Brasil, frisa o orgulho de ser favelado.

A série, assim como as demais reportagens do quadro, tem características próprias que diferem do jornalismo convencional. Para descortinar esse “jeito parceiro” de fazer jornalismo, esta pesquisa optou por escolher uma região para olhar com mais atenção a produção. Para isto foram escolhidas as reportagens dos parceiros que cobrem o Vidigal,

a Chácara do Céu e a Rocinha, a maior favela da América Latina. No próximo subitem iremos apresentar as duplas participantes das duas primeiras turmas do projeto.

4.5.1 – *Parceiros Rocinha & Vidigal*

Como já foi dito, a coordenação do projeto Parceiro do RJ decidiu incluir uma dupla para cobrir a região da Rocinha, quando a favela recebeu uma Unidade de Polícia Pacificadora, em setembro de 2011. As inscrições foram encerradas no dia 25 de novembro e a dupla escolhida anunciada no dia 16 de dezembro. Como os demais jovens participantes da primeira turma do projeto, Cecília Vasconcelos e Marcos Braz passaram por uma seleção que reuniu 180 jovens, receberam treinamento e material de trabalho.

Cecília é cabeleira, tem 32 anos – entrou no projeto com 30 (idade limite) – e mãe de uma filha adolescente na época com 16 anos. Seu parceiro de equipe, o carioca Marcos Braz, tem 30 anos, trabalha em um site de comércio eletrônico, o chamado *e-commerce*, e dá aulas de Marketing Digital no projeto Oi Kabum, escola de arte e tecnologia fruto da parceria entre a Oi Futuro e ONGs locais, voltada para jovens de comunidades cariocas.

Cecília conta que passou por um treinamento intenso e sua primeira dificuldade foi definir o que seria uma boa pauta. Depois de esperar tanto para falar dos problemas da favela em que morava, a jovem experimentou a necessidade de se completar com o olhar do outro, como ensina Bakhtin. Cecília sabia da sua responsabilidade e por isso buscou o olhar de fora para dar acabamento a seu olhar de moradora, nascida e criada na Rocinha.

Então o que eu fiz, eu trouxe uma pessoa de fora e quando eu comecei a vê-la falar dos fios: Cecília, isso aqui é surreal! Tem um beco ali que é coberto de fios. Aí eu comecei a entender. É realmente eu precisava de um olhar de fora para ver o que eu não estava enxergando. Eu deixei ela à vontade, dei uma volta com ela até o alto do morro e trouxe de volta. Eu comecei a ver que certas coisas passavam despercebidas pra gente. A gente se acostumou a viver nessa situação e é aí que a gente erra, a gente não pode se acostumar com isso.⁹⁶

A primeira reportagem da dupla Rocinha & Vidigal 2012 foi ao ar no dia 20 de janeiro e apresentava ao público do telejornal o artista plástico Marcos Rodrigues Neves, o Wark da Rocinha. O artista mantém um Ateliê de Grafitti, na Travessa Escada nº 1 A (próximo à loja Ricardo Eletro), onde ensina crianças, jovens e adultos a desenhar e

⁹⁶ Entrevista concedida por Cecília Vasconcelos à autora no dia 05 de janeiro de 2013.

grafitar. Seu trabalho nasceu com o objetivo de resgatar jovens do tráfico e acabou ganhando fama dentro da favela. Wark virou referência para todos os moradores, inclusive para Cecília e Marcos, que queriam mostrar com a reportagem inaugural que era possível “nascer na Rocinha e virar alguém”.

Foi a [reportagem] mais representativa, além de ser a mais bonita porque as imagens ficaram ótimas. Foi a mais representativa porque eu acho que a gente meio que se viu nele. É um cara que veio do nada, cresceu, conseguiu, conquistou o espaço dele. Qualquer pessoa que queira viver fora desse espaço daqui, se espelha nesse rapaz, porque ele venceu e era a minha sensação quando eu tinha entrado no projeto, que eu tinha vencido. Pode parecer até um pouco arrogante da minha parte dizer isso, mas eu estou acostumada as pessoas dizerem que eu sou bonita e eu estava cansada daquilo. Eu queria ser reconhecida por alguma coisa (o valor do trabalho), exatamente. E o projeto me trouxe isso.⁹⁷

A visibilidade de uma história de vida positiva coloca em cena um questionamento de virtude operado por Macintyre em *Tras la virtude*. O que vemos é Cecília e Marcos terem a virtude de projetarem a virtude de Wark. Sendo que podemos supor que a virtude de Wark tem um traço forte da virtude segundo Homero e a dos parceiros seria mais Frankliniana.

Em outras palavras, para Cecília, a oportunidade de ser Parceiro foi determinante para o início de uma nova etapa em sua vida. A cabeleireira viu que o sonho de ser jornalista, abandonado no Ensino Médio quando um professor disse que ela não teria conhecimento necessário para exercer a profissão, estava latente ainda. Com o fim da primeira turma do projeto, em agosto de 2012, ela passou a colaborar para as mídias comunitárias da Rocinha e, no segundo semestre de 2013, ingressou na graduação em jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Dois dias antes da estreia da dupla, mais precisamente no dia 18 de janeiro de 2012, o Morro do Vidigal e a Chácara do Céu também receberam postos de Unidade de Polícia Pacificadora e, conseqüentemente, passaram a fazer parte da rota de cobertura da dupla chamada, a partir de então, Parceiros da Rocinha, Vidigal e Chácara do Céu no projeto, mas no ar apenas Rocinha & Vidigal.

Na lista de VTs foram registrados três modelos de reportagem: valorização, denúncia e factual. O objetivo de nomear os modelos não é promover uma classificação das mesmas, ou criar categorias, mas sim apresentar o corpus desta pesquisa, que é composto por reportagens produzidas pelos Parceiros Rocinha & Vidigal.

⁹⁷ Idem.

Por valorização, concebe-se aquelas reportagens que, como a inaugural sobre o trabalho do artista plástico Wark, apresenta outras personagens e ações positivas que vivem e ocorrem nas favelas. Já as de denúncia são aquelas que reportam problemas que atingem a comunidade e seus moradores. Por fim, as factuais são eventos que ocorrem na Rocinha e/ou no Vidigal e que interessam ao “grande público”, para usar uma expressão do francês Dominique Wolton, em outras palavras, aquela que se encaixa na programação de uma TV generalista.⁹⁸ As pautas factuais são apuradas, produzidas e veiculadas no mesmo dia ou no dia seguinte.

Definido este recorte, encontra-se um primeiro grupo de 18 reportagens, sendo sete do modelo valorização, sete de denúncia e quatro factuais. Uma primeira leitura nos faz perceber que há um desejo simultâneo de falar bem e mal da comunidade onde vivem os jovens repórteres, a Rocinha. Não há reportagens sobre o cotidiano do Vidigal e muito menos da Chácara do Céu. Valoriza-se o que há de bom na Rocinha, seja uma pessoa que venceu na vida ou uma atividade desenvolvida para a promoção de melhores condições de vida para seus moradores, mas também denunciam-se os problemas que cercam aquela população.

Este olhar dialético do bem e do mal faz pensar que nas favelas o bem e o mal estão entrelaçados. Assim como Taylor em *As Fontes do Self* (2005) afirma que identidade e moral estão entrelaçadas, que para se falar de uma tem que falar de outra, que a importância do sofrimento é igual à compreensão do que é de fato respeitar a vida e as integridades humanas (2005, p. 28), para se falar do bem tem que se falar do mal. O trabalho de Wark, por exemplo, existe porque existe o risco dos jovens se envolverem com o tráfico ou simplesmente viverem a ociosidade devido à falta de lazer apropriado. Já o medo de a encosta desabar, por exemplo, precisa ser denunciado porque o desabamento coloca em risco pessoas que representam os vínculos comunitários e, portanto, remetem à ideia do bem.

É como se o “parceiro Rocinha”, em sua identidade de morador de favela, apresentasse uma tomada de posição dentro de um determinado horizonte, o que, segundo Taylor (2005), é fundamental na contemporaneidade. Na medida em tomam uma posição em prol dos vizinhos e passam a ser porta-vozes da comunidade, os parceiros caminham para um terceiro ponto que parece importante: eles ingressam de forma inovadora no que Raquel Paiva chamou de comunidade gerativa, aquela norteadada pelo propósito do bem

⁹⁸ Para saber mais ler “O Elogio do Grande Público”, de Dominique Wolton (1990), editado pela ASA.

comum. (PAIVA, In PERUZZO, 2004, p. 57). Sendo assim, a virtude de querer mostrar para o grande público o bem e o mal que os rodeiam, Cecília e Marcos se inserem como personagens importantes na construção de uma comunidade gerativa de afeto.

Quando toma-se o pensamento de Raquel Paiva para entender as reportagens como componente narrativo que abre um sólido caminho para uma comunidade do afeto, entendemos que esta comunidade do afeto abrange todos, sejam moradores ou não da favela. Na medida em que sua veiculação ultrapassa os limites territoriais da bairro/favela/comunidade Rocinha.

Para maior compreensão do trabalho produzido pela dupla, foram produzidas duas tabelas, que estão na página seguinte. A primeira traz as retrancas, ou seja, os nomes dados às das reportagens como forma de identificá-las, e as datas em que foram ao ar. Os parceiros da Rocinha & Vidigal emplacaram pelo menos duas reportagens por mês durante os seis meses que participaram do projeto. Um número considerado satisfatório pela dupla, na medida em que participaram menos tempo que os outros parceiros do projeto. A segunda tabela divide as reportagens de acordo com os modelos que passam a ser chamados de agendas identificadas nas pautas: valorização, denúncia e factual.

Este primeiro recorte será importante para compreensão da metodologia aplicada na análise do conteúdo das reportagens produzidas pelos parceiros da Rocinha & Vidigal 2013/2014. O que se pretende é, na desconstrução das reportagens selecionadas, compreender o modo de fazer telejornalismo parceiro, o que o diferencia do telejornalismo convencional que é também veiculado na Rede Globo de Televisão. Observar como eles contam as suas histórias e quais recursos técnicos são absorvidos nessa produção. Encontrar uma forma também de observar como a TV Globo se insere nesta narrativa inclusiva, que tem o morador da favela como repórter.

Levantamento (20 de janeiro a 10 de dezembro de 2012)

Tabela 5: Reportagens produzidas (2012)

Reportagens – Parceiros Rocinha/2012
20/01/2012 - Wark
23/01/2012 - Corrida Rocinha de braços abertos
07/02/2012 - Ateliê do Tio Lino
09/02/2012 - Taça das Favelas
13/02/2012 - Time da Rocinha é campeão da Taça das Favelas
21/03/2012 - Poluição na Praia de São Conrado
22/03/2012 - ONG na Roupas Sujas
26/03/2012 - Mudança de nome de rua causa confusão
07/04/2012 - Paixão de Cristo
17/04/2012 – Série lixo - 2. Reportagem: garis comunitários
08/05/2012 - Cisterna rompe no Vidigal e lama invade casas
16/05/2012 - Curso na Acadêmicos da Rocinha
01/06/2012 - Escola para DJ
27/06/2012 - Confusão de motos, carros e pedestres
10/07/2012 - Fios elétricos soltos, gambiarra
17/07/2012 - Muro de contenção e medo de deslizamento
26/07/2012 - História da Favela da Rocinha
10/08/2012 - Série Especial Despedida do Parceiro do RJ - Cecília e Marcos - Rocinha

Fonte: Rede Globo

Tabela 6: Pauta – Agenda (2012)

VALORIZAÇÃO	DENÚNCIA	FACTUAL
Wark	Poluição na Praia de São Conrado	Corrida da Rocinha Braços Abertos
Ateliê Tio Lino	Mudança de nome de rua causa confusão	Taça das Favelas
ONG na Roupas Sujas	Série Lixo, garis comunitários	Time da Rocinha é campeão da Taça das Favelas
Curso na Acadêmicos da Rocinha	Cisterna rompe no Vidigal e lama invade casas	Paixão de Cristo
Escola para DJ	Confusão de motos, carros e pedestres	
História da favela da Rocinha	Fios elétricos soltos, gambiarra	
Série Especial Despedida do Parceiro do RJ - Cecília e Marcos - Rocinha	Muro de contenção e medo de deslizamento	

Fonte: tabela elaborada pela autora

4.5.2 – Segunda temporada *Parceiros da Rocinha & Vidigal*

Na segunda turma do projeto Parceiro do RJ, a Favela da Rocinha foi mais uma vez incluída. Só que desta vez, a vizinha Favela do Vidigal virou coirmã oficial e a dupla foi composta por representantes das duas comunidades: Leandro Lima, morador da Rocinha, e Aline Marinho, moradora do Vidigal. Assim como Marcos e Cecília, alternavam as funções de repórter e cinegrafista.

Aline, 26 anos, é pedagoga, formada pela PUC-Rio. Leandro Lima, 30 anos, é fundador do site FavelaDaRocinha.com e, na época da seleção, se preparava para retornar ao quinto período de jornalismo da Faculdade Hélio Alonso (FACHA). Antes de começar os treinamentos na Rede Globo, Leandro, que também é fotógrafo, já fazia planos de como iria aproveitar as experiências que adquiriu na vida como repórter de televisão. “Sempre vou colocar na balança o que eu aprendo na faculdade e o que eu estou vivendo na Rocinha como morador e como profissional que está vivendo dentro dela”, afirmou Leandro logo após ser anunciado como parceiro do RJ⁹⁹.

Leandro tinha o desejo de ingressar no projeto desde a primeira turma. Na primeira fase ele fez várias provas e foi eliminado na última fase, na entrega do vídeo produzido por ele. Já Aline, sua parceira, entrou na disputa por uma vaga na segunda turma por incentivo de uma amiga e por vontade de colaborar com a comunidade em que vive.

Não era uma coisa tipo eu faço jornalismo e entrar para os parceiros vai ser legal para a minha profissão, nada. Eu entrei mesmo por amor ao lugar onde eu moro, porque eu achei que ia ser legal. Tenho isso muito, sim, porque eu nasci no Vidigal. Eu adoro morar no Vidigal. Mesmo com todos os problemas, eu sempre gostei muito de morar no Vidigal. Sempre tive muito orgulho de morar no lugar onde eu moro.¹⁰⁰

Mesmo com relações diferentes com a comunicação e mais especificamente com o jornalismo, Leandro e Aline ocuparam seus lugares como parceiros do RJ com a mesma gana de mostrar o bem e o mal de suas comunidades, da mesma forma que Cecília e Marcos na estreia do projeto. Entretanto, a dupla da segunda turma, a partir da sua formação, faz transparecer uma pluralidade de vozes que se faz necessária pra retratar uma região compreendida como irmãs, a Rocinha e o Vidigal.

⁹⁹ Entrevista concedida por Leandro Lima à autora no dia 08 de fevereiro de 2013.

¹⁰⁰ Entrevista concedida por Aline Marinho no dia 10 de junho de 2013.

Eu não conheço a Rocinha e o Leandro não conhece o Vidigal. Embora sejam dois morros muito perto, a gente não tem esse vínculo, as duas favelas não têm esse vínculo da galera do Vidigal frequentar a Rocinha e a galera da Rocinha visitar o Vidigal. Era essencial que tivesse um de cada lugar. Até que na outra dupla, quase não teve matéria do Vidigal. Porque a pessoa não conhece, vira um jornalista que está de fora, que não tem aquilo de estar aqui dentro. Eu achei que foi muito importante colocar um de cada lugar.¹⁰¹

Para equilibrar os anseios de falar de cada comunidade, a dupla afirma que tenta selecionar o que há de mais relevante ou o factual para sugerir nas reuniões de pauta realizadas às segundas-feiras com a presença dos outros parceiros do RJ, as editores e coordenadoras do projeto. Esta forma de escolher que reportagens irão fazer, independentemente de ser na Rocinha ou no Vidigal, acaba por revelar um outro dado significativo deste corpus da pesquisa que será analisado.

Entre as 32 reportagens produzidas por Leandro e Aline, de março de 2013 a 31 de julho de 2014, dez são de valorização, cinco de denúncia, nove factuais e surge um novo tipo de agenda: o de denúncia/factual, que somam oito. Esse tipo que ganha espaço na segunda turma é o que os parceiros chamam de “problema que não pode esperar”. Foi o que, segundo Aline, ocorreu com a pauta sobre um barranco que ameaçava moradores do Vidigal. “Aí tem um barranco no Vidigal que a gente passou na frente de todos que estavam prontos porque é uma situação de risco.”¹⁰²

A questão do tempo neste caso da denúncia/factual é diferente do tipo factual presente desde a primeira turma. No factual, digamos, “original”, uma pauta é realizada para contar o fato que aconteceu inesperadamente no dia ou estava programado para acontecer. A realização de uma corrida organizada na favela da Rocinha estava programada, inclusive havia sido pauta na temporada anterior, portanto, é um factual. A paralisação das vans em 11 bairros foi anunciada um dia antes. O componente do tempo de execução também caracteriza a reportagem factual, porque é produzida, editada e veiculada no mesmo dia.

Na agenda denúncia/factual a pauta é realizada para, quem sabe, evitar que algo aconteça. Dito de outra forma, a cobertura, por exemplo, do desabamento de um barraco em uma favela é provável que feita pela grande mídia quando já aconteceu e, com certeza ganhará destaque se houver mortos e feridos. Já na denúncia/factual faz-se a cobertura

¹⁰¹ Idem.

¹⁰² Ibidem.

das vulnerabilidades, dos problemas, com o objetivo de evitar um acidente. Neste caso, os fatos são selecionados em comum acordo com a produção do projeto.

As factuais são, como foi dito anteriormente, pautas de interesse do “grande público”, que poderiam ser feitas por um jornalista da emissora e não necessariamente por um parceiro. Bons exemplos para esse tipo de reportagem são as coberturas da Corrida Rocinha de braços abertos, como já foi dito, da encenação da Paixão de Cristo na Rocinha ou a confecção do tapete de sal, na Rocinha, para o Corpus Christi.

Em alguns casos, a escolha do fato a ser narrado atende à pauta maior da programação para a cidade, como é o caso da reportagem sobre a expectativa dos moradores do Vidigal pelos jogadores estarem hospedados no Sheraton Hotel, que fica em frente à comunidade, ou a proibição de vans, ou ainda, o novo esquema de ônibus para Rocinha, Vidigal e Chácara do Céu. Um tipo de cobertura, de certa forma, pré-determinada que é bem recebida pelo parceiro Leandro Lima:

Eu acho que na Rocinha e no Vidigal acontece muita coisa. É uma comunidade muito visada. Volta e meia está acontecendo alguma coisa que não acontece nas outras comunidades. Algum evento, aquele caso das vans, a comunidade mais impactada foi a Rocinha e o Vidigal. Então, acho que a gente é um pouco privilegiado, porque a gente inventa as matérias, mas não tem muito trabalho para inventar. Às vezes, eu estou na passando na Via Ápia, eu nunca reparei, mas tem um cara vendedor de bala que é poeta. Então, cai mais uma coisa no nosso colo.¹⁰³

Agora, tenta-se detalhar esse novo modelo de reportagem denúncia/factual. Ciente do poder da palavra e da constituição do ‘discurso circulante’ (REBELO, 2003) que o parceiro, na condição de morador da comunidade, entende que não pode perder a oportunidade de colocar no “ar” um problema grave, que carece de uma pressão imediata. Neste sentido, o fato precisa ter a sua pré-seleção feita pelos parceiros e não pelos jornalistas responsáveis pelo projeto. Apenas desta forma eles conseguem se inserir efetivamente no discurso produzido pelo telejornal.

É neste momento que o modo de fazer parceiro entra em cena, oficializando uma nova maneira de fazer uma narrativa inclusiva comunitária. Um bom exemplo de denúncia/factual é a reportagem sobre a ponte improvisada feita por um morador do Vidigal. Se não fosse a pauta sugerida pelos parceiros da Rocinha & Vidigal, a situação só seria reportada quando houvesse uma tragédia no local.

¹⁰³ Leandro Lima em entrevista concedida à autora no dia 10 de junho de 2013, na TV Globo.

Levantamento (04 de fevereiro de 2013 a 20 de agosto de 2014)

Tabela 7: Reportagens produzidas (2013/2014)

<p>Reportagens – Parceiros Rocinha & Vidigal/2013-2014</p> <p>04/02/2013 – Apresentação dos novos parceiros</p> <p>06/02/2013 – Apresentação dupla Rocinha & Vidigal</p> <p>25/03/2013 – Estreia com a reportagem sobre a Corrida Rocinha de braços abertos</p> <p>30/03/2013 – Encenação da Paixão de Cristo na Rocinha</p> <p>10/04/2013 – Ponte improvisada no Vidigal</p> <p>15/04/2013 – Proibição de vans em 11 bairros – Rocinha</p> <p>18/04/2013 – Condições dos postes do Vidigal preocupam moradores</p> <p>26/04/2013 – Biblioteca da Rocinha</p> <p>22/05/2013 – Localidade Roupas Sujas, na Rocinha, tem problemas e perigo para moradores</p> <p>29/05/2013 – Moradores da Chácara do Céu reclamam da dificuldade para atravessar a Niemeyer</p> <p>30/05/2013 – Tapete de sal Corpus Christi, na Rocinha</p> <p>31/05/2013 – Expectativa dos moradores do Vidigal com o jogo amistoso da seleção. Jogadores hospedados no hotel que fica em frente da comunidade</p> <p>17/06/2013 – Parceiro do RJ fazem a trilha do Pico dos Dois Irmãos</p> <p>05/07/2013 – Barranco oferece risco para moradores do morro do Vidigal</p> <p>08/07/2013 – Começa o novo esquema de ônibus na Rocinha e no Vidigal</p> <p>15/07/2013 – Símbolos JMJ, com parceiros duplos</p> <p>21/08/2013 – Moradores da Rocinha, na Roupas Sujas, sofrem com choques elétricos dentro de casa</p> <p>30/08/2013 – Parceiros da Rocinha, Alemão e Niterói testam programa de acesso à internet</p> <p>03/09/2013 – Irregularidades no trânsito do Vidigal. Secretaria de Transportes promete fazer campanha educativa</p> <p>09/09/2013 – Parceiros da Rocinha mostram esgoto correndo a céu aberto</p> <p>22/10/2013 – Padeiro cantor faz sucesso no Vidigal</p> <p>12/11/2013 – Matéria Gonzagueando fala da Rocinha, mas é feita parceira do Alemão</p> <p>16/11/2013 – Parceiros da Rocinha e Vidigal mostram restaurantes com comidas exóticas</p> <p>23/11/2013 – Vendedor de doces da Rocinha também é poeta popular</p> <p>11/01/2014 – Rugby faz sucesso entre crianças e jovens na Chácara do Céu</p> <p>11/02/2014 – Moradores e frequentadores da praia de São Conrado reclamam das condições</p> <p>19/02/2014 – Passageiros sofrem para pegar ônibus na parte alta da Rocinha</p> <p>03/04/2014 – Visita jornalistas comunitários americanos ao Vidigal</p> <p>04/04/2014 – PAC Roupas Sujas, Rocinha</p> <p>18/04/2014 – Praças Vidigal</p> <p>24/04/2014 – Feira Largo do Boiadeiro</p> <p>07/06/2014 – Exposição Flávio</p> <p>11/06/2014 – Hostel Vidigal</p> <p>16/07/2014 – Lixo Vidigal</p> <p>20/08/2014 – Despedida Dupla Rocinha & Vidigal</p>
--

Fonte: tabela elaborada pela autora

Tabela 8: Pauta – Agenda 1 (2013/2014)

VALORIZAÇÃO	DENÚNCIA	FACTUAL	DENÚNCIA/FACTUAL
Biblioteca da Rocinha		Corrida Rocinha de braços abertos	Ponte improvisada no Vidigal
			Condições dos postes do Vidigal
			Problemas da localidade da Roupa Suja, Rocinha
Parceiros do RJ fazem a trilha do Pico dos Dois Irmãos		Paixão de Cristo na Rocinha	Barranco oferece risco para moradores do morro do Vidigal
Padeiro cantor faz sucesso no Vidigal	Moradores da Chácara do Céu reclamam da dificuldade para atravessar a Niemeyer	Proibição de vans em 11 bairros, Rocinha	Moradores da Rocinha, na Roupa Suja, sofrem com choques elétricos dentro de casa
Parceiros da Rocinha e Vidigal mostram restaurantes com comidas exóticas		Tapete de Sal, Corpus Christi, Rocinha	Irregularidades no trânsito do Vidigal
Vendedor de doces da Rocinha também é poeta popular		Expectativa dos moradores do Vidigal pelo jogo do Brasil	Parceiros da Rocinha, Alemão e Niterói testam programa de acesso à internet
Matéria Gonzagueando fala da Rocinha, mas é feita pela parceira do Alemão		Começa o novo esquema de ônibus na Rocinha e no Vidigal	Parceiros da Rocinha mostram esgoto correndo a céu aberto
Rugby faz sucesso entre crianças e jovens na Chácara do Céu		Símbolos JMJ	Moradores e frequentadores da praia de São Conrado reclamam das condições
Feira do Largo do Boiadeiro		Visitas jornalistas comunitários americanos ao Vidigal	Passageiros sofrem para pegar ônibus na parte alta da Rocinha
Exposição Flávio		Hostel Vidigal	PAC Roupa Suja
Despedida dupla da Rocinha			Lixo Vidigal

Fonte: tabela elaborada pela autora

A pautas de denúncia/factual, portanto, funcionam como ações preventivas. A pauta denúncia/factual é sugerida antes que se transforme em pauta factual. A percepção da notícia é vista por aqueles que sofrem com o problema e não por aqueles que estão sempre atentos aos desfechos catastróficos, a mídia convencional.

Por exemplo, a reportagem sobre as condições dos postes no Vidigal. Talvez se Aline não tivesse pautado a situação com a qual ela convive diariamente, é bem provável que as péssimas instalações elétricas só vivariam notícia quando houvesse um acidente grave. Provavelmente, a reportagem ganharia destaque em todos os veículos de comunicação do Rio de Janeiro. O mesmo pode ser dito da reportagem sobre o esgoto a céu aberto feita na Rocinha. A questão é tão séria, tão séria, mas também tão escondida nas vielas da favela, que é provável que nunca virasse notícia na mídia convencional.

Cabe aqui destacar que a participação dos parceiros Rocinha & Vidigal no Quadro Parceiro do RJ, assim como a da dupla do Complexo do Alemão, ao longo de um ano sofreu com a instabilidade do Projeto Unidade de Polícia Pacificadora.

Em 2013, com o desaparecimento do pedreiro Amarildo na Rocinha, após ser levado por policiais militares para ser interrogado na sede da UPP entre os dias 13 e 14 de julho, instalou-se na favela um clima de revolta. Os moradores passaram a organizar manifestações reivindicando a apuração dos fatos e a punição dos culpados. O caso ganhou destaque nas redes sociais e acabou por ganhar visibilidade internacional. A pressão popular resultou na prisão de 15 PMs, entre eles o major Edson Raimundo dos Santos, ex-comandante da UPP Rocinha, e o tenente Luiz Felipe de Medeiros, subcomandante da unidade.

O caso de Amarildo desencadeou o fim da suposta paz instaurada na Favela da Rocinha e, conseqüentemente, os repórteres parceiros deixaram de fazer reportagens dentro da favela. De acordo com a coordenadora do projeto, a jornalista Gisela Pereira, a segurança dos jovens está sempre à frente da informação.

Eles não fazem nada, absolutamente nada de segurança pública, eles nem mencionam. Se alguém chegar para eles para vender uma pauta de segurança pública eles nem vão dizer para a pessoa ah tá, vou passar, porque a gente não quer nunca que o nome dele seja associado a qualquer reportagem vinculada a medo, segurança, policiamento. Nada, absolutamente nada. Então, é assim: se tem alguma situação em alguma comunidade que eles não se sintam seguros, eles dizem isso pra gente. A gente diz o tempo inteiro, deixa muito claro. Hoje mesmo o David falou do Jacaré, eu disse se for perigoso você não vai fazer. Na fase de treinamento a gente encheu tanto o saco deles. Então, se tem um lugar que eles não vão se sentir seguros, não vão se sentir bem, eles não vão fazer a matéria naquela localidade. O Leandro e a Aline, por exemplo, eles iam fazer uma matéria

na Roupa Suja, mas vão segurar um pouquinho só para não ter qualquer problema. Porque, às vezes, por mais que eles sejam conhecidos, uma câmera pode atrapalhar.¹⁰⁴

O afastamento da equipe do dia a dia da comunidade refletiu diretamente na participação dela no quadro: os parceiros Rocinha & Vidigal passaram a entrar menos no telejornal e as pautas ficaram mais concentradas no Vidigal e entorno. Um comportamento que refletirá na análise feita a partir da metodologia que será apresentada no próximo capítulo.

¹⁰⁴ Em entrevista concedida à autora no dia 10 de junho de 2013.

5 – Metodologia de análise do modo parceiro de fazer telejornalismo

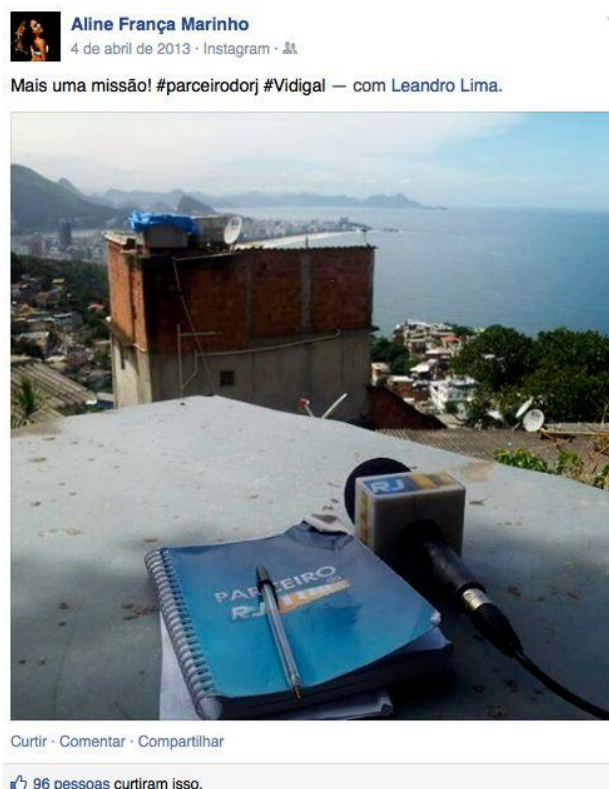


Figura 9: Aline Marinho é parceira do RJ Rocinha & Vidigal.
(Foto: Reprodução Facebook)

Acredita-se que o modo parceiro de fazer telejornalismo configura uma nova narrativa comunitária, que promove um diálogo entre os jornalistas profissionais e os não-profissionais. Se as reportagens produzidas por esses moradores são editadas, finalizadas e veiculadas por uma emissora aberta, um canal comercial de televisão, é possível identificar nessas reportagens normas impostas pelo audiovisual comercial? Ainda, quais as brechas apresentadas? Ao trabalhar com a hipótese de que os coprodutores, uma vez centrados nas regras proferidas pelo mercado comercial do audiovisual, compreende-se que há uma tentativa de instrumentalizar os sujeitos da experiência, não só como estratégia para atrair o público jovem, mas, também, como estratégia política. A presença da voz do morador de favela na TV aberta está inserida no que o fundador do Observatório de Favelas, Jaílson de Souza e Silva, chamou de “processo de reconhecimento”, ao apresentar sua visão quanto à expressão cidade partida em uma carta dirigida ao jornalista Zuenir Ventura.

O que temos hoje é o processo de reconhecimento, pelo governo, por forças do mercado e por grupos sociais mais ricos, de que os mais pobres também têm direito à segurança pública e devem ter acesso a outros direitos fundamentais. (SILVA, BARBOSA & FAUSTINI, 2012, p.21)

Assim como Jaílson, acredita-se neste “processo de reconhecimento” e, por este motivo, entende-se que é fundamental compreender as estratégias usadas pelos repórteres parceiros, aqueles que efetivamente vivem em favelas, para aproveitar o espaço que lhe é dado no audiovisual comercial. Acredita-se que o discurso produzido por essa camada da população com o amparo tecnológico, financeiro e de maior exposição, é de suma importância e não pode ser descartado do que se compreende como comunicação comunitária.

Para averiguar se tal hipótese procede, torna-se, portanto, fundamental colocar em pauta a questão metodológica de análise a ser aplicada. Se pensarmos no campo da comunicação, em especial, deparamo-nos como uma série de análises que engessam os programas de televisão em categorias pensadas a partir de teorias pré-estabelecidas.

A tentativa de refletir sobre os aspectos que diferenciam o modo de fazer parceiro dos demais jornalistas de televisão, sejam eles comunitários ou não, é um estímulo a pensar um método alternativo. Um que não repita uma análise que transforme o programa de televisão como ‘subdisciplina’, como alertou Machado em sua tese de pós-doutorado, “Análise do programa televisivo”, defendida em 2012.

Diante desta reflexão parte-se para a concepção de um método que permita observar o diálogo entre o padrão Globo de jornalismo e o padrão parceiro de jornalismo. Interessa pensar como as questões da comunidade surgem na estrutura desenhada na reportagem parceira. Como pôde-se avaliar se há afeto, solidariedade, pensar o bem comum no trabalho partilhado entre jornalistas profissionais e “jornalistas comunitários” selecionados para desempenharem as funções de repórter de vídeo e repórter cinematográfico?

O pressuposto inicial é que a reportagem de televisão, exceto raras exceções, é composta de um texto *off*, intercalado por passagens e sonoras¹⁰⁵. Explicando melhor, os manuais de telejornalismo – que são poucos – exibem regras e apontam o que deve ser evitado e o que deve ser valorizado na montagem de uma reportagem, que geralmente

¹⁰⁵ Jargões jornalísticos: o *off* é o texto lido pelo repórter e coberto por imagens, as passagens são as intervenções do repórter na reportagem e a sonoras as entrevistas exibidas.

tem entre 1 minuto e 05 segundos e 1 minuto e 30 segundos, composta por um texto *off*, uma passagem do repórter e uma ou mais sonoras. E para cada uma das etapas existem dicas a serem seguidas.

Esse tipo de reportagem tende a seguir um padrão que, infelizmente, é repetido de forma quase incansável: texto do locutor – cerca de 15 segundos encaminha ou “chama” a reportagem; texto em *off*, narrado pelo repórter: entre 20”e 30”;; sonora ou fala de entrevistado: entre 10”e 15”;; passagem do repórter – participação do repórter de vídeo: entre 15”e 20”;; sonora – entrevista ou fala de uma ou mais pessoas: entre 10”e 15”;; narração final em *off*, do repórter: entre 10”e 15””. (CURADO, 2002, pp. 96-97)

A Rede Globo foi a primeira emissora brasileira a produzir o seu Manual de Telejornalismo, editado em 1984, pela TV GLOBO LTDA. O pequeno livro não traz uma apresentação, mas anuncia logo na primeira página: “Este livrinho é resultado da experiência dos profissionais de telejornalismo da Rede Globo”¹⁰⁶.

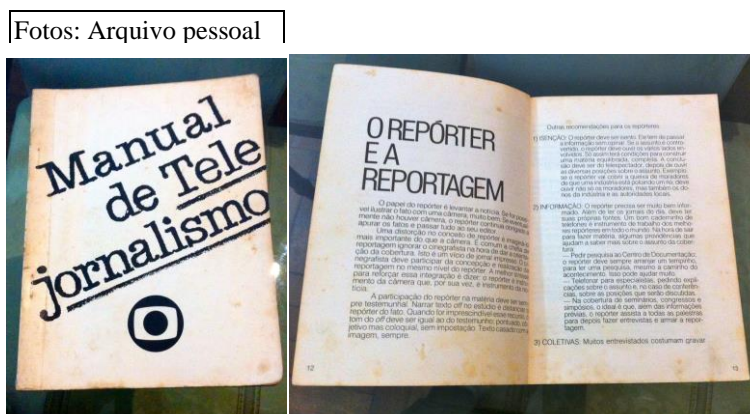


Figura 10: Primeiro Manual de Telejornalismo da TV Globo (1984).

O manual guia o repórter desde sua postura *isenta* na produção de uma reportagem até sua colaboração na edição. Uma das responsáveis por esta obra e, também, pela preparação e acompanhamento dos jovens que participam do *Parceiro do RJ*, a jornalista Vera Íris Paternostro lançou anos mais tarde o livro que se tornaria uma Bíblia para estudantes e profissionais de telejornalismo, *O texto na TV – Manual de Telejornalismo* (1999). Paternostro, com a propriedade que os mais de 30 anos de Rede Globo lhe deram, orienta na produção do texto escrito para ser falado, o uso de uma linguagem coloquial e

¹⁰⁶ A edição deste manual foi limitada e distribuídas apenas para os funcionários e estagiários da emissora. A autora guarda seu exemplar desde 1986, quando foi estagiária da Editoria Rio.

ainda dá dicas para edição. Uma delas chama a atenção quando a relacionamos com o objeto de estudo desta tese:

A presença do repórter na matéria deve ser variada. Evitar aberturas de matéria a não ser em casos excepcionais. Na rotina, o repórter deve aparecer na passagem quando tem uma informação a acrescentar, e é preciso cuidado para não ser um momento forçado na matéria. Nem sempre a presença do repórter precisa estar no meio do VT, pode ser no encerramento. Muitas vezes, a edição traz uma sequência natural e é interrompida pela passagem do repórter só para que ele apareça. O que deve aparecer, e bem, é a notícia. A passagem do repórter é a marca do autor da matéria, mas nem sempre o que é bom para uma edição é bom para outra. (PATERNOSTRO, 1999, p. 130).

O repórter parceiro costura a sua reportagem com passagens, e, mais, na maioria das vezes abre matéria com uma. Portanto, recorrentemente esta dica é ignorada. Em outro manual de telejornalismo, assinado por Heródoto Barbeiro, encontra-se uma lista com 50 orientações para “se conseguir contar uma história simples, direta, clara, didática, objetiva, equilibrada e isenta” (BARBEIRO, 2002, p. 68). Algumas, assim como nos demais manuais citados, indicam como “regra” posturas que são por vezes descartadas por um repórter parceiro. Pensemos inicialmente nos itens nove e 33.

“9. Qualquer reportagem fracassa se o repórter não é compreensível para a pessoa comum. É preciso saber pra que tipo de público se fala, e se o veículo é ou não segmentado. (...) 33. Cuidado com o uso dos adjetivos. Um fato descrito como sensacional ou dramático pode não ser nem sensacional ou dramático. Dê preferência aos verbos.”(pp. 69-71)

Se o quadro Parceiro do RJ está inserido dentro de um telejornal exibido em todo o Estado do Rio de Janeiro, espera-se que sua linguagem alcance todos os seus possíveis telespectadores, das quatro regiões do estado. Sendo assim, o repórter parceiro ignora a nona orientação no momento em que se apropria de um vocabulário peculiar ao jovem morador de favelas do Rio e fala diretamente para os seus pares. Quanto aos adjetivos referidos no tópico 33, pode-se afirmar que fazem parte do texto produzido pelo repórter parceiro, tanto quanto os verbos que narram suas reportagens como observa-se na análise feita a seguir. A explicação para tamanha rebeldia dos parceiros diante dos manuais pode ser compreendida a partir da explicação dada pela própria Paternostro ao explicar a concepção do quadro:

Eu acho que quando começou a concepção do projeto, como já partiu da ideia que não seria um jornalista, eram moradores e trariam o olhar do morador, cresceu junto a ideia que eles não trabalhariam no padrão jornalístico de telejornal. Não, eles eram moradores, eles não iam fazer jornalismo. Tanto que no começo **a gente não falava que eles iam fazer reportagem. A gente falava que eles iam fazer captação. A gente não falava em passagem. A gente falava que eles iam fazer uma participação, uma intervenção. A gente não falava que eles iam fazer off, porque eles nunca fizeram um off e até hoje eles não fazem off.** Essa é uma característica. Já partiu da concepção que eles não fariam jornalismo chamado audiovisual. Eles fariam o que uma pessoa comum, como eu e você, faz para mostrar uma coisa que no bairro deles, na rua deles, na casa deles, no morro deles não tá legal. Não está bem, não está boa, é um problema. (...) Quando é uma pessoa que não tem os vícios da reportagem ou então mora e habita e convive com aquela situação o resultado daquilo, trazendo pela capacitação é um resultado completamente diferente. **O que resulta como linguagem audiovisual tem que ser naturalmente diferente.**¹⁰⁷

A partir desta concepção, a Rede Globo oficializa a autorização para os jovens moradores de favelas construírem uma narrativa própria para falar de suas comunidades na grade de jornalismo da emissora. Como sinaliza Vera Íris, eles foram convidados a fazer algo diferente do telejornalismo convencional da Rede Globo. O que permite a elaboração de uma narrativa comunitária nova. O método de análise da estrutura “parceira de reportagem” pretende, portanto, perceber como essa narrativa comunitária dialoga com os profissionais que finalizam a reportagem e as colocam no ar. Para tal, a partir das reportagens selecionadas para o corpus desta pesquisa, serão elaborados cinco quadros: Pauta, Assunto, *Off* Parceiro, Passagem Parceira e Sonora Parceira. As descrições dos quadros será feita a seguir, na medida em que eles se inserem no método denominado de Método de Análise da Estrutura Parceira de Reportagem.

O primeiro passo é analisar o texto *off parceiro*. A partir do momento que a orientação recebida pelos jovens é de não fazer texto *off*, o objetivo é perceber como a emissora se coloca diante das questões em pauta. Como ela agrega informação de forma a dar mais visibilidade e valor à comunidade. Para isso, foi elaborado o quadro abaixo, que será denominado “Quadro decupagem edição da reportagem”. Objetiva-se com este quadro identificar os recursos usados pelo editor, o jornalista profissional que finaliza a reportagem antes dela ir ao ar, para inserir ou ampliar informações sobre o tema proposto em pauta. A fim de facilitar a contagem final, será atribuído 1 para os recursos utilizados na edição e 0 para os que não forem encontrados.

¹⁰⁷ Vera Íris Paternostro em entrevista concedida à autora, no dia 30 de julho de 2014, na Rede Globo de Televisão, Jardim Botânico. Os grifos são da autora desta tese.

Abertura Cabeça de locutor com informações complementares	Cobertura Passagens e sonoras cobertas com imagens	Lettering Inserção de <i>lettering</i> e artes	Nota pé Notas complementares após a exibição

Com o levantamento feito, pretende-se cruzar informações que constituem mais dados sobre saúde, saneamento e transporte; educação e transporte; cultura, esporte e lazer; e segurança. A mesma dinâmica será estabelecida para a análise das *passagens parceiras*. É importante ver como o repórter parceiro se coloca diante das questões em pauta. O que, quando e como ele traz com ele para a frente da câmera. Este será o “Quadro decupagem passagens da reportagem”. Também será atribuído 1 para os recursos usados e 0 para aqueles que não forem encontrados.

Incluído Repórter como parte do contexto	Observador Repórter como observador do contexto	Crítico Repórter como crítico do contexto	Admirador Repórter como admirador do contexto

O levantamento feito, também, pretende cruzar informações que constituem um posicionamento do repórter nas questões sobre saúde, saneamento e transporte; educação e transporte; cultura, esporte e lazer; e segurança. Por fim, vamos observar a *sonora parceira*. É preciso ver quem fala pela comunidade efetivamente. Quem é a fonte do repórter parceiro. Este será o “Quadro decupagem sonoras da reportagem”. Como nos demais quadros, será atribuído 1 ponto para os recursos detectados e 0 para os inexistentes.

Familiar Pai, mãe, irmão, primo, tio, avó e etc. como fonte	Amiga Fonte tratada com intimidade de um amigo pessoal	Tradicional Aquela fonte que tem autoridade para falar do assunto	Espelho A fonte que o repórter-parceiro identifica como “podia ser eu”

Mais uma vez, com o levantamento feito, cruzaremos informações que constituem um posicionamento dos que ganham autoridade para falar saúde, saneamento e transporte; educação e transporte; cultura, esporte e lazer; e segurança.

Para a melhor compressão do nosso método, faremos neste capítulo a análise da primeira reportagem dos Parceiros/Rocinha Cecília Vasconcelos e Marcos Bráz, que foi ao ar no dia 20 de janeiro de 2012. A reportagem, já citada nesta tese, traz para o RJTV o artista Wark, seus trabalhos e alunos na Rocinha.

A partir da decupagem dos roteiros do locutor e do repórter, que estão nos anexos desta tese, pôde-se produzir quadros de decupagens da edição, das passagens e das sonoras das reportagens. De posse desses quadros, que também estão nos anexos desta tese, chegar a análise que se segue:

A primeira conclusão que se tem é que a edição participa complementando a informação sem interferir na estrutura desenhada pelos parceiros. Na cabeça do locutor lida pelo jornalista Vandrey Pereira, que eventualmente apresenta o *RJTV – 1ª Edição*, encontra-se o que Rebelo chama a atenção com relação aos relatos biográficos e perfis. Procura-se trazer informações pessoais e profissionais do entrevistado em questão para de alguma forma qualificar e justificar a sua escolha para a reportagem.

É, eles devem estar nervosos.// Marcos Bráz e Cecília Vasconcelos, nossos parceiros na Rocinha, a estreia deles é agora. Olha, eles vão mostrar pra gente o trabalho social realizado pelo grafiteiro Wark. // Ele mora na Rocinha desde que nasceu,/ é autodidata e já conquistou o reconhecimento artístico até no exterior.// Só pra gente ter uma ideia,/ os quadros do Wark são vendidos por no mínimo mil e quinhentos reais e com o dinheiro ali, do próprio bolso, ele mantém o instituto que ensina desenho e grafitti para a criançada da comunidade. (*RJTV 1*, 20/01/2012)

Os efeitos de edição não fogem tanto aos recursos usados habitualmente, principalmente, a inserção de *letterings* com dados sobre o projeto do grafiteiro. entretanto, percebe-se, entretanto, que a reportagem tem 3’30”, um tempo de duração bem maior do que o convencional de um jornal local, que é de 1’30” (CURADO, 2012). Além disso, usam-se muitas sonoras do personagem principal da reportagem, o grafiteiro Wark. Mesmo respeitando o tempo padrão, uma média de 20” cada, Wark fala três vezes na reportagem, o que acaba por fazer a costura, tradicionalmente feita pelo texto *off*. Conclui-se que a edição usa a sonora como *off*. As entrevistas conduzem a reportagem.

Em segundo lugar, o quadro de decupagem da **passagem parceira** indica que Marcos Bráz deixa claro que está falando da “sua” comunidade e que conhece bem o trabalho do amigo. Entretanto, o que nos chama a atenção é para o que ele está falando da sua comunidade, com as duas passagens existentes na reportagem. O jovem está

dizendo que na Rocinha tem talento e um talento que faz o bem para a própria comunidade.

Hoje eu estou aqui com um **grande amigo meu**,/ o Wark.//
 Tudo bom, **meu brother**?// Que vai falar um pouquinho do seu projeto, que envolve arte e cultura.//
 (...)
 Vou dar uma caminhada nas ruas da Rocinha, mostrando um pouquinho para vocês desse **trabalho maravilhoso** que ele tem feito com as crianças também.
Vamo comigo Cecília. (RJ TV 1, 20/01/2012)¹⁰⁸

A primeira passagem reproduzida acima abre a reportagem e nela, além de fazer uso do artigo possessivo na primeira pessoa do singular, Bráz recorre ao inglês para deixar claro que o entrevistado é seu amigo muito próximo. Na segunda, que entra segundos após da primeira, o repórter parceira adjetiva o trabalho do grafiteiro como maravilhoso e convoca a parceira cinegrafista, Cecília Vasconcelos, inserindo-a na reportagem. Conclui-se que Bráz faz uso de passagens que o colocam como um **repórter incluído** no cenário descrito e, também, **repórter admirador** desta mesma cena.

Por fim, em terceiro lugar, na análise das sonoras parceiras tanto quando entrevista o personagem principal da reportagem, o artista plástico Wark, como quando conversa com “Soneca”, Marcos Bráz faz questão de frisar que os conhece e bem. Por isso os chamamos de **fontes amigas**. Mas os dois têm também funções diferentes dentro da matéria. Wark e seu discípulo, Valderson, são **autoridades no grafitti**. Os dois falam da arte e de seus impactos. Já “Soneca” quando apresenta as aulas que frequenta como uma saída para o seu dia a dia de poucos afazeres, manda a mensagem de que é necessário apresentar aos jovens caminhos alternativos, que rompem com o pré-conceito de que o futuro de quem nasce e cresce em uma favela do Rio de Janeiro é virar bandido.

Marcos

Chega aí, Soneca, tudo bom?// Aha... E aí o que você fazia antes do Instituto Wark?//

Soneca

Pô, ficava nas laje soltando pipa, em casa vendo um filme, na rua de bobeira, de vez em quando... Aí minha mãe mandou eu procurar uma coisa que me fizesse pensar mais um pouco. Tem tanta coisa para a aproveitar nesse mundo, né?¹⁰⁹

O trecho acima reproduz como a entrevista que Marcos Bráz fez com Eduardo Gomes, cujo o apelido é Soneca. É interessante ressaltar que o crédito do jovem, assim o de Wark, Valderson, Bráz e Cecília Vasconcelos são inseridos em uma cartela

¹⁰⁸ Grifos da autora.

¹⁰⁹ Trecho da entrevista que foi ao ar na reportagem do dia 20 de janeiro de 2012.

personalizada do quadro Parceiro do RJ. Já os créditos do editor de imagens, Mauro Tertuliano, e da jornalista responsável pela edição, Mônica Bernardes, são inseridos sem a cartela. Em outras palavras, Soneca, assim como os demais, faz parte daquele universo parceiro, de morador da Favela da Rocinha.

Tabela 9: Quadro decupagem passagens da reportagem:

Repórter como parte do contexto	Repórter como observador do contexto	Repórter como crítico do contexto	Repórter como admirador do contexto
Hoje eu estou aqui com um grande amigo meu , o Wark. Tudo bom meu brother? Que vai falar um pouquinho do seu projeto, que envolve arte e cultura.			
Vou dar uma caminhada nas ruas da Rocinha, mostrando um pouquinho para vocês desse trabalho maravilhoso que ele tem feito com as crianças também. Vamo comigo Cecília.			Vou dar uma caminhada nas ruas da Rocinha, mostrando um pouquinho para vocês desse trabalho maravilhoso que ele tem feito com as crianças também. Vamo comigo Cecília.

Fonte: tabela elaborada pela autora

Tabela 10: Quadro decupagem sonoras da reportagem:

Fonte familiar	Fonte amiga	Fonte tradicional	Fonte espelho
	Wark	Wark	
		Valderson	
	Soneca		Soneca

Fonte: tabela elaborada pela autora

Tabela 11: Quadro decupagem edição da reportagem:

Cabeça de locutor com informações complementares	Passagens e sonoras cobertas com imagens	Lettering e arte	Nota pé
Como um relato biográfico, adianta os dados de Wark. Informações como os preços dos quadros, que não estavam no texto do repórter reforçam o valor do grafiteiro.	Primeira Entrevista do Wark é coberta com uma edição sonorizada com um hip hop e apresenta uma série de imagens de arte e crianças desenhando.		A nota pé tem a função de agregar os novos parceiros e valorizar o projeto da Rede Globo.
	Corte para alguns takes deles andando (4 TAKES) muito rápidos e entra em <i>lettering</i> :	Mais de 50 grafites espalhados pela Rocinha	
	A entrevista passa a ser coberta por uma pan do muro grafitado com bonecos e um take de crianças olhando o grafite.	Crédito simples: edição de imagens – MAURO TERTULIANO	
	A entrevista do grafiteiro Valderison é coberta em dois momentos. Primeiro com imagens dele e uma amigo grafitando e no final com mais um clipe com quatro imagens dos muros grafitados (3 TAKES) Edição volta para um povo-fala que Marcos faz com as crianças que estão na praça.		
	Efeito de edição raramente usado em jornalismo traz de volta Marcos entrevistando o Wark. Quando Marcos Faz uma passagem dizendo que vai conhecer o Instituto Wark, a edição corta para um clipe de imagens mostrando eles caminhando até o instituto, a porta de entrada e Wark volta em off. A câmera mostra crianças desenhando (4 TAKES), enquanto ele explica o que está acontecendo.	com caracteres eles dão o endereço do Instituto: TRAVESSA ESCADA 1 BOIADEIRO	
	Cola mais uma entrevista O Jovem não é creditado e está segurando um desenho. Depois de mostrar a matéria segue com Marcos abraçando o rapaz em agradecimento e, em seguida, um take do desenho dá início ao último clipe de imagens que volta a mostrar o muro grafitado e as crianças desenhando.		

Fonte: tabela elaborada pela autora

5.1 – *Questões obtidas com o método de análise x a análise de quem produz*

Uma vez finalizada a etapa de análise da reportagem a partir dos quadros de decupagem de *offs*, passagens e sonoras, faz-se necessário confrontar os primeiros resultados com o relato do repórter parceiro sobre o produto finalizado. Acredita-se que um dos grandes “problemas” das análises científicas de programas de televisão está na distância entre o pesquisador e o produtor/criador de seu objeto de estudo. A suposição simplesmente calcada na teoria, muitas vezes, pode levar o pesquisador ao erro. Por este motivo, o método aqui adotado prevê a exibição das reportagens e a gravação de uma conversa informal com os repórteres parceiros, onde eles comentam desde a ideia da pauta até a sua finalização na ilha de edição.

A conversa transcrita a seguir é a apenas um trecho da entrevista¹¹⁰ de mais de duas horas feita pela autora desta tese com os ex-parceiros Cecília Vasconcelos e Marcos Bráz, realizada no dia 10 de janeiro de 2014, na sala de reunião do Projeto Comunicar da PUC-Rio, na Gávea. Trata-se do momento em que juntos assistem à primeira reportagem da dupla exibida no Quadro Parceiro do RJ. Depois de ouvir os repórteres parceiros, volta-se aos quadros de decupagens e pode-se detectar os pontos que convergem com a análise feita pelos repórteres. Com relação à conclusão preliminar de que “a edição participa complementando a informação sem interferir na estrutura desenhada pelos parceiros”, ela se confirma quando Marcos, ao assistir à reportagem declara: “Isso que ele falou, a gente devia ter falado [sobre o valor dos quadros de Wark] na matéria.” O repórter parceiro ainda explica porque percebeu que o locutor estava trazendo informações que eles deveriam ter dado na reportagem.

Porque nas outras matérias davam uma introdução muito curta e já começava a matéria. Vamos agora ver o Parceiro do RJ de tal lugar, vamos mostrar o projeto tal. Nesse, especificamente, eles não nos deram esse *feedback*, mas eu fiz essa leitura depois de um tempo. Eu falei “caramba, a do Wark ele explicou quase toda a história do Wark”.¹¹¹

Com relação à postura do repórter diante da câmera, que seria no segundo ponto de análise, pôde-se confirmar que o repórter parceiro seguiu seu extinto ao inserir-se no roteiro como se estivesse convidando o telespectador a passear com eles pela Rocinha e conhecer os talentos que vivem nela. “A gente achou que teria mais sentido assim e

¹¹⁰ A entrevista na íntegra faz parte dos anexos desta tese.

¹¹¹ Marcos Braz em entrevista concedida à autora no dia 10 de janeiro de 2014.

mostrar um pouco mais da comunidade, o trajeto”, contou Marcos. “Até porque o trajeto que nós fizemos tem muita obra dele. Então era a chance de a gente ir mostrando que ele realmente grafitava a favela toda”, complementou Cecília.

Por fim, detectamos um aspecto que amplia a primeira análise feita sobre a sonora parceira. Ao denominar a sonora amiga como sendo uma fonte com laços mais estreitos com o repórter Marcos Bráz parte-se do pré-julgamento da pesquisadora que o tratamento dado ao entrevistado configura uma intimidade verdadeira. Entretanto, ao falar sobre as entrevistas, Marcos afirma que não conhecia tão bem o artista plástico Wark e nunca tinha visto o jovem Soneca antes daquele dia de gravação. Pode-se concluir que o repórter parceiro, ao recorrer ao tratamento extremamente informal para se aproximar ainda mais do entrevistado Soneca, acaba por evidenciar ainda mais a quebra do paradigma que o jornalista deve ser imparcial. Marcos explica que ali “ele é ele” com os jovens com quem trabalha.

Vale destacar os pontos importantes da conversa informal com os repórteres após assistirem juntos novamente a primeira reportagem feita pelos dois para o quadro Parceiro do RJ. São questões que ajudam a sustentar que a narrativa construída pelos moradores da Rocinha, com o suporte técnico do jornalismo da Rede Globo de Televisão configura uma nova narrativa incluída, que pode vir a contribuir efetivamente para o desenvolvimento da vida em comunidade. Para Marcos e Cecília, a primeira reportagem no ar feita por eles sobre a Rocinha representou o início de uma nova fase da comunicação da favela com o asfalto. “Caramba, a Rocinha agora conseguiu”, anunciou Marcos. “Não somos mais os invisíveis. Agora as coisas vão começar a caminhar”, comemorou Cecília.

Foto: Arquivo Pessoal – PUC, 10/01/2014



Figura 11: Marcos Bráz e Cecília Vasconcelos assistem às reportagens na PUC-Rio.

Para finalizar a apresentação do método de análise proposto será preciso retomar a tabela “Pauta – Agenda” apresentada no capítulo anterior e, ainda incluir uma outra sobre, “Pauta – Assunto”. Recapitulando, portanto, a Tabela Pauta – Agenda está desenhada da seguinte forma:

Valorização Reportagens que valorizam a comunidade	Denúncia Reportagens que denunciam a ausência do Estado	Factual Reportagens que estão na ordem do dia da grande imprensa	Factual/Denúncia Reportagens que denunciam questões que estão na ordem do dia da comunidade

A Tabela Pauta – Assunto irá levantar as questões que cruzam as pautas produzidas. A escolha dos assuntos saúde, saneamento e transporte; educação e trabalho; cultura, esporte e lazer; e segurança se baseou em questões levantadas como prioritárias por moradores das comunidades visitadas ao longo da pesquisa,

Saúde Saneamento Transporte	Educação Trabalho	Cultura Esporte Lazer	Segurança

Uma vez feitas as decupagens do *off parceiro*, *sonora parceira* e *fonte parceira* faz-se o cruzamento dos resultados obtidos com a pauta e o assunto identificados. Nesta amostra feita com a reportagem de estreia da primeira dupla de parceiros Rocinha & Vidigal foi detectada uma pauta de valorização, cujo assunto foi educação por meio do grafitti constituída de um *off parceiro*, elaborado com a inclusão de informações complementares feita pelo jornalista profissional com a cobertura de sonoras com imagens e inserção de *letterings* e cabeça de locutor e nota pé; com o principal personagem contribuindo para produção de uma sonora amiga, mas também tradicional, na medida em que é autoridade no assunto; e passagens que incluem o repórter e, também o colocam como admirador da história contada.

Feito este cruzamento pôde-se cumprir a proposta do método: observar o diálogo entre o padrão Globo de jornalismo e o padrão parceiro de jornalismo e, ainda, pensar como as questões da comunidade surgem na estrutura desenhada na reportagem parceira. E por fim responder a pergunta central desta tese: há afeto, solidariedade, pensar o bem comum no trabalho partilhado entre jornalistas profissionais e “jornalistas comunitários”

selecionados para desempenharem as funções de repórter de vídeo e repórter cinematográfico no *Parceiro do RJ* da Rede Globo de Televisão?

Os próximos subitens deste capítulo apresentarão as análises da amostra escolhida para esta tese: as 32 reportagens produzidas pelos parceiros da dupla Rocinha & Vidigal da segunda turma do *Parceiro do RJ*, veiculadas no *RJTV – 1ª Edição* e disponibilizadas no site G1. Serão acrescentadas à observação o acompanhamento feito pela autora das reuniões de pauta realizadas pela equipe do *Parceiro do RJ*, no dia 10 de junho de 2013 e, na Rede Globo, e da reportagem feita pela dupla no dia 20 de julho de 2013 sobre um barranco que oferecia risco aos moradores do Vidigal. E, ainda, as entrevistas feitas com os moradores entrevistados para a reportagem, as conversas informais trocadas com a dupla pelo *Facebook* e a entrevista feita com Leandro Lima no dia 20 de março de 2014, no Projeto Comunicar da PUC-Rio, quando o repórter parceiro assistiu às reportagens veiculadas até àquela data e teceu comentários livres sobre a pauta, a produção e a edição das mesmas.

Fotos: Arquivo Pessoal / Lilian Saback– Vidigal, 20/07/2013



Figura 12: Aline Marinho e Leandro Lima entrevistam Francisco Eduardo Custódio, no Vidigal.



Figura 13: Leandro Lima registra o barranco que coloca em risco casas no Vidigal.

O objetivo passa a ser, a partir deste momento da tese, confirmar a conclusão preliminar feita a partir da análise da primeira reportagem produzida pela primeira dupla Rocinha & Vidigal e, ainda, fornecer ao leitor uma radiografia do método parceiro de estrutura de reportagem, de maneira que possam ser identificadas possíveis características presentes nas pautas que tratam os assuntos prioritários para as comunidades da Rocinha, Vidigal e Chácara do Céu.

5.2 – Análise I: *Visibilidade na busca por melhorias*



Figura 14: Aline Marinho – Parceira da Rocinha & Vidigal.
(Foto: Reprodução Facebook)

No *post* de Aline Marinho no *Facebook*, a moradora do Vidigal declara aos amigos e, porque não dizer, a todos que quiserem saber, o que aprendeu ao longo dos 18 meses de trabalho no projeto Parceiro do RJ. Passou a depositar um olhar crítico sobre os problemas de sua comunidade e a lutar para que eles fossem resolvidos. Uma luta que começava todas as segundas-feiras, quando eram realizadas as reuniões de pauta semanais.

Nos encontros no sétimo andar da emissora no Jardim Botânico, os 16 parceiros apresentavam à coordenadora Gisela Pereira e às editoras Mônica Bernardes e Jaqueline Ferri, que assinavam os VTs como jornalistas responsáveis, o andamento das reportagens em produção e suas ideias para novas apurações. Desta forma, o grupo decidia o cronograma de entrada das regiões no telejornal *RJTV – 1ª Edição*. Sem uma ordem preestabelecida, a participação dos repórter parceiros era decidida de acordo com os critérios do noticiário, assim como todas as reportagens veiculadas no dia a dia.

Como ensinam teóricos como Nelson Traquina e Pierre Bourdieu, as notícias têm valores estabelecidos a partir de uma seleção e uma construção, ambas feitas por profissionais de imprensa. “Os jornalistas têm óculos especiais a partir dos quais veem

certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado” (BOURDIEU, 1997, p. 25).

Ao detalhar os valores-notícias de seleção, Traquina apresenta critérios substantivos, aqueles que estão ligados à importância ou interesse do acontecimento, e contextuais, relacionados diretamente com a produção da notícia. Entre os valores substantivos estão, por exemplo, a novidade e a notoriedade do fato; entre os contextuais a facilidade para fazer a cobertura e os elementos visuais que endossam a informação. Os valores-notícia de construção reúnem a simplificação, a amplificação, a relevância, a personalização, a dramatização e consonância. (TRAQUINA, 2008, pp. 77-93).

No *RJTV – 1ª Edição*, não é diferente e, de acordo com a coordenadora de projetos especiais da Rede Globo, Vera Íris, para participar dele, os parceiros precisam aprender a trabalhar com esta ótica.

Eu lembro sempre para eles a história do açougueiro, por isso falei do açougueiro. O que os parceiros mostram? Eles mostram sempre a coisa do detalhe. O problema é o detalhe. É o buraco de uma rua que atrapalha a escola, e muitas vezes o açougueiro tem um buraco na frente do açougue que atrapalha e o açougueiro leva essa denúncia. E é um problema, mas é um problema do açougueiro. Quanto isso é um problema da comunidade? Quanto isso estorva a vida da comunidade ou o açougueiro? A gente não faz isso. O jornalismo não faz isso em benefício de um interesse. A gente não faz isso por ética, por princípio e eles precisam entender que a gente não faz isso. Agora, vamos lá. O que é que aquele buraco significa não só para o açougueiro, mas para a comunidade, para as três ruas em volta? Para a escola que tem ali perto? O problemão é do açougueiro, a gente não vai deixar de mostrar, mas eles têm que entender, a gente tem que fazê-los entender que ele tem que mostrar qual a dimensão daquilo porque às vezes não é matéria. Não é notícia. Aí a gente começa a trabalhar com matéria, com o que é notícia, o que é reportagem, com o que é passagem, onde vale uma passagem, o que ele está mostrando atrás da passagem quando ele não está vendo – que às vezes não é legal –, o que é bom, o que é iluminação e aí você vai desenvolvendo neles todo – alguns mais outros menos – o processo de jornalismo.¹¹²

Durante a produção desta tese a pesquisadora foi autorizada, pela direção de jornalismo da emissora, a acompanhar como ouvinte às reuniões de pauta. Por entender que era necessário observar o desenvolvimento do trabalho dos parceiros nos seis primeiros meses, foram presenciados os encontros do dia 10 de junho de 2013 e 13 de janeiro de 2014. Com o objetivo de não atrapalhar a equipe e, ainda, não permitir que a

¹¹² Vera Íris em entrevista concedida à autora no dia 30 de julho de 2014, na Rede Globo, Jardim Botânico.

presença da pesquisadora pudesse intervir no comportamento dos jovens, as reuniões não foram gravadas.

Nesta etapa, objetivou-se perceber basicamente três pontos: como se dava a troca de informação e conhecimento, entre os repórteres parceiros e os editores; os assuntos que eram propostos pelos jovens; e em que agenda eles se enquadravam. Para organizar a escuta estabeleceu-se duas categorias de pauta: pauta – agenda, dividindo-as nos tipos também já citados anteriormente (valorização, denúncia, factual e denúncia/factual) e pauta – assunto, reunindo os temas já descritos (saúde, saneamento e transporte; educação e trabalho; cultura, esporte e lazer; e segurança).

No primeiro ponto de observação, a troca, a parceria entre o jornalista profissional e o repórter parceiro, identificou-se que o tratamento pedagógico proposto pelo projeto está presente nas reuniões. Para a coordenadora dos Parceiro do RJ, Gisela Pereira, este é o momento que ainda pode-se passar alguma orientação.

A gente tenta tirar o melhor proveito possível deste encontro semanal para tudo. Até porque eles vêm com várias dúvidas (...) O que pra gente, que já está há muito tempo nessa área, é óbvio... O que a Jaque falou hoje: “já gravou a sonora? Vocês têm que ouvir os escoteiros! Vocês têm que ouvir 10 escoteiros e dois professores e não 10 professores e dois escoteiros.” Pra gente é óbvio, mas para eles não é. E a gente tem a maior tranquilidade e paciência porque a gente sabe que a gente não pode exigir deles essa obviedade, esse entendimento tão óbvio.¹¹³

A troca entre os editores e os parceiros não foge à dinâmica das redações profissionais. O exemplo da reportagem sobre escoteiros dado por Gisela, por exemplo, promoveu por alguns minutos um desconforto entre os parceiros de São João do Meriti e Belford Roxo, Denise Cassiene e João Davi Fernandes. Os dois anunciaram que a pauta havia caído¹¹⁴ e está foi a deixa para que a editora Jaqueline Ferri cobrasse profissionalismo não só dos dois, mas de todos os parceiros.

Nós como editores já somos acostumados a trabalhar. Eu já sei o que tenho que fazer, o repórter sabe o que tem que fazer, a gente conversa ali, a matéria chega, encaixa, pum. Agora, com os parceiros, a gente conversa alguma coisa, eles fazem alguma coisa, você pensa outra, vocês discutem e aí muitas vezes chega a matéria. Por exemplo, a matéria do atletismo... A gente quebra a cabeça mesmo para conseguir ter um início, meio e fim. Aí você vai pedindo umas partezinhas assim para você poder encaixar. Algumas dificuldades deles, eles têm vontade de retratar aquilo. Agora em contar história, as vezes eles pegam muito amplo, eles

¹¹³ Gisela Pereira em entrevista concedida à autora no dia 10 de junho de 2013, na Rede Globo, Jardim Botânico.

¹¹⁴ No jargão jornalístico a pauta não será mais realizada.

vão muito longe daquilo, pegam avó, tio, pai, irmão, irmã, para contar aquela história. Às vezes é desnecessário. Por exemplo, em uma matéria de atletismo que eles fizeram, ela até já foi ao ar. Essa matéria demorou muito tempo para ir ao ar, porque eles foram fazer aqueles jovens treinando em uma comunidade. Aí fizeram um monte de professores, não fizeram nenhum atleta no local e fizeram quatro atletas nas casas deles. Eu tinha o depoimento daqueles atletas sentados no sofá da casa deles ao lado da mãe, só! Aí eu cheguei e expliquei para eles, vocês mostram a situação lá, mostram os meninos que treinam no lugar, mas não mostram os meninos treinando no lugar. Então vocês têm que voltar e mostrar os meninos treinando no lugar. Aí eles voltaram e fizeram aqueles quatro personagens treinando no lugar, mas só fizeram eles treinando no lugar, não fizeram entrevistas no lugar. OK, você até pode mandar eles voltarem para fazer algo que ficou faltando, mas aí eu fiquei quebrando a minha cabeça e eu gosto disso. (...) Porque eles não tinham o link. Eles não tinham duas coisas ali: 1) Eles não tinham os personagens dando entrevista no local onde eles treinam; 2) Eu não tinha o link de sair de lá e ir para casa deles.¹¹⁵

O recado dado pela editora foi bem recebido pelos repórteres, que entendem a “bronca” como mais um aprendizado. A dupla de São João do Meriti e Belford Roxo foi entrevistada para esta tese logo após a reunião de pauta do dia 20 de junho de 2013, e quando responderam à questão sobre o que haviam aprendido no período, afirmaram de imediato: “a organização que precisa ter”, arriscou Denise Cassiane. “Ouvir mais, compreender algumas coisas. As outras coisas a gente tem que meter o pé. Algumas coisas têm que ser feitas”, completou João Davi Fernandes após a reunião¹¹⁶.

Assim como a compreensão do que é notícia e de como ela deve ser contada é uma novidade para os jovens, dimensionar o tempo na TV é um desafio. Para Alessandro Werneck, parceiro de Leonardo Brasil em Santa Cruz, esta foi uma das lições mais difíceis de se aprender.

É muito curto! Às vezes a gente produz grandes materiais assim, só que não dá para englobar tudo isso. Então tira um pedacinho ali. A gente tem melhorado muito, acompanhando as edições aqui. Tanto que, o material que a gente produzia em cinco dias, hoje a gente produz em dois. A gente vai ficando mais sucinto.¹¹⁷

O diálogo estabelecido entre quem detém o comando do aparato profissional é recebido como ensinamento e não como censura ou impedimento para que a pauta seja desenvolvida. Estabelece-se por meio da cobrança o que é feito diariamente em uma sala de aula de laboratório de telejornalismo ou em uma redação que trabalha com estagiários

¹¹⁵ Jaqueline Ferri em entrevista concedida à autora no dia 10 de junho de 2013, na Rede Globo, Jardim Botânico.

¹¹⁶ A entrevista completa está disponível nos anexos desta tese.

¹¹⁷ Alessandro Werneck em entrevista concedida à autora no dia 10 de junho de 2013.

e/ou profissionais. A editora aproveitou uma falha para ensinar uma prática de jornalismo. Este movimento se repetiu quando foi proposta de uma reportagem em uma escola para jovens com necessidades especiais. A coordenadora Gisela Pereira logo ressaltou que era necessário consultar uma especialista em educação para abordar corretamente o assunto. Atentos às sugestões, os parceiros demonstram que estão ávidos por conhecimento e como uma *esponja* absorvem o que podem.

A coordenadora de Projeto Especiais da Rede Globo, Vera Íris, analisa o comportamento dos jovens fazendo um paralelo com os universitários que participam do Programa Estagiar, o programa de estágios da Rede Globo de Televisão. Para a jornalista, quem frequenta um curso de graduação de jornalismo pode até ainda não ter produzido uma reportagem, mas já ouviu, estudou conceitos que são aplicados na prática. Além disso, ela acredita que a questão emocional está em jogo.

Eles são sedentos e carentes de alguém que tenha um pouquinho mais e possa ajudar. Até porque é uma geração que não tem familiares com qualquer resíduo de conhecimento e informação que possa ajudá-los. São os primeiros a entrar na universidade. Não tem! Então eles veem a gente neste papel. Eles acabam buscando aqui um lado pessoal que é o do conselheiro, do orientador.

A relação de afeto estabelecida pelos parceiros da segunda turma com os jornalistas que participam da coordenação do dia a dia do projeto é determinante para que as pautas de cada dupla sejam aprovadas, produzidas, editadas e veiculadas.

5.2.1 – A escolha da pauta de acordo com a agenda

Quanto ao segundo ponto de observação, na primeira reunião acompanhada, dois tipos de agenda para a pauta predominavam: as que giravam em torno da denúncia de alguma irregularidade identificada pelos parceiros e as que se encaixavam na agenda factual da cidade como, por exemplo, as festas juninas, o início da cobertura da Jornada Mundial da Juventude, os jogos da Copa das Confederações e, automaticamente, do telejornal.

Para a cobertura do jogo do Brasil contra o Japão, a sugestão da coordenadora Gisele Pereira era fazer um VT com todos os parceiros assistindo ao jogo no domingo para ir ao ar na segunda-feira seguinte. “O que marca este VT é na entrega de um parceiro para o outro”, orientou Gisela. Para o Dia de Santo Antônio, 13 de julho, a proposta da dupla de Caxias era fazer um “factual” começando com no dia anterior, quando tinha

início a festa no município. A coordenadora logo pergunta: “quem tem uma super festa junina?” Ao ouvir que Caxias tem uma Liga de Quadrilhas, a coordenadora comemora: “tudo!, vamos propor um vivo de lá!”

Em “Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo” (2000), Vizeu Pereira Jr, apresenta a rotina detalhada dos jornalistas que produzem o *RJTV – 1ª Edição*, entre os dias 15 e 31 de março de 1997, quase uma década antes desta tese de doutorado. Naquele ano, apoiado no trabalho de Tuchman (1983), Vizeu relaciona o trabalho de administrar o fluxo informativo à permanente negociação dos critérios de noticiabilidade da reportagem ao tempo total do telejornal.

Como já foi dito, o telejornal analisado passou por mudanças significativas, conseqüentemente, parte das observações feitas pelo pesquisador, podem estar obsoletas. Entretanto, é interessante registrar que a organização da notícia da TV por meio do tempo e o compromisso comercial da emissora, mantém inalterado o processo de agendamento e edição das reportagens a serem produzidas, editadas e veiculadas. Dentro desta lógica, a cobertura factual, aquela que acontece no dia que vai ao ar, muitas vezes inesperadamente, aquece o noticiário e garante a audiência.

Para a jornalista Vera Íris, o termômetro do aumento da cobertura factual entre os parceiros da segunda turma, em relação à primeira, deve ser associado aos grandes eventos que a cidade do Rio de Janeiro sediou em 2013 (Copa das Confederações de Futebol e Jornada Mundial da Juventude) e 2014 (Copa do Mundo de Futebol).

Acho que foi uma tendência do projeto. Eu não sei te dizer quando aconteceu, mas eu acho que talvez pelos próprios eventos. Teve um momento, lá no começo, na concepção do projeto, que eles não falariam do factual. Até porque a gente não iria caracterizar como jornalismo porque não era. Aí a coisa foi evoluindo, aí eu acho que um mês depois o menino fez ali em Niterói umas imagens sensacionais da chuva. Ele andou na rua, saiu com a câmera, ficou legal e puseram no ar. E daí começa a crescer nesse sentido. Eu acho que nesse caso desta edição, eles começaram em fevereiro do ano passado, então no carnaval deste ano eles já estavam trabalhando, se planejou a cobertura. Eles passaram a integrar, como foi na Copa.¹¹⁸

Ao debruçar sobre as 32 pautas realizadas pelos parceiros da Rocinha & Vidigal, Leandro Lima e Aline Marinho, constata-se que a produção acompanha a tendência de hierarquização das notícias, valorizando aquela que é factual, inesperada. A dupla se encarregou da produção de nove factuais, algumas integrando o time de jornalismo da

¹¹⁸ Vera Íris (Idem).

Globo nas grandes coberturas, como sugeriu Vera Íris e confirmou a editora Mônica Bernardes após a reunião.

A Rocinha e o Vidigal tiveram três VTs na semana retrasada, porque calhou de ter factual. Mas você sabe que precisa colocar pilha neles às vezes. Leandro estava absolutamente desanimado de fazer esse do Vidigal para expectativa para o jogo [da Copa das Confederações]. Aí, nada, nada, aquele desânimo, depois de conversar com ele sobre isso. É legal ele falar disso. Eu falei o Leandro, pô eu estou mais animada que você com a matéria. Que saco! Pô, tô querendo editar a matéria. Aí reclamei, reclamei, reclamei e disse que se não quiser fazer tudo bem, mas estou esperando hein? Aí fez. Aí a Aline veio na reunião e disse, posso falar contigo, vem cá botou pilha no Leandro? Obrigada! Aí o Leandro veio falar comigo que realmente tinha dado uma desanimada.¹¹⁹

Alguns meses depois, ao rever as reportagens feitas pela dupla, Leandro parecia nunca ter estado desanimado. Em entrevista para a autora, afirmou que havia adorado fazer o VT, porque adorava fazer factuais. “Adoro trabalhar sob pressão.” E foi aproveitando esse prazer em produzir contra o tempo e, ainda, o valor midiático dos territórios em que vivem, a dupla conseguiu factuais que poderiam ser feitas em outras regiões.

As pautas Via Sacra na Rocinha, “Proibição de vans em 11 bairros”, “Corpus Christi na Rocinha”, “Expectativa jogo seleção”, “Novo esquema de ônibus Rocinha”, “Visita jornalistas comunitários americanos e Vidigal” e “*Hostels* Vidigal” são exemplos desse tipo de factual. Exceto o novo esquema de ônibus e a visita dos jornalistas comunitários, todas as demais poderiam ser pautadas para outro repórter, de outro ponto da cidade. Tanto é que, por duas vezes, quando a pauta eram os ônibus que circulam na Rocinha, a emissora enviou duas equipes para fazer a mesma cobertura, mas para jornais diferentes. Os parceiros da Rocinha & Vidigal para o *RJ 1* e um repórter de vídeo e um repórter cinematográfico profissionais para o *RJ 2*. Leandro nunca soube porque foram duas equipes, mas tem um palpite: “pode ser um pouco de insegurança deles ou poderia ser um outro tipo de abordagem (sic) que eles iam fazer. Mas acabou que o nosso virou um VT e o deles uma chamadinha.”¹²⁰

Já a pauta “Expectativa jogo seleção” talvez seja a primeira reportagem em que arrisca-se dizer que os parceiros não precisavam ter feito. Tirando as duas últimas pessoas entrevistadas na reportagem, que falam da pintura em família, do ato em comunidade, os

¹¹⁹ Mônica Bernardes (Idem).

¹²⁰ Leandro Lima em entrevista concedida à autora no dia 20 de março de 2014.

outros entrevistados colaboram para reforçar o estereótipo do favelado que fala errado. Entretanto, mais uma vez a conversa posterior com o repórter Leandro Lima chama a atenção da pesquisadora que tendia a instalar seu olhar para ideias preconcebidas. Leandro contou que a ideia de fazer a expectativa dos moradores da Rocinha e do Vidigal para o jogo da seleção brasileira foi dele, que percebia que esse tipo de reportagem até então só era feita em bairros como a Tijuca, Ipanema e Copacabana, por exemplo. “Tudo pessoal que eu conheço, meu pai aqui no meio, os amigos dele, tudo que fica ali do lado. Eu falei, galera vamos juntar e o pior é que eles se reúnem mesmo. Pessoal simpático.”¹²¹

Além do grande número de pautas factuais, identifica-se o agendamento inovador da pauta Denúncia/Factual, aquela que ao ser apresentada, seja na reunião de pauta, por e-mail ou telefone, recebe o status de “passa à frente na produção e edição”, porque o assunto demanda urgência. Este tipo de pauta vence a factual: 12 VTs se encaixam nesta categoria. O resultado transparece que, se por um lado, os parceiros estão alinhados com o jornalismo da Globo, de outro, os jornalistas que os assessoram estão ouvindo mas, efetivamente, a pauta só vai ao ar se o editor-chefe quiser. A gravação externa, feita no dia 20 de junho de 2013, foi acompanhada pela pesquisadora como observadora participante, que pode observar como se estabelece essa relação repórter parceiro com o modelo de pauta denúncia/factual.

A gente sugeriu [na reunião de pauta do dia 17 de junho de 2013] a Roupa Suja que é a questão do choque lá nas casa, que a gente tem que concluir e a do Salvemos São Conrado, uma ONG que tem na praia. Mas ela [Dona Leda, irmã de Dona Dalva, que trabalha com Aline] me ligou na terça-feira e quando eu vi as fotos eu fiquei assustada e falei a gente tem que fazer isso pra ontem. Vai que chove no final de semana, acontece alguma coisa e a gente fica com remorso de não ter vindo antes, né? (...) Eu liguei para a Gisela, que é a nossa coordenadora, falei para ela a situação. Mande um e-mail primeiro, mandei as fotos e falei Gisela a situação é muito grave, precisa fazer antes, não dá para esperar segunda, para depois marcar o dia de ir. E ela falou: então faz. Aí eu liguei para o Leandro e a gente marcou.¹²²

Como planejado pela dupla, todas as entrevistas e imagens foram feitas na manhã do dia 20 e levadas para a emissora o mais rapidamente possível. Entretanto, a reportagem só foi para o ar no dia 5 de julho, ou seja, 11 edições do *RJI* depois. Em outras palavras, para os parceiros era preciso realizar a gravação e garantir que ela fosse ao ar, mesmo que isso não ocorresse no dia seguinte. A agenda denúncia/factual está vinculada

¹²¹ Leandro Lima em entrevista concedida à autora no dia 20 de março de 2014.

¹²² Aline Marinho em entrevista concedida à autora no dia 20 de junho de 2013.

diretamente ao fato de ser aceita ou não como pauta pela coordenação do projeto, pela urgência do problema que cerca os moradores das comunidade. Para Leandro, a demora não era um problema: “os VTs entravam quando tinha espaço”, justifica o estudante de jornalismo.

É importante ressaltar que a agenda denúncia, factual ou não, está presente no corpus analisado com a mesma proporção que o tipo de agenda valorização. Foram identificados 15 VTs que valorizam a comunidade ou um morador dela. Esse VT, muitas vezes, é fruto da agenda factual da emissora que, agora, ao dispor da dupla dá visibilidade a espetáculos organizados nas duas comunidades. Bons exemplos são as inéditas coberturas do Corpus Christi e da Via Sacra na Rocinha, este último encenado há 20 anos na comunidade. A pauta foi uma sugestão de Leandro, que sabia que a faria bem. “Eu acompanho desde pequeno, eu sei exatamente onde eles param, onde eles vão (...) Por isso eu tanto sugeri fazer, porque eu falei com a Gisela, me sinto super seguro de fazer, porque é tranquilo, pode confiar, conheço.”¹²³

Apesar da existência de factuais de valorização, dentre as pautas deste tipo de agenda, no entanto, predominam as produzidas, aquelas que os parceiros sugerem na reunião e, depois, as trabalham no roteiro com ousadia, como veremos no capítulo seguinte. Interessante observar que a Favela da Rocinha foi a que mais teve chances de mostrar o seu lado bom: oito reportagens apresentaram o potencial do local e de seus moradores. Em contrapartida, apenas o projeto social do rugby destacou a Chácara do Céu. Já o Morro do Vidigal esteve na pauta desta agenda cinco vezes sozinho e por três vezes compartilhou os holofotes com a vizinha Rocinha: nas reportagens sobre a expectativa para o jogo da seleção, dos restaurantes exóticos e na da visita dos símbolos da JMJ às duas favelas.

Uma reportagem de valorização no Vidigal uniu todos os participantes da segunda turma do projeto Parceiro do RJ. À convite da dupla Rocinha & Vidigal, eles foram fazer juntos a trilha do Pico do Dois Irmãos, também conhecida por trilha do Morro dois Irmãos. A reportagem, veiculada no dia 17 de junho de 2013, conduzida totalmente no improviso com Leandro na câmera e Aline no microfone, revelou para o grupo uma das vistas mais deslumbrantes do Rio de Janeiro. Leandro Lima chamou este VT de “VT zoação”. Segundo ele, o grande “barato” foi a reportagem ser toda construída no improviso. O ex-repórter parceiro destaca o *funk* produzido durante as gravações e usado

¹²³ Leandro Lima (Idem).

na edição. “Mano Brasil, de Santa Cruz, fez na hora. Eu subindo com a câmera e ele subindo cantando atrás de mim. Cantando, cantando e aí ele foi ajustando, ajustando, eu só prestando atenção e quando tava bom, eu falei: pô, você fechou a música cara.”¹²⁴

A empolgação foi tanta que o parceiro de Santa Cruz Leonardo “Mano” Brasil criou um funk para o grupo enquanto subia o morro.

A Aline tira onda vendo o visual do Vidigal, do Vidigal
 Onde mora o irmão Leandro parceiro não perde a linha
 É na Rocinha, é na Rocinha...
 E demorô...
 Soltar a voz.
 Tá ligada que no funk, irmão, que sabe é nós.
 E se quiser fechar com a gente tem que ser parceiro.
 Tem que ser chapa quente.
 Tá ligado, né? (MANO BRASIL, *RJ 1*, 17/06/2013)



Figura 15: Parceiros do RJ fazem trilha do Pico Dois Irmãos. (Foto: Reprodução *RJTV 1*)

¹²⁴ *idem*

Tabela 12 : Pauta – Agenda 2 (2013/2014)

2013/2014	AGENDA			
	Valorização	Denúncia	Factual	Den/factual
1 – Corrida Rocinha braços abertos	1	0	1	0
2 – Via Sacra na Rocinha	1	0	1	0
3 – Ponte improvisada no Vidigal	0	0	0	1
4 – Proibição de vans em 11 bairros	0	0	1	0
5 – Condições postes Vidigal	0	0	0	1
6 – Biblioteca Rocinha	1	0	0	0
7 – Roupa Suja, perigo e problema	0	0	0	1
8 – Dificuldade atravessar Niemayer	0	1	0	0
9 – Corpus Christi na Rocinha	1	0	1	0
10 – Expectativa jogo seleção	0	0	1	0
11 – Trilha do Pico Dois Irmãos	1	0	0	0
12 – Barranco Vidigal	0	0	0	1
13 – Novo esquema de ônibus	0	0	1	0
14 – Símbolos MJM, com 2 parceiros	1	0	1	0
15 – Roupa Suja / choques em casa	0	0	0	1
16 – Teste acesso à internet	0	0	0	1
17 – Irregularidade trânsito Vidigal	0	0	0	1
18 – Esgoto a céu aberto	0	0	0	1
19 – Padeiro cantor faz / Vidigal	1	0	0	0
20 – Gonzagueando fala da Rocinha	1	0	0	0
21 – Restaurantes exóticos	1	0	0	0
22 – Vendedor de doce/poetaRocinha	1	0	0	0
23 – Rugby na Chácara do Céu	1	0	0	0
24 – Salvemos São Conrado	0	0	0	1
25 – Dificuldade ônibus na Rocinha	0	0	0	1
26 – Visita jovens americanos	1	0	1	0
27 – PAC Roupa Suja, Rocinha	0	0	0	1
28 – Praças Vidigal	0	1	0	0
29 – Feira Largo do Boiadeiro	1	0	0	0
30 – Exposição Flávio - Rocinha	1	0	0	0
31 – Hostel Vidigal	1	0	1	0
32 – Lixo Vidigal	0	0	0	1
TOTAL	15	2	9	12

Fonte: tabela elaborada pela autora

5.2.2 – A escolha da pauta de acordo com o assunto

Para realizar a terceira e última observação das pautas realizadas pela dupla Rocinha & Vidigal no que diz respeito ao assunto, é preciso ter em mente os limites impostos aos participantes no que diz respeito à segurança pública. Uma das restrições feitas aos parceiros do RJ na escolha de suas pautas é que elas não fossem sobre as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), tráfico de drogas, violência, enfim, assuntos que tradicionalmente alimentam a grande mídia. Além da preocupação de fazê-los entender elementos fundamentais que cercam o telejornalismo como, por exemplo, os valores-notícia, já citados anteriormente, uma outra questão acompanha de perto a avaliação das pautas feita pela coordenadora Gisela Pereira, o risco de vida. Segundo ela, o fato de serem moradores da comunidade não os blindava do perigo da violência urbana.

De acordo com o artigo 144 da Constituição Federal, “a segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio.”¹²⁵ A garantia da segurança pública deve ser feita pelas polícias federal, rodoviária federal, ferroviária federal, civil, militar e, também, pelos corpos de bombeiros militares. Os parceiros realmente respeitaram a norma, não fizeram uma reportagem sequer sobre as UPPs, motivo pelo qual o projeto Parceiro do RJ pôde ser criado, mas trouxeram para o centro do debate uma questão importante. Apesar da proibição de falar em segurança pública, identificou-se que a dupla produziu 12 reportagens onde o assunto era a segurança do morador, fosse pelo risco da queda de um poste de alta tensão ou pela contaminação do esgoto correndo a céu aberto. Este dado permite uma reflexão sobre como o olhar do morador sobre a questão da segurança na comunidade onde vive difere do olhar do jornalista profissional sobre as favelas cariocas.

As pesquisas *Comunicação, Comunidade e Humanismo Prático* (2008), desenvolvido pelo Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC), da ECO/UFRJ e *Mídia e favela: comunicação e democracia nas favelas e espaços populares* (2012), reforçam o esforço dos repórteres parceiros em ampliar o debate em torno da questão de segurança nas comunidades com baixo poder aquisitivo e pouca, ou nula, atenção do poder público. Fica estabelecido que a proibição de falar bem ou mal das UPPs

¹²⁵ <http://www.stf.jus.br/portal/constituicao/artigobd.asp?item=%201359>

não é problemática, na medida em que a violência convivida por eles e todos os demais moradores já é o assunto mais pautado na grande imprensa, seja ela televisiva, sonora, impressa ou digital.

Se os *óculos* dos jornalistas profissionais estão ajustados para um enfoque limitador que a segurança do morador gira apenas em torno da criminalidade, cabe a eles ajustar sua *lupa compartilhada* com a chefe da mídia televisiva brasileira, a TV Globo, para questões de saúde, saneamento básico e transporte, que efetivamente colocam em risco a população das favelas cariocas. Esta adequação do “humanismo prático”, promovida com a criação de uma narrativa comunitária no modelo parceiro, se reflete no corpus desta pesquisa.

Das 32 reportagens produzidas pela dupla Leandro e Aline, 18 têm como assunto de pauta saúde, saneamento e transporte. Deste total, 11 também se inserem na categoria de segurança. Ou seja, 61% das reportagens trazem temáticas que geram risco de vida para os moradores. Para não mencionar as matérias já citadas neste capítulo, destaca-se que a reportagem “Moradores da Roupa Suja sofrem choques em casa” é um exemplo emblemático. A repórter Aline Marinho expõe uma situação vivida pelos moradores em uma das áreas mais pobres da Rocinha, a Roupa Suja, onde o descaso do poder público os faz “vítimas do abandono e da exclusão social” (COUTINHO, 2014). A região fica distante dos dois postos da UPP da Rocinha, que ficam na Rua 2 e no Portão Vermelho (entre a entrada da Rua 1 e da Rua 2) e, conseqüentemente, torna-se ainda mais vulnerável às ações de traficantes. Entretanto, a falta de infraestrutura na localidade é o que mais coloca em risco o dia a dia de quem vive lá.

Leandro e Aline fizeram três reportagens na Roupa Suja: duas para falar das péssimas condições de vida no local e, principalmente, sobre a obra do Programa de Aceleração e Crescimento (PAC), para a construção de uma plano inclinado na localidade, inaugurada em 2009 pela Empresa de Obras Públicas do Estado (Emop). O “teleférico”, nos moldes do instalado no Morro de Santa Marta, em Botafogo, iria minimizar os problemas de mobilidade dos moradores e estava prometido para novembro de 2013. A terceira matéria foi sobre os choques elétricos que os moradores levavam em dentro casa. Esta última conta, inclusive, com a participação do Vice-presidente do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio de Janeiro (CREA-RJ), o engenheiro eletricista, Luiz Antônio Consenza, que fez testes nas casas visitadas e advertiu:

Se ela tiver seca, com um chinelo de borracha não vai sentir nada. Agora, se ela tiver descalça, chão molhado, dependendo do valor dessa corrente, pode partir desde o formigamento até ser fatal. Então eu acho que a gente tem que resolver o problema antes que aconteça. (*RJTV 1*, 21/08/2013)

Para os moradores da Roupa Suja receber em casa um engenheiro elétrico, que esclareça e dimensione os riscos que vivenciam todos os dias é uma situação totalmente atípica. Eles estão acostumados à perversa invisibilidade que a mídia tradicional sempre lhe impõe, pelo simples fato de só entrar nas favelas para registrar a violência, muitas vezes causada, pelo conflito entre a polícia e criminosos armados. Em outras palavras: por só iluminar a favela quando a questão da segurança diz respeito à ordem pública e não à vida em comunidade. A escolha dos parceiros pela pauta com assunto saúde, saneamento e transporte, que uma vez acolhida pela equipe de jornalistas profissionais que coordenam o projeto e, por fim, pelo editor(a) do telejornal, configura o “humanismo prático” pleiteado por Paiva e Nóra na mídia comunitária. Fazem da narrativa parceira uma opção para o morador tornar visível os principais problemas que cercam o seu cotidiano e não apenas aqueles que rendem audiência e colaboram para fortalecer a ideia de que só há violência nas favelas do Rio.

A tabela da página a seguir registra ainda que as pautas, quando observadas pelos assuntos, apresentam para o telespectador do *RJTV – 1ª Edição* um outro lado da favela pouquíssimo exposto pela grande mídia: cultura, esporte e lazer.

Tabela 13: Pauta – Assunto (2013/2014)

2013/2014	PAUTA - ASSUNTO			
	Saúde, Saneamento e Transporte	Educação e Trabalho	Cultura, esporte e lazer	Segurança
1 – Corrida Rocinha braços abertos	1	0	1	0
2 – Via Sacra na Rocinha	0	0	1	0
3 – Ponte improvisada no Vidigal	1	0	0	1
4 – Proibição de vans em 11 bairros	1	0	0	0
5 – Condições postes Vidigal	1	0	0	1
6 – Biblioteca Rocinha	0	1	1	0
7 – Roupas Sujas, perigo e problema	1	0	0	1
8 – Dificuldade atravessar Niemayer	0	0	0	1
9 – Corpus Christi na Rocinha	0	0	1	0
10 – Expectativa jogo seleção	0	0	1	0
11 – Trilha do Pico Dois Irmãos	1	0	1	0
12 – Barranco Vidigal	1	0	0	1
13 – Novo esquema de ônibus	1	0	0	0
14 – Símbolos JMJ, com 2 parceiros	0	0	1	0
15 – Roupas Sujas / choques em casa	1	0	0	1
16 – Teste acesso à internet	1	1	1	0
17 – Irregularidade trânsito Vidigal	1	1	0	1
18 – Esgoto a céu aberto	1	0	0	1
19 – Padeiro cantor faz / Vidigal	0	0	1	0
20 – Gonzagueando fala da Rocinha	0	0	1	0
21 – Restaurantes exóticos	0	0	1	0
22 – Vendedor de doce/poeta Rocinha	0	0	1	0
23 – Rugby na Chácara do Céu	1	1	1	0
24 – Salvemos São Conrado	1	1	1	1
25 – Dificuldade ônibus na Rocinha	1	0	0	1
26 – Visita jovens americanos	0	1	1	0
27 – PAC Roupas Sujas, Rocinha	1	1	0	1
28 – Praças Vidigal	1	0	1	1
29 – Feira Largo do Boiadeiro	0	1	1	0
30 – Exposição Flávio - Rocinha	0	1	1	0
31 – Hostel Vidigal	0	1	1	0
32 – Lixo Vidigal	1	1	0	0
TOTAL	18	11	19	12

Fonte: tabela elaborada pela autora

Foram identificados 19 VTs que trazem temas desta categoria, sendo que sete dialogam com a categoria educação e trabalho, cinco com saúde e dois com a segurança. A predominância do *link* entre cultura, esporte e lazer com educação e trabalho é perfeitamente compreensível. A maioria das oportunidades de lazer em uma favela, por exemplo, geralmente gera oportunidade de trabalho e educação para os moradores. É recorrente a contratação de moradores da própria região para desenvolver o trabalho.

A C4 – Biblioteca Parque da Rocinha, por exemplo, não só promove o lazer de quem a frequenta para assistir a um filme, ler um livro ou usar a internet por diversão, como também traz para os associados cursos planejados com acesso ao acervo e outras atividades que conjugam educação e saúde. A biblioteca foi inaugurada em 2012 pela Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro como parte de uma rede de bibliotecas que rompem com a máxima de que biblioteca é um lugar silencioso. No local trabalham 18 funcionários contratados pela OS, sendo nove moradores da Rocinha e dois de outra comunidade próxima, a Parque da Cidade.

O fotógrafo Flávio Carvalho é um deles. Em 2011 era estagiário da assessoria de comunicação da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos (SEASDH), quando foi chamado para um trabalho por tempo determinado na Biblioteca Parque da Rocinha, que estava se organizando para inaugurar. Durante um período ele conseguiu conciliar os dois trabalhos, mas logo teve que fazer uma opção e escolheu ficar na biblioteca como mediador social.

Eu fui trabalhar na Biblioteca Parque da Rocinha porque eu achei naquele momento que seria um lugar de criação, pois não havia uma estrutura já pré-elaborada de trabalho. Era um projeto, de certa forma novo, na Secretaria de Cultura do Estado e que me daria oportunidade de trabalhar de forma mais livre, sem moldes. Em outras palavras quem entraria ali teria que criar as rotinas de trabalho. Não teria um chefe que diria tudo o que todos deveriam fazer, seria uma criação coletiva.¹²⁶

Após concluir o curso de jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em 2012, Flávio passou a atuar como assessor de comunicação e fotógrafo, responsável pelo acervo de fotos dos eventos na Biblioteca. Em 2014, Flávio ocupava o cargo de auxiliar de programação, na produção de eventos realizados na BPR. Paralelo ao trabalho na biblioteca, o jovem mantinha ainda o trabalho voluntário como

¹²⁶ Flávio Carvalho em entrevista concedida à autora no dia 24 de novembro de 2014, pelo *Facebook*.

repórter para o site FaveladaRocinha.com, na luta permanente pelo fortalecimento da mídia comunitária.

A surpresa fica por conta de quando foram detectadas as duas de esporte, cultura e lazer. Percebeu-se que elas estão também alinhadas como pauta de segurança: “Frequentadores da praia de São Conrado reclamam” e “Praças Vidigal”. Na primeira reportagem, a dupla apresenta o trabalho da ONG Salvemos São Conrado, que luta para acabar com a sujeira na Praia de São Conrado. A questão traz junto a questão da saúde, já que os frequentadores contraem doenças como micose de pele, e que, pelos depoimentos de pescadores afirmando que a água está podre, podem ser ainda mais sérias.

Já a segunda reportagem traz exatamente aquela que a parceira Aline Marinho destacou em um *post* no *Facebook*, para chamar a atenção do quanto havia ficado crítica quanto aos problemas que cercam os moradores do Vidigal. A matéria, veiculada no mesmo dia do *post* de Aline, 18 de abril de 2014, fala sobre o péssimo estado das praças construídas para servirem de área de lazer para crianças e jovens da comunidade. A dupla da Rocinha & Vidigal, mostra que lixo, esgoto, ferrugem e até parafusos expostos colocam em risco a brincadeira da criançada. Ao mesmo tempo que a reportagem apresenta uma área de lazer do Morro do Vidigal, denuncia a falta de manutenção que deixa o lugar perigoso. A repórter se envolve com a questão desde o início da reportagem, permite que o telespectador entre em sua casa e veja como ela o problema: “essa daqui é a janela da minha casa e essa é a visão que eu tenho da minha janela. Aqui, onde era uma pracinha com brinquedos, balanço, escorrega, virou isso aqui: mato, lixo, esse terreno abandonado.” (MARINHO, *RJ 1*, 18/04/2014)

A maneira que os parceiros contam essa e outras histórias, a narrativa parceira que eles constroem para falar com crítica e emoção do seu cotidiano será o foco do próximo subitem deste capítulo. Torna-se fundamental entender como este diálogo com os jornalistas profissionais interfere nesta produção e quais os recursos técnicos utilizados para que o discurso se mantenha debaixo do guarda-chuva ideológico da Rede Globo. É também importante que se leia o não dito nas estratégias inclusivas elaboradas pelos jovens moradores de favelas e comunidades, que por ora, são concebidos como repórteres.

5.3. Análise II: Os três pilares do telejornalismo parceiro



Figura 16: Leandro Lima é parceiro da Rocinha & Vidigal. (Foto: Reprodução Facebook)

O carinho demonstrado na homenagem feita por Leandro Lima ao amigo e fonte, Sassá, no dia 3 de novembro de 2014, no *Facebook*, dá sinais da primeira e mais importante característica da narrativa parceira, o tratamento dado aos entrevistados. Como um tijolo que sustenta uma parede que dá forma a uma casa, as fontes, os moradores da Favela da Rocinha, do Vidigal e da Chácara do Céu, têm papel fundamental na estrutura parceira. Elas são um dos três pilares que sustentam essa modalidade de narrativa inclusiva por meio do audiovisual. Os outros dois são a participação efetiva do próprio repórter parceiro na reportagem e, ainda, os ajustes feitos por jornalistas da TV Globo que na edição elaboram o *off* parceiro a partir de recursos técnicos. O método parceiro de fazer telejornalismo encontra nas estruturas convencionais maneiras distintas para fazer uso das ferramentas desenhadas pelo padrão Globo de jornalismo.

5.3.1 – A fonte amiga como base da narrativa parceira

A produção de uma reportagem jornalística se inicia a partir de uma pauta que orienta o repórter na apuração de um determinado assunto para uma edição de jornal, revista, programa de rádio ou televisão (NEIVA, 2013, p. 428). A escolha das fontes, ou seja, das pessoas que “tenham conhecimento de causa e imparcialidade em face do assunto noticiado” é um elemento central para a execução do trabalho (idem, p. 226). Costuma-se dizer que só depois de realizadas as entrevistas necessárias, o jornalista tem condições de elaborar seu texto.

Para produzir uma reportagem sobre os sintomas do vírus ebola¹²⁷, por exemplo, mesmo que o repórter tenha em mãos um texto que os relacionem, será necessário entrevistar um médico que possa validar os dados ou, se for o caso, acrescentar informações. O médico seria, portanto, uma fonte importante para a reportagem. Para fundamentar ainda mais, o jornalista poderia, ainda, se possível, é claro, conseguir entrevistar uma pessoa que tivesse sido contaminada. Esta pessoa seria o personagem real da matéria, outra fonte valiosa para o jornalista.

No telejornalismo, as sonoras, trechos das entrevistas gravadas com as fontes, confirmam ou completam o texto do repórter (RABAÇA, 2014, pp. 259-260). É exatamente na observação das fontes escolhidas pelos parceiros do RJ/Rocinha e Vidigal que começa a análise da construção da narrativa parceira. Para isso, foram identificadas, nas 32 reportagens produzidas por Aline Marinho e Leandro Lima, quatro tipos de fontes: familiar, amiga, tradicional e espelho.

Registra-se como “familiar” o entrevistado que é parente ou tem uma relação que se assemelha a de um parente do repórter parceiro. A fonte “amiga” não necessariamente mantém uma relação de amizade com o repórter, mas no momento da entrevista é tratado com intimidade por ele. O entrevistado “tradicional” é aquele que é especialista no assunto e receberia o mesmo tratamento em uma reportagem feita por um repórter profissional. A fonte “espelho” é aquela em que, de alguma forma, o repórter deixa transparecer que ele poderia ser aquele entrevistado. Este último tipo de fonte reproduz o

¹²⁷ “Uma febre grave do tipo hemorrágico transmitida por um vírus do gênero Filovirus, altamente infeccioso (...) Surtos de ebola atingiram países da África em 1995, 2000, 2007, mas foram controlados. O surto de 2014 atinge Guiné, Serra Leoa e Libéria e já há casos confirmados na Nigéria.” <http://drauziovarella.com.br/letras/e/ebola/>

pensamento do repórter, que faz questão de se incluir na reportagem, como se verifica na análise da passagem parceira.

Ao realizar a decupagem das reportagens com foco nas sonoras, percebe-se que os entrevistados são os principais responsáveis pela construção da narrativa comunitária. Talvez, pelo fato dos parceiros receberem a orientação de não produzir um texto *off*, a costura feita pela edição acaba recorrendo às sonoras, muitas vezes, cobertas por imagens e, aos olhos do espectador, são recebidas em *off*. Portanto, a sonora parceira é uma peça fundamental na estrutura da reportagem.

Em média, foram inseridas 7 sonoras por reportagem. O que não significa que foram sete fontes diferentes, mas sim que o aproveitamento do conteúdo delas foi grande. Na reportagem sobre uma ponte improvisada, construída para que um morador pudesse ter acesso à sua casa no Vidigal após uma tempestade que cedeu o barranco e isolou-a do resto do morro, tem 5 fontes, 8 sonoras no ar. O motorista Erivelton Costa, personagem principal da reportagem, dono da casa com risco de cair e quem pautou o assunto entrando em contato direto com Aline Marinho, fala três vezes na reportagem. Sendo que sua primeira sonora tem 44 segundos, tempo muito maior do que o recomendado nos manuais de telejornalismo, algo em torno 15/ 20 segundos. A primeira sonora de Seu Erivelton é toda coberta com imagens da mulher passando pela ponte com o filho no colo e, é a partir da fala dele que o problema é relatado.

Erivelton: Como pode ver horrível. Quando tá chovendo não tem como minha esposa vir pra cá ou sair com o neném, porque isso aqui tá caindo e se isso aqui cair eu não tenho como entrar em casa. Como vocês podem ver, a ponte aqui foi feita porque o tanto de barro que caiu, eu tive que fazer esse vão da casa para poder ter acesso, porque não tinha mais acesso. Eu fiz essa ponte para poder chegar em casa

Aline: Quando a sirene toca como é para você aqui na sua casa?

Erivelton: Pra mim é um transtorno, porque eu não durmo. Minha esposa não dorme em casa por causa do neném, dorme na mãe dela. Isso aqui fica um aguaceiro e qualquer hora pode descer tudo. Se isso aqui descer. Adeus! (*RJTV 1*, 10/04/2013)

Os outros quatro entrevistados reforçam a urgência de uma solução, inclusive o presidente da associação de moradores, Marcelo Silva.

Uma característica interessante do método parceiro de fazer telejornalismo é que seus entrevistados, muitas vezes, se encaixam em mais de um tipo de fonte. O escolhido para falar pode ser um especialista no assunto abordado, mas por ser da comunidade acaba recebendo um tratamento diferenciado, que o aproxima do repórter. Na reportagem de Leandro Lima e Aline Machado sobre os restaurantes com comidas exóticas existentes nas duas comunidades, por exemplo, os *chefs*, os donos dos restaurantes, são abordados como se fossem íntimos.

Leandro (sem crédito): E aí *chef* Glimário, o que você tem aí pra gente hoje?

Chef Glimário (sem crédito): Meu amigão, boa tarde. Você tem um filé de avestruz grelhado, flambado no conhaque e com ervas finas acompanhando arroz de brócolis.

Leandro: Vamos testar isso aí. (RJTV, 16/11/2013)

Na reportagem em questão, os dois parceiros da Rocinha & Vidigal dividem a construção do VT. Primeiro Leandro Lima percorre os restaurantes da Rocinha que possuem no cardápio pratos exóticos e, em seguida, Aline Marinho faz o mesmo em sua comunidade, o Vidigal. Aline reproduz a informalidade proposta por Leandro e expõe ao telespectador sua passagem pelos restaurantes e, ao fazer seu pedido, escolher o que vai comer e, ainda, ao comentar o que achou da comida servida, ela conversa com os seus entrevistados. Uma dinâmica que, muitas vezes, a faz personagem da reportagem.

Em outras palavras, a participação de Aline se mistura à informação sobre o prato. Ela inverte e, antes mesmo do *chef* Fabinho explicar ao telespectador do que se trata a “peixoadada” servida no Barlacubaco, no Vidigal, por exemplo, a repórter parceira experimenta e dá a sua opinião.

Aline: Você já ouviu falar em peixoadada? Então, vem comigo conferir.
[Aline grita da mesa] Fabinho!! [Fabinho aparece logo no balcão –
lettering: Barlacubaco]

Fabinho: Opa!

Aline: Traz aí uma peixoadada aí pra mim.

Fabinho: É pra já.

Aline: Vê se é bom mesmo, hein, Fabinho.

Fabinho: Prova e aprova, né?

Aline: Daqui a pouco eu vou dizer se aprovo. A cara está ótima. Super aprovada.

Fabinho: Peixoadada, né? Marisco. A gente fez hoje com posta de cação, camarão, lula e o feijãozinho branco. (Idem)

O diálogo estabelecido por Aline com os entrevistados ratifica a relação Eu e Tu (BUBER, 1923) como constituinte da alteridade da narrativa comunitária. Em outras palavras, ao inserir na reportagem a sonora do entrevistado como uma conversa com o entrevistado, Aline sinaliza que sem o entrevistado não haveria reportagem. Sem o outro não haveria a sua pauta. Aline confirma a conversa como “o veículo mais importante da conservação da realidade” (BERGER e LUCHMANN, 2008, p. 202). A partir da conversa com os entrevistados a repórter parceira permite que o pano de fundo da sonora seja o cotidiano dos indivíduos que vivem naquela comunidade.

Essa relação é potencializada quando a pauta traz questões que envolvem a qualidade de vida na favela. Na reportagem sobre as condições dos postes do Vidigal, exibida no dia 16 de abril de 2013, a repórter parceira entrevista oito pessoas e cinco delas são chamadas pelo nome, como uma pessoa próxima. O único entrevistado creditado com caracteres é Marcelo Silva / Presidente da Associação de Moradores, os demais têm a cumplicidade da repórter como principal indicador de sua importância como fonte.

Aline: E aqui o Bianco, morador que passa por esse problema aqui com o poste. Botou até uma madeirinha para segurar o poste que estava caindo na casa dele. Bianco, há quanto tempo você está com esse problema?

Biano: Tem mais de dois anos, botamos lá em cima aquele cabo para segurar. A gente fala, fala, fala e ninguém vem. Se tirar o cabo de lá vai arrebentar o telhado todinho.

Aline: Deve ser tenso, Bianco, morar aqui com esse poste caindo.

Biano: A gente morre de medo desse poste cair em cima da gente aí.

Aline: E falta muita luz aqui na sua casa?

Biano: Falta, sempre falta.

Ao rever as reportagens que haviam sido produzidas e exibidas até o dia 20 de março de 2014, Leandro Lima, explicou que tem consciência de que o tratamento dado ao entrevistado é percebido pelo telespectador, entretanto, garantiu que a maneira de entrevistar é espontânea, nada é intencional. “A gente fica muito à vontade para fazer o que quiser.”¹²⁸

Para Leandro, essa liberdade proposta pelo projeto foi experimentada logo na primeira reportagem que fez, a que abriu a segunda temporada do quadro no dia 25 de março de 2013. Na reportagem sobre a Corrida Rocinha de Braços Abertos, Leandro

¹²⁸ Leandro Lima em entrevista concedida à autora no dia 20 de março de 2014, no Projeto Comunicar da PUC-Rio.

elegeu Dona Antônia, uma senhora que participava da corrida, como personagem principal e acompanhou seu desempenho ao longo da competição. Uma estrutura de reportagem que rendeu muitas inserções bem humoradas do repórter.

Então, aquele momento que eu estava realmente feliz pela Dona Antônia ter chegado, não foi *fake* aquilo, não foi mentira. Eu realmente fiquei feliz, porque ela salvou o meu VT, então, eu fui lá e abracei ela na hora. (...) Acho que se fosse um repórter [profissional], seria caramba Dona Antônia chegou, tá aqui feliz. Eu tenho certeza que vontade dele seria abraçar a Dona Antônia. Nossa, valeu Dona Antônia. Seria o que eu fiz.¹²⁹

Essa informalidade ao lidar com o entrevistado acaba promovendo sonoras do tipo “amiga”. Das 32 reportagens analisadas, apenas uma não tinha pelo menos uma sonora amiga. Exatamente aquela que não foi produzida por eles, mas sim pelos parceiros do Morro do Alemão na Rocinha sobre o Projeto Gonzagueando ao exibir seu documentário na Favela da Rocinha. Nesta reportagem, Leandro Lima apenas gravou as sonoras para a parceira do Alemão, Daiane Cristina.

Ao analisar a tabela, observa-se que em todas as reportagens há dois ou mais tipos de sonora, ou seja, a narrativa parceira recorre aos quatro tipos de fonte. Depois da sonora amiga, que está presente em 31 reportagens, a tradicional se apresenta em 21, a espelho em 17 e apenas quatro se encaixam no tipo familiar. Compreende-se, portanto, que na maioria das vezes, o repórter parceiro recorre à fonte que também seria ouvida pelo jornalista profissional mas, ao entrevistá-la, transforma-a em amiga e é por meio da fala desta fonte amiga que sua reportagem será estruturada. A sonora será o elo que ligará a apuração, permitindo que a história seja contada ao telespectador. A editora Jaqueline Ferri, uma das responsáveis pelas finalizações das reportagens, diz que esta relação com o entrevistado é natural.

Eles são muitos mais próximos e por isso as respostas me parecem muito mais autênticas. Eles não estão falando para um repórter da TV Globo e estão falando para um profissional que hoje está na TV Globo porque foi selecionado, mas é um vizinho deles. É uma pessoa que tem a mesma ideia de vida deles, que foi criado, a maioria deles foi nascido e criado na comunidade onde eles vivem.¹³⁰

¹²⁹ Idem.

¹³⁰ Jaqueline Ferri em entrevista concedida à autora no dia 10 de junho de 2013.

As sonoras tradicionais estão presentes em metade das reportagens analisadas, indicando a busca da fonte tradicional, aquela que estaria também na cobertura feita por um jornalista profissional. A primeira fonte que vem à cabeça, é a do especialista, sempre presente no jornalismo tradicional, mas na narrativa parceira, neste tipo de sonora, predomina o povo-fala. Podem ser homens, mulheres e crianças falando sobre um assunto específico, um “recurso muito usado em telejornalismo para avalizar, polemizar, levantar um tema.” (PATERNOSTRO, 1999, p. 148).

O povo-fala do parceiro, no entanto, nada mais é do que deixar o morador falar sobre a questão em pauta. Por esse motivo, todas essas fontes tradicionais são também fontes amigas, tratadas com proximidade normal, daquele que vive a mesma situação que ela. As demais fontes tradicionais, os especialistas, também estão presentes nas reportagens analisadas, mas em menor número que o cidadão comum, o povo-fala.

A reportagem sobre os moradores da localidade da Roupa Suja, na Rocinha, que levam choque dentro de casa, é uma das poucas que leva para dentro da favela um especialista de fora, o Vice-presidente do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio de Janeiro (CREA-RJ), o engenheiro eletricitista, Luiz Antônio Consenza.

Na cobertura sobre a “proibição de vans em 11 bairros”, o presidente da cooperativa de vans, Gilvan Santos e os motoristas entrevistados por Leandro Lima, podem ou não ser moradores. O repórter “não faz a menor ideia”, ouviu-os pela importância da fala deles na reportagem. As demais fontes “tradicionais”, que podem ser chamadas de especialistas, são moradores locais: o presidente da Associação de Moradores do Vidigal, Marcelo Silva, por exemplo, está nas reportagens que denunciam uma ponte improvisada (já citada neste capítulo) e as condições dos postes na região, mas também é o personagem do VT “padeiro cantor faz sucesso no Vidigal”. A história de Marcelo, que foi padeiro durante 19 anos, e sua popularidade ajudaram-no ser eleito presidente da associação.

A concepção de fonte tipo “espelho” está ligada diretamente à forma com que repórter parceiro se insere no VT. Na maioria das vezes que ele faz parte do contexto, a condução da entrevista também o transforma em potencial entrevistado. Isso ocorre, principalmente, quando quem está no microfone é o parceiro que vive na favela onde a cobertura está sendo realizada. É interessante ressaltar, ainda, que a fonte “espelho” também é identificada quando, mesmo não vivendo na Rocinha, Aline Marinho se envolve com a situação reportada. Dois bons exemplos são o VTs, “Biblioteca Rocinha”

e “Moradores da Roupa Suja sofrem choques em casa”, duas pautas de categorias de agenda diferentes: valorização e denúncia/factual.

Tabela 14: Sonora parceira

2013/2014 Reportagens	Sonora Parceira (Fonte)			
	Familiar	Amiga	Tradicional	Espelho
1 – Corrida Rocinha braços abertos	1	1	1	0
2 – Via Sacra na Rocinha	0	1	1	0
3 – Ponte improvisada no Vidigal	0	1	1	0
4 – Proibição de vans em 11 bairros	0	1	1	0
5 – Condições postes Vidigal	0	1	1	1
6 – Biblioteca Rocinha	0	1	1	1
7 – Roupa Suja, perigo e problema	0	1	1	0
8 – Dificuldade atravessar Niemeyer	0	1	1	0
9 – Corpus Christi na Rocinha	0	1	1	0
10 – Expectativa jogo seleção	0	1	1	0
11 – Trilha do Pico Dois Irmãos	1	1	1	1
12 – Barranco Vidigal	0	1	1	1
13 – Novo esquema de ônibus	0	1	1	0
14 – Símbolos MJM, com 2 parceiros	1	1	1	0
15 – Roupa Suja / choques em casa	0	1	1	1
16 – Teste acesso à internet	0	1	1	1
17 – Irregularidade trânsito Vidigal	0	1	0	1
18 – Esgoto a céu aberto	0	1	0	1
19 – Padeiro cantor faz / Vidigal	0	1	0	1
20 – Gonzagueando fala da Rocinha	1	0	1	0
21 – Restaurantes exóticos	0	1	0	1
22 – Vendedor de doce/poeta Rocinha	0	1	1	0
23 – Rugby na Chácara do Céu	0	1	0	0
24 – Salvemos São Conrado	0	1	0	0
25 – Dificuldade ônibus na Rocinha	0	1	1	1
26 – Visita jovens americanos	0	1	1	0
27 – PAC Roupa Suja, Rocinha	0	1	0	1
28 – Praças Vidigal	0	1	0	1
29 – Feira Largo do Boiadeiro	0	1	0	1
30 – Exposição Flávio - Rocinha	0	1	0	1
31 – Hostel Vidigal	0	1	1	1
32 – Lixo Vidigal	0	1	0	1
TOTAL	4	31	21	17

Fonte: tabela elaborada pela autora

Na primeira, “Biblioteca da Rocinha”, classificada como valorização, a repórter deixa fazer questão de se associar à biblioteca e passa a buscar a informação como beneficiária e, conseqüentemente, a responder perguntas de quem seria sua fonte.

Aline:

— Oi, boa tarde, tudo bem? Como é que eu faço para fazer o cadastro aqui na biblioteca?

Bibliotecária (sem crédito)

— Você tem que trazer comprovante de residência e carteira de identidade.

Aline:

— Eu não moro aqui na Rocinha, eu moro no Vidigal.

Bibliotecária (sem crédito)

— Não tem problema. Nós somos uma biblioteca estadual. Qualquer pessoa do Rio de Janeiro pode fazer seu cadastro aqui. (...) Aline, sua carteirinha tá pronta!

Aline:

— Oba! (RJ 1, 26/04/2013)

Em um formato do telejornalismo tradicional, o repórter perguntaria à bibliotecária Iracema Massaroni: O que é preciso para ser sócio na biblioteca? Quem não mora na Rocinha pode ser sócio? Na reportagem produzida pelos panceiros, Iracema, que em 2014 passou a responder como coordenadora do acervo da BPR, recebe Aline como recepcionista apenas para que o VT seja construído com a captação das imagens inspirada no estilo “cinema direto”¹³¹, que registra todas as etapas de sua associação à biblioteca. Neste caso, a fonte tradicional, a bibliotecária, vira coadjuvante na história onde a repórter é a personagem principal. Sem ser devidamente creditada, a bibliotecária não concede informações sobre o acervo aos telespectadores, mas se apresenta como atendente do espaço.

Na pauta “Moradores da Roupa Suja sofrem choques em casa”, uma pauta da agenda denúncia factual, a repórter, mais do que indignada, transparece estar assustada,

¹³¹ Segundo Nichols (2005), um dos estilos de vozes encontrados no gênero cinematográfico foi nomeado como “cinema direto”, aquele que captava as situações sem intervenções da equipe de filmagem. “Os exemplos mais emblemáticos desse estilo são os filmes *Crônica de um verão* (1960), de Jean Rouch, e *Primárias* (1960), de Richard Leacock, Albert Maysles e Don Pennebaker. Com a chegada dos equipamentos menores e mais leves, como câmeras portáteis e gravadores de som, os diretores experimentavam o estilo, buscando um “efeito verdade”. O projeto rouchiano, em especial, uniu cinema e antropologia e promoveu a passagem da câmera para as mãos de quem quase sempre estava à frente dela, como objeto de estudo: o povo africano. No que Gonçalves (2008) compreendeu como “a diferença como adição”, o outro e sua cultura passaram a ser observados por ele próprio. Rouch realizou 107 filmes entre 1947 e 2002, a maioria em países africanos, onde acabou montando uma equipe de filmagem com moradores locais. A experiência gerou a série *Petit à petit* (1968 – 1972), em que africanos rodaram em Paris três filmes e transformaram os franceses em objeto de estudo. Em *Petit à petit 1: Afrique sur Seine*, por exemplo, a câmera acompanha um pesquisador africano que entrevista parisienses nas ruas sobre seus hábitos alimentares.”(SABACK, 2010)

com medo da situação vivida pelos moradores da localidade da Rocinha. As entrevistas revelam a aflição.

Aline: Enquanto a gente tava gravando na casa da Andréa, a Sibebe deu um grito? Sibebe, o que aconteceu aqui na sua casa? Você está aqui lavando a louça. O que houve?

Sibebe: Eu tô lavando a louça, tá me dando choque. (Risos)

Aline: Hoje não vai dar para lavar louça?

Sibebe: Não vai dar para lavar louça. Tá dando choque, não tem nem como colocar o feijão no fogo para o meu marido almoçar, família toda almoçar. Como é que eu vou fazer? Não tem como. A situação tá horrível aqui.

Apesar do pequeno número de sonoras do tipo “familiar”, apenas quatro, é importante destacar que este tipo de sonora é quase que proibida no telejornalismo tradicional. Na cartilha parceira de produzir, ao contrário, ela é bem-vinda. No corpus desta pesquisa, vale destacar dois entrevistados: o pai de Leandro e a irmã de Aline.

O primeiro foi uma das nove sonoras da reportagem e o repórter diz, com um sorriso no rosto, “esse aqui é o meu pai, o Beto. Conseguiu completar. Pela primeira vez ele correu aqui na Rocinha. Fala aí ,pai, como foi conseguir ganhar a primeira medalha?” Essa sonora, no telejornalismo tradicional, seria rejeitada pela edição. O pai de Leandro não acrescenta nada diferente de pelo menos outros cinco entrevistados. Na verdade, é muito difícil que um jornalista profissional entrevistasse o pai e, se o fizesse, não diria na reportagem.

Já a irmã de Aline é a entrevistada principal da reportagem sobre a passagem dos símbolos da JMJ no Vidigal e na Rocinha. No crédito da entrevista, o telespectador lê Kaelli Marinho – pedagoga/irmã da Aline e, ainda assim a própria Aline anuncia: “e eu tô aqui com a minha irmã, que ela é coordenadora da catequese da Igreja Nossa Senhora da Consolação, aqui no Vidigal”. A partir daí a reportagem segue com Kaelli falando da emoção ao lembrar da vinda do Papa João Paulo II à capela, em 1980. Independente do peso que cada uma dessas duas sonoras tenha nas respectivas reportagens, é importante ressaltar o orgulho que os dois parceiros imprimem ao introduzir seus parentes no VT.

5.2.2 – O repórter incluído no contexto da reportagem parceira

A participação do repórter em uma reportagem de televisão passou a ser constante a partir da década de 1970. Atualmente é feita em quatro momentos distintos: na abertura, quando está “ao vivo” e o locutor chama o repórter; como passagem durante a matéria, quando o repórter traz alguma informação relevante; no encerramento, assinando a reportagem; e, por fim, e não muito usual, como passagem de bloco, quando o repórter faz o papel do apresentador anunciando o que vem a seguir no telejornal (ALCURE, 2011, p. 30). No modelo parceiro de telejornalismo a orientação é que o recurso seja usado quantas vezes o repórter julgar necessário para contar a história desejada.

Nas reportagens analisadas para esta tese, a participação do repórter incluído no contexto onde a pauta ocorre é predominante. Das 32 reportagens analisadas, 21 trazem passagens do modelo “incluído”, aquela em que o parceiro faz questão de dizer que é morador da região, que pertence àquele território. Uma postura vista à priori como esperada. Afinal, ao contrário do jornalista profissional que não é morador da favela, o repórter parceiro não tem o distanciamento do contexto.

De acordo com a jornalista Vera Íris, “o repórter [profissional] busca não ser, mas ele sempre é a terceira pessoa. Ele é o observador. O parceiro não é só o observador. Ele é o observador e o vivenciador.”¹³² Leandro Lima vai além e diz que é estratégico:

Acho que é o momento que eu posso mostrar realmente onde eu moro. Não estou mostrando só para os meus amigos. Eu estou mostrando para um monte de gente. Eu estou mostrando para o Rio de Janeiro, posso até mostrar para o mundo porque agora com a internet. Não é aqui que eu moro, é aqui que eu convivo. Tem uma matéria que eu fiz dos valões da Rocinha, que eu pedi para a Aline fechar em mim e eu mesmo falava, olha, vou mostrar uma realidade que os turistas que vêm aqui não veem. Aí a Aline abre a imagem e eu estou no meio do valão. É isso que eu quero enfatizar, que eu moro num lugar que tem um monte de problema.¹³³

Essa necessidade de informar seu pertencimento a priori pode parecer tão romântica quanto a utilização do conceito de comunidade pelo senso comum, aquela cunhada por questões comuns como religião, raça, território, etc. Entretanto, compreende-se que o repórter parceiro, mesmo que involuntariamente, caminhe modestamente para a

¹³² Vera Íris em entrevista concedida à autora em 30 de junho de 2014.

¹³³ Leandro Lima em entrevista à autora no dia 20 de março de 2014.

pertença como sugere Agamben em *A comunidade que vem* (1993) e a partir da “não potência” fortaleça a mensagem proposta pela Rede Globo. Explicando melhor: para Giorgio Agamben “o ser que vem é um ser qualquer” e é singular, não tem sua história predeterminada de acordo com as substâncias comuns que o colocam como pertencente à comunidade em que vive.

O repórter parceiro nasceu e cresceu na favela e ao ser contratado pela a TV Globo trouxe o novo, o improvável para a realidade que o cerca. A sua pertença à favela, como morador, assim como a sua pertença à equipe de jornalismo da TV Globo, como repórter parceiro, o torna singular nas duas instâncias. E, na medida em que reforça essa pertença nas reportagens exibidas em escala regional, não está produzindo uma narrativa convencional, no padrão Globo de jornalismo e, também, não está reproduzindo experiências do audiovisual comunitário feito até então em sua comunidade. Ao passo que não faz, surge o novo, o singular, capaz de produzir uma potência do não fazer. Insere no sistema dominante de grande mídia, *sem fazer o que faz o jornalista profissional*, sempre distante afetivamente do contexto, e ao mesmo tempo dialoga com o grande público *sem fazer o que faz o jornalista comunitário*, que distribui sua produção entre os seus pares apenas.

Dentre as reportagens, talvez, a mais representativa deste modelo “incluído” de passagem parceira seja a “Parceiros da Rocinha mostram esgoto a céu aberto”, exatamente a reportagem citada por Leandro no trecho da entrevista destacado acima. Nesta produção Leandro Lima está no microfone e Aline Marinho na câmera e logo na abertura o repórter anuncia: “hoje nós vamos mostrar um lado da Rocinha, que turista nenhum conhece. Infelizmente, somente os moradores sabem do que eu estou falando. Eu, como morador, tenho que conviver com isso aqui.” (LIMA, *RJTV 1*, 09/09/2013).

Leandro insere no seu texto a “infelicidade” vivida por ele e todos os moradores da Rocinha e, em seguida, percorre vielas como um visitante que descobre uma nova favela.

Ninguém sabe, a gente entrou em lugares que a mídia não iria entrar. Tem uma curiosidade aí, a gente realmente percorreu os becos da Rocinha. Fui em trecho que eu nunca tinha ido. A gente deparou com cara armado, foi tenso demais. Aí, a Aline abaixou a câmera e o cara que estava acompanhando a gente para mostrar falou, não, não, parceiro do RJ, tá todo mundo junto e o cara passou direto.¹³⁴

¹³⁴ Leandro Lima em entrevista concedida à autora em 20 de março de 2013.

É nesse sentido que a pertença funciona como potência de não fazer com que a Rede Globo seja expulsa do morro. Fato que ocorre com uma certa frequência com os jornalistas que, amparados pela existência de UPPs, entram sozinhos em favelas e morros do Rio de Janeiro para fazer uma apuração. A presença da polícia pacificadora no local, entretanto, não impede a ocorrência de casos de violência contra profissionais da imprensa.

No dia 10 de novembro de 2014, por exemplo, o repórter Henrique Soares, do portal G1 – do conglomerado de comunicação da família Marinho – foi feito refém e agredido por bandidos no Complexo do Alemão, quando fazia uma reportagem sobre a invasão de sem-teto a um balcão industrial abandonado na Avenida Itaóca. O jornalista foi avisado pela associação de moradores que devido a uma ação policial, deveria fazer a apuração outro dia e quando ele estava deixando o local, foi rendido.¹³⁵ Como Leandro contou, isso poderia ter acontecido com ele, caso não pertencesse à favela, caso se apresentasse apenas como um repórter a serviço da Rede Globo.

A reflexão proposta é, com certeza, distante do pensamento de Agamben, que está vendo o não pertencimento como única forma do indivíduo voltar a viver em comunidade. Mas a partir do momento que entende-se que é impossível se pensar em uma comunidade pura, que não negocie permanentemente com o outro para se desenvolver, criar o novo, pôde-se vislumbrar essa participação incluída do repórter parceiro como mais que uma simples declaração estratégica de pertencimento a seu território.

Em outras palavras, em uma velada negociação, além de mostrar a sua realidade, o repórter parceiro dá à Rede Globo o que ela mais precisa: o consentimento dos moradores de favelas para que suas lentes circulem dentro delas.

A tabela a seguir detalha a participação de Aline Marinho e Leandro Lima nos VTs analisados.

¹³⁵ “Jornalista do G1 é agredido por criminosos no Complexo do Alemão, no Rio”, reportagem publicada pelo portal G1 em 10 de novembro de 2014. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/11/10/jornalista-e-agredido-por-criminosos-em-favela-do-complexo-do-alemao-rj.htm>

Tabela 15: Passagem parceira

2013/2014	Passagem Parceira (Repórter)			
	Incluído	Observador	Crítico	Admirador
1 – Corrida Rocinha braços abertos	1	0	0	0
2 – Via Sacra na Rocinha	0	1	0	1
3 – Ponte improvisada no Vidigal	0	0	1	0
4 – Proibição de vans em 11 bairros	0	1	0	0
5 – Condições postes Vidigal	1	0	1	0
6 – Biblioteca Rocinha	1	0	0	1
7 – Roupas Sujas, perigo e problema	0	0	1	0
8 – Dificuldade atravessar Niemeyer	0	1	1	0
9 – Corpus Christi na Rocinha	0	1	0	0
10 – Expectativa jogo seleção	1	0	0	0
11 – Trilha do Pico Dois Irmãos	1	0	0	1
12 – Barranco Vidigal	1	1	1	0
13 – Novo esquema de ônibus	0	1	0	0
14 – Símbolos JMJ, com 2 parceiros	1	0	0	1
15 – Roupas Sujas / choques em casa	0	0	1	0
16 – Teste acesso à internet	0	1	0	0
17 – Irregularidade trânsito Vidigal	1	0	1	0
18 – Esgoto a céu aberto	1	0	1	0
19 – Padeiro cantor faz / Vidigal	1	0	0	1
20 – Gonzagueando fala da Rocinha	0	0	0	0
21 – Restaurantes exóticos	1	0	0	1
22 – Vendedor de doce/poeta Rocinha	1	0	0	1
23 – Rugby na Chácara do Céu	1	0	0	1
24 – Salvemos São Conrado	1	1	1	0
25 – Dificuldade ônibus na Rocinha	0	1	1	0
26 – Visita jovens americanos	1	1	0	1
27 – PAC Roupas Sujas, Rocinha	1	0	1	0
28 – Praças Vidigal	1	0	1	0
29 – Feira Largo do Boiadeiro	1	0	0	0
30 – Exposição Flávio - Rocinha	1	0	0	0
31 – Hostel Vidigal	1	0	0	1
32 – Lixo Vidigal	1	0	1	0
TOTAL	21	10	13	10

Fonte: tabela elaborada pela autora

O segundo tipo de passagem mais utilizado no modelo parceiro de fazer telejornalismo é o “crítico”. Em 13 reportagens o repórter parceiro faz questão de sinalizar que o contexto apresentado está fora dos padrões de qualidade de vida dos moradores da comunidade. Deste total, em 10, ele sinaliza também uma postura incluída, ou seja, ele deixa claro para o telespectador que convive com aquela situação a qual critica. Em apenas três isso não acontece: “Ponte improvisada no Vidigal”, “Proibição de vans em 11 bairros” e “Parceiros testam programa de acesso à internet”. Das três, apenas na da ponte no Vidigal percebe-se que Aline, mesmo sendo moradora da região, estava chegando a uma área desconhecida até então por ela. Nas demais, ambas feitas por Leandro Lima, apesar de registrar problemas que, muito provavelmente também o atinge, o repórter não recorre à estratégia de dizer que vive naquele local. Isto está apenas implícito no seu crédito como parceiro da Rocinha.

Os dois outros tipos de passagem, “observador” e “admirador”, aparecem em mesmo número nas reportagens analisadas. Em 10 reportagens, o repórter parceiro mantém a postura de observador do contexto, uma postura semelhante à do repórter profissional ao reportar uma situação que não faz parte do seu dia a dia. A diferença é que o repórter parceiro por vezes acumula as posturas de incluído e observador, ele deixa transparecer que, assim como o telespectador, está assistindo a algo novo. Isso acontece em três reportagens: “Barranco oferece risco a moradores do Vidigal”, “Salvemos São Conrado” e “Visita jornalistas comunitários americanos”. A última também compõe a lista de 10 matérias com passagens do tipo “admirador”. Neste VT percebe-se o orgulho da repórter Aline Marinho ao apresentar o morro do Vidigal aos jornalistas comunitários que vieram conhecer o Rio de Janeiro por meio de um projeto do Consulado Americano e, ainda, valorizar a escolha da parceira do Complexo do Alemão, Daiane Beatriz, e do jornalista comunitário Michel Silva, morador da Rocinha, para conhecer o cotidiano de Nova Iorque.

A proposta do passeio de hoje é que os repórteres americanos conheçam um pouco do Vidigal junto com a Daiane Beatriz, parceira do RJ TV e do Projeto Alemão em Cena, e o Michel Silva do site *Viva a Rocinha* e do jornal impresso *Fala Roça*. Eles foram selecionados através de um projeto do Consulado americano e irão em agosto para Nova Iorque. (*RJTV 1*, 03/04/2014)

Esta reportagem também é importante no que se refere à edição parceira, o terceiro pilar do modelo de telejornalismo do Parceiro do RJ a ser analisado a seguir. Neste VT, a sonora da representante da ONG Alzira de Aleluia, que está nitidamente com o áudio ruim, é recuperada com legendas pela jornalista responsável Mônica Bernardes. Assim, a postura de admiração é mantida com a manutenção da bela sonora gravada pela repórter parceira e salva pela jornalista responsável: “Nós temos aula de inglês para que as pessoas possam ter oportunidade de entrarem no mercado de trabalho. Eu sempre digo que não é onde você nasceu. Nascer na favela ou nascer num berço de ouro não faz diferença. A diferença faz é aonde você quer chegar.” (RJT V 1, 03/04/2014)

5.3.3 – O *off* parceiro a serviço da informação

O exemplo descrito acima é apenas uma das formas identificadas com o que está se chamando de “*off* parceiro”. Como os jovens participantes são orientados a não produzir *off*, buscou-se perceber de que maneira ele era fabricado na edição final feita pelo jornalista profissional da emissora. A coordenadora de produção do Parceiro do RJ, Gisela Pereira, explica que não gravar o texto *off* abre espaço para o improviso.

A gente não quer que seja uma formulazinha pronta, uma forma em que eles façam ali e assim que a gente tem que fazer. Cada VT é um VT. E eu acho que o *off* ia deixar o VT como vários “vetezinhos” iguais, como outros. E é uma forma da gente deixar eles bem à vontade. A falta do *off* e toda a condução da reportagem no local deixa elas muito à vontade para contarem a situação naquele lugar. Não só eles como os entrevistados.¹³⁶

A partir dos recursos técnicos identificados nas reportagens, foi possível observar a estrutura montada pelos profissionais da emissora a partir da produção feita pelos repórteres parceiros. Ficou claro, também, que é possível fazer uma leitura da posição da TV Globo diante da questão colocada em pauta.

De certa forma, a edição ratifica a primeira análise feita pela equipe de profissionais, quando a sugestão de pauta é apresentada pelos parceiros nas reuniões semanais. E, se os parceiros não podem gravar o *off*, os editores podem, por exemplo, lançar mão de recursos como o “*lettering*”, termo usado para indicar a utilização do texto

¹³⁶ Gisela Pereira em entrevista à autora no dia 10 de junho de 2013.

escrito em caracteres sobre as imagens, para inserir informação na reportagem. Eles podem, ainda, solicitar ao departamento de arte da emissora a produção de uma cartela ou animação que acrescente dados ao VT. É nesta hora, que a emissora, por meio do jornalista responsável pela edição final da reportagem, se posiciona.

A tabela a seguir especifica os quatro tipos de recursos de edição mais encontrados nos VTs analisados para esta tese. São todos recursos usados nas reportagens convencionais, mas não com tanta frequência ou acumulação.

O primeiro tipo, “abertura”, refere-se à existência de uma cabeça da matéria, a que sempre é lida pelo locutor (PATERNOSTRO, 1999, p. 138), mais extensa que o normal, com muitas informações. No telejornalismo diário, a cabeça de locutor traz o lide da reportagem, ou seja, a notícia. No tipo avaliado como “abertura” nesta tese indica que a cabeça do locutor trouxe além do lide, informações complementares, que poderiam estar no corpo da reportagem.

O segundo, “cobertura” enumera o uso do recurso mais usado em edição: a cobertura de passagens do repórter e sonoras com imagens. Geralmente o recurso é usado quando a imagem acrescenta mais dados à informação dita pelo repórter e/ou entrevistado.

O terceiro, “*lettering* e arte”, como descrito no parágrafo anterior, insere texto em caracteres sobre imagens. Este recurso tradicionalmente funciona como um componente explicativo da informação. Podendo também ser usado para suprir um problema técnico de áudio, por exemplo.

O quarto e último tipo, “nota pé”, é outro recurso tradicional, é uma “nota ao vivo, lida no final de uma matéria trazendo informação complementar ou que faltou à reportagem.” (idem). Nesta análise foram consideradas apenas aquelas que acrescentassem mais informações do que o normal.

Como era esperado, o recurso mais utilizado na edição foi a cobertura de passagens e sonoras com imagens captadas pelo parceiros durante a produção da reportagem. Em apenas uma reportagem, na que trouxe a expectativa dos moradores de Rocinha e Vidigal quanto ao jogo seleção brasileira na Copa das Confederações, esse recurso não foi usado. Neste VT, as sonoras foram priorizadas e praticamente construíram a reportagem. Nas outras 31 matérias, a edição usou e abusou deste recurso.

Tabela 16: *Off* parceiro

2013/2014	<i>Off</i> Parceiro (Informações do editor)			
	Abertura	Cobertura	Lettering Arte	Nota pé
1 – Corrida Rocinha braços abertos	1	1	0	0
2 – Via Sacra na Rocinha	0	1	0	0
3 – Ponte improvisada no Vidigal	1	1	0	1
4 – Proibição de vans em 11 bairros	1	1	1	1
5 – Condições postes Vidigal	1	1	1	1
6 – Biblioteca Rocinha	0	1	1	1
7 – Roupa Suja, perigo e problema	0	1	0	1
8 – Dificuldade atravessar Niemeyer	0	1	1	1
9 – Corpus Christi na Rocinha	0	1	1	1
10 – Expectativa jogo seleção	0	0	1	0
11 – Trilha do Pico Dois Irmãos	1	1	1	1
12 – Barranco Vidigal	1	1	1	1
13 – Novo esquema de ônibus	1	1	1	1
14 – Símbolos JMJ, com 2 parceiros	1	1	1	0
15 – Roupa Suja / choques em casa	1	1	0	1
16 – Teste acesso à internet	0	1	1	1
17 – Irregularidade trânsito Vidigal	0	1	1	1
18 – Esgoto a céu aberto	0	1	1	1
19 – Padeiro cantor faz / Vidigal	0	1	1	0
20 – Gonzagueando fala da Rocinha	0	1	1	1
21 – Restaurantes exóticos	0	1	1	0
22 – Vendedor de doce/poeta Rocinha	0	1	1	0
23 – Rugby na Chácara do Céu	1	1	1	0
24 – Salvemos São Conrado	1	1	0	1
25 – Dificuldade ônibus na Rocinha	1	1	1	1
26 – Visita jovens americanos	1	1	1	0
27 – PAC Roupa Suja, Rocinha	1	1	0	1
28 – Praças Vidigal	0	1	0	1
29 – Feira Largo do Boiadeiro	0	1	1	0
30 – Exposição Flávio - Rocinha	1	1	1	1
31 – Hostel Vidigal	1	1	1	0
32 – Lixo Vidigal	1	1	1	1
TOTAL	17	31	24	21

Fonte: tabela elaborada pela autora

Em algumas reportagens, o próprio repórter parceiro, ciente da utilização do recurso, se antecipa e narra em *off* o que está vendo no momento da gravação. Para a editora Jaqueline Ferri, é uma forma diferente de contar.

O *off* caracteriza muito uma reportagem jornalística. Dentro dos padrões que nós estamos acostumados hoje qualquer matéria jornalística tem um *off*, uma entrevista e uma passagem. Ali é uma maneira que eles não têm que ter uma regra, não tem uma fórmula para eles fazerem. Eles têm que retratar aquela realidade que eles estão vendo ali. Seja para ser feliz, seja para ser triste, aquela realidade eles contam da maneira que eles sabem contar. O *off* é uma coisa que tu elabora um texto, que você corrige. Não que tem que ir errado no ar, de jeito nenhum, mas é uma coisa tão espontânea deles ali, que eles estão retratando o que estão vendo.¹³⁷

O segundo recurso de edição mais usado foi o já citado “*lettering*”. Em 24 reportagens, o editor insere informação por meio de caracteres. Geralmente, são informações importantes, como na reportagem sobre o novo esquema de ônibus na Rocinha, em que três das quatro passagens feitas pelo repórter são cobertas com imagens e dados são inseridos com caracteres.

“A partir de hoje, o Consórcio Intersul opera as seis linhas que passam pelas duas comunidades. Pelo Vidigal, as linhas 521 e 522, e, pela Rocinha, as linhas 546 e 591, 592 e 593.”

Passagem transformada em *off 2* do repórter.

“Mas nem todo mundo ficou satisfeito”

Sobe som passageiro sem crédito, mas com a fala dele legendada.

“Caraca, ninguém merece!”

Passagem transformada em *off 3* do repórter.

“No início desse ano nós mostramos a dificuldade dos moradores da Rocinha. Na época, a prefeitura restringiu a circulação de vans na Zona Sul. Os passageiros passaram a depender ainda mais dos ônibus.” (coberto com imagens da matéria de abril. *Lettering* dando a data)

(Decupagem livre feita pela autora)

Ao rever a reportagem, Leandro Lima afirmou que tudo havia sido gravado no local e que, de certa forma, já esperava que a edição fizesse o uso de algum recurso para explicar a mudança dos números. “Quando eu estudei sobre as linhas dos ônibus, eu já tinha uma noção do que iam fazer, mas não imaginei que iam colocar uma animação. Para mim seria alguma coisa para cobrir, imagem. Mas, não, fizeram até animação e tudo.”

¹³⁷ Jaqueline Ferri em entrevista à autora no dia 10 de junho de 2013.

O terceiro tipo de *off* parceiro mais usado, foi a “nota pé”, em 21 matérias. Nesta mesma reportagem citada acima, após o VT de dois minutos e oito segundos, a apresentadora do telejornal, Mariana Gross, leu uma nota pé de 45 segundos, quase a metade do tempo da reportagem toda que teve como já foi dito quatro passagens e, ainda, quatro sonoras. A nota recebeu ainda algumas informações que foram destacadas em caracter e foi quase toda coberta com imagens não utilizadas na reportagem. Analisando o conteúdo da nota pé verifica-se que todos os dados oficiais estão nela.

Nota pé:

A Secretaria Municipal de Transportes informou que a linha 546 passa com mais frequência porque faz um percurso menor. Segundo a secretaria, ajustes podem ser feitos. Hoje, fiscais monitoraram as linhas, inclusive com GPS e confirmou que o Consórcio Intersul operou com o número de ônibus previsto. A frota exigida está em nosso site: g1.com.br/tj [lettering] e quem tiver denúncias pode ligar para 1746 [lettering], que funciona 24 horas. A secretaria anunciou que daqui a trinta dias vai reformular o sistema com novas linhas e novos itinerários e o consórcio informou que a Translitorânea prestou um mal serviço e enfrentou dificuldades com a concorrência ilegal. (*RJTV 1*, 08/07/2013)

A leitura que se faz das demais notas inseridas após as reportagens é que os parceiros do RJ não falam em nome da emissora com os representantes dos governos estadual e municipal. Das 24 notas, 16 trazem informações apuradas pela produção do *RJTV 1* junto aos órgãos públicos. Isso geralmente ocorre quando o assunto em pauta é de interesse do grande público e não só dos moradores da Rocinha e do Vidigal.

Este é o caso da reportagem sobre a proibição de vans em 11 bairros da Zona Sul do Rio de Janeiro, exibida no dia 15 de abril de 2013. O VT teve 2 minutos e 2 segundos, enquanto a nota pé 1 minuto e 30 segundos. Essa reportagem é um exemplo de factual feito pelos parceiros. O problema atingia 11 bairros da zona sul, mas como na Rocinha tinha manifestação, rendia pauta para ser feita por eles. Os parceiros, na verdade, funcionam como a “voz da comunidade”, porque pouco agregam de informação, mostram apenas o momento, são testemunhas. A emissora funciona como parceira agregando dados importantes na nota pé, que se junta ao comentário do especialista em trânsito, Edmilson Ávila.

Ana Paula: Por lá tem um linha circular e uma outra saindo do Vidigal e indo até o Jardim de Alah. Agora, Edmilson Ávila, não se espera que hoje nem os motoristas dessas linhas autorizadas decidissem não trabalhar.

Edmilson: Exatamente, porque nesse momento tem uma licitação em andamento. Então são duas linhas ali na Rocinha. A prefeitura esperava que os motoristas dessas duas linhas, que eles estivessem trabalhando hoje, porque eles estão participando da licitação. Mas não foi isso que aconteceu, Ana. Eles não trabalharam e eles acabaram surpreendendo a prefeitura. A prefeitura disse que agora à tarde vai determinar um reforço, além aí do reforço da manhã, que já existia, vai determinar mais ônibus para a região da Rocinha. A gente precisa cobrar e ficar atento para que tenha realmente mais ônibus pra lá.

Ana Paula: Houve a reclamação de falta de ônibus por toda a cidade, como a gente mostrou desde o começo dessa edição aqui do RJ. A Rio Ônibus informou que reforçou o atendimento com 400 ônibus por toda a cidade apesar da grande dificuldade que a gente viu aí no transporte. Agora, Edmilson, sobre essas linhas de vans, especificamente, saindo da Rocinha e do Vidigal há alguma notícia se amanhã os motoristas de vans vão circular ou manter essa suspensão do serviço?

Edmilson: Eu falei com o representante do sindicato das vans e eles ainda não sabem o rumo que esta manifestação vai tomar. Eles vão se reunir agora a tarde, vão até a Câmara de Vereadores e, agora à tarde que eles vão decidir como vai ficar essa manifestação para amanhã. Olha, dessas duas linhas, só vão ficar 66 vans. É o que determina o decreto.

Ana Paula: Vamos seguir acompanhando. Obrigada, viu Edmilson. (*RJTV 1*, 15/04/2013)

Esta opção editorial se repete sempre que a pauta exige uma apuração rápida junto às instituições responsáveis em manter a qualidade do saneamento público, como a coleta de lixo feita pela Companhia Municipal de Limpeza Urbana (COMLURB) ou a manutenção da rede elétrica pela Light ou outra concessionária responsável pela região. Mesmo que seja para sinalizar que os moradores podem estar cometendo um crime, como informou a nota pé de um minuto de duração produzida para a reportagem “Roupa Suja/choque em casa” pela então âncora do jornal, Ana Paula Araújo.

Nota pé:

Que situação absurda. **A gente foi atrás da Light que informou pra gente o seguinte: que as ligações elétricas na área são clandestinas, que foram feitas pelos próprios moradores.** Que isso é crime, que essas ligações podem provocar acidentes graves e até a morte. A Light disse que, desde o ano passado, está reformando a rede elétrica, eliminando as ligações ilegais na Rocinha. Agora, informou que não pode atuar dentro das casas. Só faz reparos nas ruas e, por isso, as casas, aí mostradas pelos parceiros, devem chamar eletricitistas. A Light disse que vai mandar uma equipe lá para verificar o problema e ver se isso põe em risco quem passa na rua. **Claro que nesse ponto a Light tem razão, ligação clandestina é crime, não pode ser feita, isso é roubo de energia, mas a Light tem, também, obrigação de combater essas ligações clandestinas, faz parte das atribuições da Light, que diz que vem fazendo isso, mas nesse caso uma situação urgente. Tá todo mundo em risco ali. Quem fez a ligação clandestina e quem não fez a ligação clandestina. Nossos parceiros do RJ e a gente aqui vai seguir, claro, cobrando uma solução o mais rápido possível.** (*RJTV 1*, 21/08/2013)

Para Leandro Lima, a intervenção é bem-vinda. Quando perguntado se “a edição é sempre uma edição que complementa informação?”, a resposta é imediata: “Sempre.”¹³⁸ Para a coordenadora Gisela Pereira, o objetivo é fazer com que o problema seja resolvido, “Aline mostrou com o Leandro os postes que estavam com problema no Vidigal. Um pouco depois a Rio Luz e a Light tomaram as providências. Eles mesmos dizem que não existe maior satisfação no trabalho deles do que ver um retorno de um problema que eles mostraram.”¹³⁹ A editora Jaqueline Ferri vai além e, para ela, é dever da emissora, “eu acho também que a gente mostrar esse retorno, esse resultado, é quase que uma obrigação. Na verdade é uma satisfação que a gente está dando.”¹⁴⁰

A inserção de mais informação que o necessário na cabeça da matéria, na “abertura” feita pelo locutor, mesmo sendo o recurso menos usado, de certa forma, foi bastante usado. Em 17 reportagens isso ocorreu, ou seja, ao chamar a reportagem o apresentador (a) forneceu dados que poderiam estar no corpo da reportagem mas, que por algum motivo, não estavam. Na maioria das vezes são dados de localização, que permitem o telespectador acompanhar a reportagem sabendo de onde os repórteres estão falando.

Na reportagem sobre a localidade Roupa Suja, na Rocinha, a apresentadora Ana Paula Araújo, por exemplo, diz “... fica bem ali em cima do Túnel Zuzu Angel. É muito mato, muito lixo, uma obra do PAC parada por lá ainda aumenta os riscos para os moradores...”. Na reportagem sobre hostel no Vidigal, a cabeça da matéria tem 30 segundos e, sem ela, o telespectador ficaria sem saber dados que efetivamente transformam o assunto em notícia.

E olha, com a cidade cheia de turistas assim não estão faltando opções de hospedagem no Rio e também nas favelas do Rio. **Vejam os números: em 2012 no Vidigal, comunidade aqui na Zona Sul, eram três hostels só. Hoje, são 17!** Isso representa opções de trabalho, oportunidade de trabalho, para os moradores da comunidade. **E os hóspedes, em sua maioria, são estrangeiros. De 10, oito vieram de fora do país.** Ficam admirados ali com a paisagem. Vamos ver com o Leonardo (sic)[Leandro] e com a Aline. (RJTV 1, 11/06/2014)

Já na matéria sobre as aulas de rugby, na Chácara do Céu, o apresentador Flávio Fachel fez uma abertura maior de 28 segundos, bem maior do que a média observada no corpus da pesquisa, que foi de 15 segundos. Isso porque foi preciso dar informações importantes que não estavam nem nas passagens, nem nas sonoras feitas pelo repórter.

¹³⁸ A entrevista com Leandro Lima na íntegra está nos anexos desta tese.

¹³⁹ Gisela Pereira em entrevista à autora no dia 10 de junho de 2013.

¹⁴⁰ Jaqueline Ferri em entrevista à autora no dia 10 de junho de 2013.

E tem esporte ainda nos parceiros do RJ. A Aline e o Leandro mostram pra gente um campinho na Chácara do Céu, onde crianças e **jovens praticam uma modalidade que não é muito popular no Brasil**, não. Mas que faz sucesso lá na comunidade. **É o rugby. O esporte foi criado na Inglaterra, como uma variação do futebol. E as aulas são gratuitas e fazem parte de um projeto social que começou há dois anos.** O Leandro foi lá e não teve refresco não. Foi convocado para uma partidinha. Dá uma olhada aí. (RJTV 1, 11/01/2014)

Nesta reportagem, em especial, Leandro participa tanto que se transforma em personagem. Uma relação com a notícia que o jornalista profissional evita fazer, justamente porque uma das máximas da profissão diz que jornalista não é notícia. Entre os parceiros, entretanto, a prática é comum. Em outra matéria, a que destaca a feira da Rocinha no Largo do Boiadeiro, a situação se repete. A cabeça da abertura tem 27 segundos e é usada para organizar as informações.

Agora uma dica para você que, como eu, adora uma feira. **São mais de 70 barracas montadas no caminho do boiadeiro, na Rocinha, todo domingo.** E, olha, tem de tudo: roupa, frutas, música, tem pechincha, claro. **Uma mistura de sotaques, aromas, sabores.** Um prato cheio para os nossos parceiros. E tem a disputa também ali no grito. Sabe, quando os feirantes anunciam as promoções? **O Leandro até que tentou**, dá só uma olhada. (RJTV 1, 24/04/2014).

A sinalização dada pela edição do projeto na maioria das “aberturas” para as reportagens é de que eles estão atentos à organização da notícia que será contada pelos parceiros. Nada muito diferente do que é feito na edição das matérias produzidas pelos jornalistas profissionais. O que difere mesmo será a deixa sempre dada pelo apresentador do produto que será visto e tem a assinatura dos parceiros.

De certa forma, participantes do projeto e jornalistas profissionais estão alinhados na priorização da fala da comunidade na construção da narrativa parceira. São as sonoras, como dito no início deste subitem, que dão as coordenadas da reportagem. São elas que introduzem o afeto na captação feita pelos parceiros e que, também, dirigem tecnicamente o roteiro executado na ilha de edição pelo jornalista responsável. O parceiro, sempre que possível, ganha *status* de personagem, e torna a sua participação mais do que incluída. Por fim, a emissora, ao construir o *off* parceiro, seja na abertura, ao longo da edição ou no final dela, com a nota pé, responde a eles, aos moradores da comunidades tornando mais visíveis seus problemas, mas também seus méritos a todos os telespectadores, seja do asfalto ou do morro.

A emissora permanece fiel a seu telespectador e, aos poucos, trabalha na recuperação da sua legitimidade. No momento em que sua equipe de jornalistas concluir a apuração de uma nota, a TV Globo pode sinalizar que os repórteres parceiros têm limites. Eles falam com a comunidade, mas com autoridades dos governos federal, estadual e/ou municipal, apenas quando são autorizados.

Entretanto, qualquer interpretação com esta postura por parte dos responsáveis pelo projeto pode ser equivocada. O repórter parceiro Leandro Lima diz que toda reportagem tem uma nota pé e que ela é sempre feita pela produção, mas não sabe dizer ao certo porque eles não fazem essa etapa da apuração: “É, na primeira edição eles tiveram a preocupação de ensinar a turma a fazer a nota pé. Na verdade eu não sei por que. Talvez seja pela correria. A própria editora vai lá e liga, porque é no momento que ela tá editando já.”¹⁴¹

¹⁴¹ Entrevista concedida à autora no dia 20 de março de 2014.

5.4 – Outras análises

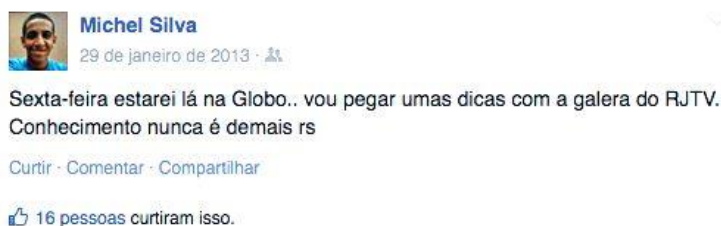


Figura 17: Michel Filho é estudante de jornalismo, fundador do site Viva Rocinha e do jornal *Fala Roça*. (Foto: Reprodução Facebook)

Apesar desta tese não ser um estudo de recepção do quadro Parceiro do RJ, ao longo do trabalho foram identificados no Facebook *posts* como o de Michel acima, que registra a opinião dos moradores da Rocinha quanto ao jornalismo da TV Globo e ao quadro Parceiro do RJ. Entrevistas feitas com moradores da Rocinha e do Vidigal e, ainda, com pesquisadores que estão atentos à questão das favelas e a intervenção da grande mídia nelas, também, trouxeram à tona outras questões em torno do objeto de pesquisa desta tese. Além disso, na revisão bibliográfica sobre o tema, outras análises foram coletadas.

Para o coordenador geral do Observatório de Favelas, Jaílson de Souza e Silva, a atuação do jovem Renê, em 2010, ao narrar no *Twitter*, em tempo real, a ocupação militar do Complexo de favelas do Alemão, sintetiza o momento em que a Rede Globo cria o quadro Parceiro do RJ.

A Globo não criou uma mídia comunitária, é exatamente o contrário. Na verdade o que ela hoje disputa de certa forma é não querer que cresça uma mídia comunitária, mais autônoma, mais independente a partir de outras diferenças. Para ela isso não interessa A Globo não contribui em nada, por exemplo, a surgir mídias comunitárias mais ordenadas, sistemáticas, que eles pudessem atuar juntas. Ela não tem interesse, pelo contrário, ela continua querendo manter o monopólio. O que eu acho é que existe, por um lado, um processo de comunicação para enraizar, capilarizar diferentes setores de pessoas, mais do que de mídias. São pessoas comuns que estão cada vez mais envolvidas na tarefa de comunicar, Renê, talvez seja a maior expressão disso. Mas você tem cada vez mais pessoas se tornando testemunhas das suas territorialidades e a partir daí se constituem, aí a internet é fundamental nesse processo. Hoje, tanto através do *Facebook* como através de rádios comunitárias, TVs comunitárias, a produção audiovisual no *YouTube* é cada vez maior.¹⁴²

¹⁴² Entrevista concedida à autora no dia 15 de julho de 2013, no Observatório de Favelas, no Complexo da Maré.

As críticas feitas por Jaílson dizem respeito ao projeto Parceiro do RJ na perspectiva institucional, já que o pesquisador entende que há pessoas isoladas dentro da emissora que lutam por promover maior visibilidade para o cotidiano das favelas. Entretanto, ele ratifica que a grande mídia vive um grande impasse: não perder a legitimidade, aproxima-se dos setores populares, das classes sociais emergentes e conseguir ressignificar sua forma de comunicação (idem). O pensamento de Jaílson encontra eco entre os participantes de uma entrevista em grupo feita para esta tese na Rocinha.

No dia 30 de julho de 2013, durante duas horas, ativistas comunitários da Rocinha participaram de um bate-papo informal sobre o quadro Parceiro do RJ e as mídias comunitárias. O encontro foi realizado na C4 – Biblioteca Parque da Rocinha. O grupo foi composto por Antônio Carlos Firmino, licenciado em geografia e coordenador do Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha; Flávio Mendes “Pé”, produtor cultural e *rapper*; o produtor cultural e escritor Fernando Ermiro, “Contos da Rocinha Memória Feminina em Três Tempos”; e Michel Silva, estudante de jornalismo e idealizador e editor do jornal comunitário Fala Roça. Para Firmino, a grande questão a se pensar está em torno da representação.

“O parceiro representa uma instituição. Ele está representando uma instituição. Então ele está sendo o interlocutor da instituição na comunidade. Por mais que ele não tenha, ele não foi eleito pela comunidade para ser o interlocutor da comunidade. (...) Então, é assim, o Parceiro do RJ vai fazer um recorte e esse recorte vai ser de acordo com a pauta que for aprovada.”

Para Firmino, assim como os demais participantes do grupo, os Parceiros da Rocinha & Vidigal não os representam, na medida em que não foram selecionados pelos moradores da comunidade. Ermiro acredita que os jovens selecionados para o projeto atuam como profissionais, mas que não têm liberdade para criar. “Ele tá viciado. Ele está usando a matéria viciada. O que será que a Globo quer que eu diga?”, questiona o produtor cultural. Ermiro afirma, ainda, que “não faz diferença aquela matéria e aquele repórter ou esse quadro. A Globo tem essa coisa de te pego e coloco aqui e está representado. Não é isso. É mentira.” O *rapper* Flávio “Pé”, diz ainda que, além da Globo não representá-los ainda contribui para o não crescimento da mídia comunitária.

“Eu acredito que o futuro da comunicação é local só que a grande mídia tolhe isso. Então, para ela transparecer que ela está ligada nisso ela cria esse tipo de ferramenta e para ela é interessante porque ela continua com esse discurso que “nós estamos próximos”. Pode acontecer dele se prolongar por interesse, simplesmente por interesse. (...) Por isso eu digo [o quadro Parceiro do RJ] pode prolongar por interesse da emissora ou acabar porque a favela vai dizer, opa, não me representa.”

A grande preocupação de Flávio “Pé” é a superficialidade que, segundo ele, se impõe nas reportagens da TV Globo. Uma postura que faz com que Flávio ironize e diga que os participantes do projeto “são excelentes parceiros do RJ. Na lógica do Globo ela está dando voz à comunidade.” O jovem Michel Filho concorda e admite: “Eu acho que eles não estão ali pra isso.” Na época do encontro na Biblioteca Parque da Rocinha, Michel estudava para prestar vestibular para jornalismo e via o quadro Parceiro do RJ como uma produção completamente diferente do que ele avaliava como comunitária. Para ele, a questão está no fato do quadro fazer parte de um telejornal da grande mídia. Apesar de perceber as diferenças entre o trabalho do Parceiro e o que o próprio desenvolve com a produção do *vivafavela.org* e o jornal *Fala Roça*, foi com orgulho que Michel Silva postou no *Facebook* no dia 16 de agosto de 2013, o encontro com a dupla de parceiros da Rocinha & Vidigal, Aline Marinho e Leandro Lima.



Figura 18: Michel Filho é estudante de jornalismo, fundador do site *Viva Rocinha* e do jornal *Fala Roça*. (Foto: Reprodução *Facebook*)

Na “brincadeira”, o que Michel pode estar querendo dizer é que mesmo sabendo que eles representam uma instituição, a TV Globo, estaria disposto a ter a mesma experiência profissional dos dois amigos. Michel quer experimentar, quer mais técnica, quer mais conhecimento como ele mesmo diz no post que abre este subitem.

Em 2014, Michel já frequentava o curso de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e acumulava no currículo trabalhos junto ao Canal Futura, a participação no Intercâmbio com repórteres comunitários norte-americanos promovido pelo Consulado dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, acompanhado a equipe de jornalismo do Canal 13, do Chile, além de tocar a produção do *Fala Roça* e do *vivarocinha.org* e participar do curso “Regiões Narrativas”, que reuniu filmes e fotos de 90 jovens e adultos que convivem na Rocinha em uma exposição na Biblioteca Parque. Diante de tanta produção, o jovem não descarta a possibilidade de um dia participar do quadro *Parceiro do RJ*.

Fotos: Arquivo Pessoal / Lilian Saback– Rocinha, 20/07/2013



Figura 19: Flávio “Pé”, Michel Silva, Antônio Firmino e Fernando Ermiro debatem sobre o quadro *Parceiros do RJ*, na Biblioteca Parque da Rocinha

Como Flávio “Pé”, o jornalista Flávio Carvalho, que além de trabalhar na Biblioteca Parque da Rocinha, atua como repórter comunitário para mídias comunitárias como o *faveladarocinha.com*, chama a atenção para a superficialidade das reportagens.

Assisti alguns bem legalzinhos, mas não retratando bem, muito superficial. Não tem como dentro da estrutura da Globo, que cobre uma cidade inteira, ter uma

cobertura boa de um lugar assim. É uma coisa muito superficial. Vi muitas matérias falando de projeto social. Coisas que eu já tinha falado em outras matérias que eu fazia. Duas gravações que eles fizeram ficaram muito parecidas com duas que eu tinha feito com o Wark e com o Tio Lino, que são pessoas da favela.”

A estudante de jornalismo, Milena Lourenço, moradora da Rocinha desde que nasceu, conta que na primeira seleção feita para o Parceiro do RJ ela se inscreveu, passou na primeira etapa mas acabou não entrando. Segundo ela, ao participar do processo, ela se deu conta de como tinha gente que era muito mais ligada à comunidade do que ela. “Tinha muita gente que conhecia todo mundo na Rocinha e já tinha participado de projetos dentro da favela e eu nunca fui assim, porque meus pais nunca me deram liberdade para andar na Rocinha”¹⁴³, conta a jovem que diz que poderia ter sido uma boa repórter, mas não uma boa parceira da Rocinha.

No Vidigal, os moradores entrevistados para a reportagem sobre o barranco que ameaçava várias casas, gravada no dia 20 de junho de 2013, teceram uma análise positiva do quadro Parceiro do RJ. O servidor público, Francisco Eduardo Custódio, morador do Vidigal há 46 anos comemora a existência do quadro. Segundo ele, a dupla Rocinha & Vidigal atua como testemunha dos problemas da favela. Ele lembra a importância de Aline ser moradora da mesma favela que ele.

Antigamente eles botavam pano por cima, cobriam, agora não. Agora, estão vindo mesmo, estão mostrando, a menina é aqui do Vidigal, quer dizer, ela conhece o problema, conhece o assunto, sabe como a situação tá precário que o Vidigal tá passando. Então, quer dizer, ele vem mostrar e joga no ar, é isso mesmo.¹⁴⁴

Da mesma opinião é a dona de casa Leda da Costa, moradora do Vidigal, há mais de 40 anos. Assim como o senhor Francisco, entende o projeto Parceiro do RJ como uma solução para a falta de visibilidade que o cotidiano das favelas têm.

Isso foi uma coisa muito boa porque nós não temos como falar, então tem que ter uma pessoa que fale por nós. Isso aqui já está há três meses já. Se não botar isso no ar, isso vai ficar esquecido. Então eu acho muito bom, foi ótimo.(...) [indo para a televisão] eles resolvem, rapidinho, resolvem. Resolvem porque começa a botar, aí já bota os grandões, entendeu? (...) Ah tem [diferença], porque a Globo a gente assiste muito. Todo mundo assiste a Globo, então a população toda vai ficar sabendo. A presidente, todo mundo. Então é um meio deles correrem.¹⁴⁵

¹⁴³ Entrevista concedida à autora no dia 28 de março de 2013, na PUC-Rio.

¹⁴⁴ Entrevista concedida à autora no dia 20 de julho de 2013, no Vidigal.

¹⁴⁵ Entrevista concedida à autora no dia 20 de julho de 2013, no Vidigal.

O motorista Marcelo Roberto de Lima, morador do Vidigal há mais de 20 anos, reforça o coro de que a dupla da Rocinha & Vidigal representa a comunidade e deixa claro que entende o poder da televisão na conquista de soluções para os problemas apresentados pela dupla.

Eu tenho visto várias reportagens. Eu acho que o trabalho deles é mais para ajudar a própria comunidade, porque a gente não tem uma voz. Na verdade é isso, a comunidade não tem uma voz para passar isso para a mídia. Eles são a nossa verdadeira voz agora, porque o que a gente tem de reclamação, o que a gente quer de solução, eles passam isso para mídia e a mídia joga isso a público para ver se as autoridades resolvem o problema, entendeu?" (...) a imprensa só vinha quando era guerra. Quando tinha guerra vinha, quando morria alguém vinha, agora para resolver problemas da comunidade nunca veio.¹⁴⁶

Ao fazer uma revisão bibliográfica sobre o tema quadro Parceiro do RJ, detecta-se que os pesquisadores acadêmicos começam a olhar para esta produção como objeto com o foco na produção jornalística comunitária inserida na grade local. Em artigo apresentado na Compós 2012, Beatriz Becker expôs as primeiras análises de reportagens produzidas para este quadro em 2011 e suas conclusões apontam para a vertente que pensa a comunicação como processo:

As inserções de novos atores sociais na produção de mídia podem gerar alterações estéticas e de conteúdo nas práticas jornalísticas, por meio de reportagens mais contextualizadas e criativas capazes de gerar reflexão, mais conhecimento e mais diálogos. Por enquanto, os âncoras, os comentaristas, os repórteres e os Parceiros do RJ já estão todos misturados na tela da tevê, mas cada um do no seu quadrado. Afinal, a mídia não deixa de reproduzir as desigualdades, as exclusões, os pré-conceitos, e as disputas de poder do mundo real. (BECKER, 2012, p. 13)

As conclusões preliminares de Becker são fruto de uma pesquisa feita com a análise de uma pequena amostra de reportagens produzidas pelos parceiros do RJ veiculadas entre os dias 16 e 28 de maio de 2011 para um trabalho final de graduação em jornalismo pela UFRJ (SOARES & BECKER, 2011). O referido estudo se baseia em categorias e princípios da Análise Televisual criada por Becker em 2005. O objetivo das

¹⁴⁶ Entrevista concedida à autora no dia 20 de julho de 2013, no Vidigal.

autoras é “descrever, analisar e interpretar os modos de dizer de constituir a realidade cotidiana nos noticiários” (idem, p. 5), a partir das categorias de estrutura narrativa, enunciadores, temática, visualidade e edição, e três dos princípios de enunciação de fragmentação, dramatização e definição de identidades e valores.

O resultado da análise feita indica positivamente que o Parceiro do RJ contribui para a pluralidade de vozes necessária para a produção de um jornalismo audiovisual de maior qualidade, entretanto, assegura que “a inclusão de novos atores sociais nos moldes do quadro Parceiro do RJ não agrega qualidade ao telejornalismo do RJTV” (ibidem, p. 16).

O artigo “As novas aproximações entre telejornal e audiência: a participação do público no quadro Parceiro do RJ” de Lara Linhalis Guimarães, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da ECO/UFRJ, orientanda de Beatriz Becker, faz um recorte do quadro Parceiros do RJ como um exemplo de “convocatória” da audiência na produção produtiva do telejornal. A pesquisadora analisou, em 2012, 109 reportagens disponíveis no site G1 e identificou cinco categorias de editorias: cotidiano, cultura/comportamento, esporte e política. Segundo a pesquisadora, a maioria, 55 delas, falam do cotidiano das comunidades. Em suas conclusões qualitativas, Guimarães aponta para uma análise que se aproxima da que foi feita nesta tese. “A matéria do parceiro parece deslocada do corpo de matérias “legítimas” que compreende o telejornal. É a voz da comunidade emoldurada pelos filtros de outras instâncias enunciativas” (GUIMARÃES, 2012, p. 14).

A dissertação de mestrado em jornalismo de Samira Moratti Frazão pela Universidade Federal de Santa Catarina, defendida em 2013, é outro trabalho sobre o objeto de pesquisa desta tese que merece apreciação. Frazão pensa o quadro Parceiro do RJ como prática de jornalismo participativo a partir da aplicação da metodologia de análise do telejornalismo centrada no modo de endereçamento que, em síntese, “diz do modo como um determinado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo” (GOMES, 2011, p. 28). Uma vez aplicado o método, a autora identificou que: “tanto o quadro quanto o próprio discurso adotado servem como meio mercadológico de promover não só o jornalismo da emissora como também ela própria (enquanto empresa), podendo cativar, deste modo, a audiência” e concluiu que “A participação do usuário não pode ser desprezada, mas sim qualificada para que haja uma interação e crescimento mútuos entre público e imprensa, preservando não só o

jornalismo como a profissão e os jornalistas em suas atribuições.” (FRAZÃO, 2013, pp. 135 - 146).

Por fim, levanta-se outra pesquisa que acrescenta um olhar sistêmico sob o quadro Parceiro do RJ. A pesquisadora Andréa Pestana Caroli Freitas, em sua dissertação de mestrado em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), apresenta o quadro Parceiro do RJ sob uma outra ótica. A autora acompanha a tematização e o agendamento da pautas produzidas pelos parceiros na tentativa de compreender “como a emissora se utiliza desses novos agentes para a construção e legitimação de seus discursos de cidadania” (FREITAS, 2014, p. 21). Após analisar 148 reportagens produzidas pela primeira turma do projeto a partir das categorias problemas de infraestrutura urbana, religiosidade e expressões culturais, a pesquisadora chega a algumas conclusões e duas chamam a atenção. A primeira:

O quadro Parceiros do RJ, embora apontado como um produto que traz “falas autênticas”, segue as mesmas orientações de produção a que são submetidos todos os produtos jornalísticos da emissora. E, por esse motivo, como foi visto na análise, não responde às expectativas apontadas pela emissora quanto aos resultados esperados referentes aos pontos: diversidade de pensamento, criação e produção, e ruptura de padrão para a TV Globo. O enquadramento das questões sugeridas pelos “parceiros” passam por processos de avaliação, autorização e veiculação, que podem ser entendidos como uma pré-censura. (idem, p. 124)

A segunda:

Assim, a partir dos dados se pôde perceber a construção de cidadania presente no discurso midiático, que se legitima na hierarquização das pautas do quadro Parceiros do RJ, nas três categorias de análise. Esse discurso parece promover “razões para ficar”. As ações “culturais” reportadas no quadro restringem ao local, não parecem possibilitar pontes com outras localidades, sugere a imobilidade dessas populações, na contramão de um conceito de cidadania como a livre circulação pelo espaço urbano, que constitui uma cidade que pertence a todos os cariocas, ou assim deveria ser. (ibidem, p. 126)

Na primeira conclusão, Freitas sugere que há uma pré-censura no momento em que os parceiros submetem suas pautas a equipe de jornalistas da TV Globo. Na segunda, de que as reportagens traduzem uma imobilidade territorial e não a promoção de cidadania. Os trabalhos citados dialogam diretamente com esta tese e contribuíram intensamente para as reflexões finais, que serão colocadas a seguir

6 – Considerações Finais

A proposta desta tese sempre foi perceber as singularidades da narrativa produzida por aquele que vive a experiência, ou seja, o cotidiano da favela narrado por quem vive nela. Confiante de que o distanciamento necessário entre a pesquisadora e o objeto de estudo foi mantido, chega-se ao final deste trabalho com a certeza de que são verdadeiras as hipóteses de que as reportagens produzidas para o quadro Parceiro do RJ constituem uma narrativa inclusiva e que seu “modo de fazer telejornalismo” tem características singulares que mexem com o padrão Globo de jornalismo.

Para chegar a conclusões que serão apresentadas a seguir, a pesquisa revelou a necessidade de se criar uma metodologia própria para analisar as reportagens produzidas pelos jovens que participaram das duplas Rocinha & Vidigal das duas primeiras temporadas do projeto. O resultado, a estruturação do método de análise do “modo parceiro de fazer telejornalismo”, não era o objetivo principal desta pesquisa, mas tornou-se uma grata conquista.

Com o método elaborado para a pesquisa, pôde-se olhar para o conteúdo dos VTs de forma singular, sem as amarras que tem o olhar técnico de um profissional de televisão, seja do jornalismo ou da área de entretenimento. Buscou-se ficar mais perto dos produtores e finalizadores das reportagens, a fim de agregar à análise o diálogo estabelecido na parceria. E, ainda, evitar os erros que podem ocorrer quando se supõe o que o produtor pensou, desejou ou recebeu como orientação ao fazer uma reportagem. Dito isto, seguem as conclusões da tese.

As reportagens produzidas para o quadro Parceiro do RJ, mesmo sendo finalizadas por jornalistas profissionais, sustentam uma linguagem despojada, irreverente e uma construção que, de certa forma, exagera no uso de passagens e sonoras. Se em uma reportagem convencional há, na maioria das vezes, uma passagem, no máximo duas, uma reportagem parceira pode ter até oito intervenções do repórter no vídeo.

A passagem parceira é, geralmente, usada para ratificar a pertença do repórter parceiro à comunidade onde ele está. O repórter parceiro faz constantemente uso dos pronomes pessoal e possessivo na primeira pessoa do singular ou do plural. Ao contrário do repórter convencional, ele sempre informa ao telespectador sua relação com o contexto.

As sonoras parceiras, por sua vez, transformam o entrevistado em uma pessoa muito próxima do repórter parceiro. Isso porque a entrevista é conduzida como uma longa conversa informal e o entrevistado é tratado como um amigo.

A pesquisa identificou, portanto, três pilares que servem como suporte do modo parceiro de fazer telejornalismo: a “passagem tipo repórter incluído”, na qual o repórter deixa claro que pertence àquela comunidade e conhece seus problemas e qualidades de perto; a “sonora amiga”, ou seja, o entrevistado sendo tratado com intimidade o que leva o telespectador a supor que o repórter conhece bem sua fonte; e o “*off* parceiro”, produzido a partir de recursos de edição que valorizam, resgatam e complementam a informação apurada pelo repórter parceiro.

A TV Globo figura como agente externo, que possibilita a iniciativa inovadora no campo de jornalismo e a equipe de jornalistas entende que acrescentar informação não mexe com a essência da reportagem dos parceiros. Mesmo quando faz uso da edição para incluir informação, mantém o estilo idealizado pelo repórter parceiro.

Explicando melhor, o repórter parceiro recorre à estrutura convencional do telejornalismo praticado pela grande mídia, mas insere nela uma irreverência típica de quem não foi adestrado ao padrão Globo de jornalismo. O único mês de treinamentos, prático e teórico, dá uma diretriz com relação ao que é uma notícia e como contá-la na TV, mas é a relação que mantém com o lugar onde vive e com as pessoas que o cercam, mesmo aquelas que ele nem sabe o nome, o que mais influencia na hora de colocar em prática o aprendizado.

Na hora da produção de um VT, os arquivos afetivos são tão fortes quantos os audiovisuais conquistados com a alfabetização que a televisão lhe impôs ao longo da vida. A reportagem parceira tem o formato convencional, mas na sua costura tem o “molho” parceiro. Um molho que se acentua porque não corresponde ao padrão Globo de jornalismo, que deixa sua equipe de repórteres quase que homogênea.

O repórter parceiro sabe como deve ouvir o outro para que ele seja ouvido. Por isso, quase que automaticamente, se aproxima do entrevistado com intimidade, com carinho, com tantas dúvidas quanto aquele que está sendo entrevistado. Sendo assim, obtém, na maioria das vezes, a “sonora amiga”. Para estabelecer essa relação na entrevista, ele, mais do que ninguém tem que se sentir parte do contexto. Precisa dizer na sua matéria que está no território em que vive e usa constantemente palavras e expressões como “quem vive aqui”, “na minha casa”, “nós moradores”, enfim, ele se posiciona, faz uso da “passagem tipo repórter incluído”.

Ao receber um material apurado a partir de longas conversas informais e costurado com algumas passagens personalizadas, o editor não pode fazer outra coisa a não ser aprovar o estilo e, quando necessário, enriquecê-lo com mais informações. Se o jornalista responsável pela edição final não incorporasse a linguagem parceira, não existiria o projeto. As reportagens perderiam a essência e o projeto cairia em total descrédito.

Enfim, a parceira tem que acontecer e, pelo que foi observado ao longo da pesquisa, a troca entre os jornalistas escalados para o projeto e os repórteres parceiros é extremamente saudável e afetuosa.

(...) esse período que nós convivemos, proporcionou a eles e a mim essa relação. Tudo bem, eu tenho “n” estagiários que me consultam, então porque não? Eles também. Eu respondo a todos. Isso para mim é um valor. Um valor alto, porque eu gosto deles, eu gosto de saber da vida deles, o que aconteceu depois. O problema, morreu a mãe, fico sabendo, eu não consigo ir ao velório em Campo Grande, é muito difícil, mas eu sinto aquilo, escrevo, ligo, me preocupo, faço na medida do que eu posso. Eu tenho essa relação de como uma amiga. (PATERNOSTRO, 2014)¹⁴⁷

Com relação às hipóteses sobre a inclusão por meio do projeto com a conquista da visibilidade comunitária, a formação profissional e o acesso ao mercado de trabalho, pode-se dizer que ainda é um processo embrionário. Mesmo a pesquisa tendo comprovado que participantes foram contratados na emissora para funções como cinegrafista, editor de imagens e pesquisador de jornalismo ou, mesmo, em outras empresas que trabalham com audiovisual, o número de profissionais absorvidos ainda pequeno.

Entretanto, é inegável que a veiculação das reportagens na TV Globo dá visibilidade à comunidade. A maioria das denúncias de falta de infraestrutura feitas por meio dos parceiros, obteve solução. Mas, os problemas que mais preocupam os moradores das favelas do Rio de Janeiro, como, por exemplo, o lixo e a falta de saneamento, continuam intactos. Nada foi feito.

A parceria entre o jornalista profissional, representante da instituição Rede Globo, e o morador de favela, representante da comunidade ocorre, mas com vários pesos e diversas medidas. Como dito ao longo deste trabalho, compreende-se esta parceria como uma nova forma de pensar a hegemonia da Rede Globo no campo do jornalismo

¹⁴⁷ Entrevista concedida à autora no dia 30 de julho de 2014, na TV Globo.

local/comunitário. Entende-se que os moradores de favela que participam do quadro Parceiro do RJ estão no projeto cientes dos interesses da emissora em obter mais audiência nos territórios em que vivem.

Eles sabem que, mesmo com a implantação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), os jornalistas da Globo não são bem recebidos nas comunidades. E mais, a maioria das comunidades não assiste ao jornalismo da Globo como assiste ao da Rede Record, por exemplo. Mas por outro lado, os jovens têm consciência do poder de alcance da emissora. Eles não ignoram que podem atingir outros públicos veiculando suas reportagens no *RJTV – 1ª Edição*.

É preciso esclarecer que não se ignora a questão da não representatividade verbalizada por moradores da Rocinha que atuam diretamente com o desenvolvimento cultural na comunidade e apresentada no último subitem do capítulo quatro. A pesquisa concorda que no momento que a escolha do parceiro é feita pela emissora e não pelos moradores da favela na qual ele vive, a questão é extremamente pertinente.

Entretanto, aposta-se na inexistência de uma única representatividade, mas sim na existência de referências do viver em comum em uma comunidade carioca. Essas referências estariam na troca de afeto com aquele que às vezes nem se conhece bem, mas que se partilha um território; na virtude de querer mostrar o que há de melhor na favela; e na consciência de denunciar o mal e almejar direitos iguais.

Na introdução deste trabalho perguntava-se: por que a Rede Globo decidiu fazer este projeto? Por que é importante para a emissora dar voz aos moradores de comunidades? O que existe por trás desta iniciativa? Existe o anseio por mão de obra barata ou pretende-se capacitar um novo agente de comunicação comunitária? E ainda, o que esta produção traz de diferente da cobertura local feita pelos jornalistas profissionais da emissora? Qual o modo parceiro de fazer telejornalismo? A comunidade é beneficiada com o projeto? Quais os efeitos e consequências das reportagens veiculadas na Globo? As respostas começaram a ser obtidas logo no início da pesquisa de campo.

Na primeira conversa, o idealizador do projeto, o jornalista Erick Brêtas, afirmou sem rodeios que a emissora precisava dialogar com o público que vive nas comunidades do Rio de Janeiro. As pesquisas de audiência comprovaram que a preocupação era pertinente, mas ao longo da apuração identificou-se também um desejo da emissora de mexer no seu padrão Globo, para vencer o impasse que ressaltou Jaílson de Souza e Santos. “Não perder a legitimidade, se aproximar das classes mais populares e, ainda, ressignificar o seu modo de comunicar.”

Além disso, acredita-se o aumento da crise da queda de audiência, que atinge a Rede Globo desde o século passado, contribuiu para a criação do quadro *Parceiro do RJ*. Com o fortalecimento das TVs por assinatura, com programações segmentadas, e o crescimento da internet, que fez com que jovens, principalmente, desaprendessem a assistir TV, a emissora, assim como os demais canais de TV aberta, precisam se reinventar. Uma das saídas é criar “nichos de audiência” como a comunidade.

A postura mais intimista, mais coloquial do que nunca, passou a compor a linha editorial de outros programas da emissora, principalmente, no horário da manhã, do *Bom Dia Rio*, veiculado de segunda à sexta, às 6h, ao *Encontro*, com Fátima Bernardes, que antecede o RJTV – 1ª Edição na programação durante a semana, às 11h. Chega-se à conclusão, que dar voz aos moradores de comunidades foi o primeiro passo para que a postura da emissora começasse a mudar também.

Isso não significa, entretanto, que a linha editorial da TV Globo Rio mudou. Ela apenas destinou o horário da manhã, aquele em que mais perdia audiência para as concorrentes do canal aberto, para ceder espaço e falar com este público específico. Uma ação que vinha sendo feita, por exemplo, com o dominical *Esquenta!*, comandado pela atriz/apresentadora Regina Casé.

Quanto ao uso de mão de obra barata, descarta-se esta hipótese na medida em que os jovens contratados pelo projeto atuam apenas em suas comunidades e durante o período estabelecido em contrato. O modo de fazer telejornalismo, como já foi dito, é diferente sim da forma convencional.

A afirmativa se comprova já que, mesmo recorrendo a recursos padrão como a sonora e a passagem, o repórter parceiro os utiliza de maneira totalmente fora do convencional. Tanto as sonoras quanto as passagens e os VTs finalizados têm um tempo de duração maior do que se assiste convencionalmente no ar. Enfim, o fato é que efetivamente é uma nova narrativa inclusiva no jornalismo regional da Globo. As histórias estão sendo apuradas e contadas por pessoas que as vivenciam de perto e do jeito delas, mesmo sendo editadas por profissionais.

Agora, ao questionar sobre os benefícios que este quadro traz para as comunidades, acredita-se que de imediato a solução de problemas apresentados nas reportagens não é o suficiente. Na verdade esse fruto não o difere de outro quadro exibido no mesmo telejornal, o *RJ Móvel*. Sim, porque se os repórteres da TV Globo pudessem circular por uma favela como circulam por alguns bairros do subúrbio carioca, o resultado seria o mesmo.

Quando se observa o que o jovem que participa deste projeto leva de volta para a sua comunidade, as conclusões são mais positivas. Eles estão levando de volta para as suas comunidades todo o aprendizado obtido junto à equipe de jornalismo da Globo. Aqueles que já eram atuantes na comunicação comunitária, como é o caso do Marcos Braz, Cecília Vasconcelos e Leandro Lima, estão ainda mais envolvidos. Assim que o projeto terminou, a primeira dupla da Rocinha & Vidigal começou a buscar patrocínio para montar uma WebTV comunitária e, aos 32 anos, Cecília tomou coragem e resolveu realizar um sonho que tinha desde adolescente: estudar jornalismo. Um sonho que ela havia colocado de lado na adolescência, quando um professor do Ensino Médio a orientou a não fazer vestibular para jornalismo, porque a profissão iria requisitar “bagagem cultural”, o que, para o professor, ela não tinha. O projeto resgatou sua autoestima.

Leandro Lima, que já produzia o site de notícias faveladarocinha.com, agregou ao seu trabalho as técnicas adquiridas e voltou a estudar jornalismo e, no momento em que este texto estava sendo finalizado, era estagiário do Canal Esporte Interativo como cinegrafista. “A função é exatamente a que eu almejo, pena que ganho pouco”, conta Leandro à esta pesquisadora no bate-papo do *Facebook*. O jovem ganha R\$ 650 como estagiário e a mensalidade da faculdade onde estuda é de R\$ 1.400.

Neste caso, é preciso ressaltar que a conclusão é tomada a partir do acompanhamento de perto que se fez de quatro jovens, três moradores da Rocinha e um do Vidigal, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Sabe-se, ainda, que os parceiros do Maracanã, Luiz Gustavo, que cursava a faculdade de Direito quando entrou para o projeto, e Leonardo de Oliveira foram estudar jornalismo. Leonardo já está trabalhando no SRZD, o site de notícias comandado pelo jornalista Sidney Rezende. Luiz Fernando de Souza, da dupla de Madureira, estava trabalhando como assessor de imprensa em uma empresa.

Júlia Rodrigues, parceira de Niterói, chegou a trocar o direito pelo jornalismo, depois migrou para publicidade e, até o fechamento desta tese, havia parado de estudar. Já Jéssica Araújo Sá, da dupla de Caxias, se preparava para terminar o curso de jornalismo na Escola de Comunicação da UFRJ e tentava ingressar novamente para a equipe de jornalismo da Globo mas, desta vez, como estagiária.

Quando mais uma vez se olha para os questionamentos levantados na introdução desta tese, em especial, para o que foi chamado de “questões mais sensíveis” desvenda-se uma proposta ousada. O repórter parceiro é um aliado incondicional do jornalismo local da Rede Globo. Realmente, como sinalizou o *rapper* Flávio “Pé”, os jovens que participam do projeto “são excelentes parceiros do RJ”. O repórter parceiro respeita todas

as regras impostas para que sua participação seja veiculada na TV aberta, entretanto, ele não faz da Globo uma parceira da comunidade. A emissora continua sendo mal vista pelos moradores da Rocinha e do Vidigal, por exemplo.

Os moradores aprendem a dialogar com os parceiros do RJ e não com o jornalismo da Globo. Confirma-se neste momento que o repórter parceiro realmente é um *ser qualquer* como chamou Agamben em sua tese sobre a “comunidade que vem”. O repórter parceiro consegue sustentar o afeto das relações estabelecidas por ele na comunidade e, também, criar novas relações afetivas com os profissionais da TV Globo, mas entende que cada grupo está em uma etapa da engrenagem que o sustenta como um ser ao mesmo tempo singular e universal.

Eles não pretendem ser a Globo na favela, nem ser a favela na Globo. Eles querem falar de questões da favela nas reportagens que produzem para um telejornal da TV Globo. Parece não ter diferença, mas acredita-se que tem. Eles querem circular tanto na favela como na TV Globo como o que são ou estão: repórteres. Da favela retiram o ingrediente, o afeto, o desejo de mudança e, da TV Globo, lançam mão da técnica para dar forma ao ingrediente, o suporte profissional para a troca de afeto e a mentalidade-índice-de-audiência para dar visibilidade ao desejo de mudança.

Durante o período em que participam do projeto, os jovens moradores de favelas do Rio de Janeiro experimentam situações que são vividas constantemente pelos jornalistas profissionais da emissora. Experimentam, por exemplo, o desejo de “emplacar” uma sugestão em uma reunião de pauta. Uma prática jornalística que não funciona como pré-censura, mas como aprovação ou não que é dada para o editor do telejornal.

Portanto, é diferente ser favela e falar da favela ou ser Globo falar na Globo. O repórter parceiro entende que o momento é de ajuste, de tolerância para ser ouvido com dignidade. Como lembrou Jaílson dos Santos, a TV Globo é uma instituição, portanto, eles estão a serviço da instituição. Entretanto, uma instituição é composta por pessoas que querem promover caminhos para uma cidade melhor e outras que nem pensam nisso. Troca-se afeto com aquelas que compartilham o mesmo desejo mudança.

Os comentários do parceiro Leandro Lima ao *post* do jornalista e morador da Rocinha Flávio Carvalho no *Facebook*, no dia 3 de outubro de 2014, que abre o capítulo 4, “Padrão Globo de jornalismo”, transparece bem essa postura do repórter parceiro. Flávio questiona a imparcialidade da Rede Globo no segundo debate promovido pela emissora entre os então candidatos à presidência na eleição de 2014, Aécio Neves, do

PSDB, e Dilma Rousseff, do PT. Leandro Lima, parceiro da Rocinha & Vidigal (2013/2014), logo comenta:

Flávio Carvalho: “Vergonhoso uma plateia tucana no debate. Aí está a imparcialidade da Globo.”

Leandro Lima: A plateia é dividida entre os candidatos, Flávio. Caaaaalma rrsrrsrr

Flávio Carvalho: Calma, foi por causa da imparcialidade da Globo que o Collor se elegeu.

Leandro Lima: Eeeelalá

Leandro, comenta o *post* de Flávio como quem diz, não é bem assim e, de certa forma, sai em defesa da TV Globo. Entretanto, ele não pressiona o amigo, não julga ou impõe sua opinião, mas fica claro que coloca panos quentes. O “Eeeelalá” de Leandro é quase como um deixa pra lá, sigamos em frente seja lá qual for a sua opinião, com afeto, ternura... O *post* chama a atenção da pesquisadora pelo fato de Flávio e Leandro serem parceiros no ativismo social na Favela da Rocinha há anos. São parceiros na comunidade, mas não comungam como parceiros na hora de avaliar a postura da emissora na qual Leandro havia trabalhado.

A favela em que eles vivem é assim: o pertencimento não ignora as singularidades. O não debate, não emudece e sim, fortalece o elo dos dois em prol do desenvolvimento socioeconômico da Rocinha e, principalmente, da comunicação comunitária. Leandro, Michel, Flávio e todos os outros que assinam os *posts* usados como epígrafes nos capítulos e subitens desta tese fazem questão de deixar claro a sua pertença à Rocinha e/ou ao Vidigal, mas sem pressupor ser singular ou universal.

Em outras palavras, sem ser o único e muito menos ser igual a todos. Como postou Michel Silva em seu perfil no *Facebook*, no dia 29 de junho de 2014: “A favela não é só um espaço de carência, mas um espaço de potência. Mudar a favela é mudar a cidade para se ter direito à comunidade”. Todas as críticas feitas por moradores ao projeto da TV Globo não descartam a potência dos jovens que participam do projeto, renegam o rótulo de carente que a grande mídia insiste em dar às favelas e seus moradores.

O projeto Parceiro do RJ contribui para esta pluralidade está tanto no *post* de Flávio ao criticar a TV Globo, quanto no *post* de Michel numa reflexão sobre a favela, que reproduz a frase da socióloga Marília Pastuk, na abertura do debates do último dia do XXVI Fórum Nacional com o tema “Favela é Cidade”, realizado nos dias 12, 13 e 14 de

maio, no Rio de Janeiro. Essa potência plural foi exibida pelos parceiros na série Papo de Favela e, também, em muitas reportagens produzidas pela dupla Rocinha & Vidigal. Não há mais espaço para a favela ser representada por quem não a conhece de perto, não é sensível às suas dificuldades, apertos, problemas e também suas soluções alternativas.

Flávio Carvalho, em outro *post*, no dia 12 de maio de 2014 confirma que a favela não é lugar de carência, mas de potência. O jornalista protesta: “Quando a gente lê uma matéria “Evento promete levar mais cultura para as comunidades carentes de toda a cidade”. A gente percebe logo todo o preconceito incluso nas expressões “levar cultura”, “comunidade” e “carentes”.” Afinal, a favela tem cultura e o morador é carente de quê? Essa indignação de Flávio fortalece a produção de comunicação comunitária. “No começo de 2014 vou produzir um documentário de memórias sobre a Rocinha. Vem coisa boa aí! Produção caseira feita de morador para morador”, avisa Michel no *Facebook*. O importante para ele está no “feito de morador para morador”. Isso explica porque os participantes do projeto Parceiro do RJ conquistaram espaço na comunicação comunitária das favelas. São moradores falando para moradores.

Agora, isso não significa que o jornalismo da TV Globo conquistou as favelas e por esse motivo, a emissora investe em outras estratégias para chegar cada vez mais perto do morador da comunidade. Mais uma vez, a mentalidade-índice-de-audiência de Bourdieu fala mais alto e a faz com que a emissora não pare de produzir novos quadros ou mexer cada vez mais no padrão Globo de jornalismo. Seja exagerando na postura do repórter no *RJ Móvel* ou na inclusão de entrevistas com produtores culturais ou artistas da favela em programas como o *Mais Você*, de Ana Maria Braga, ou o *Encontro*, de Fátima Bernardes.

Em tempo: durante o fechamento desta tese, assistiu-se à estreia do *Samba Móvel*, uma equipe da emissora que, pouco menos de um mês antes do carnaval de 2015, passou a percorrer a cidade do Rio de Janeiro com o objetivo de parar em praças públicas para promover uma roda de samba, regada a jogos de perguntas sobre as escolas de samba e seus enredos.

O *Samba Móvel* reforçou outra iniciativa que levou a apresentadora do *RJTV – 1ª Edição*, Mariana Gross, para a Cidade do Samba, no bairro da Gamboa, onde estão todos os barracões das escolas de samba do Rio de Janeiro. Mariana passou a entrar em cena caracterizada com as cores da escola personagem do dia, alternando sua participação por vezes como dublê de diretor ou rainha de bateria.

Não se pode ignorar, entretanto, que os jovens estão convictos de que também precisam da expertise, capital, tecnologia e audiência da TV Globo e dos demais veículos de comunicação que atendem ao grande público da TV aberta. O que vale nesta parceria é que os jovens estão tendo a oportunidade de sinalizar que a favela/comunidade/bairro em que vivem não é mais aquele/aquela que a mídia retratou durante anos para o seu grande público.

A maior violência enfrentada por eles está além daquela que as UPPs se propõem a exterminar, mas sim aquela que, por anos, as autoridades responsáveis ignoraram, como, por exemplo, a falta de saneamento que coloca em risco a vida dos moradores. A favela/comunidade/bairro que vem não se sujeita a ser vista como excluída, mas exige mais atenção, como indica o post no *Facebook*, dia 18 de abril de 2014, de Aline Marinho, parceira da Rocinha & Vidigal (2013/2014), que abre o capítulo quatro desta tese.

Às vezes o problema está tão perto da gente que se torna algo comum. Como se houvesse conformismo com a ausência e descaso do poder público. Graças ao projeto dos parceiros do RJTV tenho pensado o local onde moro com um olhar mais crítico e abrangente. Demorei para enxergar o que via da janela da minha casa (visão que tenho todos os dias), mas certo dia me peguei questionando porque aquela pracinha estava tantos anos abandonada?

O Projeto Parceiro do RJ ajudou Aline a olhar ao seu redor e questionar, a sair do conformismo, mas também a reivindicar com mais igualdade de exposição com os demais moradores da cidade do Rio de Janeiro. Deu-lhe a chance de fazer um movimento pelo fim do estigma que cerca a favela e seus moradores. Sua maneira de contar os problemas e as alegrias, o que há ruim e o que há de bom na favela onde mora foi exibida em cadeia regional.

A TV Globo abriu espaço no seu padrão de jornalismo para uma narrativa inclusiva, que dialoga com a técnica mas não perde a essência da realidade onde vivem seus produtores. Não perde o desejo maior da favela de fazer parte da cidade com direitos iguais, como reivindica o escritor Fernando Ermiro em *post* no *Facebook*, no dia 28 de novembro de 2013.

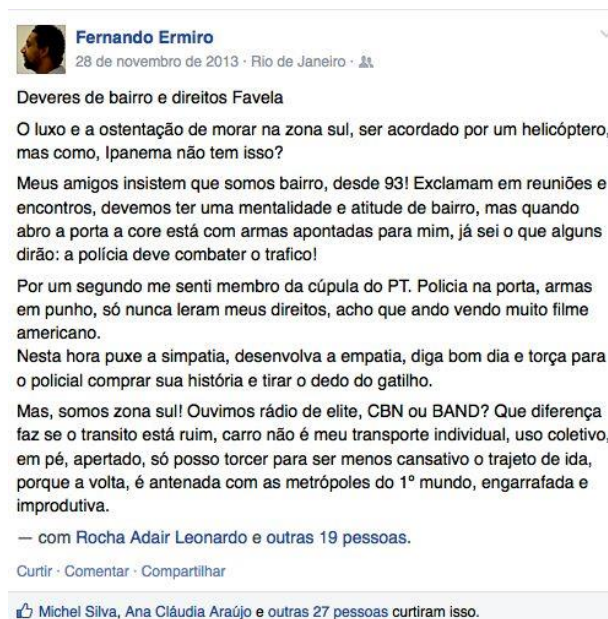


Figura 20: Fernando Ermiro é escritor e funcionário da Biblioteca Parque da Rocinha. (Foto: Reprodução Facebook)

De volta à metáfora da *esponja*, sugerida no início do primeiro capítulo desta tese principalmente para o conceito de jornalismo comunitário na contemporaneidade, não há que se culpar apenas os donos da *esponja*. Seja ele o detentor de um monopólio de comunicação ou um repórter popular, interessa o ingrediente que ele deposita em sua *esponja*.

Se a TV Globo está colocando nas mãos de moradores de favelas a chance de escolher com o que molhar sua esponja, que ele saiba usar sua experiência. Entretanto, para que esta esponja absorva ingredientes que promovam uma única Zona Sul que se insira em uma única cidade, dita maravilhosa, é preciso que seus usuários estejam dispostos a lutar juntos por este objetivo.

Só assim a vida em comum refletirá uma vida em comunidade com acordos desvinculados do poder aquisitivo de seus moradores e todo jornalismo produzido será comunitário. O cidadão, enfim, assistirá a menos pautas factuais que registram tragédias que poderiam ser evitadas se todos os territórios fossem observados com a mesma atenção. Os sujeitos podem ser singulares, já os direitos são e devem ser universais.

Apesar das críticas em torno do quadro, seja por moradores ou por teóricos atentos a esta produção, a pesquisa se encerra com um fio de esperança. Durante a conversa de quase duas horas com Flávio “Pé”, Fernando Ermiro, Michel Silva e Antônio Firmino, na Biblioteca da Rocinha, terminou com duas falas boas para se por em prática:

FIRMINO – Vamos buscar uma discussão aqui com os ex-parceiros do RJ? A participação com o que se deu e vamos dar um salto. Articular tudo isso dessa experiência com as outras comunidades. Tira essa questão do personalismo. O repórter para de viver o personagem e ali é o cara. Aí você quebra todo o processo. Eu acho que se isso vir a acontecer algum dia, eu acho que cabe a gente puxar uma tarde de reflexão.

FLÁVIO – O repórter virou um personagem, ele não relata mais. Ele é o cara que participa da corrida, virou um *showman*. É um negócio muito doido. É diferente do RJTV isso não vai acontecer. O RJTV quer fazer um quadro parceiro na comunidade, legal, então as pessoas de comunicação da comunidade vai se juntar e vai criar um projeto, aí é outra coisa. Aí a produção vai criar uma parceria.

FIRMINO – Esse é o grande salto! Independe de emissora. Como você faz isso uma proposta além do que está previsto.

A reclamação de Flávio “Pé” é pertinente: por que a TV Globo não consulta os moradores que atuam como ativistas culturais nas favelas do Rio e pede indicação de nomes para participar da seleção do quadro Parceiro do RJ? Por outro lado, por que os ativistas culturais não abrem um debate com os jovens que participaram do projeto e retiram da experiência o conhecimento adquirido que pode contribuir para o empoderamento das mídias comunitárias da favela?

Lilian Saback

Rio de Janeiro, 3 de fevereiro de 2015.

6 – Bibliografia

- AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- ALCURE, Lenira. *Telejornalismo Em 12 Lições - Televisão, Video, Internet*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Senac, 2011.
- Telejornalismo Em 12 Lições - Televisão, Video, Internet
- AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo Popular*. São Paulo: Contexto, 2006.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas – reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Univ., 1981.
- _____. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo, Hucitec, 1993.
- _____. [Volochnov]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1987.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- _____. *Questões de literatura e estética*. São Paulo, Hucitec, 1990.
- BARBEIRO, Heródoto e Paulo Rodolfo de Lima. *Manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- BAUER, Martin W. e Gaskell, George (editores). *Pesquisa qualitativa com texto: um manual prático*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade – a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- _____. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- BECKER, Beatriz. Todos juntos e misturados, mas cada um no seu quadrado : um estudo do RJTV 1ª edição e do Parceiros do RJ. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo do XXI Encontro da Compós, na Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, de 12 a 15 de junho de 2012.
- _____ e SOARES, Louise Christina de Andrade Silva. Participação da audiência e qualidade do telejornal: um estudo do quadro Parceiros do RJ. Trabalho apresentado 9º. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Rio de Janeiro, ECO- Universidade Federal do Rio de Janeiro, novembro de 2011

BERGER, P. e LUKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis, Vozes, 2008.

BHABHA, Homi. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOLAÑO, César R & BRITTOS, Valério C. (Orgs.) *Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus, 2005.

BORELLI, Silvy H. S. e PRIOLLI, Gabriel (coordenadores). *A Deusa Ferida – Por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência*. São Paulo: Summus, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *O que falar quer dizer: a economia das trocas simbólicas*, Algés: Difel, 1998.

BUBER, Martin. *Sobre comunidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2006.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – Artes de fazer*, v.1. Petrópolis: Vozes, 1996.

COUTINHO, Davison. Os invisíveis da Rocinha: Roupas Sujas e áreas abandonadas. <http://www.jb.com.br/comunidade-em-pauta/noticias/2014/06/26/os-invisiveis-da-rocinha-roupa-suja-e-areas-abandonadas/>

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. Os estratos ou formações históricas: o visível e o enunciável (saber). In *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DIEGUES, Isabel e BARRETO, Paola. *5x favela, agora por nós mesmos*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2010.

DINES, Alberto. *O papel do jornal: uma releitura*. São Paulo: Summus, 1986.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa* [1912]. Trechos selecionados em Durkheim (org. José Albertino Rodrigues) . São Paulo: Ática, 2010.

_____. *Da Divisão do Trabalho Social – Coleção Tópicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DYMSKI, Gary A. *Ten ways to see a favela: Notes on the polical economy of the new city*. Revista Econômica, Rio de Janeiro, v 13, p. 7-36, junho 2011.

ESPOSITO, Roberto. *Communitas : origen y destino de la comunidade*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Tradução Izabel Magalhães. Brasília: Editora UNB. 2008.

FILHO, Aziz & FILHO, Francisco Alves. *Paraíso Armado*. São Paulo: Editora Garçoni, 2003.

FOSCHINI, Ana Carmen e TADDEI, Roberto Romano. *Jornalismo Cidadão. Você faz a notícia*, 2006. In: <http://www.overmundo.com.br/banco/conquiste-a-rede-jornalismo-cidadao-voce-faz-a-noticia>.

FOUCAULT, Michel. *A palavra e as coisas*. Lisboa: Portugalia Editora, 1967.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola. 2007.

_____. Os intelectuais e o poder (1972), in: *Microfísica do Poder*. São Paulo: Edições Graal. 2010.

_____. Outros Espaços, in: MOTTA, Manoel Barros da (org). *Estética: literatura e pintura, música e cinema? Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FRAZÃO, Samira Moratti. *Parceiro do RJ: a prática do jornalismo participativo no RJTV 1a edição e as transformações na rotina profissional dos jornalistas*. Dissertação de Mestrado em Jornalismo do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, Andrea Pestana Caroli de. *Cidadania midiática: tematização e agendamento no Parceiro do RJ*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2014.

GILLMOR, Dan. *We the Media*. Grassroots journalism by the people, for the people. Stanford: O'Reilly, 2004.

GOMES, Itania Maria Mota (Org.). *Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo*. Salvador: EDUFBA, 2011.

GONÇALVES, Rafael. *Favelas do Rio de Janeiro: História e Direito*. Rio de Janeiro: Pallas/PUC-Rio, 2013, 408 p.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, vol. 2. Edição e tradução Carlos Nelson Coutinho; coedição Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. 4ªed – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

GUIMARÃES, Lara Linhalis. As novas aproximações entre telejornal e audiência: a participação do público no quadro Parceiro do RJ. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo - 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Curitiba – Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Novembro de 2012.

http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/10encontro/lara_linhalis_guimarnoes.pdf.

HABERT, Angeluccia. *Sobre observadores e participantes*. ALCEU: Revista de Comunicação, Cultura e Política. V.10, n.19, jul/dez 2009-. Rio de Janeiro: PUC, Depto. de Comunicação Social.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

JACOB, Cesar Romero. *Atlas das condições de vida na região metropolitana do Rio de Janeiro* [recurso eletrônico] / Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Philippe Waniez. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2014.

JUPIASSÚ, Hilton & MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1996.

LIMA, Rafaela & BRITTO, B. *Cartilha do acesso*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

MACHADO, Arlindo. *Análise do programa de televisão*. São Paulo, 2012.

MACINTYRE, Alasdair. *Tras Las Virtud*. Espanha: Crítica, 2001.

MAFFESOLI, Michel. *O Mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MARSHALL, Leandro. Novo Jornalismo? Jornalismo-cidadão assume controle do lead. http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed744_jornalismo_cidadao_assume_controle_do_lead

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Cartografias da sensibilidade e da tecnicidade*. Conferências ministradas entre os dias 8 e 12 de setembro de 2008, na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Campus Praia Vermelha, Rio de Janeiro.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista*, Coleção Vozes de Bolso. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

_____. *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. Coleção – A obra-prima de cada autor. São Paulo: Martin Claret, 2008.

_____. *Os manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

MATOS, Ludmila Santos. *Telejornalismo, Estéticas do Real e Vídeos Amadores: um estudo de caso do RJTV 1ª Edição*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Comunicação Social, PUC-RJ, 2011, orient.: Prof.Dr. Leonel Aguiar.

MAURÍCIO, Patrícia. *Conflitos na tv digital brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Apicuri, 2012.

- MEDRADO, Andréa. Favela antenada - A TV a cabo da Rocinha. Disponível: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_tv_a_cabo_da_rocinha
- MEIRELLES, Renato & ATHAYDE, Celso. *Um país chamado favela – A maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira*. São Paulo: Editora Gente, 2014.
- MIRA, Maria Celeste. *Circo eletrônico: Silvio Santos e o SBT*. São Paulo: Olho D'Água, 1995.
- MIRANDA, Orlando de (org.). *Para ler Ferdinand Tönnies*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- NANCY, Jean-Luc. *La Comunidad Inoperante*. Santiago De Chile, 2000. Disponível em: www.philosophia.cl / Escuela de Filosofía Universidad ARCIS.
- NEGRI, Antonio. *Cinco lições sobre Império*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- NEIVA, Eduardo. *Dicionário Houaiss de Comunicação e Multimídia*. 1ª edição. São Paulo: Publifolha, 2013.
- NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas, SP: Papyrus, 2005.
- NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contexto, diferenças e trajetórias, in ALMEIDA, Maria Isabel de, EUGENIO, Fernanda. (Orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- NUNES, Márcia Vidal e MAGALHÃES, Caio César Mota. Comunicação comunitária como estratégia política na mídia convencional: um estudo de caso do Meu Bairro na TV. Trabalho apresentado ao Grupo de Comunicação e Cidadania do XXIII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal do Pará, Belém, de 27 a 30 maio 2014.
- OLIVEIRA, Dannilo Duarte. “Cidade Alerta: jornalismo policial, vigilância e violência”, in *Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo* / Itania Maria Mota Gomes, organizadora. - Salvador : EDUFBA, 2011. Disponível em: http://poscom.tempsite.ws/wp-content/uploads/2011/05/livro_Generos-televisivos-e-modos-de-endere%C3%A7amento-Edufba-2011.pdf. Acessado em 03/01/2014.
- PAIVA, Raquel. *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*. 2ª edição revisada e ampliada. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.
- _____. As minorias nas narrativas da mídia. Trabalho apresentado no Núcleo de Comunicação e Cultura das Minorias, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 020ª 06 de setembro de 2003.
- _____. Jornalismo comunitário: uma reinterpretação da mídia (pela construção de um jornalismo pragmático e não dogmático). Revista FAMECOS. Porto Alegre. Nº 30, agosto 2006.
- _____. (org). *O retorno da comunidade: os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2007.

_____. Estratégias de Comunicação e Comunidade Gerativa. In: Cicilia M Krohling Peruzzo. (Org.). Vozes Cidadãs. 1ed.São Paulo: Angellara, 2004, v. , p. 57-74.

_____. Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total: a comunidade do afeto. Matrizes (USP. Impresso), v. 6, p. 63-75, 2012.

_____ e NÓRA, Gabriela. A comunidade e humanismo prático: a apresentação daperiferia no Rio de Janeiro. In: PAIVA, Raquel; DOS SANTOS, Cristiano H. R. (orgs). Comunidade e Contra-hegemonia: Rotas de Comunicação Alternativa. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p.13-28.

PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. *Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

PEREIRA, Miguel Serpa. A sala dos Intervalos no cinema de Fernando Solanas, in Contracampo – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF. Niterói: UFF, 2º semestre 2006.

PERUZZO, Cicilia M.K. *Mídia comunitária. Revista Comunicação e Sociedade*. São Bernardo do Campo: UMESP, 1998. nº 30. P.142-156.

_____. *Televisão Comunitária: dimensão pública e participação cidadã na mídia local*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. Aspectos Históricos da TV Comunitária no Brasil. Trabalho apresentado no GT Medios Comunitarios y Ciudadania. V Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación. Santiago, Chile, 27 a 30 de abril de 2000. Disponível: <http://www.bocc.uff.br/pag/peruzzo-cicilia-tv-comunitaria.pdf>. Acessado 12 de maio de 2009.

RABAÇA, Carlos Alberto. BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de Essencial de Comunicação*. 1a edição. Supervisão: Sílvio Roberto Rabaça. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

RAJCHMAN, John. Foucault's Arts of Seeing, October, Vol 44, spring 1988, pp. 88-117. Disponível: http://www.jstor.org/stable/778976?seq=1#page_scan_tab_contents

RAMOS, Pedro Hussak van Velthen. Sobre a comunidade que vem de Giorgio Agamben. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, Instituto de Ciências Humanas. 13p. Acessado em 15/11/2014. Disponível: http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/etica-alteridade/artigos/Pedro_Hussak.pdf

REBELO, José. O Discurso do Jornal. Editor: Editorial Notícia. Lisboa, Portugal, 2000.

_____. A comunicação – temas e argumentos. Edições Minerva Coimbra, Coimbra, Portugal, 2003.

_____. Novas formas de mobilização popular. Coordenação de José Rebelo, Portugal: Campos e Letras – Editores, S.A., 2003.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ROCHA, Glauber. Estética da fome. Itália: 1965. Disponível: <http://www.dhnet.org.br/desejos/textos/glauber.htm> Acessado em 21 de setembro de 2008.

RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. São Paulo: Martins, 2007.

SABACK, Lilian. Telejornalismo local. In: RODRIGUES, Ernesto (org.). No próximo bloco...: o jornalismo brasileiro na TV e na internet. Rio de Janeiro: ED. Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2005, p. 149-161.

_____. *A autorrepresentação das favelas do Rio de Janeiro: a criação de mundos possíveis por sujeitos heterotópicos*. DiSSERTAÇÃO de Mestrado em Comunicação Social. PUC-Rio, 2010.

SANTORO, Luiz Fernando. *A imagem nas mãos: o vídeo popular no Brasil*. Rio de Janeiro: Summus, 1989.

SANTOS, Boaventura Sousa. *Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes*. Novos Estudos, nº 79, novembro 2007, Pg. 71-94.

SARLO, Beatriz. *Cenas de uma vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*; tradução Sérgio Alcides, 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

_____. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*; tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SILVA, Jailson de Souza, Jorge Luiz Barbosa e Marcus Vinícius Faustini. *O novo Carioca*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2012.

_____. As favelas como territórios de reinvenção da cidade, Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, Rio de Janeiro, n. 1, fev. 2013, Pg. 115-126.

SILVA, Jailson de Souza e ANSEL, Thiago Araujo. *Mídia e favela: comunicação e democracia nas favelas e espaços populares* /- 1.ed. - Rio de Janeiro : Observatório de favelas , 2012.

Disponível: http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/06/Midia-e-favela_publicacao.pdf

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

TARGINO, Maria das Graças. *Jornalismo cidadão : informa ou deforma?* / Maria das Graças Targino. – Brasília : Ibict : UNESCO, 2009. Disponível: <http://ireport.cnn.com/about.jspa>. Acessado em 21 de agosto de 2014.

TRAQUINA, Nelson. *O que é jornalismo?* Lisboa: Quimera, 2002.

_____. *O Estudo do Jornalismo no Século XX*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea, in ALMEIDA, Maria Isabel de, EUGENIO, Fernanda. (Orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira e OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de. *Um Toque de Clássicos – Marx, Durkheim e Weber*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

ZIZEK, Slavoj. Multiculturalismo, ou a lógica cultural do capitalismo multinacional. In: DUNKER, Christian Ingo Lenz e PRADO, José Luiz Aida (orgs.). *Zizek crítico: política e psicanálise na era do multiculturalismo*. São Paulo: Hacker, 2005, p. 11-45.

WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 2011.

9.1. Reportagens e páginas acessadas na internet:

DEUZE, Mark

<http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/viewFile/290/197>

Acessada em 23 de outubro de 2014

Entrevista: Lila King detalha impacto da web no jornalismo da CNN

<http://www.eventosnowdigital.com.br/idgnow/internet/ideia20/archive/2008/09/11/entrevista-lila-king-detalha-impacto-da-web-no-jornalismo-da-cnn>

Acessada em 27 de agosto de 2014.

MENDONÇA, Martha. A cidade do diabo – A realidade dos meninos do tráfico – narrada pelo rapper MV Bill – supera qualquer ficção. *Revista Época*. Acessada em 15/01/2015. <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR73596-6014>

Projeto da Globo sucateia jornalismo, dizem entidades

Redação Portal IMPRENSA | 29/04/2011 17:23

http://portalimprensa.com.br/portal/ultimas_noticias/2011/04/29/imprensa41594.shtml

Acessada em 07 de dezembro de 2014.

TORRES, Lilian de Lucca. *Entrevista Alba Zaluar*. *Ponto Urbe – Revista Digital do Núcleo de Pesquisa Urbana (NAU) da Universidade de São Paulo (USP)*, Edição 5, 2009. <http://www.pontourbe.net/edicao5-entrevista>. Acessada em 10 de dezembro de 2014.

ANEXOS

TABELA 01 - VTS EXIBIDOS – 2011/2012
18/03/2011– CIDADE DE DEUS: PREPARATIVOS PARA A VISITA DE OBAMA
21/03/2011 - CIDADE DE DEUS - VISITA DO PRESIDENTE OBAMA
22/03/2011 - CAMPO GRANDE - FALTA DE AGUA
23/03/2011 - COMPLEXO DO ALEMÃO - ABANDONO DA PRAÇA DE OLARIA
24/03/2011 - SÃO GONÇALO - PISCINAS SEM CONSERVAÇÃO EM CIEPS
25/03/2011 - NOVA IGUAÇU - CHORUME DEIXADO POR CAMINHÕES
26/03/2011 - DUQUE DE CAXIAS - APRESENTAÇÃO DE HIP HOP
28/03/2011 - COPACABANA - DEFEITO EM BONDINHO DO MORRO PAVÃO-PAVAOZINHO
29/03/2011 - CAMPO GRANDE - PROBLEMAS EM CICLOVIA
30/03/2011 - TIJUCA - PROBLEMA DE MANUTENÇÃO EM CAMPOS DE FUTEBOL
31/03/2011 - COMPLEXO DO ALEMÃO - CASAS COM RISCO DE DESABAMENTO APARENTE
01/04/2011 - SAO GONÇALO - RUA DA CAMINHADA
02/04/2011 - DUQUE DE CAXIAS - BIBLIOTECA COMUNITARIA
04/04/2011 - COPACABANA - O MEDO DOS BUEIROS
05/04/2011 - NOVA IGUAÇU - LINHA DO TREM EM AUSTIN
06/04/2011 - DUQUE DE CAXIAS - RUAS ALAGADAS
06/04/2011 - CIDADE DE DEUS - LIXO NAS RUAS
11/04/2011 - SÃO GONÇALO - OBRAS NA UPA E NO POSTO DE SAUDE
12/04/2011 - COPACABANA - ALBERGUES
13/04/2011 - COMPLEXO DO ALEMÃO - FOTOGRAFIA
14/04/2011 - TIJUCA - PODA DE ARVORES
15/04/2011 - CIDADE DE DEUS - ESGOTO ACUMULADO EM TRAVESSAS
16/04/2011 - CAMPO GRANDE - TRABALHADORES DA AREA RURAL
18/04/2011 - COPACABANA - NORDESTINOS RADICADOS NO PAVÃO-PAVÃOZINHO
19/04/2011 - SÃO GONÇALO - FALTA DE ILUMINAÇÃO PUBLICA
20/04/2011 - CIDADE DE DEUS - PRAÇA INAUGURADA EM LOCAL DE LIXÃO
23/04/2011 - COMPLEXO DO ALEMÃO - AUTO DA PAIXAO DE CRISTO
25/04/2011 - TIJUCA - INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
26/04/2011 - TIJUCA - ALAGAMENTO
28/04/2011 - DUQUE DE CAXIAS - ENCHENTE EM SARACURUNA
29/04/2011 - DUQUE DE CAXIAS - RODOVIA PRESEIDENTE KENNEDY
02/05/2011 - COMPLEXO DO ALEMÃO - PRIMEIRA ACADEMIA COMUNITÁRIA A CÉU ABERTO
04/05/2011 - CIDADE DE DEUS - RECICLAGEM DE OLEO DE COZINHA
05/05/2011 - SÃO GONÇALO - PROJETO CATARINA VISÃO DO FUTURO
06/05/2011 - CAMPO GRANDE - ABANDONO DE OBRA EM PRAÇA E DE PROJETO DE CIDADANIA ATRAVÉS DO ESPORTE
09/05/2011 - DUQUE DE CAXIAS - RODOVIARIA DE XEREM ESTÁ PRONTA MAS NUNCA FOI USADA
10/05/2011 - COPACABANA - TUBULAÇÃO DE ÁGUA NO MORRO DOS TABAJARAS VAZANDO E POPULAÇÃO SEM ÁGUA EM CASA
11/05/2011 - COMPLEXO DO ALEMÃO - MORADORES NÃO RECEBEM O ALUGUEL SOCIAL OU APARTAMENTOS DO PAC
12/05/2011 - PROJETO F.A.M.A. BUSCA TALENTOS NA BAIXADA
13/05/2011 - CAMPO GRANDE - FALTA DE ÔNIBUS NO JARDIM ALHAMBRA
16/05/2011 - COMPLEXO DO ALEMÃO - CORRIDA DA PAZ
17/05/2011 - DUQUE DE CAXIAS - FALTA DE AGUA NO PARQUE PAULISTA
18/05/2011 - SÃO GONÇALO - DESTRUIÇÃO DA PRAÇA

19/05/2011 - TIJUCA - CHICO AGUIA
20/05/2011 - SÃO GONÇALO - PISCINÃO
23/05/2011 - COMPLEXO DO ALEMÃO - PAGAMENTO DE ALUGUEL SOCIAL
24/05/2011 - CAMPO GRANDE - CRESCIMENTO IMOBILIARIO NA REGIÃO
25/05/2011 - CIDADE DE DEUS - FUNK
26/05/2011 - DUQUE DE CAXIAS - ACIDENTE DA WASHINGTON LUIS
27/05/2011 - COPACABANA - CINE JOIA
30/05/2011 - NOVA IGUAÇU - BAIRRO DA PRATA
31/05/2011 - TIJUCA - ABANDONO DAS LADEIRAS DO MORRO DA CHÁCARA
01/06/2011 - CIDADE DE DEUS - CONJUNTO HABITACIONAL JARDIM DO AMANHÃ 2
02/06/2011 - SÃO GONÇALO - JARDIM CATARINA
03/06/2011 - CAMPO GRANDE - CRECHE PUBLICA
06/06/2011 - COMPLEXO DO ALEMÃO - PEDRA QUE AMEAÇA CAIR
07/06/2011 - NOVA IGUAÇU - BAIRRO ALIANÇA
08/06/2011 - DUQUE DE CAXIAS - IGREJA DO PILAR
09/06/2011 - TIJUCA - CARAMUJO AFRICANO
10/06/2011 - SAO GONÇALO - SARAU
13/06/2011 - COPACABANA - PROBLEMA COM TEMPO DE SINAL
14/06/2011 - COMPLEXO DO ALEMÃO - TESTE A SERVIÇO DA PREFEITURA
15/06/2011 - CAMPO GRANDE - TESTE DE NOVO SERVIÇO DA PREFEITURA
16/06/2011 - DUQUE DE CAXIAS - PROBLEMAS NA COLETA DE LIXO
16/06/2011 - CIDADE DE DEUS - TESTE DO SERVIÇO 1746
17/06/2011 - TIJUCA - TESTE DE SERVIÇO DA PREFEITURA
20/06/2011 - DUQUE DE CAXIAS - HOSPITAL
21/06/2011 - NOVA IGUAÇU - MUSEU DE PEÇAS AFRICANAS
22/06/2011 - NOVA IGUAÇU - TREMOR
22/06/2011 - CIDADE DE DEUS - ESCOLA DE DANÇA AULAS DE GRAÇA
23/06/2011 - SÃO GONÇALO - TAPETE DE SAL
27/06/2011 - CAMPO GRANDE - FALTA DE AGUA
29/06/2011 - COMPLEXO DO ALEMÃO - AGENTE COMUNITARIO
30/06/2011 - CIDADE DE DEUS - ESGOTO
01/07/2011 - COPACABANA - GABARITO NAS COMUNIDADES
04/07/2011 - NOVA IGUAÇU - PARADA GAY
05/07/2011 - CAMPO GRANDE - TRANSITO
06/07/2011 - TIJUCA - ANIVERSARIO DO PARQUE NACIONAL DA FLORESTA
07/07/2011 - COMPLEXO DO ALEMÃO - TELEFERICO
09/07/2011 - SAO GONÇALO - CAPELA DA LUZ
11/07/2011 - CAMPO GRANDE - PROJETO SOCIAL
12/07/2011 - COMPLEXO DO ALEMÃO - PARTO FEITO POR SOLDADOS
13/07/2011 - DUQUE DE CAXIAS - ONG COM CURSOS PROFISSIONALIZANTES
14/07/2011 - NOVA IGUAÇU - RUA ALAGADA DE ESGOTO
15/07/2011 - CIDADE DE DEUS - EXPOSIÇÃO JOÃO CANDIDO
18/07/2011 - COPACABANA - MODELOS DA TERCEIRA IDADE
19/07/2011 - SAO GONÇALO - PROBLEMAS EM POSTO DE SAUDE
20/07/2011 - UOP - UNIDADE DE ORDEM PUBLICA
21/07/2011 - COMPLEXO DO ALEMAO - DIA DO AMIGO
22/07/2011 - COPACABANA E CAMPO GRANDE - FESTA JULINA
25/07/2011 - NOVA IGUAÇU - PROBLEMAS EM ESCOLAS
26/07/2011 - DUQUE DE CAXIAS - SITUAÇÃO DO RIO CHACRINHA
27/07/2011 - CAMPO GRANDE - SOS AMIGOS DO BEM
28/07/2011 - DUQUE DE CAXIAS - RJ 101
29/07/2011 - PROJETO DE TEATRO PARA CRIANÇA

01/08/2011 - VENDEDORA DE EMPADA DO COMPLEXO DO ALEMÃO
02/08/2011 - CIDADE DE DEUS - PRAÇAS
03/08/2011 - SAO GONÇALO - PRAIA DAS PEDRINHAS
04/08/2011 - TIJUCA-ENCONTRO DE MOTOCICLISTAS
05/08/2011 - COPACABANA - SLACKLINE
06/08/2011 - CIDADE DE DEUS - FEIRA DE SAUDE E MEIO AMBIENTE
08/08/2011 - NOVA IGUAÇU - MORADORES RECUPERAM RUA
09/08/2011 - COMPLEXO DO ALEMAO - FALTA DE PAGAMENTO DE ALUGUEL SOCIAL
11/08/2011 - CAMPO GRANDE - ESTRADA DA CAROBA
12/08/2011 - SAO GONÇALO - LIXO NA RUA
13/08/2011 - COPACABANA - DESORDEM NA CICLOVIA
15/08/2011 - TIJUCA - MULHERES DO SALGUEIRO
17/08/2011 - COMPLEXO DO ALEMÃO - AÇÃO SOCIAL PELA MUSICA NO BRASIL
18/08/2011 - ANIVERSÁRIO DE 20 ANOS DO SOLAR MENINOS DA LUZ NO MORRO PAVÃO-PAVÃOZINHO
19/08/2011 - DUQUE DE CAXIAS - FEIRA DO FORRO
23/08/2011 - TRABALHO VOLUNTÁRIO DO GRUPO DE TEATRO FOCO
24/08/2011 - TIJUCA, COPACABANA, CIDADE DE DEUS , COMPLEXO DO ALEMÃO - ENTULHO
25/08/2011 - COPACABANA - GRUPO SENZALA
26/08/2011 - TIJUCA - PIOR BAR DA CIDADE
30/08/2011 - NOVA IGUAÇU - ESCOLA LIVRE DE CINEMA
01/09/2011 - CIDADE DE DEUS - FALTA DE LIXEIRAS
03/09/2011 - ORQUESTRA JOVEM DE CAMPO GRANDE
06/09/2011 - COMPLEXO DO ALEMÃO - PROBLEMAS COM FIAÇÃO E ESGOTO
07/09/2011 - DUQUE DE CAXIAS - SITIO ARQUEOLOGICO
08/09/2011 - CAMPO GRANDE - ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ESGOTO PARADA
09/09/2011 - CIDADE DE DEUS - PESSOAS HOMENAGEADAS PELO BANCO COMUNITARIO
13/09/2011 - SÃO GONÇALO - CASA AMEAÇADA POR ARVORE
14/09/2011 - COPACABANA - PROJETO VAMOS COMBINAR
16/09/2011 - CIDADE DE DEUS - PRIMEIRO DIA DA CDD
19/09/2011 - CAMPO GRANDE - PROBLEMA NA RODOVIARIA
20/09/2011 - DUQUE DE CAXIAS - PROBLEMAS EM PASSARELA
21/09/2011 - NOVA IGUAÇU - FESTA DA BANANA
23/09/2011 - CIDADE DE DEUS - ROCK IN RIO COMUNIDADE
27/09/2011 - SAO GONCALO - DEGRADAÇÃO DO RIO IMBOAÇU
28/09/2011 - DUQUE DE CAXIAS - BAIXO CAXIAS A LAPA DA BAIXADA
04/10/2011 - CIDADE DE DEUS - ROCK IN RIO COMUNIDADE NA CIDADE DE DEUS
05/10/2011 - TIJUCA - LIXÃO NO MORRO DA FORMIGA
06/10/2011 - COMPLEXO DO ALEMAO - PROJETO WIKI-MAPA DE MAPEAMENTO DO COMPLEXO DO ALEMÃO
07/10/2011 - CAMPO GRANDE - SERESTA NO CALÇADÃO
10/10/2011 - COPACABANA - MORADORES PEDEM A RETIRADA DO MURO NA PRAÇA SARAH KUBITSCHK
11/10/2011 - NOVA IGUAÇU - MORADORES DE VÁRIOS BAIRROS DE NOVA IGUAÇU RECLAMAM DE COBRANÇAS ABUSIVAS NAS CONTAS DA LIGHT
12/10/2011 - DUQUE DE CAXIAS - PROCISSÃO EM HOMENAGEM A NOSSA SENHORA DE APARECIDA NA IGREJA DO PILAR
14/10/2011 - CAMPO GRANDE - CASAS COM RACHADURAS NA COMUNIDADE PARQUE ESPERANÇA
17/10/2011 - TIJUCA - ENTULHO CAUSA PROBLEMAS NA CHÁCARA DO CÉU

18/10/2011 - COPACABANA - DANÇA NAS COMUNIDADES DO CANTAGALO E DO PAVÃO-PAVÃOZINHO
19/10/2011 - NOVA IGUACU - ESCOLA DAS ARTES TÉCNICAS PAULO FALCÃO - CURSOS PARA BASTIDORES DO TEATRO E CARNAVAL
20/10/2011 - CIDADE DE DEUS - PESSOAS MORAM NO SETOR CONHECIDO COMO TRIAGEM A MAIS DE TRINTA ANOS
20/10/2011 - CIDADE DE DEUS - ENTREVISTA JORGE BITTAR, SECRETÁRIO DE HABITAÇÃO
21/10/2011 - CAMPO GRANDE - ESGOTO DE CONDOMÍNIO VOLTA PARA AS CASAS
25/10/2011 - DUQUE DE CAXIAS - MOEDA SARACURA
28/10/2011 - COMPLEXO DO ALEMAO - CAMPANHA CONTRA A DENGUE NO COMPLEXO DO ALEMÃO - CLÍNICA DA FAMÍLIA RODRIGO ROIG
29/09/2011 - CAMPO GRANDE - INCÊNDIO NO MERCADO SÃO BRAZ EM CAMPO GRANDE
31/09/2011 - CENTRO CULTURAL RODA VIVA, NA CHÁCARA DO CÉU, OFERECE CURSOS E SERVIÇOS PARA MORADORES
01/11/2011 - NOVA IGUACU - ASSOCIAÇÃO BETO CHICLETE, ESCOLA DE GOLFE PARA CRIANÇAS
02/11/2011 - CIDADE DE DEUS - ARTESANATO PRODUZIDO NA CIDADE DE DEUS COM MATERIAL RECICLÁVEL
03/11/2011 - CAMPO GRANDE: COMLURB FAZ PROJETO DE CONSCIENTIZAÇÃO
04/11/2011 - COMPLEXO DO ALEMÃO - VAZAMENTO EM CAIXA D'ÁGUA DA CEDAE ALAGA RUAS E BECOS DA REGIÃO
05/11/2011 - CIDADE DE DEUS - DISTRIBUIÇÃO DE INSTRUMENTOS PELO ROCK IN RIO
08/11/2011 - TIJUCA - RETIRADA DAS GRADES DA PRAÇA SAENS PENÃ
09/11/2011 - SÃO GONÇALO - FALTA DE PASSARELA NA RODOVIA AMARAL PEIXOTO
12/11/2011 - COMPLEXO DO ALEMAO - TREINAMENTO DE RESGATE NO TELEFÉRICO DA COMUNIDADE
15/11/2011 - NOVA IGUACU - BOAS INICIATIVAS DE COMBATE A DENGUE EM NOVA IGUAÇU
17/11/2011 - NOVA IGUACU - SÉTIMA FEIRA DO LIVRO NOVA IGUAÇU
18/11/2011 - COMPLEXO DO ALEMÃO - TELEFÉRICO PARA E CAUSA PÂNICO NOS USUÁRIOS
19/11/2011 - SAO GONCALO - ABANDONO DA FAZENDA HISTÓRICA ENGENHO NOVO
21/11/2011 - CONVOCAÇÃO PARA AS INSCRIÇÕES PARA O PROJETO NA ROCINHA E NO VIDIGAL
22/11/2011 - CAMPO GRANDE - MORADORES COMEÇAM A SER REMOVIDOS DAS ÁREAS DE RISCO NA FAVELA DAS ALMAS
23/11/2011 - COPACABANA - DUELO DE BBOYS NO CANTAGALO
24/11/2011 - TIJUCA - CURVA DA MORTE NA RUA SÃO FRANCISCO XAVIER
25/11/2011 - ROCINHA - ÚLTIMO DIA DE INSCRIÇÃO
28/11/2011 - COMPLEXO DO ALEMÃO - ATRASOS NO PAGAMENTO DO ALUGUEL SOCIAL AOS MORADORES DO MORRO DA ESPERANÇA
29/11/2011 - COMPLEXO DO ALEMÃO - PROBLEMAS ENFRENTADOS PELOS MORADORES DAS ÁREAS MAIS ALTAS DO ALEMÃO
30/11/2011 - ROCINHA - PROCESSO DE SELEÇÃO DO PROJETO PARCEIRO DO RJ
01/12/2011 - COMPLEXO DO ALEMÃO - TRANSFORMAÇÕES NA COMUNIDADE APÓS A OCUPAÇÃO
05/12/2011 - DUQUE DE CAXIAS - MORADORES DE IMÓVEIS DESAPROPRIADOS PARA CONSTRUÇÃO DO ARCO METROPOLITANO COM DIFICULDADES PARA COMPRAR NOVAS CASAS

06/12/2011 - DUQUE DE CAXIAS - SIMULAÇÃO DE ACIDENTE NO ENTORNO DA REDUC
07/12/2011 - TIJUCA - FALTA D'ÁGUA NO MORRO DO ANDARAÍ
08/12/2011 - COPACABANA - PROJETO CINEMA DA GENTE - GRAVAÇÃO DO FILME "A PROVA", FEITO PELOS MORADORES DO MORRO PAVÃO-PAVÃOZINHO
09/12/2011 - SELEÇÃO DOS PARCEIROS DA ROCINHA, VIDIGAL E CHÁCARA DO CÉU
12/12/2011 - CAMPO GRANDE - BOMBEIRO MIRIM
13/12/2011 - COPACABANA, TIJUCA , DUQUE DE CAXIAS - GRAFITE
14/12/2011 - FALTA DE LUZ NO HOSPITAL ROCHA FARIA PROVOCA A TRANSFERÊNCIA DE PACIENTES E CAUSA CAOS NO ATENDIMENTO
14/12/2011 - COMPLEXO DO ALEMÃO - MOTOS TRAFEGAM NAS PASSARELAS DA AVENIDA BRASIL
15/12/2011 - CIDADE DE DEUS - TRANSTORNOS CAUSADOS PELAS OBRAS DO PROJETO BAIRRO MARAVILHA
16/12/2011 - ANÚNCIO DOS NOVOS PARCEIROS DO RJ NA ROCINHA: CECÍLIA VASCONCELOS E MARCOS BRAZ
21/12/2011 - COPACABANA - FESTA JUDAICA CHANUCÁ
21/12/2011 - COMPLEXO DO ALEMÃO - FÁBRICA VERDE RECICLA O LIXO ELETRÔNICO
24/12/2011 - DUQUE DE CAXIAS - PROFESSOR ENSINA ALUNOS DE ESCOLA MUNICIPAL A SE TONAREM PALHAÇOS - VISITA AO ABRIGO BETEL
27/12/2011 - CAMPO GRANDE - RECUPERAÇÃO DO MERCADO POPULAR SÃO BRAZ APÓS INCÊNDIO
28/12/2011 - SÃO GONÇALO - MORADORES RECLAMAM DA FALTA DE MANUTENÇÃO DA PRAÇA DA TRINDADE
29/12/2011 - AUSTIN - MORADORES RECLAMAM DA FALTA D'ÁGUA NA LOCALIDADE PRAÇA DO BATUTA
03/01/2012 - COPACABANA - REVEILLON
04/01/2012 - DUQUE DE CAXIAS - BAIROS ALAGADOS
04/01/2012 - CAMPO GRANDE - ESTAÇÃO DE TRATAMENTO ABANDONADA
05/01/2012 - TIJUCA - MARACANÃ
06/01/2012 - DUQUE DE CAXIAS - FOLIA DE REIS
09/01/2012 - DUQUE DE CAXIAS - PROBLEMA COM OS TRENS
11/01/2012 - COPACABANA - APARTAMENTOS DO PAC VAZIOS
12/01/2012 - CIDADE DE DEUS - ENTULHO DE DEMOLIÇÃO ABANDONADO NO PANTANAL
13/01/2012 - CAMPO GRANDE - SERRA DO MEDANHA
14/01/2012 - ARVORES CAIDAS DEPOIS DE VENTANIA EM CAMPO GRANDE
14/01/2012 - COPACABANA - ANIVERSARIO DA PACIFICAÇÃO
17/01/2012 - COMPLEXO DO ALEMÃO - SEU ISMAEL
18/01/2012 - NOVA IGUAÇU - FALTA DE PAVIMENTAÇÃO
19/01/2012 - CIDADE DE DEUS - FALTA DE ILUMINAÇÃO PUBLICA
20/01/2012 - ROCINHA - WARK
23/01/2012 - ROCINHA - CORRIDA ROCINHA DE BRAÇOS ABERTOS
24/01/2012 - COMPLEXO DO ALEMÃO - TELEFÉRICO DO ALEMÃO
30/01/2012 - CIDADE DE DEUS - RETIRADA DE PONTE CAUSA TRANSTORNO
31/01/2012 - CAMPO GRANDE - PROBLEMA EM OBRA EM ESTRADA
01/02/2012 - COPACABANA - FAVELA ORGANICA
02/02/2012 - DUQUE DE CAXIAS - RUAS ESBURACADA
03/02/2012 - NOVA IGUAÇU - TINGUA
07/02/2012 - ROCINHA - ATELIE DO TIO LINO
08/02/2012 - SÃO GONÇALO - OBRAS EM ALCANTARA

09/02/2012 - ROCINHA - TAÇA DAS FAVELAS
10/02/2012 - COMPLEXO DO ALEMAO - TAÇA DAS FAVELAS FEMININA
13/02/2012 - ROCINHA - TIME DA ROCINHA E CAMPEAO DA TACA DAS FAVELAS
14/02/2012 - TIJUCA - BOREL - MORADORES SOFREM COM A FALTA DE CARTEIROS
15/02/2012 - TIJUCA - POSTES ATRAPALHAM OS PEDESTRES
16/02/2012 - CAMPO GRANDE - FALTA D'AGUA
17/02/2012 - CAMPO GRANDE: BLOCO DOS VELHOS
18/02/2012 - COMPLEXO DO ALEMÃO: TAMARINEIRA DO CACIQUE DE RAMOS
23/02/2012 - TIJUCA - BOREL: FESTA DA CAMPEÃ UNIDOS DA TIJUCA
24/02/2012 - COPACABANA - LOJA DE PERUCAS
27/02/2012 - CIDADE DE DEUS- RECICLAGEM
28/02/2012 - NOVA IGUAÇU - HIP HOP
29/02/2012 - COPACABANA - LIXO NO CANTAGALO
01/03/2012 - DUQUE DE CAXIAS - MORADORES SE PREVINEM CONTRA ALAGAMENTO
02/03/2012 - NOVA IGUACU - SKATE
05/03/2012 - COMPLEXO DO ALEMÃO - ENTULHO
06/03/2012 - TIJUCA - ESGOTO NO MORRO DO SALGUEIRO
07/03/2012 - COMPLEXO DO ALEMÃO - GUIA DO COMPLEXO
08/03/2012 - CIDADE DE DEUS - DONA TUCA
09/03/2012 - DUQUE DE CAXIAS - TAQUARA
10/03/2012 - COMPLEXO DO ALEMÃO - EXPECTATIVA PARA A VISITA DO PRINCIPE HARRY
12/03/2012 - CIDADE DE DEUS - AREA EM QUE O CORREIO NÃO ENTREGA CARTAS
13/02/2012 - SÃO GONÇALO - NOITE SERTANEJA
14/03/2012 - APRESENTAÇÃO NO ESTUDIO DO NOVO PARCEIRO DO RJ DE CAMPO GRANDE
14/03/2012 - CAMPO GRANDE - POSTES TORTOS
15/03/2012 - TIJUCA - REFLORESTAMENTO
16/03/2012 - DUQUE DE CAXIAS - ARTHUR MOREIRA LIMA
16/03/2012 - CAMPO GRANDE - QUEDA DE POSTE
20/03/2012 - CAMPO GRANDE - FALTA DE AGUA
21/03/2012 - DUQUE DE CAXIAS - DIFICULDADE PARA CHEGAR AO HOSPITAL DE SARACURUNA
21/03/2012 - ROCINHA - POLUIÇÃO NA PRAIA DE SÃO CONRADO
22/03/2012 - ROCINHA - ONG NA ROUPA SUJA
23/03/2012 - TIJUCA - FESTA ROCK
26/03/2012 - ROCINHA - MUDANÇA DE NOME DE RUA CAUSA CONFUSÃO
27/03/2012 - SÃO GONÇALO - FALTA DE AGUA
28/03/2012 - TIJUCA - SONS DA COMUNIDADE
29/03/2012 - CAMPO GRANDE - VOVÓ DJ
30/03/2012 - FESTIVAL GASTRONOMICO NO COMPLEXO DO ALEMAO
02/04/2012 - CIDADE DE DEUS - PROBLEMAS COM AS CONTAS DE LUZ
03/04/2012 - DUQUE DE CAXIAS - PASTORAL DA CRIANÇA
04/04/2012 - COMPLEXO DO ALEMÃO - PRAÇA DO CONHECIMENTO
05/04/2012 - NOVA IGUAÇU - ABANDONO DA VILA OPERARIA
06/04/2012 - COPACABANA - CICLOFAIXA
07/04/2012 - ROCINHA - PAIXÃO DE CRISTO
10/04/2012 - COMPLEXO DO ALEMÃO - POSTES COM RISCO DE CAIR
11/04/2012 - CAMPO GRANDE - COMBATE A DENGUE
13/04/2012 - CAMPO GRANDE - CENTRO DE CONVIVÊNCIA DO HOSPITAL ESTADUAL EDUARDO RABELLO

16/04/2012 - COPACABANA E TIJUCA - SERIE LIXO - 1.REPORTAGEM: SISTEMA DE LIMPEZA NO PAVÃO, BOREL E CANTAGALO
17/04/2012 - ROCINHA - SERIE LIXO - 2.REPORTAGEM: GARIS COMUNITARIOS
18/04/2012 - CAMPO GRANDE - 3.REPORTAGEM: DIA DO GARI
19/04/2012 - DUQUE DE CAXIAS - SERIE LIXO - 4.REPORTAGEM: MORADORES DE JARDIM GRAMACHO
20/04/2012 - SÃO GONÇALO - SERIE LIXO - 5.REPORTAGEM: LIXÃO DE ITAOCA
24/04/2012 - CAMPO GRANDE - CAVALGADA PARA SÃO JORGE
25/04/2012 - SÃO GONÇALO - DEFICIENTES VISUAIS
26/04/2012 - DUQUE DE CAXIAS - QUEBRA MOLAS
27/04/2012 - NOVA IGUAÇU - PASSEIO HISTORICO
01/05/2012 - CAMPO GRANDE - OS PROBLEMAS DOS CADEIRANTES
02/05/2012 - DUQUE DE CAXIAS - O TRABALHO DOS GUIAS DE CAMINHÕES, OS CHAMADOS CHAPAS
04/05/2012 - CAMPO GRANDE - BURACO EM CALÇADA
07/05/2012 - CIDADE DE DEUS - BAILE CHARME
08/05/2012 - ROCINHA - CISTERNA ROMPE NO VIDIGAL E LAMA INVADE CASAS
09/05/2012 - COPACABANA - MÁ CONSERVAÇÃO DE CALÇADAS
10/05/2012 - DUQUE DE CAXIAS - FALTA DE AGUA
11/05/2012 - NOVA IGUAÇU - LIXO
14/05/2012 - CIDADE DE DEUS - RUA CHEIA DE ESGOTO NA ROCINHA 2
16/05/2012 - ROCINHA - CURSO NA ACADEMICOS DA ROCINHA
17/05/2012 - COMPLEXO DO ALEMÃO - ALTAS CONTAS DE AGUA
18/05/2012 - TIJUCA - AULAS DE ARTES MARCIAIS
21/05/2012 - SAO GONCALO - PROBLEMA DE TRANSPORTE NO JARDIM CATARINA
23/05/2012 - COPACABANA - ROCK
24/05/2012 - CAMPO GRANDE - PROGRAMA PARA DEFICIENTES EM ESCOLA PUBLICA
25/05/2012 - NOVA IGUAÇU - MOTOQUEIROS
28/05/2012 - DUQUE DE CAXIAS - INDIO CORREDOR
29/05/2012 - TIJUCA - PROBLEMA DAS CALÇADAS
31/05/2012 - SÃO GONÇALO - RIO MARIMBONDO
01/06/2012 - ROCINHA - ESCOLA PARA DJ
04/06/2012 - ORQUESTRA DE NOVA IGUAÇU
05/06/2012 - TIJUCA - POSTES
06/06/2012 - CIDADE DE DEUS - POESIA DE ESQUINA
07/06/2012 - COMPLEXO DO ALEMÃO - PROJETO "ECOS DA LIBERDADE"
08/06/2012 - CAMPO GRANDE - AULAS GRATUITAS DE SKATE
09/06/2012 - TIJUCA - IDOSOS BRINCANDO DE PIÃO
11/06/2012 - COPABANA - CAMINHADA GASTRONÔMICA NA LADEIRA DOS TABAJARAS
13/06/2012 - SÃO GONÇALO - REFLORESTAMENTO
14/06/2012 - DUQUE DE CAXIAS - FECHAMENTO DO MERGULHÃO
15/06/2012 - CAMPO GRANDE - AMENDOEIRA DO MEU TIO
18/06/2012 - CIDADE DE DEUS - REMOÇÃO DE CASAS
19/06/2012 - ESCOLA ABELARDO CHACRINHA BARBOSA
20/06/2012 - DUQUE DE CAXIAS - LIXO NAS RUAS
21/06/2012 - TIJUCA - MUTIRÃO ECOLOGICO DE ESCOTEIROS
22/06/2012 - COMPLEXO DO ALEMÃO - SERRA DA MISERICÓRDIA
25/06/2012 - CAMPO GRANDE - LIXÃO EM COSMOS
26/06/2012 - COPACABANA - A DIFICIL PODA DE ARVORE
27/06/2012 - ROCINHA - CONFUSAO DE MOTOS, CARROS E PEDESTRES
28/06/2012 - DUQUE DE CAXIAS - CORRIDA DE ORIENTAÇÃO

29/06/2012 - COMPLEXO DO ALEMAO - SURFE PARA CRIANÇAS
03/07/2012 - NOVA IGUACU - PROBLEMAS NOS PONTOS DE ÔNIBUS
04/07/2012 - TIJUCA E COMPLEXO DO ALEMAO - ESPAÇO CIENCIA VIVA
05/07/2012 - COPACABANA - POSTINHO VOLUNTARIO
06/07/2012 - DUQUE DE CAXIAS - XEREM - PEDÁGIO NA BR-040 E OBRAS NA VIA VERDE
09/07/2012 - COPACABANA - PAVÃO-PAVÃOZINHO - CADEIRANTE GANHA APARTAMENTO ADAPTADO
10/07/2012 - ROCINHA - FIOS ELETRICOS SOLTOS, GAMBIARRA
11/07/2012 - CAXIAS - ALUNOS SEM TRANSPORTE ESCOLAR EM SANTA ROSA
13/07/2012 - CAMPO GRANDE - BAILE COM DANÇA DE SALÃO
16/07/2012 - CIDADE DE DEUS - ABANDONO NA AREA DE CASINHAS NOVAS
17/07/2012 - ROCINHA - MURO DE CONTENÇÃO E MEDO DE DESLIZAMENTO
18/07/2012 - CAMPO GRANDE - UEZO FUNCIONA DE FORMA PRECARIA SEM CAMPUS
19/07/2012 - DUQUE DE CAXIAS - OBRA PARADA EM HOSPITAL
20/07/2012 - CIDADE DE DEUS: CINEMA DE PERIFERIA E FILMES
23/07/2012 - TIJUCA - FALTA DE ÁGUA NO MORRO DO BOREL
25/07/2012 - COPACABANA - PARQUE DA CHACRINHA, AREA VERDE
26/07/2012 - HISTORIA DA FAVELA DA ROCINHA
27/07/2012 - SAO GONÇALO - PONTE QUEBRADA NO BAIRRO JOQUEI
28/07/2012 - SERIE ESPECIAL - CULTURA UNDERGORUND COM MC KAPPELLA - 1.REPORTAGEM
30/07/2012 - COPACABANA - PROJETO CRAQUE SÓ NA BOLA
01/08/2012 - CIDADE DE DEUS - GRUPO DE TEATRO "OS ARTEIROS"
04/08/2012 - SERIE ESPECIAL CULTURA UNDERGORUND - BATALHA DO REAL - BATALHA DE RAPPERS - 2.REPORTAGEM
07/08/2012 - SERIE ESPECIAL DESPEDIDA DOS PARCEIROS DO RJ - PETTER MC E MARIANE DEL REI - NOVA IGUACU - 1.REPORTAGEM
08/08/2012 - SERIE ESPECIAL DESPEDIDA DOS PARCEIROS DO RJ - ROMÁRIO RÉGIS E FELIPE SALDANHA - SAO GONCALO - 2.REPORTAGEM
09/08/2012 - SERIE ESPECIAL DESPEDIDA DOS PARCEIROS DO RJ - RICARDO FERNANDES E VIVIANE DE SALES - CIDADE DE DEUS - 3.REPORTAGEM
10/08/2012 - SERIE ESPECIAL DESPEDIDA DOS PARCEIROS DO RJ - CECILIA E MARCOS - ROCINHA - 4.REPORTAGEM
13/08/2012 - SERIE ESPECIAL DESPEDIDA DOS PARCEIROS DO RJ - RAFEL E YURI - TIJUCA - 5.REPORTAGEM
11/08/2012 - SERIE ESPECIAL - CULTURA UNDERGROUND - TIJUCA - 3ª E ULTIMA REPORTAGEM
14/08/2012 - SERIE ESPECIAL DESPEDIDA DOS PARCEIROS DO RJ - MARIANE E FELIPPE - CAMPO GRANDE - 6.REPORTAGEM
15/08/2012 - SERIE ESPECIAL DESPEDIDA DOS PARCEIROS DO RJ - LUANA E ANA MUZA - COPACABANA - 7.REPORTAGEM
16/08/2012 - SERIE ESPECIAL DESPEDIDA DOS PARCEIROS DO RJ - FLAVIA E FELYPE - DUQUE DE CAXIAS - 8.REPORTAGEM
17/08/2012 - SERIE ESPECIAL DESPEDIDA DOS PARCEIROS DO RJ - LANA SOUZA E THIAGO VENTURA - COMPLEXO DO ALEMÃO - 9. E ULTIMA REPORTAGEM

ENTREVISTA ERICK BRETAS – 30.07.2013 – Rede Globo de Televisão, Jardim Botânico

(Antes de iniciar a entrevista fiz um resumo do meu doutorado)

Por que criar o parceiros?

Eu passei sete anos no Jornal da Globo, em São Paulo, aí fui convidado para vir aqui para dirigir o jornalismo do Rio, em 2009, e assim que eu cheguei a gente tinha uma demanda muito grande. O RJTV estava um pouco envelhecido, estava com uma estrutura de um jornal a moda antiga. Se a gente pega uma matéria do RJ no CEDOC, de 2007/2008, parece que passou um século, né? Porque era aquele jornal muito no *teleprompter*, e as nossas pesquisas mostravam que o público reagia aquilo. O público sentia uma distância dos apresentadores, dos repórteres, e a primeira coisa que a gente fez foi fazer uma reformulação completa no formato do jornal. A gente sentia do público, das pesquisas que a gente tinha, uma vontade que o jornal fosse mais falado, mas conversado. Nas pesquisas qualitativas chegou a aparecer em um determinado momento uma pessoa que dizia “ ah, no concorrente eles falam a notícia e no RJ eles lêem a notícia”. Como lêem a notícia? Eu discuti isso com a nossa fonoaudióloga e ela falou: “é verdade. O registro da fala lida, de como o repórter grava o *off*, a entonação, a maneira como você escreve as sílabas, tudo é diferente de quando você está conversando com alguém sobre um determinado conteúdo.” Então, o público percebe isso quando você está com uma reportagem que o *off* está sendo lido, o cara foi para uma cabine de *off* e leu aquilo, e quando você tem o apresentador conversando com o comentarista. Então, nós fizemos uma grande reformulação e saltou aos olhos uma coisa assim que a gente reformulou. O jornal todo ficou mais arejado. A apresentadora Ana Paula, que assumiu o jornal, faz muito bem o jornal sem *teleprompter*. Os comentaristas davam uma leveza, o jornal ficou muito melhor, mas as reportagens estavam velhas. A gente mudou tudo, mas reportagem continuava sendo uma coisa... É claro, que variando de repórter para repórter. Você tem repórteres que tem mais facilidade na comunicação... Isto era um movimento, no outro movimento, correndo em paralelo a este aspecto do formato, a gente estava vivendo um momento muito importante da história do Rio de Janeiro que era a retomada, por meio das UPPs, dos territórios em que a gente não conseguia entrar antes. A gente teve uma decisão aqui de não entrar em favelas dominadas por tráfico desde a morte do nosso companheiro Tim Lopes. De vez em quando, quando era preciso entrar a gente ia, fazia uma negociação com a associação de moradores. Era uma situação incômoda, porque você não tinha controle, não sabia se ele ia falar com o tráfico ou se não ia. A gente nunca negociou com o tráfico para entrar em favela, mas a vezes o nosso contato era um intermediário do tráfico. Era uma coisa que a gente não gostava. Ao mesmo tempo você não quer pedir autorização, é um absurdo a imprensa ter que pedir autorização para traficante para entrar, mas também não pode abandonar completamente. Então, a gente ia quando era muito importante, quando era um evento que se justificava, mas a gente percebia que estava indo menos que a gente gostaria. A gente estava deixando de cobrir no dia a dia parcelas muito importantes da sociedade carioca. E a gente pensava como? A gente precisa ganhar esse público, dar espaço para esse público, a gente precisa falar para eles e eu assisti então o *5x favela, agora por nós mesmos* e eu também estava investigando iniciativas de *citizen journalism*, ou de jornalismo híper local. Eu pensava, o que é feito aí fora não é o que a TV Globo faria, você pegar a colaboração de um cara... A CNN, por exemplo, tem os iReport CNN, o cara que tá lá em Myanmar e manda um vídeo, é isso. Isso a gente já tinha no Quadro Você RJ. Colaboração esporádica do telespectador que vê uma coisa, vê um buraco, vê um carro parado em cima da calçada, isso a gente já tinha e continua tendo. Essas coisas convivem bem. Uma coisa não substitui a outra. A gente queria uma coisa estruturada, em que realmente a gente pudesse não ter uma coisa esporádica, mas que a gente desse mesmo espaço para aquelas pessoas, para aquelas

áreas e me começou a vir a ideia da gente fazer um quadro que tivesse primeira ideia foi assim correspondentes das favelas pacificadas. Aproveitar o momento que o cara retoma a liberdade e que ele tem uma série de demandas que estão reprimidas e vamos deixar esse cara falar. Então, a primeira ideia foi essa e aí a gente começou a fazer discussões internas aqui e a ideia foi sendo depurada e o Aly [Kamel], nosso diretor geral, foi muito importante. Ele deu um *insight*, uma contribuição muito valiosa. Ele falou assim: “Por que a gente vai fazer com as favelas pacificadas? Porque se todos nós temos o diagnóstico da cidade partida, a gente tem que fazer para todos os lugares.” A minha primeira proposta foi de fazer nas favelas pacificadas e aí foi o Aly que disse, “não vamos fazer só das favelas pacificadas. A região metropolitana é grande, vamos para as cidades, para os bairros aqui, vamos misturar mais, vamos deixar que a cidade inteira esteja representada, inclusive, as favelas pacificadas.” E eu achei que fez todo sentido, foi uma ótima contribuição dele. Aí passamos a pensar como vai o formato disso? E aí começamos a olhar as coisas que nós mesmos fazíamos. O Profissão Repórter, foi uma outra fonte interessante de inspiração para gente, porque o profissão repórter é um programa em que os repórteres e cinegrafistas rodam na função e a gente pensou como é que vai ser isso, vai ter um repórter e um cinegrafista? Não, vamos fazer uma dupla, vamos rotacionar esse trabalho de câmera e reportagem, a exemplo dom que já faz o profissão repórter. A gente vai pegar os meninos todos crus, a gente treina todo mundo, sem vai ter...em alguns casos você tinha gente que preferia a reportagem cinematográfica, mas todo mundo sempre quer estar no vídeo e não vamos deixar que isso seja um conflito. Vamos dividir, a cada reportagem um vai estar no vídeo e outro vai estar por trás das câmeras. Em alguns grupos só é que teve mais uma divisão de gente que disse não eu prefiro ficar atrás do vídeo, por uma vocação, a gente deixou as pessoas ficarem um pouco mais em papel fixo, mas nunca exclusivamente um só como cinegrafista e outro na frente do vídeo. E aí fomos definindo os formatos e foram surgindo várias questões e foi um projecto que a gente estava muito afim de fazer, porque quando você começa a ver tudo que podia dar errado, você pensa assim: não vamos fazer.

E o que de cara você via que podia dar errado?

Das questões mais triviais às questões mais complexas. Por exemplo, segurança das pessoas. O sujeito está lá em uma favela que acabou de ser pacificada, mas de onde o tráfico não saiu.

O caso da Rocinha, por exemplo?

O caso do Complexo do Alemão, que a gente chegou em determinado momento que os meninos receberam um aviso de que “oh, o pessoal não está gostando dessas filmagens não.” A gente foi e deixou eles um mês fora do ar. Aí no mesmo Alemão onde teve esse episódio, uns quatro meses depois, o Thiago Ventura, que hoje trabalha com a gente, conta que ele passou por um grupo que ele viu que era de traficantes, não estavam armados nem nada, mas os caras viraram e “Aí garoto, tu não é o parceiro do RJ?” Aí ele pensou “o que eu falo?” e disse sou, sou eu. “Porra rapá (sic), você tem que ir lá na rua de cima, tá faltando água lá, tem que botar isso lá no RJ.” Então, o próprio traficante começou a perceber em um momento que aquele cara era um interlocutor para resolver o problema dele, porque o traficante também vive na rua que está sem água, ou a tia dele também vive na rua que está sem água. Ele também não quer o problema na comunidade. Então, é claro que ninguém deseja, você não quer virar referência para o traficante, mas mostra como o quadro foi aceito.

.... (longo silêncio)

Não sei se você já conversou com o Thiago Ventura?

Não, com o Thiago ainda não.

O Thiago é fundamental. Foi parceiro da primeira dupla no Alemão. Um menino muito talentoso, que acabou contratado como editor de imagem. Já estou estimulando ele a fazer vestibular para jornalismo na PUC-Rio, enfim, é um garoto que tem um super futuro. Aí depois a gente pensou como é que vai ser isso, como vai ser o nome disso? Repórter? Correspondente? Assim, não é repórter por causa dos problemas né? Sindicato, o sindicato reclamou, mandou uma carta, absurda inclusive, puro corporativismo, na nossa visão muito corporativista. O problema da segurança. O problema deles serem assaltados, roubados e roubarem a câmera. A própria discussão se as imagens teriam padrão de qualidade que a gente gostaria de ter, e essa foi uma discussão interna. Essa foi uma discussão que prevaleceu o ponto de vista banco pelo [Carlos] Schroder, pelo Aly [Kamel] e por mim. Foi bancado por muita gente que o que importa é o conteúdo, que a gente vai assumir que algumas matérias terão uma captação de imagens inferior, que a câmera não é a melhor câmera, mas vamos bancar, porque nós queremos o conteúdo das histórias que essas pessoas contarão. Trabalhistas, tinham questões trabalhistas, tem hora extra, não tem hora extra...A gente falou, a gente vai ter um modelo super flexível com esses garotos. Eles não trabalham aqui, eles vem para cá uma vez por semana, mas eu não vou ficar controlando se eles estão trabalhando ou não. E se tem um dia que eles vão precisar gravar 12 horas e no dia seguinte eles não vão gravar nenhuma hora, eu vou deixar que eles administrem o tempo deles. E a gente foi vencendo essas questões e sempre assim, vamos fazer, vamos fazer, vamos fazer. E conseguimos colocar o quadro no ar.

E por que virou Parceiros?

Porque de todas as opções que a gente tinha... correspondente é quem está na guerra, está no exterior, está na China, está no Japão, é uma coisa distante, e a favela não é uma coisa distante, está aqui junto, é a cidade, então não pode ser um correspondente. Não pode ser repórter porque eles não são repórteres. E aí veio o nome parceiro. Colaborador é uma palavra muito rebuscada, não tinha o remeio que a gente queria. E parceiro, de todas as palavras que a gente queria, era a que melhor encarnava aquilo que a gente queria. Alguém que estivesse na comunidade e que fosse um produtor de conteúdo que atuasse em parceria com o nosso jornalismo.

A emissora se coloca também como uma parceira deles dando condições para ele poder falar?

Exatamente, a relação é uma relação de parceria.

E me diz uma coisa: toda essa negociação de se colocar esse quadro no ar não houve problemas internos. Você citou as pessoas todas que estão juntas pensando a emissora. Não foi um quadro que teve negociação, foi difícil implantar. Existia um desejo colectivo?

Existia um desejo colectivo. Eu costumo dizer que te a frase do Victor Hugo que diz que “Nem o exército pode com a força de uma ideia que o tempo chegou.” Então, a hora da gente colocar as pessoas nas favelas, nas periferias para falar chegou aqui. E não tava só no jornalismo, tava no Esquenta, está em outros lugares. É a hora, o país está vivendo o momento de uma nova classe surgindo, tem gente sendo incluída, essas pessoas estão indo para universidade, elas querem se ver, elas querem se ver de um jeito diferente, elas querem se ver na linguagem delas, então chegou. Não vamos ficar paralisados aqui, pensando oh meu Deus como vamos falar para essas pessoas. Então, tinha uma corrente muito favorável para gente fazer.

Erick, me diz uma coisa, com relação a pacificação, não houve então uma intenção inicial de priorizar só as favelas que estavam pacificadas, mas no caso da Rocinha, teve essa preocupação?

Sim, no caso da Rocinha foi inclusive uma turma que entrou no meio do processo porque a gente não pode entrar em favelas que não estão pacificadas. Eu não posso ter uma dupla de parceiros em um lugar onde o tráfico manda, porque mais cedo ou mais tarde, o tráfico armado vai me criar um problema. O tráfico não armado, o tráfico da favela pacificada já me criou problemas. Então, naquele lugar que o tráfico domina ainda eu não tenho como fazer.

E como administrar, por exemplo, um período como este que está vivendo agora a Rocinha? A polícia está tendo conflitos lá, está tirando bandidos, mas a favela tem UPP.

Uma coisa que a gente definiu é o seguinte: as duplas, os meninos não fazem matéria de denúncia. Fazem denúncia de más condições, de falta de ação do poder público, de infraestrutura, mas eles não fazem denúncia do tráfico, de polícia. Nós temos um pacto com eles, que se alguma informação chega até eles, eles passam isso para gente e colocamos nas mãos dos nossos repórteres profissionais, investigadores que sabem fazer isso. E até teve um caso da Cidade de Deus, uma história bem interessante, carnaval de 2011 na Cidade de Deus, que teve uma festa que acabou com o PM da UPP dando tiro para o alto. Tinha um cara, que nem era o nosso parceiro, um fotógrafo que estava com uma câmera que fazia imagem também filmou isso. O PM inclusive arreventou a câmera dele, mas ele pegou o cartão e entregou para o Ricardo, que era o parceiro. Ele falou, oh vê aí o que você faz. O Ricardo trouxe para gente e nós colocamos a matéria no ar. Não era do Ricardo, não tinha nem crédito de produção. Ninguém ficou sabendo que foi o Ricardo que passou para gente.

Não entrou como parceiro?

Não entrou como parceiro, mas foi o parceiro que recebeu porque ele virou uma referência. Tu não é o cara da Globo, então vai lá e mostra. Ele entregou pra gente essa imagem e nós fizemos a matéria. Matéria de polícia mesmo. Denunciamos o cara, o PM foi afastado da função.

Com relação ao jornalismo, duas questões: Você falou que por mais que a gente tenha a globalização, o jornalismo caminha para o local, ou seja, a super valorização do jornalismo local. Eu queria que você falasse um pouco mais sobre isso. Como o parceiro se encaixa neste olhar dentro do jornalismo local? É um jornalismo local ou é um jornalismo comunitário?

As duas coisas. A definição de categorias, organização teórica disso, você tem correntes que enxergam de maneira diferente, mas a gente de uma maneira muito empírica aqui, entende o jornalismo comunitário é aquele que vai além do jornalismo local, ele não é só informação do trânsito, de um projecto votado na Câmara de Vereadores, são coisas que afetam diretamente a vida das pessoas daquela comunidade. E nós temos uma atenção especial para as comunidades que estão mais desassistidas, que têm um deficit maior de equipamentos públicos, de infraestrutura, a gente entende que a gente precisa desequilibrar o jogo a favor dessas pessoas. Elas esperam um jornalismo que não seja simplesmente um jornalismo de justaposição, de versões. Se eu tenho um quadro como o RJ Móvel que decide acompanhar o andamento de obras prometidas pelo poder público, que não estão sendo cumpridas, eu não vou simplesmente justapor, eu vou fazer de um jeito, ali existe uma função nossa de incomodar o poder público, jogar uma luz em cima da ineficiência dele quando ele não consegue, de cobrar uma data, botar

ali que não ficou pronto, de mostrar, de escancarar para a população que aquele representante do poder público não está cumprindo a parte dele no trato.

E o Parceiros é mais uma iniciativa nesse sentido. Até internamento a gente teve o seguinte diálogo: ah mas não vai cansar? Você colocar uma região toda semana, não vai ter uma hora que as pautas vão acabar? Eu acho que não porque são lugares que têm tantos problemas. A nossa criatividade tem que ser grande, para que as matérias não tenham sempre a mesma cara. De vez em quando a gente tinha esse problema, por exemplo, muita matéria de lixo. Lixo é uma coisa que está muito presente, a coleta desestruturada de lixo e aí vinha assim, três matérias seguidas de lixo, calma vamos diversificar um pouco a pauta. Vamos atrás de outras questões, mais educação, mais saúde.

E existe o desejo deles de falar das coisas boas, né? Mostrar o que geralmente a grande mídia não fala.

Muito grande. Coisas sensacionais que a gente mostrou. A Batalha do Passinho, os personagens que foram descobertos. No Complexo do Alemão tinha uma senhora fanática pelo Flamengo, que a casa dela é revestida de vermelho e preto. A vendedora de empadinha que acabou entrando na novela. Na Tijuca, o sujeito que tinha o pior bar do Rio de Janeiro. O atendimento dele é péssimo, eles chamam os caras pelo microfone “a batata frita está pronta porra”. Virou entrevistado do Jô Soares também. Então era o que a gente acreditava que quando você tem uma pessoa que conhece muito bem a região, a pessoa vai trazer um monte de coisas que muitas vezes as nossas estruturas não captam. A antena deles capta com muito mais precisão a coisa que as vezes aqui a gente não está tão focado em captar. Você está atrás dos grandes temas, polícia, política.

Então olhando desta forma a gente pode entender como jornalismo comunitário, talvez um novo modelo de jornalismo comunitário? Você acha que a Globo também muda a partir do momento que ela tem um quadro como Parceiros do RJ, aquele quadro pode influenciar o resto da sua reportagem?

Sim. O quadro influencia. Várias vezes, o RJTV terminava e eu dizia que a melhor matéria do dia foi dos parceiros e provocava os repórteres. Eu dizia oh como é que vocês não veem um negócio desses. Teve uma vez no Alemão uma história lá do auxílio moradia, um grupo que ficou muito tempo sem auxílio moradia, que virou matéria no RJ2. Frequentemente os parceiros trazem matérias que pela importância delas, elas entravam na pauta dos outros jornais.

Já teve situação de casadinho, né? O jornal cobrir de uma forma e os parceiros também estarem naquele assunto...

Sim e teve o caso do parceiro descobrir o assunto, fazer a primeira matéria e depois o assunto ser suitado pelos outros jornais.

Voltando a questão do padrão, você mesmo falou que não existe a preocupação de manter o padrão globo. As meninas até disseram que eles não gravam off, a orientação é que eles façam mais passagens, participações...

Se gravar o *off* vai ficar aquela coisa lida. Às vezes até precisa porque faltou alguma informação para colar as partes, mas quanto menos *off* melhor.

Mas qual é o limite para você não ter no ar alguma coisa que por eles pode ser vista como estereótipo?

A gente não deixa passar erro de forma nenhuma. A norma culta prevalece, mas dentro da norma culta cabe um nível de coloquialidade nos parceiros que não cabe nas matérias tradicionais dos nossos repórteres. Você pode usar gírias, pode usar abreviações, pode usar palavras que a gente não deixa na reportagem. Agora, o erro a gente não deixa passar, se deixa passar é porque o editor responsável errou.

E aquelas máximas do jornalismo de que a gente não entrevista parente, nos parceiros pode?

Nos parceiros pode. Reforça. Não sei se você já viu. O caso dos parceiros despertou tanto interesse que eu apresentei o caso dos parceiros no congresso chamado News Exchange, que é um dos grandes congressos do jornalismo internacional que tem todo ano, sempre na Europa, esse ano vai ser em Marrocos. Muito legal, isso foi em 2011. Ali eu tive a confirmação que os parceiros era uma coisa inédita no mundo. Porque tinham muitas emissoras e as pessoas falavam: “eu tenho isso, mas desse jeito que vocês fazem, ninguém nunca fez.” Contratar as pessoas e treina-las é uma coisa que ninguém faz.

Na verdade abriu espaço para fazer aquele jornalismo cidadão, de aproveitar o material que alguém fez, isso já se faz lá fora. O formato é que é inovador?

Eu ouvi uma crítica ao iReporter da CNN porque os caras não têm nenhum tipo de treinamento. Então já teve casa, segundo me contaram lá, do sujeito pegar uma câmera, agora ele acha que é repórter da CNN e vai se meter em um lugar super perigoso. A CNN nem está sabendo disso. Uma das coisas da qual eles são doutrinados é assim, segurança em primeiro lugar. Eles são treinados, orientados, muito bem para isso. A gente não abre mão disso de jeito nenhum. A gente fala, nenhuma pauta vale a segurança de vocês. Mas voltando a sua questão sobre as próprias...

Os personagens, os entrevistados...

Inclusive eles próprios podem ser o personagem da matéria.

(ele começa a procurar no computador matérias para mostrar e depois de um longo tempo ele consegue abrir uma edição feita com reportagens onde os parceiros são os personagens: “A minha comunidade ocupa uma área de aproximadamente 60 mil metros quadrados em Copacabana. Agora, todos os moradores, inclusive eu, vamos aprender .” “Bem-vindo à Samambaia, essa é a porta da minha casa...)

O primeiro e o último caso são de pessoas que estão narrando aquilo que acontece com elas. A menina é uma das afetadas pela tentativa da prefeitura de reordenar o espaço.

Quando começou o SP TV, o DF TV. Tem o MG TV. Quantos são atualmente?

São quatro. O RJ foi o primeiro, depois veio o SPTV, depois o DF e esse ano (2013) o MG. O SP e o DF vieram mais para o fim de 2011. O processo de seleção do RJ começou em 2010, mas a gente colocou no ar em fevereiro de 2011.

E a orientação é a mesma nos outros estados? Você participou da criação dos outros?

Não eu só conversei com as equipes que criaram, mas eu não fui para os lugares... Até no caso do MG, eu fui dar uma palestra.

Você acompanha a produção de lá também?

Acompanhei o começo do SP, do DF, mandava uns comentários, dava bastante liberdade para eles. Tanto é, que há pequenas diferenças. Por exemplo, no DF TV as duplas tinham dias fixos para entrar e aqui não, a gente tem outra filosofia, vai para o ar quem tiver com a melhor matéria. Claro que a gente tenta fazer um rodízio, mas se uma dupla que trouxe um caso muito interessante ou que tem uma certa urgência, passa na frente. É uma coisa que a gente deixa, cada gestor também tem diferenças de público. O tamanho das matérias no Rio, por exemplo, eram maiores, quase o dobro do que o tempo médio das matérias de São Paulo. Então, aqui as matérias chegaram a ter três, quatro e até cinco minutos, enquanto as matérias lá de São Paulo eram de dois minutos e meio.

Qual é a sua expectativa? Você acha que esse quadro vai para outras praças? Sobrevive muito tempo, qual é o seu desejo?

Tomara que sobreviva. Nós estamos na segunda turma. A gente deve parar em julho de 2014, porque a gente entra em período eleitoral e o jornal sofre uma perda de tempo muito grande. Ele passa a ter 20 minutos. É um período de dois meses de horário eleitoral no ar, então a gente fez na primeira vez e deve fazer na próxima turma também. Eu já não estou mais no jornalismo. Ontem eu assumi um função nova aqui na casa. Eu sou agora diretor de mídias digitais da TV Globo, mas o que está combinado é que essa turma que entrou no início do ano, fique até julho de 2014, aí para-se por dois mese e depois faz-se uma nova rodada.

Você sentiu diferença da primeira para a segunda turma?

Você vê as matérias do fim, eles estão sensacionais. Vou te mostrar aqui uma coisa...

(ele começa a procurar outra matéria para mostrar)

Quando estava terminando a primeira turma... Você conheceu o Peter? Ele é fundamental para você. Ele fez a trilha do parceiros.

Essa matéria é linda, é como se fosse um trabalho de final de curso deles. Foi um grupo menor, não tinha mais a questão geográfica, eles vieram e dissera, pô a gente quer fazer um negócio aqui sobre a cultura de periferia; como é que a gente pode fazer? É o Fantástico? Eu disse gente, não viaja. Vocês não estão prontos ainda para fazer um Fantástico, mas se vocês querem fazer uma coisa diferente, eu boto no RJ para vocês, a gente faz um especial no RJ de sábado. Essa matéria é feita com um parceiro na produção, um na reportagem, as imagens são da Mariane, que era a parceira de Campo Grande e a gente contratou no meio, virou cinegrafista, e a edição de imagens foi do Thiago Ventura, que é do Alemão e a gente acabou contratando. Então, isso aqui é tudo feito por eles, aqui só tem a minha supervisão porque eu cortei, fiz uma adequação, mas é tudo trabalho deles.

(roda a matéria- cultura underground – esse material está no youtube - subterrâneos)

Pra mim isso é evidência da qualidade do treinameto que a gente deu para eles. Eles são profissionais. Aqui três dos quatro estão contratados. O Peter é pesquisador do Esquenta, a Mariane é repórter cinematográfica da Editoria Rio e o Thiago Ventura editor de imagens. Não é uma coisa assistencialista, a gente acha que essas pessoas têm capacidade de virar profissionais, são hoje profissionais de televisão. A gente foi lá no morro, retirou essas pessoas da favela, da perifeira. Eu tenho muita certeza disso, que tem muita gente talentosa nesses lugares. Você tem que fazer a seleção na maneira correta. Eu cheguei na primeira seleção tinha lá a pergunta do RH: que idiomas fala? Que cursos fez? Eu falei gente não é nada disso. Eu não quero ninugém que

fale alemão no Parceiros do Rj. Eu não quero nada disso. Eu quero um cara que tenha carisma, eu quero o cara que tenha algum trabalho comunitário relevante, eu quero o cara que tenha liderança, seja reconhecido dentro da comunidade dele como ponto de referência para qualquer coisa. Tinha uma menina que era agente de saúde, que era a Alana, parceira do Thiago no Alemão. Eu não quero que fale línguas, nada disso. Então, tivemos que fazer esse ajuste, essa sintonia fina com o RH e o RH depois entendeu que o perfil era outro.

E essa segunda turma, a seleção foi diferente da primeira?

A gente sempre busca um mix de perfis. Você vê na dupla de Niterói a gente buscou uma menina de perfil classe média e o garoto da comunidade, de certa maneira para representar. Niterói é uma cidade que tem uma classe média forte, uma dupla que fosse mais representativa para o conjunto da população. Eu não estou acompanhando esta turma, já estava na direção executiva e agora vou acompanhar menos ainda. Eu não sei como está indo esta turma, mas as áreas mudaram, algumas se mantiveram, Rocinha, Alemão, tem lugares que não dá para sair, mas entramos em outras áreas. Trocamos São Gonçalo por Niterói, Caxias se manteve.

Fizeram parceiros mais vizinhos?

Fizemos uma dupla de vizinhos São João de Meriti e Belford Roxo, que são cidade muito pequenas. Rocinha e Vidigal.

Eu adoro falar sobre o parceiros, mas a crítica que você tiver que fazer fique à vontade para fazer. Eu sei que produção acadêmica é assim mesmo.

Eu fiquei um pouco chateado porque vi o coordenador de jornalismo da PUC-Rio falando mal dos parceiros no Jornal da PUC, dizendo que era exploração... Não tem nada a ver com exploração, esse quadro custa a gente, a gente não ganha nada, a Globo gasta dinheiro com este quadro, porque ela tem uma equipe de jornalistas que acompanha, ninguém foi demitido para dar lugar aos parceiros. Todas essas pessoas são postos de trabalho novos que surgiram. Nenhum posto foi perdido, é uma bobagem alguém dizer isso, imagina a Rede Globo fatura 12 bilhões de reais, você acha que uma empresa que fatura 12 bilhões de reais está preocupada em reduzir custos com profissionais.

...volto a falar da intenção da minha pesquisa e menciono a narrativa do Aqui e Agora...

O plano sequência do Aqui Agora já não era uma novidade.

Acabou virando caricata.

Virou aquela coisa do cara que chega para justiça, que às vezes chega com a atitude de quem está fazendo um safari na comunidade.

Exatamente o que eles não querem, né?

É.

Vou procurar a matéria do Jornal da PUC, mas acho que essas críticas não perduraram não. O legal é que eles falam sobre a frustrações de quando um pauta não entra...

Faz parte do jogo, não tem atitude paternalista. Isso eu falo logo: vocês não são coitadinhos, vocês não serão tratados como coitadinhos. Eles precisam trabalhar com isso. É bom que eles tenham

uma certa competitividade entre eles, claro que moderada, mas é bom que eles entendam que quem trazer o melhor, vai ter um espaço mais nobre e vai ter mais tempo para a sua matéria.

**ENTREVISTA GISELA PEREIRA, JAQUELINE FERRI e MÔNICA BERNARDES –
10.06.2013 – Rede Globo, Jardim Botânico.**

Gisela

Na reunião a gente aproveita não só para eles trazerem novas pautas, mas também para gente saber como está o andamento das anteriores e conversar um pouco. O nosso encontro é semanal, eles trabalham em campo. Então, eles não têm obrigação de vir aqui todo dia, porque o trabalho deles é basicamente nas áreas deles. A gente tenta tirar o melhor proveito possível deste encontro semanal para tudo. Até porque eles vêm com várias dúvidas, a gente aprende um monte de coisas como hoje você viu o parceiro de Santa Cruz, todo mundo ficou chocado com a história da Princesa Isabel. Então, é um momento que a gente aproveita para trocar.

Lilian

Eu fiquei pensando... São duplas bem diferentes do primeiro grupo. Por exemplo, Niterói é grande para caramba...

Gisela

Mas o primeiro projeto tinha São Gonçalo que é maior ainda...

Lilian

Como nasceu o projeto?

Gisela pergunta se eu já conversei com o Erick... Ela é interrompida por um parceiro que quer saber se tem que pedir autorização no museu. Ela orienta que sim, mas diz que não precisa ser ainda formal.

Lilian

Vamos ir direto na comparação das duas turmas, pode ser?

Gisela

A primeira turma é um aprendizado para todo mundo, incluindo a gente, porque a gente sabia o que a gente queria, o projeto era inicialmente com oito duplas para mostrar as áreas delas. A gente tinha isso na nossa cabeça, mas na prática nunca ninguém aqui da TV Globo tinha feito isso. Então, a gente percebia que a cada VT, a cada semana a gente ia descobrindo uma nova forma de fazer e ia se aperfeiçoando, até que a gente viu, bom é assim. A diferença é que o primeiro, tanto as duplas que não tinham um comparativo anterior, como nós. Nesse segundo, acho que a maior diferença é essa: as duplas já sabem o que elas vão mostrar no RJ TV. Logicamente elas vêm com outros objectos, elas são de outras áreas, mas elas já têm uma referência. Essa é a maior diferença, elas já terem a referência de um grupo passado e que serviram também como grandes exemplos. As duplas mencionam parceiros anteriores com elogios. “Pô o parceiro tal era muito legal, quero fazer assim, assim, assado! Então, são referências mesmo. Não é imitar, ela toma o cara como exemplo para como eles acham que devem se portar na região deles. Eles se vêem como uma voz que vai poder melhorar a comunidade mostrando um problema, uma situação, ou mesmo mostrando uma coisa boa. Eles se orgulham muito. Nas dinâmicas de grupo, a Jaque e a Mônica

viram muito, eles diziam a gente não quer só mostrar problemas, a gente quer mostrar as histórias legais das nossas regiões, dos nossos bairros. Então, eles têm essa preocupação.

Lilian

É claro que tem uma orientação permanente, mas o que vocês identificam como melhora de qualidade de trabalho, ou de entender o que é notícia, de entender como montar um VT. Tem diferença desta turma para a outra?

Gisela

Não. O aprendizado é do zero, porque é algo muito novo para eles. Por mais que todo mundo veja um jornal e ache... igual a gente que vê o futebol e acha que é fácil ir para uma seleção. Você vê a eu entendo como é montar um VT! Não entende. Pegar uma câmera do zero... Não sei se vocês [Jaque e Mônica] compartilham desta opinião... Pegar uma câmera do zero e começar a gravar, saber como vai falar. O que pra gente, que já está há muito tempo nessa área, é óbvio... O que a Jaque falou hoje: "já gravou a sonora? Vocês têm que ouvir os escoteiros! Vocês têm que ouvir 10 escoteiros e dois professores e não 10 professores e dois escoteiros." Pra gente é óbvio, mas para eles não é. E a gente tem a maior tranquilidade e paciência porque a gente sabe que a gente não pode exigir deles essa obviedade, esse entendimento tão óbvio. A gente tem no grupo um estudante de publicidade, que é até um pouco mais perto, tem uma estudante de educação física, tem um menino que é agente de saúde, que tem o segundo grau. É tão variado! Na primeira turma a gente tinha um gari, uma estudante de jornalismo e a gente tinha um estudante de geografia. Era nesse nível assim. De pedagogia também. Tinha dona de casa, ciências sociais. Então, eles têm uma vantagem que é a referência. Sem dúvida é uma vantagem, não é do zero. A gente foi aprendendo e eles foram aprendendo fazendo. Agora não, eles viram, podem ver na internet. É claro que é uma vantagem, mas na hora de fazer mesmo, na hora que pega é do zero. É bem do zero.

Lilian

Matérias como a do Peter que fez um rap na reportagem estão surgindo tanto quanto na primeira turma?

Mônica

Sim. É bem parecido.

Jaque

Eu acho que quando eles se inscrevem no projeto, acho que todos eles têm um dado em comum: é o interesse, a curiosidade e a vontade de fazer. E tendo interesse e curiosidade você descobre as coisas que estão ali na sua região. Então, eles formam um núcleo ali. O pessoal do bairro, da região, os procura muito. Eles andam na rua... quando eu fui fazer a matéria dos apresentadores, quando a gente apresentou os parceiros, eles caminhavam na rua e iam falando com as pessoas. Então, as pessoas sabem que eles são um ponto de referência. Então, além da curiosidade deles, eles também são muito procurados. Tem um menino de Niterói, ele estava participando de reuniões na câmara de vereadores, de sessões na câmara de vereadores como cidadão mesmo e aí uma cidadã, que também estava na câmara de vereadores, reconheceu ele porque viu a apresentação dele na televisão no parceiro do RJ e aí na Câmara de Vereadores ela foi atrás dele, ela disse ah você é parceiro do RJ, então eu tenho uma situação assim, assim, assim. Então, muitas

vezes eles estão caminhando na comunidade, agora mesmo você presenciou na reunião de pauta que o menino veio falar da situação de violência lá na faculdade perto do bairro dele. Então, eles são muito procurados. Eu acho que existe uma coisa em comum que liga esses jovens todos desde o momento se inscrevem. Eles são curiosos, eles têm vontade de fazer e têm vontade de aprender. Eu acho que o fato deles terem sido seleccionados para esse projeto na TV Globo eles levam isso em consideração e é muito bom.

Lilian

E Jaque você acha que tem um que de liderança comunitária? Existe o querer ser porta-voz da sua comunidade?

Jaque

Eu acho que todos eles disseram.

Gisela

Eu acho que eles não querem ser líderes comunitários, mas todos têm interesses em ver melhorias para as comunidades deles.

Mônica

Porque esse termo líder comunitário implica uma certa política e é tudo que a gente não quer.

Gisela

A gente na seleção mesmo, a gente mergulha um pouco nisso porque a gente não quer nenhuma liderança. Esse é um bom caso, o que a Jaque lembrou do Jonathan, porque ele é um cara que é conselheiro tutelar, tem uma escola de samba do segundo ou terceiro grupo, ele sabe tudo de Niterói, ele é muito preocupado. A gente insistiu muito: Jonathan você vai ser prefeito um dia e ele falou “tudo menos isso na minha vida”. Ele falou com sinceridade, porque ele percebe que pode fazer, ele pretende fazer pela comunidade dele por um outro lado, como cidadão. Ele acha que é um dever de todo cidadão e ele nesse momento acha... a gente até tinha dúvidas se ele ia conseguir conciliar tudo que ele faz para estar no projeto... e ele fala que é uma das prioridades da vida dele é poder ajudar a cidade dele. Por isso, ele participava dessas sessões da Câmara de Vereadores. Ele está interessado se aumenta a passagem de ônibus, se o cara tal diz isso e não é coerente com aquilo. Então, não acho que sejam líderes que queiram falar em nome da comunidade para um político, mas sim querem trazer algum benefício para a comunidade deles. Todos nós queremos, né?

Mônica

Eles podem estar inseridos nas matérias dessa maneira, da forma de que eles são. Então, por exemplo, o Jonathan – ele é vinculado a Igreja, uma paróquia lá em Niterói – quando nós fizemos a matéria da JMJ que chegou à Niterói a Cruz, naquele dia entrou uma outra matéria feita por um repórter e ainda assim a gente conseguiu colocar o parceiro no ar, que ficou tão parceira a matéria, ele encontrando as pessoas da paróquia dele. Então “eu estou aqui com o pessoal da minha paróquia”. Então, é uma proposta diferenciada...

Gisela

Eu acho que essa voz, essa liderança, na verdade isso fica muito claro, isso que a Mônica falou, lembrando o que a Jaque falou na reunião também – ela disse que a melhor sonora de 2013 foi aquela “não nos mande conta, nos mande vela”. É um tipo de sonora, a gente garante com elas algumas sonoras em alguns VTs que são muito peculiares. São muito sonora parceiros, porque o entrevistado se sente muito a vontade do lado do entrevistador, porque provavelmente aquela senhora já viu o Leo circular ali naquela viela, naquela rua, cinquenta vezes ou mais. Então, eu acho que eles conseguem um diálogo com os moradores muito próximos, muito mais próximo às vezes que uma equipe que chega uma vez e nunca mais vai àquele lugar, ou vai daqui a três anos. Acho que essa é a diferença, eles são a voz. Eu não gosto da palavra líder, mas acho que esse é o diferencial.

Lilian

Seria um novo modelo de telejornalismo comunitário?

Jaque

Não, eu vejo na maneira de abordar as pessoas na comunidade deles. Eles são muito mais próximos e por isso as respostas me parecem muito mais autênticas. Eles não estão falando para um repórter da TV Globo e estão falando para um profissional que hoje está na TV Globo porque foi selecionado, mas é um vizinho deles. É uma pessoa que tem a mesma ideia de vida deles, que foi criado, a maioria deles foi nascido e criado na comunidade onde eles vivem. Outros já vivem há muito tempo na comunidade e por isso foram escolhidos, né? Mas o que eu vejo de diferente é a maneira mais simples de se abordar, sem rodeios. Quando uma equipe de reportagem chega ali, a equipe de reportagem não faz parte daquele ambiente. A gente faz parte na medida que somos todos profissionais e a gente tem que estar inserido em todas as situações, ser bem informado em todas as situações. Mas, ali eles estão falando sobre uma coisa que eles também passam, coisa que eles também sofreram. Como essa matéria, que para mim foi uma das melhores matérias até hoje, essa da falta de luz que foi a Bernardes que fez, o menino estava ali na casa dele, na casa dele que estava faltando luz, né? Então, ele estava retratando uma situação que é de experiência própria dele e isso é um diferencial bastante grande. É um limite, daqui pra cá é a minha comunidade, daqui pra cá eu estou vivendo, tô relatando aquilo que eu estou vivendo. Uma coisa é você está na redação e saber o que acontece nas comunidades. Outra coisa é você está na comunidade e ver ali o que acontece com a casa do seu vizinho e ver que aquilo ali pode ser uma pauta, reconhecer que aquilo ali pode ser uma pauta. Na edição anterior, que eu não participava, mas a Gisela muitas vezes dá esse exemplo, em Caxias que a menina falou “ah o lixo ali na porta da minha casa”. Para ela que vivia aquilo sempre tinha um lixo na porta da casa, como sempre teve um lixo na porta da casa, e relatando para a Gisela, a Gisela chegou e disse isso é uma matéria. Eles também aprendem a olhar com os olhos deles aquilo que eles estão acostumados, que faz parte da realidade deles e que eles, talvez, tendo um outro olhar vão ver que aquilo chama a atenção porque aquilo é notícia. Mas talvez não estivesse chamando a atenção porque era rotina pra ele, era corriqueiro. Tem os dois lados.

Mônica

Essa percepção... Tanto que nessa matéria da luz, essa sonora que todos comentaram, a ironia daquela moradora, os parceiros não tinham dado valor a essa sonora. Eles nem colocaram na decupagem. Quando eu percebi que tinha esta sonora eu até liguei para eles e disse para o Luiz, olha só você não colocou na decupagem essa mulher da vela. Ela é maravilhosa. Ele: ah achou? Eu não achei isso tudo. Tá sem foco. Ele estava muito preocupado em fazer tudo certinho como

ensinaram tecnicamente. Ele tava com aquela visão...Até valia um desfocadozinho para garantir aquela sonora. Então, isso eles estão aprendendo muito dentro da ilha. Alguns vem mais que outros.

Gisela

A gente pede para eles acompanharem a edição, porque na edição é que eles entendem o que daquelas duas horas de gravação que eles tem em fita, uma hora e meia, o que vale e como é que é montado um VT.

Lilian

O VT tem sempre três minutos?

Gisela

Não sempre, é uma média. Tem VT que tem três e meio, outros, quatro e tal, cinco e tem VT que tem um minuto e meio. A gente tem uma certa autonomia nisso. A Jaque avalia, a Mônica avalia ah tenho um VT de um minuto e meio porque é isso. Elas já vendem para a Cecília, que é a editora-chefe e ela em geral compra. A não ser que naquele dia o jornal esteja muito curto e ela fala, pra mim não dá está muito grande. Aí ela vê e diz olha tem essa gordura.

Lilian

O parceiros já está no planejamento do jornal?

Jaque

Ah já.

Gisela

Não só faz parte como é exigido.

Lilian

Você vê diferença de um primeiro momento para agora?

Gisela

Não, eu não vejo. No primeiro momento o jornal não estava acostumado. Então, a primeira semana, a segunda, vai entrar não vai tanto fazia. Eu acho em dois meses ou até um pouco menos, a Cecília já exigia muito. Na primeira temporada tinha todos os dias. Tinha que ter e quando não tinha ela reclamava. Raramente não tem. A gente não tem nenhuma briga por espaço, pelo contrário, o parceiro é muito bem-vindo pelo editor-chefe do jornal.

Lilian

E essa linguagem que eles adotam também está liberado?

Gisela

A nossa preocupação é não trazer nenhum benefício em causa própria, mas nesse caso ele é um morador. A gente conta que ele é um parceiro que está ali para falar da sua comunidade. E ele

está contando que 252 pessoas não têm luz, inclusive eu. É uma forma dele contar como uma pessoa que está vivendo aquilo. A comunidade é que está contando pra gente uma história no jornal. Eles são essa comunidade. O Léo, quando ele faz isso, ele é a voz da comunidade. Ele é, ele mora ali. Não é a minha casa em Laranjeiras que eu vou a minha casa e a do meu vizinho estão com um problema de cupim. Ridículo, né? Agora, é alguém que está falando em causa de uma comunidade inteira e está se inserindo no contexto.

Lilian

Eles já têm essa percepção?

Gisela

Sabe o que aconteceu muito no projeto passado, eles mesmo contavam, “pô sabe meu vizinho me vendeu que o cachorro dele sumiu e ele quer que a gente faça uma matéria para achar o cachorro dele? Vê se pode, vou ficar fazendo matéria sobre o cachorro do vizinho!?!” Eles mesmos ficavam pau da vida, porque eles pensavam eu vou ter que fazer uma matéria para sem pessoas da minha comunidade e não para um pessoa que perdeu o cachorro. Eles mesmos vinham com essa crítica e criticavam os próprios vizinhos. Eu não vou falar por causa de um amigo, eu vou falar para tentar ajudar um grupo, a minha comunidade, uma rua que está precisando de ajuda ou para contar uma história que é muito legal, que as pessoas vão ficar felizes. A mulher da empadinha do Alemão, que foi parar na novela das 8h, foram os parceiros do Alemão que contaram em uma reunião de pauta “tem uma mulher no Alemão que todo mundo conhece, que ela grita empadinha que vai lá no tímpano, do outro lado da comunidade. A gente tem que mostrar essa mulher, uma figura, todo mundo fala dela. Se todo mundo falava dela no Alemão, porque que a gente finalmente entrou no Alemão com a pacificação, por que a gente não mostra ela no telejornal? A gente mostrou, todo mundo adorou o VT e ela acabou sendo convidada para participar de uma novela.

Lilian

E como é que está agora tendo essas crises nas UPPs?

Gisela

Eles não fazem nada, absolutamente nada de segurança pública, eles nem mencionam. Se alguém chegar par eles para vender uma pauta de segurança pública eles nem vão dizer para a pessoa ah tá, vou passar, porque a gente não nunca que o nome dele seja associado a qualquer reportagem vinculada a medo, segurança, policiamento. Nada, absolutamente nada. Então, é assim: se tem alguma situação em alguma comunidade que eles não se sintam seguros, eles dizem isso pra gente. A gente diz o tempo inteiro, deixa muito claro. Hoje mesmo o David falou do Jacaré, eu disse se for perigoso você não vai fazer. Na fase de treinamento a gente encheu tanto o saco deles. Então, se tem um lugar que eles não vão se sentir seguros, não vão se sentir bem, eles não vão fazer a matéria naquela localidade. O Leandro e a Aline, por exemplo, eles iam fazer uma matéria na Roupa Suja, mas segurar um pouquinho só para não ter qualquer problema. Porque as vezes, por mais que eles sejam conhecidos, uma câmera pode atrapalhar.

Lilian

Como está a avaliação do grupo até agora?

Gisela

O resultado está bem satisfatório. Eu tenho conversado com o Miguel, que atualmente é o diretor, a Cecília também. Eles têm gostado dos VTs.

Lilian

Outra coisa legal, você falando hoje vamos facturar...

Gisela

Depois eu pensei não devia ter usado esse termo. Mas o que a gente quer dizer, que até tem a dinâmica do RJ Móvel, é mostrar a relevância da participação deles, de quanto eles são importantes para ali. Aí foi um VT do Vidigal. A Aline mostrou com o Leandro os postes que estavam com problema no Vidigal. Um pouco depois a Rio Luz e a Light tomaram as providências. Eles mesmos dizem que não existe maior satisfação no trabalho deles do que ver um retorno de um problema que eles mostraram.

Jaque

Mas eu acho também que a gente mostrar esse retorno, esse resultado, é quase que uma obrigação. Na verdade é uma satisfação que a gente está dando. De Duque de Caxias, essas duas vias que estão sendo asfaltadas, uma foi das primeiras, se não foi a primeira reportagem deles.

Gisela

Foi a primeira, a primeira matéria.

Jaque

Então, era a avenida Capivari que era lama e buraco do início ao fim.

Gisela

A Jaque para pegar nota teve que explicar onde ficava Capivari...

Jaque

Essas vias as vezes são importantes dentro da comunidade, mas fora dela as pessoas nem sabem que existe.

Mônica

Uma novidade esse ano é essa união com o RJ Móvel. Essa dobradinha.

Gisela

Na verdade é uma super novidade, mas não foi uma coisa vamos fazer isso. Foi muito natural, foi na hora. Foi Belford Roxo e São João do Meriti. Eles mostraram que tem um canal que separa uma rua e para você fazer a travessia as pessoas atravessam sob uns canos. A Cecília ficou tão chocada com as imagens... O David queria subir, mas a gente disse que ele não ia fazer isso. Ele queria mostrar a travessia, mas a gente não deixou de jeito nenhum porque aquilo é um risco para a população e ele se inclui, né? Aí a Cecília ficou chocada e

Mônica

A ideia era dar o VT no dia e no dia seguinte o RJ Móvel ir para fazer a cobrança com o calendário. Porque o parceiro a gente pode mostrar se resolveu ou não, mas não há o compromisso tão forte como o RJ Móvel que tem um calendário. Ela queria reforçar. Só que aí aconteceu algum factual, não pode ir, foi o incêndio. Aí o VT não foi ao ar e aí no dia seguinte, que era uma sexta-feira, o vai ou racha, vamos fazer no mesmo dia. Aí foi até melhor. Ficou o VT parceiros com a cobrança do RJ Móvel. Porque a gente já sabia, apurando a nota pé, que a prefeitura não ia resolver. Então, a presença do secretário já era para isso. Já era para cobrar e marcar uma data. E isso também atende a uma ideia do Miguel, que isso não aconteceu na primeira etapa, que é você aproveitar locais que são cobertos por parceiros para integrar o RJ Móvel ao invés de afastar. Porque na primeira temporada aconteceu algumas vezes do parceiro fazer uma matéria em um lugar e o RJ Móvel também. E aí um anulava o outro. Ou o RJ Móvel não vai mais a lugar de parceiro, ou você integra. Então, a opção foi por integrar. O que é muito legal. Então, isso fortalece. Mas tem que escolher bem.

Gisela

Na verdade foi natural. Não foi de caso pensado, mas a Cecília viu aquela situação e disse isso vai render. A gente pode juntar as duas coisas e com a força do calendário ali para uma cobrança. Claro que se ela perceber que isso pode ser feito novamente, a gente vai fazer. Não que vai virar uma regra, mas é um outro recurso que a gente tem. Como outros e outros e outros. Por exemplo, a MJM vem aí e tem umas pautas sensacionais. Um dos nossos parceiros, o Jorge de Caxias, aliás esse já veio bem, nos mandou um vídeo que a gente pensou foi ele quem fez? Início, meio e fim. Tinha até sonora do Paes. Era sobre o fechamento do Aterro de Gramacho. A gente não tem a menor dúvida que foi ele quem fez. Ele é muito bom, tem ótimas ideias. O Jorge é católico, frequenta a Igreja, faz parte de um grupo religioso e ele vai hospedar um monte de gente na casa dele. Como é que a gente não vai fazer um VT disso? Então surgiu a ideia de fazer alguns VTs de MJM com os parceiros. Essas ideias vão surgindo ao longo do projeto mesmo. Da outra vez foi inaugurado aquele projeto da prefeitura, 1746, aí a gente fez uma semana de testes do 1746 com os parceiros. Eles ligavam, mostravam o problema na área deles e viam o prazo da prefeitura. Depois a gente ia lá e via se esse prazo tinha sido cumprido. O bom é que no projeto a gente tem essa flexibilidade, esse jogo de cintura para ir se adaptando ao que acontece.

Jaque

Acho que é um projeto assim que você pode tentar todas as ideias possíveis, porque é uma coisa que mexe com a criatividade. Tanto deles que estão na rua, como nossa que estamos aqui. Nós com editores já somos acostumados a trabalhar. Eu já sei o que tenho que fazer, o repórter sabe o que tem que fazer, a gente conversa ali, a matéria chega, encaixa, pum. Agora, com os parceiros, a gente conversa alguma coisa, eles fazem alguma coisa, você pensa outra, vocês discutem e aí muitas vezes chega a matéria. Por exemplo, a matéria do atletismo... A gente quebra a cabeça mesmo para conseguir ter um início, meio e fim. Aí você vai pedindo umas partizinhas assim para você poder encaixar. Algumas dificuldades deles, eles têm vontade de retratar aquilo. Agora em contar história, as vezes eles pegam muito amplo, eles vão muito longe daquilo, pegam avó, tio, pai, irmão, irmã, para contar aquela história. As vezes é desnecessário. Por exemplo, em uma matéria de atletismo que eles fizeram, ela até já foi ao ar. Essa matéria demorou muito tempo para ir ao ar, porque eles foram fazer aqueles jovens treinando em uma comunidade. Aí fizeram um monte de professores, não fizeram nenhum atleta no local e fizeram quatro atletas nas casas deles.

Eu tinha o depoimento daqueles atletas sentados no sofá da casa deles ao lado da mãe, só! Aí eu cheguei e expliquei para eles, vocês mostram a situação lá, mostram os meninos que treinam no lugar, mas não mostram os meninos treinando no lugar. Então vocês têm que voltar e mostrar os meninos treinando no lugar. Aí eles voltaram e fizeram aqueles quatro personagens treinando no lugar, mas só fizeram eles treinando no lugar, não fizeram entrevistas no lugar. OK, você até pode mandar eles voltarem para fazer algo que ficou faltando, mas aí eu fiquei quebrando a minha cabeça e eu gosto disso. Eu fiquei quebrando a minha cabeça como é que eu vou linkar, cara. E eu acho bom isso porque é um desafio, busca a sua criatividade. Tu vais lá pensar como vai resolver aquele problema. Como eu não tinha os atletas lá, o que eu fiz, eu fiz os professores falando dos futuros campeões, daqui saem muitos campeões, usei a imagem deles treinando, frisei a imagem deles treinando, coloquei o nome deles e fui para casa deles. Porque eles não o link. Eles não tinham duas coisas ali: 1) Eles não tinham os personagens dando entrevista no local onde eles treinam; 2) Eu não tinha o link de sair de lá e ir para casa deles.

Lilian

E a dupla acompanhou essa edição?

Jaqueline

Não, não acompanhou não. Mas eu mostrei para eles quando o VT ficou pronto e mostrei para ele qual foi o subterfúgio que eu tive que usar ali para fazer o link.

Mônica

As duplas que acompanham a edição sempre serão as melhores, porque elas percebem como que é a montagem e mudam até o comportamento. Essa de Caxias, por exemplo, que é uma dupla ótima, a Jéssica ri muito, ri de tudo, então ela foi fazer a matéria do trem cheio eu disse, Jéssica está rindo do quê? Aí tivemos que usar cobrindo, sem mostrar a Jéssica. Só que tinha um momento que no áudio você percebia que ela estava rindo. Não deu para usar tudo, mas ela viu. Ainda está rindo, mas menos. No incêndio teve um take que ela estava rindo. Entrevistando uma mulher, tudo pegando fogo... Mas ela vem muito para a ilha, então ela vai conseguir resolver isso. E quem não vem vai permanecer no erro mais tempo.

Lilian

E a orientação Mônica é sem off. Por que?

Mônica

Para diferenciar...

Gisela

Acho que existe esse telejornalismo que a gente está acostumado a ver do off, a passagem, a gente nem fala a palavra passagem com eles. São as participações deles, porque eles participam o tempo inteiro do VT. A gente não quer que seja uma fórmulazinha pronta, uma forma em que eles façam alí e assim que a gente tem que fazer. Cada VT é um VT. E eu acho que o off ia deixar o vt como vários vtzinhos iguais, como outros. E é uma forma da gente deixar eles bem a vontade. A falta do off e toda a condução da reportagem no local deixa elas muito a vontade para contarem a situação naquele lugar. Não só eles como os entrevistados.

Jaqueline

O off caracteriza muito uma reportagem jornalística. Dentro dos padrões que nós estamos acostumados hoje qualquer matéria jornalística tem um off, uma entrevista e uma passagem. Ali é uma maneira que eles não têm que ter uma regra, não tem uma fórmula para eles fazerem. Eles têm que retratar aquela realidade que eles estão vendo ali. Seja para ser feliz, seja para ser triste, aquela realidade eles contam da maneira que eles sabem contar. O off é uma coisa que tu elabora um texto, que você corrige. Não que tem que ir errado no ar, de jeito nenhum, mas é uma coisa tão espontânea deles ali, que eles estão retratando o o que estão vendo.

Lilian

Então não é certo que eles fecham uma reportagem, eles fecham um vt.

Mônica

Chama de reportagem sim. Desde do meio do projeto anterior que está se chamando de reportagem.

Gisela

Aí eu acho que a gente vai entrar na questão de diploma...

Mônica

Vai chamar como?

Gisela

Vai ao ar no jornal. Não sei, é uma discussão sobre diploma?

O cargo deles é Parceiro do RJ. Foi um cargo criado, uma função criada. Eles não são repórteres. No jornalismo de hoje... a gente tem outras formas de reportar.

Jaqueline

Hoje é tanta tecnologia que todo mundo edita um vídeo. Meu filho vai lá e documenta o treino de skate que ele faz com os amigos dele e eles colocam no youtube. Reportar sem ser um repórter formado em faculdade.

Gisela

Reportar é contar uma história e eles contam histórias com toda a propriedade. A gente tem em todos os VTs um jornalista responsável, porque a gente sabe que existe uma responsabilidade jornalística, porque afinal a gente apresenta esse conteúdo dentro de um telejornal. Por isso que a gente pede toda a documentação que ampare a reportagem. Para que não aja qualquer tipo de erro jornalístico.

...

Mônica

E é isso. Como você diria isso? Ah, eu diria assim, assim. Fala aí para ver se vai ficar natural... Vai lá na cabine, grava como estivesse falando com a gente. Ali natural.

Lilian

A orientação é outra, né?

Mônica

A impressão que dá no ar é que ele estava lá e a gente cobriu. Joga um BG, entendeu?

Gisela

Senão fica tão quadrado.

Mônica

Porque o off gravado tem outra entonação. Eles nem saberiam, eles não são profissionais. Então, é outro esquema. Eventualmente pode se recorrer a isso, mas desse jeito com as suas palavras. E aí você descobre coisas incríveis. Assim que tem gente que você acha que a princípio não conseguiria fazer isso e consegue. O Mano de Santa Cruz, o primeiro VT dele no projeto ... o Miguel até queria abrir com esse VT, mas teve factua da Rocinha... O VT para existir foi uma cirurgia.

Jaque

Hahahaha Eu entendo você

Gisela

Porque inicialmente o que acontece, você vê o VT, o VT é muito legal mas é aquilo que você perguntou no início, eles já vêm mais bem preparados? Não eles vem, aí a gente analisa o material, aí tem uma imagem tremida, tem um áudio que fritou, falta uma pergunta essencial, falta entrevistar os escoteiros

Mônica

Errou o português...

Gisela

Aí tem que voltar no local. Então, tem vezes, que eles vão duas, três vezes. É um trabalho realmente, trabalhoso. Hahahaha Mas assim, eu acho que recompensa muito. Agora também acontece de vir de prima. Tem coisas que vem de primeira.

Lilian

Como é essa dupla Rocinha e Vidigal?

Gisela

É boa, é boa...

Mônica

É boa exceto quando a Aline se empolga nas sonoras.

Lilian

Ela fala muito?

Mônica

O que? Estamos fazendo um vídeo engraçadíssimo para exibir na reunião um dia desses aí. Os micos. Uma mulher louca. A Aline deixou a mulher falando dez minutos. Uma louca, louca varrida. A gente está editando os melhores momentos da mulher. Leandro ficou tão nervoso, que ele fazia sinais no final

Gisela

Mas Lilian, mas isso que a Mônica está fazendo acontece direto. A gente, quando percebe que está acontecendo isso, corta o entrevistado, muda de assunto, mas eles ... Eu lembro que a gente fez um treinamento com eles e fomos para o Jardim Botânico e eles ficam... Eles perguntam: o senhor vem sempre ao Jardim Botânico passear? Porque eu era da marinha, quando eu morei na suíça... e eles têm vergonha de interromper. Então, são sonoras de dez, quinze minutos. Aí, o exercício servia para isso. A gente assistia junto e falava olha isso. Aí era uma gargalhada só, acabava sendo engraçado esse exercício, porque todo mundo se divertia com as bizarrices que vinham e os erros que cometiam. Eles iam percebendo, porque acho que a melhor forma de aprender é vendo o próprio erro. O mais legal é que depois de alguns meses, hoje mesmo, eles vêm os primeiros VTs e não gostam. Eles falam assim: pô aquele VT podia ter ficado muito melhor.

Jaque

Por que eles mesmos vêm o desenvolvimento, a evolução. E também aprenderam a olhar com outros olhos. Eles mesmos dizem pra gente que as vezes assistem televisão e reparam no enquadramento, reparam no movimento, reparam na edição mesmo. Vão aprendendo a olhar com os olhos de quem quer fazer o melhor sempre, né?

Mônica

A Rocinha e o Vidigal teve três VTs na semana retrasada, porque calhou de ter factual. Mas você sabe que precisa colocar pilha neles as vezes. Leandro estava absolutamente desanimado de fazer esse do Vidigal para expectativa para o jogo [da Copa das Confederações]. Aí, nada, nada, aquele desânimo, depois conversar com ele sobre isso. É legal ele falar disso. Eu falei o Leandro, pô eu estou mais animada que você com a matéria. Que saco! Pô, tô querendo editar a matéria. Aí reclamei, reclamei, reclamei e disse que se não quiser fazer tudo bem, mas estou esperando hein? Aí fez. Aí a Aline veio na reunião e disse, posso falar contigo, vem cá botou pilha no Leandro? Obrigada! Aí o Leandro veio falar comigo que realmente tinha dado uma desanimada. Não sei porque as vezes acontece, né? Mas depois eles voltam

Gisela

As pautas são eles que trazem, mas é claro que assim, por exemplo, lembrando do primeiro projeto, eles que trazem as pautas como você viu hoje, mas tem um grande factual e a gente fala vamos fazer matéria disso, porque fica até feio a gente ficar de fora. Aí Cidade de Deus, aquela história que a gente estava comentando, Obama ia visitar a Cidade de Deus. A gente falou dupla, vocês vão ter que fazer um VTn da expectativa do Obama. A gente pediu. E foi logo no início, foi logo o primeiro VT deles. Não tem como não ser feito, né?

Lilian

Engraçado que eu comentei isso agora com eles: tem muito factual e ele me respondeu porque nós somos privilegiados, porque a nossa comunidade tem muita visibilidade.

Gisela

Mais é verdade. Cidade de Deus falava.

Lilian

E aí, o que acontece com Rocinha e Vidigal?

Gisela

Alemão também.

Mônica

Aliás, também, uma novidade é a grande quantidade de factuais, né?

Jaque

Ah, eu também ia falar isso.

Mônica

A que você atribui isso Gisela? Você que se reúne com a Cecília...

Gisela

Não eu não acho que tenha mais não. Eu acho que a gente fez bastante da outra vez. A gente fez Obama, a gente fez a chuva de Niterói, que até a dupla da Tijuca (?) perdeu o equipamento.

Jaque

Você sente que tem mais factual que no ano passado.

Gisela

Não sei se tem mais...

Jaque

Talvez a gente esteja dando para eles...

Gisela

São Vts factuais e VTs produzidos, que eles têm mais tempo para fazer e tal. Muitas vezes eles vêm com factual e o factual vai ser ruim, por exemplo, vai inaugurar uma academia da família na praça tal. Aí vai lá o subprefeito, pá, esse VT é chato, vamos fazer depois um VT sobre a academia? Mostrando as pessoas praticando exercício e blá, blá, blá... A comunidade ganhou com isso. Então a gente também usa o factual para produzir VTs. Agora de fazer o factual, eu não sei se aumentou, eu não tenho essa certeza.

Mônica

Aumentou, mas eu acho talvez, a gente não tem exactamente um motivo. Há uma demanda da chefia, há uma receptividade boa, a gente já programa mais...

Gisela

Não sei se é bem uma demanda, porque muitas vezes a gente oferece, A gente diz tem esse factual, vamos fazer?

Mônica

Demanda não, me expressei mal. Uma aceitação, a Cecília está aceitando mais os factuais

Gisela

É um projeto que anda muito bem, assim, paralelamente [ao jornal], muito bem. A gente vai andando, vai oferecendo e o RJ é muito aberto mesmo. Na verdade, a gente está falando como se fossem duas coisas, mas não são né? É uma coisa só, mas como a gente se reúne separadamente, mas é uma coisa só. Por isso, eu realmente não vejo que tenha mais factual agora, que tenha mais aceitação, sempre teve, sempre foi o objectivo estar acontecendo ... Eu me lembro de três factuais sensacionais que foram o Obama, obviamente, Lixo (Caxias) então são quatro, incêndio do Mercado de Campo Grande, que a gente fez as melhores imagens do Rio de Janeiro, todo mundo demorava uma hora para chegar em Campo Grande, a gente chegou em dez minutos. Eles estavam na rua, gravando outra coisa, souberam do incêndio, a Mariane, que era da dupla, fez umas imagens espectaculares que foram para todos os telejornais da emissora e ela foi contratada como cinegrafista. Ela é única mulher que faz cinegrafia na TV Globo. Outro factual que teve, a chuva que eles perderam uma câmera. Aquela corrida do Alemão que o Tiago chorou emocionado com a Alana. Tem muito factual gente, talvez porque esteja mais longe da nossa memória. E talvez a gente tenha uma agilidade maior agora. Assim tipo pá, pum. Talvez até a gente, a gente tenha mais prática.

Mônica

E tem uma disponibilidade agora que, vamos supor, a vai rolar alguma coisa, a gente tem pouco tempo para editar, aquilo é um factual, tal, tal, tal, a Cecília se dispõe a botar um VT maior parceiro e um outro menor factual. Até isso está acontecendo que é uma coisa bacana de você ter a possibilidade de colocar dois VTs no ar. Dependendo do caso.

Lilian

Isso não acontecia muito não?

Gisela

Acontecia algumas vezes, mas pouco.

Mônica

Acho que agora está consolidado. É uma vitória do projeto. Você conseguir esse espaço.

Jaque

Você dar a matéria factual, jornalística, e dali um ladinho. Um olhar diferente

Gisela

Um olhar

Mônica

Que nem essa da JMJ lá em Niterói. Fizeram o minutinho deles. Ficou com um e pouco, só. Mas foi um parceiro, não precisou aquele vtzão.

Gisela

Aí, por exemplo, a gente está falando de reportagem e aí voltando para aquela história do que eles fazem, porque assim a gente tinha aquela história: a gente tem o vídeo amador da colisão do avião na torre do World Trade Center. Essa pessoa está mostrando um fato, está reportando. A gente usa VT, porque a gente usa VT para tudo.

Mônica

No ar fala reportagem dos parceiros. ... Você tem um material forte para estudo com várias outras duplas. ..

ENTREVISTA VERA IRIS – 30.07.2014 – Rede Globo de Televisão, Jardim Botânico

(Antes de iniciar a entrevista fiz um resumo do meu doutorado)

Dia 31, amanhã, termina o contrato deles. Eles deixaram prontas uma série de reportagens que vai entrar no ar de encerramento da série, por exemplo, talvez isso fosse interessante você dar uma olhada. Eles fizeram... uma dupla foi no bairro de outra dupla do projeto junto com a outra dupla. Fizeram uma matéria em quatro, uma dupla foi para descobrir coisas de sei lá, acho que Rocinha foi para Niterói, Duque de Caxias foi para num sei aonde, entendeu? Eles fizeram isso e parece que vai ficar interessante. As meninas estão editando. Eu não vi só sei dessa concepção. Deve entrar no ar na semana que vem. Termina, a gente para aqui, essa edição, esse projeto nesse momento e retoma como a gente retomou ano passado. Aí começa, entra a parte do RH, seleção...

Já está certo que vai ter a terceira turma?

Deve ter, deve ter, estava previsto. A terceira turma que vai começar a trabalhar em 2015. Essa turma ficou um ano e meio. Na verdade a gente esticou, seria um ano mas a gente acabou esticando até o dia 31 de julho para eles terem a experiência da cobertura da Copa, que seria uma coisa única. Pela primeira vez a gente, vamos dizer assim, o jornalismo teria o olhar da cobertura da Copa via esse olhar de moradores de comunidades. O que acontece nessas comunidades, tirando algumas assim mais próximas ou mais midiáticas, Rocinha e outras, você não sabe o que acontece num evento de Copa do Mundo.

Ninguém pauta nada nessas comunidades?

Não dá tempo, porque você tem tantas outras coisas acontecendo na cidade que como é que você vai disparar uma equipe para Nova Iguaçu para ficar lá olhando o que está acontecendo sobre a Copa? Nunca. Belford Roxo... E no caso tendo os parceiros, virou uma facilidade. Acho que isso foi uma característica desse projeto, nesse momento, nesse ano de 2014, que é um ano já com eventos robustos, planejados, não é de eventos inesperados, mas isso não estaria previsto se a gente não tivesse o projeto. Aí eu acho que nesse sentido, aí agora já falando um pouquinho do que você já começou a falar, acho que nesse sentido a colaboração desse audiovisual comunitário como você está falando e a gente chama de jornalismo comunitário para os telejornais locais do Rio, de São Paulo, Minas e Brasília, que é onde o projeto está instalado, acho que essa colaboração foi inédita, pioneira e trouxe uma riqueza, que nunca teríamos antes de ter o projeto. Eu acho que só isso já vale a pena. Quando a gente terminou a primeira edição do parceiro, que teve a festinha, a gente falava para o grupo que estava saindo que ia ser diferente. Foi tão surpreendente aquele entrosamento, aquele trabalho, aquela resposta, aquele resultado e o que a gente teve de mudanças, inclusive, da redação ao acolher aquelas pessoas que não tinham a formação formal do jornalismo, não tinham a mesma formação cultural, não tinham a mesma formação de postura e atitudes. Várias coisas diferentes que eles chegaram fazendo e saíam um pouco daquela etiqueta básica de entrar numa redação de telejornal, fez uma mexida muito grande nisso. Tanto de um lado como de outro, nos dois lados. Tanto eles viram uma outra realidade e aprenderam muito, tanto os jornalistas que estavam pré-estabelecidos, mecânica e acomodada, vamos dizer assim entre aspas, recebendo ali naquela rotina, recebendo aquele choque, impacto. Aquilo assim poderia dar tudo errado, mas houve assim essa mistura, esse mix, essa mescla que foi muito importante para as duas partes, bastante para quem está dentro da redação. Então, quando essa primeira edição foi embora, esse primeiro grupo foi embora, nós dizíamos “nossa que surpresa, foi tão bom, tão bom esse trabalho, que será que a segunda equipe vai fazer?” Mais nada, porque já parte do pressuposto que você já viu aquilo acontecer daquela forma, a outra já é repetitiva. Já não traz tanta riqueza.

Hoje terminando esse projeto, essa segunda edição, a gente estava falando e acho que uma das coisas que me marcou foi isso. A gente pensou que ia ser muito igual, muito repetitivo, mas surpreendeu por duas razões. Primeiro porque as pessoas são outras, podem ter tudo isso que eu falei, mas são outras pessoas ponto. E a gente está acostumado a trabalhar com pessoas, mas a gente acredita nisso. E, teve esse upgrade do Brasil que foi a cobertura da Copa.

Uma oportunidade...

Única. Nós tivemos nesta edição em algumas duplas um início, que nós olhamos e dissemos “nossa isso não vai dar certo de jeito nenhum.” Eles não se afinavam nada, nada. Nada mudou, todas as duplas continuaram, não teve resistência, nenhuma demissão, nada, nada.

Na primeira turma algumas pessoas foram absorvidas...

É, é. Mas nessa a gente teve algumas conversas difíceis, tiveram duplas que não se deram até o final. Esse caso específico, que é a dupla de Santa Cruz, dois belos exemplares da raça negra, muito interessantes, cada um com uma formação...completamente diferente um do outro. No começo foi muito difícil, mas na segunda, nessa reunião que a gente teve, que cada um falou um pouco, um deles, o Alessandro falou que foi muito difícil o começo e que hoje viu o quanto foi importante estar com uma pessoa tão diferente dele. E quanto ele aprendeu com essa pessoa, o quanto que ele mudou. De repente eles viraram mesmo amigos e parceiros. E alguns saindo já com projetos, um de uma dupla, outro de outra dupla, isso aconteceu também. Essas afinidades que se encontram de outros lugares. Os moradores da periferia, das comunidades, eles têm uma característica incrível. Eu aprendi isso com o Marcus Faustini, a característica de ver coisas de que você não veria normalmente, quer dizer, não conviveria normalmente, como a gente, diferente da gente. A gente circula em uma área onde as coisas são muito semelhantes. A gente busca as áreas das nossas semelhanças.

Eles as vezes são empurrados para outras áreas...

E diferentes. Então aquilo faz com que ele absorvam muito mais do que a gente.

Eles são muito mais esponja de não perder nada.

Está certa. Então tudo isso trouxe pra gente pessoas excepcionais.

É certo dizer que esta turma teve um desenvolvimento diferente?

Não, não. Cada turma é uma turma, não dá para comparar. Eu não compararia porque eu acho que não é justo. Eu tenho hoje amigos da outra turma, que já saiu daqui em dezembro de 2012. Três trabalham aqui, então a gente se vê muito, a gente almoça. Eles me consideram uma pessoa da relação deles hoje e eu os considero também. Nós não saímos, vamos ao cinema e tal, mas a gente se fala, troca. Tenho a facilidade com esses que trabalho, porque não vou encontrar com eles em Campo Grande, mas eles estão aqui todos os dias. E uns quatro ou cinco da outra turma que de 15 em 15 dias mais ou menos a gente se escreve, se liga, manda whatsapp, há uma certa frequência de troca. Muitas vezes é um pedido, uma consulta, uma orientação, ok. O que eu quero dizer é que esse período que nós convivemos, proporcionou a eles e a mim essa relação. Tudo bem, eu tenho “n” estagiários que me consultam, então porque não? eles também. Eu respondo a todos. Isso para mim é um valor. Um valor alto, porque eu gosto deles, eu gosto de saber da vida deles, o que aconteceu depois. O problema, morreu a mãe, fico sabendo, eu não consigo ir ao velório

em Campo Grande, é muito difícil, mas eu sinto aquilo, escrevo, ligo, me preocupo, faço na medida do que eu posso. Eu tenho essa relação de como uma amiga.

De bem-querer, né?

De bem-querer! Exatamente o que você falou. E de um valor muito grande para mim.

Talvez tenha sido surpresa? Não se tinha essa expectativa?

Não. E aí não sou só eu. A Gisela é muito querida deles. Ela fica muito mãe deles e acompanha e aí vem tomar café aqui, a Gisela senta ali e a gente toma café e tal. Eu estou falando sem parar...

Tudo bem. Essa questão afetiva dá para perceber já na reunião de pauta. A forma do conduzir, do abrir a visão deles do que é uma pauta.

Exatamente. Então você trabalha em duas vertentes. Só para trocar um pouquinho com o Programa Estagiar, com a formação mais técnica dos estagiários. Esses sempre vêm de uma faculdade de comunicação. Esses estagiários trazem uma bagagem da universidade, que é uma bagagem especialista, técnica, especializada, não vou discutir se é boa ou não, se está certa ou está errada, mas uma bagagem. Quando eles chegam aqui, estão no sexto, sétimo período, característica completamente diferente. Você fala em pauta, eles sabe, ouviram pelo menos na faculdade falar em pauta, fizeram pauta, aprenderam pauta. Então, eles sabem. O projeto, desde o princípio, uma das premissas era eles não são estudantes de jornalismo. Quando você fala isso e manda selecionar, quem aparece? Curiosos. Gente que acha a TV Globo legal, gente vê uma oportunidade de trabalho, de emprego, enfim, todo tipo de gente. Eu sempre achei que o trabalho de seleção do RH da TV Globo na primeira, na segunda e em todo o Brasil, ele fizeram um estudo para isso, o que foi piloto aqui e depois foi para os outros estados, sempre a mesma forma de seleção. Eu achei sensacional. Eu acho que trazer morador aqui para dentro, de comunidade, com todas as implicâncias que tinham e com o jurídico pegando pesado, fazendo um contrato para não ter problemas, eu achei que o RH foi fantástico na seleção, porque quando chega pra gente, já chega selecionado, sei lá, são cinco seis etapas, quando chega para gente nas últimas três etapas, o que a gente tem já é uma nata. Eu estou querendo te dizer que como eles selecionam e dá certo no sentido de que essas pessoas selecionadas têm dentro delas essas características dos estagiários. Nenhuma relação com o jornalismo, mas eles trazem dentro deles curiosidade, um pouquinho de formação, gostam da poesia, do texto, da literatura. Eles gostam da música, da boa música. Eles são pessoas antenadas, que estão lendo não o jornal tradicional, mas leem blogs, estão circulando. Estão conhecendo personalidades da comunidade e aquilo faz com eles tenham uma camada de conhecimento...eles não têm o conhecimento específico, mas eles têm por dentro, essa coisa mais interiorizada, a mesma essência da busca da notícia. A mesma essência da busca por mostrar aquilo que é um problema, que é uma coisa boa, que é uma realidade, sem saber. Por que eu estou te dizendo isso? Porque essas pessoas, aí você vai ver porque eu fiquei amiga delas, porque elas têm afinidades comigo. São umas graças de pessoas. Leem jornal, falam de uma música, falam de Bekett. Por que? Vão a grupos culturais, de teatro, fazem teatrinho, fazem poesia, fazem música, fazem literatura. Falam de Shakespeare, da mesma forma que esses meninos daqui do Estagiar. Exatamente por causa daquilo que você falou, que eu acho fundamental quando você dá aula para esses meninos, você percebe a sede e a necessidade. Eles agradecem demais. Hoje foi a sessão de agradecimentos, porque... Primeiro porque eles sabem que ao sair daqui hoje além de levar no currículo uma experiência realmente fundamental de mudança de vida e de comportamento e de conhecimento, eles levam a rede de relacionamentos. Quando eu digo assim, ah ela me liga pra gente tomar um café e pedir uma orientação, se ela não tivesse sido parceiro

não teria esse alcance como uma menina do Estagiar. A menina do Estagiar, você diz todo mundo lê o seu livro, tudo bem. A menina do Estagiar você dá o meu livro, ela vê o meu nome, sabe que eu estou aqui, ela me manda um e-mail.

Elas são cara de pau? (risos)

Muito! Mas estas pessoas, que não sabem que eu tenho um livro, tiveram essa oportunidade e podem ter daqui a pouco, no futuro essa orientação, essa ajuda.

Que é fundamental nesta área?

Sim e como você eles são sedentos e carentes de alguém que tenha um pouquinho mais e possa ajudar. Até porque é uma geração que não tem familiares com qualquer resíduo de conhecimento e informação que possa ajuda-los. São os primeiros a entrar na universidade. Não tem! Então eles veem a gente neste papel. Eles acabam buscando aqui um lado pessoal que é o do conselheiro, do orientador.

Essa mesma geração vive também a tecnologia que facilita o acesso à informação e que se ela não tem...

Um curador.

Uma referência, aquilo se perde.

Muito!

Então você acredita de estar neste período, neste momento da tecnologia abrindo portas, ajuda?

Acredito!

Aí eu coloco essa questão da parceria do profissional da Globo com eles.

Isso é muito bacana se você conseguir mostrar isso, porque vai além de todas as relações profissionais. Eu vou falar uma coisa agora: vai além de todas as relações profissionais que eu já tive. Porque... claro que eu fiz amigos, tive orientadores, mas ela tem uma característica que eu nunca imaginei que alguém encontrasse. Uma troca de afeto, de bem-querer, de compartilhamento de ideias e da minha parte uma admiração e um respeito. Eles são muito especiais e muito corajosas e querem ir à luta. O Peter, que é o autor da vinheta...

Eu conversei com ele por telefone...

Ele é uma coisa. Bom, ele fez a vinheta, a trilha, e agora ele fez, porque a vinheta, a trilha fala nos bairros da primeira edição, da segunda edição os bairros mudaram, então ele refez botando os outros. Bom, e essa música vai para o ar todo dia. Virou uma marca. Ele recebeu e aí tem os direitos autorais que o ecad paga e a globo distribuiu. Um trabalho que estou fazendo aqui dentro de legalização das músicas e o Peter recebeu um bom dinheiro. O Peter recebeu um bom dinheiro, comprou uma câmera pequena cannon. É uma câmera nova, que tem uma qualidade boa. Aí, me mandou um e-mail com um projeto que é o seguinte: ele é casado com uma moça que tem três filhos, então ele assumiu esses filhos, Cristiane que é uma super produtora. Tudo lá em Nova Iguaçu. E eles decidiram fazer uma viagem pela primeira vez com a família toda com uma parte desse dinheiro. Pesquisaram, pesquisaram, pesquisaram, o Brasil caríssimo para cinco pessoas e vão para o Chile. Seis dias no Chile. Voo à noite que é mais barato, enfim, e aí eles resolveram

transformar essa viagem...ele tem um canal no youtube...num blogvídeo, sei lá. Aí me mandou um projeto que se chamava *** a bordo, sei lá. Eu li aquilo e achei incrível. uma porque nós estamos legalizando as músicas, ele ganhou esse dinheiro e resolveu investir num sonho que vira um produto. Que pode virar um retorno financeiro. Aí a gente achou que podia aproveitar o material e já fizemos duas reuniões com ela, a mulher e uma editora da GloboNews e talvez entre em um programa da GloboNews. Já mudei o nome, agora chama Praia partiu Chile e o que é? É contar como uma família de Nova Iguaçu recebe um dinheiro e vai fazer uma viagem internacional. Aí, o que ele leva daqui para esse projeto? Eles conseguiram o hostel, o hostel já está entusiasmadíssimo com a chegada deles lá. Conseguiram um citytour de graça em Santiago com uma agência. Conseguiram um outro tour, outro dia, que vai levar eles ao Valle Nevado para ver neve.

Eles viajam agora?

Viajam no final de agosto. Aí vieram aqui. Marita comentou sobre o microfone, eu trouxe umas roupas de frio de casa, a menina da GloboNews trouxe mais uma mala, e ficaram felizes da vida. Então, compraram roupa de frio mesmo pela primeira vez, aí vamos ver se a gente empresta um equipamento etc. Para ajudar, um microfone. Eles já tinham um canal no Youtube, mas ver como aquilo é produzido, vislumbrar que aquilo poderia virar um produto, por que que ele me enviou, para dar uma opinião. Então eu acho que isso para a vida deles é uma coisa incrível. Para esses que souberam aproveitar. Tem vários que souberam aproveitar e tem outros que não. Dessa turma agora tem vários que entraram na faculdade.

Quando se pensou o projeto existia essa consciência de que haveria o estranhamento da linguagem?

Não, não, não. Eu acho que quando começou a concepção do projeto, como já partiu da ideia que não seria um jornalista, eram moradores e trariam o olhar do morador, cresceu junto a ideia que eles não trabalhariam no padrão jornalístico de telejornal. Não, eles eram moradores, eles não iam fazer jornalismo. Tanto que no começo a gente não falava que eles iam fazer reportagem. A gente falava que eles iam fazer captação. A gente não falava em passagem. A gente falava que eles iam fazer uma participação, uma intervenção. A gente não falava que eles iam fazer off, porque eles nunca fizeram um off e até hoje eles não fazem off. Essa é uma característica. Já partiu da concepção que eles não fariam jornalismo chamado audiovisual. Eles fariam o que uma pessoa comum, como eu e você, faz para mostrar uma coisa que no bairro deles, na rua deles, na casa deles, no morro deles não tá legal. Não está bem, não está boa, é um problema. E, também, o está bom. Então, como que eu chego aqui no local em que eu trabalho e tem um buraco. Eu olho ali e digo nossa esse buraco é muito grande, é muito chato, eu não quero mais esse buraco. Como uma pessoa que aquele buraco realmente atrapalha a sua vida. Então, tinha a ideia que eles não teriam, e não têm, o distanciamento que um repórter que vai àquele local tem. E, que aí o resultado da linguagem vem naturalmente por isso, quer dizer, quando um repórter olha uma situação e tem um distanciamento, a consequência dessa chegada, desse olhar dele distanciado traz para um tipo de linguagem. Quando é uma pessoa que não tem os vícios da reportagem ou então mora e habita e convive com aquela situação o resultado daquilo, trazendo pela capacitação é um resultado completamente diferente. O que resulta como linguagem audiovisual tem que ser naturalmente diferente.

Naturalmente fica mais personalizada?

Mais personalizado e mais pessoal, né? É subjetiva. Ela não tem o distanciamento da terceira pessoa. O repórter busca não ser, mas ele sempre é a terceira pessoa. Ele é o observador. O parceiro não é só o observador. Ele é o observador e o vivenciador. A pessoa que vivencia aquela realidade, aquela situação. Naturalmente a linguagem que ele vai contar é diferente de quem não vivencia. E aí, é uma tendência? Pode ser.

Esse tipo de jornalismo, que eu estou chamando de inclusivo, com a participação de quem vivencia, não vai quebrar o paradigma da neutralidade do jornalista?

Eu acho que há uma tendência a isso como sempre houve uma tendência, no caso da televisão, a se aproximar mais do telespectador. Você precisa dessa audiência então você fica cada vez mais semelhante a ele. Você busca essa atração, você busca trazê-lo para dentro ou ficar mais perto dele. Desde que eu estou aqui, tem 40 anos, que é assim. Essa é uma busca constante. Então, se a gente for trabalhar um pouco essas diferenças e essas semelhanças o que a gente vai ver nesse novo caminho, nessa nova linguagem dos parceiros? A gente vai ver que um pouco dessa busca pela atração do telespectador, pela audiência, pela semelhança, pode estar neste arcabouço desta linguagem. Então, você pode fazer ali uma passagem, se você quiser. Não estou dizendo que vai ser assim. E acho que não deve, não vejo como, mas acho que aqui tem elementos, nessa nova linguagem que levam a um anseio grande do telejornalismo, que é a proximidade, estar lá dentro. Eu lembro que o Armando [Nogueira] falava sempre: nós estamos dentro da casa do telespectador. Essa é uma frase que eu cresci ouvindo no jornalismo. Então, nós temos que respeitar, nós temos que falar direito, nós temos que se vestir bem, nós temos que falar bom dia e boa tarde, a gente está dentro da casa de uma pessoa. Desde sempre o jornalista está dentro da casa de uma pessoa e busca como está, como chegar lá, por questões de audiência, de comercialização. Aqui, nesta linguagem dos parceiros, eu não tenho a menor dúvida que você tem elementos que podem muito bem ajudar nessa busca e serem um pouco da base dessa busca. Eu brinco muito com os estagiários que a gente tem que ir construindo por tijolinhos a vida, a estrada. Aqui eu acho que você está pondo alguns tijolinhos para construir isso. Não sei se é isso, mas você começa a trabalhar com um pouco mais de... – eu digo sempre para eles que os tijolos têm que ser sólidos, quer dizer, quando você puser o segundo tijolinho o primeiro tem que estar firme – talvez seja isso, é o começo de colocar tijolinhos para essa tendência. Não acredito, porque você não consegue fazer todas as nuances de assuntos que você trabalha, o leque...

Agora, no dia a dia, que ajustes foram necessários?

Muitos. O início é sempre muito pesado para os editores, para os coordenadores, para quem põe mais a mão na massa. Eu fico mais um pouquinho distante disso, mas é muito pesado, porque a gente no final. Isso é uma aula que eu faço para eles durante o treinamento, que é um pouco da essência do jornalismo. Os fundamentos do jornalismo. A gente trabalha com verdade, com realidade. A gente só entrevista gente que fala a verdade e a gente precisa que aquela pessoa não invente. Eles não sabem que é assim. Eles não têm o conhecimento e podem pegar uma pessoa que diga que eu quero que você diga que isso está errado. Aí a pessoa diz, eles gravam e trazem para cá. Aí a gente não tem como saber. Então, esses primeiros dois meses é um trabalho pesado de mostrar a eles que não é assim. A primeira captação tem sempre que voltar duas, três vezes. Ao longo do projeto as meninas, as editoras, elas têm um trabalho detalhista e de muita atenção, muito foco, para perceber e fazer aquilo ser refeito. De dizer isso não é assim, tem que mudar. Perguntar você foi a não sei aonde? Tem que ir. Você ouviu o açougueiro? Não, tem que ouvir. Eu lembro sempre para eles a história do açougueiro, por isso falei do açougueiro. O que os parceiros mostram? Eles mostram sempre a coisa do detalhe. O problema é o detalhe. É o buraco de uma

rua que atrapalha a escola, e muitas vezes o açougueiro tem um buraco na frente do açougue que atrapalha e o açougueiro leva essa denúncia. E é um problema, mas é um problema do açougueiro. Quanto isso é um problema da comunidade? Quanto isso estorva a vida da comunidade ou o açougueiro? A gente não faz isso. O jornalismo não faz isso em benefício de um interesse. A gente não faz isso por ética, por princípio e eles precisam entender que a gente não faz isso. Agora, vamos lá. O que é que aquele buraco significa não só para o açougueiro, mas para a comunidade, para as três ruas em volta? Para a escola que tem ali perto? O problemão é do açougueiro, a gente não vai deixar de mostrar, mas eles têm que entender, a gente tem que fazê-los entender que ele tem que mostrar qual a dimensão daquilo porque às vezes não é matéria. Não é notícia. Aí a gente começa a trabalhar com matéria, com o que é notícia, o que é reportagem, com o que é passagem, onde vale uma passagem, o que ele está mostrando atrás da passagem quando ele não está vendo – que às vezes não é legal –, o que é bom, o que é iluminação e aí você vai desenvolvendo neles todo – alguns mais outros menos – o processo de jornalismo.

Uma coisa que eu observei nessa turma, posso estar até errada, mas foi o crescimento da cobertura factual.

É verdade.

Eles estão com mais felling do que é notícia?

Acho que foi uma tendência do projeto. Eu não sei te dizer quando aconteceu, mas eu acho que talvez pelos próprios eventos. Teve um momento, lá no começo, na concepção do projeto, que eles não falariam do factual. Até porque a gente não iria caracterizar como jornalismo porque não era. Aí a coisa foi evoluindo, aí eu acho que um mês depois o menino fez ali em Niterói umas imagens sensacionais da chuva. Ele andou na rua, saiu com a câmera, ficou legal e puseram no ar. E daí começa a crescer nesse sentido. Eu acho que nesse caso desta edição, eles começaram em fevereiro do ano passado, então no carnaval deste ano eles já estavam trabalhando, se planejou a cobertura. Eles passaram a integrar, como foi na copa.

Isso possibilita a leitura de um resultado hiper positivo do projeto?

Ah, eu acho que sim. Acho que é uma contribuição a mais para o jornal local, com um sabor diferente e a gente vê que tem algumas coberturas que eles fizeram para o RJ1 passaram para o RJ2 e alguns renderam rede. Uma ponte de Berlford Roxo, eu não me lembro direito, começou no RJ1, virou matéria acho que do Jornal Nacional.

Sobre o texto mesmo, acho que não tem off, não tem texto. Ele é um texto o tempo todo falado e é um texto pessoal, né?

Mas de certa forma quando você cobre com as imagens você constrói...

Ah, uma linguagem.

Nesse momento que se insere uma informação a mais com uma cartela ou caracteres, há um diálogo entre do parceiro e o profissional?

Pode ser. Eu acho que isso é positivíssimo porque por anos e anos não se abalava, não se impactava aquilo que existia. Quando você traz a não passagem formal, o não texto formal, o não entrevistado esperado. Quando você faz o não, você está dando o sim. Você está trabalhando uma outra linguagem, tudo diferente. Você pode falar o texto morreu, não. No audiovisual a gente

trabalha hoje um pouco mais por atração. Essa coisa mais documental, que é o trabalho dele que diz eu vou, eu vi, eu estou aqui. É muito pessoal e daí já tem uma coisa nova. Não é mais o olhar distanciado, o terceiro olhar, é o de dentro. Essa é a essência do parceiro.

ENTREVISTA ALIENE COUTINHO – Coordenadora Parceiros DF – 01.09.2014 – Por telefone

(Antes de iniciar a entrevista fiz um resumo do meu doutorado)

Como foi o início do projeto em Brasília? Quais influências vocês receberam dos parceiros do RJ?

Logo que os parceiros começaram, acho que em fevereiro, nós começamos aqui em julho de 2011. Logo que eles definiram que a gente ia ter o projeto em Brasília, eu fiquei no Rio duas semanas observando como era o procedimento, enfim. Aí a gente adaptou para Brasília, porque Brasília tem uma realidade totalmente diferente. A gente tem a periferia, mas a periferia não é como no Rio. Por mais que as pessoas aqui morem em periferia, elas têm esgoto, rua asfaltada, casa de alvenaria, acesso a teatro, cinema, escola, enfim a realidade é um pouco diferente. Quando eu fiquei no Rio percebi isso. Tinha parceiro que morava em casinha bem simples. A gente teve que fazer uma adaptação porque é periferia, tem problemas, mas não chega a ter problemas como tem no Rio de Janeiro. Mas, a didática foi meio parecida, pelo menos na primeira temporada.

Vocês também separaram oito regiões?

Não, aqui somos seis. Na primeira temporada foram Taguatinga, Ceilândia, Plano Piloto (essas três permaneceram nas três temporadas), porque Taguatinga é a cidade mais autônoma do DF, tem vida própria e é uma área grande, bem grande; Ceilândia é a cidade mais populosa do DF, a gente fala que é a cidade mais nordestina, com maior concentração de nordestinos; e Brasília, que é o Plano Piloto. Só que o Plano Piloto a gente abrange algumas áreas próximas como os lagos, Norte e Sul, e o Sudoeste, que é uma área nova que é próxima ao Plano. Aí foram essas três cidades que permaneceram nas três temporadas. Aí, na primeira teve Planaltina, cidade mais antiga do DF, tem cento e poucos anos, pertencia a Goiás e aí quando Brasília veio para cá, acabou incorporando ao Distrito Federal. Me deu branco agora....

Depois você me passa... Vocês já fizeram três turmas?

É porque no Rio estenderam para um ano e meio e aqui foi um ano cada. Nessa última menos ainda porque eles tinham que terminar em setembro e terminaram em julho por causa das eleições.

E você tem número de vts que foram produzidos?

Sim, eu tenho. Depois passo. Diferente do Rio, aqui eles entravam todos os dias. Na primeira e na segunda temporadas era um dia para cada região. Então, as pessoas sabiam, tudo certinho. Nessa última temporada a gente meio que bagunçou, não tinha um dia específico para cada cidade, mas eles entravam todos os dias, de segunda a sábado. Um quadro fixo do *DFTV 1ª Edição*.

Os VTs tinham um tempo pré-determinado?

Não, não. Os VTs tinham em média um minuto e 40. Eles não eram como os do Rio de Janeiro que tinham cinco, sete minutos. Eles participaram também do Globo Comunidade que a gente tem aqui e aí, uma vez a cada cinco semanas era dos parceiros. A gente escolhia um tema e eles desenvolviam os VTs na cidade em cima daqueles temas.

Aliene, você destaca alguma reportagem? Algum retorno que teve para a cidade? Alguém se destacou e foi contratado?

Aqui em Brasília ninguém foi contratado pela emissora. O quadro da gente é muito pequeno. Apesar das pessoas terem se destacado, ninguém foi absorvido. Muitos parceiros foram fazer comunicação social, porque não eram jornalistas e alguns nem tinham nível superior, acabaram indo fazer faculdade. Isso foi muito bacana, abriu a cabeça deles assim. Os problemas eram imediatamente resolvidos. A gente tem uma história muito legal. Na primeira temporada um menino morava em uma rua que há vinte anos toda vez que chovia, alagava. Em uma reunião de pauta ele comentou isso e eu disse: isso vale! Ele disse: não vale não, tem vinte anos que isso acontece. Eu disse: pôxa, já saiu na imprensa? Não nunca saiu na imprensa. Então eu disse quando começar a chover a gente vai fazer uma matéria sobre isso. Ele era diretor de teatro, ator e o outro colega dele, parceiro, era de tecnologia da informação. Não tinham nada a ver, mas os dois tinham um casamento perfeito. Um era muito bom de câmera e o outro era muito bom como repórter. E o outro se deixava dirigir também, quando era repórter. Enfim, quando começou a chover, a rua alagou e ele fez uma matéria que ele atravessava a rua dele em um caiaque e foi uma repercussão danada. No dia seguinte o administrador estava lá. O problema da rua é que ela é meio íngreme e só tinha uma boca de lobo que não comportava a água que descia. Então, no outro dia a administração, porque as cidades aqui têm administradores, como se fossem prefeitos, digamos assim, mas não é. O administrador colocou quatro bocas de lobo e já resolveu o problema.

Ou seja, era um problema simples que precisava da visibilidade para ser resolvido...

Exatamente. Então, muitos problemas que os parceiros trouxeram pra gente eram coisas pequenas, mas que incomodavam a comunidade e que acabaram sendo resolvidos. A segunda temporada teve mais facilidade. Na primeira eles procuravam os administradores e os administradores não os reconheciam como alguém da TV Globo. Se levou um tempo para isso. Na segunda e na terceira eles já eram conhecidos. As pessoas já ligavam. Eu sou sozinha aqui. No Rio e em São Paulo têm uma equipe. Aqui eu coordenava, corrigia os roteiros, editava os VTs, fazia reunião de pauta toda segunda-feira... Era que que aprovava as pautas, dava um redirecionamento, fazia tudo só...

Nossa... Você segurou essas três turmas sozinha?. Vai ter a quarta turma?

Não sei. Não sei se Brasília vai continuar.

(a ligação caiu...)

O que você tira dessa troca dos meninos com você, uma jornalista profissional? Tanto para a redação, como para eles...

Para ser sincera (risos), aqui em Brasília não eram todos que aceitavam os parceiros não. Eles achavam que os parceiros no começo podiam estar ocupando vaga de jornalistas. Enfim, foi um processo. Na segunda temporada foi mais tranquila, mas a primeira enfrentou muito uma, como eu digo, uma certa hostilidade mesmo. Acabava que a convivência, a gente ficava num lugar baixo da redação, não convivia diretamente com o pessoal da redação, mas eles começaram a perceber que o ganho foi muito grande porque eles começavam a pautar a redação por causa dos parceiros. Então começavam a ligar, embora a gente tivesse um e-mail específico, o telefone era o mesmo da redação. Então essas pautas que caíam lá a gente acaba dirigindo para as equipes de jornalismo, porque tinham umas pautas que os meninos não falavam como, por exemplo, tráfico de drogas, essa coisa que tem muito na periferia, boca de fumo. Essa pauta chegava, porque ligavam pra eles, mas a gente direcionava para o *DFTV*. Eu acho que para as comunidades foi super importante. Eu percebi o quanto que aumentou o número de pautas, as pessoas confiam,

pediam, é tipo um espelho mesmo, eles se sentiam muito próximos da redação por meio dos parceiros. Eu acho que isso valorizou muito esse relacionamento com as comunidades.

É mais ou menos como aqui. Talvez seja esse o grande ganho: essa entrada que a emisso consegue ter por meio dos parceiros, das pessoas que são seus pares...

E eles ficaram meio que famosos. Eles sempre comentavam isso aqui. Entrava no ônibus e ouvia: ih a parceira do DF pega ônibus. “Não eu moro aqui, sou seu vizinho, moro aqui. Eles ganhavam convite para ir para as festas, ficar nos camarotes dos administradores e achavam isso chique. (risos)

Tinha uma menina que só tinha o ensino médio completo, era dona de casa e tinha dois filhos, embora fosse muito jovem, vinte e poucos anos. Logo que acabou a primeira temporada ela se dedicou aos estudos e passou na UNB para Letras e disse: poxa agora eu descobri com esse projeto que eu posso tudo. Se eu consegui trabalhar na Globo, o que mais eu não posso?

A sistemática, o treinamento, o kit, tudo igual ao Rio?

Na primeira foi, mas na segunda eu descobri que eu precisava investir mais na prática do que nas palestras. Então, na segunda e na terceira a gente optou por ser mais prática: exibir vídeos, ir para rua, começar a gravar, testar câmera, testar áudio, testar luz, gravar passagens, como é que segura um microfone, essa postura. Então, a gente já pegou mais essa questão prática. Eu ia para rua com eles e com o cinegrafista que me ajudava no trabalho, Marconi Triston, e pegava mais na prática. Eu acho que deu mais resultado. A primeira temporada foi quase uma semana de debates e aí eu vi que não havia mais necessidade, eles foram recebendo nossas regras aos poucos.

E com relação a off. Aqui eles não gravam e aí?

Aqui eles gravavam off sim quando havia necessidade. Às vezes a matéria vinha incompleta. Porque é assim, quando eles vendiam a pauta para mim, já traziam quase um pré-roteiro e eles diziam assim já entrei em contato com as pessoas, eu estou imaginando começar a minha matéria assim, vou sair, vou mostrar isso, já faziam um pré-roteiro, que eu já mexia, aprovava e eles gravavam. Não era uma camisa de força, mudavam alguma coisa, mas quando eles traziam aquele material para mim e faltava um linkzinho entre uma passagem e uma sonora, onde a gente tinha bastante imagem, dava para trabalhar um offzinho, eles gravavam um off para mim tranuilamente.

Com orientação sua?

Sim...Eu deixava eles muito soltos. Tipo aqui em Brasília a gente fala muito véio, tipo assim esse linguajar deles era bem liberado.

**ENTREVISTA CLEBER CÂNDIDO MACHADO – Coordenador Parceiros SP –
04.08.2014 – Por telefone**

(Antes de iniciar a entrevista fiz um resumo do meu doutorado)

No primeiro a gente trabalhou com sete duplas e no segundo com oito duplas. O formato, a gente seguiu o modelo do Rio de Janeiro. A estrutura é a mesma, o perfil dos parceiros é o mesmo, a gente seguiu a ideia do Rio.

Pelo fato das periferias de São Paulo serem diferentes das comunidades do Rio, que ajustes foram necessários?

O perfil é bem diferente. O parceiros do Rio, eu estive aí algumas vezes no Rio para conhecer de perto, ver como funcionava, como lidava, então a gente acabou indo muitas vezes. O que eu vejo, a diferença de perfil mesmo é que os parceiros do Rio são muito mais envolvidos em comunidade. Aqui em São Paulo não existe muito isso. Acho que a geografia mesmo é diferente, então é muito mais forte no Rio do que em São Paulo. Os parceiros daqui têm uma ligação, mas não têm uma associação, uma ligação assim com a sua comunidade muito forte.

As áreas são de baixo poder aquisitivo, como são as do Rio?

A gente foi à região metropolitana e, também, a bairros distantes. São Paulo é uma cidade gigantesca. A gente não consegue sempre estar presente nesses lugares. Os parceiros vêm com uma visão de quem está lá e a gente consegue ter uma representatividade. A gente acaba colocando no telejornal aqui, histórias que a gente não teria condição de mandar um repórter, porque muitas vezes a gente acaba indo nessas regiões em caso de um factual que surge. Eles trouxeram para gente histórias bacanas, de personalidades dessa cidade, de seus bairros, e a gente conseguiu botar no *SPTV*. Talvez, as histórias talvez não chegasse para a gente aqui, até porque nossa cobertura, embora seja ampla, a gente não consegue estar em tudo quanto é lugar.

No parceiros do Rio a gente observa uma abertura na linguagem. Você tem um diferencial no tratamento da notícia do jornalista profissional para o parceiro do RJ. Aí em São Paulo você também percebe isso?

Exatamente. É totalmente uma linguagem deles, embora eles não tenham muita referência. A gente tenta passar todo o conhecimento para ele de como operar um equipamento, mas eles precisam ter uma linguagem, não tratar a notícia como a gente trata aqui como jornalista com aquela isenção. O parceiro tem propriedade para falar, porque ele está falando de um problema que é dele, um problema que é da região onde ele mora, um problema que persiste há anos e tem ali a oportunidade de falar. Nenhum é jornalista, uma regra do projeto é não contratar nenhum jornalista...

Mas tem estudantes?

Teve gente de rádio e TV, mas muito pouco. Essa é a proposta de contratar nenhum estudante de jornalismo e nem jornalista formado. Então a gente teve aqui gente que fazia arquitetura, gente que era da parte administrativa, de áreas completamente diferentes do jornalismo.

Quantos VTs foram para o ar na primeira turma?

A gente tem um jornalista aqui, o Márcio Canuto, que ele faz VTs que fica muito semelhante aos que os parceiros fazem. Ele tem um quadro chamado comunidade, que a gente exhibe duas vezes

por semana, então a gente exibe os parceiros nos dias que a gente não tem o Canuto. A gente não faz todo o dia. Então é segunda, quarta, sexta e sábado. Eu tenho aqui dessa turma que concluiu em 2014: foram 280 vídeos dos parceiros em um ano e sete meses. Foi mais de um ano, a gente acabou estendendo por mais seis meses.

Qual balanço você faz dessas duas turmas? De alguma forma os parceiros dialogaram com os jornalistas da redação?

A gente tenta sempre dizer para eles que eles não são jornalistas e que têm a liberdade de falar do jeito que falam ali na comunidade. Então, assim esse perfil é bem diferente. A gente tinha um skatista que tinha uma barba gigantesca, andava com boné, tinha todo o estilo dele. Foge totalmente do padrão do jornalista que é todo “corretinho”, não que ele estivesse incorreto, mas foge totalmente do padrão convencional do jornalista aqui. Então, ele tinha a liberdade. Ele mesmo falou no final do projeto “ninguém aqui nunca me olhou com um olhar estranho, me aceitaram do jeito que eu sou, do jeito que eu estive durante todo o projeto”. Então, isso foi bacana. A gente até gostava, porque era exatamente isso: ter no nosso telejornal pessoas diferentes. Essa era até a proposta. Ele chegou aqui, deixou a barba crescer, a barba foi crescendo, é o Danilo, se você for na página do G1 dos parceiros, você vai ver uma pessoa totalmente diferente. A maioria é assim, cada um tem o seu estilo. Alguns acabam se assemelhando aos jornalistas. O primeiro foi um pouco mais difícil, porque a gente não tinha referência nenhuma. Eles não tinham referência nenhuma, porque era o primeiro. A tendência era meio que copiar o que a gente já faz, mas a gente sempre chegava e falava: não isso está muito parecido e tal, usa o que você tem de bacana, o que você pode, para não ficar aquela coisa.. senão a gente tem um trabalho igual e esse não era o objetivo.

Aqui no Rio três parceiros acabaram contratados pela emissora. Aconteceu isso em São Paulo?

Aqui também. A gente contratou, eles saíram foram fazer curso, trabalharam no Senac e tal e a gente contratou três também. Um é repórter cinematográfico, é o Tiago Guerreiro, por sinal ele mandou muito bem nas imagens das manifestações, um cara que trouxe um diferencial. Foi muito bem elogiado pelo desempenho dele nas coberturas. A gente contratou também o Paulinho [Paulo Vieira], que é de Diadema, ele é editor de imagem, e recentemente nós contratamos uma outra parceira da primeira edição. Ela [Daniela Fausto] está área administrativa da TV. Então, nós absorvemos três.

Em termos de audiência percebeu-se alguma mudança com a presença dos parceiros no telejornal?

Em relação à audiência eu não consigo te precisar, porque a gente não tem um filtro só deles.

E a audiência do SPTV antes e depois da mudança, quando passou a ser ao vivo pelo internet, tem como avaliar?

Eu não sei te precisar se houve crescimento depois dessa mudança.

Tem alguma cobertura feita pelos parceiros que você destacaria?

Eles trouxeram tantas coisas bacanas... Destacar um poderia ser injusto. E aqui eles não são tratados assim. Eles são funcionários da Globo, mas que tem um tratamento diferente.

Mais pedagógico?

Também. Só para você ter uma ideia. Tem um menino que chegou aqui, que falava muito errado. O português dele era muito ruim e ele não conseguia identificar. Ele aí teve aula de português, porque a gente como uma empresa de comunicação tem que falar o português básico, correto. Ele mesmo, depois que entrou aqui, conseguiu perceber e na semana passada quando fizemos uma palestra com uma especialista em recursos humanos, recolocação no profissional, ele mesmo falou: pô, depois que eu entrei aqui percebi o quanto eu falava errado e a partir de agora eu sei que é uma falha minha, que eu preciso corrigir e que muitas empresas levam muito isso em consideração. Então, a gente dá esse tratamento. Por exemplo, durante todo o processo, aqui em São Paulo, como eu tenho acesso a algumas coisas culturais também, a gente leva esses meninos para teatro, cinema, porque muitas vezes ele não têm acesso. A gente tem que pensar também esse viés social. A gente levou a primeira turma, por exemplo, ao Teatro Municipal para ver um ballet. Um menino nunca tinha ido a um ballet clássico. Era corintiano, acompanhava torcida organizada, mas sentou ali e recebeu outro tipo de informação. O que a gente percebe é que esse menino mudou. Não que ele não pudesse torcer. Ele continua sendo corintiano, mas agora tem outros valores. Ele acrescentou na vida dele outros valores. Ele casou, criou uma outra responsabilidade na vida dele, tanto profissional como pessoal. Em um ano a gente consegue perceber essa mudança de comportamento dele. Como nessa última turma... chegou uma menina aqui que era intransigente, não aceitava o que o parceiro dela fazia. Era o primeiro emprego dela, aí a gente chegou e disse a que ela precisa mudar, porque assim ficava inviável de trabalhar. Sabe que foi a dupla que mais vídeos exibidos no telejornal, porque a partir desse momento ela pensou ou a gente se dá bem ou o nosso trabalho vai ser fadado ao fracasso. Então, quando eu olho para trás e vejo um amadurecimento. Isso é sensacional. Eles chegam de um jeito aqui e saem de outro, isso é muito visível.

Em Pirituba tinha uma rua que não era asfaltada há décadas. Os parceiros foram e mostraram uma, duas vezes e asfaltaram. A gratidão dos moradores foi enorme, porque eles tentaram de alguma forma, procuraram o poder público para resolver o problema e não conseguia e a gente foi lá, mostrou, cobrou e a prefeitura fez a parte dela. Teve uma praça pública também, no Campo Li..., que também foi no mesmo esquema. Uma praça toda detonada. A gente mostrou, a prefeitura foi lá e os moradores abraçaram a praça, fizeram grafitti com o símbolo dos parceiros. Uma vez durante umas ocupações de madrugada, os moradores acordaram e colocaram os invasores para correr, porque aqui é a nossa área de lazer, ninguém vai mais pegar. Então, eles se reorganizaram. O parceiros também envolve outros projetos. A gente levou o verdejando, um projeto que a gente planta árvores em algumas regiões daqui de São Paulo, para o Grajaú, onde temos parceiros lá. Era um bairro com nome de frutas, então, as meninas foram lá e fizeram um VT com os nomes das ruas e a gente levou o verdejando para lá e fizemos uma ação bacana. É o projeto dentro de outro projeto. Integrando ações de conscientização, de uma cidade mais verde. Engraçado porque o bairro tem nomes de frutas, mas tem poucas árvores. Então a gente foi lá colocou um morador para cuidar de cada árvore. Isso marcou também.

ENTREVISTA Diulara Ribeiro– Coordenador Parceiros MG – 14.10.2014 – Por e-mail

Oi Diulara,

como combinado, seguem as perguntas. Desculpe ficar te chateando, mas estou correndo contra o tempo. Obrigada pela atenção, tá?

abs,

Lilian

Quando vocês decidiram implantar o Parceiros do MG? Por que?

R: O Projeto chegou ao MGTV após ter sido implantado, com sucesso, no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. A ideia, em todas as emissoras, é aproximar ainda mais o telespectador do jornalismo da Globo. As duplas (5, no caso da Globo Minas) representam Vilas e Aglomerados e, após treinamento técnico, registram as histórias das suas comunidades : questões como saúde, educação, saneamento básico e curiosidades são alguns dos temas abordados pelos Parceiros. A forma como eles contam essas histórias, a partir de uma linguagem própria, com o olhar e o sentimento totalmente voltados para as questões que eles próprios enfrentam nos locais onde vivem, estreita essa relação entre o telespectador e a Globo.

Foi preciso fazer ajustes no projeto do Rio de Janeiro para aplicar em Minas?.

R: Sim. As características dos Aglomerados são completamente diferentes. Em Belo Horizonte e Região Metropolitana encontramos situações e desafios distintos. Inclusive, aqui foi criada uma dupla de Cultura que ficou encarregada de percorrer outras localidades, não representadas pelos parceiros, para contar as “boas” histórias do lugar : manifestações culturais e religiosas de todo o tipo e curiosidades – como a igreja da Vila Estrela, no Aglomerado Santa Lúcia, totalmente dedicada aos Santos Negros.

As áreas são de baixo poder aquisitivo são como as do Rio?

R: Sim. Aqui em BH e Região mantivemos essa característica.

Qual o perfil do parceiro mineiro?

R: São jovens de baixa renda, mas escolarizados, a maioria cursando a Universidade. Nossos Parceiros, da primeira temporada, têm entre 19 e 30 anos e são todos moradores de Vilas e Aglomerados. Eles trouxeram para a tela da Globo Minas fragmentos da realidade que vivenciam ao lado da família e amigos, problemas relacionados, principalmente, ao abandono do poder público. Nesse sentido, as histórias mais recorrentes diziam respeito ao mal atendimento nos postos de saúde, à falta de saneamento básico e a falta de apoio aos projetos sociais das comunidades. Muitas iniciativas, como escolinhas de futebol, são mantidos a duras penas pelas próprias comunidades.

No parceiros do Rio a gente observa uma abertura na linguagem. Você tem um diferencial no tratamento da notícia do jornalista profissional para o parceiro do RJ. Aí em Minas você também percebe isso?

R: Sim. Os Parceiros precisam seguir um padrão de qualidade na captação das imagens e toda a edição é feita por profissionais da Emissora, mas aqui em BH, assim como no Rio de Janeiro, eles

têm liberdade para contar as histórias – o que fica claro na linguagem utilizada por eles, nas roupas, na forma como abordam e conversam com os entrevistados.

Eles tem liberdade para criar uma narrativa própria?

R: Mais do que isso, eles são incentivados a fazer diferente. Não devem seguir o modelo do repórter da Emissora. Devem descobrir maneiras próprias e diferentes de contar a história e trabalhar a notícia. E foi assim que tivemos ótimas surpresas ao longo do trabalho, como a viagem de um grupo da Favela da Serra, chamada de “bate-volta”, à Copacabana no Rio de Janeiro. A turma sai de BH, de ônibus, numa sexta-feira à noite, passa o sábado na praia e volta à noite para BH chegando aqui no domingo de manhã. Foi uma das histórias mais divertidas que tivemos no quadro dos Parceiros do MGTV.

Aqui no Rio os parceiros não fazem off e aí?

R: Algumas poucas vezes, no início do trabalho, tivemos que inserir offs para arrematar a edição. Ao longo do trabalho, à medida que eles foram pegando a prática, pudemos eliminar totalmente os offs, o que deixou a narrativa mais dinâmica.

Quantos VTs foram para o ar na primeira turma?

R: Foram exibidas 230 reportagens ao todo, sendo que 114 delas (50%) mostraram os problemas que os moradores enfrentam nas suas comunidades. 49 situações foram resolvidas ou, até o fim do projeto, tiveram ações iniciadas pelo poder público (abril 2013 a abril 2014).

Qual balanço você faz dessa primeira turma?

R: Foi um trabalho desafiador! Coordenar a turma e procurar obter o mesmo sucesso dos Parceiros do Rio / SP / Brasília foi de tirar o sono. A gente não sabia como o telespectador iria receber esse novo formato. Sinceramente, acho que a ficha caiu quando foi anunciado o fim da primeira temporada e começamos a receber telefonemas e e-mails da população pedindo que o trabalho continuasse. E como não vibrar com as conquistas de cada dupla em prol da sua comunidade? Graças ao empenho das duplas muitas comunidades, hoje, têm ruas asfaltadas, esgoto, campos de futebol recuperados, iluminação pública...

De alguma forma os parceiros dialogaram com os jornalistas da redação?

R: Na fase de implantação e treinamento eles tiveram palestras com apresentadores e repórteres da Emissora. Ao longo do projeto, com a frequência à redação, passaram a ter contato mais direto com as equipes de reportagem.

Aqui no Rio três parceiros acabaram contratados pela emissora. Aconteceu isso em Minas?

R: Infelizmente não tivemos nenhum Parceiro adicionado ao quadro de funcionários da Empresa, não por falta de talento, mas pela própria estrutura da Emissora – muito menor que a do Rio de Janeiro.

Em termos de audiência percebeu-se alguma mudança com a presença dos parceiros no telejornal?

R: A audiência, de qualquer telejornal, oscila bastante. Mas houve dias em que a audiência subiu durante a exibição do quadro.

Tem alguma cobertura feita pelos parceiros que você destacaria?

R: Acabei citando algumas ao longo das minhas respostas, como a Viagem “bate-volta” à Copacabana (Parceiros do Aglomerado da Serra) // Centros de Saúde inacabados e com focos da dengue (Parceiros de Betim) // Dificuldades de se locomover dentro da Favela, por causa das obras inacabadas do projeto Vila Viva (Parceiros da Pedreira Prado Lopes) // Nomes curiosos e engraçados dos moradores das Vilas (Parceiros da Cultura) // Sambistas da Favela (Parceiros da Cultura) // Vítimas do Cerol (Parceiros do Aglomerado da Serra) // Desafio do “escadão” (Parceiros da Serra com Parceiros do Aglomerado Santa Lúcia) //

Difícil elencar... Tivemos, realmente, ótimas histórias ao longo do projeto.

ENTREVISTA CECÍLIA FELIX VASCONCELOS – 05.01.2013 - Rocinha

(Cecília começa contando que é cabelereira, tem 32 anos, foi mãe aos 15 e ficou viúva aos 18. “Estou nessa até conseguir alguma coisa melhor no caminho que eu quero seguir.”)

Como você chegou no Parceiros? Você foi chamada?

“Na verdade foi engraçado, porque eu estava vendo o site da Globo.com, eu estava no salão e vi umas entrevistas com algumas pessoas da Rocinha que eu conhecia. Eu já tinha visto uma matéria da Cidade de Deus, que por sinal a menina ficou muito minha amiga. Eu gostei e pensei: eu acho que posso fazer isso, mas não imaginava que eles iam abrir inscrição na Rocinha .Aí, eu tava no salão e vi outros parceiros falando que iriam selecionar outras pessoas. Quando a Rocinha pacificou, no ano passado, eu lembrei do projeto e falei eu acho que esse projeto vai chegar aqui e eu acho que posso fazer isso, porque eu sempre quis trabalhar com comunicação, desde garota.”

E o que te impediu de fazer comunicação?

“As minhas condições financeiras, porque meus pais são nordestinos, a nossa vida foi complicada, eu fui criada desde pequena aqui dentro. Então, o pouco que a minha mãe pode me dar foi estudo. Ela nunca conseguiu pagar um colégio, eu estudei a minha vida toda em colégio público e, uma vez eu ouvi de um professor muito danado o seguinte: Cecília, eu acho que comunicação, jornalismo, para você, no lugar em que você mora, não vai ser legal. Ele falou isso pra mim. Comunicação é mundo muito fechado, tem que ter muito conhecimento e eu acredito que você não tenha. Ele destruiu todos os meu sonhos naquele momento.”

Esse professor é de onde? Daqui da Rocinha?

“Foi ali naquele colégio do Jockey, no Manoel Cícero. Nem lembro o nome deste indivíduo e isso não é bom nem lembrar. Eu era nova e sempre tive notas boas em português. E eu falei caramba se o meu professor de português me disse isso, eu vou deixar isso para lá. Aí eu me envolvi com outras coisas, me envolvi com dança e fui fazer educação física. Só que eu trabalhava até tarde em um Bingo e não conseguia fazer as duas coisas. Entrei em uma banda, fui dançarina de uma banda. Dancei forró, viajei o país inteiro, uma loucura, hahaha. E aí eu falei, não vou conseguir fazer as três coisas.”

E você tinha quantos anos?

“Na época da banda eu tinha 22 anos. Eu saía de casa seis da manhã e voltava duas da madrugada. Aí eu tive que optar entre o trabalho e faculdade e optei pelo trabalho. Eu fazia na Univercidade do Recreio. Aquele campus é maravilhoso. Eu continuei trabalhando até que minha mãe disse, Cecília vem trabalhar comigo. Eu nunca quis ser cabelereira, mas como o salão é da minha mãe pensei ali vou conseguir uma grana até eu conseguir alguma coisa para mim. Eu fui fazer o curso de cabelereira, me formei e vim trabalhar com ela. Na época do projeto, eu não avisei para ninguém, fui fazer minha inscrição no último minuto para acabar. Isso eu 2010. Eu estava saindo de um casamento muito complicado, eu estava em um período da minha vida muito escuro e foi o que me levantou. Minha autoestima, foi um presente mesmo. Mas eu pensava que não ia ser escolhida, que nada iria acontecer. Eu nunca tinha ganhado nem um sorteio de bala... Só contei para a minha filha. Eu disse rindo Julia você não sabe o que eu fiz, me escrevi para os parceiros. Ela riu e disse mãe você é maluca. Mas eu fiquei na minha e de repente recebi um e-mail dizendo que o meu currículo tinha sido selecionado. Ah vai ter que fazer uma prova e foi no Reinaldo Delamare, naquele prédio.”

Como era essa prova?

“Português, redação e conhecimentos gerais. Eu falei bem, senão mexer com números eu até me garanto. Hahaha. Fui, tinham, mais ou menos, 180 pessoas disputando. Só aqui da Rocinha e do Vidigal. Eu achei até um bom número porque como era a primeira vez, as pessoas daqui não conheciam muito o projeto. Até porque, foi uma coisa que eu falei para a Mônica Labarte uma vez, a Rocinha não era muito acostumada a assistir a Rede Globo. Esse horário não. Assistia o Wagner Montes porque era um jornalismo mais comunitário e era o que a gente precisava. O projeto só passou a ter reconhecimento aqui dentro, depois de mim e do Marcos. Como a gente conhece todo mundo, eu falava dá uma chance, o projeto é bacana. Ninguém queria falar com a gente, ninguém queria dar depoimento.”

Existia uma resistência a Rede Globo?

“Existia. E aí eu fui passando as etapas e cada vez mais boba, não acreditava. E quando disseram que estava muito difícil escolher os finalistas, que a gente precisava fazer uma entrevista, um vídeo. Aí levaram a gente para o estúdio do RJ, da Ana, e anunciaram a gente ali. Foi uma surpresa, uma loucura. Me trouxeram para cá, foram no salão avisar a minha mãe, foi uma coisa muito louca. Eu falei tá e agora? Ela falaram não tem problema, a gente quer pessoas cruas mesmo, que não conheçam nada da área de jornalismo. Nós passamos um mês em treinamento.”

Como era o treinamento?

“Tinha o Eduardo Torres que era o cinegrafista, que dava aula de câmera e áudio. Tivemos uma aula sobre áudio e vídeo com o Chicão, que é o Francisco lá da Engenharia e uma aula de jornalismo com a Vera Iris, que foi sensacional. Ela deu uma apostila pra gente, super cheia de coisas bacana para a gente conseguir contar as matérias, uma aula de segurança com o Marcelo Moreira, que contou do Tim Lopes e o que mudou na Globo depois do caso do Tim Lopes, muito legal também, e aulas diariamente de estrutura, de como fazer uma reportagem. Desde a apuração... A Gisela, que é coordenadora do projeto, sensacional também. A equipe assim mega ótima.”

E vocês interagem com os outros parceiros?

“Um mês nós ficamos sozinhos.”

E tinha uma coisa de olhar para a própria comunidade?

“Aí que veio problema, porque? Pra mim tudo isso aqui é muito normal: todo mundo falando ao mesmo tempo, barulho de moto, rádio aqui no poste... Eu falava cara, o que é pauta aqui? Porque era a minha rotina, o meu cotidiano. Aí eu falei, vou ter que me virar com isso, porque a gente não conseguia levar uma pauta durante esse treinamento. Aí uma dupla de Campo Grande veio participar do nosso treinamento, porque eles foram considerados a melhor dupla e, realmente, tanto é que a menina foi contratada como cinegrafista, repórter cinematográfica. Aí eu falei Mari eu quero te levar na Rocinha. E ela falou eu quero conhecer. Então o que eu fiz, eu trouxe uma pessoa de fora e quando eu comecei a vê-la falar dos fios: Cecília isso aqui é surreal! Tem um beco ali que é coberto de fios. Aí eu comecei a entender. É realmente eu precisava de um olhar de fora para ver o que eu não estava enxergando. Eu deixei ela a vontade, dei uma volta com ela até o alto do morro e trouxe de volta. Eu comecei a ver que certas coisas passavam despercebidos (sic) pra gente. A gente se acostumou a viver nessa situação e é aí que a gente erra, a gente não pode se acostumar com isso. Aí a gente começou a produzir. Eu conheço uma pessoa que tem o

rocinha.org, que é um portal e ele falou uma coisa para mim, falou Cecília antigamente quando eu fazia pesquisa no google, tudo que saía sobre a Rocinha era tráfico, era morte e eu queria mudar essa cara e fiz o portal para esse portal falar as coisas magníficas que a Rocinha tem e ninguém conhecia. Aí eu falei bom, é por aí. Aí o Eduardo Torres me perguntou, Cecília o que vocês querem fazer de primeiro? Eu falei Marcos...(emudece)”

Você já era amiga do Marcos?

“Não, mas a gente fala que foi paixão a primeira vista, porque nós nos amamos. Aí eu falei Marcos tem um grafiteiro, e ele é , é meu amigo, o Wark, ele faz grafite, ele dá aula para as crianças. A matéria para mim assim, se não foi a melhor, foi uma das melhores. A matéria foi lindíssima.”

Você acha que foi a mais bonita, a mais importante ou a mais representativas?

“Foi a mais representativa além de ser a mais bonita porque as imagens ficaram ótimas. Foi a mais representativa porque eu acho que a gente meio que se viu nele. É um cara que veio do nada, cresceu, conseguiu, conquistou o espaço dele. Qualquer pessoa que queira viver fora desse espaço daqui, se espelha nesse rapaz, porque ele venceu e era a minha sensação quando eu tinha entrado no projeto, que eu tinha vencido. Pode parecer até um pouco arrogante da minha parte dizer isso, mas eu estou acostumada as pessoas dizerem que eu sou bonita e eu *tava* (sic) cansada daquilo. Eu queria ser reconhecida por alguma coisa (o valor do trabalho), exatamente. E o projeto me trouxe isso, Aí, quando foi ao ar a matéria, nossa eu recebi telefonemas de todo o mundo. O pessoal... Eu que fiz as imagens, Marcos foi o repórter. A gente intercalava... Tanto que nós aprendemos as duas partes, né? E o Eduardo Torres estava com a gente aqui, que era o nosso professor de câmera, então ele me ajudou muito, as imagens saíram lindíssimas, e o Marcos teve muita ajuda da Gisela. Ficou perfeito e era o personagem perfeito.”

Como acontecia essa ajuda, ela era sempre, permanente?

“Não. Foi só na primeira. Na segunda a gente já se virou sozinha. Ele me ajudava. Tipo assim, eu não tinha ideia que a minha personagem falou que tinha um livro e que tem uma caneta, que eu tinha que ter imagem do livro e da caneta. Ele falava Cecília, ou que foi que o rapaz acabou de falar? Que o grafite dele é aquele e que aquele é o mais bonito. Então a gente tem que ter imagem daquilo. E aquilo entrou muito rápido na minha cabeça. Tanto é que nas três próximas matérias que nós fizemos, o Marcos fez a reportagem, porque ele não tinha ainda entendido muito bem esse lance, e as minhas imagens estavam saindo muito boas. Aí o Eduardo falou, continua. E eu continuei. Até os meninos da cinegrafia disseram Cecília, vai estudar, você é boa nisso., mas não era o que eu queria, eu gostava de reportagem. E o Érico Bretas disse, olha vocês foram ótimos, se vocês forem assim daqui para frente, vocês têm sucesso. E aquilo encheu a gente de gás.”

Você tem essa matéria?

“Tenho. Eu tenho quase todas.”

O que você puder me dá cópia?

“Faço, faço. Aí eu falei e agora vamos fazer sozinhos. Qual era a matéria, era sobre a corrida da Paz, Braços Abertos do Bope.”

Por que? Você achou que...

“Não, eles mandaram. Eles falaram vai ter a corrida e deram a pauta pra gente.”

Isso acontecia muitas vezes?

“Não e era um factual. Olha só, a gente ficou perdido porque no factual você não pode errar muito. Você tem fazer uma coisa mais curta. A gente fazia duas fitas, porque a gente não tinha noção, a gente filmava muito no início, né? Aí foi muito confuso porque a gente tinha que pegar moto taxi para subir. Aí a Silvana Ramiro, que é repórter da Globo, veio para cá para cobrir para o jornal deles normal e a gente fez um lado mais parceiros de pegar um personagem, que era um nordestino que morava aqui, que para economizar o dinheiro da passagem dele, ele ia correndo daqui até Botafogo, o trabalho. E assim ele virou atleta. E a gente fez uma matéria lindíssima nessa corrida. Ele conseguiu construir a casa dele, da família dele no nordeste, com este dinheiro que ele economizava desse trajeto, né?”

Você conhecia ele antes?

“Não, era amigo do Marcos, vizinho do Marcos.”

Quer dizer, o personagem que, talvez, se não fossem vocês, passasse despercebido?

“O Esporte TV depois fez uma matéria com ele, lindíssima também.”

Você consegue ver, por exemplo, nessa matéria a oportunidade da comunidade aparecer?

“Eu fiquei pensando assim, eu sei que aqui tem um monte de problema, mas eu não queria, quando eu falo eu, falo eu e o Marcos, não queríamos que a nossa primeira matéria fosse de um buraco, de uma vala. Eu falei Marcos, aqui a gente tem tanta coisa legal, vamos primeiro mostrar, tirar essa imagem que as pessoas tem da Rocinha e depois a gente conta o problema. E assim fomos, a gente até recebeu um pouco de crítica das pessoas daqui, mas no geral foi a melhor coisa que a gente fez, porque a gente começou a receber muitas visitas, pessoas ligando pra gente e dizendo eu quero conhecer. Dizendo que assistiu o parceiro, que aqui tem isso e tem aquilo. O Mark, que é esse grafiteiro, nossa um monte de matéria que apareceu para ele, um monte de emissoras vindo aqui. Então a gente quis mostrar o que a gente sabia que a gente tinha, mas não conseguia né, passar.”

E quais foram as críticas que você recebeu?

“Moradores aqui falavam que a gente *tava* (sic) perdendo tempo, que a gente podia falar de outros problemas, que estava querendo mostrar a corrida, mostrar aquele cara. A gente sabe que não conseguia agradar todo mundo, mas no balanço geral, eu acho que o projeto foi muito melhor até do que eu imaginava, porque é aquilo que eu te falei, a gente teve muita... Você imagina, eu tenho 32 anos de Rocinha, nunca recebemos ajuda de ninguém, a gente nunca teve alguém batendo na nossa porta falando assim, olha tem um microfone para você falar, fala o que você quer, é o teu momento. Nunca! Ainda mais a Rede Globo. ... Teve um momento, que a gente fez uma matéria sobre os velhos comunitários, que eles trabalham dentro da vala, é uma coisa absurda, tem uns que têm que beber para poder encarar o trabalho. E nós fomos fazer essa matéria. Aí eu fui falar com um rapaz que estava com uma cara muito feia, sabe? Eu pensei, esse cara deve estar sofrendo, ele deve estar muito triste de estar trabalhando desta forma. Eu fui falar com ele, e ele disse, eu não vou te dar entrevista sabe por que? Porque a Globo nunca veio aqui, tudo que a gente falar a Globo não coloca no ar, e eu não vou perder meu tempo. Eu falei, olha, a Globo nunca veio aqui, eu não *tô* (sic) aqui hoje? Isso não vai acontecer, fala com a gente para eu poder fazer alguma coisa, regulamentar o trabalho de vocês. Ele não falou, mas a gente conseguiu dois depoimentos ótimos depois. Esse não falou, mas ele me abriu os olhos. Ele tem razão, porque nunca ninguém

fez nada pela Rocinha. De repente chegam dois garotos, eu e o Marcos, com uma câmera e um microfone, dizendo que vão colocar aquilo que você vai falar na Globo, as pessoas tinham medo de falar. A opressão aqui é vizinho da gente. A gente teve que fazer um trabalho muito grande de conscientizar, de conversar, de falar esse é o momento, ou a gente fala ou vai passar. Sabe, aproveitar que a Rocinha é a bola da vez e botar a boca no trombone. Então, até a gente conseguir a confiança do morador, foi complicado .”

Você acha que conseguiu de fato em algum momento da comunidade te ver como porta-voz?

“Virou. Virou para todos os assuntos. Nós éramos proibidos de falar sobre as vans, moto-táxi e UPP por questão de segurança. A Globo... Quando nós tivemos a aula de segurança com o Marcelo, esse foi um acordo que nós chegamos, porque nós somos moradores. No momento que a gente fala mal da UPP, de vans e de moto-táxi, a gente pode criar um problema para nós, porque é diferente do repórter vir aqui, fazer a matéria e ir embora. A gente continua aqui. Então eram três temas e isso vinha pra gente direto. Você não tem noção. Tudo nós sabíamos porque a gente virou referência, a chama aquela menina da Globo, chama aquele rapaz da globo, e aí a gente falava, olha só a gente não pode falar sobre isso. Aí vinha a revolta. Tá vendo a Globo é assim, a Globo cala a nossa voz, mas eles não sabiam que era uma forma de nos proteger.”

Mas teve algum momento que foi censura? Alguma pauta que você pensou em fazer ou, então, fez e teve um trecho que foi retirado?

“Teve e teve uma matéria que não foi a ar e até hoje eu não entendi muito. A gente as vezes sentia que não era muito compreendido. Eu não sei se é a gente que está pensando errado ou se são eles que tem a razão ou não. Vou te dar um exemplo: a COOPERIFA, é uma cooperativa de poetas de São Paulo, a maior do Brasil, tem 300 cooperados lá. Eles vieram para cá, a primeira vez na Rocinha, era o sonho deles conhecer a Rocinha. Eles vieram em dois ônibus e o poeta Sérgio Vaz, é um poeta super reconhecido, porque ele leva a poesia para outro lado, uma pegada mais, mais, igual ao parceiro, assim. Mais de comunidade, de pedido de ajuda, de socorro e é lindo. O sarau deles é a coisa mais linda e a APAFUNK, que é uma Associação de Amigos e Profissionais do Funk criada em 2009, foram eles que trouxeram a COOPERIFA para cá. Essa rua aqui (rua principal – esqueci o nome) nunca foi fechada para evento algum. Eu não me lembro. Um pedacinho dela, tudo bem, mas inteira, não. E o presidente da APAFUNK é meu cunhado, então, por essa razão eu levei essa pauta para lá. Eu falei a rua vai ser fechada, a COOPERIFA vai estar na Rocinha, ah ok, fizemos. Quando nós chegamos lá, o sarau foi lindo, Chico Pinheiro este aqui, Marcelo Freixo esteve aqui. Só que quando Marcelo Freixo esteve não foi por pegada política. Não falamos com ele, em momento algum eu entrevistei ele, o meu cunhado, eu entrevistei porque era presidente da APAFUNK, mas eu falei para Mônica (editora) posso pegar o depoimento de uma outra pessoa para colocar na matéria que esteja direcionada à direção da APAFUNK, mas só porque eu falei que o Marcelo Freixo estava lá, caiu a pauta. Questões políticas. Só que eles esqueceram de todo o outro contexto. Olha só, a Rocinha nunca parou para escutar poesia e essa rua estava lotada de morador assistindo. Um sarau de poetas que estavam aqui deslumbrados com a Rocinha. Foi lindo, foi lindo. Teve uma roda de funk no final, tinham duas poetisas cegas que vieram de lá e que *tavam* (sic) recitando. Uma coisa linda! Aí eu comecei a questionar (isso no final do processo?)no meio. Eu comecei a questionar a imparcialidade. Eu realmente não sei hoje em dia, se o jornalismo é imparcial, porque você pode deixar uma questão de lado e focar em outra. Aí, a partir daquele dia a gente começou a peneirar mais as nossas pautas, com medo da pauta cair.”

Você acha então que era uma autocensura?

“Exatamente.”

Mas para preservar a entrada?

“Isso. Sabe, a matéria ficar lindíssima e de repente derrubarem. Falarem tem político, não. Eu falei Marcos a brincadeira aqui é séria, a gente vai ter que começar a pensar em tudo. Mas houveram (sic) outras coisas que caíram também, normalmente factuais. Como nós não somos jornalistas, as vezes algum erro, enfim...”

Cair por olhar jornalístico mesmo?

“É, mas nada assim... Eles abriam muito, deixavam a gente muito à vontade. Nós levávamos a pauta. Nós tínhamos uma reunião semanal, a gente levava as pautas, duas, três, algumas até que não passavam pra gente, ele aproveitavam.”

E quantas matérias você fazia por semana?

“Uma e nem era sempre por semana, porque nós éramos nove duplas, então, era uma faixa de uma semana e meio mais ou menos, uma matéria nossa ia ao ar.”

Quantas matérias você fez no total?

“Eu acho que umas 18, até menos, sabe por que? Quando a gente foi contratado o Erick falou, Cecília até o final vocês devem fazer umas 25 matérias no ar, mas não aconteceu porque no período de março, mais ou menos, começou a ter uns problemas com o tráfico e polícia novamente. Nós tivemos que ficar na geladeira trinta dias.”

Por orientação deles?

“Sim, por medida de segurança. Eles sempre foram muito cuidadosos com isso, o Erick falou se for preciso eu tiro vocês de lá coloco em um lugar melhor, até vocês sentirem que tá bem voltar para casa.”

Você sentiu algum momento isso, de ter que sair da sua casa?

“Não, não, não. É porque hoje a minha mãe mora em Jacarepaguá. Ela morou aqui a vida inteira e o salão dela é aqui. Então, as vezes eu saía daqui e ia para lá. Marcos é que ficava sempre aqui com a família, mas ele sempre foram muito cuidadosos. E teve um outro momento... Você sabe que essa ideia da pacificação é muito ambígua, né? Então, eu que sou daqui há tanto tempo, eu sei que isso aqui não é uma pacificação. É uma ocupação, bem sucedida até certo ponto, mas a gente sabia que tinha traficantes aqui dentro. Uma vez nós fomos abordados, eu e o Marcos. Foi um dia que a gente passou um aperto, porque a gente sentiu que o nosso trabalho poderia estar atrapalhando alguém. E aí o Erick afastou a gente, não do projeto, mas a gente começou a fazer matéria fora da Rocinha. Tipo a Escola de Samba que tem projeto para criança.”

Não tão dentro da Rocinha?

“Isso, então a gente não chegou neste total de matérias por conta disso. Por questões aqui da Rocinha mesmo, que a gente sabia que ia bater de frente.”

Você tinha o que de equipamento?

“Quando a gente entrou no projeto, a gente ganhou uma mochila com todo o equipamento, a câmera, o microfone, o sungun, que ficavam sob nossa responsabilidade, a gente assinava todo o equipamento que saía. A nossa câmera era um HDV, aquelas fitinhas, mini DV. Nós recebíamos uma verba de produção a cada quinze dias, 250 reais. E recebíamos um salário de 1.200 reais, cartão de passagem e um VR de alimentação de 350 reais e um plano de saúde para mim e para minha filha Bradesco. A gente tinha essa verba, mas se passasse disso, prestava conta e recebia.”

Como era o processo de apuração?

“A reunião era na segunda e na terça a gente já começava a produzir. Depois que gravava levava a fita e entregava na Globo. Quando ela entrava na ilha de edição, as Mônicas (Labarte e Bernardes) sempre dava um toque ou a gente ligava para perguntar quando ia começar a editar. Nós íamos para a ilha acompanhar a edição. Não trabalhava na edição, mas acompanhava, dava umas ideias, gravava off. Agora, fora a edição, todo o resto era por nossa conta.”

E você acha que pelo fato de você não ter nas mãos a edição, alterava o seu trabalho?

“Alterava, porque as vezes a gente chegava lá com um roteiro na cabeça e o editor mudava. Aí a gente entrava naquela coisa, será que nós estamos pensando errado, porque nós não somos os jornalistas? Então, a gente aceitava. Mas para o finzinho a gente começou a peitar mais. Não, não, não, a gente pensou assim, vamos ver se dar certo assim?”

E eles faziam isso?

“A maioria das vezes, quando eles estavam de bom humor. “

Eles te ouviam?

“Ouviam. A Mônica Bernardes a gente editou pouco com ela. As poucas vezes foram ótimas. A Labarte batia mais de frente, mas eu achava ótimo porque ela era muito honesta. Cecília isso aqui está uma porcaria, vai lá e faz de novo. Foi assim que a gente aprendeu. Nas últimas vezes não precisava tanto voltar. Ah tá faltando isso, volta para gravar de novo. No final a gente já conseguia levar o material completo. As matérias já saíam fechadinhas, amarradinhas, bonitinhas. Mas a gente dava pitaco. Já aconteceu da gente chegar, imaginar uma coisa e quando vai assistir a matéria pronta, não como assim? Não era por aí.”

Mais uma sensação de que as alterações mudaram o recado que você queria mandar, não?

“Mudar o recado eu acho que não, Lilian, mas a visão. Como eu posso explicar, por exemplo, a corrida. Nós demos muita ênfase para o rapaz que foi o nosso personagem. Eu acho que poderia ter sido maior, porque a imagem da corrida a Silvana Ramiro teve. Na verdade eu acho que ela nem conseguiu porque o moto-táxi que estava com ela se perdeu, então eles usaram as nossa imagens. Mas poderia ter dividido, porque o parceiro é isso, é você dar um outro olhar e as vezes a gente sentia que partes mais interessantes eram deixadas para lá. Acontecia também da Mônica deixar a nossa matéria pronta à noite e quem fosse por no ar no dia seguinte, no jornal, ah tá muito grande, vamos cortar trinta segundos.”

Aí você vivenciou o que é o comercial lá?

“Exatamente, o que é o normal. Porque assim, eles também não sabiam o que é importante pra gente. Essa é a importância da gente acompanhar a matéria. A última matéria nossa foi contando um pouco a história da Rocinha e cortaram um trecho da primeira Igreja da Rocinha lá na

Fundação, que é um pedaço lá do alto, do Memorial da mulher que doou o terreno para a construção da Igreja. Nós fizemos a imagem do memorial. (A família) Os primeiros donos da Rocinha é meu amigo particular. Eu conheci através da matéria e nós viramos amigos. Ele me trouxe basicamente a certidão de nascimento da Rocinha. Ele me deu as fotos dos tataravós dele que eram os donos daqui, portugueses, e nós fizemos a imagem dessa foto, fizemos a imagem do memorial agradecendo a doação e eles para cortar esses trinta segundos, derrubaram a imagem dela, o memorial e um pouco da história dela. A Rocinha é super católica, a primeira Igreja foi aquela, então a gente não podia contar a história da Rocinha sem contar a história da primeira Igreja. Isso é muito complicado pra gente aceitar, porque eu não sou profissional ainda, mais pra frente eu talvez tenha mais tolerância. Pra gente é difícil aceitar porque eles podiam ter ligado pra gente e dito que precisava cortar. Eu moro aqui do lado, ia correndo. A gente saiu de lá com a matéria completa e no dia seguinte a gente foi assistir o jornal e como assim cortaram a matéria. Eu liguei para Mônica e ela disse alguém mexeu, cortou, sinto muito não posso fazer nada por isso. A gente ficou um pouco decepcionado, mas eu também comecei a entender como é a dinâmica. O jornal tem dias que tem que ser menor ou acontece um factual que tem que derrubar metade do jornal como foi o caso de Xerém. Então a gente começou a se acostumar com isso.”

Você acha que seu trabalho foi importante para a comunidade?

“Foi.”

Eu queria que você definisse o que é comunidade para você.

“Então eu não gosto muito de usar esse termo de comunidade. Comunidade pode ser uma comunidade gay, comunidade de um monte de coisa. Quando o Erick perguntou: Cecília, você prefere falar comunidade ou favela? Respondi, favela porque nós somos uma favela. A gente vive como favelado, nós somos tratados como favelados, então eu prefiro não usar o termo comunidade. A parte mais baixa aqui da Rocinha já é considerada bairro no papel, mas nada mudou. Então eu não curto muito usar. Mas eu acho engraçado sabe o que? Eu tava pensando esses dias, eu falei mãe quantas vezes eu neguei que morava aqui na Rocinha? Milhares, centenas de vezes, mais nova, há muitos anos atrás.”

Negou ou omitiu?

“Já neguei, inventava histórias mirabolantes. Eu tinha vergonha porque nós sofríamos um preconceito. Hoje, fui parar na Globo porque sou da Rocinha. Só que eu não sou satisfeita com esse modismo de favela.”

Por que você acha que a Globo quis fazer um parceiro aqui? A sua favela é igual a comunidade de Copacabana?

Pois é, em Copacabana tinha uma menina do Pavão e outra que morava no asfalto mesmo. As matérias eram bem mais suaves. A menina quando fazia no Pavão, era mais ou menos a nossa realidade. Agora as de Copacabana, nossa, era sobre o centenário das perucas Lady. Umas coisas assim surreais, a ciclofaixa. Eu não sabia o que era, fui entender isso vendo a matéria. Na reunião de pauta a Luana chegou lá falando da ciclofaixa. A menina de Campo Grande falou que aqui a gente tinha uma coisa que ninguém tem. Ela disse que quando veio a primeira vez aqui viu uma faixa dizendo VENDE-SE UMA LAJE. Ela disse Cecília, a Rocinha é o único lugar do mundo onde vende laje. Pra mim isso é normal. Como assim cara, em Nova Iguaçu não vende laje? Não vende. Eu disse gente aqui vende. Vende laje e ainda constrói na cabeça do vizinho. Eu disse,

realmente eu moro em um lugar que não existe. Aí eu perguntei como é a laje lá em Nova Iguaçu? Ela disse lá é quintal. É quintal a gente não tem, nosso quintal é na cabeça. Aí a gente começa a ver as diferenças e a Globo fica abobada com cada história que a gente conta, sabe? É tudo muito novo para eles também. Eu acredito que esta nova temporada vai vir muito melhor, porque era novo pra gente, era novo pra eles. Eles não sabiam o que fazer, não sabiam até que ponto deixar a gente ir. Teve um parceiro, que eu não lembro qual, que disse que o erro da Rede Globo foi dar um crachá pra gente. A gente criou asas com o crachá. A gente frequentava o Fantástico, frequentava a Globo News, conhecia um monte de gente. Marcelo Moreira hoje é meu amigo particular. A gente se fala direto. E assim, era pra gente ficar só naquilo ali. Acabou tomando uma proporção maior até de experiência profissional. A maioria dos parceiros hoje continua trabalhando mais ou menos no mesmo segmento com TV, com reportagem. E a ideia deles não era essa. A Vera Iris até falou no final, a gente vocês estão muitos chatos, estão sabendo demais, perdendo a graça.”

Você acha que a ideia deles era o que?

“Era ratinho de laboratório. É isso, nós fomos ratinhos de laboratório nas mãos deles, mas eu não sei se isso era ruim de todo assim. A Rocinha passou só seis meses lá. Eu acho que dessa vez eles vem mais lapidados.”

Você acha que ser ratinho de laboratório, percebendo que é ratinho, tem diferença?

“Tem, porque, por exemplo, eu era a mais velha do projeto. O mais novo tinha 19 anos e eu entrei com 30, no limite. Eu já era mais esperta, mais vivida, então eu percebia aquilo ali. Teve gente que viu o tempo passar ali dentro. O primeiro projeto durou um ano e meio. Eu entrei por último e fiquei só seis meses por conta da Rocinha, que só foi ocupada no final do ano passado. Mas eu percebi, por exemplo, houve momentos da nossa pauta cair e depois o RJ TV ir lá e produzir. Eu acho que na visão deles nós não seríamos capazes de desenvolver aquela matéria, aquela pauta que era muito boa. “

Por exemplo, você lembra de uma?

“não lembro agora, mas ocorreu com outras duplas.”

E o olhar que eles deram foi o mesmo olhar que vocês dariam?

“Não, com certeza não. Foi um olhar que não fez diferença. Se fosse contado por nós, talvez fizesse diferença. Porque, você sabe isso. O repórter sai da redação com tudo pronto. Ele vem aqui só desenvolver a pauta que ele recebeu. Se ele não tiver a sensibilidade de saber o que ele vai abordar, o negócio não vai funcionar. Ele vai falar sobre o tema, sem desenvolver. A gente como vive aquilo ali, a gente soube... vou te dar um exemplo. Nós fizemos uma matéria que foi significativa. Quando a Rocinha pacificou, todas as obras foram paradas. Então, teve uma obra que eles já tinha feito a fundação da casa, houve uma chuva e começou a descer um entulho que ia cair em cima de quatro casas. Então, a nossa pauta era essa. A Defesa Civil tinha interditado as casas, mas não deu aluguel social para ninguém, não tirou ninguém de lá, não resolveu nada, só foi lá e interditou. Tava todo mundo lá com aquele entulho para cair, uma pedra enorme para rolar, a pauta era essa. Só que quando nós chegamos lá, numa dessas casa eu encontrei uma senhora de oitenta anos que é viúva e ela tava numa solidão, o olhar dela era perdido. Talvez se fosse um repórter de fora, ele ia insistir no fato da Defesa Civil ter deixado todo mundo alí e ninguém ter dado brecha pra ninguém... Eu foquei a matéria na senhora. Ela chorou nos meus

braços. Eu fiz uma pergunta para ela muito boba. Eu só perguntei Dona... a senhora não tem medo de ficar aqui sozinha? Ela falou minha filha não fala em medo não e desabou. No encerramento do projeto, que foi na Globo, essa foi a cena que foi repetida milhares e milhares de vezes. Era uma moradora que podia ser eu. Eu tratei ela como se ela fosse a minha vizinha. Eu tive a sensibilidade de ir lá dentro ver a casa dela, pedi para ver a casa dela, perguntar para o vizinho que é que cuida dela, eu acho que é esse *felling* que o jornalista de fora não tem. “

O parceiro olha mais para a pessoa...

“Ele compra briga”

Existe um afeto ali de olhar para a pessoa, antes de olhar para o problema?

Exatamente. É isso. E a gente tinha medo de isso atrapalhar o trabalho, porque a gente ouviu nos treinamentos, que a gente não podia fazer uma matéria para beneficiar um pessoa. A gente tinha que ser imparcial, a tal da imparcialidade, e fazer uma matéria jornalística. Não cobrar a briga de ninguém. Mas como que a gente sabendo, vivendo no local que está exposto aquilo, de repente eu chego e vejo uma situação daquela, não tem como ser imparcial. Não tem como deixar aquela senhora de lado para perguntar cadê o seu papel, que a defesa civil lhe deu. Não posso. A gente não consegue. O Marcos, que foi cinegrafista nessa matéria, o olho dele vermelho, chorou junto com ela. Como se o repórter não passasse por isso. Talvez não, é muito capaz que sim. Eu conheço poucos repórteres. A Ana Paula Santos, uma vez eu falei para ela que ela tem espírito de parceira. Ela faz o Radar RJ e quando ela fala dos buracos, ela briga junto com o morador. Ela compra a briga e já foi até motivo de piada dentro da Globo. Piadinha assim: aquela alí quando fala do buraco, chora mais que o morador. Piadinha de mal gosto, e eu acho que ela é excelente no que ela faz. O jornalismo eu acho que vai mudar, pelo menos dentro da Rede Globo, depois dos parceiros. Eu escutei uma vez da Silvana Rameiro, ah eu *tô* (sic) com pegada de parceiro! Parceiro virou uma marca de jornalismo. A pegada de parceiro é você ser mais solto, você se envolver mais com os seus personagens e eu acho que a gente fez uma diferença. O Projeto foi premiado. O Eric Bretas é um cara de muita visão. É um cara muito inteligente, que sempre falou, a porta da minha sala tá aberta para vocês a qualquer momento. Qualquer momento que nós ligássemos, mandássemos um e-mail, ele recebia a gente muito bem e sempre nos orientou bem. Nós sempre fomos muito bem orientados. Só fiquei triste que acabou muito rápido.”

“Eles (os moradores da Rocinha) estão peneirando mais as pessoas que chegam. Eles querem o eles querem. Eles sabem do que precisam, então não vai ser qualquer pessoa que chegue aqui que eles vão falar. Eu já ouvi de pessoas que disseram: Cecília não vou falar, não vai ao ar, essa matéria vai ao ar, vão cobrar da secretaria, mas não vai resolver, então não vou me expor. Já aconteceu isso. E nós fazíamos a cobrança para depois dar a nota seguinte. A gente aprendeu muito.”

Os órgãos público, vindo de vocês que não eram profissionais, como eles te recebiam?

“Mais ou menos, Eu e o Marcos tivemos mais facilidade porque o projeto já vinha há um ano. Então eles sabiam que os parceiros eram chatos e insistiam. A gente fazia as matérias e íamos direto ao ponto. Então eles nunca deixaram de mandar uma nota pra gente. Só que as vezes demorava, enrolava, aí entrava a apuração da Globo que ligava e dizia, olha o parceiro tal ligou e vocês não passaram a informação. Vocês poderiam... eles não forçavam a gente. A gente tinha todo um suporte por trás. Eu nunca fui destrutada, nunca tive uma nota negada. Já aconteceu de dizerem que vem aqui na quarta e não virem, não aparecer nunca mais.”

Agora, volta ao sonho

“Eu comecei a ouvir das pessoas que eu tinha talento. Mas eu ficava perdida, não sabia se estava velha para isso. Como eu fiquei seis meses fora, agora estou voltando a fazer minha clientela. Mas eu vou fazer a faculdade. Consegui tirar o registro, antes que o Senado voltasse na exigência do diploma.”

Você hoje tem o registro de jornalista?

“Tenho. Quando eu sai da Globo eu fui trabalhar na assessoria de imprensa da Barra, fiquei lá dois meses. Foi uma experiência bem legal porque a gente acompanhou a experiência de jornal diário. O Marcelo Moreira até me disse que eu não precisava fazer faculdade porque já tinha o meu registro. Mas eu acho que faz diferença. Mas estou em dúvida se faço jornalismo ou cinema. Eu gostaria de fazer jornalismo. Eu dei uma renovada na minha vida, porque quando você faz o que você gosta, não sente nem o tempo passar. A gente trabalhava muito aqui. Podia não parecer, mas a gente trabalhava muito, a Rocinha é muito grande. Eu terminei o projeto, Lilian, com um caderno de pautas, cada uma mais legal que a outra. São muitos assuntos. São pautas para parceiro! Até hoje eu recebo e-mail, as pessoas me associam ao projeto mesmo eu estando seis meses fora do projeto. As pessoas procuram a gente para todos os assuntos. Uma ex-aluna estava apanhando do marido e me pediu ajuda. Nós viramos amigos, mais do que parceiros.”

Vocês viraram amigos da Rocinha? Mais do que parceiros do RJ?

“Exatamente. Os moradores aceitaram a gente.”

Qual a diferença da matéria mais importante para a mais significativa?

“Importante para o projeto, quando ela está perfeita, amarradinha. Agora a mais importante pra gente era a mais importante pra gente, que mostrava que a favela não é só violência. Uma vez eu falei para o Erick que estava sofrendo preconceito. Não do pessoal de cima, sofri preconceito por não ser negra, não ter cabelo crespo. Eles esperavam um estereótipo de favelado. Eu ouvia piada, você não pode morar na Rocinha, você não é da Rocinha. Algumas pessoas daqui até disseram que eu não morava aqui, porque eu saí daqui uma vez.”

Você se sente favelada?

“Me sinto.”

Existe essa distância entre o asfalto e a favela? A bandeira que se defende hoje é que com a pacificação as pessoas do asfalto estão indo mais na favela. Você acha isso?

“Não é nada disso. Eu acho até que as pessoas que estão hoje frequentando a Rocinha é um público diferente, mas isso aqui sempre foi cheio de pessoas de fora. Só que ninguém noticiava isso. Eu tenho clientes que frequentam o salão há anos e que não moram aqui. E teve gente até que deixou de frequentar porque disse que a Rocinha perdeu a graça. Não tem mais os bailes no meio da rua, mas o controle está muito grande agora.”

Melhorou a vida de quem mora aqui?

“Menina a gente tava no Esquenta, fui assistir a gravação, e a Regina Casé fez essa pergunta: quem acha que a vida melhorou levanta a mão. Ninguém levantou a mão. Só tinham pessoas de favelas pacificadas na plateia. Aí depois em off eu falei para ela, Regina sabe porque que ninguém

te respondeu aquilo, porque ela mudou. Vou te dizer até aonde Lilian. Mudou agora até que tá melhor, mas mudou no sentido de os bailes na rua, o sossego tá melhor, mas as armas que era o que mais preocupava. Eu ficava fazendo caminhos para não passar por certos lugares. Eu tava na UPA outro dia o policial entrou para beber água com um fuzil atravessado, esbarrando nas pessoas. Ele jamais ia entrar no Barra Dor com o fuzil atravessado. Eu acho que o poder de fogo é o mesmo. A gente continua vendo armas para cima e para baixo. A opressão também. Agora com essas câmeras eu espero que melhore. Eu gostei das câmeras para cuidar do policiamento, porque eles são opressores mesmos, tratam a gente mal, é assim, então isso já tínhamos, o que que mudou? Agora, a feira de drogas a céu aberto realmente não existe, então a melhora foi em alguns aspectos. A gente não pode dizer assim, como uma vez eu ouvi, gente a Rocinha é um paraíso. Não é, não é. “

E isso aqui embaixo, imagina lá em cima?

“Eu fiz uma matéria que eu fui até a última casa, lá em cima, se você vê. Eu não acreditei que hoje em dia tenha uma pessoa vivendo em uma condição dessa. Ele abriu a panela, não tinha nada. Ele abriu a geladeira e não tinha nada. Ele estava cozinhando um feijão lá para comer puro e, ainda, ofereceu pra gente. Numa miséria. Então para que a pacificação veio, para tirar a feira de drogas. Eu não sei porque que a pacificação veio. Criou-se a UPP Social. Olha que ponto a polícia chegou, fazer um trabalho social para se aproximar do morador. Então eu acho que tudo bem começar primeiro dentro da polícia. A mudança tem que começar lá, para chegar até aqui. E tem que entender que o morador trata mal a polícia, porque quem tirava o sossego do morador há algum tempo era a polícia. Eles viviam o mundinho deles aqui. As favelas tem um muro invisível. Eu costumo dizer que eu fui conhecer o mundo depois dos meus vinte anos, porque tudo eu fazia aqui, só estudava fora. Se eu queria me divertir eu ia para uma festa, um baile aqui. Comprar roupa eu comprava aqui. Sabe? A gente achava que aquele mundo do lado de fora, não pertencia a nós. E esse modismo da favela hoje está me enchendo a paciência. A novela Salve Jorge trata do Complexo, gente porque nunca olharam antes. Agora todo mundo é favela, todo mundo quer vestir a roupa da favela. Eu acho que tá virando um modismo, todo mundo se aproveitando de tudo, mas o benefício, não chegou. Nenhum.”

E a questão do audiovisual, você acha que o audiovisual é uma ferramenta de luta?

“É e eu vou te falar que as pessoas estão tendo essa noção. Aqui já existem blogs, jornais comunitários, que se alguém não faz, eles estão fazendo. O Marcos fez um filminho bobo sobre os menininhos jogando em lan house e documentário dele foi parar em Paris. Ele ganhou a passagem e foi lá apresentar o trabalho dele em Paris. Isso foi em benefício próprio, mas ele também foi parar na capa da revista Veja com as imagens que ele fazia da Praia de São Conrado, de tanto ele bater na tecla, ele tem um site, até a rede globo fazer uma matéria e ele foi parar na capa da veja como exemplo de mídia digital. Uma matéria de benefício para a comunidade.”

É um pouco por aí: um misto de se ajudar e ajudar a comunidade?

“Exatamente. O Marcos é muito livre de vaidade. Uma coisa que falaram pra mim, vocês foram os primeiros repórteres da Rocinha, isso ninguém vai tirar de vocês, nós fizemos uma matéria sobre uma escola que estava fechada há três anos e depois da matéria a Prefeitura ligou e a escola foi reaberta. Eu disse isso funciona. Eu falei Marcos a gente pode fazer a diferença. Agora nós estamos com um projeto de fazer uma TV comunitária. Nós vamos nos reunir hoje. Eu, Marcos e o Yuri, que é da Tijuca.”

Você tem vontade de sair daqui?

“Eu já saí. Tem um mês que eu estou na minha mãe. Aqui é muito gostoso, mas tem coisas que eu não consigo mais conviver. Eu não consigo conviver com lixo na rua, com pessoas que não respeitam o seu espaço e isso é uma coisa que eu acho que não vai mudar nunca. Isso foi uma coisa que eu abordei com o Marcos no vt dos garis, a questão da educação. Um gari falou pra gente que as vezes passa uma semana para limpar um vala e aí vem um morador e despeja um saco de lixo quase na cabeça dele. Então eu, Cecília, não tolero mais certas coisas e como eu sei que não vai mudar, o poder público não vai fazer nada.”

Mais sair resolve?

“Eu saí, mas costumo dizer que eu só não durmo mais aqui. Chego aqui às 9h da manhã e saio às 10da noite. A praia que eu frequento é essa aqui. A gente ainda tem a nossa casa aqui, fazemos churrasco na laje, meus amigos estão sempre lá. Eu saí porque não tolero certas coisa, mas a minha atuação vai ser aqui dentro. Eu quero trabalhar com jornalismo comunitário aqui na Rocinha. Eu e Marcos queremos fazer uma WEBTV comunitária e vamos ver o que dá. Só que a gente perde e ganha. Na Globo a gente tinha a força da Rede Globo e sozinhos vamos fazer agora diferente, com mais profundidade. Não vai ter essa se tem político no meio, se tem isso ou aquilo. Fizemos um vt com um rapaz que é paraplégico e vive em cima de um skate. O vt ficou lindo e não deram. As imagens não estão boa porque ele andava no meio trânsito, podemos estar instigando as pessoas a fazer a mesma coisa. A gente estava mostrando a vida dele como é. Os parceiros forma o ponta pé inicial.”

ENTREVISTA MARCOS BRAZ E CECILIA VASCONCELOS – 10.01.2014 – Projeto Comunicar, PUC-Rio.

Marcos Braz, estou com 31 anos hoje. Trabalho em uma distribuidora de livros digitais, trabalho de design, cria interfaces para a web também. Na verdade, é a área que eu atuo há quase dez anos. Paralelo a isso, também trabalho em uma escola de arte e tecnologia. Lá eu sou um monitor, ajudo em algumas linguagens, mas especificamente tenho atuado na parte de vídeo, no audiovisual, formação de jovens. Sou casado, tenho três filhos, moro na Rocinha ainda, não sei se vou sair de lá tão cedo, gosto...

P: Tem vontade?

M: Não, não. Eu já saí durante dois anos, mas acabei voltando, tenho uma certa paixão...

P: Você nasceu lá?

M: Nasci na Rocinha, tenho uma paixão muito grande pelo lugar, pela pessoa, pelas histórias.

P: Você estudou onde? O que estudou?

M: Eu estudei o ensino fundamental no colégio que fica ali em frente a globo, o Divina Providência. Minha mãe conseguiu ali uma bolsa e eu fiz até o último ano, até o segundo ano do ensino fundamental, ensino médio, perdão. No último ano, minha esposa engravidou, eu tive que sair da escola.

P: Quantos anos você tinha?

M: Na época, eu tinha 19 anos. Aí eu terminei no colégio Andre Maurois, aqui no Leblon.

P: Aí não fez faculdade?

M: Aí fiquei quatro anos sem estudar nada, trabalhei nas Sendas, entregando compras aqui no Leblon. Trabalhei na parte interna, nos setores. Até consegui um trabalho de guardião de piscina, estudei o que eu pegava de livros lá. O pouquinho que estudei da área que atuo hoje foi dos livros que eu pegava que as pessoas jogavam fora na lixeira. Eu era o guardião de piscina lá no PCC, um condomínio que fica em Laranjeiras, Flamengo. Acho que é Flamengo, se não me engano. É perto da prefeitura, não do governador.

P: Aí você pegava os livros que as pessoas...

M: Jogavam fora. Pegava, li muitos livros. Aí quando eles viam eu lendo esses livros na piscina, eles falavam “poxa, cara, tu gosta de ler esse assunto”. E era muito ligada a área de tecnologia, informática. Aí eles falavam “poxa, tem coisas mais atuais, cara”. Aí eles me davam livros também, revistas, jornais. Então me mantive muito atualizado ao ponto de... nessa época eu fazia... eu era aluno, de um curso de informática básica na Rocinha e já tava fazendo curso de webdesigner já pra fazer site. Aí teve uma prova pra dar aula lá. E eu nem sabia que tava rolando essa prova. Eu cheguei e perguntei assim se tinha vaga pra trabalhar, eu tava insatisfeito já de ficar sentado na piscina sem fazer nada. Eu falei po, calma aí aí eu tenho muitos conhecimentos, eu quero ser mais útil, sabe. Eu montava computadores com os restos, as sucatas que jogavam fora eu montava, deixava lá pra galera da faxina mexer na hora do lanche.

P: Você tinha quantos anos?

M: Ah, eu tinha já vinte e poucos anos, 22, 23, mas sempre muito assim ligado a ajudar as pessoas, ligado com tecnologia.

P: E como surgiu o Parceiros?

M: Cara, o parceiros surgiu muito depois, né, porque aí eu consegui a faculdade nesse meio de campo, né, aí de aluno eu virei professor do curso. Quando eu perguntei se tinha vaga pra trabalhar, ela falou que só tinha pra entregar papel. Aí eu falei entregar papel eu não quero. Mas tem uma vaga pra professor, mas não liberou de fazer a prova porque “você é aluno, você não pode fazer”. Aí meu professor falou assim “não, deixa ele fazer a prova junto com os meninos aí, de repente”. E eu fui o melhor, cara, nessa prova. Aí eu larguei meu emprego de piscina, ganhava acho que 1200 na época pra ganhar 100 reais por turma. Isso com filho pequeno já, segunda filha já tinha nascido, mas assim cara, foi uma história muito linda, assim, sabe. Dar aula foi algo muito gostoso. E eu descobri que eu tinha um talento ali porque eu também não sabia que tinha esse talento, foi uma coisa assim que...

P: Daí você foi fazer faculdade?

M: Não, aí a faculdade veio depois quando uma gringa veio na Rocinha pra fazer, passear. Aí decidi “vou consumir as coisas da comunidade”. Aí comprou coisas, fez cabelo, tirou um dia de Rocinha essa gringa, ela é sueca. O nome dela é Sandra. Aí ela fez a unha com a minha mulher que, na época, trabalha fazendo unha lá. Adorou e aí começou a levar minha esposa pra fazer unha aqui no Leblon. Algo maravilhoso assim, vinha de carro, levava, ficou amiga. E ela falou “pô, eu preciso de uma pessoa pra me dar aula de excel, eu já dava aula na Rocinha, nesse curso. E aí fui dar aula pra essa gringa e foi algo assim maravilhoso que eu descobri que ela representava a Salinas, biquíni, lá na Europa. E ela tava fazendo, ela tinha um site que uma amiga fez e tava precisando de um mais novo. Então eu consegui fazer, cara, um site pra ela que fez o maior sucesso. Levei seis meses, cara, demorei pra caramba. Mas como o verão lá tem só dois meses, cara deu muito certo. Aqui tem a semana de moda e lá também tem a semana lá de moda. E ela foi premiada com o melhor site.

P: Você foi premiado.

M: É, pô, mas meu computador era um negócio deste tamanho, cara, dentro da favela, assim, tudo sem recurso. Mas tinha muita força de vontade, sabe. E ela ganhou. Isso foi de 2006, 2006 pra 2007. Acho que foi 2006 porque 2007 eu comecei a faculdade. E ela se deu superbem. Ela falou assim “Marco, eu não sei nem como te agradecer e tal. Você vai fazer o próximo ano o projeto, mas como é que eu posso te agradecer mais?”. Eu falei, cara, quero fazer faculdade. E era a faculdade que eu batia na porta toda a vez e ia com os meus filhos.

P: Qual era, qual era?

M: Instituto Infnet. Eu ia com os meus filhos no colo, levava no colo, falava “po, me dá uma bolsa aí, cara, me deixa estudar, cara, eu moro na Rocinha”. Eu ia sem as crianças, ficava anotando... tem um vidrão, vontade de fazer universidade, ficava anotando tudo que o professor ensinava para aqueles alunos, eu anotava e fazia em casa nos sites que eu tava produzindo. Entao assim, foi muito difícil, mas a gringa falou “eu vou realizar teu sonho”. Isso em 2007 já aí eu comecei. Foi maneiríssimo pra mim, pra carreira. Aí eu consegui, cresci um pouquinho na área. Não conclui a faculdade porque aí veio a crise econômica no meio do caminho, acho que foi 2008 ou 2009, e ela encerrou, encerrou completamente, falou não dá. Não dá mais pra te bancar a tua faculdade.

E, assim, até o projeto, a gente vai continuar, vou te pagar pelo projeto, mas a faculdade não dá. E aí, que acontece, nesse meio do caminho, assim, eu fiquei sem trabalho, passei maior perrengue.

P – Você tinha quantos anos?

M – Eu já tava com 28 já, minha mulher bancando a casa com dinheiro de unha, assim, 400 reais.

P – Você já tinha três filhos?

C – Três filhos, foi triste, uma época muito ruim. Então, assim, o Parceiros do RJ veio numa época, ele veio numa época que eu já tinha superado essa fase ruim, da crise. EU já tinha conseguido passar num concurso, que é pra dar aula em uma escola, que é essa que eu trabalho hoje, de arte e tecnologia. Abriu um edital da Oi e aí eu consegui passar sem ter finalizado a faculdade, cara.

P – E aí você tá lá até hoje?

M – To lá até hoje, por isso que eu entrei como monitor. Mas a força de entrar no lugar social, estar no meio de pessoas era tão grande, era tão forte dentro de mim – e é até hoje – de querer ajudar as pessoas, que eu consegui ir passando de fase e eu era muito julgado, era muito humilhado na faculdade por ser da favela. Então assim, eu já tive meu histórico muito ruim. Eu estudei em colégio particular morando em favela. Na carteirinha tinha lá o nome de todo mundo e onde morava. Rua Jardim Botânico, pô, a rua que eu morava era Beco do Rato, cara. Então assim, as pessoas me zoavam na escola. Só foi bacana morar na favela quando eu fiz 15 anos na escola, 16 anos.

P – Por que?

M – Porque já era status ter amigo da favela. Ah, eu tenho um amigo que mora na favela. Ou então no interesse de eu levar coisas pra eles, de drogas, mas...

P – Já interpretar logo que era da favela...

M – É, ainda mexiam comigo. Eu tenho um amigo que mora na favela. Eu sempre fui maior bobão também, nunca fui nada de marrento, enfim, mas só foi bacana nesse momento. Eu sempre tive muita vergonha, cara, por conta dessas humilhações que eu passei. E na faculdade eu vivi isso de novo. Os meninos que estudavam comigo todos com MacBook pro, iPhone, iPad, não sei o que, na época e eu... meu pen drive era um negócio que você via o esqueleto dele por dentro, sabe, era um fio, todo feio. A professora falava “pô, essa miséria aí, isso não é coisa de design”. Na hora de entregar os trabalhos, tinha que fazer cartaz, eu não tinha condições de imprimir. Eu entregava em PDF e a professora “não, cara, você tem que entregar do jeito que eu pedi”. E eu, pô, eu não tenho dinheiro, professora. E falava assim, pô, cara, arruma um trabalho, vai ser garçom, arruma um trabalho. Design é pra rico, é pra quem pode viajar, ver tendências fora, comprar livros caros, você não tem condições. Design não é pra pobre. Eu ouvi isso de professor, de alunos. E eu falei, cara, eu vou conseguir, eu vou conseguir. Tudo que eu quero eu tenho condições. E aí foi quando eu passei nessa escola, entendeu. Então, assim, hoje eu to numa condição assim dentro da área, bem melhor do que aqueles que se formaram. Porque eu lutei por isso, foi muito difícil, mas eu consegui. Então, quando... Aí eu já tava na faculdade, já tava superando essas dificuldades todas, aí eu tive que sair da faculdade por conta da crise financeira, fiquei só trabalhando na escola, mas aí eu vivi uma crise familiar muito difícil. Aí que entram os Parceiros do RJ. Essa crise familiar gerou assim uma... Não foi com a minha esposa, foi com a família da minha mãe, sabe, por causa

de herança, sabe. Família pobre, mas gente com nariz em pé, sabe, que briga por causa de bobeira, sabe. E eu moro de aluguel há 13 anos, cara.

P – Você ainda mora no Beco do Rato?

M – Moro mais embaixo agora, mas moro de aluguel, pagando aluguel com muita dificuldade.

P – Quanto é que você está pagando de aluguel?

M – Hoje eu pago 500.

P – Quantos quartos?

M - Um quarto e um negocinho assim onde as crianças dormem. A gente dorme tudo no chão porque não teve como subir cama, não teve como subir as coisas. Então a gente põe um colchão e dorme. Mas assim, é difícil, cara. E a chance que eu tive de conquistar uma casinha, que minha vó, ela falou assim, ela foi pro Espírito Santo, aí falou assim, eu vou deixar uma casa, não pro Marcos, que ela deixou pra um menino que é especial, da família, que o pai dele já tem duas casas, apartamento, não sei o quê, carro, não, vou deixar mais um pro menino estudar. Sendo que o que que ela pensou, eu vou dar a casa pro menino, mas o Marcos pode entrando agora na casa e ir pagando como se fosse aluguel. Com essa grana, daqui a pouco já tá tudo no banco na conta do menino e eu consigo, tipo, abençoar duas famílias, né. Sendo que... Eu entrei na casa, pintei a casa inteira, reformei, já tava assim feliz, caramba, até que enfim vou sair do aluguel, a casa era em Jacarepaguá. Quando eu entrei na casa, esse meu tio me liga. “Não, você não vai entrar. Você pode até entrar, mas vai pagar aluguel, eu vou esperar valorizar a casa nas Olimpíadas e Copa do Mundo, depois você compra. Aquilo ali, cara, foi meu... Acabou comigo. Eu falei, cara, não acredito nisso. Poxa, você chegou com uma mão na frente outra trás, minha vó te ajudou, deixou você morar de graça num quartinho, pra você se levantar, pô, construíram as coisas e aí eu comecei a discutir também, o certo virou errado. Nessa época eu consegui também um trabalho na câmara municipal, fazia marketing digital pra dois vereadores, tava ganhando um dinheirinho legal, além do da escola. A situação tava bacana, eu falei, poxa, Val, eu consigo comprar essa casa rápido. Eu sei que minha mente ficou tão assim atordoada que eu perdi os dois empregos da Câmara Municipal, pô, os dois juntos, pô, dava um salário legal, mais o da escola. E esses dois vereadores me chamaram e pô, cara, você não tá em condições de trabalhar, revê lá sua vida primeiro, perdi cara. E aí já tava quase perdendo o meu emprego aqui também, da escola, já tava numa fase muito mal, interna, sabe, a ponto que eu falei assim, pô, vou começar minha vida de novo, eu não sei o que fazer. E aí, por acaso, eu tava no consultório vendo, era o último dia. “Hoje é o último dia da inscrição”. Parceiros do RJ, cara, da Rocinha. Foi assim, eu vejo como fosse um presente de Deus assim, cara, to contigo, cara, não fica assim não. Foi exatamente. Eu tava fazendo. Era o último dia do teste que a gente faz periódico, do trabalho, né, pra ver negócio de saúde, eu deixei pra fazer no último dia. To lá no negócio e era o último dia também da inscrição.

P- E aí você foi correndo se inscrever?

M – Eu falei, pô, bacana isso aí, né. Aí eu cheguei, fui pro trabalho à tarde. Aí as pessoas, pô, cara, meu amigo lá da Ilha do Governador. “Tu não mora na Rocinha? Eu vi um negócio hoje, pra se inscrever, negócio de jornalismo e tal”.

P – E você nunca pensou em trabalhar com jornalismo, né?

M – Nunca pensei em trabalhar com jornalismo. Aí eu falei “boa ideia”. Eu já tinha visto o negócio de manhã, eu falei “vou me inscrever”.

P – Sem saber direito o que ia fazer.

M – Sem saber direito o que era pra fazer. Acho que o programa eu só tinha assistido uma vez e também eu não entendi muito bem o que era porque é muito difícil eu assistir televisão. Nem televisão eu tinha. Quando eu entrei no Parceiros, eu tinha comprado a nossa televisão há três meses atrás, assim, no máximo. No máximo três meses atrás. Porque a gente sempre fez tudo pela internet. Eu nunca tive muitas coisas em casa até porque eu nunca tive casa grande pra ter muitas coisas. Então, era sempre um computador que era o nosso DVD, o nosso som, nossa televisão, internet, era tudo ali. Álbum de foto era ali, vídeo. Então, nessa época eu consegui uma televisão com o meu tio, um pouquinho antes e assisti o Parceiros do RJ, mas não entendi muito bem o que era. Achei estranho esteticamente, falei, pô, isso aí é o quê? Aí depois... Esteticamente eu achei muito estranho, assim, porque você vê tudo dentro de um padrão, né, enquadramento padronizado, não sei o quê tudo padronizado, aí de repente vê uma câmera tremida, eu falei “caraca”.

P – Você gostou ou não gostou?

M – Eu achei diferente, achei estranho só. Falei, pô, não entendi muito bem a reportagem, mas achei que tinha alguma coisa. E quando eu vi o anúncio, eu lembrei. Eu falei “Ah, acho que é pra ser representante da Globo e tal”. Fiz a prova. Aí fui passando de fase, ainda desacreditado mesmo. Sinceramente, eu tava muito mal comigo, sabe. Mas fui passando, sabe, alguma coisa boa tava acontecendo ali. Na própria redação, todo mundo fazendo a redação bonitinho. Eu fiz a minha redação toda estranha, desenhei na redação, fiz uns negócios assim... Eu não tava a fim daquilo, eu tava ali porque eu queria...

P – Alguma coisa nova...

M – Na verdade, eu queria e não queria. Eu tava ali mais pra ocupar minha mente. De repente, passei nas fases, cheguei na etapa do vídeo. Cara, mas aquilo mexeu comigo, cara, fiquei tão feliz. Falei, cara, cheguei na etapa do vídeo, eu tenho que produzir o vídeo. Cara, eu fiquei muito feliz, eu fiquei vibrando, falei não, calma aí. Peguei o meu irmão, que filma também, falei “irmão, passei”. Ele ficou, vibrou, mais que eu. A minha família inteira, assim, que eu digo, minha mãe, meu irmão, meu pai, minha esposa, ali, meus filhos, vibravam muito mais. “Caracas”.

P – Da conquista...

M – Da conquista. Mas eu ainda tava assim meio que perdido. Assim, caraca, será que isso é um sonho, é verdade. Mas eu tinha que produzir o vídeo, não tinha nada garantido.

P – Você tinha câmera, tinha tudo?

M – Meu irmão tinha, cara. Eu rodei a Rocinha in-tei-ra. Mas eu filmei tudo. Passava algum gringo, eu falei “vem cá”, aí filmava o gringo, entrevistava o gringo do meu jeito. Aí depois, ele falou “Marquinhos, tu vai falar sobre o quê?”. Eu falei, cara, eles pediram pra falar coisas boas e ruins. Ou só boas ou só ruins. Se puder, falar das duas. Aí fui no complexo esportivo, filmei lixo da favela. Eu sei que foi um dia inteiro filmando, eu só fui pra casa comer, eu tava cansado demais. Filmamos com três câmeras, com duas câmeras. Olha, eu fiquei tão empolgado com aquilo. E depois tinha que editar, cara, porque foi assim. Você passou num dia, aí eles me ligaram. Amanhã. Me deram tipo 24 horas pra entregar um vídeo, foi alguma coisa assim, era muito rápido, muito

rápido. 24 horas no máximo – ou 48 horas – foi uma coisa assim muito rápido assim, que eu filmei, uma noite, e, no outro dia, eu virei editando. Virei, cara. Porque na escola, querendo ou não, eu tenho uma noçãozinha de vídeo, de decupagem, não sei o quê, olha... E eu já editava algumas coisas pro surf, que eu pego onda. Cara, eu fiquei editando a noite inteira. Quatro horas da manhã, meu irmão “vai dormir, cara”. E eu: “não, não terminei o vídeo, cara”.

P – E você gostou do resultado?

M – Olha, eu sei que eu fiquei editando até cinco horas. Olha, era pra entregar o vídeo até cinco horas. E eu fiquei editando até quatro e meia. Botei pra renderizar o vídeo e falei “Mauricio, a mulher falou que se chegar 5:01, eles não vão receber”. O negócio renderizando e ele falou “pô, vou ligar pra um amigo que é mototaxi”. Eu saí da Rocinha dez pras cinco. Chegou o mototaxi lá, cara, eu consegui fechar o material no DVD, faltou colocar um negocinho lá. Eu sei que eu saí de casa faltando dez minutos. Cheguei pro mototaxi e falei “quanto é daqui pro Jardim Botânico ali na Globo?”. Ele falou “cara, é 12 reais”. “Tu faz em quanto tempo?” “Faço em uns 20”. Eu falei “Cara, se tu fizer em 20 minutos eu não vou conseguir meu emprego na Globo. Tu faz em dez. Se tu fizer em dez, eu te dou 20 conto”. Ele “hahahaha, isso é mole, cara”. Cara, ele desceu isso aqui, os carros tudo parado num trânsito, ele (barulho de moto), abriu assim. Cara, foi impressionante, cara, ele chegou. Ele chegou. E já tinha um pessoal na porta assim. “Ai, eu tava desesperada”. A moça lá do RH... “ai, eu tava desesperada, poxa, você não chegava”.

P – Ela queria que você passasse?

M – Não, eles queriam que todos entregassem o material, né. E ela falou “cinco hora”. Cinco e um não ia receber mais, então o pessoal já tava na porta. E eu liguei pra um amigo que também tava nessa concorrência, eu falei, por favor, pede pra esperar, cara, pede pra esperar, eu to chegando. Então ela falou: “ai, achei que você não ia chegar mais”.

P – E quantos foram pra essa fase de vídeo?

M – Cara, acho que seis.

P – E isso contando Cecília...

M – Cecília, um amigo meu que é muito bom, muito bom, ele trabalha em produtora, o cara é excelente, assim, filma muito bem, edita muito bem.

P – O Leandro passou pra essa fase do vídeo nessa época?

M- O Leandro não, o Leandro não chegou nessa fase. Mas ele, eu lembro dele também na fase de grupo, eu lembro dele. Eu sei que eu entreguei esse material, foi muito bacana. Aí no dia seguinte, eles mostraram no ar o meu material. Eu falei: “caraaa”. Aí me chamaram pra última fase que seria assim meio que uma entrevista. Aí nessa entrevista foi uma coisa assim sensacional porque eu tava morando em Jacarepaguá e o concurso era pra moradores da Rocinha, exclusivamente...

(interrompe para a entrada da Cecília)

M – Foi uma festa passar naquela fase do vídeo, assistir aquilo na TV, mas ainda não tinha nada certo. Rolou uma entrevista e aí eu comentei com eles, né. Eles gostaram e tal. Aí no finalzinho, quando eu tava indo embora, eu falei: “Mas olha só, é exclusivamente pra morador da Rocinha”. Eles me perguntaram tudo sobre a Rocinha, eu morava lá. Aí eu falei: “Eu to morando em

Jacarepaguá com a minha mãe. Se isso for um problema...”. Aí eles: “não, isso é um problema”. Eu: “Se isso for um problema, vocês têm condição de me dar dois presentes”. Aí ele: “Como assim?”. Pô, foi até o Sternick, né, Eric, eu não tinha noção de quem era quem. Então, falei abertamente. Falei: “Olha só, vão me dar dois presentes. Um de voltar a morar na favela porque to na maior briga lá com a minha mulher. Ela não quer voltar e eu quero já há um tempo. Então vou voltar pra esse trabalho e vou ficar. E o trabalho, né?”. Aí eles falaram: “Pô, por que você foi falar isso agora, que não sei o quê...”. Mas acabou que deu tudo certo, cara, eu voltei pra Rocinha, minha mãe tinha uma casa lá. Eu morei do lado, na casa da vizinha.

P – Você conhecia a Cecília?

M – Não conhecia a Cecília. Acho que de vista, muito mal mesmo, muito longe.

C – Eu cheguei a pesquisar alguma coisa sobre vídeo porque a última etapa... Era uma das últimas, era você enviar um vídeo. Aí eu falei assim, vou pesquisar no You Tube para ver se alguém teve a cara de pau de colocar. Porque eu não tinha a coragem de colocar o meu porque eu achei o meu péssimo. Aí eu vi o dele. Achei o máximo, falei pô, esse garoto é bom. Eu falei, cara, esse menino vai me dar um trabalho lá.

(risos)

M – Concorrência ali, né.

C – Pô, o garoto fala bem. Aí quando foi no dia, nós já estávamos escolhidos. Só que eles tinham mentido pra gente. Falou que era mais uma etapa.

M – Teste de câmera.

C – Teste de câmera. E eu míope, falei “será que vai ter que ler alguma coisa”. E eu sem óculos. Como é que vai ser? Aí entra o Marcos. Eu falei “esse garoto vai competir comigo, é aquele do vídeo que eu vi no You Tube”.

P – Não sabia que ia ser parceiro, né.

M – Muito bom.

P – E a Cecília me contou que vocês se deram super bem.

M – Aí, cara, foi ótimo. Eu adorei.

P – Qual o resumo que você faz dessa experiência para a sua vida?

M – A da dupla?

P – Do geral, de você participar do projeto?

M – Participar do projeto, como eu te falei, aquela questão da autoestima, ela pesou muito, sabe. Tá do lado da Cecília pra mim foi muito bacana por ser uma pessoa assim com uma outra vivência, outras experiências, pô, ela me completou muito. Muitas coisas que eu não tinha assim coragem de fazer e *know how*...

P – Tipo o quê?

M – Algumas abordagens mesmo. Ela tem uma pegada assim mais direta. Em algumas situações de rua, pô, ela tomava umas atitudes que eu falava assim “caraca, pô, ela complementa legal”. E eu já tinha outra visão em relação às coisas também que complementava a visão dela. E, tipo assim, até por ela ser um pouco mais vaidosa e, assim, bonita e tal. Aí eu já comecei a me cuidar um pouquinho mais.

C – Eu penteava o cabelo dele...

(risos)

M – Eu sempre fui uma pessoa de costumes muitos simples, muito assim jogado. Nunca liguei muito pra essas coisas. Aí estando do lado dela. Eu ouvi muito até da minha mãe assim “pô, filho, tu tá se cuidando mais, tá bonitinho”. Mas assim foi muito bom, assim, no geral, levantou minha autoestima o trabalho. Pude perceber o valor do jornalismo que até então eu nunca tinha parado assim pra ver a grandeza e o potencial do jornalismo. Principalmente o jornalismo da comunidade, feito por gente da comunidade. O impacto que isso gerou na época que a gente tava trabalhando.

P – Você acha que foi realmente um...

M – Eu acho que teve um impacto, cara, teve um impacto, tanto é que depois que começamos a entender melhor o mecanismo da coisa, de produzir matérias, de levantar pautas, de vender pautas e depois você ver aquilo no ar e sendo comentado pelas pessoas. E o poder público agindo sabe, cara, isso ali foi (*Cecilia fala algo que não dá para entender*). Você vê que é uma coisa maior do que você pensava, sabe. Aí você pensa assim, pô, não é só o aparecer do jornalista. Não é só a matéria ir pro ar. É o resultado que ela pode gerar, entendeu. Eu tava até pensando assim, há poucos dias atrás, falei, cara, se eles dão pelo menos mais seis meses pra Cecilia e Marcos, cara...

P – Vocês ficaram pouco tempo...

C – Pouquíssimo.

M – Terminamos o final.

C- Seis meses. A primeira turma passou um ano e meio. E essa turma nova já tá fazendo um ano. A gente ficou assim meio puto. Não é puto por tá saindo da Rede Globo. É porque a gente tinha tanto, quando a gente pegou o ritmo, o projeto acabou. E a gente tinha a chance de voltar na mão do Eric Bretas, mas aí o projeto passou, como houve aquela mudança de hierarquia, o Eric subiu e entrou outra pessoa no lugar dele na diretoria da Rio e aí o cara que sabia resolveu colocar todo mundo novo e a gente perdeu. Porque eu fui falar com o Eric no final. Ele falou, não, é uma possibilidade grande.

P – Pra dar mais tempo pra vocês.

C – Eu falei, Eric, tem alguma chance de a gente voltar pra turma nova? Ele falou: “Cecilia, se fosse de uma forma diferente não teria porque a gente não quer colocar gente repetida, mas como vocês vêm apresentando um trabalho bom e vocês passaram há pouco tempo, é capaz que isso aconteça. Tem grandes chances”. Então a gente ficou na expectativa, na espera. Mas aí houve a mudança lá dentro eu falei, Marcos, acho que agora foi... mas a gente fez muito contato bom lá dentro, muita gente torce por nós.

P – Vem cá então, chega pra cá pra gente ver. Vamos aproveitar então, vendo as reportagens, falar da questão da... Porque a Cecilia até me contou que não tinha noção do que era pauta, de falar um

pouco como é que foi isso. E contar uma coisa pra vocês: eu fui pra Portugal e lá eu mostrei a sua matéria para um bando de gente. Tem uma favela lá. O que é favela lá é totalmente diferente daqui porque aqui a gente convive com a favela, a favela faz parte do cotidiano do carioca. Lá é segregação mesmo, a galera que mora... Não chama favela, chama de bairro popular. Mas o bairro popular, os caras não frequentam e não se frequentam. Então eu participei de um trabalho com um pessoal que trabalha com vídeo com esses bairros populares, contei a experiência de vocês, pô, o garoto ficou desesperado. Era tudo que ele queria. Ele tava fazendo também curso de vídeo, o garoto com o maior potencial, fazia fotografia. Mas não tem essas coisas lá, né. Mas foi superlegal mesmo.

M – Isso que você falou da comunidade ficar isolada, isso eu acho uma coisa muito ruim porque o que me ajudou esse tempo todo foi o contato com o asfalto. Lembra que eu te falei da discriminação da escola? Por mais que eu fosse assim o excluído, eu tive contato com muitas coisas que o pessoal da Rocinha não teve. Na faculdade também. Por mais que eu tivesse o patinho feio...

P – Mas você diz o que? Esses livros que você pegava no lixo?

M – Isso, os livros que eu pegava no lixo, o contato com as pessoas, o diálogo, entendeu.

P - A troca, né...

M – A troca. Na comunidade, eu parado na comunidade, eu não tinha acesso a isso.

C – É um muro invisível, né.

M – É um muro invisível.

C – A gente acha que o mundo nosso é aquele ali e acabou.

P – Mas quando você fica aberto pra fazer esse trânsito...

C – Aí você começa a perceber que a gente vive ali num mundinho ali muito fechado. E às vezes não é a gente que quer viver ali. É a sociedade que enfia a gente ali porque, quantas vezes eu cansei de mentir em entrevista de emprego... Moro na Gávea, São Conrado. Uma vez eu fui... Nunca estudei em colégio particular, mas a minha mãe uma vez foi tentar me colocar, me inscrever para uma bolsa e tal. Só de eu olhar pras meninas, eu ver elas diferentes, eu falei “mãe, eu não quero ficar aqui”. Eu não consegui porque eu me senti diferente. Elas comiam muito bem, elas se vestiam muito bem e a nossa vida era outra, né.

P – Essa primeira reportagem, que é o do Tio Lino, né?

C – Não, a primeira nossa foi do Wark, do grafiteiro.

P – Isso mesmo, do Wark, isso mesmo. Aliás, eu só tenho essas que foi a Cecilia que me arrumou. Você tem mais? O ideal é que eu tivesse as 16, mas olha você não tem noção do que é a dificuldade pra você... não consegue. Via Globo. Eu tenho ido às reuniões de pauta e tudo mais, mas assim... Dá pra você assistir lá, mas ninguém copia nada pra você. Talvez pra vocês eles copiem.

C – Porque a Vera, eles uma vez falou, não falou, que a gente poderia copiar lá?

M – Lá no não sei o que DOC.

C – No Cedoc. Eu vou fazer contato, vou perguntar. A gente tem muita matéria boa que tá lá, que eu não tenho, que eu perdi.

P – Essa primeira reportagem, como ela surgiu, a ideia de pauta?

C – Foi sua?

M – É. A ideia da pauta do grafiteiro, eu lembro que a gente tinha o trabalho de preparar uma pauta. Então a gente pensou assim, vamos falar de arte porque todo mundo aqui fala de arte na Rocinha. Aí poderia englobar Tio Lino, Wark...

C – É, a gente tinha alguns nomes, assim, de uns artistas que a gente achava que tinha mais destaque. Até porque a gente não queria falar também, a priori assim, de problema. A gente queria mostrar uma Rocinha que as pessoas não conheciam. Que lá tem artista...

P – Eu to ouvindo tá gente. É que eu to o tempo todo aqui tentando me entender aqui, é bom eu pedir ajuda pro Marcos... (risos)

C – E aí a gente chegou a essa conclusão, eu falei, “Marcos, vamos começar então com uma coisa mais bacana?”. Ele falou “pô, é isso aí”. Aí ele conhece o Wark...

M – E nós viemos de um treinamento. Nessa época, nós vendemos a pauta, pra falar de arte na Rocinha.

(conversa sobre o vídeo que não está entrando)

M – Então, o que acontece. Nós estávamos passando por um treinamento que foi intenso, inclusive.

C- Foi. Inclusive essa matéria foi acompanhada pelo cinegrafista da Globo que fazia o treinamento de câmera com a gente.

P – Quem era, hein?

C- O Eduardo Torres, um novinho. Ele tá em Portugal, inclusive, agora. E ele é muito bom e deixou a gente muito solto.

M – E a pauta que nós vendemos foi essa de falar de todos os movimentos de artes da Rocinha.

P – Então a ideia inicial era falar sobre arte na Rocinha?

M – E aí fomos em algumas locações, né. A ideia era mostrar o Tio Lino e mostrar o Wark. Aí fizemos um treinamento no Tio Lino. Foi bacana. Não sei se era a Cecilia que tava filmando ou era eu.

C- Fui eu.

M – E o outro treinamento foi com Wark. Sendo que, quando a nossa chefe, a ...

C – A Gisela.

M – A Gisela. E o nosso...

(conversa sobre o vídeo)

M – Aí acabou que a do Wark seria um pedacinho...

(conversa sobre o vídeo)

M – E aí acabou que a do Wark rendeu pra caramba.

P – Mas vocês chegaram a gravar com ele?

C – Nós fizemos uma matéria, assim um ensaio.

(ouvem a chamada do vídeo).

C – Aí a Gisela falou “olha só, vamos focar nesse daqui. Acho que essa matéria vai render, o cara é bom, a escolinha dele é ótima.”. Aí a gente entrou em contato com o Wark e falou, a gente vai voltar aqui pra fazer uma de verdade, com todo mundo, já com roteirinho e tal. E aí fomos.

P – E aí, como é que foi? Vocês foram pra lá com o roteiro pronto? Como é que produziu esse roteiro?

C- Não, na primeira vez a gente foi só pra fazer imagem, ele foi fazendo a reportagem, só que ficou tudo muito perdido.

P – Qual era a orientação que vocês receberam naquele momento?

C – A gente não tinha. Eles meio que soltam a gente assim. Só tinha mais direcionamento de câmera porque naquela semana era treinamento de câmera. E aí quando a gente voltou com o material, ela falou assim “não, bacana, isso dá frutos, só que a gente precisa organizar isso”. E aí vieram novamente o Eduardo com a Gisela e a Gisela foi orientando a gente na hora. O Eduardo tipo assim “Cecilia, você tem que prestar atenção no que que o Wark vai falar porque depois você vai ter que cobrir aquilo com imagem”. E aí eu fui ligando as coisas e o Marcos falando com eles. E aí a Gisela “olha, ele falou que tem uma escolinha, agora a gente tem que fazer a ida pra escolinha, a gente tem que fazer a filmagem...”.

P – Foram quantas idas pra fazer essa matéria?

M – Foram muitas. Até porque esse personagem ele era chatinho demais. Na câmera assim ele é legal, gente boa, mas...

C- Ele queria direcionar o negócio?

M – Ele ficava “não, filma daqui”, ele é todo artista, né... muito chato.

C- É, ele queria que eu fizesse os ângulos que ele quisesse, cheguei pro Marcos e falei: “Marcos, to começando a me irritar e agora? Eu vou colocar a câmera na mão dele”.

(risos)

P – Mas aí vocês terminaram a matéria em uma gravação só, não?

M – Não, não.

C – Na primeira a gente tava com o Eduardo que é quando a gente começa a abertura. Aí a gente fez até a ida pra escolinha com eles. Depois, tem uma segunda parte que a gente já tá dentro da escolinha que eu vou te mostrar qual é, ali a gente já fez sozinho, dali pra frente.

P – E a orientação de off, fazer off ou não fazer off?

C – Quando a gente chegava lá.

P – Mas tinha orientação de fazer?

M – Tinha.

C – Não, antes não.

P – Qual era a orientação pra sair? Fazer entrevistas e...

C – A Vera deu um cursinho pra gente de uma semana e ela explicou que toda história tem que ter um começo, meio e fim. Então você tem que procurar começar e desenvolver a tua história, o que você quer saber dali e finalizar. Era o que a gente tinha pra fazer. A orientação era essa. Então, quando a gente chegava lá com o material e tava faltando alguma coisa ou a gente voltava pra fazer, completar, ou se precisasse de off, ela, a Monica que mais editava com a gente falava: “olha, vai precisar de um off, vai lá pra cabine e faz”. Ela escrevia o texto e a gente fazia.

P – Ela que escrevia o texto?

C – Ela que escrevia o texto do off.

P – Então vamos ver essa matéria, vamos ver o que rolou. O que tinha de imagem que não usaram, o que tinha de entrevista, o que teve que fazer de novo. A gente assiste e depois vocês me contam.

(assistem ao vídeo)

M – Isso que ele falou, a gente devia ter falado (*sobre o valor dos quadros*) na matéria.

P – Foi dito isso pra você?

M – Não.

(assistem ao vídeo)

M – Errei tanto, gente...

P – Da onde você tirou essa forma de conduzir?

M – É meu, isso é meu.

P – Se espelhou em alguém?

M – Não, não.

C – E eles deixaram ele soltou. Disseram tem que ser você. Aí ele entrou...

P – Aí você acha que conversou com ele como você conversaria sem ter a câmera?

M – Mais ou menos porque eu fiquei nervoso. Mas tentei ao máximo.

(vídeo)

P – Tem algum significado você fazer a construção da matéria mostrando?

M – Se tem algum significado?

P – É, você poderia ter feito de várias formas. Por que escolher você ir caminhando?

M – A gente achou que teria mais sentido assim e mostrar um pouco mais da comunidade, o trajeto.

C – Até porque o trajeto que nós fizemos tem muita obra dele. Então era a chance de a gente ir mostrando que ele realmente grafitava a favela toda.

(vídeo, comentam sobre os meninos que falam no vídeo. “Monstrinho. Olha o tamanho do garoto. Depois aparece um “Soneca”. O Marcos fala: “Soneca”).

P – Você conhece o Soneca há muito tempo?

C – Nada. A gente conheceu ele ali. O Eric falou que esse garoto deve ser muito maconheiro porque ele tava muito louco.. (risos).

P – Mas você tem noção que do jeito que você conduz a entrevista parece que você é íntimo dele?

M – É cara... “E aí, Soneca?” (risos).

P – Eu jurava que você era amigo íntimo dele.

C – Nada cara.

M – Não, eu trabalho com jovens. A minha avaliação de professor é engraçada até demais. Os professores recebem...

C – Ele abraça o cara. O cara todo sem graça, ele agarrando o menino (risos). Muito bom.

P – Agora me fala. Ficou muita coisa de fora?

M – Olha.

P – De entrevista, por exemplo.

M – Só ali na escolinha, nós entrevistamos quase todas as crianças. Teve uma menina também...

C – Imagem sobrou muita. A gente não tinha noção de volume, então eu fiz duas fitas de imagem.

M – É. Isso rendeu pra gente um esporro enorme.

P – Mas me diz uma coisa. Em termos de conteúdo. Logo que começou você disse “é isso aí a gente tinha que ter falado”

M – É, isso eu percebi. Eles não nos falaram isso. Por que que eu senti? Porque nas outras matérias davam uma introdução muito curta e já começava a matéria. Vamos agora ver os Parceiros do RJ de tal lugar, vamos mostrar o projeto tal. Nesse, especificamente, eles não nos deram esse feedback, mas eu fiz essa leitura depois de um tempo. Eu falei “caramba, o do Wark ele explicou quase toda a história do Wark”.

C – Do cara que a gente tinha que ter falado. Inclusive no final ele fala mais alguma coisinha aí.

P – E nesse final que ela fala “sejam bem vindos” e fala da Globo. Como vocês recebem isso? Ele não fala só...

M – Aaaah, sim. Ele fala “eles estão nervosos, é a estreia...”

P – Primeiro ele fala que é a estreia, tá nervoso.

M – Isso, na verdade, foi uma construção que eu percebi que a Globo, ela tava fazendo uma conexão não só com o telespectador dele tradicional, mas ele tava falando diretamente com a Rocinha nesse dia. Não nesse dia, mas eles construíram nessas últimas semanas uma comunicação com a comunidade. Logo quando nós fomos anunciados, antes disso, teve uma matéria. No dia seguinte, mostraram as nossas casas. Acho que na mesma semana rolou uma foto nossa grande no jornal. Então, assim, gera uma construção ali. E isso era mais ou menos “Galera da Rocinha, eles estão nervosos. É hoje”. Eu acho que foi mais isso, pra levantar.

P – E vocês acham que tinha essa expectativa por parte do pessoal de lá da comunidade?

M – Cara, tinha.

P – A Cecilia me contou uma época que tinha uma resistência grande. Nesse momento aí, dessa pauta.

M – Olha, eu vou te falar que teve a resistência, mas também que tinha uma expectativa porque tinha torcida pros dois lados. A torcida do “vai se dar mal, é fraco”...

C – E não é só... A expectativa, a resistência também era das pessoas não acreditarem que a Rede Globo ia dar o espaço que tava dizendo que ia dar.

M – Também, também.

C – E a gente teve que provar no dia-a-dia, olha, gente, o microfone é de vocês, falem, agora é o momento. Lembra do gari comunitário? Ele disse “eu não vou falar, a Globo nunca vem aqui pra nada”. Eu falei: “mas a gente não tá aqui hoje, cara, fala aí com a gente”. Ele: “não, não. Só quem vem aqui, só quem dá ouvido pra nós é a Record”.

P – Mas essa nota pé que ele faz, vamos ouvir de novo só pra...

(vídeo, ouvem a nota pé)

P – Como é que vocês recebem essa autovalorização que a Globo faz em cima dela?

M – Olha, nessa época.

P – Ela tá dizendo ali que o projeto é do caramba, que nós somos do caramba.

M – Sim, mas assim, eu não li dessa forma na época.

P – Como é que você leu?

M – Eu li... na verdade, isso foi tão insignificante essa fala final porque o que mais tava valendo ali era aquele momento ali de estreia da comunidade. E pelo menos assim, a leitura que eu faço também no geral, acho que pras pessoas, pros amigos, pras pessoas da comunidade, essa visão mais crítica...

P – Não aconteceu.

M – Não aconteceu. Eu posso de repente até ler isso agora também. Caraca, realmente...

P – Não, eu não to falando querendo que você faça isso não..

(risos)

M – Não, realmente..

P – Realmente então vocês estavam sentindo que estavam sendo abraçados.

M – Abraçados, mais abraçados do que...

P – A comunidade tava sendo abraçada, efetivamente conseguindo entrar...

C – É isso aí. A minha leitura sobre isso foi “caramba, a Rocinha agora conseguiu”.

P - Faz parte.

C – Exatamente. A gente não tá, não somos mais os invisíveis. Agora as coisas vão começar a caminhar. Até porque eu não sabia a proporção que o projeto chegava. Então, eu acho... Talvez eu tenha sonhado muito mais, idealizado muito mais coisas, mas depois, no meio do caminho, a gente começou a ver a dificuldade, cara. Como era difícil ligar pra uma Secretaria e pedir nota... E eu falei “Marco, a coisa não é assim.” Porque eu pensei que a Globo tinha um aparato, uma coisa. Nós entramos assim ó, jogaram a gente lá dentro. Quando a equipe toda começou, eles tinham um caderno com telefone de assessoria de todo mundo.

P – Vocês não ganharam isso?

M – Não.

P – Mas por quê?

C- Porque o projeto já tava no meio.

M – Pô, nem mochila a gente ganhou, né.

C- Nem mochila.

(risos)

C – Eu revoltada que queria a mochila, minha filha tava louca pela mochila. (risos).

M – Todo mundo de mochilinha (risos), cara, que nem criança.

P – Mas você levava a câmera onde, na bolsinha?

C – Não, tinha a mochila do equipamento. Mas a mochilinha de parceiro do RJ a gente não tinha. (risos)

M – Os excluídos.

P – Depois dessa pauta, qual foi a próxima?

C - Foi a da corrida, tem aí? Acho que aí não tem.

P – Da corrida você era a repórter?

C – Não. Ainda era ele porque eu tava no treinamento de câmera e ele ainda não tinha pego. Então eles não quiseram arriscar.

M – Mas essa pauta teve uma coisa curiosa porque essa que nós acabamos de assistir foi ao ar na sexta. Nós ficamos produzindo ela tipo uma semana ou duas. No domingo, foi a primeira corrida da Rocinha de braços abertos que é do Bope, não sei o que e tal. Me falaram: “gente, vocês colocaram a matéria no ar, mas aí, tem um factual” E aí? Produzir factual e a gente viajando.

P – Vocês sabiam o que era factual?

M – Nada.

C- Eles falaram a gente vai fazer hoje porque não poder ter erro porque vai ao ar amanhã.

M – Vai ser editado no domingo mesmo para ir ao ar... loucura. Eu comecei a viajar, falei não, então eu quero uma Go Pro, quero isso e aquilo.

C – Eu nem sabia o que era uma Go Pro.

M – Aí começaram a providenciar, arrumaram uma Go Pro.

P – Conseguiram?

M – Consegui uma Go Pro.

C – Mandaram um outro menino, né, um parceiro do Alemão na época pra fazer umas outras imagens porque ele ia correr. Aí deram uma câmera na mão dele pra fazer umas imagens de apoio. Ele correu junto com o Rodrigo Pimentel. Foi maior fuleirinha também, pra fazer uma gracinha. Não curti muito não.

M – E tinha um personagem que nós acompanhamos. Eu não sei se nós filmamos ele no sábado.

C – Foi na madrugada. O cara corre da Rocinha até Botafogo, vai pro trabalho correndo. Foi assim que ele conseguiu juntar dinheiro e construir a casa dele, olha que história.

P – Como é que vocês descobriram essa história?

M – Meu vizinho o cara.

C – De porta.

P – Você sempre soube dessa história dele?

M – Eu vi ele chegando na comunidade, cara, pobrezinho. Ele comprou... Alugou o barraco, depois comprou o barraco, transformou. Aí eu saí. Quando eu voltei já era um prediozinho legal. Ele alugando um dos andares.

C – Nós fomos na madrugada com ele correndo.

M – Cara maravilhoso.

C – Até o trabalho dele. A gente no taxi, lógico, aí a gente foi parando. Ele não foi correndo daqui até lá. Ele foi com a gente, parava em determinados pontos, botava ele pra correr um pouco em determinados pontos pra poder fazer o trajeto. Isso a Globo que exigia, o trajeto, pras pessoas ligarem um ponto a outro. Aí a gente fez até ele chegando no trabalho dele.

P – Mas te falavam nesse sentido que é importante mostrar?

M – De continuidade, é.

C – É, eram eles que diziam isso. E aí a gente fez, né, a filmagem com ele na madrugada. E ele era o nosso personagem da corrida. A gente foi em cima dele na hora da largada, foi muito legal.

P – E tinha muito coleguinha jornalista fazendo a corrida?

C – Olha o que que aconteceu. A Silvana Ramiro tava começando, começando não, ela tava ganhando uma proporção maior na época e todos os mototaxis, na verdade, os motoqueiros que estavam fazendo o trajeto com as pessoas eram policiais. Não podia ser mototaxi da comunidade. Eram policiais do Bope ou da Polícia Militar comum. E o dela era um cara de fora que não conhecia nada da Rocinha. E o meu era um cara de dentro. E ela meio perdida. E o câmera, o cara que tava com ela de cinegrafista, assim meio perdido. Eles não conseguiram fazer nada. Aí eu pra ajudar, falei assim: faz o seguinte, troca, me dá o teu motoqueiro, vai com o meu que conhece a comunidade, eu vou com o teu porque eu conheço aqui. Pô, ela morreu de agradecer. Só que acabou que ela não conseguiu fazer nada, a matéria deles não foi ao ar. A nossa que entrou pra cobrir tudo, mas aí me atrapalhou porque o que ela me passou era um lesado. Eu: “meu amigo, sobe aqui, corta ali”.

M – E a corrida é muito rápido. Assim em dez minutos acaba.

P – E além da repórter da Globo, tinham outros repórteres?

C – Tinha. Só que a gente...

P – Você sentiu diferença na forma de você trabalhar, além desse exemplo da Silvana?

C – Eu ficava muito de olho pra ver até a postura de cada um, do cinegrafista. Tanto é que quando tava perto da chegada, de chegar o primeiro, eu não sabia onde me posicionar. E eu comecei a olhar os meninos que tavam trabalhando, falei bom, então é isso. Me enfiei debaixo da linha de chegada e peguei todo mundo passando. E peguei o Zezinho que era o nosso personagem. E o Tiago chegando com o Rodrigo Pimentel, fazendo uma palhaçada lá, um estrelismo, sabe, uma coisa que me irrita.

P – Mas aquilo ali você tinha que colocar na matéria.

C – Tinha que colocar.

P – Te incomodou muito?

C – Me incomodou.

M – Incomodou sabe o por quê?

P – Aquilo ali fazia parte de alguma forma da comunidade?

C – Não. Eu acho que aquilo ali foi pra promover o Rodrigo que era da Polícia Militar. E o Tiago que era um queridinho lá dentro. Pra mim foi isso.

M – E eu acho que, já que a gente tá falando de contar a história, ficou uma história mal contada porque você não contou uma coisa nem a outra. Porque tinha um personagem, do caramba que acordava de madrugada, que construiu a casa, que ia correr. Nem colocaram se o cara venceu ou não.

C – Colocaram pouquíssima coisa.

M – E a gente acompanhou o personagem.

P – Quer dizer, pra vocês contar a história do Seu Zezinho era muito mais importante pra comunidade...

C – Porque a história do Zezinho se repete ali...

M – Até hoje.

C – Quantos nordestinos não vieram pra cá, tem gente que chega até hoje querendo uma vida melhor. E ele conseguiu. Teve gente que não conseguiu, mas ele poderia ser uma luz. O cara conseguiu, eu posso conseguir também.

M – Maior exemplo de superação.

C – Aí fica mostrando o Rodrigo Pimentel correndo dentro da Rocinha? Gente, que que isso agregou o quê?

M - E assim, nós...

P – Vocês questionaram isso?

C- Não, a gente tava entrando, né.

M – A gente até teve uma questão que a gente levantou que foi o seguinte. A gente não tinha ainda experiência da edição, a gente não sabia até que ponto a gente poderia pedir coisas, direcionar também.

C – Dar opinião, né.

M – Então a gente ficou muito na defensiva, ficamos ali, passivos. E eles editando e tal.

P – E essa edição você acompanhou.

C – Pouco.

M – Sim, mas foi muito pouco.

P – A primeira não?

C – A gente teve que levar o material, mas a gente não deu pitaco.

M – A primeira não.

C- A gente só soube que poderia participar da edição verbalmente, né, quando nos foi cobrado isso. Falaram: “mas vocês não vêm”. Mas como, a gente não vem porque não sabia que podia vir. “Ah não, mas todo mundo fica na ilha”. A ilha é desse tamanho, a gente não sabia que podia ficar quatro pessoas lá dentro.

M – E que a gente podia ficar também, pedindo as coisas.

C – Aí eu falei, Marco, a partir de hoje... e ele dava pitaco mesmo.

M – Direto. Eu falei pô, esse áudio aí não ficou bom não. Os caras: “caraca, tu tá falando isso prum editor”. Eu falei, pô, cara, eu acho que não tem nada a ver, cara.

C- Falava mesmo.

P – E depois da corrida, qual foi?

C- Foi a do Tio Lino. Que aí foi a minha primeira.

P – Então a gente não tem da corrida, né?

C – A da corrida você acha na internet. Eu já vi.

(ASSISTEM AO VÍDEO).

P – Quem escolheu esse rap pra botar?

C – O menino que trabalha lá no projeto.

P – Não, quem teve a ideia de botar?

C – A editora.

P – Isso você gravou depois (referindo-se ao off)?

C – Off.

P – Por que?

C – Porque faltou. Aí a gente já tava sozinho, foi nossa primeira matéria fazendo sozinho. Então, ela realmente ficou um pouco mais deficiente.

(matéria)

P – Isso também?

C – Também.

P – Mas ela que escreveu pra você ou você que escreveu?

C- Ela pediu as informações, eu dei e ela montou o texto.

(matéria)

C – Essa matéria a gente refez umas duas vezes, né, Marcos?

P – Mas o que? A entrevista com ele, por exemplo?

C – É. Isso aí, por exemplo, foi outro dia já. Ele tá até diferente. Cabelo cortado, outra camisa, mais arrumado.

P – Mas por que ela te pediu...

C – Faltou conteúdo mesmo.

(matéria).

M – E aí acabou mostrando mais um artista da comunidade.

(comentam sobre a roupa dos entrevistados).

C – Isso deu um problema (sobre um MC que foi chamado). Ele tá com o microfone do parceiro na mão. Eles pegaram a gente.

P – Por que?

C – Porque eles falaram que era pra ter tirado a canopla pelo menos. Qual foi a desculpa que eles deram, você lembra?

M – É porque tá dando...

C- Abertura pra ele falar o que quiser, ou sei lá o que, alguma coisa desse tipo. Eu falei, gente..

M – Rolou realmente um...

(matéria)

P – Que mais que foi dito nessa matéria?

(matéria)

C – Teve uma resistência essa matéria. Porque quando ele fala da arma, a Globo como sempre vem com aquela historinha “não, porque isto vai ficar divulgando história de arma, de tráfico”. Eu falei: “Monica, acontece que isso é o que acontece lá dentro”. A gente vai maquiagem as coisas?

M – Apagar a violência?

C – Vamos ficar falando só de buraco? A verdade foi essa. O cara tirou um monte de garoto que tava na beirada do tráfico ali.

P – E por que não poder falar disso?

C – É, foi o... Eu falei “gente”. Aí a gente bateu, bateu até que liberou e deixou passar. Mas teve uma certa...

.P – Quer dizer, então foi uma matéria que demorou a ser aprovada pra ir pro ar?

C – É, eles tentaram pelo menos tirar essa história. Ah, então não vamos falar então dessa parte. Eu falei, então não tem matéria. Porque se eu não contar a história de resgate... porque o principal dele é o resgate social, entendeu? E aí ela, aí uma lá tava discutindo com a outra, que eram as duas Monicas até que chegaram num acordo. Ok, então vamos falar o mínimo possível. Só que a gente não falou o mínimo possível. Ele contou e ficou por isso mesmo.

P – Tinha mais coisa que não entrou?

C – Ele chegou a falar algumas coisas que... Citou nomes que aí realmente é desnecessário, mas o básico mesmo a gente conseguiu que saísse. E o editor, o editor de imagem, o Estevão, ele é mais largadão. Então ele, não, isso aqui tá bom, cara. Vamos botar isso aqui? Ele comprou mais a nossa ideia. Mas a editora de texto que era a Mônica era mais... mas a gente conseguiu botar.

M – Mais...

C – É, mais conservadora. E depois disso, ele começou, cara, a receber ajuda financeira.

P – Olha que legal.

C – Tá em outro prédio, a vida dele hoje é outra.

P – Ele te deu esse retorno?

C – Nós fomos lá. Tu tava comigo quando eu fui lá (para Marcos)? No prédio novo dele?

M – Não, mas eu visito lá ele sempre. Nesse lugar exatamente hoje funciona uma fábrica de reciclagem que, no caso, eu trabalho lá com a minha esposa. De vez em quando eu vou lá, a gente recicla pet e transforma em garrafa pet. Pet em vassoura pet, perdão.

P – E alguma orientação em relação a forma que vocês tavam entrevistando?

C – Não.

P – Nenhum comentário, nada?

C – No início, quando a gente fez o treinamento. Eu sempre dancei, né, e eu fiz dança do ventre, então eu tenho uma soltura na mão muito grande. Tinha horas que eu falava, eu tava fazendo gestos, eu fazia gestos na mão assim, de dança. Aí a Vera... gente eu saí de lá chorando.

M – Caraca, a Cecilia saiu mal mesmo...

C – Elas caíram pra cima de mim. Imagina, você num telão enorme, eu já me senti uma baleia, né. Eu e ele sozinho e a alta cúpula da Globo ali. Eric Bretas, Vera Iris. Depois eu comecei a pesquisar, eu comecei a ver quem era quem, eu falei não... “que que é isso aí, Cecilia..”, eu falei, Marcos, isso não é pra mim. Eu vou cair fora. Chorava, chorava, chorava.

P – E você já tava começando a fazer a câmera, né, Marcos?

M – Aham.

P – Nessa hora dava pra dizer assim o que você preferia fazer?

M – Eu gostava mais de fazer câmera, mas desde que ela levou o esporro lá... eu levei tanto esporro na hora do treinamento, mas tanto esporro do ..

C – Do Eduardo.

M – Do Eduardo.

P – Por que?

M – Ah, porque ele queria algo perfeito, sabe, ele queria algo que ficasse bacana demais.

P – Que que era bacana demais?

M – Você tem potencial, cara, vamos lá, eu quero foco. Eu acredito em você cara, eu quero foco com zoom mais não sei o quê. Bora, trabalha isso. Chicote não é assim, chicote é assado. Aí ele chegou pra ver a fita, cara, ele me deu um esporro, ele gritava, ele “caraca, eu quero...”

C – Imagem tremida...

P – E você lembrou da primeira vez que viu a matéria, que era diferente esteticamente?

M – Lembrei de tudo, eu falei, caramba, cara, eu tava falando pro cara que eu achei escroto na televisão.

(risos).

P – Você achou? Os primeiros parceiros...

(risos, não dá para entender).

P – E o resultado de vocês, tava assim também, não?

C – Antes de te responder, só porque eu lembrei aqui. Sabe o que que aconteceu, quando a gente estreou, chegou um monte de parceiro e veio falar com a gente. “Po, cara”. A menina me ligou e disse assim. “Que imagens são essas, tu é boa pra caramba”. Aí a gente chegou na Globo meio assim, né, preocupada. Pra mim é cobra, quando vem muito assim... porque eles competem com a gente. Porque se você não fizer um bom VT, o teu vai cair e o meu vai entrar. Então era uma competição. Aí vem o Bretas, o Eric, o queridinho que era o Tiago lá do Alemão, mais um monte assim. Ele falou: “Olha só, vocês viram a estreia dessa dupla aqui? Se na estreia foi assim, vocês segurem porque vem bomba aí. Se eles continuarem assim, não vai ter pra ninguém”. Cara, a cara...

P – Já usando como usa...

C – Eu falei, ferrou, a gente vai ter que se superar a cada dia se não a gente vai ser engolido.

M – Ah, mas é muito gostoso, cara, muito delicioso porque assim. A gente comprou... Eu e a Cecilia, nos compramos a briga de fazer algo legal. Então, cada esporro que ele me dava, eu ficava horas em casa treinando, também vou acabar com ele, meu irmão... Ficava treinando. (Risos) Era zoom com foco, vou fazer isso, chicote, tal. A Cecilia ficava puta comigo, caraca, moleque, tu vai fazer essa imagem de novo. Não, vou fazer até ficar bonitinha, pá.

C – É, ele, cara..

M – Às vezes, eu liberava a Cecilia, fazia a parte dela, depois eu voltava pro lugar pra fazer imagem de apoio...

C – Mentira, Marco.

M – Voltava.

C – Não acredito.

M – Aí quando eu ia pra ilha de edição, eu falava, não, pega a imagem tal que essa já tá..

P – Já decupava toda ela.

M – Já dava a melhor. Os caras: “po, tu tá escolhendo demais”. (RISOS). Ele falou “pó, tu tá apegado às imagens”. Eu falei, não, quero botar... tem uma matéria que a gente tá falando dos fios, cara, eu falei não, vou voltar, vou fazer um fio no meio da rua ali, com foco e tal. Porque, assim, esses esporros que eles nos deram não foi um esporro assim. Acho que era um incentivo mesmo pra eu me sentir um rock, cara, na luta, bora, mais, mais forte.

C – E o projeto tava meio desandando também... Acho que eles já estavam muito, tipo assim, acostumados com tudo. Os parceiros, né. Então as matérias tavam indo muito sem pé sem cabeça, muito de buraquinho, de esgoto, de não sei o que, coisas que poderia ter... A própria ideia da pauta poderia ter uma outra pegada. Então, quando a gente entrou, deu um levante, porque as pessoas, opa, chegou gente nova. Vou ter que mostrar trabalho.

P – Entendi.

C – E tinha duplas maravilhosas, que era a dupla da Cidade de Deus, a Viviane e o Ricardo. Do Complexo era o Tiago e a Lana, mas assim, era mais a questão de eles levantarem a bola porque e o Complexo tava...

P – E era a época que o Complexo tava...

C – No auge, né. Então assim pra mim as duplas que davam mais certo eram essas duas.

P – E você vê que foram as comunidades que eles também voltaram a ter, né?

M – Sim.

P – Rocinha, Complexo. Depois dessa do Tio Lino, qual foi, cês lembram? Será que são todas elas, acho que tá faltando aqui...

C- Tá, tá faltando.

M – É porque..

P – A gente não tá conseguindo montar. Tem que colocar na pastinha... Se não tiver aí, você fala sobre ela e depois a gente...

C – Acho que foi do gari comunitário mesmo não foi, Marcos?

P – Que aí foi o Marcos como repórter?

C – É, cê tem aí?

P – Não sei se eu tenho...

C – Não é essa da limpeza, não?

P – Da limpeza, mas é no Vidigal...

C – Essa foi quase um factual também. Foi um cara que me ligou, quase de última hora e falou, “olha, teve um deslizamento aqui”. E ficou legalzinho.

P – Eu lembro que você falou que essa foi a última na Rocinha.

(falam sobre as matérias que estão faltando, percebem que a matéria não está lá)

M – Mas a do gari teve muito isso que a Cecilia tá falando. A gente viu a resistência lá dentro da comunidade. Por que? A gente não tava fazendo um trabalho assim de rua principal. A gente teve que entrar na raiz do problema. E inclusive nós passamos por uma ruela chamada Raiz. E muito lixo, muito esgoto. Os meninos que trabalham com isso, assim, eles vivem numa tensão diária absurda, sabe...

C – Tem muito problema também de alcoolismo ali dentro do trabalho.

M – É tenso.

C – E a gente realmente...

P – Dos jovens?

C – Não, os garis comunitários. Eles bebem pra trabalhar. Imagina você trabalhar dentro duma vala, o Lilian.

M – No nosso treinamento nós fizemos eles, foi aí que nós recebemos as críticas.

P – E não podiam falar?

C – Não, eles não deixaram a gente abordar isso.

P – E é uma realidade.

C – É a realidade.

P – E você acha que isso enfraqueceu a matéria?

C – Eu acho... porque poderia.... Um dia desses saiu na própria Globo, agora, no RJ. Uma matéria sobre o alcoolismo... não, na verdade, eu tava vendo no Discovery alguma coisa sobre os coveiros, que existe também o problema de alcoolismo muito grande porque, imagina., você trabalha com o que a gente mais teme, né. E os caras falavam “olha, pra passar o dia aqui dentro dessa vala tem que tomar uma cachaça. Às vezes eu vou almoçar, tomo cachaça e volto. Às vezes, tomo pra ir pra casa”.

M – É brabo.

C – E tem o problema de tomar banho também, de esgoto. Tem casas que não tem ligação, né, de esgoto, despeja direto dentro da vala. Às vezes eles pedem, ó, segura um pouquinho que a gente vai limpar aqui e tal. Tem gente que solta a descarga mesmo em cima, de bobeira... Cara, tu imagina, isso é trabalho pra alguém? E eles falaram assim pra gente “às vezes a gente passa 15 dias para limpar uma vala dessa enorme e a gente volta aqui na semana que vem e tá quase igual porque as pessoas não têm consciência, o mínimo de consciência”.

M – É mesmo, cara... Foi uma matéria assim muito difícil, muito forte.

C- Foi muito forte pra gente fazer... E a gente não tinha noção... Com 30 anos lá de dentro e eu não tinha noção que aquele tipo de trabalho existia.

M – No dia da matéria, da gravação, uma mulher foi espancada assim na nossa frente pelo marido...

C- É, uma ex-aluna minha...

M - Uma criança caiu na vala, tava com a boca inchada. A gente foi num lugar sinistro.

C – Cara, a gente saiu de lá, sabe quando você sai assim sugado.

M – Sinistro. Criança caiu na vala com a boca toda inchada, brincando no chão, descalça. Tipo assim, a criança aqui e a vala ali...

C- O espaço que eles têm pra brincar era ali. A vala é aberta, ele caiu lá, um garotinho de quatro anos. Depois veio uma menina que teve aula comigo, um tempo, de dança, aí eu falei “Amanda, o que que foi?”. E ela, grávida: “Não, meu marido me bateu”. Aí eu liguei pra Globo, pedi o telefone da Maria da Penha, dei pra ela e falei liga e pede ajuda. E depois eu encontrei com ela e ela disse que tava tudo bem, que tinha ligado e tinha conseguido ajuda. Aí você começa a juntar cara...

P – E vocês levavam isso pra TV?

M – Sim...

P – E como era recebido?

C – Porque tinha uma coisa que me irritava muito que era o que eles falavam da pacificação, da resistência dos moradores. Só de pacificação. Eu falei, olha, eu entendo que o que a televisão passa de pacificação não existe, é utopia, gente. Aí eu começo a contar essas histórias. É isso aqui o que acontece ainda, entendeu? Agora, a polícia entra lá dentro com o mesmo poder bélico que o tráfico tinha, a gente só não tem feira de droga. A gente tem policial que canta mulher casada, a gente tem policial que mexe com criança, que bate em criança...

P – E as coisas lá agora como é que tão?

C – Cara, olha, tá um pouco mais tranquilo.. fora os tiroteios, tá um pouco mais tranquilo porque essa major, ela realmente põe a policiada pra ficar rodando, batendo beco, eles acuraram. Só que com isso o tráfico tá tomando uma proporção maior.

M – Eles perderam o respeito também depois da questão do Amarildo...

C – Eles tomaram força, né, o tráfico tomou força. Tipo, e agora, a polícia vai mexer com a gente...

P – Mas tá de novo armado na rua?

C – Tão. Em boca de fumo. Aí a gente falava, antes eu falava sobre isso e elas achavam que a gente tinha resistência porque a gente era a favor do tráfico. Eu falava eu não sou a favor do tráfico, eu só acho que vocês não podem abrir a boca e dizer que o problema da Rocinha tá curado. Porque não tá, não tá curado. E não vai ser de uma hora pra outra. É um processo, gente. As pessoas precisam se conscientizar, precisa ter um trabalho porque... o que um morador me disse um dia de que a Globo nunca foi lá ajudar, ninguém nunca foi pra ajudar ninguém... aí de uma hora pra outra começa a receber um monte de gente boazinha querendo te ajudar, as pessoas desconfiam. Teve uma matéria que a gente não... era uma matéria de treinamento, não ia pro ar

mesmo que foi o pessoal do balé do Teatro Municipal foi fazer um espetáculo lá na Rua 1, na quadra. Você lembra, com a Ana Botafogo, a gente foi falar com ela até... Aí o governador tava lá e eu consegui, cara, me enfiar por debaixo das pessoas, botei o microfone na boca dele e perguntei por que que só agora ele resolveu que ele fosse, porque só agora é o momento da Rocinha. Por que só agora o senhor resolveu olhar pra Rocinha, olha há quanto tempo esse pessoal tava precisando disso aqui.

P – E ele?

C – E ele: “Porque o tráfico nunca deixava ninguém entrar lá...”

P – Isso foi pro ar?

C – Não, mas eu levei e mostrei. E a Monica...

P – Ah, porque era treinamento.

C – Eu falei por que a gente não pode por essa matéria no ar? eu queria... porque eu odeio o Sergio Cabral, queria colocar isso no ar. Aí eu falei pra ele... porque ele não me respondeu mais. Eu falei pra ele assim “mas o tráfico nunca impediu ninguém de entrar aquiiii”. Aí ele saiu saindo assim, foi embora. Mas eu fiquei com um ódio tão grande dele ali, naquele dia.

M – Não e ele até fala. “Daqui a seis meses nós teremos aqui uma Faetec aqui, não sei que lá”. Tá até hoje, não tem Faetec nenhuma.

P – Qual foi a outra, vambora. Acho que eu vou ter que pegar outro gravador daqui a pouco... Que que a gente tem mais aí?

M – Domínio, no Vidigal, guarda, creche e ONG.

C – Essa da creche é bem legal... Esse do.. risco de quê?

P – Deve ser desabamento.

C – Ah! Essa é muito boa. Essa é muito boa.

P – Pera aí, deixa eu perguntar se ele tem outro gravador porque esse aqui vai acabar a bateria.

M – Vou aproveitar pra tomar uma água...

(ficam os dois...)

C- Teus filhotes, tão bem? Ah, a matéria foi aprovada lá pro Viva Favela, hein...

M – Sério, cara.

C – Me dá os contatos do cara pra eu falar com ele...

M – Demorou.

C – Pra ontem.

M – Deixa eu pegar uma aguinha?

(fim da gravação).

Marcos e Cecilia – fita 2

P – Vamos soltar essa e depois a gente conversa mais. Depois eu quero saber do curso, se tá gostando..

C – Ai, to apaixonada.

(matéria)

P – Essa aí já é outra...

C – Outra pessoa, esquece...

(matéria)

C – Essa pedra que ele se referiu era outra que a gente tinha feito imagem e eles não colocaram.

(matéria)

P – Diz uma coisa. Essa pauta, surgiu como?

C – A gente começou a passear, falei, Marco, vamos andar, vamos, vamos bater perna.

P – Desesperador isso, né..

C – É. E essa senhora é amiga de uma mulher que é quase uma tia minha assim. E a gente foi procurar essa... Foi alguém que tinha dito sobre essa...

M – Foi o lance... foi esse pessoal aí também que tava desesperado.

C – Chamou a gente...

M – Chamou, ligou.

P – Já era o início da confiança, né.

C – É, quando viram a gente passar. Aí chamaram e falaram, ó, esse muro aqui, o pessoal devia tirar essas casas, tão caindo... eu falei, calma, a gente vai voltar aqui, calma, me dá o seu nome, seu telefone, a gente vai voltar aqui. E nós voltamos, ela nem acreditou quando a gente chegou lá com tudo pra filmar.

P – Vocês fizeram a gravação num dia só?

C – Foi. Num dia só.

P – E a pauta foi rápido pro ar.

M – Foi.

C – Até porque a gente já tava pegando assim o ritmo, né.

M – Tava num ritmo bem bacana.

C – A gente fez uma fita só, 40 minutinhos. Chegamos com tudo, não precisou fazer complemento, você vê que nem off tem.

P – E essa era a ideia deles inicial, né, não ter..

C – É, não ter. Mas sempre tinha assim, em todas as duplas.

P – E essa nota pé, quem fez? Quem correu atrás? Foram eles?

C – Nós que ligamos.

P – E como é que era essa relação pra conseguir...

M – A Cecília fazia mais isso.

C – É, eu ligava e falava, olha eu sou... porque eles já tinham. Todas as secretarias já tinham meio assim um pé atrás com os Parceiros do RJ porque sabem que eles são chatos. Quando a gente não consegue falar, olha, a gente já tentou, a gente não conseguiu mesmo. Aí sim a Gisela entrava e ligava em nome da gente, né. Mas normalmente a gente que resolvia. Isso aí fui eu mesmo que fui perturbando e cobrando. Eles ficaram de ir lá na quarta-feira e não foram. Só que aí tinha uma política dentro da Globo que a gente não podia refazer ou então fazer um novo VT com a mesma história. O que eu acho uma burrice porque fica a coisa jogada...

P – Só se tiver alguma mudança, né... Se fizeram alguma coisa.

C – Exato. Mas aí depois eles tiveram uma ideia de fazer uma semana só de cobrança, né. O Radar RJ cansa de ir num lugar onde não tem nada resolvido. Por que a gente não poderia fazer? Né, mas aí tem aquilo de ceder espaço do jornal pra uma coisa que...

P – Mas a pauta não perdeu muita coisa não, né? Usaram tudo ou tinha mais coisa?

C – Não, acho que ficou bem completa.

M – Usou bastante. Acho que não perdeu nada.

P – Volta, vamos ver mais uma.

C – E assim, ficou marcada, até pra nova turma de parceiros, ela é utilizada até hoje, como ideia de matéria ideal assim. Inclusive esse lance da senhorinha ter chorado. Ela chorou mesmo e eu chorei ali junto com ela...

P – Eu lembro que você comentou que podia ser...

C – Só que o Marcos ficou ali porque... Aí vem a veia jornalística do “preciso disso”. Eu também sentia que isso ia dar, render. Eu chamei ela aqui pro meu peitinho, falei, chora aqui no colo. Por mais que eu estivesse sentida com ela, eu também tive que pensar no meu lado. Isso aí é jogado toda hora lá pra eles... Olha, vocês têm que trazer isso, puxar essa sensibilidade.

P – E essa pauta me parece um pouco a percepção de vocês do que é um factual. Isso é um factual. Tem que fazer agora se não...

C – Exatamente.

P – Se não depois é uma tragédia.

M – Era a época que tava chovendo muito. Nós até adiamos uma gravação porque tava chovendo demais.

P – Mas você sentiram isso de perceber que tem que fazer agora?

M – Claro, é, essas pessoas poderiam...

C – E eu senti também que é, agora nós somos capazes de conseguir fazer o tal do factual porque quando nós passamos lá a primeira vez, que ela mostrou, a gente se antecipou, falou, vamos jogar essa daqui. A gente correu pra fazer porque era uma situação que tava... A gente passava onde tem o muro, no próprio beco, a gente sentia a estrutura ali. A gente falava, Marco, isso aqui vai cair. E ai? E ai você acaba saindo daí comprometida, cara. Com a pessoa.

M – Se bobear a gente tá assim até hoje.

C – É, capaz.

P – Se você voltar lá não mudou nada... Nunca mais vocês souberam dessa senhorinha?

C – Não.

M – Não teve o PAC 2 ainda, deve tá começando agora.

C – A pequenininha o Marcos chegou a ir lá.

M – Eu fui depois lá visitar ela. Assim, eles cobriram aquela parte daquele barro que tava caindo. Cobriram ali, mas a casa dela continua do mesmo jeito, ela “ah, aqui meu filho, ninguém...”

P – A senhorinha?

M – Não receberam aluguel social.

P – Tá lá ainda?

M – Tá lá ainda. Eu fui lá outro dia visitá-la. Teve até uma outra senhorinha do Vidigal, né, que morreu, né, que foi uma outra pauta legal pra caramba.

C – Foi um pauta sensacional. Foi quando ele recebeu os esporros do Eduardo lá no Vidigal. Uma senhora de, ela dizia ter 109 anos.

P – É essa da limpeza?

C – Não, não foi ao ar. Eles derrubaram a pauta. Ela dizia ter 109 ou 103?

M – 109.

C – Ela dizia ter 109 anos. Ela mora, a casa dela no Vidigal é numa pedra na beira d’água quase. Ela falou que na época de guerra, ela chegou a guardar armamento porque eles forçavam ela a guardar armamento lá de tão perto do mar que era. E ela conta histórias assim absurdas. Ele fala que ela ganhou aquela casa, ela conseguiu o papel daquela casa dela, ela recebeu das mãos, quer dizer, não sei se ela...

M – Getúlio Vargas, né?

C – Da mão do presidente. Porque o marido dela recebeu honra de guerra, não sei o que. Então ela era muito conhecida no meio por causa do marido dela e ela recebeu... ela tem coisas, cara, histórias... aí a Monica falou assim..

M – Que não tinha documento que comprovasse a idade..

C – A idade dela...

M – Naquela época.

C – Porque naquela época ninguém registrava ao certo. Então no documento dela ela ia fazer 102 anos, mas ela dizia ter 109.

P – Mas ter 109 ou 102 já não é...

C – Eu falei, Monica, olha as histórias que ela tem pra contar. Ela falou “não, ela não fala nada com nada. Quem é que vai acreditar numa velha dessa, gagá?”. Aí eu falei, não, cê tá brincando, cara...

M – A história dela linda, cara...

P – Vocês chegaram a gravar?

C – Tudo. As imagens lindas. Ela de cadeira de rodas assim indo pra beira do mar e voltando, falando do navio que passava, onde que ela escondia as armas, em que local, sabe. Ela tem fotos dela com o navio passando atrás, foto preto e branco, nós filmamos.

P – E essa pauta surgiu como?

C – A gente foi pro Vidigal, bater perna.

M – A gente foi pro Vidigal, procurar a pessoa mais velha, pra contar histórias.

C – E aí surgiu um garoto que falou “não, é minha tia”. É a mais velha, eu vou levá-los lá.

P – E pra vocês, fazer no Vidigal era muito complicado?

M – Eu achei difícil um pouco assim, mas por uma questão assim de você não ter tanta intimidade com o lugar, sabe.

P – Conhecimento mesmo.

C – Durante muito tempo, por conta de facção, a Rocinha ficou muito distanciada do Vidigal.

M – Verdade.

C – Então acho que ainda era tudo muito novo, pelo menos pra mim, essa união, né. Eu acho que de alguma forma ainda tem uma certa divisão. Até porque o Vidigal é uma favela totalmente diferente.

M – Culturalmente também.

C – Culturalmente. Até as valas. Eu falei, Marcos, até as valas aqui são bonitas. As pessoas lá são diferentes. Então a gente chegava, as pessoas meio que, as pessoas não abriam tanto. Olha, a gente foi no posto de saúde tentar, fomos na Associação de Moradores...

P – E quantas pautas renderam lá?

C – Só essa. Essa e essa do barranco.

P – Vamos ver a do barranco.

M – Do condomínio, né.

C – E foi no condomínio na entrada do Vidigal. Aí disseram que a gente fez numa casa de luxo. Aí eu falei, gente, rico também sofre, né.

P – Então foi uma só pro ar, né... e foram duas feitas.

C – Uma pro ar. E uma caiu.

(matéria)

P – Eles reclamaram de ser um condomínio mais chique?

C – É, na verdade, algumas pessoas da Rocinha, assim, eu escutei.

P – Criticaram?

C – É.

(matéria)

C – Não. E assim, lá, pessoalmente, cara, é muito pior a sensação. Não é?

P – Era mais fácil emplacar essas pautas assim...

C – É, tragédia, né.

P – Mas não tinha nenhuma exigência que vocês...

C- Não.

P – Quer dizer, equilíbrio entre o que... como é que vocês decidiam assim, vamos fazer uma pauta de valorização, vamos fazer uma pauta de denúncia...

M – A gente levou todas as pautas que apareceram, tanto as boas quanto as ruins. Dependendo da situação eles escolhiam as que poderiam render mais. As que tinham até no treinamento, eles falavam “qual dessas matérias vai impactar o maior número de pessoas?”. Então, tinha muito disso. Tanto é que teve uma matéria que nós fizemos que falava sobre acessibilidade. Nós pegamos um personagem que anda de skate na Rocinha. Então o que acontece? É, o Mike. Esse rapaz, essa pauta caiu. Então, acho que a Cecilia deve ter falado. Acho que eles não viram assim essa dimensão que a gente viu.

C – Cara, foi uma coisa muito ridícula.

M – A gente vê que essa pauta ela é enorme ali na Rocinha, pelo personagem, pelo que ele é e pelo que ele representa, é do grupo da comunidade.

C – Pela sobrevivência dele dentro duma favela, gente.

M – Tem essa dificuldade e que representa a dificuldade de muitas outras pessoas com dificuldade mesmo de acesso, entendeu, nas comunidades.

C- E sabe o que eles alegaram? Que porque ele, ele anda de skate no meio do trânsito, a gente não pode tá mostrando perigo pras pessoas. Se não eles vão achar que aquilo ali é comum, é certo. Não porque o cara parece um estranho subindo escada, feio de se ver...

P – E vocês fizeram essa pauta todinha?

C – Ficou linda.

M – Filmamos tudo.

P – Mas ela antes passa por uma reunião de pauta ?

M – Passa.

C – Passou.

P – Passou pela reunião, mas aí quando eles viram as imagens...

C – Quando viram as imagens, aquilo chocou.

M – Aí foram passando as outras coisas na frente.

C – É, “não, a gente vai editar”, aí foram passando, aí ficou na gaveta e não, não vai dar.

M – Já tava bem no finalzinho do projeto né, Cecilia?

C – É, e era uma matéria, seria uma matéria muito boa. Ele sugou muito do personagem, sabe. Tem imagens, tinham imagens muito fortes, inclusive fotos dele carregando o filho dele aqui no colo, no skate e levando pro colégio. E assim, ele vende. Ele trabalha com venda a noite nas festas que tem, né, ele bota uma barraca. Cara, o cara faz tudo sozinho. Aí tem imagem do cara botando ele em cima de uma moto pra ele subir de mototaxi. Ela achou aquilo uma aberração. Deu vontade de falar, e aí, ele faz o que então? É aberração, esconde, né.

P – Mas você acha que isso continua nessa segunda turma. Você tem visto?

C – Tenho.

M – Na verdade, eu acompanho muito pouco.

C – De verdade, eu to achando muito ruim.

P – Tem muita coisa da Rocinha?

C – Tem, eles fazem bastante matéria. Agora eles deram uma sossegada e eu acredito que seja por causa da situação, do tráfico porque a gente ficou na geladeira, um mês.

M – Isso atrapalhou a gente também.

P – Fala um pouco disso, Marcos, Cecilia falou disso uma vez.

M – Eu vou te falar que assim, isso teve um peso dentro e fora. Dentro, a gente tinha uma resistência. Medo nosso também de chegar em certos lugares. A gente tava fazendo a matéria de falta d'água, sendo que não é qualquer lugar da favela que tem falta d'água. Então a gente ia nos lugares mais difíceis. Então tinha gente que abordava a gente no meio do caminho “mas vocês são da onde? Da Globo? Me mostra o crachá.” Não, a gente só precisa do crachá pra entrar na Globo, aqui nós somos moradores, me trata como morador. Então, você tinha essa questão. Aí a Cecilia via uns camarada escondido, um outro se passou por amigo... É um amigo meu de infância, amigo de um amigo. Ele usou uma situação, começou a falar de banda, de música e tal... maior papo maneiro, a gente trocando altas ideias. Ele falou “cara, olha só, descobri várias armas escondidas no alto do morro, bora lá? Pra tu ganhar um dinheiro, pra tu se promover lá”. Eu falei, pô, cara, a gente não faz isso não, nosso trabalho é outro, é social, a gente mostra os problemas também e... “Mas bora lá, não sei o que, tu vende pra outro canal”. Eu falei, eu não posso trabalhar com isso. Se eu fizer isso, sou mandado embora. Eu não quero. E cê sabe que eu nunca me envolvi com essas coisas... Daqui a pouco ele “ah, que bom. O patrão mandou perguntar isso pra você”.

C- Olha isso.

M – Então essas coisas a gente ia assim conversando entre nós, conversava com eles. E aí começou uma série de assassinatos lá na comunidade. Então a equipe falou “bom, segura um pouquinho, espera a bola baixar e depois vocês voltam ao trabalho, mas vão apurando, vão produzindo algumas coisas e tal, mas não filma nada agora”. Porque tava muito forte mesmo essa questão. Juntando o que a gente falava mais o que passava mais na TV, então tava bem forte. Isso era o peso interno. O externo, entre os parceiros e a equipe da Globo, gerou uma certa...é, um certo peso negativo como assim, pô, eles não tão trabalhando, sabe, isso foi muito ruim pra gente.

C- A gente escutou tanta piada chata...

M – Poxa, tá vendo, eles não tão trabalhando. Tão ganhando e não tão fazendo nada. A gente sabe que assim, a gente não consegue ter acesso a tudo, mas algumas pessoas comentavam algumas coisas até os nossos chefes e tal pra saber poxa, até achei que vocês não estavam tão interessados e tal. Uma editora trocando ideia comigo lá na edição, lá...

C – A Bernardes.

M – Bernardes. Trocando uma ideia comigo. E eu falei, poxa, Bernardes, eu quero tá mais aqui na edição.. e ela “não, você pode vir, pode tá mais aqui com a gente, se quiser ficar depois, pode. Até achei que cês tavam desinteressados porque eu vi as pessoas comentando”. Então depois que ela me deu esse toque eu falei, caramba, então, a gente tá passando por uma situação difícil na comunidade. Ainda assim tá batalhando pra tentar, teve um lance que eu tive que viajar também, nesse período, apareceu uma viagem e tal. Ficou ruim, acho que isso pesou negativamente, mas depois disso a gente voltou com tudo, mas faltava o que, dois meses pra acabar o projeto. Então assim, rolou uma certa frustração da minha parte e da Cecilia também porque assim, o nosso melhor, eles não experimentaram, entendeu e nem a gente. A gente poderia até fazer isso por fora, bolar algo nosso e fazer, mas assim...

P – Não rendeu frutos depois ?

C – Não, então, eles até abriram, né, mas a vida é muito complicada.

M – A gente não tem grana pra investir pra fazer isso. Ah, Cecilia, vamos lá, vamos ficar seis meses produzindo algo sozinhos pra ter alguma coisa pronta, a gente não tem nada, distribuição...

C – Lembra que eu te falei da TV... Não rende.

M – É difícil, cara.

P – Você continua lá no salão?

C – Não, to parada por conta da gravidez, né, a gravidez tá de risco.

P – Ai.

C – É, to total em casa.

P – Aí tá só estudando?

C – Só. Inclusive eu até entrei no...

P – Você conseguiu tudo...

C – Consegui, consegui. Fiz as provas aqui só. Aí no último mês eu não tava vindo porque né.

P – Você tá com quantos anos?

C – To com 32.

P – Ah, tá bem então. Pensei que fosse...

C – Não, é placenta baixa. Uma porcaria. Qualquer coisa dá sangramento. Mas fora isso, tá tudo bem. Tá crescendo pra caramba, tá gordo, tá ótimo.

P – Você tá lá em Jacarepagua?

C – To, lá na minha mãe.

P – E você tá na Rocinha?

M – To lá.

P – Vamos ver mais uma e depois queria falar um pouquinho, você começou a falar até...

C – A da nova turma.

P – Da nova turma... essa coisa até...

C – Então.

P – Essa coisa até da referência. Porque vocês foram referência pra eles. Teve troca com a dupla atual?

C – Eu tive com o Leandro, que é da Rocinha. A Aline eu não conheço que ela é do Vidigal. Mas ela chegou a me procurar também. Mas o Leandro desde o início, ele já acompanhava o nosso trabalho, era super fã. E quando ele foi... Eu falei, cara, você já se inscreveu. Ele falou “não, eu não vou...” Eu falei, cara, se inscreve, Leandro. No último dia, eu perturbando ele no twitter, ele

falou “fiz”. Aí quando eu vi ele anunciado, foi um alívio total porque eu falei pro Marcos, eu espero que não seja nenhum bobão porque tinha tanta gente ali querendo aparecer. Porque as pessoas acham que o projeto é botar a cara na Rede Globo. E não é. Pra gente que tem uma outra visão das coisas, sabe que é muito mais do que aquilo. O reconhecimento? Cara, é uma coisa tão idiota... Porque eu dancei minha vida inteira. To, né? Então eu falei, não é isso. E foi isso que chamou atenção do Eric. Sobre eu e Marcos. Porque ele sabia que a gente não tinha essa ideologia de fama instantânea. E aí o Leandro começou a me procurar para saber de algumas coisas até ele conseguir caminhar sozinho. Mas ele é um menino que tá sempre ligado na gente, admira muito e falou muito da gente lá dentro. Só que o problema é que eu acho que essa nova turma entrou com, eu acho, um outro, uma outra percepção do negócio. Acho que a única dupla que tá lá, que tá interessada no sentido do que é exatamente o projeto, a questão do social, do trabalho comunitário é a dupla de São João de Meriti, que é a Denise e o Davi. Porque ela até ficou minha amiga, a gente super juntas aí. Eles fazem mais matérias voltadas pro que tem que ser. Agora o restante se preocupa muito com... tá tudo muito congelado. Eles pediam pra gente sempre...

P – Como assim congelado?

C – Por exemplo, o garoto vai começar a matéria. Ele tá com muita pinta de repórter. Ele quer ser tanto um repórter que ele tá com pinta de repórter. E pro...

P – Parceiro não pode ter pinta de repórter?

C – Não... pode, mas não é pra ter. Sabe por quê? A gente tem que ser solto. A gente tem que ter uma linguagem que atinja as pessoas tanto é que depois do projeto, da primeira temporada, tem repórter da Globo que mudou a forma de agir por causa do Parceiro. A Susana Naspolini é uma. Ela fez o encerramento com a gente, ela era uma pessoa. Hoje? A gente fala... É pegada de Parceiro. Ela senta no chão, ela entra na casa do vizinho, ela toca nas pessoas. A gente não podia tocar nas pessoas. Essa última matéria que a gente assistiu, eu botei a mão no ombro dela e falei assim com ela. Eu tomei esporro porque eu botei a mão do ombro dela.

P – E quando você abraçou a velhinha?

C – Ah, mas aí, é uma cena que pra eles funciona. Chorou, o pessoal ficou...

P – Faz chorar...

C – Agora, repórter não põe a mão nas pessoas, mas por ser o Parceiro, a gente ainda tem um pouquinho mais de liberdade. Mas hoje em dia os repórteres são mais soltos. E o Parceiro tá querendo ficar com aquela fama de engomadinho que a Globo sempre teve.

M – Tinha até falado, você não precisa ser repórter, repórter a gente já tem aqui.

C – Eles falaram pra gente, a gente não quer repórter...

M – A gente quer Parceiro.

C – Exatamente, é isso. Vocês são Parceiros, repórter a gente já tem.

P – Você acha então que a reportagem do Parceiros, ela tem uma particularidade?

C – Ela tem um estereotipo. Não, ela tem uma estética. Ela tem.

P – Qual é essa estética pra você?

C – É a soltura.

P - Fala também, Marcos. Se deixar a Cecilia fala e você não fala.

C – É, cara, fala aí.

M – Não, fala.

P – Fala aí, Cecilia, depois ele fala.

C - Eu vou dar um exemplo. A Viviane, da Cidade de Deus, tem uma matéria que eles começam, vão falar de esgoto. Aí não tem esses canos de cimento? Como é que chama isso? Tubos?

P – A tubulação.

C – Isso. Ela começa sentada com a carinha ali dentro do tubo, o Ricardo pegando ela do outro lado. Dali ela já sai, vai andando, não sei o quê, vai ali. A câmera solta. Tem uma que começa com o Ricardinho em cima do negócio de parquinho, aquele troço de ficar pulando...

M – É criativo.

C – Daqui a pouco ele desce o escorrego. É isso que o Parceiro pede. O cara que já tá acostumado..

P – É o Marcos andando na comunidade.

C – É o Marcos andando na comunidade, apertando a mão. Entendeu? Um cara que tá ali, que tá a vontade de tá ali porque é o lugar dele. Não é um cara que chega, “nós estamos aqui hoje”, não é isso. Entendeu? Aí...

M – Ficou muito claro. Ficou muito claro assim pra gente que o Parceiro ele tem que ter essa visão mesmo de parceiro, de estética da comunidade. Você tem que trazer até na fala, a questão do diálogo com a comunidade. Se você chegar muito, com uma linguagem de repente muito acima, eles falam “não, não”, você tem que falar... Às vezes, eu falava muita besteira.

P – O que que é uma linguagem acima?

M – Acima. Tentar falar de um jeito que a comunidade... estar entrevistando a pessoa e a pessoa tá assim...

C – Mais formal.

M – Formal.

P – Não usar gírias que você usa no dia-a-dia, da localidade.

M – Aí, pelo contrário. Não podia ser muito coloquial, aí se você usasse...

P – Não podia ser?

M – Muito não. Pelo menos que eu lembre não...

C – Não que a Globo não deixasse. É pra gente poder chegar mais próximo daquela pessoa.

M – Mais próximo. Mas quando eu usava tipo, algumas gírias, lá eles reclamavam também. Mas isso funciona na comunidade. Aí tinha sempre essa questão. Mas assim eu aprendi muito, muito mesmo assim na questão do vocabulário, acho que eu cresci muito depois de trabalhar fazendo a decupagem, escrevendo tudo que eu tava falando no vídeo. Eu falei, caraca, como eu to falando besteira, gente, olha isso isso... isso foi a maior escola assim. De poder...

C – A decupagem era muito importante.

M – Como você fala, como você fala com as pessoas. E você vê como as pessoas da favela falam errado, muita gente. Decupando as falas das pessoas, você fala, não, não dá pra botar isso no ar. Vou queimar o filme da pessoa.

P – Como é que isso pode voltar pra comunidade? Por exemplo, como é que você acha que perceber que como fala errado, não é que tem que falar padronizado, mas vamos supor o português errado...

M – Como é que isso volta?

P – É, como é que você acha que pode contribuir?

M – Olha, eu não tinha pensado nisso ainda, mas eu vejo um grande espaço de atuação até pensar em forma didática mesmo, produzir materiais, reportagens ou documentários que fala sobre esse assunto. Porque uma coisa é você estar no meio, outra coisa é você olhar de fora. Eu já fui muito criticado. Teve uma reunião de pauta com professoras onde eu trabalho. Uma professora falou assim “Ah, porque as pessoas ficam sem graça porque o aluno, ele usa de forma incorreta o menos e menas e isso e aquilo outro, eu fico sem graça”. Aí assim, eu parei a reunião e falei... deixa eu falar então, queria falar pra vocês. Sempre que vocês tiverem oportunidade de orientar qualquer aluno, qualquer pessoa. Se você tem um jeito carinhoso de fazer isso, faça. E deu o exemplo. Eu, quando eu vim trabalhar aqui, até pouco tempo atrás, até hoje, eu cometo alguns erros na fala porque, onde eu moro todo mundo fala assim. Meus pais falam assim, minha esposa fala assim. Então, assim, você se acostuma. Por mais que você saiba o certo, você tá no meio onde todo mundo fala. Outra coisa é você tá num ambiente onde todo mundo tem uma boa leitura, tem uma boa fala, tem uma influência. Você tá num ambiente onde todo mundo fala errado. Então, teve um alun que me chamou num canto e falou “pô, Marcos, vem cá. Tu sabe a diferença de menos e menas”. Eu falei, cara, não. Ele me explicou. E ele falou do menos e menas...

C – Tem banheiro nesse andar?

P – Tem aqui embaixo, no terceiro, no cantinho. Desceu a escada, virou. E tem no quinto também, a mesma coisa. Porque esse banheiro aqui é copa.

C – O quinto é melhor.

P – É maior.

M – Aí teve um outro exemplo também de uma outra coisa que eu falava errado. Eu falei, pô, Marcos, você tá numa sala de aula, pó, não fala assim não. Eu falei assim, Guilherme, você não tem noção do tanto que você tá me ajudando, cara. Quantas pessoas já passaram por mim e nunca me falaram isso, cara. Esse menino passou por diversas dificuldades financeiras e eu ajudei ele pra caramba.

P – Eu ouvi de um líder comunitário da Rocinha exatamente isso. Do Firmino. De que, pô, por que que a gente tem que achar legal ver alguém falando errado. Por que que na favela tem que falar assim? E tem que pro ar assim?

M – Porque se fala. E tinha que ter esse cuidado. Porque quando eu tava decupando, eu falei, poxa, cara, eu sabia que aquilo lá era um erro, eu falava não, eu não vou fazer isso com a pessoa, entendeu?

P – Você tirava?

M – Eu tirava. Por mais que tivesse todo um sentido ali, eu procurava uma outra que pudesse, que encaixou melhor. Não tem tanto conteúdo, mas pelo menos isso aqui dá pra salvar. Então, como isso volta pra comunidade, eu não tinha pensado nisso, mas isso sempre me incomodou porque eu sempre tive do outro lado também. E eu via que as pessoas sempre discriminavam as pessoas da comunidade por isso, entendeu? Eu acho que aí você cria estereótipos, sabe, eu acho isso tão ruim, sabe. Então tem o estereótipo da favela, o Parceiro tem que ter cara de Parceiro. Então eu sempre buscava quebrar isso também. E acho que foi até umas das críticas que eu fiz no final. Pô, por que nossa câmera tem que ser essa? Por que a gente não pode usar uma câmera legal também? Entendeu? Por que que a gente não pode editar em casa as matéria e trazer editada? Do nosso jeito.

P – E aí, qual foi a resposta?

M – Interpretaram de forma err.. mas eu fiz por escrito e mandei.

P – Mas você acredita que a gente pode dizer por exemplo, eu to vendo uma sonora Parceiro. É um tipo de sonora.

M – É um tipo de sonora.

P – Eu to vendo uma passagem Parceiro.

M – Sim.

P – Você acha que tem isso?

M – Tem isso.

P – Sem ser estereotipado.

M – não, não, não.

P – E como é que você classificaria?

M – Essa, uma pegada artística? Acho que estilo favela.

P – Estilo favela.

M – Estilo favela de fazer reportagem.

P – E o que que tem essa sonora Parceiro de estilo favela.

M – Estilo favela tem que ter gíria, tem que ter uma gíria, mas também tem que ter um pouco do som da comunidade. Que que é o som da comunidade? Trilha sonora da comunidade. A senhora

tava falando e tinha passagem tocando, mas de repente na rua ele vai ter o som do forró, pô, do funk, a mistura.

P – E tem essa proximidade com entrevistado?

M – Tem que ter essa proximidade...

P – Porque, por exemplo, eu jurava que aquele cara fosse seu amigo, o Soneca.

M – É, tadinho. Isso eu faço com qualquer pessoa, pode ser rico, pobre, milionário, gringo, favelado, eu falo assim.

P – Mas você acha que é uma característica de quem vive?

M – Isso é o que a gente traz da raiz da favela. A relação da favela com as pessoas, ela é essa. Uma relação de calor humano. É forte, é intenso. A gringa quando foi lá ela viveu isso.

P – E a que que você atribui essa relação assim, intensa?

M – Acho que a dificuldade mesmo. Tem a ver com o gingado do brasileiro e do carioca que mistura...

P – Um ajudar o outro.

M – É um gingado assim que ninguém passa fome. A pessoa nem que tenha que carregar um entulho, entendeu? Amarildo. Amarildo. O cara, pô, não tinha emprego, passava maior dificuldade pra fazer... O amigo era o dono de um estabelecimento que ele carregava o material. Ele tem uma loja de material de construção e o Amarildo ficava lá na porta esperando as pessoas comprar. Comprou terra, comprou um metro de terra, ele ficava lá e “poxa, eu entrego pra senhora, é aonde?”. Ela, “pô, no alto do morro”. Ele ia lá e entregava. Então, é assim, é o cara que não tem emprego formal, não teve uma formação. Mas o cara se vira, ele dá o jeito dele. De repente ele devia tá também entregando compras no mercado.

P – É, e o cara que é dono do estabelecimento também ajuda ele dizendo “vai lá”.

M – Ele entrega... Então, assim, essa coisa das pessoas se ajudarem, se complementarem, entendeu? O próprio fato de você andar na comunidade hoje e você ser cumprimentado. Porque as pessoas, independente de ser famoso ou não, isso acontece, entendeu, as pessoas buscam esse calor humano, entendeu.

P – Lá ainda acontece, né?

M – Tem muito isso.

P - (para Cecilia). Eu tava falando pra ele que eu to chegando a um... na minha análise eu to vendo uma sonora Parceiro, uma passagem Parceiro, que tem características próprias. Você concorda também que tem? E pra você o que seria? Ele já falou aí da sonora. Pra você o que seria uma passagem Parceiro?

C – A estética?

P – Por que você acha que fez ela ser Parceiro? Ser diferente da reportagem tradicional?

C – Eu acho que exatamente a... Primeiro que eles sempre pediram pra nós não nos envolvermos na situação, mas como a gente já está inserido nela, não tem como não se envolver... Então acho que a gente passa uma verdade maior naquilo que a gente tá fazendo, falando. Além da soltura, como eu te disse e da forma que... pelo menos eu sempre pensava em fazer junto com a... se eu fosse fazer com a senhorinha, eu procurava fazer aquilo junto com ela. Aquela minha passagem com ela, o encerramento da minha matéria junto com ela. Eu procurava inserir o morador dentro da minha matéria. De forma que mostrasse que realmente aquela pessoa, ela convive comigo. A Dona Maria, por exemplo, ela é uma pessoa que convive dentro das pessoas que eu conheço. Cuidou de mim, não, mas depois que eu vim descobrir que era ela. Eu frequentava o posto da Rua 1 pra me cuidar, era ela que tava lá, era ela que me atendia. E depois disso que eu vim descobrir. Então você se apega mais ali. Eu vou te dar um exemplo. A Gabriela de Palhano, ela fez uma chamada comigo ao vivo porque ninguém da Rocinha, aliás, as inscrições da Rocinha estavam muito baixas do projeto.

P – Da segunda?

C – Da segunda. E me ligaram. Me ligaram da Globo e falaram “Cecília, a gente não sabe o que tá acontecendo”. Mas olha o que que tava acontecendo, as pessoas estavam a espera de que eu e Marcos voltássemos.

M – Criou aquela expectativa.

C – As pessoas paravam a gente na rua e falavam isso pra gente.

P – Já tinha um Parceiro, o Parceiro do RJ...

C- Ninguém queria outro. Porque a gente tava começando, as pessoas tavam começando a acreditar na gente. E acreditar que a Globo realmente tava ali dentro daquele espaço. Então, era uma queda muito grande de inscrição. Então ela falou “Tem como tu fazer uma chamada, insiste”. Eu falei: tem, vamos fazer. Aí a Gabriela chegou, ela sentou assim. Se ela trocou meia dúzia de palavras comigo foi muito. Essa é a diferença do Parceiro. A gente antes de gravar, ih ó... a gente procurava, as pessoas ofereciam comida, café, entra, senta, bate um papo. Então, a gente buscava primeiro criar uma relação ali, se a gente não já conhecesse, a gente criava primeiro uma relação. Pra quando aquilo for pro ar, aquilo ser muito verídica. As pessoas perceberem que aquilo ali não é uma “forçação de barra”. E aí depois que a Gabriela veio fazer isso comigo, eu falei, gente, acho que é realmente isso.

P – Mas será que é só pra não parecer ou é porque vocês realmente têm esse tipo de...

C – Porque a gente tem...

P – Sabe lidar dessa forma com o outro.

C – Pode ser também. Mas quando eu digo de parecer não é uma coisa falsa.

P – Entendi.

C – É de que as pessoas entendam que aquilo ali realmente não é uma “forçação de barra”. Entendeu? Quando a dona Bernardete chorou lá, eu não fiz aquela pergunta pra induzir o choro dela. Me perguntaram isso lá na Globo.

P – Você teve vontade de chorar?

C – Eu chorei. Acho que o Marcos também chegou a se emocionar.

M – Foi forte.

C- Quando você entra na casa dela, era uma casa muito arrumada, mas muito... você sentia o vazio ali porque ela é viúva. Aí tinha um porta retrato lá no fundo com uma foto do marido dela. E você olha ao redor, você vê a solidão daquela mulher. E quando alguém se preocupa com ela, de perguntar sobre o bem-estar dela, ela desaba. Só que eu não fiz aquilo na intenção dela chorar, eu perguntei “mas vem cá, você não tem medo de estar aqui?”, sei lá, vai embora, vai pra casa de alguém. Aí ela... eu achei no início que ela tivesse rindo. E de repente eu vi ela chorando, eu falei, meu Deus do céu, olha o que eu fiz com a moça, com a mulher. E as pessoas falaram pra mim “tá esperta, hein, tu foi no foco da dor da mulher”. Eu falei, gente, não foi.

P – Você conhece um filme sobre bastidores da notícia da televisão. Vale a pena você ver. Às vezes quando eu dava essa aula de Introdução ao Jornalismo, eu passava esse filme. Que mostrava exatamente uma televisão...

C – Eu assistir Todos os Homens do Presidente. É esse?

P – Não, é outro. Fala de televisão mesmo. E tem um super repórter que faz isso, se emociona, chora. E depois vão fazer o contraplano, o outro plano. E vê que ele força aquele choro. E ele acaba, né, profissionalmente ele acaba.

C – Qual o nome? Deixa eu anotar.

P – Os bastidores da notícia. É da década de 80. Eu tenho esse filme, depois se quiser, eu empresto pra copiar.

M – É legal.

C – Tá.

P – Vamos ver a última da matéria da Rocinha, que foi a última que foi ao ar, né. A gente viu a primeira e vê a última. E eu também vou liberar vocês porque a gente já ficou aqui...

C – Essa, a gente queria que fosse bem maior assim...

P – É. E essa eu acho que você falou pra mim que foi a mais...

C – Pra mim foi a mais forte.

P – (para Marcos). Pra você também?

M – Também. Acho que foi a mais ousada também dentro de linguagem audiovisual também e o que eles liberaram pra gente era o seguinte. Olha, um dia ou você filma ou você... Eu falei, Cecilia, nossa última matéria, cara, vamos, bora inventar alguma coisa. Aí eu pesquisei várias coisas de estéticas. Viajei muito assim. Pensei em aberturas assim fantásticas, assim, com vários lugares da Rocinha. Câmera parada no mesmo eixo e ela andando assim. Eu filmando em todos os lugares, fazendo uma edição picotada. Não, eu falei, isso vai dar muito trabalho, vai ser difícil.

P – Não conseguiu.

M – Não, eu pensei assim que ia dar muito trabalho.

C – Se bem que quem editou foi a Monica Bernardes e ela gosta dessas coisas.

M – Ela gosta dessas coisas.

C – Então a gente aproveitou que ia ser ela e aí ele começou a ter ideias.

M – Aí eu falei, poxa, a gente pode fazer uma surpresa, já que é a última? Aí ela “olha o que vocês vão arrumar, hein meninos”. Aí pensamos nessa coisa, os dois, fazendo a abertura de uma matéria, isso foi muito novo.

C – Fazendo um pingue pongue. Isso foi a primeira vez que aconteceu, ninguém nunca tinha feito isso. Eu falei vamo que vamo então.

M – Contando a história da Rocinha. Então contando a história, muito diferente, usando uma linguagem de outra forma. Eu acho que Parceiro deveria ser mais assim. Ter mais liberdade artística e tal, por mais que lá eles não incentivam isso... Eles até gostam, mas é difícil, né. Você vai fazer algo artístico, mas fica estranho, não fica legal pra ir pra TV. Mas nesse caso aí, acho que funcionou muito bem e...

P – Tem uma diferença entre o artístico e o jornalístico? Talvez a expectativa é que seja mais jornalístico.

M – Eu acho longe, é, eu acho longe. E se procurar esse meio de campo, acho que fica algo bacana demais.

C – E se aprofundar no assunto. Só pra gente concluir aqui. Quando a gente decidiu fazer isso, eu falei, Marcos, já que a gente vai falar da história, não adianta só a gente pesquisar o que que todo mundo já sabe, a gente tem que se aprofundar. Então a gente achou um personagem que é um cara que é músico, que sabe, conta coisas que você fala assim, “caramba”, sabe, o cara é uma enciclopédia da Rocinha.

M – É verdade.

C – E depois a gente conseguiu contato com uma família que deles vieram a certidão de nascimento da Rocinha.

M – Isso foi bem legal.

P – Isso que cortaram durante a matéria.

C – Não, tem algumas coisas, mas muita coisa boa cortaram. E mexeram assim, a matéria da gente tava pronta, o VT. Quem pegou o VT no dia seguinte de manhã que mexeu sem a nossa...

M – Ah é, foi.

C – (para Marcos) Lembra? A Bernardes ficou revoltada, a gente também porque tava muito...

P – Precisaram tirar algum tempo da matéria... vamos ver. Solta aí, Marcos.

(matéria)

C – Essa abertura também ela tinha uma proporção maior, eles comeram, ela ficou meio sem nexo, eu acho.

(falam sobre largo do Boiadeiro).

C – Isso é imagem do Cedoc lá...

(Cecilia faz a passagem “vem comigo, sou filha de nordestino”).

M – Tinha um pessoal também que acompanhou...

(sobre um personagem da feira do largo do boiadeiro).

M – Fizeram uma matéria com ele?

P – Fizeram agora?

C – Acho que já tinham feito.

(matéria)

P – Essas todas são imagens do Cedoc?

C- É, essas feitas do helicóptero, essas são do Cedoc.

P – E não teve nota pé. E me diz uma coisa, eles fizeram de novo sobre a história da Rocinha com ela, com ele?

C – Não, fizeram uma matéria com ele porque ele é poeta. Eu até fiz essa sonora, mostrando o livrinho dele de poesias e tal e aí cortaram. Foi uma das cenas que cortaram. E aí o Leandro fez agora. Aí esse tipo de ligação que eu acho que falta. Fala mais ou menos o que a gente tinha falado ali, falou dos filhos, falou que é poeta. E aí, assim, poderia ter aproveitado uma outra coisa qualquer, né. Mas, enfim, uma vez ele até perguntou. “Você já fez com fulano?”. Eu falei: já. Aí ele, “beleza, então eu não faço então”. Mas aí como eles já tão andando com os próprios pés, eles já não contatam mais a gente. Mas eu acho que se o projeto fosse mais organizado, esse tipo de coisa poderia ter sido evitado. Por exemplo, essa época, o Complexo tava sem luz. O auge do calor, as pessoas sofrendo sem água, sem luz. Botaram uma matéria sobre um projeto de hip hop. Quer dizer... esse cuidado a gente tinha mais. De muay thai, na verdade, não era hip hop. Mas aí..

P – Essa é uma pauta que já tá rolando desde o ano passado, esse muay thai.

C – E aí.

P – Das senhoras que fazem muay thai, é isso?

C – Não, é um grupinho de... Um cara lá que conseguiu sozinho... A história é legal, mas assim, não é o momento. E vai ver assim é um colega que tá querendo promover o outro, aí... Então, né. A gente era mais podado na nossa época, tinha um cuidado maior. Quando a gente oferecia esse tipo de pauta. “É conhecido? Vocês tão querendo promover alguém?” A gente recebeu a Cooperifa, que é uma cooperativa de poetas de São Paulo, a gente fechou a Via Ápia. A Polícia Militar fechou a Via Ápia, coisa que nunca tinha acontecido.

P – E aí você não teve que tirar porque tinha político?

C – Porque o Marcelo Freixo estava lá. Não falei com ele, não entrevistamos, não fizemos imagem dele. Mas por ele tá lá, eles acharam que era uma jogada política, que a gente queria promover alguém e não botaram.

P – E era uma pauta super legal.

C – Super.

P – Agora pra gente terminar, gente, eu até já sei, mas assim, o fruto desse trabalho pra vocês. Quer dizer, a Cecilia eu sei que acabou tendo coragem de realizar o sonho de ser jornalista. Marcos?

M – Eu, assim, minha ideia era trabalhar sempre com a parte tecnológica e tal. Mas esse contato com a TV me abriu muito a visão pro audiovisual.

P - Foi fazer um curso lá?

M – Me abriu muito a visão pro audiovisual. Eu já trabalhava numa escola que tinha a ver com isso. Aí eu falei, eu vou buscar então, esse conhecimento. Eu tentei de todas as formas. Tentei Darcy Ribeiro. Fiz empréstimo pra pagar a escola de cinema. Não consegui continuar porque não tinha mais grana. Aí apareceu esse curso aqui na PUC que, poxa, foi sensacional.

C – Ai, eu não consegui continuar, cara.

P – Você saiu?

C – É, é a noite, cara, depois que sair daqui da PUC. Ainda mais agora que eu engravidei, piorou.

P – Mas Marcos continua?

M – Continuo. Dou maior força lá pros professores. To produzindo algumas coisinhas menores assim vídeos... mas assim, eu tenho certeza que se eu tivesse meu equipamento em casa, eu já estaria produzindo coisas na comunidade. Ideias, nós já temos. Eu escrevo coisas também, uns roteiros, tenho umas ideias também. Agora, eu to traçando esse caminho, do audiovisual, entendeu? Quero fazer uma faculdade sim, de cinema. Lá na frente, assim, se tiver que voltar a trabalhar na emissora, vou ficar muito feliz. Até sonhei com isso agora na virada do ano, falei, meu Deus, que isso.

C- Será?

M – Sonhei. Mas assim, se eu também tiver que trabalhar em outros lugares também é uma coisa que eu vou ficar muito feliz porque o importante é você trabalhar com aquilo que te dá prazer. E isso me dá muito prazer. Eu sinto muito prazer. Eu perco a hora, eu esqueço do tempo quando eu to fazendo isso, sabe, porque eu faço com muito carinho. Eu vendo uma imagem feita com carinho, produzida por mim, pelo meu companheiro, pô, isso me alegra muito. Eu não consigo mais ver televisão só como uma pessoa normal, eu fico muito..

P – Passiva, né.

C- Engraçado.

M – Da novela até o comercial, sabe. Eu sou chato lá em casa, mas é o que eu to gostando de fazer.

P – A visão crítica, né?

M – Muito crítica, de tudo.

P – Não que a crítica seja negativa, mas produtiva.

M – A crítica produtiva mesmo. Pô, poderia ter usado aquilo ali. Analiso a estética da coisa, pô, bacana a estética desse programa, dessa matéria, pô, o jornalismo tá mudando, olha só, isso aqui já não tinha, tá tendo agora. Até a forma como lidam com alguns temas, sabe. Isso pra mim, poxa, é uma coisa que eu não tinha contato nenhum, eu não tinha como discutir sobre esses assuntos. Então essa passagem pela Globo, cara, me enriqueceu muito. Agora em termos da comunidade, de reconhecimento, fama, isso passou muito longe. Hoje em dia as pessoas até falam comigo “oi”, não sei o que, alguns ainda me chamam de Parceiro do RJ, algumas ainda me ligam pra dizer “pô, tá tendo um problema aqui”.

C – Eu também, isso é muito engraçado.

M – Então tudo isso é muito legal, sabe. Tratou uma questão minha interna, sabe, me motivou a conquistar as coisas de novo, sabe. E eu quero terminar esse curso aqui da PUC, entendeu. Meu horário hoje, eu trabalho em duas empresas, mas eu vou cavar um espacinho pra trabalhar final de semana com audiovisual, entendeu. É o que eu quero agora.

P – E você, Cecilia?

C – Então. Lilian, ele falou “eu pretendo começar uma faculdade”. Eu, algumas vezes, eu pensei, gente será que eu não to fazendo uma coisa onde eu já não consiga mais colher frutos por conta de idade, né, às vezes eu acho que eu to velha, por isso. Mas aí, depois que eu comecei aqui, eu tive uma experiência na Associação de Imprensa da Barra e faço matérias pro portal do Viva Favela. Mas depois que eu comecei aqui, a gente começa a reafirmar a paixão pela profissão, sabe. E eu sinto falta do corre-corre, do dia-a-dia do projeto porque é isso, né.

P – Você gosta.

C – É. E foi assim uma oportunidade única mesmo pra poder fortalecer porque eu tava seguindo um outro caminho, mas o que eu queria era isso. E realmente você falou de auto-estima. E era um momento em que eu tava passando também um problema dentro de mim muito grande, aquilo veio reforçar que eu tenho capacidade, que eu posso, sabe, que tudo que eu ouvi na minha infância, por ser favelada, não valeu de nada, sabe, e foi muito difícil pra entrar aqui. Foi muito difícil o período pra mim. Porque eu venho de escolas com outro perfil, com outras...

P – E muito tempo sem estudar, né.

C – Muito tempo sem estudar. Mas cê sabe que eu tive um suporte absurdo por parte dos professores. O Arturo é um cara que ficou muito meu amigo e comprou minha briga pra caramba. A Angela também. E os alunos. Até garoto de 17, da idade da minha filha. Me acolheram e falaram “não, a gente vai te ajudar”.

P – Tá gostando, então?

C – To adorando, to adorando.

P – Quero ver se vai ser minha aluna.

C – To torcendo, né.

P – Gente, acho que foi bem legal. Eu queria muito ver com vocês algumas matérias. Se vocês conseguirem outras. Marcos, se mexer nas suas coisas, ver que tem mais alguma coisa.

M – Acho que na internet tem. Eu procuro e te mando.

P – É. Eu já tentei várias vezes, agora to com um programinha novo lá que eu to conseguindo baixar de novo. Teve uma época que não tava aceitando mais real player. Agora eu to pelo “Final Fox”, eu consigo, mas quando eu falei na Globo isso, elas “como assim”. Aí eu parei de falar. Não posso falar muito não...

C- Mas eu vou fazer contato com o pessoal pra ver se eu consigo no Cedoc.

P – Eu vou segunda-feira lá. Mas eu vou assistir reunião de pauta. Mas assim, eu prefiro que vocês consigam pra vocês e depois me passam. Porque se disser que vai me dar, pode ser que não chegue. Apesar de elas me darem todo o apoio lá também.

C – Não, vou dizer que é pra arquivo nosso. Porque elas tinham dito, qualquer coisa passa lá no Cedoc. Eu tenho anotadas as datas, que é mais fácil.

P – Eu tenho a listinha completa. Tenho um arquivo que tem todas as datas. Posso te passar.

M – Pô, isso é legal.

C – Ah, é. Manda então pra mim que eu...

P – Vou te passar por e-mail. Foram 16 matérias. Em 384 matérias do geral só 16 da Rocinha.

M – Pouco, né

C- Pouquíssimo.

P – Pouquíssimo. Mas você acha que a Globo agora transita melhor lá dentro?

C – Acho.

P – Mesmo... não dessa situação de agora, né, que tá..

C – É mais bem vista.

P – Mas eu digo assim a Globo, Globo mesmo, não os parceiros.

M – A Globo tem acesso lá, a hora que quiser subir e descer.

P – Vai tranquilo?

M – Vai.

P – Não tinha, né.

C- Exato. Mas acho que a própria Globo quis quebrar isso. A ideia era essa. Por mais que eu ache um pouco hipócrita o projeto.

P – Você acha hipócrita mesmo?

C – Às vezes eu acho. Sabe o quê? Porque a gente foi muito podado. Eles falavam “não, vocês vão ter liberdade pra tudo”. E esse tudo que a gente queria oferecer, várias vezes... teve vezes da gente chegar com duas matérias pra oferecer na reunião de.. duas pautas na reunião de pauta. E ele falou “não, essa aqui não serve. De repente, a gente vê ela produzida pro RJ”. Então a gente também foi usado. Não é essa coisa toda que eles tentam passar pras pessoas, a gente tem um certo controle, até demais, sabe. Não é só com a nossa segurança, que o Marcelo Moreira sempre deixou claro. “Não, vocês têm um limite por conta de segurança” e tal. Mas tinha assuntos também que era importante a gente mostrar e por algum...

P – Por exemplo, não falar de UPP. Você acha ruim?

C – Eu realmente concordo em não falar.

P – Por que?

C – Porque a gente sabia que o traficante, que o tráfico ainda tava lá dentro. E se a gente levanta uma bandeira, a gente poderia ser cobrado. Então realmente era um assunto que eu não queria meter. O Marcos também achou, concordou.

P – Mas que assuntos, Marcos, que vocês queriam falar e não puderam falar.

M – Que eu lembre? Teve o lance da escola de samba, né, que eles barraram.

C- A gente fez uma rainha de bateria. Porque, o que acontece. A menina que foi eleita, no ano que a gente começou, era uma menina da comunidade. E há anos a Rocinha não colocava uma menina de frente. Foi o ano que ela tinha subido pro grupo A, então tava criando um nome. Então, a gente achou interessante. Na mesma época que, porque era um momento em que.. .nós fomos os primeiros repórteres da Rocinha dentro da Rede Globo. Então de alguma forma a gente tava carimbando o nosso nome ali na história da Rocinha. E a Isabele, como rainha de bateria, cria da Rocinha frente ao maior posto da escola de samba, ela também carimbou o nome dela dentro da Rocinha. Então a gente quis fazer e eles não deixaram a matéria ir pro ar. Quer dizer, não compraram a pauta porque disseram que era uma coisa supérflua, mas pra nós, não nós, né Marcos, nós, Rocinha, aquela coisa era importante.

P – Deixa eu fazer uma foto de vocês dois juntos aí. E uma matéria. Solta uma matéria aí.

M – Pode ser essa última?

C - Pode. E cortaram umas coisas que esse menino fala que queria comer linguiça.

M – É, foi engraçado.

C – Eu sinto a maior saudade assistindo. (sobre a foto). Ah, eu quero, cê manda pra gente.

P – Mando.

C – Eu queria tirar com nós três, como é que faz?

(Lilian sai).

M – Ai, bonzão conversar sobre essas coisas, né.

C – Né.

(matéria da história da Rocinha rolando, tiram fotos).

P – Mas eu gostei muito dessa matéria. Apesar de vocês terem sentido...

C – Tira uma em pé, agora? (pedindo mais foto).

M – Pra mostrar a barriguinha?

C - É, a “parceirinha”.

(matéria e fotos).

P – Gente eu não sei nem como agradecer a vocês, sabia.

C – Imagina.

P – Obrigada por terem vindo.

M – Se precisar de mais coisa aí.

(finaliza a conversa, despedem-se)

Fim da gravação.

ENTREVISTA LEANDRO LIMA – 08.02.2013 – Biblioteca Parque da Rocinha

Leandro Lima, 30 anos, parceiro da Rocinha – 2ª turma.

Você participou da primeira seleção Parceiros do RJ?

“Participei da primeira, mas não fui aprovado. Eu cheguei a mandar o vídeo, a última parte da seleção é mandar o vídeo e nesse momento eu não fui aprovado.”

Como é todo o processo?

“É muito cansativo, eu digo em comparação desse processo agora com o anterior. O anterior foi tudo muito rápido, porque só tinha seis meses, a Rocinha tinha acabado de ser pacificada, aquela coisa toda. Existia uma certa pressa. Então foi aquela coisa de ir na Globo fazer uma entrevista, ir na Globo fazer uma prova, uma redação, ir na Globo fazer uma prova discursiva de conhecimentos gerais e mais entrevistas, mas foi tudo em menos prazo de tempo. Acho que tudo isso foi resumido em um mês. Para no final mandar um vídeo.”

O que você fez de vt na época?

“O mesmo vídeo que eu fiz no ano passado, eu fiz esse ano. Eu usei o mesmo material, a mesma coisa. O vídeo é um apanhado geral sobre a Rocinha. Eu falei da Rocinha desde lá do topo, vim descendo, explicando como é morar na Rocinha, como é a Rocinha. Eu tenho esse vídeo no Youtube. Um vídeo vem resumido mesmo, que falava como era o morador da Rocinha. Eu consegui o depoimento de uma menina que estava grávida, contei mais da perspectiva que ela tinha da Rocinha, dessa transformação toda, ainda mais da vida dela, o primeiro filho e tudo mais. Foi bem geral mesmo, mas eu falei mais de mim, na verdade.”

Dessa vez quanto tempo durou todo o processo?

“Caramba, foi desde outubro de 2012. Foi mais tranquilo, teve a prova em uma semana, duas semanas depois a gente foi fazer a dinâmica de grupo. Eu fiz duas entrevistas, uma na Globo e outra no RH da Globo. Então foi um processo mais tranquilo.”

E o vídeo você não mudou nada?

“Eu usei o mesmo material. Não foi nem questão de comodismo, foi questão prática mesmo. Foi por falta de tempo mesmo, porque em julho eu entrei no CIEDS (Centro Integrado de Estudos e Desenvolvimento Sustentável) no projeto Bairro Educador e nesse momento me pediram o vídeo e eu estava muito empenhado no CIEDS e tinha ficado um pouco decepcionado na primeira seleção. Além disso, era muita gente. Eu nunca participei de algo com tanta gente e eu selecionado.”

Dessa vez foram quantos?

“Três mil geral.”

Por que você queria participar do Parceiros do RJ?

“Porque no Parceiros eu faria o que eu faço no Rocinha.com, sendo que com a Globo eu teria mais exposição. No site as vezes eu pontuo alguns problemas da Rocinha nas matérias e aumenta o barulho da discussão, porque os leitores daqui da Rocinha leem a matéria, percebe o problema, aumenta o barulho e o pessoal de fora tem aquele olhar de que poxa aquela Rocinha realmente tem aquele problema, a gente não conhece, não vivemos lá mais a gente sabe. E, não tem um retorno para solucionar o problema e essa é a principal questão. Nos Parceiros do RJ vai ser diferente.”

Você acha que a primeira turma conseguiu isso? Essa sua expectativa de ter um retorno prático.

“A primeira turma, o Marcos e a Cecília, eles foram algo que já era muito conhecido aqui na Rocinha. Eles conheceram muito projeto daqui, projeto do Zezinho, projeto do Tio Lino, do Vark, então algo que já era conhecido aqui na Rocinha, eles colocaram lá para fora. Isso foi muito bom para eles, mas faltou um pouco de olhar crítico. De aproveitar esse momento e de expor mesmo o que acontece aqui. É muito complicado dizer que a imprensa é o quarto poder, mas no momento desse, num projeto desse, a própria Beth Luchese me sugeriu, opinou que a gente poderia brincar com o jornalismo. Ela disse que eles como profissionais são limitados, eles não podem extrapolar como os parceiros podem. Eu percebi o que ela quis dizer, que nós podemos ser ousados. Nós podemos trabalhar de uma forma que eles não poderiam. Eu achei isso muito bom, porque já é o que eu faço no site e colocar isso na televisão seria muito perfeito.”

Agora, você fazia Faculdade Pinheiro Guimarães (Leandro trancou no quinto período de jornalismo). De certa forma você tem um saber que vem da academia e um saber que vem do mercado. Você acha que o seu olhar vai ter um pouco desse misto?

“Eu acho que sim. Eu vou ter um olhar técnico, o qual eu aprendi na faculdade, mas eu não vou deixar de ter o olhar de morador, ninguém vai tirar isso de mim porque é natural. Eu ando na rua e se eu tenho dificuldade de andar naquela rua porque o cara do mercado colocou mercadoria no meio da calçada, aquilo vai me incomodar. Eu não vou desviar e deixar isso para lá. Eu sou morador. E eu percebo que tem muitas pessoas de idade, cadeirantes que vão passar por ali e ter problemas. E como eu vou colocar isso para que as pessoas busquem soluções. Aí eu vou ter aquele *know how* que eu ganhei na faculdade, estou ganhando porque eu retornei a faculdade, voltei para a FACHA, e sempre vou colocar na balança o que eu aprendo na faculdade e o que eu estou vivendo na Rocinha como morador e como profissional que está vivendo dentro dela. Eu

utilizo a fotografia com o olhar crítico que eu tenho. Eu também faço fotos e exponho para pessoas que não moram aqui, até para que elas vejam o que eu não vejo. Porque é assim, se eu estou desviando com o lixo, infelizmente para mim isso é tão comum como atravessar a rua. Para a pessoa de fora é um absurdo está desviando de lixo. Então, tem certas coisas que eu busco no olhar de outras pessoas para enxergar algo que para mim é normal. Eu cresci com essas coisas.”

Você acha que vai ter que olhar muito com o olhar do outro para constituir suas pautas?

“Também. Vou ter que colocar o meu olhar de morador, mas também vou precisar de muita ajuda com olhar dos outros, também de moradores e também de fora.”

Você acha que essa ajuda vem naturalmente?

“Percebo na conversa, porque eu trago muitas pessoas de fora para cá. Tem muitos amigos de fora, de fora da Rocinha, de fora do Estado, de fora do Brasil. De vez em quando eles vêm pra cá e comentam, me perguntam. Essa troca é ótima, porque é como eu falei, eles vão enxergar algo que para mim é muito normal. Se eu ver um cano estourado, caindo água de um fio, eu passo, mas se para pensar, penso isso é um problema gravíssimo. Eles vão olhar e dizer, que absurdo!.”

Leandro, a Beth Luchese te disse que vocês vão poder brincar mais, mas qual é a sua expectativa? Esse brincar mais passa pela questão técnica, do padrão global, ou vai passar pela liberdade de pauta?

“Minha expectativa é ter liberdade de pauta, porque a importância que eu vejo nos parceiros do RJ é colocar a comunidade em si de uma maneira que o repórter profissional, que entra na Rocinha, ele não vai ver. Ele não vai ter esse olhar de criar uma pauta sobre algo que ele nem mora aqui. Infelizmente, a mídia chega em referência algum morador, já do território. Então o parceiros vai ser perfeito para isso. Já tem a exposição da globo que é altíssima, utilizando o morador da comunidade para dizer: a voz é sua. Ela sabe que essa pessoa é referência na comunidade, os moradores já conhecem as pessoas, e já passam cobrando. Me viram na televisão e já disseram, tem aquele problema. Eles lembraram, olha o funk, olha o lixo. Então, isso com repórter nenhum vai acontecer. O repórter de fora vai entrar, fazer aquela matéria que já foi decidida lá na redação e vai embora, acabou. Com o morador, o parceiro do RJ não vai ter isso. Ele vai estar vivendo no ambiente de trabalho dele. Esse é o diferencial. Eu estou muito na expectativa, como eles já falaram, a redação está lá para ouvir a gente. Eu adorei quando eles falaram isso. Eles vão influenciar sim, mas só nas questões técnicas. Nós vamos influenciar no que vamos apresentar a eles. Então, eu acho muito bom.”

Já te deram alguma dica de como vai ser?

Aí é que tá, eu que tenho que dá dica. Aí que tá a parte legal.”

Já tem pauta, já sabe qual a primeira pauta que vai fazer?

“Eu acho que em uma semana vou fazer umas dez. A primeira é óbvio que eu quero falar do lixo. O problema do lixo aqui é absurdo, mas eu quero mostrar – posso até causar revolta entre os moradores – mas eu quero mostrar que a Comlurb está aqui, está tendo coleta de lixo, está tudo direitinho, o problema é a conscientização das pessoas.”

A Rocinha de hoje é diferente da Rocinha de antes da UPP?

“Demais. Mudou em todos os sentidos. Vamos falar da questão do trânsito, assim que a UPP entrou, nós presenciamos um cemitério de motos na Rocinha. As motos completamente depenadas. Você vê o trânsito agora. Eu acho que para mim está ótimo! Questão de turismo também, está aumentando e o turista está gastando aqui dentro, tá comprando aqui dentro, tá consumindo aqui dentro.”

Agora com relação a saúde, educação?

“Aos poucos as coisas estão acontecendo.”

A questão também das altas dos alugueis...

“Essa é a consequência. São duas coisas ruins com a UPP. Pior do que o aumento dos alugueis, é o fato do asfalto está vindo morar na favela e favela não está aguentando viver aqui e está saindo. Eu acho que em oito anos a Rocinha vai se transformar em uma Santa Teresa. Eu acho, porque o senhorzinho que tinha uma quitanda perdeu espaço para a Skill, aula de inglês. A Ricardo Eletro tomou o lugar de uma loja de móveis da Rocinha que era bastante tradicional aqui. Então você está vendo essa transformação. Os alugueis que você pagava 300/400 reais, agora paga 900 reais. Aquele morador que nasceu aqui ou que veio para cá no início da Rocinha, ele não vai conseguir viver aqui. As coisas estão ficando caras, as pessoas têm que sair para fazer compras do lado de fora.”

Esta mobilidade está, de certa maneira, expulsando o morador da Rocinha?

“É uma consequência. Aqui virou uma transição de pessoas que estão entrando e de outras que estão deixando a Rocinha. Eu já fui apresentado a várias pessoas que não moravam aqui. Tem pessoas que é a primeira vez que está morando na favela.”

E a que você atribui a esse desejo de viver na favela?

“Eu acho que para o pessoal do asfalto ainda está barato vir para cá. A pessoa está saindo de Copacabana, que é até um lugar que eu já procurei aluguel, que é três mil reais, mais 800 reais de condomínio, para pagar 900 aqui na Rocinha, está ótimo. O que para mim não está. Então, eu

tive que sair e ir para um lugar totalmente remoto. Eu e minha namorada, que é de São Conrado, já tínhamos encontrado um apartamento quarta e sala bem razoável, que antes da pacificação deveria estar no máximo 500 reais, me ofereceu por 900. Fechamos e ela rompeu o contrato porque recebeu uma oferta de bem mais. Pelo menos foi o que dizem. Eu sei que tem um estrangeiro morando lá agora. Mas eu acho que a consequência é essa mesma. Antigamente a gente não via carro estacionado na rua e hoje a gente vê carro importado. Sabe-se lá quem são essas pessoas, se são novos moradores ou novos empreendedores. É uma consequência muito ruim.”

Na Gamboa você está pagando quanto?

“Lá eu pago 700 reais em um quarto e sala também.”

Está feliz ou está sentindo falta da Rocinha?

“Eu estou muito infeliz. Eu sinto falta da Rocinha e um nojo absurdo da Gamboa, porque eu estou em um momento lá que também está em transição. Aquela obra do Porto Maravilha. Só que aqui dentro eu tenho o olhar crítico da favela. Eu passei pelo processo do PAC e aprendi muito como PAC. Aí eu tenho esse olhar crítico lá no Porto Maravilha. Eu estou vendo que só está beneficiando quem está exposto, nas vias de acesso. Lá para dentro, tem um seriado chamado *Walking Dead*, que é igualzinho à noite. São pessoas perambulando no meio da rua, drogadas e os carros passando devagarinho, desviando das pessoas.”

Sua mulher tem quantos anos?

“Tem 25.”

E você não fica receoso?

“Fico, bastante. Desde que moramos lá, em novembro, a gente não têm saído à noite. Com medo de voltar tarde...”

Seus filhos, você quer criar aonde?

“Em um lugar tranquilo. Gamboa jamais. Aquilo ali, sei lá, tinha que tirar aquelas pessoas e transformar em um espaço de convivência, porque aquilo ali já era. Não dá mais. Não dá para manter as tradições daquelas fachadas, porque está tudo desabando. Semana passada caiu o reboco de uma casa em cima de um carro. Se tivesse uma pessoa, morria. E o carro está até hoje. Então aquilo está abandonadíssimo!”

Para os parceiros você vai voltar a morar na Rocinha?

“Vou, vou voltar para a casa dos meus pais. Um ano, até dezembro.”

Você como jornalista, te dá uma certa expectativa de entrar para o mercado por causa do parceiros?

“Olha Lilian me deu, eu fiquei esperançoso quando a Ana Paula anunciou que nós fomos os escolhidos.”

Você não sabia?

“Eu desconfiava, porque eu contei e vi o número certinho e colocaram a gente em uma sala, confinados, sem tvs ligadas e que a gente tinha que fazer uma entrevista e depois quando eu li NO AR, ah. Quando a Ana Paula anunciou eu pensei, não é uma porta que está se abrindo, é um portal. Eu não esperava que isso fosse acontecer e isso é ótimo, porque eu terminando a faculdade no mesmo momento que estiver terminando o parceiros, eu acho que eu tenho 50% de pé lá dentro. Até porque tem muitas pessoas que passaram que estão lá. Eles me deram altas dicas.”

Então existe também essa questão profissional?

“Na entrevista eu citei um trecho do filme Em Busca da Felicidade, que ele olha para um prédio e vê todo mundo saindo do trabalho, feliz, e ele pensa como isso é possível. No início desse ano eu levei o Eduardo, que é um dos colaboradores do nosso site, que é novinho, tem 14 anos, e é fã do Willian Bonner e disse que vai tomar o lugar do Bonner na bancada. Ele é editor-chefe do jornalzinho da escola dele. Eu conheci ele pelo *twitter* no momento da pacificação, porque no momento que eu mandava notícia, ele também mandava. Ele trabalhou forte com a gente no ano passado e como presente eu levei ele para uma visita surpresa. No momento que eu estava na porta esperando o atendimento, eu senti a mesma coisa que o fim. Eu nasci para trabalhar no que eu gosto. Eu quero uma carreira.”

Dentre os repórteres, qual você tem como referência?

“A Ana Paula Araújo, que trabalha muito. ... Eu gosto da construção da matéria, ela tem um olhar crítico. Uma vez, foi até na pacificação do Alemão, tava o Rodrigo Pimentel e ela se revoltou no ar, no se conteve em ler o texto, Ela disse não é possível. As vezes você pode ganhar mais usando a sua emoção. Ali ela assumiu todos os moradores do Alemão.”

Você já conhecia a sua parceira? O que você achou?

“Não a gente se conheceu na hora. Ela é muito espoleta. Vai ser legal ter uma pessoa diferente de mim. A gente começa no dia 18 de fevereiro.”

Você acha que o parceiros do RJ é um novo modelo de jornalismo comunitário?

Acho porque você tira aquela coisa underground e coloca no patamar que a Globo é a elite do jornalismo. Você tá unindo dois mundos completamente diferente de uma maneira que o povo está acostumado a ver um profissional entrar na favela e fazer sua matéria, ele já está acostumado. Ele também está acostumado a ver o morador fazendo jornalismo comunitário. Toda favela já tem sua mídia comunitária. Agora, se você colocar aquele garoto numa mídia grandiosa e fazer um trabalho bonito, juntando força. Não tem como dar errado. Só tem a ganhar, tanto o profissional, quanto a mídia, quanto o morador porque beneficia todo mundo. Não tem como dizer que vai dar errado, que vai ser algo maléfico, pelo contrário. Eu acho que todo mundo pode aproveitar. Como eu falei, estou andando na rua e as pessoas já estão me cobrando. E eu acho isso ótimo. Na primeira pauta vou falar de lixo, mas eu também quero muito enfatizar uma coisa curiosa que eu descobri, que é a culinária da Rocinha. Como na Rocinha predomina o nordestino, tem restaurantes aqui que você tem praticamente o cardápio do Brasil inteiro. Agora estão entrando os japonese e

Sua parceira é do Vidigal, ela faz as matérias de lá e você as da Rocinha?

“Eu acredito que não, que a gente rode, mas eu acho que nas de lá seja melhor ela ser repórter até pelas entrevistas. Eu vi isso aqui mesmo quando a Beth Luchese veio entrevistar que foi falar com uma senhora que eu conheço e ela não quis falar, aí eu cheguei e falei oi, agora eu sou parceiro do RJ, e ela decidiu dar a entrevista. Aí a Beth Luchese falou, tá vendo é isso que vocês têm que aproveitar, o fato de ser da comunidade. Por isso que eu acho que o jornalismo comunitário usando uma mídia forte não tem como dar errado, porque um morador se sente mais confortável com um morador do entrevistando. A gente passou por muitos problemas, nós e outras favelas também, da grande imprensa só entrar com a polícia, só falar da favela no momento do confronto. Só agora, depois da UPP, que elas passaram a vir aqui e fazer outro tipo de matéria.”

Você acha que o olhar da Globo mudou?

“Sim.”

Os parceiros ajudaram a mudar?

“Com certeza, que começaram a enxergar uma favela. Agora eles sentem interesse em saber o que está acontecendo dentro da Rocinha. Isso é ótimo e só temos a ganhar.”

Entrevista Petter MC – 24/01/2014 – Por telefone.

Meu nome é Pedro Alan Lima de Oliveira, mas sou conhecido pelo nome artístico Petter MC, sou jornalista, rapper.

Por que você resolveu entrar para o projeto Parceiros do RJ?

O projeto estava em fase de seleção, mas eu não tinha conhecimento porque não era um espectador assíduo do *RJTV* por não assistir jornal neste horário. Eu trabalhava como oficinairo, dava aula de rap, literatura marginal para jovens adolescentes, apresentava um programa em uma webrádio e editava o portal do Movimento Enraizados, que é um portal de comunicação da Instituição Enraizados. Aí eu recebi uma ligação, alguém indicou o meu nome para o pessoal da produção do *RJTV*, eles queriam um personagem que fizesse algum trabalho de comunicação na sua região e era o que fazia. Eu tinha um blog, quer dizer ainda tenho, que é o Diário de um MC. E aí eles me ligaram, eu estava até apresentando um programa de rádio que eu faço ao vivo. Eu atendi o telefone e disseram “olha a gente é do *RJTV*, um jornalista amigo nosso te indicou, a gente quer entrevistar você para fazer a chamada de um projeto novo que a gente tá para estreiar no nosso jornal. Eu disse tudo bem, se quiser vir aqui a gente conversa. Eles me entrevistaram, puseram a matéria no ar e nessa matéria eu cantei rap, mostrei meu trabalho e acharam tão legal, que eles me convidaram a me inscrever. Eles falaram pô cara, foi muito legal, a receptividade, porque o pessoal também gostou do seu rap, você mistura rap com comunicação, jornalismo comunitário etc. A gente achou bacana, se inscreve se você se der bem no processo seletivo vai ser ótimo. Eu estudei o projeto e falei nossa é legal, bacana mesmo, achei muito interessante para divulgar toda essa cena cultural da qual eu faço parte aqui na região, além das outras coisas que a gente faria. Eu me inscrevi e o resultado está aí. Eu fui selecionado, participei do projeto e ainda emplaquei a trilha sonora.

Petter, você estava formado?

Eu tinha 21 anos e não tinha ainda ingressado na universidade. Eu tinha o ensino médio e estava estudando para a faculdade depois, mas eu tinha esse trabalho no momento no Enraizados.

Você já fazia comunicação comunitária sem estar no jornalismo. Depois do parceiros você foi para faculdade?

Depois do parceiros eu fiz alguns cursos, me registrei como jornalista profissional e continuei estudando, fazendo alguns cursos, me especializando em algumas áreas e agora eu sou estudante de produção cultural, porque eu sempre quis juntar a comunicação com o cultural. Como também eu faço um pouco disso ao lado da minha esposa porque ela é produtora cultural, então a gente faz eventos juntos. Eu faço a parte da comunicação, ela faz a produção, então eu decidi me formar em produção cultural IFRJ [Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro] para juntar com o jornalismo.

Com os parceiros você conseguiu apresentar a sua comunidade? Como foi essa experiência?

Foi uma experiência, uma vivência intensa. Quando, enfim, eu me inscrevi eu esperava que seria o seguinte: eu chegaria lá, me ensinariam a mexer em câmera, eu aprenderia a falar pra câmera e que eu ia fazer reportagem de maneira geral. Só que quando eu cheguei lá, foi além do que eu esperava, foi muito melhor, entende? Foi mais que isso, eles não só nos ensinaram a produzir matérias, a fazer uma boa imagem, a fazer um bom texto, como eles estavam lado a lado com a gente. Eles davam todo o apoio, todo o suporte, toda a logística que a TV Globo tinha, ela estava

disponível pra gente. Então, a gente andava apenas com uma mochila, com uma câmera, um microfone, equipamento reduzido, mas por trás disso tudo tinham profissionais muito bons sempre nos orientando, sempre nos guiando da melhor maneira, para que a gente fizesse da melhor forma. Então era assim: a gente produzia e tinha o tempo inteiro pessoas que eram nossos professores, nossos mestres e para mim algumas pessoas continuam sendo. É o caso da Vera Íris, que ela é a gerente de desenvolvimento de projetos especiais e até hoje eu busco ela, eu me oriento com ela. Porque eu ainda estou na TV, eu não saí da TV. Eu saí do parceiros e fui para a CGP [Central Globo de Produção] trabalhar como pesquisador, já por essa vivência da cultura, no Esquenta. Eu sempre quis enaltecer a parte cultural que tem em mim, já de muitos anos atrás. O projeto tava (sic) para terminar, eu já tinha mostrado muita coisa da minha cidade, da minha região, Nova Iguaçu. Eu tinha mostrado problemas, a gente conseguiu através dessa publicização, essa coisa de publicizar o problema, a gente conseguiu resolver algumas coisas, mas eu mostrava muito da cena cultural que a gente tinha aqui. Só que, eu por ser um sujeito que já andou por muitas cidades, muitos lugares e estados, não só fazendo show, mas participando de debates, de seminários, etc., eu tinha personagens a nível (sic) de Brasil inteiro e eu queria de alguma maneira mostrar isso. Pô, vai acabar o projeto e eu acho que ainda posso fazer mais. Então eu me uni a outro parceiro, que era o Rafael Caliari, parceiro da Tijuca, ou seja, uma região totalmente distante da minha, e juntos nós elaboramos um projeto que é o chamado Subterrâneos, que visava mostrar, dar visibilidade a personagens da cultura que vivem dessa cultura, que se sustentam com essa cultura, são conhecidos naquele nicho, mas que não são pessoas famosas, no entanto, são personagens com histórias muito interessantes para contar. Aí a gente pensou nisso a nível (sic) Brasil inteiro batemos na porta do Érick Brêtas, que no momento ainda era diretor regional de jornalismo, e falamos Érick a gente está com esse projeto aqui e queríamos viabilizar de alguma maneira aqui na TV Globo e não sabemos como. Primeiro ele riu e disse que a gente era muito abusado de entrar lá e falar, mas ele falou: “olha vocês são muito corajosos, vou dar uma moral pra vocês. Aí disse façam um piloto.” Nós fizemos um piloto e quando a gente mostrou o piloto para ele, ele chorou, disse: “cara é isso, vocês tragam quatro episódios e nós vamos fazer uma série especial, que vamos exibir no *RJTV 1* de sábado. E a gente fez. Acabou o projeto e fizemos Subterrâneos. E nós fizemos tudo, isso foi o mais interessante. Por conta desse aprendizado dessa incubadora que a TV Globo foi para gente, porque assim, a gente, eu digo falando por mim e pelo Rafael Caliari e claro outros parceiros também que continuaram lá, a gente não satisfazia em levar a matéria. A gente queria estar lá dentro, a gente queria aproveitar toda aquela estrutura, aquela logística e aprender a fazer TV. Então a gente aprendeu a editar, a gente aprendeu a fazer roteiro e dentro da série Subterrâneos nenhum editor da TV Globo, nenhum jornalista, ninguém se meteu, a gente fez tudo sozinho. A gente fez o roteiro, a gente pesquisou os personagens, a gente apresentou o especial. No caso eu apresentei, mas eu também, ao lado do Rafael, nós fizemos o roteiro, nós chamamos a parceira de Campo Grande, Mariane Rodrigues, que hoje é cinegrafista, para fazer as imagens, chamamos outro parceiro que estava fazendo curso de edição de imagens, o Thiago Ventura, do Complexo do Alemão, hoje editor de imagens na TV, e juntos nós fizemos tudo. E foi muito positivo pra gente esse trabalho.

Então, de uma forma geral, essa experiência no Parceiros efetivamente cumpre o seu papel de dar voz à comunidade sem moldar essa voz?

Sim, sim, efetivamente sim. Por que? Muito se questiona a respeito disso. As pessoas me questionavam, porque, assim, quando a gente botava uma matéria no ar, por exemplo, minha região que eu representava, Nova Iguaçu, é muito grande, é uma cidade com quase um milhão de habitantes, então, muitos bairros, muito território, e a gente não conseguiu nesse tempo, eu e

minha parceira, Mariane Del Rei, não conseguimos cobrir tudo porque efetivamente não dá. Então, as pessoas as vezes questionavam, diziam que a gente só fazia as matérias que a Globo queria. Mas não é dessa maneira que acontece. É claro, eles aprovam ou não determinadas pautas, mas somos nós que conhecemos as regiões, conhecemos as especificidades, nós vamos até o local, entendemos que aquilo é uma pauta plausível para ir ao ar no RJTV, a gente olha essa pauta precisa ser mostrada, precisar ir para o RJ, isso precisa ser resolvido, ou então no caso de uma coisa bacana, isso precisa ser mostrado, uma iniciativa bacana, a gente levava para as reuniões de pautas semanais e apresentava. Olha, temos essas pautas aqui, só que éramos oito duplas e seis dias de jornal, então a gente não podia gravar as quatro pautas. A gente mesmo já escolhia, olha, essa daqui é a melhor que nós temos. Eles aprovavam ou não e era difícil você ter uma pauta reprovada. O máximo que acontecia, quando a gente não fazia a reportagem tão bem, eles pediam para que a gente voltasse e regravasse alguma coisa, mas a gente que levava as pautas, as aprova, gravava e botava no ar, entendeu?

Como vocês selecionam suas pautas? Eu tenho assistido e percebido que tem aquela pauta que valoriza a região, aquela que denuncia algum problema e aquela que factual, enfim, algo que acontece na região, só que é coberto pelo parceiro. Você concorda com isso?

O factual não é o ideal do parceiro. Não é o ideal que ele faça o factual, mas tá debaixo do nosso nariz, vai acontecer, você não vai deixar de fazer, tem que fazer se tá ali. Você está mais perto, até o carro da Globo chegar, você já gravou tudo, já tá levando para a emissora. Então, não era o ideal, mas a gente fazia muito factual porque as coisas aconteciam perto da gente. Isso que é o legal, entende? Porque, por exemplo, um carro da Globo chegar aqui em Nova Iguaçu ele leva duas horas, eu já estou aqui. Teve uma matéria que bom interessante, que uma pedreira aqui na minha região estava exagerando nas implosões, tava carregando muitos explosivos. Houve um dia, que nesses exageros, eu senti um tremor na minha casa, parecia que um carro tinha batido na frente, um impacto muito forte. Eu falei nossa o que foi isso e aí, meu celular começou a tocar. Olha cara tá tendo um terremoto aqui no bairro da cerâmica, vem pra cá, vem pra cá. Liguei para a minha parceira, corri com o equipamento, quando chegamos lá descobrimos que não foi um terremoto, foi a pedreira que exagerou nos explosivos, rachou as casas das pessoas, muita gente se assustando e as pessoas começaram a postar na internet que tinha um terremoto em Nova Iguaçu. Aí nós parceiros já estando aqui fomos lá, cobrimos toda a situação. Apuramos, conversamos com a pedreira, vimos o que aconteceu, pusemos a matéria no ar logo no dia seguinte, dizendo não gente não aconteceu um terremoto, foi uma pedreira que exagerou nos explosivos, enfim, eles vão ser fiscalizados, porque não é assim. Então, eu acho que é legal você ter o parceiro em um lugar bem longe que a TV não vai chegar tão rápido. Embora a gente não faça com a qualidade que eles fazem, até por questões técnicas mesmo, nosso equipamento é limitado. Enfim, não vão colocar um equipamento de 180 mil [reais] numa mochila nossa por motivos óbvios, mas a notícia vai chegar com mais rapidez.

Na hora de pautar, você preferia valorizar a sua região ou fazer uma denúncia de algo que não estava sendo cumprido pelas autoridades competentes?

A gente gostava de fazer um equilíbrio em relação a isso, porque, principalmente, na minha região sendo a Baixada Fluminense e quando nós vamos ao ar no jornal é para mostrar coisas muito ruins. A gente vai ao ar quando acontece uma chacina, a gente vai ao ar quando o RJ Móvel vem cobrar coisas, a gente vai ao ar quando falta água. Então, se a gente só vai ao ar quando acontecem coisas ruins, a gente teve essa preocupação: não, a gente tem que mostrar as muitas coisas legais que tem aqui. A gente mostrou que tem turismo aqui, a gente mostrou que tem cursos de teatro

muito interessantes, a gente várias coisas bacanas para valorizar, mas em contraponto a gente não poderia fechar os olhos a uma voz ativa, a uma voz que pode cobrar para coisas que acontecem na nossa calçada, que acontece no nosso bairro. Então, havia um equilíbrio: a gente fazia uma matéria valorizando uma coisa e na semana que a gente já mostra aquele problema lá daquele bairro, daquela rua. Tinha um bairro aqui muito distante, Km 32, foi uma das matérias que mais marcaram a nossa atuação aqui em Nova Iguaçu. Havia uma rua que era como se fosse um esgoto. E os moradores estavam tão cansados de reclamar, protestar, que eles decidiram instalar vasos sanitários para chamar a atenção no meio da rua, no meio daquele esgoto e nunca foi ao ar, ninguém sabia daquilo e a gente por ser morador, foi parado um dia na rua e disseram para a gente ir lá. A gente chegou lá era uma imagem absurda. Eu pensei nossa como pode, esses caras são meus vizinhos... Porque tem isso também, a gente conhecia a região mas passou a conhecer melhor depois do projeto. As pessoas passaram a parar a gente na rua. A gente era o repórter que não voltava no carro para o Jardim Botânico, a gente era o repórter que fazia a matéria, levava e tava aqui novamente. Então, eles paravam a gente na rua, eles conversavam com a gente na padaria, a gente continuava comprando pão na mesma padaria, pegava o mesmo ônibus, o mesmo trem. Então, passavam coisas pra gente que ninguém sabia, ó nós sabíamos. Nós mostramos essa matéria e foi uma coisa assim, absurda. Foi a matéria que as pessoas mais comentaram na rua, repercutiu, porque mudou a realidade daquelas pessoas. Aquelas pessoas estavam há dois anos com o esgoto passando na porta. Três dias que a gente fez a matéria a rua estava consertada. E a gente voltou lá. A gente tinha um blog no G1, voltou lá, fotografou, mostrou. A gente fazia questão de mostrar resultado, entende? Que o morador podia confiar na gente. Que ele podia sim parar a gente no meio da rua e sugerir coisas. A nossa principal fonte eram as pessoas parando na rua. O mais importante é que a gente tinha que confiar nessas pessoas. Tinha que apurar também, porque, enfim, as pessoas param a gente na rua para reclamar que o vizinho quebrou a calçada. Assim, tinham muitas coisas absurdas, mas também, as melhores pautas que a gente já fez, principalmente essas de cobrar das autoridades, foram sugeridas por pessoas que pararam a gente no meio da rua. Um contato direto. Não é aquela coisa de ligar para a escuta da TV, aí o produtor que está lá na mesa não sabe direito sobre o que aquela pessoa estava dizendo, vai apurar para ver se aquilo é verdade, quer dizer, demora. E a gente não, quando o cara e me fala que na rua de trás tá acontecendo, eu vou naquele mesmo momento e vejo que é verdade e gravo.

Petter, com relação a chamada, eles te chamaram ou você sugeriu?

Antes de concluir o processo seletivo a Gisela Pereira me ligou e disse: Petter, independente de você passar, ser selecionado para o projeto ou não, nós gostamos do teu rap, tem uma coisa informativa e a gente queria que você fizesse um jingle de 50 segundos falando todas as regiões que participam do projeto, enfim, falando alguma coisa legal. Aí eu topei e disse que ia escrever a minha maneira e eles diriam se estava bom ou não. Vou gravar e enviar para vocês. E não houve nenhuma mudança.

Foi um freela Petter?

Foi um trabalho extra, eles me pagaram.

E o convite para o Esquentá, como foi?

Então, o pessoal do parceiros fez um perfil, uma avaliação, de cada parceiro e pegaram esses nomes. Eles mesmos entraram em contato com o pessoal do Esquentá, que tava procurando gente nessa época, que foi para a terceira temporada do programa, e sugeriu nossos nomes. Aí o pessoal do Esquentá procurou saber sobre o perfil de cada um. Eles assistiram a minha série Subterrâneos,

que chamou muita atenção por causa dos personagens, e entraram em contato conosco. Foi sair do parceiro e entrar no Esquentá. Eles entraram em contato, fiz entrevista com a direção geral do programa e na outra semana eu já estava dentro do programa, fazendo trabalho de pesquisa.

Foi uma experiência bacana passar pelo Esquentá?

Foi uma experiência muito bacana. Foi uma experiência antropológica muito grande. Eu adoro. O Esquentá é um programa que vive de personagens, um mais diferente que o outro e mais difícil de achar. Eu já conhecia muita gente, porque desde que eu comecei a trabalhar com cultura, com comunicação comunitária, eu venho montando o meu banco de dados, os meus personagens e etc. Cada pessoa que eu cruzo na rua e acho interessante vira um personagem pra mim. Quando eu cheguei no Esquentá, eu já tinha esse banco de dados. Eu tinha muita coisa para oferecer e eles, em contrapartida, tinham muita coisa a pedir que eu não tinha e que eu tive de descobrir como achar. Isso foi bom, porque eu consegui cumprir essa tarefa. Eu não estou mais lá, porque o programa acabou de gravar a terceira temporada no final de outubro [2013] e mudou muita coisa na equipe. Ele só volta em abril, então, eu saí do programa e estou no que eles chamam lá no Projac de banco de dados esperando algum programa me chamar ou eu entrar em um programa. Eu estou conversando com outros programas, mas para fazer o mesmo trabalho, que é um trabalho de pesquisa de personagens anônimos.

Você tem visto o Parceiros 2?

Sinceramente, muito pouco. Eu vejo alguns vídeos que os próprios parceiros me enviam pela internet, pelo facebook. O horário do jornal pra mim é complicado, mas eu mantenho contato com alguns desses parceiros. Não só do RJ como de Minas Gerais, que eu fui dar palestra para eles lá, como de São Paulo também. Eles procuram a gente para saber coisas. A gente foi pioneiro nisso, a gente começou a fazer, ninguém sabia o que era, como fazia. Hoje eles têm essa referência. Mas eu tenho visto muito pouco e não tenho como comentar se é melhor... Mas as coisas que eu vejo, acho bem legais.

Você acredita que essa experiência do Parceiros contribui para a comunicação comunitária? Ela traz um novo formato de audiovisual comunitário?

Sim, eu acredito que sim. Eu conheci muitas pessoas que disseram que estão sendo incentivadas a fazer comunicação, a estudar comunicação, por causa do projeto. Era muito difícil de alguém da comunidade se ver na TV, entende? A partir do momento que o meu vizinho da rua de trás que não acredita mais em nada na vida, não quer estudar, aí ele me vê aparecendo como repórter na TV Globo. A partir desse momento esse cara fala: caramba, é possível! O que tem que fazer? Tem que estudar o que? Ah, tem que estudar comunicação social? Como que faz? Aí esse cara passa a se interessar por isso, porque ele acha legal. Como é sempre um repórter da Zona Sul fazendo, ele pensa “é legal, mas é um cara lá que tá fazendo.” Quando ele me vê fazendo é diferente. “Se o Petter pode fazer, então eu também posso! Eu vou estudar e vou fazer.” O cara acha legal e quer fazer. E, também, existem iniciativas que as pessoas falam pra gente que foram inspiradas na gente. Tem gente fazendo canal de notícias para o youtube. O cara fala vou falar sobre o meu bairro. Já tinha um pessoal que fazia sátira da gente lá em Duque de Caxias, que eles tinham um canal no Youtube, não sei se eles ainda têm, que eles pegavam as matérias que os parceiros de Caxias faziam e faziam sátiras, com humor. Eu soube de cidades que não eram cobertas pelo parceiro, que as pessoas gravavam com celular e botavam no youtube e diziam que eram o parceiro do bairro. As pessoas faziam isso, a gente influenciou bastante. O projeto influenciou muita gente que já fazia comunicação comunitária a falar “cara, não é só a TV Globo, a gente tem

internet, a gente tem o youtube, a gente tem a rádio comunitária, vamos fazer, vamos fazer, entendeu? E o pessoal está fazendo aí e eu acho isso ótimo.

Entrevista Thiago Ventura – 04/08/2014 – Por telefone.**Por que você resolveu entrar para o projeto Parceiros do RJ?**

Meu caso foi um pouco diferente. Eu tinha um comércio aqui no Alemão, era um bar e restaurante, aí na época da invasão a gente ficou fechado e ele já vinha mal das pernas por causa daqueles ataques a ônibus que estava acontecendo. Eles antecederam a invasão. A invasão foi o estopim. Aí quando eu fechei lá, que eu tive que ficar em casa, acabou que eu perdi tudo com aquela invasão.

Se tem quantos anos?

32 e na época eu tinha 27.

E como eu fiquei em casa estava vendo televisão, que é uma coisa eu não... Eu sempre assisti muito jornal, mas nunca na hora do almoço por causa do meu trabalho. Aí eu vi a chamada. A Ana Paula Araújo, que na época apresentava o RJ apresentou o projeto e falou se você tem entre 18 e 25 anos, aí eu falei pô, que droga só vai até 25. Aí ela falou que se passasse um pouquinho não tinha problema não. (risos)

Parece que ela estava te respondendo... (risos)

É, essa foi pra mim. Aí eu fui e fiz a inscrição no site.

Você era solteiro, casado, com filhos?

Eu era solteiro sem filhos. Acabou que eu fiz a inscrição, fui passando no processo seletivo, que no site era eliminatória, tinha uma pequena redação, umas coisas para preencher, depois tinham as provas no auditório do InfoGlobo, no Centro, e depois a entrevista individual. Quando vi tava a Mariana Gross aqui na porta da minha casa com câmera, com microfone.

E você foi contratado no meio do projeto?

Durante o projeto eu fui procurando algumas coisas e, aí, por orientação do Erick, ele chamou dupla por dupla para conversar, deu a maior atenção pra gente sabe? Ele chamou a gente pra conversar e foi orientando. Eu sempre ia para as ilhas de edição acompanhar, desde o começo. Aí ele acabou me orientando a seguir esse caminho de edição de imagens, no caso.

Ele percebeu que você tinha uma aptidão?

Acho que sim. Acho que no meio das conversas e pelo fato de eu estar sempre lá dentro, acho que ele pode ter percebido sim, porque ele me orientou para isso, né? E depois pagou um curso pra mim.

Quanto tempo de projeto?

Eu fiquei um ano e meio no ar.

Tem alguma matéria que você goste mais?

Acho que a da corrida foi a que deu mais exposição. Até para o próprio projeto. A matéria da Corrida da Paz aqui no Alemão.

E para o Alemão, você acha que o projeto foi importante?

Então, deixa eu te explicar uma coisa. Vamos lá. Sempre é bom colocar os pingos nos is. O projeto é uma coisa que só funciona se a dupla trabalhar muito. Se a dupla trabalhar pouco, ele vai funcionar pouco. Querendo ou não ele tem o peso da Globo. Então se você trabalha muito, tá sempre no ar, tá sempre cobrando, sempre cobrando, você vai conseguir resultado. De tudo que eu mostrei, eu só não consegui resultado de uma coisa, porque precisava de uma licitação e aí realmente não ia dar, e o problema era muito grande. Era uma caixa d'água gigantesca que tava vazando e realmente era complicado. Eu, minha parceira, todo mundo, eu insisti bastante nessa cobrança, eu consegui colocar mais de 100 famílias em apartamento. Mais de 100 famílias... Pô, quando eu falei para o Erick ele nem acreditou. Tomou até um susto. Porque a gente mostrava o problemas, não resolvia eu vou voltar e vou voltar, vou voltar.

Impressionante o poder da exposição na Globo, né?

É, quer ver como é que funciona? Chega a ser engraçado. Tinha um poste que tava pra cair. A base do poste toda ruidosa e em frente a um colégio, do lado de um ponto de ônibus, tinha muita gente, e o poste tombado já, com arame exposto. A Record fez matéria, a Tupi fez matéria, o Dia fez matéria e ninguém trocou o poste. Eu fiz a matéria num dia, no dia seguinte eles estavam mudando. É uma influência, exerce um poder de alcance muito grande. Então, eles não querem ficar expostos perante a mídia.

Você em algum momento desconfiou desta parceria ou desde sempre você achou que seria uma parceria positiva?

Vamos lá. Primeiro as críticas. Eu lembro que quando o projeto começou até o próprio sindicato dos jornalistas ficou contra e falando, inclusive, coisas que ele nem sabia. Eu acho que, porque o jornalista sabe que para você falar alguma coisa você tem que apurar, né? O sindicato soltou umas bombas sem apurar que vai na contramão a ética do jornalismo que você tem que saber o que está falando mais que qualquer um. Eles chegaram a falar que a Globo ia começar a demitir repórter, olha se tem cabimento. Só que a proposta é completamente outra. A visão dos parceiros é mostrar com a visão do morador. Então por mais que você pegue um cara, isso não é a cidade partida não, só estou falando, essa é a minha visão. Você pode pegar um cara da Zona Sul, enfiar ele na favela por dois meses que ele não vai saber do que ele está falando. E como o Jô Soares fala de pacificação na televisão, ele não sabe do que ele está falando. Da mesma forma que você me colocar para falar dos problemas de Ipanema, eu vou ser superficial. o surfista que vai ali todo o dia sabe falar melhor do que eu. E é assim que funciona. Então, a ideia além de você ter um alcance maior em termos estratégicos, também é você mostrar com o olhar do morador. Esse lado então das críticas, quando eu fiquei sabendo que foi o sindicato, eu fiquei até um pouquinho preocupado, mas quando eu vi as besteiras que eles estavam falando, eu até relaxei, porque eu vi que eles não tinham um pingão de coerência no que eles estavam falando. Eu vi que eles estavam apontando o canhão de forma totalmente aleatória. Eu vi que eles estavam sendo amadores. Quanto a manipulação da Globo, pô a Globo tem fama, né? Cara, não teve uma coisa que a Globo me obrigou a gravar e não estou falando isso porque eu sou funcionário, não. E não teve uma matéria que tenha ido ao ar que ela tenha distorcido informação, nada. Nada, nada, nada, nada. Não tenho do que me queixar. E nenhum dos meus parceiros também. Pelo contrário, eles chegaram a pedir para a gente gravar matéria quando o Alemão fez um ano de pacificação, as pessoas associavam muito as obras à pacificação, achavam que as obras tinham começado aqui depois da pacificação e foi antes. Aí falaram para a gente fazer matéria, o que que a gente tinha

achado dessas obras que chegaram depois da pacificação, pô, eu e minha parceira batemos os pé, foi antes, provamos por a mais b que a gente estava certo. E não houve nem um tipo de pressão. Nem de diretoria, nem da coordenação, de ninguém. Eu não sofri nenhum tipo de manipulação. Eu tenho um conhecido que depois da minha temporada se inscreveu, olha só? Ele se inscreveu para entrar nos parceiros, aí ele ia conseguir, tenho certeza que ele ia, muito diferenciado, mas ele desistiu porque ele cismou com esse negócio que a Globo é manipuladora. Ele é ativista cultural. Hoje ele está no GloboNews e tá vendo que não é nada disso. Olha que volta que o mundo dá? Ele está na GloboNews e está vendo que não é nada desse jeito e que ele perdeu uma oportunidade de ter dado continuidade ao trabalho que a gente começou, por essa visão de fora.

Como você recebeu a proposta de ser contratado? Você esperava?

Pô cara, eu não sei se eu recebi ou se eu arranquei. (risos) Quando eu entrei nos parceiros, eu já ralei muito, né? Já procurei emprego de tudo que foi jeito, de porta em porta, na rua, ralei pra caramba. Então, quando eu entrei ali pensei eu não tenho outra oportunidade igual a essa na minha vida e não vou ter. Então eu resolvi agarrar de tudo que foi jeito. Eu mirei na edição de imagens. Eu defini um objetivo, que não era com nível superior e fui. Senão desse certo, pelo menos eu tinha tentado de todas as formas. Como, graças a Deus, eu fui obtendo alguns resultados paralelo aos parceiros, e junto a isso eu vinha sempre acompanhando as edições, mas eu acompanhava todas as edições, eu não acompanhava só as minhas. Eu entrava as vezes na Globo às duas da tarde e saía quatro da manhã, porque eu pegava as matérias que os editores faziam para os telejornais e ficava reeditando para aprender e ficava olhando o dia inteiro alguém editar. Aí eu fui aprendendo, aprendendo. Eu aprendi nos parceiros coisas que as vezes você não aprende na faculdade. Aquela rotina de gravação na rua, apurar, procurar pauta, saber o que é pauta. Aquela malícia de pô esse fulano está querendo me passar para trás.

E você já editou parceiros depois que foi contratado?

Editei algumas matérias dos parceiros, mas aí eu fui alocado no Bom Dia Brasil. Aí eu tô fazendo a edição do Bom Dia Brasil.

Qual o seu horário?

Eu entro às oito da noite e saio às duas da manhã.

Você se incomoda de dizer o seu salário?

risos...Eu não sei se eu posso. Mas minha vida melhorou muito. O salário que eu tenho hoje, eu nunca ganhei. Comprei o meu carro novo, pela primeira vez na vida comprei um carro zero. Ajudo em casa. Eu moro com a minha mãe aqui, aí a gente tem uma casinha aqui embaixo que eu reformar e vou mudar para lá. No morro a gente tem certas comodidades, por exemplo, eu não pago IPTU, a água aqui é taxa. Então para eu sair daqui, vou sentir o impacto. Eu teria que sair para alugar e aqui é próprio. Por esses motivos assim, eu não saio ainda.

Você nasceu no Alemão?

Nasci aqui. Diferente de alguns parceiros, eu nunca fui muito ativista no local que eu moro não. Lógico, aqui todo mundo ajuda todo mundo, mas eu não sou de montar uma ong. Não é a minha praia, entendeu? Hoje está se criando essa política: você mora na favela, não faz ong. Eu nunca fui ligado e nem pretendo me ligar. Eu só quero ficar, porque eu gosto daqui.

E a profissão, você se descobriu nela?

Espetacular, espetacular. Eu não penso em fazer outra coisa na minha vida mais. Foi muito bom, mudou minha vida completamente. Todos os dias eu agradeço.

mais de sessenta matérias no ar...

ENTREVISTA LEANDRO LIMA e ALINE MARINHO – 10.06.2013 – Rede Globo, Jardim Botânico.

Aline, por que você foi parar nos parceiros? Você estudava jornalismo? Qual é a sua história?

Aline:

“Nunca fiz nada em jornalismo, pelo contrário eu sou tímida. Eu fiz PUC, pedagogia. Eu trabalho dentro de um teatro, sou gerente do teatro, e nunca pensei em fazer nada na área de comunicação.”

Qual a sua idade?

“26. Até que uma amiga minha mandou o link. Eu falei: não sei se eu estou afim não, porque teve o primeiro, né? Eu não me mobilizei nem um pouquinho em fazer. Mas eu estava a toa no trabalho e resolvi fazer. Aí fiz a primeira inscrição e tal, eram várias fases, aí eu comecei a fazer as provinhas e vinha, você passou para a próxima fase. Aí começou a dar ânimo neste hora. E pensei legal, vai ser bacana. E até que entrei, mas nunca criei uma expectativa para isso que rolou, porque não era uma coisa tipo eu faço jornalismo e entrar para os parceiros vai ser legal para a minha profissão, ndada. Eu entrei mesmo por amor ao lugar onde eu moro, porque eu achei que ia ser legal.”

Você tem muito isso na veia?

“Tenho isso muito sim, porque eu nasci no Vidigal. Eu adoro morar no Vidigal. Mesmo com todos os problemas, eu sempre gostei muito de morar no Vidigal. Sempre tive muito orgulho de morar no lugar onde eu moro. Eu até conto isso, porque antigamente, eu sempre estudei em colégio particular e quando eu chegava no colégio as pessoas perguntavam: você mora onde? E até no teatro mesmo. Eu estudei aqui no Divina [da Providência, no Jardim Botânico] e também no Pequeno Príncipe, um coleginho que tinha aqui em cima. E aí quando eu chegava no colégio as pessoas perguntavam você mora onde, eu dizia moro no Vidigal, eles olhavam e falavam como assim você mora no Vidigal? Como é que é lá? Tem muito tiroteio? As pessoas só associavam a isso [a violência] e hoje em dia, as pessoas acham o máximo! Dizem: eu adoro o Vidigal!”

A que você atribui isso?

“Eu acho que a questão de ser pacificado, né? Mas também, antes de ser pacificado já era assim. Mas eu acho que é mais a questão de ter os famosos lá. Tem Tiago Martins, Farinha (?) Carioca, Trio Ternura e aí começaram a ter muitos eventos no Vidigal. “

A Camila foi minha estagiária?

“Ah, adoro a Camilinha. Eu namoro como o irm]ao do Tiago Martins e ela namorou o Tiago muito tempo. Eu chamo ela de “louquinha”. Ela fez parceiros também. Na primeira fase, ela também chegou a fazer. Ela era a minha concorrente. Enfim, isso tudo fez com que muita gente gostasse do Vidigal.”

O que você achou da ideia de fazer a dupla Rocinha-Vidigal?

“Achei o máximo. Até porque no dia da dinâmica, a Camila foi uma que falou isso, Gente é muito esquisito, porque da outra vez tiveram dois da Rocinha, que falavam do Vidigal. E todo mundo

fica falando Rocinha como uma coisa só e não é. E o que acontecia até agora há pouco, eu não conheço a Rocinha e o Leandro não conhece o Vidigal. Embora sejam dois morros muito perto, a gente não tem esse vínculo, as duas favelas não têm esse vínculo da galera do Vidigal frequentar a Rocinha e a galera da Rocinha visitar o Vidigal. Era essencial que tivesse um de cada lugar. Até que na outra dupla, quase não teve matéria do Vidigal. Porque a pessoa não conhece, vira um jornalista que está de fora, que não tem aquilo de estar aqui dentro. Eu achei que foi muito importante colocar um de cada lugar.”

Como vocês estão fazendo para se pautar?

“A gente não tem uma divisão assim: essa semana vamos falar da Rocinha, essa semana vamos falar do Vidigal. Como a gente só passa uma vez por semana, as vezes até nem passa, né? O tempo é curto, tem muita matéria. A gente tenta selecionar o que a gente acha mais relevante ou o factual, tem que ser. Na semana passada foram dois factuais. Do tapete de sal e da Rocinha e do Vidigal. Mas as vezes a gente seleciona assim, uma matéria muito interessante porque a gente tem umas velhinhas que fazem takendo, então a gente pulou essa na frente de todo mundo porque imagina, muito interessante, imagina, velhinha lutando takendo.”

Mas já foi essa?

“Não. A gente vai fazer ainda. A gente na terça-feira vai ver como é que é e tal. Ah, sei lá. Aí tem um barranco no Vidigal, que a gente passou na frente de todos que estavam prontos porque é uma situação de risco.”

Eu identifiquei três tipos de pauta: a de valorização da comunidade, a de denúncia e a factual? No caso da dupla, o que rola mais?

“Factual, rrsrsr”.

Por que?

Leandro:

“Eu acho que na Rocinha e no Vidigal acontece muita coisa. É uma comunidade muito visada. Volta e meia está acontecendo alguma coisa que não acontece nas outras comunidades. Algum evento, aquele caso das vans, a comunidade mais impactada foi a Rocinha e o Vidigal. Então, acho que a gente é um pouco privilegiado, porque a gente inventa as matérias, mas não tem muito trabalho para inventar.

Tem muita pauta?

As vezes, eu estou na passando na Via Ápia, eu nunca reparei, mas tem um cara vendedor de bala que é poeta. Então, cai mais uma coisa no nosso colo.”

Aline:

“Aí a gente está gravando o poeta e o tempo inteiro na rua as pessoas param a gente. A gente tá gravando e as pessoas estão: eu queria falar com você, eu queria falar com você... A gente não tem trabalho de ir até as pessoas.”

O Leandro eu sei que sempre foi uma cara ativista lá dentro, mas enfim, hoje vocês se consideram mais porta-vozes das duas comunidades?

“Ah, sem dúvida. As vezes é até meio chato, porque as pessoas acham que você é órgão público e chegam até a gente e dizem: Vocês não fazem nada! A gente leva esporro também quando está gravando. Vocês não fazem nada! Isso está há um tempão aqui e vocês não vêm fazer! A gente diz: a gente não vai resolver o seu problema, a gente vai tentar reportar o que você está falando. A gente é a sua voz, a gente não vai chegar lá e resolver o problema. E também tem casos assim, até difícil, a vizinha chega e diz tem um esgoto saindo embaixo da minha casa, você tem como ir lá ver, porque agora você é parceira do RJ pode resolver esse problema. Você fica assim, tem que ter jeitinho, porque não vai render uma matéria o esgoto que sai debaixo da casa dela, as vezes é um pouco complicado.”

Lendro:

“Tem que ter um pouco de jogo de cintura. Explicar para o morador que a gente está falando do problema da comunidade, não só da casa do morador. Então vem o vizinho e diz, ah o meu vizinho de cima quebrou o cano. Eu digo calma, não é assim, não vou falar do problema do seu vizinho no RJTV. E a gente tem que ter um pouco de jogo de cintura para explicar isso para o morador, porque ele não entende.”

No Favela.com você falaria?

“Se algo realmente de impacto. Se tivesse, por exemplo, uma criança pequena morando embaixo.”

E esse impacto seria suficiente para ir para o RJTV?

“Talvez sim também. Eu diferenciaria, porque eu veria que para o meu site é algo mais centralizado ali, mais Rocinha. E o RJ não, fala de um monte de coisas. Não cabe eu expor para o Rio de Janeiro inteiro um problema que apenas se o presidente da associação de moradores lesse no meu site e fosse lá resolver. É diferente.”

E no Vidigal é a mesma coisa?

Aline:

“A mesma coisa. O caso da vizinha, eu falei eu posso ajudar, posso falar com o Marcelo, que é o presidente da associação de moradores de lá, para ver e tal. E também tem que segurar muito a onda quando as pessoas vêm dar esporro. Porque tá achando que eu sou quem? É muito difícil, né Leandro? As pessoas vêm as vezes com cinco mil pedras. Como se a gente fosse culpado de estar acontecendo aquilo. No dia da van a mulher me xingou assim”.

Você é vista neste momento como imprensa comum?

“Não porque eu acho que com a imprensa comum não teria essa abertura de falar assim. Até por eu não ser essa imprensa comum, as pessoas chegam mais fácil, porque da imprensa comum elas se distanciam. Comigo não, ela vai chegar em mim e vai falar. “Usa esse microne mesmo, fala aí”. Ela não vai falar isso com a Patrícia Poeta, hahahaha.”

Lendro:

“É verdade. E foi engraçado falar isso da imprensa, porque quando a gente estava fazendo a matéria das vans a outra mídia também tava lá e vinham atrás da gente, porque a gente ia no foco certinho. A gente sabia quem a gente ia entrevistar. A gente ia entrevistar o cara que é responsável pelas vans, a gente ia entrevistar os motoristas das vans, entrevistar o morador e a outra mídia acompanhando a gente.”

De certa forma vocês eram fontes ali?

“Exato.”

Já fizeram coleguinhas na rua?

Aline:

“Não, só com o pessoal da Globo que na última gravação a gente tava no shereton aí um cinegrafista ajudou a gente, colocou rebatetor, fiquei todas assim, hahahaha”

Como surgiu aquela pauta [torcida no shereton]? Foi ideia de vocês?

“Não, na verdade os jogadores iam chegar lá no Shereton, vai ser a mesma questão dos jogos que eles querem fazer. Foi sugestão deles.”

ENTREVISTA DUPLA BELFORD ROXO E SÃO JOÃO DO MERITI – 10.06.2013**Denise Cassiane, 24 anos, e João Davi Fernandes, 21 anos.****Vocês pensaram em fazer jornalismo?**

Davi – Eu estudava publicidade e ela educação física.

Denise – Eu terminei.

Trabalha com educação física?

Denise – Trabalhava.

Largou por causa dos parceiros?

Denise – larguei. Eu trabalhava na BodyTech.

Porque resolveu ingressar nos parceiros?

Denise – Porque tem tudo a ver comigo. Acho a minha cara, eu vou fazer jornalismo.

E você Davi?

Davi – Como eu fazia publicidade, essa área de comunicação sempre foi forte. Eu tive que trancar a faculdade, porque no começo a gente não tinha muito tempo. A gente não estava muito no pique e até se adaptar e a faculdade no segundo semestre está muito trabalhosa. Tem que estudar isso, filme disso, filme daquilo. Aí não deu.

Aonde você estuda?

Davi –Na Unigranrio.

E você se formou aonde?

Denise – Abeu, lá em Belford Roxo.

Nessa conversa toda eu identifiquei três tipos de pauta que vocês costumam propor: denúncia, valorização e o factual. É isso mesmo?

Davi – Em síntese são essas mesmas. Denúncia que são os problemas, valorização que são projetos, reconhecimento de pessoas ou iniciativas e factual que pode ser n coisas.

No dia a dia de vocês algum desse tipo é priorizado?

Denise – A gente tenta balancear.

Davi – Problemas tem muitos, atitudes memoráveis são tantos. gente tenta equilibrar, mas não somos nós que decidimos quando a pauta vai para o ar, mas o nosso arquivo próprio a gente tenta fazer: mais coisas ruins e uma coisa boa. Sempre assim, mesclando.

Denise – Se fizer só coisa ruim, vai ficar desgastado. E a gente suja a imagem do lugar.

Davi – E aqui a gente tem pouco problema de editor. A gente tem que equilibrar.

O que vocês aprenderam mais nesse período?

Denise – A organização que precisa.

Davi – Ouvir mais, compreender algumas coisas. As outras coisas a gente tem que mete o pé. Algumas coisas têm que ser feitas.

São duas comunidades diferentes. Como é trabalhar essa dupla?

Davi – Equilibra, uma vez aqui, uma vez lá. A gente trabalha muito com o que a gente tem em casa. Se eu tenho quatro fitas aqui e ela tá com uma só, a gente parte mais para o lado dela. E vai assim. Sem falar o factual, que é uma coisa que não tem dia certo.

Por que você foi entrevistar a sua mãe?

Denise – Porque era na minha rua e quem me falou o problema foi a minha mãe. Como a gente vive nessa tradição de rodar todo o município e de tá vindo pra cá, então a gente perde a noção do que está acontecendo no lugar onde a gente mora mesmo. Aí, minha mãe falou que o caminhão do lixo não passava há duas semanas. Eu falei, mentira mãe. Aí que eu fui me ligar que eu cheguei e vi o portão cheio de lixo e tive que pegar a sonora da minha mãe. Eu apresentei a minha rua, mais duas ruas perpendiculares e tava cheio mesmo. Agora que começou a limpar. Eu achei imprescindível porque é muito a cara do projeto. É o olhar do morador, é o olhar da minha família, olhar de gente que mora no local mesmo.

Davi – Ninguém melhor do que nós mesmos para falar do problema.

Se senti um pouco porta-voz da sua comunidade?

Denise – Muito! A gente é acompanhado a todo instante. Ainda mais que a gente anda muito junto. Aí, o pessoal reconhece logo. Aí já vem trazendo sugestões: por favor vai naquele lugar... e a gente tenta atender. Muita sugestão de denúncia, porque os nossos municípios são muito pobres. Na verdade não pobres, falta gente com iniciativa para utilizar o dinheiro público.

Davi – Engraçado que a gente tem mais sugestão do que pauta. Porque pra gente levar uma notícia pra lá tem que ter começo, meio e fim. Tem que ter peso. O pessoal tá com um buraco na rua e cobra da gente.

Denise – esgoto dentro de casa. Aí eu paro, olho para o Davi e falo, mas esse é um problema da sua residência, não vou poder mostrar.

Hoje você entende um pouco mais o que é notícia?

Denise – Ah, com certeza! A gente tem que ter um jogo de cintura de explicar. Isso a gente não pode dar. A gente também não fala de segurança. É uma restrição nossa. A gente não pode falar. Tem muito também isso. Até porque tá muito violento na Baixada, onde a gente mora. A gente entende bem melhor hoje o que é notícia.

Davi – Teve que entender, porque nós fazemos parte dele, e sendo Baixada, São João e Belford Roxo, foram dois municípios esquecidos durante muito tempo e as pessoas durante muito tempo não tiveram ninguém a quem recorrer. Eles tinham o telefone da Rádio Globo, telefone da Rádio Tupi, telefone daqui da redação, mas nunca tiveram uma coisa palpável. E quando chegou a gente, eles tentam se agarrar na única forma que eles podem e cobram muito!

ENTREVISTA DUPLA SANTA CRUZ – 10.06.2013**Alessandro Werneck, 29 anos, e Leonardo Brasil, 28 anos.****Como vocês foram parar nos parceiros do RJ?**

Alessandro- Eu, particularmente fui por causa da nossa área que é um bairro muito distante daqui do centro.

Você faz jornalismo?

Alessandro – Eu não trabalho com essa área de comunicação, só que vendo a necessidade do lugar onde a gente mora, por ser muito distante, criou esse interesse. Lá é muito abandonado, assim, pelo poder público. Aí eu vi nesse projeto dos parceiros a chance de poder mostrar que eu posso fazer alguma coisa para mudar a realidade do meu lugar.

Você trabalhava com trabalho comunitário?

Alessandro – Fiz alguns pequenos, projetos pequenos de umas ONGs, alguma coisa voluntariado, mas nada de grande expressão. Era muito focado ali no local.

Você trabalha com que?

Alessandro – Eu trabalho na área de saúde, tratamento de dependência química, um trabalho que é muito legal e esse aqui nos parceiros veio para agregar.

Você consegue incluir na sua vida o trabalho dos parceiros sem atrapalhar?

Alessandro – Ah, a minha vida é assim mesmo. A gente vai se adequando, daqui e dali, dando um jeitinho para chegar no local perfeito. Eu não quero abrir mão de nenhum dos dois. Esse aqui é uma chance que eu tenho de poder mudar o meu lugar.

Você pensa em trabalhar com jornalismo?

Alessandro – Agora com certeza.

Você vai fazer faculdade?

Alessandro – Já, já, já, o curso já estou parelhando aí. Eu faço um outro curso e agora já estou pensando em incluir comunicação.

E você, Leonardo?

Leonardo – Eu me inscrevi, porque no ano passado teve a primeira etapa dos parceiros, mas foi em Campo Grande e eu fiquei triste porque não era a minha região. Esse ano quando saiu o meu irmão me informou, aí eu fiz logo a minha inscrição. Eu já tinha feito algumas coisas na comunidade, mas não imaginava de trabalhar assim.

Você já trabalhava com câmera?

Leonardo – É já. Com relação com o teatro, que é o que fazia. Na comunidade eu já trabalhava como voluntário em uma ONG com pessoas especiais e também, como o Alessandro falou. A questão de você olhar o seu bairro, vê que está abandonado, eu achava que eu podia contribuir. Já me inscrevi pensando assim: eu sei que uma vaga é minha...

Eu na conversa de vocês sobre as pautas, que tem aquela que é da denúncia, tem a da valorização e tem a factual? Como vocês pensam qual sugerir? Tem uma intenção de escolher um tipo de pauta?

Alessandro – Tem, começa num previ. Tudo é um previ. A gente vê a situação que é mais impactante no momento. Se for o factual, a gente opta pelo factual. Caso a gente possa produzir antes, seja algo que atenda um pouco mais de moradores, a gente estuda esse aqui é bacana de mostrar agora. Assim é que a gente define o que vem para apresentar.

Mas vocês tentam ter um equilíbrio?

Alessandro – Não a gente procura equilibrar, porque a demanda que vem, às vezes é contínua do mesmo assunto, então a gente precisa equilibrar isso. Se a gente falou de saneamento, a gente pode mudar e falar de algum projeto social bacana que esteja representado na área, de algum personagem. A gente procura mesclar justamente para poder englobar um todo e não deixar nenhum ponto descoberto.

Você se sente mais porta-voz da comunidade?

Leonardo – Ah, com certeza! Hoje em dia as pessoas procuram a gente para falar de seus problemas. Elas acreditam que nós vamos ser a voz delas, porque realmente nós somos as vozes das nossas comunidades. Inclusive, com essa mesclação (sic) que tem, a gente consegue mostrar um personagem, como aquele menino bailarino que faz com que as outras pessoas levante (sic) a autoestima também da nossa própria região. Problemas a gente tem inúmeros, mas quando a gente consegue mostrar algo bom, que é daquele espaço ali e as pessoas não sabem, quando elas ficam sabendo que na região delas tem aquele trabalho tão bonito, elas se sentem felizes. Porque Santa Cruz é um espaço muito abandonado pelo poder público, tem muita problemática lá, mas também tem muita coisa boa.

Vocês veem outro tipo de pauta?

Alessandro – A base é essa. Claro que no decorrer podem aparecer coisas diferentes disso, mas tudo a gente meio que vai comparando. Então, a gente usa esses três como base.

Como está a relação com a edição das matérias?

Alessandro – Não entra tudo que a gente pretende, né? Uma coisa que a gente teve muita dificuldade foi saber apurar tempo em televisão, É muito curto! Às vezes a gente produz grandes materiais assim, só que não dá para englobar tudo isso. Então tira um pedacinho ali. A gente tem melhorado muito, acompanhando as edições aqui. Tanto que, o material que a gente produzia em cinco dias, hoje a gente produz em dois. A gente vai ficando mais sucinto.

Quantas matérias já foram ao ar?

Alessandro – Já foram seis. Ainda é pouco, ainda é pouco. Para uma área igual a nossa ainda é pouco, tem muito pra se mostrar e a gente espera aí...só que a gente entende que tem um número determinado de duplas e tudo tem que ser mostrado, né? Então a gente vai aprendendo um pouquinho com o tempo. Sabe que os outros também precisam desta visibilidade, têm essas necessidades aí. Com o tempo a gente consegue ir lapidando esse nosso anseio de querer aparecer, de que querer mostrar a nossa área.

Existe esse desejo de querer aparecer?

Alessandro – A área, não digo nem a gente querer aparecer individualmente. Quanto a isso a gente é muito bem resolvido. Não tem nenhum problema.

Vocês se conheciam antes?

Leonardo – Não! Em Santa Cruz tudo que é próximo é distante.

Alessandro – Não é tão próximo não. Aqui a gente tá se adaptando. Tem aquele período que tem aquele desgaste aquele desentendimento, só que o bom é que a gente tem uma cabeça bem boa para poder conversar. A coordenação auxilia muito nesse ponto aí e aí, apesar de sermos diferentes acho que é isso que completa a gente como dupla para poder oferecer um trabalho bem bacana pelo bairro que a gente mora.

ENTREVISTA DUPLA NITERÓI – 10.06.2013**Julia Rodrigues, 19 anos, e Jhonatan Anjos, 26 anos.****Primeiro eu queria saber porque vocês resolveram entrar no projeto. Julia você estuda o que?**

Julia - Jornalismo. Mudei agora, estou no primeiro período. Eu fazia direito. Eu sempre gostei da área de humanas e tinha dúvidas quanto ao que eu ia fazer comunicação social, mas acabei fazendo pra direito. Eu me apaixonei muito por tudo isso aqui, pelo dia a dia do jornalista, por mais que seja tenso, achei maravilhoso. Sempre gostei da área de comunicação, eu falo muito, aí eu mudei e tô gostando bastante.

E você Jhonatan?

Jhonatan – Eu sempre fiz trabalhos na minha comunidade, na cidade de uma maneira geral; gosto de jornalismo, cheguei a cursar dois períodos mais tranquei, não deu para seguir em frente. Aí quando eu vi que ía incluir Niterói na segunda temporada, resolvi me inscrever para tentar participar.

O que você fazia na época?

Jhonatan – Eu não estava estudando, estava trabalhando. Eu sou conselheiro tutelar em Niterói e trabalho com ações culturais voltadas para a minha cidade. Tudo dentro de comunidade. Hoje eu cumpro as três missões que eu tenho na vida. Não abri mão de nenhuma delas.

Como vocês avaliam essa participação?

Julia – Eu estou achando muito interessante. Niterói, então, principalmente... Porque assim, aqui o Rio, Niterói passou um tempo muito esquecido. Eu acho. Eu digo na parte da mídia mesmo. Acho que hoje a gente está tendo mais visibilidade. A gente tá conseguindo ganhar mais visibilidade para tentar mudar alguma coisa. A gente tá gostando muito, né?

Jhonatan – A gente consegue ter acesso a comunidades que a Globo desconhecia. Que a população metropolitana de Niterói não sabia que existia. Começa a apresentar Niterói de outra maneira, longe do mar, longe da Zona Sul, locais que existem em Niterói. Não só com problemas, mas também com ações positivas.

Quando você pensa em uma pauta para trazer para a reunião, tem um pouco o desejo de ser uma pauta de denúncia?

Jhonatan – A gente tenta intercalar.

Mas é intencional?

Jhonatan – Sim, sim é intencional.

Julia – No início a gente pegou bastante problema, né? Aí a gente pegou um dia e falou vamos falar de coisa boa.

Jhonatan – Na verdade a gente hoje tem seis matérias que já foram ao ar e dessas seis, três são denúncias, são problemas e três são ações positivas. Um equilíbrio. É intencional.

Por que?

Jhonatan – Quando o Trigueiro foi me entrevistar lá na comunidade eu disse pra ele que um dos objetivos dos parceiros é potencializar as comunidades. Potencializar no sentido de conseguir melhorar a qualidade de vida, no sentido de conseguir divulgar ações que aconteçam dentro dessa comunidade. Se a gente trazer só problemas, vai ficar brabo. É só isso, só tem problema, mas não. Niterói tem muita coisa boa. A gente desvendou uma rota de cultura que fica no Engenho do mato, em um bairro que na região metropolitana do Rio de Janeiro ninguém conhecia.

Julia – O mais importante disso é que a gente teve uma resposta. Aline disse assim: Julia, depois da sua reportagem, triplicou o número de pessoas, muito bom.

Jhonatan – E tem ações que acontecem que a própria cidade não sabe. Eu moro em um bairro e não sei o que acontece em um bairro vizinho ou às vezes no meu bairro. O objetivo nosso, enquanto dupla de Niterói, é potencializar essa cidade. Ações minúsculas, que não tem o envolvimento do poder público, envolvimento de empresas, que é desenvolvida pelo povo.

Julia – É beneficiar, também, apenas o povo.

E essa relação com os editores?

Jhonatan – A gente recebe a ideia, as pessoas ligam pra gente ou mandam e-mail ou falam com a Globo e a gente pega essa ideia, transforma isso em pauta, vende a pauta, ou a gente cata. Tendo a aprovação para gravar, começa então a montar um roteiro, pensar como vai acontecer isso, aí a gente marca com a pessoa e vai. Na última quarta-feira, na última que a gente fez, a gente ficou a manhã inteira em uma rua andando com as pessoas. Nós somos recebidos não é como repórter.

Julia – Na matéria que a gente gravou semana passada, a mulher falou mesmo, você é tão bonitinha, ele é tão simpático. Um carinho muito grande.

Jhonatan – A gente recebe abraço, oferecem almoço.

Isso por que é parceiro?

Jhonatan – É, porque é parceiro.

Julia – A gente vive aquilo, a gente não está saindo de fora para falar de uma coisa que é distante da gente. Eu já morei ali, numa rua esburacada na Região Oceânica. Eu sei o que é viver aquilo. O Jhonatan mora numa comunidade, sabe o que é não ter uma coleta de lixo regular. Ele vive aquilo, então eles sentem essa proximidade.

Jhonatan – Cria esse contato.

Julia – Cria um vínculo

Jhonatan – Essa ligação e isso possibilita que a gente tenha mais acesso, mais confiança. Abre a porta da casa de uma maneira.

Julia – Nisso a gente traz a matéria em vídeo, a gente decupa e passa para o editor que está responsável e a gente geralmente vem aqui, acompanhar a edição, para dar as nossas ideias também. Pra gente pode também acrescentar, porque às vezes a gente monta o roteiro pensado da nossa forma e eles às vezes desconstroem, porque acha que o jeito deles é melhor. Lógico!

também tem um pouquinho mais de experiência, mas a gente consegue também às vezes bota uma pitadinha nossa ali do que a gente pensou.

Jhonatan – A gente vezes pensa uma entrada de um jeito, um meio de outro. Uma finalização de outro, quer dizer, a gente tem a liberdade de poder ser cômico também, né? De poder brincar. Aí usar uma ironia tem um certo limite.

O que você busca de mais diferente?

Jhonatan – É uma linguagem mais simples, mas eu gosto mesmo de dar a oportunidade mesmo do povo falar. Eu lembro que teve uma reportagem que a gente foi e um amigo meu falou, caraca, você tocou no entrevistado. Repara que os repórteres não tocam no entrevistado.

Julia – Essa última, tem um velhinho que a gente começou a conversar com ele – ele mora lá há anos desde que era pequeno na rua e ele começou a falar sobre a rua e eu perguntei: esse problema sempre esteve assim. Sempre minha filha e começou a chorar.

Jhonatan – Começou a chorar. A gente toca, faz a entrevista muito próximo. A gente às vezes tá gravando eu digo: Julia, mais pertinho, mais pertinho! Não é aquele negócio de jogar o microfone. A gente está vivendo com eles aquele problema. A maioria deles são idosos, pessoas de mais idade que recebem a gente também.

Julia, qual a diferença da sua comunidade para a comunidade dele?

Julia – Então, eu não moro em comunidade. Eu moro em um bairro de classe média. A gente vive aqui um equilíbrio muito legal. Na nossa apresentação ele falou de potencializar e eu falei sobre os problemas mais urbanos, questão do trânsito e no final eu citei que o parceiro do RJ por serem duas pessoas juntas, uma dupla, é muito isso a troca. A gente acaba trocando muita ideia. Eu aprendi muito com ele.

O que você pensa da comunidade quando a está mostrando?

Julia – O que acontece, no meu bairro mesmo a gente mostrou poucas coisas, né? Na verdade a gente ainda não mostrou. Só teve um problema no meu bairro que foi uma queda de árvore, a gente passou a foto, a gente tentou fazer a matéria do trânsito só que ela acabou caindo.

Jhonatan – Eu moro no bairro do Fonseca, o maior bairro da Zona Norte da cidade, que tem muitas comunidades, comunidades que nem favela. Eu moro em uma das maiores favelas da cidade também. Os problemas são muito maiores. (...) comunidade ela existe tanto na Zona Norte, como na Zona Sul, pessoas que estão integradas vivendo como comunidade. A favela seria o tipo de casa, no alto do morro. Na Zona Sul também tem favela. E perto da onde ela mora, no final da rua tem favela.

Julia – A de Santa Rosa?

Jhonatan – É, mas a gente tá em toda a cidade. No meu bairro mesmo a gente só fez uma matéria.

Niterói é grande, né?

Julia – A gente conversa muito sobre isso também. Isso cria um pouco mais de dificuldade. Até chegar a gente. Por exemplo, a gente às vezes depende muito da ação das pessoas virem procurar a gente, porque não tem como a gente estar em todos os bairros. Aí a gente toma muito cuidado

com isso, para não ficar só na Zona Norte, para as pessoas também não criarem um estereótipo de que a gente só fica em favela. A gente quer mostrar a cidade como um todo.

Jhonatan – A gente tá conseguindo. Conseguimos passar por alguns bairros. Eu tenho algumas pautas do Fonseca, que eu faço questão de não apresentar agora, porque a gente já falou sobre o Fonseca. Barreto, Engelho do Mato, bairros que acabaram de sair. Niterói é muito grande, são meio milhão de moradores.

Julia – Parece que é pequeno porque é tudo muito próximo.

Jhonatan – É uma área grande, é uma cidade grande. É bem difícil de você conseguir trabalhar. Está sendo super desafiador, porque você trabalhar com reportagem de televisão é muito difícil, não é fácil. Parceiro, ao mesmo tempo que ela apresenta eu tenho que me apresentar captando a imagem e quando eu apresento, ela tem que captar a imagem.

Julia – A gente é tudo! Engraçado que com os repórteres que a gente sai vai ter o cara do áudio, para captar o áudio certinho, o cinegrafista, o repórter cinematográfico e a mulher, a repórter. A gente não, a gente é tudo! A gente tem que se preocupar com o áudio, a gente tem que se preocupar com a imagem, a gente tem que se preocupar com a reportagem, com o roteiro, pegar a pauta. A gente faz tudo! Então, é um desafio muito grande!

Vai voltar para o jornalismo agora?

Jhonatan – Pretendo. Eu quero muito, quero muito...

Transcrição Papo Leandro&Aline04_20.06.2013

(1ª gravação – 1'31", no alto do morro, onde o barranco desabou)

Aline: A gente fez a corrida com uma [fita], a gente fez o Herivelto com uma...quer dizer a primeira uma foi o Herivelto.

Leandro: A gente começou a reduzir. Até a semana retrasada a gente fazia uma fita cravado. Essa aqui deu 35 [minutos]

Lilian: Bem econômico.

Leandro: É porque eu aprendi a não pressionar a Aline. Se você fala vai Aline, não erra. Ela ai meu Deus, aí pronto, aí...

Aline: É tanta pressão. Ele ficava: Bora Aline... Caraca, já era.

Lilian: E Aline, você trouxe o texto pronto?

Aline: Mais ou menos, mudou muito.

Leandro: Primeira vez que traz o texto

Aline: Mudou muito, porque a gente percebeu que vir com um textinho já bolado, ajuda muito. Porque na hora que você vai gravar começar a pensar, aí trava, né?

Lilian: Ajuda a estruturar?

Aline: É. Mudou muita coisa, tudo que eu fiz foi basicamente jogado fora, mas aí você já tem essa estrutura na cabeça.

Lilian: Abre aí para eu fotografar.

Leandro: Mas tem que enfatizar que esse é o nosso primeiro texto, mas normalmente a gente não usa texto não.

Aline: Aí eu botei sugestões de imagens para o Leandro.

(2ª gravação – 1'49" – no meio da descida)

Aline: aí eu falei: fala o seu nome completo e a moça: não quero. Mas a senhora não disse. Eu falei porque quando a gente vai colocar a entrevista aparece o nome da senhora embaixo e a profissão. Ela: mas eu não quero.

Lilian: Você acha que tem muita resistência?

Aline: É eu acho que ela ficou com medo. A gente tem que explicar direitinho. Lá na Roupa Suja foi difícil de gravar.

Lilian: O que vocês acham que é isso?

Aline: Eu acho que as pessoas têm medo. Até um tempo atrás o jornalista chegava na favela quando tinha alguma operação, quando um traficante era morto. Então, era lei do silêncio, as

peessoas não queriam falar, e as pessoas ainda estão condicionadas a isso. Elas não veem que é uma coisa para melhorar, elas têm medo.

Lilian: Mas o fato de ser parceiro, de ser morador de lá, você se apresenta?

Aline: Eu sempre faço questão de enfatizar que eu sou moradora daqui... Leandro, tô falando pra ela como lá no Roupa Suja foi difícil a gente conseguir sonora.

Leandro: Pô, demais. O pessoal não fala.

Aline: Ela perguntou por que... eu acho que é porque lá ainda tem o tráfico.

Leandro: No trecho do valão também. É próximo do Roupa Suja, a gente tava bem exposto o que a gente tava fazendo lá e pessoal não queria falar. Eu falava, fala aí da comida, o pessoal: não, não, nem me filma.

Aline: Assim mesmo, eles falavam nem me filma.

Leandro: Uma resistência muito grande, mas porque ainda é um trecho complicado.

Aline: Leandro fala, mas eu não tinha noção não. Só quando eu fui lá que eu vi.

(3ª gravação – 19” – na descida ainda)

Leandro: De repente a gente chega até meio dia, né?

Lilian: Consegue resolver tudo. Hoje essa pauta é meio factual?

Leandro: É, exatamente.

Aline: O Herivelto também foi rápido, lembra? Só não foi mais rápido porque a gente não tinha um roteiro.

(4ª gravação – 4’39” – ainda andando em direção a casa da Aline)

Lilian: Me fala como surgiu essa pauta.

Aline: Eu trabalhei com a Dona Dalva, que é irmã da Leda. Aí ela me falou, Aline preciso muito da sua ajuda, nem sabia que você era parceira do RJ, porque ela procurou no facebook, que tem aqui no Vidigal, que é parceiros do vidigal e essa menina falou para ela porque a senhora não procura a Aline e tal...que trabalhou com vc. Ela ah, eu não sabia. Ela me procurou e eu falei com o Leandro. Na verdade a gente sugere as pautas toda segunda-feira.

Lilian: Pois, é nessa reunião você sugeriu essa?

Aline: Não falei dessa. A gente sugeriu a Roupa Suja que é a questão do choque lá nas casa, que a gente tem que concluir e do Savelmos São Conrado, uma ong que tem na praia. Mas ela me ligou na terça-feira e quando eu vi as fotos eu fiquei assustada e falei a gente tem que fazer isso pra ontem. Vai que chove no final de semana, acontece alguma coisa e a gente fica com remorso de não ter vindo antes, né?

Lilian: E aí? E como é que você decidiu, falou com a produção?

Aline: Eu liguei para a Gisela, que é a nossa coordenadora, falei para ela a situação. Mandeí um e-mail primeiro, mandei as fotos e falei Gisela a situação é muito grave, precisa fazer antes, não dá para esperar segunda, para depois marcar o dia de ir. E ela falou: então faz. Aí eu liguei para o Leandro e a gente marcou.

Lilian: Agora vocês vão pegar essa fita. O Leandro está um pouco assustado que foram poucas imagens, não?

Leandro: Assustado e meio bolado com esse tripé maldito.

Lilian: Quer dizer, assustado eu digo com o pouco tempo de fita gravada, né?

Leandro: Normalmente a gente usava três fitas, foi diminuindo para duas, para uma e hoje ficou um pouquinho mais da metade de uma, eu tô meio preocupado, mas...

Lilian: Mas as pessoas estão gostando de você chegar com uma fita só?

Leandro: Bastante. Não só porque facilita o trabalho delas, mas também porque elas veem que a gente está cada vez mais objetivo. A gente não está gastando fita com coisas a toa. Com três fitas você imagina, ter que ficar selecionando as imagens.

Lilian: Vai decupar agora aonde?

Leandro: A gente vai para redação.

Lilian: Os dois conseguir ir hoje?

Aline: Eu consigo, mas a gente vai ver se um vai e outro não.

Lilian: E depois acompanha a edição direto?

Leandro: Geralmente, a gente não acompanha. A gente acompanha quando dá. Esse é um factua, provavelmente a gente não deve acompanhar. A gente acompanhou alguns factuais porque a gente levou, elas editaram na hora e no mesmo dia entrou no ar. Nesse momento a gente consegue.

Lilian: Quando aconteceu isso? Qual foi a matéria?

Leandro: Ah, foi...

Aline: Das vans, a redução da vans

Leandro: A gente acompanhou...

Aline: Teve outra.

Lilian: E que tipo de matéria vocês preferem fazer: esse tipo de matéria ou produzida, de valorização da comunidade?

Leandro: Eu prefiro muito factua.

Aline: Leandro adora factua, é com ele mesmo. Depende de onde eu esteja. Se eu estiver na câmara eu prefiro parada.

Lilian: Mas vocês como moradores preferem fazer matérias de denúncia ou aquelas que mostram o lado pitoresco da favela?

Aline: Os dois. O de denúncia porque tem muita coisa para melhorar. A mídia tem posto o Vidigal lá no alto, tem virado moda morar aqui no Vidigal, então tem muita gente vindo para cá achando que é o máximo, mas não é bem assim. Você viu agora que tem muita coisa ruim aqui, que precisa melhorar. Isso é uma coisa boa da gente falar, de mostrar essa coisa de que o Vidigal não é só lugar de tráfico, mas que também não é um lugar maravilhoso. Tem muitos problemas aqui dentro, e também é legal você falar de personagens, de coisas boas, tem um cityê (?), uma área que era um lixão e reflorestou sozinho, porque quis, tirou sete toneladas de lixo durante anos sozinho. Então, eu acho uma coisa muito legal. Uma iniciativa muito legal.

Lilian: Vocês têm ideia de quantas matérias já foram para ar?

Leandro: Eu só sei que nós fomos a dupla que mais colocou matéria no ar até agora!

(5ª Gravação – 02'09" – casa da Aline)

Lilian: O Leandro me contou que lá na Rocinha os preços subiram horrores? Continua lá, Leandro?

Leandro: Estou na Gamboa, mas estou me mudando.

Lilian: Conseguiu alugar na Rocinha?

Leandro: Consegui e não. Na verdade, meus pais expulsaram os inquilinos e aí eu vou morar lá, mas aluguel.

Aline: Preço de filho, né?

Leandro: Vou pagar quinhentos contos. Era R\$ 950.

Lilian: E aqui no Vidigal, como está essa história de gente saindo e gente entrando?

Aline: O tempo inteiro. Você vê um monte de pessoas que você nunca viu na sua vida. Eu acho um pouco chato, me sinto incomodada, invadida. Eu acho que é muito bom para o Vidigal, é bom essas pessoas vindo, preços altos nos aluguéis para a valorização do lugar, mas é ruim para quem é morador.

Lilian: E as dificuldades para o morador acreditar no trabalho de vocês? Por exemplo, ser chamado para cobrir algo.

Aline: Eu acho que eles acreditam muito.

Lilian: Mais do que a imprensa comum?

Aline: É, eu acho. Porque a gente sabe da realidade, não está vindo aqui com aquele sensacionalismo de querer registrar aquilo ali porque são uns coitadinhos. A gente está querendo porque é morador daqui também, passa por isso também. E até o jeito de falar. Você viu que eles vêm e falam mesmo. Não ficam com medo de falar. A maioria vai e fala. Porque eu trabalhei com a Dona Dalva, a irmã dela me conhece, conhece o meu pai. Normalmente quando eu vou ter uma entrevista já falo no meu pai. Todo mundo conhece o meu pai. Você conhece o Vavá, ah, você é filha do Vavá. Aí acontece tudo, já estou com a porta aberta. Hahaha As pessoas acreditam até mais que outra pessoa que venha aqui.

FRANCISCO EDUARDO CONCEIÇÃO CUSTÓDIO – MORADOR DO VIDIGAL HÁ 45 ANOS – SERVIDOR PÚBLICO.

“Nascido e criado no Vidigal”

O senhor já tinha tido contato com a imprensa?

“Já. Eu tive contato com a imprensa sim, mas com essas duas pessoas que agora são parceiros do RJ, que qualquer assunto grave aqui na comunidade eles estão presentes, eu nunca tive a oportunidade assim de conhecer essas pessoas.”

O que o senhor acha do trabalho deles?

Muito bom, muito bom, ótimo porque eles estão aqui no Vidigal, estão fazendo parceiro do RJ do Vidigal, da Rocinha, Chácara do Céu, então quer dizer, eles estão vivendo o problema também. Eles sabem o assunto que está se passando. Quer dizer, como testemunha desse assunto ele joga no ar, fala mesmo, mostra para as pessoas o que está acontecendo. Mostra ao Brasil o que está acontecendo dentro da comunidade, não é só aqui na Rocinha e na Chácara do Céu, onde eles são parceiro.”

O senhor acha que antes isso não acontecia? Antes, quando a imprensa vinha aqui, o senhor acho que o que era vivido na comunidade não era mostrado?

Com certeza não, assim frequentemente como está sendo mostrado agora, que ele está mostrando, não. Antigamente eles botavam pano por cima, cobriam, agora não. Agora, estão vindo mesmo, estão mostrando, a menina é aqui do Vidigal, quer dizer, ela conhece o problema, conhece o assunto, sabe como a situação tá precário que o Vidigal tá passando. Então, quer dizer, ele vem mostra e joga no ar, é isso mesmo.”

LEDA DA COSTA – MORADORA VIDIGAL – 52 ANOS – MORADORA HÁ MAIS DE 40 ANOS NO VIDIGAL – TOMA CONTA DE CRIANÇAS EM CASA.

O que você achou do trabalho do RJ?

“Isso foi uma coisa muito boa porque nós não temos como falar, então tem que ter uma pessoa que fale por nós. Isso aqui já está há três meses já. Se não botar isso no ar, isso vai ficar esquecido. Então eu acho muito bom, foi ótimo”.

Você acha que indo para televisão...

“Ah eles resolvem, rapidinho, resolvem. Resolvem porque começa a botar, aí já bota os grandões, entendeu?”

Por que, você acha que por ser parceiros do RJ da Globo tem diferença?

“Ah tem, porque a globo a gente assiste muito. Todo mundo assiste a globo então a população toda vai ficar sabendo. A presidente, todo mundo. Então é um meio deles correrem.”

Antes a imprensa vinha aqui?

“Não, não vinha.”

Você já tinha dado entrevista?

“Não, nunca.”

Nessa situação do deslizamento, já tinha sido comunicado para outras pessoas?

“Não foi o Daniel que passou para a Aline. O Daniel é um rapaz que trabalha com a Aline também. Ele teve no dia que caiu, no dia 15, às 7 e pouca da manhã. Ele botou no face e aí já começou, veio a georio, eles começam a aparecer, porque tá vendo que se espalhou, entendeu? Eu acho muito bom isso.”

É bom contar para a Aline problema para ir para o ar ou é bom contar coisa boa daqui do Vidigal?

“Olha, se puder contar coisa boa, mas infelizmente só temos que contar isso, porque se não falar não adianta minha filha, não vai acontecer nada.”

MARCELO ROBERTO DE LIMA – MORADOR VIDIGAL – 42 anos – morador do Vidigal há 22 anos - Motorista

“Eu era de Caxias, casei e vim morar com a minha esposa aqui no Vidigal. Ela já daqui desde criança.”

Marcelo, o que você acha do trabalho dos parceiros do RJ?

“Olha, em termos de reportagem é a primeira que eu faço com os parceiros do RJ, mas eu tenho visto várias reportagens. Eu acho que o trabalho deles é mais para ajudar a própria comunidade, porque a gente não tem uma voz. Na verdade é isso, a comunidade não tem uma voz para passar isso para a mídia. Eles são a nossa verdadeira voz agora, porque o que a gente tem de reclamação, o que a gente quer de solução, eles passam isso para mídia e a mídia joga isso a público para ver se as autoridades resolvem o problema, entendeu?”

Antes do projeto a imprensa não vinha ao Vidigal?

“Não, não, na verdade a imprensa só vinha quando era guerra. Quando tinha guerra vinha, quando morria alguém vinha, agora para resolver problemas da comunidade nunca veio.”

Tem muitos problemas que você acha que tem que ir para a imprensa?

“Tem muitos, tem bastante. Tem muitos, muitos e muitos.”

Mas problema do que coisas legais da comunidade para mostrar?

“Pelo menos aqui na nossa mais problemas do que coisas legais. Porque tem uma diferenciação, como até eu coloquei ali para eles, relativo a Rocinha e ao Vidigal, todo mundo é uma comunidade só, todo mundo é um povo só, todo mundo é brasileiro e na Rocinha já foi uma série de investimentos e o povo do Vidigal fica vendo isso e fica té um pouco chateado, porque a gente também é morador, a gente também paga nossos tributos, nossos impostos e agente vê a Rocinha com PAC 1, PAC 2, pintando casa em Rocinha e no Vidigal não fizeram nada até agora. Nada, nada, nada. A não ser a reforma da Vila Olímpica, que para mim não foi tão importante quanto o que a comunidade necessita.”

E como está agora com a Unidade de Polícia Pacificadora? Mudou?

“Olha, mudar, mudou. Inclusive para você criar seus filhos é bem melhor. É um outro tipo de imagem que ele vê, mas tem seus problemas porque nada está resolvido. Sempre tem problemas. Alguns exorpendo do poder, querendo fazer coisas que não se deve ser feitas, mas eu acredito que melhorar, melhorou.”

ENTREVISTA FLÁVIO CARVALHO

Jornalista, 26 anos, trabalha na comunicação da Biblioteca Parque da Rocinha.

O QUE MUDOU NA ROCINHA PÓS UPP?

“O que mudou na questão de saúde, na questão que a gente queria que mudasse, que era saneamento básico, infraestrutura, qualidade de vida assim, não tem muita mudança não. Tem a mudança de não se vê civis armados, o tráfico na rua. Eu estava em uma palestra, na quarta-feira, e alguém falou UPP não muda nada. A palestra era em Manguinhos. E as pessoas estavam dizendo: aqui já tinha a biblioteca antes da UPP. Eu fiquei pensando: será que a biblioteca da Rocinha iria funcionar assim com tanta tranquilidade como lá? Lá a biblioteca fica fora da comunidade, um espaço enorme. Aqui, a nossa biblioteca, era ao lado de uma boca de fumo. Ia ser um pouco complicado a gente ficar trabalhando ao lado do pessoal da segurança da, que ficava armado até durante o dia. Claro que a UPP não mudou estruturalmente a Rocinha.”

MAS E A MOBILIDADE? A LIBERDADE DO IR E VIR?

“Sim, isso mudou. Na questão da mobilidade o que mudou é que a gente tem mais liberdade, assim como no meu caso como comunicador, ter mais liberdade para fazer o meu trabalho de fotografia, de entrevistar as pessoas na rua. Andar aqui na Estrada da Gávea fotografando tudo, por exemplo, um tempo atrás eu não podia fazer isso.”

NEM VOCÊ, MORADOR DAQUI?

“Nem eu.”

VOCÊ CHEGOU ALGUMA VEZ A SER PARADO?

“Teve uma vez que eu estava trabalhando na assessoria e ia levar grupo para conhecer aqui. A gente parou no lugar que os turistas costumam parar para fotografar, aí chegou um grupinho de dois ou três traficantes e parou a gente. Eles perguntaram o que a gente estava fotografando e pediram para ver as fotos. Eu peguei e mostrei. Já cheguei a ser parado sim, mas sempre com cautela. Mas quando eu fotografava aqui dentro antes, era só em eventos. Por exemplo, estava acontecendo a via sacra, eu saía correndo por aqui com a câmera. Nesses dias festivos o tráfico não ficava tão exposto e a gente conseguia circular com mais tranquilidade. Para eles também é bom que entre gente na favela, porque é bom para o comércio deles.”

“Quanto às condições de saúde, todo mundo reclama da UPA, que nunca tem médico. Você chega lá e fica esperando, tem casos até de pessoas que morrem lá. Quem está em estado grave é mandado lá para Curicica...”

E A QUESTÃO DO LIXO, QUE SEMPRE FOI UMA QUESTÃO SÉRIA AQUI NA ROCINHA...

“A questão do lixo não mudou nada, porque a Comlurb até entra mas faz a mesma coleta que fazia antes: a coleta na rua principal. Não sei se tem como ela fazer nas vielas e becos. A Comlurb vai nos condomínios do asfalto para coletar e aqui não tem gari suficiente. As pessoas têm que se locomover para deixar o lixo e muitas vezes acabam jogando o lixo na vala.

COMUNIDADE OU FAVELA?

Tendo conhecimento de onde vem a palavra favela e sabendo o significado da palavra comunidade, eu consigo usar melhor as palavras. Comunidade tem aquele instinto que tem muito em lugares como a Rocinha. Das pessoas se ajudarem. Isso é uma comunidade, isso eu não vejo em outros bairros tidos como nobres, como Leblon onde as pessoas moram porque tem uma infraestrutura bacana, mas não tem nenhum apelo com o bairro. É claro que tem outras pessoas que tem apego ao bairro. São moradores de bairros mais antigos como São Cristóvão, por exemplo. Eu entendo que esta questão da comunidade tem muito nas favelas. Tem muito a questão do comunitário, mas eu prefiro chamar de favela. Eu prefiro chamar o espaço de favela, mas o sentimento é de comunidade. Nós temos um sentimento comunitário.

QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE A PRIMEIRA TURMA DO PARCEIROS? DEU RESULTADO?

Eu não assisti muitos dos episódios da primeira turma. Só assisti alguns da Rocinha, porque por ser morador da Rocinha queria saber o que eles, moradores daqui, estavam falando sobre a Rocinha para fora. Assisti alguns bem legais, mas não retratando bem, muito superficial. Não tem como dentro da estrutura da Globo, que cobre uma cidade inteira, ter uma cobertura boa de um lugar assim. É uma coisa muito superficial. Vi muitas matérias falando de projeto social. Coisas que eu já tinha falado em outras matérias que eu fazia. Duas gravações que eles fizeram ficaram muito parecidas com duas que eu tinha feito com o Wark e com o Tio Lino, que são pessoas da favela.”

DEPOIMENTO FLÁVIO CARVALHO – 04.11.2014 – FACEBOOK.

Me formei em 2012.1.

Sim, quando eu saí do Comunicar fui estagiar na assessoria de imprensa da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos (SEASDH). O Leandro Lima me indicou para trabalhar lá, a assessora que cuida do Secretário me ligou marcando uma entrevista, fiz essa entrevista e comecei em dezembro. Foi tudo bem rápido. No ano anterior (2010) eu tinha enviado meu currículo para trabalhar na Biblioteca Parque da Rocinha através do edital que tinha sido aberto. Era um Contrato de Serviço por Tempo Determinado de um ano, renovável por mais dois. Fiquei por algum tempo trabalhando na SEASDH e na BPR por uns dois meses. Depois eu conversei com a minha chefe e pedi para sair porque não estava mais conciliando os dois trabalhos. Ela entendeu e achou que seria uma boa oportunidade para mim. Engraçado que no mesmo dia da entrevista para a SEASDH eu fiz a prova e a entrevista para trabalhar na Biblioteca Parque da Rocinha, tudo muito corrido. Eu fui trabalhar na Biblioteca Parque da Rocinha porque eu achei naquele momento que seria um lugar de criação, pois não havia uma estrutura já pré-elaborada de trabalho. Era um projeto, de certa forma novo, na Secretaria de Cultura do Estado e que me daria oportunidade de trabalhar de forma mais livre, sem moldes. Em outras palavras quem entraria ali teria que criar as rotinas de trabalho. Não teria um chefe que diria tudo o que todos deveriam fazer, seria uma criação coletiva. No começo as hierarquias eram bem horizontais, aos poucos isso foi mudando. Primeiro, no início de 2012, eu entrei como Mediador Social. Eu fazia contato com as instituições e também ficava com a parte de relatar ou apartar problemas relacionais dos usuários, um mediador de conflitos, que era supervisionado por uma educadora. Entrei como ensino médio na Biblioteca, meu contrato ainda é de ensino médio. Depois perceberam que era preciso alguém para conversar com a Assessoria de Comunicação da SEC e com jornalistas que queriam fazer matérias na Biblioteca, aí eu me transformei em um Assessor de Comunicação, além de fotógrafo. Fiquei responsável pelo acervo de fotos do que aconteceu na Biblioteca, desde antes da abertura até agora 3 anos de fotos, tiradas por mim e por alguns outros funcionários. Hoje o meu cargo é Auxiliar de Programação, ou produção. Trabalho com os eventos. Montagem e desmontagem do espaço para o evento. E também faço um pouco da divulgação dos eventos que acontecem, enviando por e-mail e pelo Facebook. Algumas das funções que eu fazia quando ficava responsável pela comunicação, em pouca medida, continuo fazendo, como administrar o Facebook e criar e-flyers de divulgação. Hoje não sei dizer se estou feliz com o que faço. Estava mais feliz quando trabalhava com comunicação. Mas foi decidido que não haveria mais nas Bibliotecas uma pessoa responsável por comunicação. O IDG, a OS que ganhou edital para administrar as Bibliotecas Parque centralizou a comunicação neles. Mas em relação a ter mais segurança no trabalho estou feliz. Talvez seja por isso que ainda não deixei a Biblioteca. Antes na gestão da SEC era contrato com isso não tinha direitos caso pedisse demissão ou fosse

demitido. Hoje temos carteira assinada e alguns benefícios. Não sei se posso falar o quanto eu ganho.

JAILSON DE SOUZA E SILVA (Geógrafo e coordenador geral do Observatório de Favelas) – 11.06.2013 – Observatório de Favelas, Maré.

- 1- A importância da mídia comunitária para as favelas?
- 2- Quais as mais representativas?
- 3- Você conhece o Quadro Parceiros do RJ da Rede Globo?
- 4- Ele estaria promovendo o que você certa vez chamou de reconhecimento?

“Primeiro eu sempre tento pensar o que a gente pode sugerir de agenda para reinventar a cidade. É muito difícil que eu fique centrado na questão da denúncia. Existem as instâncias dominantes e as formas delas reproduzirem, é óbvio. Eu procuro mais saber as brechas (...) porque alguns conseguem furar e conseguem chegar superar essa estrutura e consegue chegar ao ensino superior

A grande mídia está em um impasse profundo. Ela precisa dar conta de não perder a legitimidade, ela precisa dar conta de se aproximar dos setores populares – principalmente das classes sociais emergentes, ela precisa conseguir ressignificar sua forma de comunicação, ela precisa trabalhar de outra maneira as redes sociais, as formas de comunicação que as pessoas estão construindo e de certa maneira ela precisa estar territorializada, ela precisa se reconhecer no território. As pessoas vivem em territórios e, por outro lado tem várias pessoas que tem uma perspectiva de crer que é possível ter uma cidade mais legal, mais fraterna, mais justa, no âmbito da ação dessas empresas. Pode não estar, certamente, representada nas grandes diretorias. As grandes diretorias funcionam a partir da lógica de manter a posição, por exemplo, no caso da Globo de manter a hegemonia da Globo de acordo com a sua perspectiva conservadora, mas têm outras pessoas lá muito empenhadas em abrir espaço para o popular, achar que tem que ter mais pluralidade, mais diversidade e maior abertura então...O quadro do parceiros estaria nesse grupo?

Exatamente. Eu conheço a galera que está trabalhando a questão do parceiro. Quem puxa lá dentro, a Vera, especialmente, ela está muito empenhada de enfrentar os obstáculos para que isso funcione. Tem no plano pessoal, essas pessoas empenhadas em contribuir para que esses moleques tenham mais espaço. No plano da instituição quando, quando o cara pensa isso eu duvido que o cara que define em última instância essa separada veja a partir desta perspectiva. Eu acho que ele vê muito mais sob a perspectiva de se legitimar, vê muito mais a perspectiva de conseguir entrar a menor custo dentro das favelas, expondo menos os seus repórteres profissionais. Se for pensar muitas vezes o medo dessa questão do tráfico, da própria visão da Rede Globo, se pensar naquelas manifestações fora cabral, ... Eles sabem que têm um grau de desgaste e a perda de legitimidade é muito complicada porque é crucial a legitimidade. A Veja,

por exemplo, o que perdeu de credibilidade com esta lógica de se transformar em panfleto, tanto no governo Lulu como no governo Dilma, é impressionante. Me parece que essas tensões estão colocadas o tempo inteiro. É nesse âmbito que se dá a disputa da democratização das comunicações hoje. A Globo não criou uma mídia comunitária, é exatamente o contrário. Na verdade o que ela hoje disputa de certa forma é não querer que cresça uma mídia comunitária, mais autônoma, mais independente a partir de outras diferenças. Para ela isso não interessa. A Globo não contribui em nada, por exemplo, a surgir mídias comunitárias mais liberais, que eles pudessem atuar juntas. Ela não tem interesse pelo contrário, ela continua querendo manter o monopólio. O que eu acho é que existe por um lado um processo de comunicação

CONVERSA FLÁVIO PÉ, FERNANDO ERMIRO, MICHEL SILVA e ANTÔNIO FIRMINO – 30/07/2013 – Biblioteca Parque da Rocinha.

A pesquisadora iniciou a conversa explicando sua tese e o objetivo do encontro: conversar sobre os veículos de comunicação comunitária que circulam na Favela da Rocinha e o que representa o Parceiro do RJ para os moradores da favela.

FLÁVIO PÉ – moro na Rocinha desde sempre, sou produtor cultural e trabalho com coletivo de cultura desde sempre, desde 19, 20 anos. Tive envolvido em umas coisas de comunicação também. Eu faço pedagogia na UERJ.

FERNANDO ERMIRO – sou formado em história pela PUC-Rio. Trabalho como produtor cultural, nascido e criado na Rocinha. Há muito tempo eu estou nesse meio de cultura. Eu organizei um livro com o pessoal do Museu [da Rocinha], que o Contos da Rocinha

MICHEL SILVA – Sou estudante, vou fazer vestibular esse ano. Criei com a minha irmã o portal viverocinha.org, que tem por mês cinco mil acessos e o jornal impresso Fala Roça. É um jornal cultural que fala da cultura nordestina. São três mil exemplares por mês.

1ª pergunta: Os veículos comunitários da Rocinha são importantes para vocês?

FLÁVIO: Em 2000 eu escrevia para o Rocinha Notícias na época, eu fazia uma coluna que era Rocinha Hip Hop, enfim, foi o meu primeiro envolvimento com mídia comunitária e tal. Eu achei bem interessante assim, não só a questão da repercussão mas como a mídia comunitária podia fugir do padrão de mídia de comunicação e reprodução que as grandes mídias fazem, né? Esse sempre foi o meu questionamento com as mídias comunitárias. A capacidade delas não só produzir o que seria uma mídia livre, independente, mas também de reproduzir o que as grandes mídias fazem, que acontece muito. Aí eu comecei não só a entrar um pouco nesse meio, mas a pensar como seria esse meio. Depois, em 2008, eu tive uma experiência de dois anos apresentando um programa na TV Rocinha, um programa ao vivo na comunidade, e foi assim a maior experiência que eu poderia ter. A maior experiência que podia imaginar enquanto artista, enquanto pessoa de cultura, não necessariamente eu venho de comunicação.

Experiência em que sentido? O que representou para você essa participação?

Representou de como um veículo de comunicação pode estar a serviço da arte, também como uma ferramenta de comunicação. Deu resultado até hoje.

Você acha que os veículos que estão hoje na comunidade, produzidos pela comunidade, eles trazem algo de novo?

Sempre trazem. Eu acho que o meio traz, como eu posso dizer, alguns vícios dessa reprodução, né? O meio por si só da comunicação. Aí traz algo quase que automático de como as grandes mídias produzem comunicação.

Você concorda Fernando?

FERNANDO: Alguma coisa sim.

FLÁVIO: Mas assim, não todos eles. É sempre bom, independente de tá fazendo uma forma que reproduz ou não, é sempre bom para a comunidade, pra gente da comunidade também. É sempre bom, sempre traz alguma coisa.

FERNANDO: O meu interesse sempre foi identidade. Sempre trabalhei com identidade e identificação. Na comunicação você vê isso também. Tem muito da reprodução que vem fora do modelo que vem pronto e você acaba não redigindo a sua própria voz. Então, você não faz o teu próprio. E, às vezes quando você tenta fazer diferente, você faz também estereótipo. Você faz o favela, jornal de favela, para favela. Aí você aceita erros, gírias, que você acha que pode. O que eu acho um erro isso. Não, não pode, porque na verdade a moral do cara que trabalha, que é pobre é muito rígida e exige a coisa certa. Então a gente acaba achando que não. Pode relaxar porque é favela, tira vírgula, tira exclamação, põe gíria, faz o que quer. Mas na verdade, o camarada pega a publicação e quer ver acertos. Aí não julga nem se é reprodução ou não de uma notícia que vem de fora, mas ele quer ver se o trabalho foi bem feito. Ele é muito exigente. Aí que eu acho que o pecado da nossa identidade é esse: de eu reproduzir um estereótipo. Como se faz favela? Como se fala favela? Tem um programa agora que é no multishow que é uma pena. Os caras tão ali com o veículo na mão, “vai que cola”, uma pena, os caras estão mostrando o estereótipo. Quando nos anos 60, nos 70, aquela coisa muito antiga, só pode ser isso? Não pode. O cara que está aqui dentro não é isso. Ele está tentando outra coisa. Ele está procurando outra coisa, em outro lugar. Aí, o meio de comunicação da gente falha por isso. Eu falo da Rocinha. Eu acho que tem essa falha. Essa falha da identidade, você não se assume enquanto trabalhador, enquanto pobre.

Michel, quando você faz o seu jornal, você acha que acontece isso que o Fernando falou?

Esse jornal tem alguns erros da editora.

E te incomoda isso?

Lógico! Não tem um erro de vírgula, mas três quatro vezes que a gente usou aquela vírgula.

Vocês leem o jornal do Michel?

FLÁVIO – Eu li o jornal que o Michel fez. Eu acho que todo e qualquer veículo que vem dentro dessa história de comunitário, eu acho sempre bom.

E o Parceiro do RJ...existe uma mídia comunitária ali?

FLÁVIO – Parceiro está dentro de uma outra lógica. Uma lógica global, dentro de uma esfera maior. Eu acho que as grandes redes descobriram. Descobriram não elas sabem e trabalham para que isso não aconteça, que o futuro das mídias é local. Em tudo da comunicação é local. O cara quer saber o que acontece na porta dele. Eu tive uma época nos debates, nos fóruns de mídia livre e deu pra gente perceber muito bem como é que funciona isso. Eles sabem que o futuro da comunicação é local, só que trabalham para que esse futuro local não aconteça.

Por que?

Eu acho que não é interessante por causa da queda de monopólio e por aí vai. Aí a galera tá meio que reproduzindo porque esbarra em uma série de situações, entendeu? Não é porque quer fazer ou não quer fazer. Muitas vezes é porque está ali. Por isso, que independente de reproduzir sempre é bom aparecer uma galera nova fazendo comunicação comunitária. Uma hora a coisa vai...

MICHEL – A mídia comunitária é totalmente contraditória à mídia tradicional. Por exemplo, morreram 10 bandidos e um trabalhador. A mídia tradicional não fala do trabalhador. Vai falar que matou bandidos.

Fernando, você já viu essa dupla nova do parceiros da Rocinha e Vidigal?

FERNANDO – O Leandro e a Aline. Já. Eu imagino que a Globo tá sempre trazendo uma pauta ruim, né? Imagino que eles apontem a pauta. Eu quero que você fale do lixo, que você fale do rato. Até se deve falar, se deve denunciar, mas em um universo de 100 mil habitantes, tem outras coisas pra dizer.

Você acha que eles estão fugindo do clichê?

Dessa matéria, a da Biblioteca Parque, acho que eles estão fugindo. Mostraram os grupos que dançam aqui, os grupos que ocupam. Isso pra mim foi uma surpresa. Eu esperava clichê.

Você tinha visto o trabalho da outra dupla?

Eu vi, mas não lembro. Era muito parecida com a normal.

FLÁVIO – Eu vi umas duas. Eu continuo frisando que eles estão dentro de uma lógica maior. É um quadro pequeno menos de um RJTV. Acho que o Marquinho e a Cecília tiveram momentos muito bons, matérias bem interessantes. Os dois estão dentro de uma estrutura que requer um padrão, aquela coisa de padrão Globo.

E da dupla nova?

Do Marquinhos eu vi mais. Do Leandro e dessa menina eu só vi, se não me engano apenas uma. Teve matéria deles no dia do ônibus, não teve? Das vans.

Teve a corrida, a semana santa...

Eu só vi a repercussão do dia das vans. Eu vi gravando um dia.

Uma das características do quadro parceiro é tentar deixar sem esses padrões. Falar gíria. Isso é bom?

FERNANDO – É muito informal. A educação que eu tive foi essa formal.

Te incomoda quando o personagem fala errado?

É ruim. É ruim. É minimamente bom porque mostra o universo, mas o universo tem 100 mil e você vai estereotipar aquilo ali.

FLÁVIO – Eu entendo o que o Fernando fala, porque ele não é mídia comunitária. Ali é um quadro Parceiro do RJ, eles são parceiros do RJ.

Eles não estão representando a comunidade?

Eles estão de certa forma porque eles são dali e tudo mais, mas eles estão ali numa missão de parceiro do RJ.

Michel, dentro da sua linha editorial de mostrar sempre o lado bom da favela, eles conseguem fazer isso?

MICHEL – Eu acho que eles não estão ali pra isso.

FLÁVIO – São excelentes parceiros do RJ

Na lógica do Globo ela está dando voz a comunidade.

MICHEL – Nem tanto, né?

Vocês se sentem representados?

FLÁVIO – Em alguns momentos sim e outros não.

Quando sim e quando não?

MICHEL – No transporte,

FLÁVIO – Vamos lá. É não ser o Leandro não. Por exemplo, quando o RJ de um modo geral faz uma matéria superficial, entendeu? Muito oficialista. É nesse sentido. Em alguns momentos eles fazem um trabalho muito legal, mas eles entram nessa coisa da Globo.

FERNANDO – Eu não me sinto representado. São profissionais, mas você não tem liberdade no caso. Ele tá viciado. Ele está usando a matéria viciada. O que será que a Globo quer que eu diga?

E você tem um filtro, uma edição final.

FERNANDO – Pois é tem essa questão. Tá difícil

(ANTÔNIO FIRMINO CHEGOU NO MEIO DO PAPO)

Eu tenho visto muita matéria factual. Vocês veem isso?

FERNANDO – Eu acho que não faz diferença aquela matéria e aquele repórter ou esse quadro. A Globo tem essa coisa de te pego e coloco aqui e está representado. Não é isso. É mentira.

A favela não está representada?

FLÁVIO – A favela não está representada.

O que você acha Firmino?

FIRMINO – Plenamente de acordo. Essa coisa da representatividade está em xeque. Isso é uma das coisas que sempre me trouxe uma certa preocupação. As pessoas dizem “ah mas você é uma liderança”. Eu digo não, eu não sou uma liderança. Essa coisa de você ter uma representatividade na grande maioria dos nossos espaços, seja ele público, seja da sociedade civil, ele vem sendo questionado por “n”, questões. Entre elas, a questão da ética, né? De que forma você representa um grupo? Nessa questão do Parceiro do RJ, eu não dizer que representa a comunidade, mas que ele passou por um processo de seleção onde estava aberto para o maior número de pessoas interessadas. Aí, podemos dizer que ele tem um papel de representatividade a partir de que ele foi selecionado sendo morador, mas falar que ele representa uma comunidade como a Rocinha que tem mais de 150 mil habitantes, é complicado. Mas que ele no papel de um comunicador, ele pode ser interlocutor das diversas representatividades que tem dentro da comunidade. Agora, como isso pode se dar? Se cabe isso dentro da proposta do projeto de comunicador que colocaram para ele seria interessante. Agora, se não cabe, ele só vai fazer.

Efetivamente, se apresenta cabendo ou não?

Então, rrsrrsrr, olha eu acho que caberia desde que ele também fizesse o papel de procurar. Procura as diversas chamadas representatividades de determinado segmento, aí ele possa ter uma voz que vá reproduzir o que determinados grupos daquela comunidade pensam.

FLÁVIO – Deixa só eu entender uma coisa, você está querendo saber mais do Parceiro do RJ.

Sim

Sem querer cortar o Firmino, mas, por exemplo, eu acho que o parceiro do RJ faz o papel que ele tem que fazer, porque ele é parceiro do RJ. Se ele fosse Mídia Ninja, ele ia fazer outra coisa.

O que me interessa pensar com vocês é se efetivamente você tendo um parceiro do RJ, você ter uma pessoa da comunidade lá, se esse tipo de jornalismo que é feito de alguma forma contribui ou não. Ou se de repente, o jornalismo que faz o Michel é mais eficaz para a comunidade.

FERNANDO – Sempre contribui.

MICHEL – O meu jornalismo é totalmente diferente do jornalismo do parceiro do RJ.

Como você pensa essa diferença?

Ah, não acho que o parceiro do RJ não interage com a comunidade.

FIRMINO – O parceiro representa uma instituição. Ele está representando uma instituição. Então ele está sendo o interlocutor da instituição na comunidade. Por mais que ele não tenha, ele não foi eleito pela comunidade para ser o interlocutor da comunidade. Isso por um lado é interessante. O papel do Michel no meio de comunicação dele, eu já falei pra ele, o jornal fala dos nordestinos, mas você em um meio carioca falando dos nordestinos. A linguagem, a preocupação é dos nordestinos, não é do conjunto da comunidade. É uma parcela da comunidade. Eu já falei, Michel você não deveria ter feito esse recorte. Dentro do seu meio de comunicação você teria espaço para os nordestinos. Então, você focou um lado da mesma forma. Então, é assim, o Parceiro do RJ vai fazer um recorte e esse recorte vai ser de acordo com a pauta que for aprovada.

FERNANDO – E isso eles fazem muito bem, com qualidade.

Por exemplo, tem assuntos que circulam na comunidade que dá para conversar com eles e vê se isso vira pauta lá no Parceiro? Rola um desejo de ligar e dizer, por exemplo, pô Leandro eu passei na rua 3 e está cheia de lixo...

FERNANDO – Inclusive a gente já fez isso.

FIRMINO – Ele disponibiliza o telefone pra as pessoas fazerem isso.

E você como morador, não como liderança comunitária. Mas como pessoa que está ativamente na comunidade pensando...

FERNANDO – Você [Firmino] já fez isso, pode falar.

risos

FIRMINO – Já, já, já. Foi falar eu sofri... Foram duas questões que eu falei para ele, foi o dia da cultura da Rocinha, que seria interessante fazer uma matéria com diversos grupos e falar do Dia da cultura, e a outra eu não estou me recordando. Mas eu acho um pouco complicado. Ele vai ter saber filtrar isso muito bem. Saber como abordar determinados assuntos. Um exemplo, vamos na questão do lixo. Falar da questão do lixo, se não entender o que já está em curso para você simplesmente... aí o pessoal da assessoria da Comlurb vai detonar ele. Olha só, você não veio

aqui, não falou com a gente, já está previsto aqui, já tem um projeto, num sei que, num sei que...Então, se você não tiver uma pesquisa prévia antes.

Mas aí isso vale para qualquer pessoa que vai fazer uma matéria...

É para quem tá ligando, pô Leandro você não fez uma matéria assim, assim...Então, a relação de quem está sugerindo a pauta, não está entendendo que você tem que ter uma pesquisa antes, tipo você entrar e sair falando o que você quer, sair mostrando. E se ele não der um feedback para essa galera, ele tá no descrédito. Pô, dei várias sugestões e a matéria não foi no ar, ninguém fez nada, então, esse parceiro do RJ não é parceiro nenhum, que negócio é esse. Então, é assim. Como a gente abre esse canal de diálogo para as pessoas darem sugestões, você tem também que dizer o seguinte: olha eu tenho um limite.

Flávio, como foi a sua experiência quando você fez o programa para a TV ROC?

FLÁVIO – Era outro currículo.

Não era informativo?

Era da arte, uma cultura que já é informativa por si só.

Eu quero dizer, não era jornalístico.

Exatamente, informativo, um experimento tremendo.

Tinha esse diálogo permanente com a comunidade? De ser procurado?

Sempre, sempre, sempre. De pedir para a pessoa ligar. Liga pra cá, pede o seu clipe, fala o que tá acontecendo aí também. Não tinha essa coisa de liga pra cá e fala o seu problema. A pessoa ligava e falava também.

Michel, por que você partiu para os nordestinos, porque a Rocinha surgiu com os nordestinos?

MICHEL – Tem uma comunidade nordestina muito grande dentro da Rocinha.

É muito forte?

É.

Você pensa em abrir, de mudar essa linha editorial?

Por enquanto não.

FIRMINO – Pelo que eu vi do jornal do Michel, ele já está abrindo de alguma forma. Enfim, porque ele interage com o que está rolando.

O que a gente hoje de mídia comunitária na Rocinha sendo eficiente?

FaveladaRocinha.com, Portaldarocinha, Rocinha.org (todos juntos)

FERNANDO – A internet vai ser a grande bomba, mas ainda não é. Nem todo mundo tem acesso à internet, à banda larga, computador que não trava.

FIRMINO – Quando a gente fala num grupo fechado, ah o meu core o meu é due

FLÁVIO – Até aqui no nosso trabalho, há o meio, mas a gente tem que ligar para a pessoa para divulgar...

FIRMINO – Como é que a informação vai chegar a pessoa. O Michel usa o facebook, mas se a pessoa não tiver facebook não vai chegar a pessoa e ele não vai saber quem é o Michel. Mesmo se tiver facebook e ele não fala digital...

FERNANDO – É tem aquela coisa coloquei na internet, já está divulgado...

FIRMINO – Às vezes eu faço crítica aos colegas, porque eu vejo como problema porque da mesma forma que a internet, como o computador, chega... uma coisa é o computador, outra coisa é a internet (risos) A internet ela chega com essa possibilidade de você acessar, só que você está falando para qual geração? Tem uma questão de gerações...A mesma coisa que até pouco tempo controle remoto era uma dificuldade principalmente para a minha geração, caramba... Você tem a internet, você tem tudo com a facilidade de toque e mesmo assim, aí tem o problema da leitura, da interpretação, de você se reeducar, porque é uma outra forma de convivência que você tem dentro da sociedade que nem todo mundo ainda está preparado. Então, dispara-se dezenas de e-mail de tudo quanto é canto de mensagem, aí você está disparando para quem de fato? Por exemplo, se nós tivermos uma atividade que vai contemplar a terceira idade, qual terceira idade que nós conhecemos na Rocinha que acessa direto. Aqui, qual terceira idade vem aqui acessar? Então, se você for pegar uma galera mais jovem, mas que galera mais jovem...Eles vão ficar sabendo, mas não vão... Então, é uma série de interrogações que eu acho, várias perguntas...

Mas quando a gente pensa na questão da representatividade e no conflito em quem representa e não representa de verdade. Digamos, quando a mídia tradicional vai e faz uma matéria, como você [Michel] mesmo citou se morrem 10 bandidos e um trabalhador, vai dizer que são todos bandidos... Mas você acha que se tendo a internet, o fenômeno do mídia ninja, ou então o menino do Alemão, que saiu botando, só liberou aquela informação direta. Nesse sentido, é importante? É mais poderosa a internet para a comunidade? Ou ela não está sabendo usar ainda, além dessas questões de faixa etária, de acesso ou não.

FIRMINO – Eu acho que nós ainda estamos pecando nesse processo de usar as informações a nosso favor. Eu sempre falo, falta ... Um exemplo, nós temos quantos grupos que trabalham com mídia comunitária na Rocinha? Deve ter mais ou menos seis. Nenhum momento foi possível reunir e discutir, sentar para dialogar. Cada um faz do seu jeito, o que acha interessante, porque tem essa facilidade. Então, a facilidade da internet gera essa facilidade de todo mundo fazer o que quiser. Mas não minimamente entendendo a importância de que cada um está fazendo, que possa dialogar a favor da favela como um todo. Então, eu tô fazendo a partir do que eu acho, do meu achismo, mas não de uma discussão com os outros também que estão fazendo a partir do seu achismo.

FERNANDO – Aí a coisa da representatividade, aí entra a minha voz. Eu digo pra mim que eu represento o grupo, mas o grupo não me reconhece. também não sentei com ele...

risos

FLÁVIO – É muito maluco isso. (risos)

FIRMINO – O fórum de cultura que nós temos. O fórum foi constituído em 2007, dezenas de pessoas, legal, debatendo, discutindo e aí, agora. A proposta do fórum não é de fazer eventos. A proposta é discutir ações culturais que possam trazer o Estado, trazer as representações

governamentais para estar discutindo políticas públicas. Sendo que decorrer do tempo o grupo foi diminuindo, diminuindo. O Fórum de cultura representa os artistas locais, não representa, mas tem a intenção de trazer a discussão da cultura no dia a dia de quem produz cultura. Representa ou não representa?

FERNANDO – Fugindo um pouco, a gente entrou em uma crise de instituições. A Rocinha passou por isso. Então, qualquer coisa que se junte e diga eu sou um grupo, ninguém vai te referendar. Você não representa. O Senado não representa, o congresso não representa, é um momento radical.

MICHEL – Tem o negócio de concorrência também, o RJ concorre com as mídias da Rocinha.

Tem?

MICHEL – Claro que tem.

FLÁVIO – Eu também acho que tem.

risos....

FLÁVIO – Na época dos fóruns as pessoas falavam muito de rádio comunitária. Eu quero dizer o seguinte, tem rádios comunitárias e tem rádios dentro da comunidade.

E tem uma diferença?

ohhhh

FIRMINO – No caso da Rocinha são as rádios dentro da comunidade.

E o que é uma proposta de rádio comunitária?

FERNANDO – Pra mim comunidade é um grupo pequeno, que todo mundo se vê e se conhece. Aquele é filho de fulano...Agora, você tá em uma favela de 100 mil habitantes, cara você vai dizer que conhece o cara do lado, eu não conheço não. Eu não conheço o cara do Roupa Suja. Isso não é comunidade. Aí você vem com essa ideia pronta da sociologia: rádio comunitária para você. Para vocês quem? Se for para Rua 1, tudo bem. Eu até conheço um pedaço. Agora o outro trecho da Rua 1 eu não conheço. Então não dá para dizer aqui é uma grande comunidade, não é não. Por isso que é falho essa coisa de rádio comunitária, comunicação comunitária, não dá. Igual aqui você faz comunicação de beira de estrada. Chama o carro de som e não funciona., porque a vida está lá dentro também. tem vida aqui fora, mas tem vida dos dois lado.

FLÁVIO – A gente tem um problema, a gente aprendeu a viver essa condição da grande mídia. Quando a gente fala experimentar, a gente, não, não dá e tal... Tem uma pessoa que eu conheci, professor Evandro da UFRJ que falou assim: a mídia, brincou com essa história do mídia ninja, a mídia só será livre, realmente livre, quando as cabeças forem livres. Eu falei é por aí mesmo. Eu entendi ele falando no sentido das pessoas falarem muito de mídia independente, mas no fundo as pessoas não conseguem, ou existem alguns exemplos de alunos que conseguem experimentar. O grande lance é o experimento, né?

E audiovisual na Rocinha?

FIRMINO – Eu sou meio suspeito porque trabalhei na ASPA por 12 anos e ela começou com um projeto de audiovisual na década de 70 para a de 80 e o pessoal tinha vários nomes lá que fazia projeção na rua, ainda pegando a iniciativa do pessoal de Pernambuco, se não me engano. Então, assim, a TV Tagarela se torna TV Tagarela a partir do jornal Tagarela que foi produzido na ASPA junto com outros mais dois grupos, mas depois,, Porque antes era ASPA Vídeos, mas depois por divergências resolveu botar o nome Tagarela e levou o projeto em seguida. Então tinha uma proposta de fazer ações na rua que era a proposta original da ASPA também. Uma das atividades na rua.

FERNANDO – Tagarela foi uma reedição do jornal Tagarela do final dos anos 70.

FIRMINO – Isso. Então, assim, é o que se tem hoje de TV comunitária, audiovisual. de nome, que diz na Rocinha a TV Tagarela, mas tem algumas outras mini iniciativas que a gente não tem conhecimento. Até pouco tempo mesmo, na Rua 2, do lado de onde é agora a Unidade de Polícia Pacificadora, um rapaz que faz vídeo de casamento, colocava o telão na rua e deixava o filme rolando lá no paredão. Então, assim, a gente mesmo com proposta do museu, começamos com a iniciativa de retratar a Rocinha de antigamente a partir de slides, alguns filmes, alguns pontos dentro da comunidade. Tem um outro grupo que estava com essa intenção. Então, a iniciativa do audiovisual hoje se resumiu na figura da TV Tagarela, mas tem outras ações. A própria Ritinha do gaespa, a proposta dela de trabalho é ir para rua e passar documentários sobre a questão da saúde, da mulher, da violência. Isso em conjunto com o pessoal da saúde interlocutando, abrindo uma discussão.

Não é fácil é impossível abrir uma rádio comunitária. A legislação é feita para não acontecer.

criar uma webtv é mole.

Isso é legal para a comunidade ou para o garoto do alemão

FIRMINO – Isso me lembra quando foi criada a TV Cultura

é importante a pessoa estar lá, é preciso transcender essa história. Você personaliza li

a questão toda é o formato. O que está produzindo. Outros formatos. O grande lance é esse. Tem um programa, que até ia acabar, um formato diferente.

FIRMINO – O que pesa mais é você se desprender dos formatos que você recebe no cotidiano. Eu falava isso no curso: olha só maravilha, mas como eu me desprendo do formato, que eu ligo a televisão, mudo de canal e os formatos são idênticos e aí, se eu começo a me desprender as pessoas acham que eu tô viajando. Não é nada disso, não tem espaço pra isso. Então, vão te tolindo e você desanima. Isso até entre os pares.

Ter mentes livres saneadas é você entender que não existe um, existem diversos. Aí tem outro problema, quando nós somos uma sociedade que não respeita as diversidades e muito menos as diferenças, pronto, aí você cai em um formato que tem que ser esse o formato. Aí você não consegue se desprender, você não consegue ouvir. Aí o grande desafio: ouvir o outro. Aí eu não

quero ouvir, eu quero fazer desse jeito aqui porque é o que sempre vem dando resultado, mas esse resultado é relacionado a essa questão, mas não para o grupo. Então, enquanto a gente tiver essa dificuldade de se desprender dos formatos que foram falando pra gente que tem que ser assim, assim, assim, e a gente não porque que tem que ser assim? por que não pode ser do outro jeito? por que não pode ter detalhes gentes diferentes a gente não avança. É como a webtv eu fiquei assim... e aí vai atingir quem. Onde você quer chegar com ela?

Michel por que falar para o nordestino é bom para a comunidade? Qual é a lógica?

MICHEL – Não é uma lógica concreta. É um registro.

FLÁVIO – É tão doido esse negócio de formato, porque a gente entra nas ondas, né? Tipo música de verão. Você entra, formato do momento, né? É esse agora, o projeto que tá dando agora é o projeto e por aí vai... Não tem nada a médio prazo. Isso é doido...

O QUE É O COMUNITÁRIO?

FIRMINO – porque você começa a quebrar os formatos. O curso está sendo ótimo porque é para você quebrar formatos. Ele é aberto para profissionais que tem uma abertura do que já vem acontecendo há anos nas comunidades. Um exemplo, duas pessoas que eu conheço já militam com o audiovisual. O comunitário é uma palavra que vem sendo usada sociologicamente, antropológicamente em várias situação. O nome limita o formato, não?

FLÁVIO – O comunitário é usado como palavra por si só.

FIRMINO – Eu recebi ele com um certo preconceito, porque primeiro porque é um curso voltado para às comunidades e o fato de ser voltado para as comunidades ele é comunitário. Então, porque ao invés de ser só para a Rocinha e para o Parque da Cidade, porque não podemos fazer com o Horto, Vila Canoas, mais aberto para fazer uma reflexão.

FLÁVIO – Eu gostei de como o curso foi feito. Eles procuram três pessoas daqui, aí a gente contribuiu de como o curso podia ser também. De alguma forma a gente está fazendo algo maior. A gente já começa a ter outra visão.

CARENTE

RISOS ---- **FIRMINO**

A gente. É bom brincar com essa palavra. Vamos brincar com a palavra, produções carentes, carentes produções. A gente satirizou a nosso favor.

FLÁVIO – eu fiquei chateado

Isso é uma reprodução da grande mídia.

O quadro tem vida longa? É oportunista?

FLÁVIO – As duas coisas: pode ter vida longa ou não. Eu acredito que o futuro da comunicação é local só que a grande mídia tole isso. Então, para ela transparecer que ela está ligada nisso ela cria esse tipo de ferramenta e para ela é interessante porque ela continua com esse discurso que “nós estamos próximos”. Pode acontecer dele se prolongar por interesse, simplesmente por interesse.

Mas não se prolongar por que é uma mídia positiva para a favela?

Como assim... Eu acho que as pessoas vão até comprar essa ideia sim em algum momento, mas não vai durar.

Isso já aconteceu?

Acho que para uma parcela sim. Eu escuto falar bem e mal.

FIRMINO – Interessante a sua pergunta, porque na semana passada no dia da cultura, o rapaz que me deu a sugestão, sugeriu uma mesa e o Michel participou e a fala dos participantes, ele falou: olha a Globo percebeu que os estudantes de comunicação dentro da comunidade, como a mídia comunitária já vem acontecendo de diversas formas, através da rádio comunitária, através da internet, começou a colocar em xeque o jornalismo a quem está servindo. A sacação foi criar o parceiro do RJ. Sacou isso, vamos fazer com que a galera da comunidade comece a extrair pautas interessantes de dentro da comunidade porque a gente não vai colocar muitos jornalistas em risco também. Tem isso. Só que, eu, por exemplo, acha que o que se perde é não termos a sacatez de quanto isso poderia ser usado a nosso favor. Acaba sendo mais um projeto interessante..

FLÁVIO – Por isso eu digo pode prolongar por interesse da emissora ou acabar porque a favela vai dizer, opa, não me representa.

FIRMINO – Acho que por um lado nos falta particular essa galera, porque na verdade, essa galera já fez alguma coisa. O Leandro já fez alguma coisa, o Marcos, por isso que eu falo que na Rocinha falta fazer isso. Vamos buscar uma discussão aqui com os ex-parceiros do RJ? A participação como o que se deu e vamos dar um salto. Articular tudo isso dessa experiência com as outras comunidades. Tira essa questão do personalismo. O repórter para de viver o personagem e ali é o cara. Aí você quebra todo o processo. Eu acho que se isso vir a acontecer algum dia, eu acho que cabe a gente puxar uma tarde de reflexão.

FLÁVIO – O repórter virou um personagem, ele não relata mais. Ele é o cara que participa da corrida, virou um showman. É um negócio muito doido. É diferente do RJTV isso não vai acontecer. O RJTV quer fazer um quadro parceiro na comunidade, legal, então as pessoas de comunicação da comunidade vai se juntar e vai criar um projeto, aí é outra coisa. Aí a produção vai criar uma parceria.

FIRMINO – Esse é o grande salto! Independe de emissora. Como você faz isso uma proposta além do que está previsto.

MICHEL – Tem o parceiro do RJ e tem o RJMóvel. Qual a diferença?

FLÁVIO – Eu ia comentar isso. Interessante.

FIRMINO – Cumpre um papel de ausência de representatividade e de responsabilidade. A minha rua está assim há muito tempo o RJ vai lá denunciou, mas só resolveram porque foi para a televisão. O cidadão vai lá reclama que a rua tem 30 anos que deveria estar pavimentada, asfaltada e nada. Consta lá que já pagou trezentas vezes. Inverte o papel.

FLÁVIO – Mais do que isso, a questão do formato que não é novo.

O que tem de diferença?

FLÁVIO – De diferença, primeiro eu acho que o RJMóvel percebeu que não é novo e outra a concorrência está fazendo muito isso. Foi uma sacada de falta de espaço, eles têm que fazer isso também, mas não podem sair do padrãozinho, do bloco e tudo mais. Acho que é também uma forma de segmentar o parceiro, acaba limitando o parceiro também. Se isso aqui eu já tenho o RJMóvel, é uma forma de tolir também, limitar.

A GENTE QUE É DA ROCINHA É MUITO ROCINHA. É IMPORTANTE. ISSO QUE É O BARATO. FAZ PARTE DA IDENTIDADE DO LOCAL. O LADO NÃO MUITO BOM DISSO É QUE VOCÊ ACABA NÃO REFLETINDO OS PROBLEMAS QUE SÃO COMUNS A TODAS AS COMUNIDADES. AGORA COMO A GENTE QUER MUITO ROCINHA, A GENTE ACABA DE SE FECHANDO. É UM PERIGO! ISSO É UM DISCURSO COMPRADO PELAS ELITES, QUE A ROCINHA É DIFERENTE, COMEÇA A FALAR PRA MIM. COMO ASSIM A ROCINHA É DIFERENTE?

FIRMINO: Eu vejo isso com uma grande preocupação além da gente se achar autossuficiente, melhor que os outros parece que nós não fazemos parte da cidade. Aí dialogar com as outras comunidades, como em algumas vezes, ah a Rocinha tem tudo. Peraí a Rocinha não tem tudo não. Tem a necessidade disso, disso, disso. Só que a gente não quer projeto, a gente quer política pública. Ter o entendimento que a gente faz parte do conjunto da cidade é fundamental e aí a gente esbarra no que a gente tem hoje, a dificuldade de dialogar com as outras comunidades.

O MEU ESPAÇO É ESSE AQUI.

Ela mora na Taquara, não conhece a Rocinha.